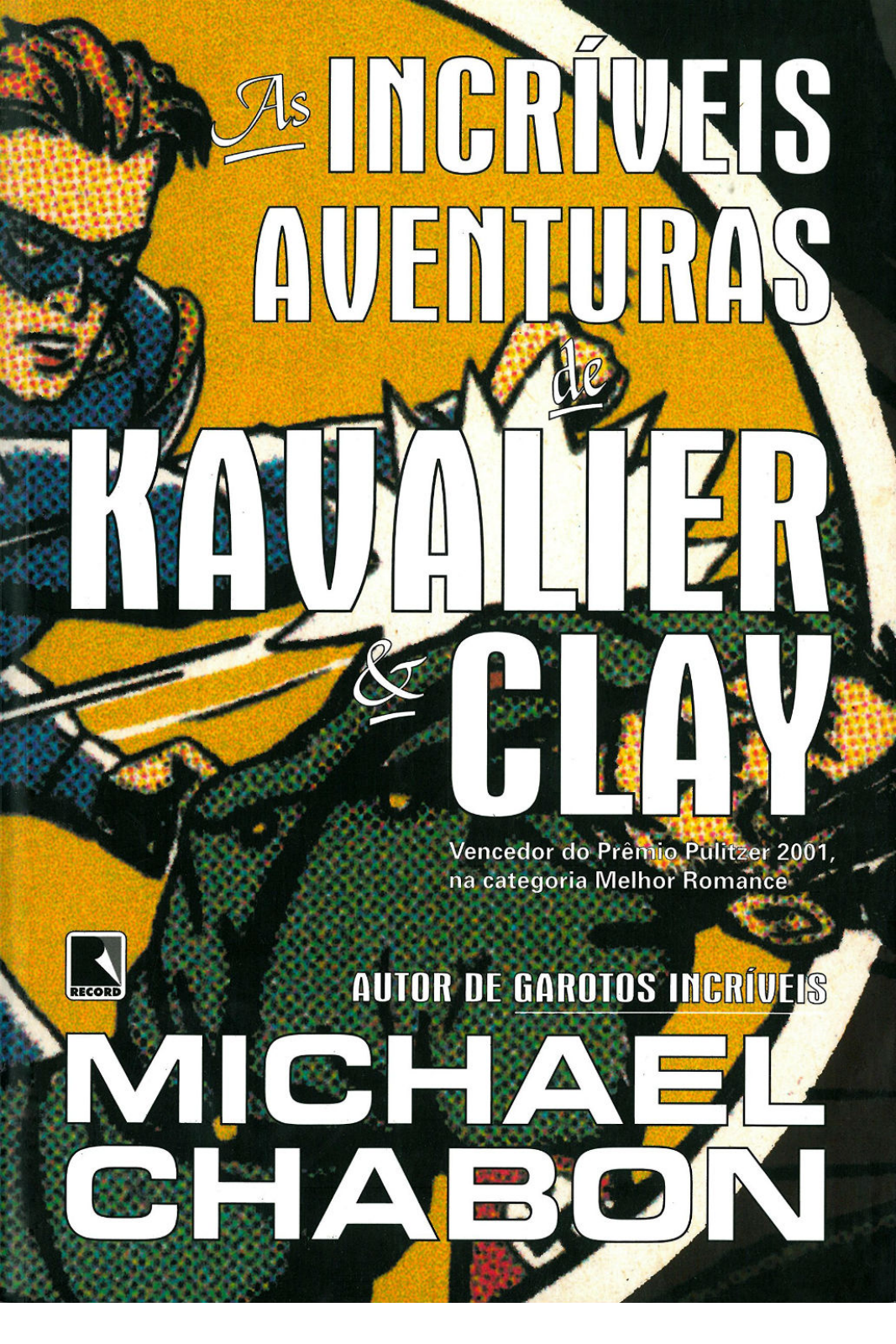




As INCRÍVEIS
AVENTURAS

de

KAVALLIER
&
CLAY

Vencedor do Prêmio Pulitzer 2001,
na categoria Melhor Romance



AUTOR DE GAROTOS INCRÍVEIS

MICHAEL
CHABON

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



As INCRÍVEIS
AVENTURAS

de

KAVALLIER
& CLAY

Vencedor do Prêmio Pulitzer 2001,
na categoria Melhor Romance



AUTOR DE GAROTOS INCRÍVEIS

MICHAEL
CHABON

**MICHAEL
CHABON**

As **INCRÍVEIS**
AVENTURAS
de
KAVALIER
& **CLAY**

Tradução de
Roberto Muggiati



EDITORAL RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

C421i Chabon, Michael

As incríveis aventuras de Kavalier & Clay / Michael Chabon; tradução
Roberto Muggiati. — Rio de Janeiro: Record, 2002.

Tradução de: The amazing adventures of Kavalier & Clay
ISBN 85-01-06189-1

1. Ficção americana. I. Muggiati, Roberto, 1937-. II. Título.

02-0085

CDD: 813

CDU: 820(73)-3

Título original norte-americano

THE AMAZING ADVENTURES OF KAVALIER & CLAY

Copyright © 2000 by Michael Chabon

Este é um trabalho de ficção. Nomes e personagens, locais e acontecimentos são produtos da imaginação do autor ou foram utilizados de forma fictícia. Qualquer semelhança com fatos, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil
ISBN 85-01-06189-1

**Outras obras do autor publicadas pela Editora
Record**

*USINA DE SONHOS
GAROTOS INCRÍVEIS*

Para meu pai

Temos esta história de soluções impossíveis para problemas insolúveis.
— Will Eisner, em conversa

Escape maravilhoso!
Nathaniel Hawthorne, “Wakefield”

SUMÁRIO

Parte I – O Artista do Escape

Parte II – Uma Dupla de Meninos-Prodígios

Parte III – A Guerra das Revistas em Quadrinhos

Parte IV – A Época de Ouro

Parte V – O Homem do Rádio

Parte VI – A Liga da Chave de Ouro

Nota do Autor

PARTE I

**O
ARTISTA
DO ESCAPE**

Anos depois, falando a um entrevistador ou a um público de velhos fãs numa convenção de histórias de quadrinhos, Sam Clay gostava de declarar, a propósito da maior criação sua e de Joe Kavalier, que, quando menino, trancado e de mãos e pés atados dentro do recipiente estanque conhecido como Brooklyn, Nova York, costumava ser assombrado por sonhos de Harry Houdini. “Para mim, Clark Kent numa cabine de telefone e Houdini num caixote eram uma só coisa”, expunha em tom erudito na WonderCon ou em Angoulême ou ao editor do *The Comics Journal*. “Você não era, ao sair, a mesma pessoa que tinha entrado. O primeiro número de magia de Houdini, vocês sabem, quando ele estava começando. Chamava-se ‘Metamorphose’. Nunca foi uma simples questão de escapar. Era também uma questão de *transformação*.” A verdade é que, quando garoto, Sammy só tinha um interesse casual, na melhor das hipóteses, em Harry Houdini e em seus feitos lendários; seus grandes heróis eram Nikola Tesla, Louis Pasteur e Jack London. No entanto, o relato do seu papel — do papel da sua própria imaginação — no nascimento do Escapista, como todas as suas melhores fabulações, soava verdadeiro. Seus sonhos sempre tinham sido houdiniescos: eram os sonhos de uma crisálida debatendo-se no seu casulo cego, louca por um gosto de luz e ar.

Houdini era um herói de gente do povo, de garotos da cidade e de judeus; Samuel Louis Klayman era todos os três. Tinha 17 anos quando as aventuras começaram: falador, talvez não tão rápido dos pés quanto gostava de crer e com a tendência de ser, como muitos otimistas, um pouco excitável. Não era, sob qualquer padrão convencional, bonito. Seu rosto era um triângulo invertido, a testa ampla, o queixo pontudo, com lábios salientes e um nariz grosso e abusado. Tinha uma postura desleixada e as roupas lhe caíam mal: parecia sempre que lhe haviam roubado o dinheiro do almoço. Saía toda manhã com o rosto glabro da própria inocência, mas ao meio-dia um rosto bem escanhado não passava de uma memória, uma penumbra vadia nas mandíbulas, insuficiente para lhe dar um ar de durão. Ele se considerava feio, mas isto era porque nunca vira seu rosto em repouso. Entregara o *Eagle* a maior parte do ano de 1931 a fim de poder comprar um jogo de halteres, que havia levantado toda manhã durante os oito anos seguintes, até que seus braços, seu peito e os ombros ficaram musculosos e fortes; a pólio o deixara com as

pernas de um menino delicado. De pé e de meias, media 1,65 m. Como todos os seus amigos, considerava um cumprimento quando alguém o chamava de sabichão. Possuía uma compreensão incorreta mais fervorosa do funcionamento da televisão, da energia atômica e da antigravidade e nutria a ambição — uma entre mil — de acabar seus dias nas praias quentes e ensolaradas do Grande Oceano Polar de Vênus. Leitor onívoro com uma característica de autoaperfeiçoamento, íntimo de Stevenson, London e Wells, respeitoso de Wolfe, Dreiser e Dos Passos, idólatra de S.J. Perelman, seu regime de aprimoramento interior mascarava o apetite geralmente culpado. Em seu caso a paixão oculta — uma delas, pelo menos — era por aqueles retângulos de sangue e suspense a 25 centavos, os *pulps*. Tinha corrido atrás e lido cada edição quinzenal de *O Sombra*, retrocedendo até 1933, e estava a caminho de reunir as coleções completas de *O Vingador* e *Doc Savage*.

A grande carreira de Kavalier & Clay — e a verdadeira história do nascimento do Escapista — começou em 1939, pelo final de outubro, na noite em que a mãe de Sammy irrompeu no seu quarto de dormir, encostou o anel e os férreos nós dos dedos no seu crânio e o mandou afastar-se e abrir lugar na cama para seu primo de Praga. Sammy sentou-se na cama, o coração batendo nas juntas das suas mandíbulas. À luz lívida do tubo fluorescente sobre a pia da cozinha, ele divisou um jovem esguio mais ou menos da sua idade, encostado como um ponto de interrogação contra a moldura da porta, uma pilha desalinhada de jornais enfeixada sob um dos braços, o outro braço jogado como se com vergonha sobre o rosto. Este, disse a sra. Klayman, dando a Sammy um prestativo empurrão para a parede, é Josef Kavalier, o filho do meu irmão Emil, que chegou esta noite a Nova York num ônibus da Greyhound, vindo direto de San Francisco.

— Qual é o problema dele? — perguntou Sammy. Afastou-se até que seus ombros tocaram o gesso frio. Tomou o cuidado de levar os dois travesseiros. — Está doente?

— O que você acha? — disse sua mãe, batendo com as mãos o espaço vazio de lençol, como se para espalhar quaisquer partículas ofensivas que Sammy pudesse ter deixado para trás. Ela acabara de voltar para casa de um plantão suicida de duas semanas no Bellevue, onde trabalhava como enfermeira psiquiátrica. O cheiro rançoso do hospital estava nela, mas o uniforme aberto na gola deixava escapar um leve odor de lavanda na qual banhara sua ossatura minúscula. A fragrância natural do seu corpo era um cheiro picante e raivoso como aquele de lascas frescas de lápis. — Ele mal pode ficar de pé.

Sammy olhou por cima da mãe, tentando obter uma visão melhor do pobre Josef Kavalier no seu terno largo de *tweed*. Sabia vagamente que tinha primos tchecos. Mas sua mãe não dissera uma palavra sobre

algum deles vir em visita, menos ainda dividir a cama de Sammy. Não estava seguro de como San Francisco entrava na história.

— Muito bem — disse a mãe, aprumando-se de novo, aparentemente satisfeita por ter empurrado Sammy para os 12 centímetros na extremidade leste do colchão. Ela se virou para Josef Kavalier. — Venha cá. Quero dizer-lhe algo.

Agarrou suas orelhas como se estivesse pegando uma moringa pelas alças e amassou cada uma de suas bochechas com um beijo.

— Você conseguiu. Está bem? Está aqui.

— Tudo bem — falou o sobrinho. Não parecia convencido.

Ela lhe deu uma toalha e saiu. Assim que ela se foi, Sammy retomou alguns centímetros preciosos de colchão enquanto seu primo ficava parado, esfregando as faces contundidas. Depois de um momento, a sra. Klayman desligou a luz da cozinha e eles ficaram no escuro. Sammy ouviu seu primo aspirar fundo e soltar lentamente o ar. A pilha de jornais crepitou e caiu ao chão com um baque surdo de derrota. Os botões do seu paletó tiniram contra as costas de uma cadeira; suas calças farfalharam enquanto saía de dentro delas; deixou cair um sapato, depois o outro. Seu relógio de pulso repicou contra o copo d'água na mesa de cabeceira. Então ele e um sopro de ar gelado entraram para baixo das cobertas, trazendo o odor de cigarro, sovaco, lã úmida e de uma coisa doce e algo nostálgica que Sammy identificou como cheiro, no bafo de seu primo, de ameixas secas dos restos do lingote de bolo de carne “especial” da sua mãe — ameixas secas eram apenas uma pequena parte do que o fazia tão especial — que ele a vira embrulhar com uma folha de papel encerado e colocar o pacote sobre um prato na Frigidaire. Então ela sabia que o sobrinho chegaria esta noite, o esperava para o jantar e nada dissera a respeito a Sammy.

Josef Kavalier instalou-se de costas sobre o colchão, clareou a garganta uma vez, enfiou os braços sob a cabeça e então, como se tivesse sido desplugado, parou de se mexer. Não se virou, nem se mexeu, sequer flexionou um dedão. O Big-Ben na mesinha tiquetaqueava com força. A respiração de Josef engrossou e ficou mais lenta. Sammy se indagava como alguém podia adormecer com tanto abandono quando seu primo falou.

— Assim que conseguir algum dinheiro, vou encontrar um alojamento e deixar a cama — falou. Seu sotaque era vagamente germânico, com estranhos vestígios de escocês.

— Isto seria ótimo — disse Sammy. — Você fala bem o inglês.

— Obrigado.

— Onde aprendeu?

— Prefiro não dizer.

— É um segredo?

— É uma questão pessoal.

— Pode me dizer o que fazia na Califórnia? — perguntou Sammy.

— Ou é informação confidencial também?

— Eu estava atravessando do Japão.

— Japão! — Sammy ficou morrendo de inveja. Nunca tinha ido mais longe do que a Buffalo com suas pernas de canudinhos de refresco, nunca empreendera uma travessia mais traiçoeira do que a daquela faixa flatulenta de um verde venenoso que separa o Brooklyn da ilha de Manhattan. Naquela cama estreita, naquele quarto de dormir pouco maior do que a própria cama, nos fundos de um apartamento num edifício solidamente de classe média baixa na Ocean Avenue, com o ronco de sua avó sacudindo as paredes como um bonde que passa, Sammy sonhava os costumeiros sonhos do Brooklyn de voo, transformação e escape. Sonhava com feroz maquinação, transmutando-se num importante romancista americano, ou numa pessoa famosa sofisticada, como Clifton Fadiman, ou talvez num heroico médico; ou aperfeiçoando, através da prática e da mera força de vontade, os poderes mentais que lhe dariam um controle extraordinário sobre os corações e as mentes dos homens. Na gaveta de sua mesa estavam — e estavam ali havia muito tempo — as primeiras 11 páginas de um imenso romance autobiográfico que se intitularia ou (à maneira perelmaniana) *Através do vidro, obscuramente* ou (à maneira dreiseriana) *Desencanto americano*. Tinha devotado um embaraçoso número de muda concentração — a testa franzida, a respiração presa — ao desenvolvimento dos poderes latentes do seu cérebro para a telepatia e o controle mental. E se empolgara com aquela *Ilíada* de heróis médicos, *Os caçadores de micróbios*, dez vezes pelo menos. Mas, como a maioria dos nativos do Brooklyn, Sammy se considerava um realista e em geral seus planos de escape se centravam na obtenção de fabulosas somas de dinheiro.

A partir dos seis anos de idade, ele vendera de porta em porta sementes, doces, plantas de estufa, líquidos de limpeza, polidores de metal, assinaturas de revistas, pentes inquebráveis e cadarços de sapatos. Num laboratório de Zarka sobre a mesa da cozinha, inventou pregadores de botões, abridores de garrafas geminados e ferros de passar sem calor quase funcionais. Nos últimos anos, a atenção comercial de Sammy fora atraída pelo campo da ilustração comercial. Os grandes ilustradores comerciais e desenhistas de quadrinhos — Rockwell, Leyendecker, Raymond, Caniff — estavam no seu zênite e havia uma impressão geral no exterior de que, numa prancha de desenho, um homem podia não só ganhar bem a vida mas também alterar a própria textura e o tom do ânimo nacional. No armário de Sammy havia dúzias de blocos de papel jornal vagabundo recheados com cavalos, índios, heróis do futebol, macacos inteligentes, Fokkers, ninfas, foguetes lunares, vaqueiros, sarracenos, florestas tropicais,

ursos ferozes, estudos das dobras nas roupas das mulheres, as mossas nos chapéus dos homens, as luzes nas íris humanas, as nuvens no céu do Oeste. Seu domínio da perspectiva era tênue, seu conhecimento da anatomia humana dúbio, seu traço geralmente vago — mas era um ladrão empreendedor. Recortava páginas ou seções favoritas dos jornais e das revistas de quadrinhos, que colava num caderno gordo: mil poses e estilos exemplares. Fez uso extensivo de sua bíblia de recortes na confecção de uma tira falsificada de *Terry e os piratas* chamada *Mares do sul da China*, desenhada em imitação fiel do grande Caniff. Vampirizou Raymond para fazer algo que chamou de *Pimpinela dos planetas* e Chester Gould para uma tira de um agente federal de mandíbula cerrada chamado *Doyle Dedos de Aço*. Tentou surrupiar de Hogarth e Lee Falk, de George Herriman, Harold Gray e Elzie Segar. Guardava seu mostruário de tiras numa pasta de papelão debaixo da cama, esperando por uma oportunidade, por sua grande chance de se apresentar.

— *Japão!* — disse de novo, sentindo uma vertigem diante do exótico perfume caniffiano que pairava sobre o nome. — O que é que você estava fazendo lá?

— A maior parte do tempo sofrendo do intestino — disse Josef Kavalier. — E ainda soffro. Particularmente de noite.

Sammy meditou sobre esta informação por um momento e então chegou mais perto da parede.

— Diga-me, Samuel — falou Josef Kavalier. — Quantas amostras preciso ter no meu portfólio?

— Samuel não. Sammy. Não, me chame de Sam.

— Sam.

— Que portfólio é este?

— Meu portfólio de desenhos. Para mostrar ao seu patrão. Infelizmente fui obrigado a deixar para trás todo o meu trabalho feito em Praga, mas posso, com muita rapidez, fazer muitas coisas que serão terrivelmente boas.

— Para mostrar ao meu chefe? — disse Sammy, sentindo sua própria confusão no traço persistente do plano de sua mãe. — Do que está falando?

— Sua mãe sugeriu que me ajudasse a conseguir um emprego na companhia onde trabalha. Sou um desenhista, como você.

— Um desenhista.

De novo Sammy invejou o primo. Esta era uma afirmação que ele jamais seria capaz de pronunciar sem baixar o olhar fraudulento até a ponta dos sapatos.

— Minha mãe lhe disse que eu era desenhista?

— Um desenhista comercial, sim. Para a Novidades Empire Incorporated Company.

Por um instante Sammy acalentou este pequeno cumprimento aceso dentro dele. E então o apagou.

— Ela estava falando pelos cotovelos — disse.

— Como?

— Estava chutando.

— Chutando?

— Sou um escriturário. Às vezes me deixam fazer a montagem de um anúncio. Ou, quando acrescentam um novo produto, faço a ilustração. Por isto, me pagam dois dólares o produto.

— Ah — Josef Kavalier soltou outro longo suspiro. Ainda não tinha movido um músculo. Sammy não podia decidir se esta extrema imobilidade era o produto de uma tensão insuportável ou de uma calma maravilhosa. — Ela escreveu uma carta para meu pai — tentou Josef. — Lembro que disse que você criava desenhos de novos dispositivos e invenções soberbos.

— E o que acha disto?

— Ela falou pelos dos cotovelos.

Sammy suspirou, como que para sugerir que este foi, infelizmente, o caso; um suspiro arrependido, longo, sofrido — e falso. Sem dúvida sua mãe, escrevendo para o irmão em Praga, teria acreditado que estava fazendo um relato acurado; Sammy era quem vinha falando pelos cotovelos durante o último ano, enfeitando não só para benefício dela, mas para o de quem quisesse ouvir, a natureza menor de sua posição na Novidades Empire Inc. Sammy ficou brevemente constrangido, não tanto por ser desmascarado e ter de confessar seu status inferior ao primo, mas por este indício de uma falha naquela eternamente vigilante lupa materna. Então, ficou a imaginar se sua mãe, longe de se deixar enganar por sua ostentação, não tinha na verdade *esperado* que ele exagerasse grandemente o grau de sua influência sobre Sheldon Anapol, o dono da Novidades Empire Inc. Se quisesse manter a farsa à qual havia dedicado tanto fôlego e invenção, então seria obrigado a voltar do trabalho para casa amanhã trazendo um emprego para Josef Kavalier entre os seus dedos encardidos de pequeno funcionário.

— Vou tentar — falou, e foi então que sentiu a primeira centelha, a comichão do dedo da possibilidade ao longo da espinha. Durante um longo intervalo, nenhum dos dois falou. Desta vez, Sammy podia sentir que Josef ainda estava acordado, podia quase ouvir o fluxo capilar da dúvida o invadindo, derrubando o garoto. Sammy sentiu pena dele. — Posso lhe fazer uma pergunta? — disse.

— Que pergunta?

— O que são todos esses jornais?

— São os seus jornais de Nova York. Eu os comprei no Terminal Capitol da Greyhound.

— Quantos?

Pela primeira vez, notou, Josef Kavalier tremeu.

— Onze.

Sammy calculou rapidamente nos dedos: havia oito diários metropolitanos. Dez se você contasse o *Eagle* e o *Home News*.

— Está faltando um.

— Faltando...?

— *Times*, *Herald-Tribune* — tocou dois dedos —, *World-Telegram*, *Journal-American*, *Sun*. — Trocou de mão. — *News*, *Post*. Hum, *Wall Street Journal*. E o *Eagle* de Brooklyn. E o *Home News* do Bronx. — Pousou as mãos sobre o colchão. — Qual é o número onze?

— O *Woman's Daily Wearing*.

— *Women's Wear Daily*?

— Não sabia que era assim. Sobre moda. — Riu consigo mesmo, uma série de sons irritantes, breves, clareando a garganta. — Estava procurando algo sobre Praga.

— Encontrou algo? Devem ter alguma coisa no *Times*.

— Alguma coisa. Pouca. Nada sobre os judeus.

— Os judeus — disse Sammy, começando a entender. Não eram as últimas manobras diplomáticas em Londres e Berlim, ou o mais recente episódio de postura brutal de Adolf Hitler que Josef esperava encontrar no jornal. Ele procurava uma notícia detalhando a situação da família Kavalier. — Conhece a língua judia? Iídiche. Conhece?

— Não.

— É pena. Temos quatro jornais judeus em Nova York. Provavelmente teriam publicado algo.

— E quanto a jornais alemães?

— Não sei, mas imagino que sim. Temos muitos alemães aqui. Vêm fazendo marchas e comícios por toda a cidade.

— Percebo.

— Está preocupado com sua família?

Não houve resposta.

— Não conseguiram sair?

— Não. Ainda não. — Sammy sentiu Josef dar uma sacudida brusca de cabeça, como que para pôr fim à discussão. — Estou vendo que fumei todos os meus cigarros — continuou, em seu tom neutro de manual de conversação. — Talvez você pudesse...

— Sabe, fumei meu último antes de ir para a cama — disse Sammy. — Ei, como é que sabe que eu fumo? Tenho cheiro?

— Sammy — falou a mãe —, vamos dormir.

Sammy farejou a si mesmo.

— Hum. Será que Ethel também pode sentir o cheiro? Ela não gosta. Se quero fumar tenho de sair pela janela, ali, para a escada de incêndio.

— Nada de fumar na cama — disse Josef. — Mais um motivo para eu ir embora.

— Nem me fale — disse Sammy. — Estou louco para ter um lugar só meu.

Ficaram deitados por alguns minutos, ansiando por cigarros e por todas as coisas que esta ânsia, em sua perfeita frustração, parecia condensar é encarnar.

— O seu porta-cinzas — disse Josef finalmente. — Cinzeiro.

— Na escada de incêndio. É uma planta.

— Podia estar cheio de... *spacek*?... *kippe*?... os restos?

— As guimbas, você quer dizer?

— As guimbas.

— Sim, pode ser. Não me diga que fumaria...

Sem aviso, numa espécie de descarga cinética que era tanto a contrapartida como o produto do estado de perfeita indolência precedente, Josef rolou para o lado e para fora da cama. Os olhos de Sammy já estavam ajustados à escuridão do seu quarto, que era sempre, de qualquer modo, incompleta. Uma orla de radiação cinza-azulada do tubo da cozinha se refletia na porta do quarto e se misturava com um pálido feixe do Brooklyn noturno, um composto derivado dos halos das lâmpadas de rua, dos faróis de bondes e carros, dos fogos das três siderúrgicas ativas do bairro e do lustro emitido pela ilha-reino do outro lado do rio, que penetrava obliquamente por uma fresta da cortina. Neste fraco brilho, que era para Sammy a luz mórbida e insistente da própria insônia, podia ver o primo revistando metodicamente os bolsos das roupas que havia pendurado com tanto cuidado nas costas da cadeira.

— A lanterna? — sussurrou Josef.

Sammy sacudiu a cabeça.

— A mãe — falou.

Josef voltou para a cama e sentou-se.

— Então temos de trabalhar no escuro.

Segurava entre os primeiros dedos da mão esquerda a folha dobrada de um papel de enrolar cigarro. Sammy entendeu. Apoiou-se num braço e com o outro puxou e abriu as cortinas, devagar para não produzir o rangido delator. Então, cerrando os dentes, colocou a banda da cortina do lado da cama, deixando entrar um zumbido hostil de tráfego e uma murmurante rajada de gélida meia-noite de outubro. O “cinzeiro” de Sammy era um vaso oblongo de terracota, vagamente mexicano, cheio de um composto estéril de terra para estufa e de fuligem e o esqueleto semipetrificado de uma cinerária que encalhara nos dias em que Sammy vendia plantas e, portanto, era anterior ao seu hábito de fumar, uma aquisição relativamente recente, com cerca de três anos. Uma dúzia de pontas esmagadas de Old Golds se contorcia

em volta da base da planta murcha e Sammy colheu com repugnância um punhado delas — estavam ligeiramente úmidas — e, como se estivesse juntando répteis noturnos, passou-as para o primo, que lhe retribuiu com uma caixa de fósforos que evocativamente o encorajava — COMA NO JOE'S CRAB NO FISHERMAN'S WHARF — na qual só restava um fósforo.

Rapidamente, mas não sem uma certa ostentação, Josef abriu sete guimbas, com uma só mão, e colocou a massa resultante de fiapos úmidos no pedaço enrugado de papel Zig Zag. Depois de meio minuto de trabalho, tinha manufaturado um cigarro para eles.

— Venha — falou. Avançou de joelhos sobre a cama até a janela, onde Sammy se juntou a ele e se esgueiraram por entre a cortina e enfiaram suas cabeças e a parte superior do corpo para fora da janela. Passou o cigarro para Sammy e, no precioso lume do fósforo, enquanto Sammy nervosamente o protegia do vento, viu que Josef tinha prestidigitado um cilindro perfeito, tão grosso e reto e quase tão liso como se uma máquina o tivesse enrolado. Sammy deu uma longa tragada do Verdadeiro Sabor da Virgínia e então passou o cigarro mágico de volta ao seu criador e fumaram em silêncio, até que restava apenas meio centímetro de brasa. Então subiram de volta, baixaram a cortina e as persianas, e deitaram-se de costas, companheiros de cama, cheirando a tabaco.

— Sabe — disse Sammy —, nós, hã, nós estamos todos realmente preocupados... com Hitler... e a maneira como vem tratando os judeus e... e tudo mais. Quando eles, quando vocês foram... invadidos... Minha mãe foi... todos nós... — Sacudiu a cabeça, sem saber ao certo o que estava tentando dizer. — Olhe aqui.

Ergueu-se ligeiramente na cama e puxou um dos travesseiros que tinha debaixo da nuca.

Josef Kavalier ergueu a cabeça do colchão e enfiou o travesseiro debaixo dela.

— Obrigado — disse e então ficou quieto de novo.

Sua respiração tornou-se regular e foi diminuindo até um ruído congestionado, deixando Sammy a meditar sozinho, como fazia toda noite, pensando no pulo do gato. Mas, em suas imaginações, Sammy descobriu que, pela primeira vez em anos, podia se valer da ajuda de um aliado.

Foi um pulo do gato — um sonho de escape fabuloso — que acabou levando Josef Kavalier através da ásia e do pacífico até a estreita cama do seu primo em Ocean Avenue.

Assim que o exército alemão ocupou Praga, começou a se falar, em certos círculos, sobre mandar o famoso Golem da cidade, o miraculoso autômato do rabino Loew, para a segurança do exílio. A chegada dos nazistas foi acompanhada por rumores de confisco, expropriação e pilhagem, em particular de artefatos e objetos sacros judaicos. O grande medo de seus guardiães secretos era que o Golem fosse empacotado e levado para ornamentar algum instituto ou coleção particular em Berlim ou Munique. Dois jovens alemães de olhos espertos e fala macia com cadernos de notas passaram a maior parte de dois dias bisbilhotando na Velha-Nova Sinagoga, em cujos beirais a lenda havia segregado o eternamente sonolento defensor do gueto. Os dois jovens alemães alegaram que eram meramente estudiosos interessados, sem laços oficiais com o *Reichsprotektorat*, mas isto foi desacreditado. Segundo os rumores, alguns membros do partido de alta patente eram ávidos estudantes de teosofia e do chamado ocultismo. Parecia apenas uma questão de tempo até que o Golem fosse descoberto, no seu gigantesco caixão de pinho, em seu sono sem sonhos, e capturado.

Havia, no círculo de seus guardiães, um certo grau de resistência à ideia de mandar o Golem para o exterior ainda que para sua própria proteção. Alguns sustentavam que, como fora originalmente feito com a argila do rio Moldau, ele poderia sofrer degradação física se o removessem de seu clima nativo. Aqueles de disposição histórica — que, como os historiadores por toda parte, se orgulhavam de uma judiciosa noção de perspectiva — argumentavam que o Golem já havia sobrevivido a muitos séculos de invasão, calamidade, guerra e *pogrom* sem ser exposto ou desalojado, e aconselhavam contra uma reação precipitada a outro revés momentâneo na sorte dos judeus da Boêmia. Havia até uns poucos no círculo que, quando pressionados, admitiam que não desejavam mandar o Golem para longe porque em seus corações não haviam renunciado à esperança infantil de que o grande inimigo dos antissemitas e dos difamadores raciais poderia um dia, num momento de extrema necessidade, ser ressuscitado para lutar de novo. No fim, porém, a votação foi a favor de remover o Golem

para um lugar seguro, de preferência uma nação neutra que ficasse distante e não fosse inteiramente desprovida de judeus.

Foi neste ponto que um membro do círculo secreto que tinha ligações com o meio dos mágicos de palco de Praga sugeriu o nome de Bernard Kornblum como o homem ao qual se poderia confiar a tarefa da fuga do Golem.

Bernard Kornblum era um *Ausbrecher*, um ilusionista especializado em truques com camisas de força e algemas — o tipo de espetáculo celebrizado por Harry Houdini. Tinha se aposentado recentemente do palco (estava com setenta anos, pelo menos) para se instalar em Praga, cidade de sua adoção, e para esperar o inescapável. Mas viera originalmente, seu proponente disse, de Vilna, a cidade sagrada da Europa judaica, um lugar conhecido, apesar de sua reputação de cabeça-dura, por abrigar homens que nutriam uma visão cordial e simpática dos golems. A Lituânia também era oficialmente neutra, e quaisquer ambições que Hitler pudesse ter a seu respeito foram descartadas pela Alemanha num protocolo secreto do pacto Molotov-Ribbentrop. Assim, Kornblum foi devidamente convocado, arrancado da sua inveterada cadeira à mesa de pôquer no salão de jogos do Hofzinser Club e levado ao local secreto onde o círculo se encontrava — nos Monumentos Faleder, numa cabana atrás da sala de exposições dos bustos. A natureza do trabalho foi explicada a Kornblum: o Golem devia ser retirado do seu esconderijo, preparado adequadamente para a viagem e então levado para fora do país sem chamar atenção e entregue a contatos simpatizantes em Vilna. Os documentos oficiais necessários — documentos de embarque, certificados de alfândega — seriam fornecidos por membros influentes do círculo ou por seus amigos em altos postos.

Bernard Kornblum aceitou imediatamente a missão do círculo. Embora, como muitos mágicos, fosse um descrente profissional que reverenciava apenas a Natureza, o Grande Ilusionista, Kornblum, era ao mesmo tempo um judeu obediente. Mais importante, estava entediado e infeliz na aposentadoria e pensava até talvez num inoportuno retorno ao palco quando o convocaram para a tarefa. Embora vivesse em relativa penúria, recusou a generosa remuneração que o círculo lhe ofereceu, estabelecendo apenas duas condições: que não divulgaria nada de seus planos a ninguém e que não aceitaria ajuda ou conselho não solicitados. Ao longo de todo o truque ele puxaria uma cortina, como se fosse, só erguendo o véu quando o feito já estivesse concluído.

Esta cláusula impressionou o círculo não só como encantadora, de certa forma, mas também como sensata. Quanto menos qualquer um deles soubesse das particularidades, mais facilmente poderia, na possibilidade de exposição, negar conhecimento da fuga do Golem.

Kornblum deixou os Monumentos Faleder, que não ficavam longe de seus próprios alojamentos na rua Maisel, e seguiu para casa, sua cabeça começando já a amoldar e a envergar o arcabouço de um plano vigoroso e elegante. Durante um breve período, na Varsóvia dos anos 1890, Kornblum fora forçado a levar uma vida de criminoso, no papel do assaltante que invade as casas pela janela do segundo andar. A perspectiva de capturar o Golem da sua casa atual, insuspeitada, despertava velhas memórias malignas de lampiões de gás e de gemas roubadas. Mas quando pisou no vestíbulo de seu prédio todos os seus planos mudaram. A *gardienne* botou a cabeça para fora e disse-lhe que havia um jovem à espera no seu quarto. Um jovem bem-apegoado, disse ela, educado e bem-vestido. Geralmente, claro, teria feito o visitante esperar na escada, mas pensou que havia reconhecido um ex-estudante de *Herr Professor*.

Aqueles que ganham a vida flertando com a catástrofe criam uma faculdade de imaginação pessimista, de antecipar o pior, que quase sempre não se distingue da clarividência. Kornblum soube imediatamente que seu visitante inesperado devia ser Josef Kavalier e seu coração se abateu. Ouvira meses atrás que o garoto tinha saído da escola de artes e estava emigrando para a América; algo devia ter saído errado.

Josef se pôs de pé quando seu velho professor entrou, agarrando o chapéu à altura do peito. Vestia um terno aparentemente novo, de aromado *tweed* escocês. Kornblum podia ver pelo rubor em suas faces e pelo excesso de cuidado que tomava para evitar bater com a cabeça contra o teto baixo e inclinado que o rapaz estava bastante bêbado. E mal era mais um rapaz; devia ter quase 19 anos.

— O que há, filho? — disse Kornblum. — Por que está aqui?

— Não estou aqui — replicou Josef. Era um jovem pálido, sardento, de cabelos morenos, com um nariz ao mesmo tempo grande e achatado e olhos azuis bem espaçados, quase excessivamente animados pelo sarcasmo para passarem por sonhadores. — Estou num trem para Ostende. — Com um gesto grandioso, Josef fingiu consultar o relógio. Kornblum decidiu que ele não estava fingindo nada. — Estou passando por Frankfurt bem agora, como está vendo.

— Estou vendo.

— Sim. Toda a fortuna da minha família foi gasta. Todo mundo que precisava ser subornado foi subornado. Nossas contas bancárias foram esvaziadas. A apólice de seguro de meu pai foi vendida. As joias de minha mãe, sua prataria. Os quadros. A maior parte dos bons móveis. Equipamento médico. Ações. Bônus. Tudo para garantir que eu, o felizardo, pudesse estar sentado neste trem, entendeu? No vagão dos fumantes. — Soltou um sopro de fumaça imaginária. — Atravessando a Alemanha a caminho dos *bons velhos Estados Unidos da*

América — acabou a frase em bom americano anasalado. Ao ouvido de Kornblum, seu sotaque parecia muito bom.

— Meu jovem...

— Com todos os meus documentos em ordem, *pode apostar*.

Kornblum suspirou.

— Seu visto de saída? — adivinhou. Ouvira histórias sobre tais refugos de última hora nas semanas recentes.

— Disseram que estava faltando um selo. Um selo. Eu lhes falei que não podia ser possível. Tudo estava em ordem. Eu tinha uma lista de conferência, preparada para mim pelo próprio secretário subassistente para vistos de saída. Mostrei a lista para eles.

— E aí?

— Disseram que as exigências haviam mudado *esta manhã*. Tinham uma diretriz, um telegrama do próprio Eichmann. Fui colocado para fora do trem em Eger. A dez quilômetros da fronteira.

— Ah. — Kornblum relaxou sobre a cama, pois sofria de hemorroidas, e deu um tapinha na colcha do seu lado. Josef sentou-se. Enterrou o rosto nas mãos. Emitiu um sopro trêmulo, seus ombros ficaram tensos, cordas apareceram na parte de trás do pescoço. Lutava contra o desejo de chorar.

— Escute — disse o velho mágico, esperando conter as lágrimas —, escute agora. Estou bastante seguro de que você vai poder corrigir esta situação.

As palavras de consolo saíram mais duras do que Kornblum teria gostado, mas estava começando a sentir-se um pouco apreensivo. Já passava muito da meia-noite e o garoto tinha um ar de desespero, de explosão iminente, que não podia deixar de comovê-lo, mas também o deixava nervoso. Cinco anos antes, ele se envolvera num contratempo com seu filho afoito e infeliz, para seu arrependimento irremediável.

— Vamos — disse Kornblum. Deu uma desajeitada palmadinha no ombro do rapaz. — Seus pais certamente estão preocupados. Vou acompanhá-lo até sua casa.

Foi o que bastou; com uma forte tomada de fôlego, como um homem saltando aterrorizado de um convés em chamas para um mar gelado, Josef começou a chorar:

— Eu já os deixei uma vez — falou, sacudindo a cabeça. — Simplesmente não posso fazer isso de novo com eles.

A manhã toda, no trem que o levava para o Ocidente na direção de Ostende e da América, Josef fora atormentado pela amarga lembrança da sua despedida. Não tinha sequer chorado, nem tolerou especialmente bem o choro de sua mãe e de seu avô, que cantara o papel de Vitek na estreia de *Věc Makropulos*, de Janáček em Brno e tinha a tendência, não incomum entre os tenores, de não ocultar seus sentimentos. Mas Josef, como muitos garotos de 19 anos,

equivocava-se ao pensar que seu coração já se houvesse rompido uma quantidade de vezes e se orgulhava da imaginária dureza daquele órgão. Seu hábito de estoicismo juvenil o manteve frio no abraço lacrimoso do avô aquela manhã na Bahnhof. Também se sentia desgraçadamente alegre por partir. Não se sentia feliz por deixar Praga, mas estava empolgado de se achar a caminho da América, do lar da irmã de seu pai e de um primo chamado Sam, no inimaginável Brooklyn, com seus *nightclubs*, seus tipos durões e sua verve ao estilo Warner Bros. A mesma couraça descontraída à Cagney que o impedia de exprimir a dor de deixar sua família inteira, e o único lar que conhecia, também lhe permitia dizer a si mesmo que seria apenas uma questão de tempo e todos acabariam se juntando a ele em Nova York. Além disso, a situação em Praga era sem dúvida tão ruim agora quanto seria no futuro. Assim, na estação, Josef manteve a cabeça ereta, as faces secas e tragou um cigarro, mostrando resolutamente maior interesse pelos outros viajantes na plataforma de trens, pelas locomotivas envoltas no vapor, pelos soldados alemães com seus elegantes casacos, do que pelos membros de sua própria família. Beijou o rosto áspero do avô, suportou o longo abraço de sua mãe, apertou as mãos do pai e do irmão mais moço, Thomas, que lhe entregou um envelope. Josef enfiou-o no bolso do casaco com estudada distração, ignorando o tremor no lábio inferior de Thomas quando o envelope desapareceu. Então, quando subia no trem, o pai o agarrou pelas abas do casaco e o puxou de volta à plataforma. Cercou Josef por trás para acostá-lo com um abraço forte e desajeitado. O choque do bigode do pai, encharcado de lágrimas, com o rosto de Josef foi mortificante. Josef se afastou.

— *Vejo você nas revistas em quadrinhos* — disse. Mantenha a linha, lembrou para si mesmo; mantenha sempre a linha. Na minha verve está a esperança de salvação deles.

Assim que o trem se afastou da plataforma, no entanto, e Josef se instalou no compartimento da segunda classe, ele sentiu, como um golpe no estômago, como fora bestial a sua conduta. Pareceu imediatamente inchar; latejar e queimar de vergonha, como se todo o seu corpo estivesse em rebelião contra o seu comportamento, como se a vergonha pudesse induzir nele a mesma reação catastrófica da picada de uma abelha. Este assento de trem havia custado, com a adição dos impostos de embarque e da recente “transmissão de consumo”, precisamente o que a mãe de Josef pudera levantar com a penhora de um broche de esmeralda, presente que o marido lhe dera no décimo aniversário de casamento. Pouco antes daquele triste aniversário, *Frau* dr. Kavalier abortara no quarto mês de gravidez e abruptamente a imagem desta irmã que não nascera — era uma menina — surgiu no espírito de Josef, uma espiral de vapor cintilante,

e fixou-o com um reprovador olhar de esmeralda. Quando os funcionários da emigração subiram em Eger para tirá-lo do trem — seu nome era um dentre vários na lista deles — o encontraram entre dois vagões, com o nariz cheio de ranho, berrando na dobra do cotovelo.

A vergonha da partida de Josef, porém, não foi nada comparada à ignomínia insuportável do seu retorno. Na viagem de volta a Praga, entulhado num irrespirável vagão de terceira classe de um trem parados com um grupo de famílias de robustos lavradores sudetos a caminho da capital para alguma assembleia religiosa, passou a primeira hora saboreando uma sensação de justo castigo por sua insensibilidade, por sua ingratidão, por ter simplesmente abandonado a família. Mas quando o trem passou por Kladno, a inevitável volta ao lar começou a assomar. Longe de lhe oferecer a oportunidade de reparar seu comportamento imperdoável, parecia-lhe que seu retorno de surpresa seria uma ocasião que só traria à família mais tristeza. Nos cinco meses desde o início da ocupação alemã, o foco dos esforços dos Kavaliers, de sua existência coletiva, tinha sido o trabalho de enviar Josef para a América. Este esforço, de fato, viera a representar um contrapeso necessário à provação diária de simplesmente aguentar uma inoculação de esperança contra seus efeitos devastadores. Uma vez que os Kavaliers tinham decidido que Josef, nascido durante uma breve temporada da família na Ucrânia, em 1920, estava, por uma sutileza da política, qualificado a emigrar para os Estados Unidos, o processo elaborado e custoso de fazê-lo chegar lá havia restaurado uma medida de ordem e sentido em suas vidas. Como os oprimiria vê-lo surgir à soleira da sua porta menos de 11 horas depois de ter embarcado! Não, pensou, não podia simplesmente desapontá-los voltando para casa. Quando o trem finalmente se arrastou para dentro da estação de Praga no começo daquela noite, Josef permaneceu no seu assento, incapaz de se mexer, até que um condutor que passava sugeriu, não sem gentileza, que seria melhor o jovem saltar do trem.

Josef perambulou pelo bar da estação, engoliu um litro e meio de cerveja e prontamente adormeceu numa cabine dos fundos. Depois de um período indefinido, um garçom veio sacudi-lo e Josef acordou, bêbado. Carregou sua valise pelas ruas da cidade que havia, ainda aquela manhã, imaginado que nunca mais voltaria a ver. Arrastou-se pela rua Jerusalém, até a Josefov, e de certo modo, quase inevitavelmente, seus passos o levaram à rua Maisel, ao apartamento de seu velho professor. Não podia derrubar as esperanças da família deixando que vissem seu rosto de novo; não, pelo menos, deste lado do Atlântico. Se Bernard Kornblum não o pudesse ajudar a escapar; pelo menos poderia ajudá-lo a se esconder.

Kornblum deu um cigarro a Josef e acendeu-o para ele. Então foi

até sua poltrona, instalou-se cuidadosamente nela e acendeu um cigarro para si mesmo. Nem Josef Kavalier, nem os guardiães do Golem foram os primeiros a procurar Kornblum na expectativa desesperada de que sua perícia com celas de cadeia, camisas de força e arcas de ferro pudessem de certa forma ser ampliadas de modo a abrir as fronteiras das nações soberanas. Até esta noite, ele tinha descartado todas estas especulações como extremas e prematuras. Agora, no entanto, sentado em sua poltrona, observando seu ex-aluno remexer impotente nos finos papéis de documentação em três vias, em passagens de trens e cartões de imigração carimbados no seu passaporte, os ouvidos aguçados de Kornblum detectaram o som, inequívoco para ele, do tambor de uma grande fechadura de ferro colocando-se em posição. O Escritório de Emigração, sob a direção de Adolf Eichmann, tinha passado de mera extorsão cínica para indisfarçado roubo, tirando dos requerentes tudo o que tinham, em troca de nada. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos haviam praticamente fechado suas portas — foi apenas através da persistência de uma tia americana e do acaso geográfico do seu nascimento na União Soviética que Josef pôde obter um visto de entrada para os Estados Unidos. Enquanto isto, aqui em Praga, nem mesmo um velho e inútil torrão de lama do rio estava a salvo do ímpeto predatório do invasor.

— Posso levá-lo a Vilna, na Lituânia — disse Kornblum, finalmente. — Dali você terá de encontrar seu caminho sozinho. Memel está em mãos dos alemães, mas você talvez possa encontrar passagem através de Priekule.

— *Lituânia?*

— Receio que sim.

Depois de um momento, o rapaz concordou com a cabeça e tremeu e esmagou o cigarro num cinzeiro marcado com a cruz e a espada, símbolo do Hofzinser Club.

— Esqueça *do que* você está escapando — disse ele, citando uma máxima de Kornblum. — Reserve sua ansiedade *para onde* você está escapando.

A decisão de Josef Kavalier de tomar de assalto o exclusivo Hofzinser Club alcançou o auge num dia de 1935, durante o café da manhã, quando engasgou ao encher a boca de omelete com damasco em conserva. Foi numa daquelas raras manhãs no espaçoso apartamento dos Kavalier, num edifício no estilo rococó da época da Secessão, perto do Graben, com todo mundo sentado para tomar o café da manhã em família. Os doutores Kavalier respeitavam horários profissionais muito rigorosos e, como muitos pais ocupados, inclinavam-se a negligenciar e a fazer as vontades dos filhos. *Herr dr. Emil Kavalier* era o autor de *Grundsätzen der Endokrinologie*, um texto consagrado, e o identificador da acromegalia de Kavalier. *Frau dr. Anna Kavalier* fora treinada como neurologista e se analisara com Alfred Adler, e desde então passara a tratar, no seu divã forrado de lã escocesa, a nata das cabeças inquietas da jovem Praga. Naquela manhã, quando Josef subitamente se lançou à frente, engasgado, os olhos marejados, tateando por seu guardanapo, o pai estendeu a mão por trás do seu *Tageblatt* e ociosamente bateu nas costas de Josef. A mãe, sem erguer os olhos do último número de *Monatsschrift für Neurologie und Psychiatrie*, recomendou a Josef, pela décima milésima vez, que não comesse apressadamente. Só o pequeno Thomas notou, no instante antes de Josef levar o guardanapo aos lábios, o brilho de algo estranho na boca do irmão. Levantou-se da mesa e contornou a cadeira de Josef. Olhou para as mandíbulas do irmão enquanto elas processavam lentamente o ofensivo pedaço de omelete. Josef ignorou-o e enfiou outra garfada na boca.

— O que é isto? — perguntou Thomas.

— O que é o quê? — disse Josef. Mastigou com cuidado, como se incomodado por um dente sensível. — Vá embora.

A srta. Horne, governanta de Thomas, ergueu os olhos do exemplar do dia anterior do *Times* de Londres e estudou a situação dos irmãos.

— Caiu uma obturação, Josef?

— Ele tem uma coisa na boca — disse Thomas. — É brilhante.

— O que você tem na boca, meu jovem? — disse a mãe dos meninos, marcando seu lugar com uma faca de manteiga.

Josef enfiou dois dedos entre a bochecha direita e a gengiva superior direita e puxou um pedaço achatado de metal, chanfrado numa das extremidades: um minúsculo garfo, não maior do que o

dedo mindinho de Thomas.

— O que é isto? — perguntou a mãe, com o ar de que ia ficar enjoada.

Josef encolheu os ombros.

— É uma chave de torque — disse.

— Que mais podia ser? — disse o pai para a mãe com o sarcasmo pouco sutil que era uma espécie de sutileza, garantindo que nunca seria apanhado de surpresa pelo comportamento frequentemente nada convencional dos filhos. — Claro que é uma chave de torque.

— *Herr Kornblum* disse que eu devia me acostumar a ela — explicou Josef. — Disse que quando Houdini morreu verificaram que havia escavado duas bolsas de bom tamanho em suas bochechas.

Herr Kavalier voltou ao seu *Tageblatt*.

— Uma aspiração admirável — disse.

Josef interessou-se por espetáculos de mágica a partir do momento em que suas mãos cresceram o suficiente para manipular um baralho. Praga tinha uma rica tradição de ilusionistas e de artistas prestidigitadores e não era difícil para um rapaz com pais preocupados e indulgentes encontrar instrução competente. Estudou um ano com um tcheco de nome Bozic que se chamava Rango e era especialista em manipulação de cartas e de moedas, mentalismo e também batedor de carteiras. Podia também cortar uma mosca pela metade lançando um três de ouros. Em pouco tempo Josef aprendeu o passe da Chuva de Prata, a Solução de Kreutzer e o Conde Erno, e rudimentos do Falecido Vovô, mas quando levaram à atenção dos pais de Josef que Rango certa vez fora preso por trocar as joias e o dinheiro de seu público por massa e papel em branco, o rapaz foi devidamente removido da sua tutela.

Os ases e damas fantasmas, os punhados de coroas de prata e os relógios de pulso furtados que haviam sido as ferramentas de trabalho de Rango valiam como mera diversão. E para Josef as longas horas passadas em frente do espelho do lavatório, praticando golpes, passes, blefes e truques que tornavam possível, aparentemente, jogar uma moeda no ouvido direito, através do cérebro, saindo pelo ouvido esquerdo de um amigo ou de um parente, ou extrair o valete de copas de uma garota bonita, requeria uma intensidade masturbatória de concentração que se tornava quase mais prazerosa para ele do que o truque em si. Mas então um paciente mencionou Bernard Kornblum ao seu pai e tudo mudou. Sob a tutela de Kornblum, Josef começou a aprender o rigoroso ofício do *Ausbrecher* dos lábios de um de seus mestres. Na idade de 14 anos, decidiu consagrar-se a uma vida de escape eterno.

Kornblum era um judeu “oriental”, esquelético, com uma frondosa barba ruiva que prendia com uma rede de cabelos de seda negra antes

de cada apresentação.

— Isto os distrai — dizia, referindo-se ao público, que encarava com o misto de admiração e desdém próprios do artista veterano. Como trabalhava com um mínimo de arenga, encontrar outros meios de prender a atenção dos espectadores era sempre uma preocupação importante. — Se eu pudesse trabalhar sem as calças — dizia —, andaria nu.

Sua testa era imensa, seus dedos longos e destros, mas deselegantes, com juntas nodosas; suas faces, mesmo nas manhãs de maio, pareciam ásperas e descascadas, como se escoriadas por ventos polares. Kornblum figurava entre os poucos judeus orientais que Josef conhecera. Havia refugiados judeus da Polônia e da Rússia no círculo dos seus pais, mas eram médicos e músicos refinados, “europeizados”, de grandes cidades, que falavam francês e alemão. Kornblum, cujo alemão era desajeitado e cujo tcheco era inexistente, nascera numa pequena aldeia nos arredores de Vilna e passara a maior parte da vida perambulando pelas províncias da Rússia imperial, apresentando-se em teatros, celeiros e mercados de milhares de cidadezinhas e aldeias. Usava ternos de corte antiquado, com peito-de-pombo ao estilo Valentino. Como sua dieta consistia em grande parte de peixe enlatado — enchovas, eperlanos, sardinhas, atum — seu hálito geralmente guardava um espesso travo marinho. Embora fosse um sólido ateu, ainda assim respeitava a dieta kosher, evitava trabalhar no sábado e tinha uma gravura em aço do monte do Templo na parede leste do seu quarto. Até recentemente, Josef, então com 14 anos, pensara muito pouco na questão do seu próprio judaísmo. Acreditava — isso estava consagrado na constituição tcheca — que os judeus eram meramente uma das numerosas minorias étnicas que formavam a jovem nação da qual Josef se orgulhava de ser filho. O aparecimento de Kornblum, com seu cheiro báltico, suas boas maneiras exageradas e seu iídiche causaram forte impressão sobre Josef.

Duas vezes por semana naquela primavera e naquele verão e em boa parte do outono, Josef visitou o quarto de Kornblum no andar superior de uma casa caindo aos pedaços na rua Maisel no Josefov, para ser algemado ao aquecedor ou ter as mãos e os pés amarrados com longas espirais de uma grossa corda de cânhamo. Kornblum não lhe deu inicialmente a menor orientação de como escapar destas constrições.

— Você vai prestar atenção — falou, na tarde da primeira lição de Josef, enquanto o algemava a uma cadeira de madeira flexível. — Posso garantir-lhe isto. Também vai se acostumar com o toque da algema. A algema é o seu pijama de seda agora. Ela é como os braços amorosos de sua mãe.

Além desta cadeira, de uma cama de ferro, um guarda-roupa e o

quadro de Jerusalém na parede leste, perto da janela solitária, o quarto estava quase vazio. O único objeto bonito era uma arca chinesa entalhada em algum tipo de madeira tropical vermelha como fígado cru, com pesadas alças de cobre e um par de caprichosas fechaduras de latão na forma de pavões estilizados. As fechaduras se abriam por meio de um sistema de minúsculas alavancas e molas escondidas nas manchas em forma de olho das sete plumas da cauda de cada pavão. O mágico apertava os 14 botões de jade numa certa ordem que parecia mudar cada vez que ia abrir a arca.

Durante as primeiras sessões, Kornblum simplesmente mostrou a Josef diferentes tipos de fechaduras e cadeados que retirava, um a um, da arca; cadeados usados para trancar algemas, caixas de correio e diários de senhoras; fechaduras de portas com dentes e volteadores de pino; cadeados reforçados; e combinações de fechaduras tiradas de caixas-fortes e cofres. Sem palavras, ele desmontava cada um dos cadeados e fechaduras, usando uma chave de parafusos, e depois as montava. Perto de esgotar a hora, ainda sem libertar Josef, ele falava sobre os rudimentos do controle da respiração. Finalmente, nos últimos minutos da lição, soltava o rapaz só para enfiá-lo num caixão de pinho simples. Sentava-se ao lado da tampa fechada, tomando chá e olhando para seu relógio de bolso, até que a aula tivesse terminado.

— Se você é claustrofóbico — explicou Kornblum — precisamos detectar isto agora, e não quando estiver acorrentado no fundo do Moldau, fechado dentro de um saco dos correios, com toda a sua família e os vizinhos à espera de que saia nadando.

No começo do segundo mês, ele apresentou a gazua e a chave de torque e passou a usar estas maravilhosas ferramentas em cada uma das várias amostras de fechadura e cadeado que tinha em sua arca. Seu toque era ágil e, embora já tivesse passado muito dos sessenta, suas mãos eram firmes. Pegava as fechaduras e então, para maior edificação de Josef, as desmantelava e montava de novo com os mecanismos expostos. Os cadeados e fechaduras, novos ou antigos, ingleses, alemães, chineses ou americanos, não resistiam às suas manipulações por mais de alguns segundos. Ele havia, adicionalmente, reunido uma pequena biblioteca de volumes grossos e empoeirados, muitos ilegais ou proibidos, alguns deles impressos com o selo da temida polícia secreta russa, a Tcheka dos bolcheviques, em que estavam listadas, em infinitas colunas de tipo minúsculo, as fórmulas de combinação, por número de lote, de milhares das trancas de combinação manufaturadas na Europa desde 1900.

Durante semanas, Josef implorou a Kornblum que lhe permitisse usar a gazua. Contrariando suas instruções, ele vinha trabalhando com cadeados e fechaduras em casa usando um alfinete de chapéu e um raio de roda de bicicleta, com sucesso ocasional.

— Muito bem — disse Kornblum finalmente. Entregando a Josef sua gazua e sua chave de torque, conduziu-o à porta do seu quarto, na qual ele mesmo colocara uma nova e excelente fechadura Rätzel de sete pinos. Então tirou sua gravata e usou-a para vendar os olhos de Josef. — Para ver dentro da fechadura, você não usa seus olhos.

Josef ajoelhou-se na escuridão e tateou procurando a maçaneta de latão. A porta estava fria encostada ao seu rosto. Quando finalmente Kornblum retirou a venda e gesticulou a Josef para que entrasse no caixão, Josef tinha aberto a Rätzel três vezes, a última em menos de dez minutos.

No dia anterior àquele em que Josef causou uma comoção à mesa do café da manhã, depois de meses de nauseantes exercícios respiratórios que faziam sua cabeça zunir e de treinamento que deixava doloridas as juntas dos dedos, ele entrou no quarto de Kornblum e ofereceu os pulsos, como de costume, para ser algemado e preso. Kornblum surpreendeu-o com um raro sorriso. Entregou a Josef uma pequena bolsa de couro negro. Abrindo-a, Josef encontrou a minúscula chave de torque e um jogo de gazuas de aço, algumas não maiores do que a chave, outras o dobro do tamanho, com cabos de madeira lisos. Nenhuma era mais grossa do que a palha de uma vassoura. Suas pontas tinham sido cortadas e dobradas em curiosas formas de luas, diamantes e de til.

— Fui eu que fiz — disse Kornblum. — Vão ser confiáveis.

— Para mim? Fez isto para mim?

— É o que vamos determinar agora — disse Kornblum. Apontou para a cama, onde havia colocado um par de algemas alemãs e seus melhores cadeados americanos Yale. — Prenda-me à cadeira.

Kornblum deixou-se prender às pernas de sua cadeira com uma extensão de corrente pesada; outras correntes prendiam a cadeira ao aquecedor e o aquecedor ao seu pescoço. Suas mãos também estavam algemadas, à frente do seu corpo, de modo que pudesse fumar. Sem uma palavra de conselho ou de queixa de Kornblum, Josef abriu as algemas e todos os cadeados, menos um, na primeira hora. Mas o último cadeado, um Yale Dreadnought 1927 de meio quilo, com dezesseis pinos e dentes, frustrou seus esforços. Josef suou e blasfemou baixinho, em tcheco, para não ofender seu mestre. Kornblum acendeu outro Sobranie.

— Os pinos têm vozes — lembrou ele a Josef finalmente. — A gazua é um minúsculo fio telefônico. As pontas de seus dedos têm ouvidos.

Josef tomou fôlego, a fundo, enfiou no cilindro do cadeado a gazua que tinha um arabesco na ponta e aplicou de novo a chave. Rapidamente, esfregou a ponta da gazua para a frente e para trás nos pinos, sentindo cada um deles ceder, avaliando a resistência das rodas

e das molas. Cada cadeado tinha seu próprio ponto de equilíbrio entre a torção e a fricção; se girasse com muita força, o cilindro iria travar; com muita suavidade, os pinos não se encaixariam adequadamente. Com colunas de dezesseis pinos, encontrar o ponto de equilíbrio era inteiramente uma questão de intuição e estilo. Josef fechou os olhos. Ouviu o fio da gazua sussurrando nas pontas dos seus dedos.

Com um gorgolejo metálico de satisfação, o cadeado se abriu. Kornblum acenou com a cabeça, ficou de pé, esticou as pernas.

— Pode ficar com as ferramentas — disse.

Por mais lento que parecesse a Josef o progresso das lições com *Herr Kornblum*, ele tinha sido dez vezes mais lento para Thomas Kavalier. O interminável manuseio de cadeados e nós que Thomas havia ocultamente testemunhado, noite após noite, à fraca luz da lâmpada no quarto que os meninos dividiam, era menos interessante para ele do que fora o interesse de Josef por truques com moedas e mágica de baralho.

Thomas Masaryk Kavalier era um animado menino com ares de gnomo e um tufo espesso de cabelos morenos. Quando era ainda bem pequeno, o cromossomo musical da família de sua mãe se manifestou nele. Aos três anos, regalava os convivas dos jantares com longas e tempestuosas árias, cantadas num italiano complicado e incoerente. Durante umas férias da família em Lugano, aos oito anos, descobriram que tinha aprendido italiano suficiente, em suas leituras dos libretos favoritos, para poder conversar com os garçons do hotel. Constantemente convocado para atuar nas produções do irmão, posar para seus esboços e dar credibilidade às suas mentiras, havia aperfeiçoado um talento para o teatro. Num caderno pautado, tinha escrito recentemente as primeiras linhas do libreto de uma ópera, *Houdini*, passada na fabulosa Chicago. Encontrava dificuldades neste projeto pelo fato de que nunca vira um artista de escapes atuar. Em sua imaginação, os feitos de Houdini eram mais grandiosos do que qualquer coisa que até o velho sr. Erich Weiss podia ter concebido: saltos em armaduras de aeroplanos em chamas sobre a África e fugas de bolas ocas lançadas em tocas de tubarões por canhões submarinos. A súbita entrada de Josef, no café daquela manhã, em território já ocupado pelo grande Houdini, marcou um grande dia na infância de Thomas.

Depois que os pais saíram — a mãe para seu consultório em Narodny; o pai para pegar um trem para Brno, aonde fora chamado para uma consulta com a filha gigante do prefeito — Thomas não largou de Josef, querendo saber sobre Houdini e de suas bochechas.

— Seria capaz de colocar na boca uma moeda de duas coroas? — queria saber. Ficou deitado na cama, sobre a barriga, vendo Josef devolver a chave à sua bolsa especial.

- Sim, mas é difícil imaginar por que desejaria fazer isto.
- E uma caixa de fósforos?
- Imagino que sim.
- Como é que eles ficariam secos?
- Talvez pudesse envolvê-los num oleado.

Thomas explorou sua bochecha com a ponta da língua. Tremeu.

- Que outras coisas *Herr Kornblum* quer que você coloque ali?

— Estou aprendendo a ser um artista de escape, não uma valise — disse Josef com irritação.

- E vai tentar fazer um escape de verdade agora?
- Estou mais perto hoje do que estava ontem.
- E então vai poder ingressar no Hofzinser Club?
- Veremos.
- Quais são os requisitos?
- Você só tem de ser convidado.
- E precisa ter enganado a morte?

Josef rolou os olhos, arrependido de ter contado a Thomas sobre o Hofzinser. Era um clube privado de homens, situado numa antiga estalagem numa das ruas mais tortuosas e crepusculares do Stare Mesto, que combinava as funções de cantina, sociedade benevolente, corporação e salão de ensaios para os mágicos atuantes da Boêmia. *Herr Kornblum* jantava lá quase toda noite. Era evidente para Josef que o clube não era apenas a única fonte de companheirismo e de conversação para o seu taciturno professor, mas também um verdadeiro Salão das Maravilhas, um repositório vivo para a sabedoria acumulada em séculos de artimanhas e ilusões numa cidade que havia produzido alguns dos maiores charlatães, mágicos e faquires da História. Josef queria muito ser convidado para ingressar no clube. Este desejo havia, de fato, se tornado o foco secreto de cada pensamento ocioso seu (um papel que pouco depois seria usurpado pela governanta, srta. Dorothea Horne). Parte do motivo que o deixou tão irritado com o interrogatório persistente de Thomas era que seu pequeno irmão tinha adivinhado a constante preeminência do Hofzinser Club nos pensamentos de Josef. A mente do próprio Thomas estava cheia de visões bizantinas de huris e figos cristalizados, de homens de fraques e calças de paxá caminhando em círculo dentro do taciturno hotel de estrutura de madeira com os vãos em alvenaria na Stupartská com seus torsos superiores separados dos inferiores, evocando leopardos e aves-do-paraíso a partir do simples ar.

— Estou certo de que, quando a hora chegar, receberei meu convite.

- Quando fizer 21 anos?
- Talvez.
- Mas se fizesse algo para mostrar a eles...

Isto ecoou o filão secreto dos próprios pensamentos de Josef. Girou com o corpo na sua cama, inclinou-se à frente e olhou para Thomas.

— Algo como o quê?

— Se lhes mostrasse como é capaz de se livrar de correntes e abrir cadeados, prender a respiração e desatar nós de cordas...

— Tudo isto é coisa fácil. Um sujeito pode aprender tais truques na prisão.

— Bem, se fizesse algo realmente grandioso, então... algo que os assombrasse.

— Um escape.

— Podíamos lançá-lo de um aeroplano amarrado a uma cadeira, com o paraquedas atado a outra cadeira, caindo pelos ares. Algo assim.

Thomas saltou da cama e foi até sua pequena mesa, puxou o caderno azul em que estava compondo *Houdini* e o abriu numa das últimas páginas, onde havia esboçado a cena. Lá estava Houdini num *dinner jacket* arremessando-se de um aeroplano bojudo na companhia de um paraquedas, duas cadeiras, uma mesa e um serviço de chá, todos deixando rastros de velocidade. O mágico tinha um sorriso no rosto enquanto servia chá para o paraquedas. Parecia pensar que tinha todo o tempo do mundo.

— Isto é idiota — disse Josef. — Que sabe você de paraquedas? Quem vai me deixar saltar de um avião?

Thomas enrubesceu.

— Que criancice minha — falou.

— Não se importe — disse Josef. Ficou de pé. — Você não estava brincando há pouco com as coisas velhas do papai, suas coisas da escola de medicina?

— Está aqui — disse Thomas. Jogou-se no chão e rolou para baixo da cama. Um momento depois, uma pequena caixa de madeira emergiu, coberta de pó e de teias de aranha, sua tampa presa por alças de arame entortado.

Josef ajoelhou-se e ergueu a tampa, revelando itens avulsos de aparelhos e amostras científicas que tinham sobrevivido à educação médica do seu pai. À deriva numa onda de serragem antiga estavam um frasco de Erlenmeyer quebrado, um tubo de vidro em forma de pera com tampão, um par de pinças, uma caixa forrada de couro que continha os restos de um microscópio portátil Zeiss (há muito tempo tornado inoperante por Josef, que certa vez tentara usá-lo para conseguir uma melhor visão dos quadris de Pola Negri numa foto desfocada de cena de banho arrancada de um jornal) e mais algumas quinquilharias.

— Thomas?

— Está ótimo aqui. Não sou claustrofóbico. Podia ficar aqui

embaixo por semanas.

— Não tinha... — Josef fuçou mais na caixa. — Nós não tínhamos...

— O quê? — Thomas deslizou para fora da cama.

Josef ergueu um bastão longo e reluzente de vidro e brandiu-o como Kornblum teria feito.

— Um termômetro — falou.

— Para quê? Vai tirar a temperatura de quem?

— Do rio — disse Josef.

Às quatro horas da manhã de sexta-feira, 27 de setembro de 1935, a temperatura do rio Moldau, negro como um sino de igreja e batendo contra a margem de pedra na extremidade norte da ilha Kampa, estava a 2,2° na escala Celsius. Era uma noite sem lua e um nevoeiro cobria o rio como uma tapeçaria lançada pela mão de um mágico. Um vento cortante sacudia as sementeiras nos ramos nus das acácias da ilha. Os irmãos Kavalier tinham vindo preparados para um tempo frio. Josef os vestira com lã da cabeça aos pés, com dois pares de meias cada um. Na mochila que levava às costas, trazia um pedaço de corda, uma corrente, o termômetro, meia salsicha de vitela, um cadeado, uma muda de roupas, com dois pares extras de meias para si. Levava também um fogareiro a óleo portátil, emprestado de um colega de escola cuja família praticava o alpinismo. Embora não planejasse passar muito tempo na água — não mais, calculava, do que um minuto e 27 segundos, havia praticado num banheiro cheio de água fria e sabia que, mesmo no conforto do banheiro aquecido a vapor em casa, levava vários minutos para se livrar da friagem.

Em toda a sua vida, Thomas Kavalier nunca se levantara tão cedo. Nunca vira as ruas de Praga tão vazias, as fachadas das casas tão mergulhadas na escuridão, como uma fileira de lanternas com os pavios apagados. As esquinas que conhecia, as lojas, um leão entalhado numa balaustrada pela qual passava todo dia a caminho da escola, pareciam estranhos e solenes. A luz emanava num fraco vapor dos lampiões de rua e as esquinas estavam banhadas pela sombra. Imaginava sem parar que ia virara esquina e ver o pai perseguindo-os de roupão e chinelos. Josef caminhou rapidamente e Thomas teve de se apressar para acompanhá-lo. O ar frio queimava suas faces. Pararam várias vezes, por motivos que nunca eram claros para Thomas, para se esconder numa porta ou se abrigar atrás do paralamas inchado de um Skoda estacionado. Passaram a porta lateral aberta de uma padaria e Thomas foi brevemente tomado pela brancura: uma parede branca de cerâmica, um homem pálido todo vestido de branco, uma nuvem de farinha turvando uma montanha branca de massa de fazer pão. Para espanto de Thomas, havia todo tipo de pessoas ativas a esta hora, negociantes, motoristas de táxi, dois

homens bêbados cantando, até uma mulher atravessando a ponte Carlos num longo casaco negro, fumando e resmungando para si mesma. E policiais. Foram obrigados a se esgueirar para passar por dois deles a caminho de Kampa. Thomas era uma criança tranquilamente respeitadora da lei com sentimentos agradáveis para com policiais. Também tinha medo deles. Sua ideia de cadeias e prisões fora agudamente influenciada pela leitura de Dumas e não tinha a menor dúvida de que garotinhos seriam, sem pesar, encerrados nelas.

Começou a arrepender-se de ter vindo. Desejava nunca ter sugerido a ideia de que Josef provasse seu valor junto aos membros do Hofzinser Club. Não que duvidasse da capacidade do irmão. Isto nunca lhe teria ocorrido. Simplesmente tinha medo: da noite, das sombras e da escuridão, dos policiais, da zanga do seu pai, de aranhas, ladrões, bêbados, damas em sobretudos e especialmente, nesta manhã, do rio, mais escuro do que qualquer outra coisa em Praga.

Josef, de sua parte, só tinha medo de ser interrompido. Não apanhado; não havia nada ilegal, raciocinava, em se acorrentar e então tentar se livrar de um saco de lavanderia e sair nadando. Não imaginava que a polícia ou seus pais encarassem favoravelmente a ideia — supunha até que pudesse ser processado por nadar no rio fora da estação — mas não tinha medo de punição. Só não queria que nada o impedisse de praticar seu escape, tinha um horário apertado. Ontem havia postado o convite para o presidente do Hofzinser Club:

*Os honrados sócios do Hofzinser Club são cordialmente
convidados para testemunhar outro assombroso feito de
autoliberação daquele prodígio do escapismo CAVALIERI na
ponte Carlos.*

*Domingo, 29 de setembro de 1935 às quatro e meia da
manhã.*

Estava satisfeito com a redação, mas isto lhe dava só mais dois dias para se preparar. Durante as últimas duas semanas, vinha abrindo cadeados com as mãos imersas numa pia cheia de água fria e se livrando de suas cordas e escapado de suas correntes da banheira. Esta noite tentaria o “feito de autoliberação” na margem da ilha Kampa. Então, dois dias depois, se tudo corresse bem, Thomas o empurraria da balaustrada da ponte Carlos. Não tinha absolutamente nenhuma dúvida de que seria capaz de executar o truque. Prender a respiração por um minuto e meio não representava nenhuma dificuldade para ele. Graças ao treinamento de Kornblum, podia suportar quase o dobro daquele tempo sem puxar fôlego. Dois graus Celsius era mais frio do que a água nos canos de sua casa, mas não planejava ficar por muito tempo. Uma lâmina de barbear, para cortar o saco de

lavanderia, estava seguramente escondida entre as camadas de sola do seu sapato esquerdo e a chave de tensão e uma gazua em miniatura que Josef fizera a partir do arame da vassoura de um varredor de rua estavam alojados tão confortavelmente em suas bochechas que mal se dava conta de sua presença. Considerações como o impacto de sua cabeça na água ou numa das pilastras de pedra da ponte, seu medo paralisante de estrear diante daquele público eminente, ou de afundar sem salvação, não o desviavam de sua ideia fixa.

— Estou pronto — disse, passando o termômetro para o pequeno irmão. Era um pingente de gelo nas mãos de Thomas. — Vamos entrar no saco.

Pegou o saco de lavanderia que tinham surrupiado do armário da empregada, abriu-o e pisou dentro da ampla boca como se num par de calças. Então pegou a corrente que Thomas lhe oferecia e enrolou-a em seus tornozelos várias vezes antes de trancar as extremidades com um pesado cadeado Rätzel que havia comprado de um ferragista. A seguir ofereceu os pulsos para Thomas que, como fora instruído, os atou com a corda e amarrou apertadamente numa volta e num par de nós direitos. Josef agachou-se e Thomas apertou firme o saco sobre sua cabeça.

— No domingo teremos você colocando as correntes e os cadeados na corda — disse Josef, a voz abafada de um jeito que perturbava o irmão.

— Mas então como é que você vai sair?

As mãos do menino tremiam. Ele colocou de novo as luvas de lã.

— Estarão assim só para causar efeito. Não vou saltar desta maneira.

O saco subitamente se inflou e Thomas deu um passo adiante. Dentro do saco, Josef estava dobrado para a frente, com os dois braços estendidos, buscando o chão. O saco virou.

— Oh!

— Que aconteceu?

— Estou ótimo. Empurre-me para a água.

Thomas olhou para aquela trouxa disforme aos seus pés. Parecia pequena demais para conter seu irmão.

— Não — disse, para sua surpresa.

— Thomas, por favor. Você é o meu assistente.

— Não, não sou. Não estou nem mesmo no convite.

— Desculpe-me por isto — disse Josef. — Eu esqueci. — Esperou.

— Thomas, sinceramente, de todo o coração, peço desculpas por meu esquecimento.

— Está bem.

— Agora me empurre.

— Estou com medo. — Thomas ajoelhou-se e começou a

desapertar o saco. Sabia que estava traindo a confiança do irmão e o espírito da missão e isto lhe causava dor mas não podia se impedir. — Você tem de sair daí neste minuto.

— Vou ficar bem — disse Josef. — Thomas. — Deitado sobre as costas, olhando pela boca subitamente reaberta do saco, Josef sacudiu a cabeça. — Você está sendo ridículo. Vamos. Feche o saco de novo. E quanto ao Hofzinser Club, hein? Não quer que eu o leve para jantar lá?

— Mas...

— Mas o quê?

— O saco é muito pequeno.

— O quê?

— Está tão escuro... está tão escuro, Josef...

— Thomas, do que está falando? *Come on, Tommy boy* — acrescentou em inglês. Este era o nome que a srta. Horne usava para ele. — Jantar no Hofzinser Club. Dançarinas do ventre. Delícias turcas. Completamente sozinhos, sem papai nem mamãe.

— Sim, mas...

— Vamos.

— Josef! Sua boca está sangrando?

— Diabos, Thomas, amarre esta joça de saco!

Thomas recuou. Rapidamente, dobrou e fechou o saco e empurrou o irmão para o rio. A espadanada o assustou e ele rompeu em lágrimas. Uma amplidão de ondas ovas se espalhou pela superfície de água. Durante um instante frenético, Thomas caminhou para a frente e para trás na margem, ainda ouvindo a explosão de água. As bainhas de suas calças estavam encharcadas e a água fria escorria pelas linguetas dos seus sapatos. Tinha jogado seu irmão no rio e o afogado como um saco de filhotes de gato.

A próxima coisa de que Thomas se deu conta foi de que estava na ponte Carlos passando correndo pelas estátuas, a caminho de casa, do posto policial, da cela da cadeia em que teria alegremente se atirado. Mas, ao passar por São Cristóvão, achou que tinha ouvido algo. Correu até o parapeito da ponte e olhou. Podia divisar a mochila de alpinista na margem e o fraco brilho do braseiro. A superfície do rio estava imóvel.

Thomas voltou e desceu a escada que levava à ilha. Ao passar pelo poste de amarração redondo no topo da escada, o toque do mármore duro contra sua palma pareceu exortá-lo a desafiar a água escura. Descambou escada abaixo de dois em dois degraus, rasgou a praça vazia, escorregou pela margem e mergulhou de cabeça no Moldau.

— Josef! — gritou, pouco antes que sua boca se enchesse de água.

Tudo isto enquanto Josef, cego, amarrado e sofrendo um frio estúpido, estava loucamente prendendo a respiração enquanto, um a

um, os elementos do seu truque saíam errados. Quando estendera as mãos para Thomas, havia cruzado os pulsos nas juntas ossudas, apertando seus lados um contra o outro depois de estar atado. Mas a corda parecia ter-se contraído com a água, consumindo esta meia polegada de espaço de manobra e, num pânico que nunca imaginara possível, sentiu quase um minuto inteiro transcorrer antes que pudesse liberar as mãos. Este triunfo o acalmou de certo modo. Pescou a gazua e a chave da sua boca e, segurando-as cuidadosamente, Tateou através da escuridão em busca da corrente em volta de suas pernas. Kornblum o havia advertido contra a resistência da gazua de amador, mas ficou chocado quando a chave de tensão girou bobamente e escapou de seus dedos. Gastou quinze segundos à sua procura e então precisou de mais vinte ou trinta para enfiar a gazua no fecho. As pontas de seus dedos estavam amortecidas pelo frio e foi só graças a uma vibração casual do arame que conseguiu atingir os pinos, mover as rodas e girar a trava do cadeado. Este mesmo amortecimento lhe serviu muito melhor quando, procurando a lâmina de barbear no seu sapato, cortou uma fatia da ponta do seu indicador direito. Embora não pudesse ver nada, podia degustar um filete de sangue naquela escuridão que o envolvia.

Três minutos e meio após ter rolado para dentro do rio, chutando os pés com suas botas pesadas e seus dois pares de meias, ele irrompeu na superfície. Somente os exercícios de respiração de Kornblum e um milagre de hábito impediram-no que exalasse o último átomo de oxigênio dos seus pulmões desde que tinha caído na água. Ofegante, escalou até a margem e rastejou sobre mãos e joelhos até o braseiro sibilante. O cheiro de querosene era para ele como o odor de pão quente, do asfalto quente do verão. Aspirou profundas bateladas de ar. O mundo parecia invadir seus pulmões: árvores aracnídeas, o nevoeiro, as lâmpadas bruxuleantes penduradas ao longo da ponte, uma luz acesa na velha torre de Kepler no Klementinum. Ficou enjoado abruptamente e cuspiu algo amargo, infame e quente. Esfregou os lábios com a manga de sua camisa de lã molhada e sentiu-se um pouco melhor. Então percebeu que seu irmão tinha desaparecido. Tremendo, ficou de pé, suas roupas pendendo e pesando como uma cota de malha, e viu Thomas na sombra da ponte, debaixo da figura entalhada de Bruncvik, espadanando desajeitadamente na água, chapinhando, engasgando, se afogando.

Josef voltou ao rio. A água estava tão fria como antes, mas não parecia senti-la. Ao nadar, percebeu algo enfiando os dedos nele, puxando suas pernas, tentando arrastá-lo para baixo. Era apenas a gravidade da terra, ou a rápida correnteza do Moldau, mas naquele momento Josef imaginou que estava sendo agarrado pela mesma massa nojenta que cuspira sobre a areia.

Quando Thomas viu Josef nadando em sua direção, rompeu

imediatamente em lágrimas.

— Continue chorando — disse Josef, raciocinando que a respiração era uma coisa essencial e que chorar era em parte um tipo de respiração. — Isto é bom.

Josef passou um braço em volta da cintura do irmão e tentou arrastar os dois, Thomas e sua autocomiseração, de volta à margem do Kampa. Enquanto espadanavam e se engalfinhavam no meio do rio, continuavam falando, embora nenhum deles pudesse lembrar mais tarde qual foi o tema da discussão. Qualquer que fosse, pareceu-lhes depois que havia sido algo calmo e pacífico, igual aos murmúrios entre eles que às vezes precediam o sono. A certa altura, Josef percebeu que seus membros se aquedam agora, estavam até quentes, e que ele estava se afogando. Sua última percepção consciente foi de Bernard Kornblum singrando as águas na direção deles, sua barba espessa envolta numa rede de cabelos.

Josef recobrou os sentidos uma hora depois, na sua cama, em casa. Foram precisos mais dois dias para que Thomas se reavivasse; na maior parte daquele tempo, ninguém, menos ainda seus pais médicos, achavam que ele se recuperaria. Nunca voltou a ser o mesmo depois daquilo. Não podia suportar o frio e sofria de uma fungada crônica. Também, talvez devido ao dano causado aos seus ouvidos, perdeu o gosto pela música; o libreto de *Houdini* foi abandonado.

As sessões de mágica foram interrompidas — a pedido de Bernard Kornblum. Ao longo das semanas difíceis que se seguiram à escapada, Kornblum foi um modelo de correção e preocupação, trazendo brinquedos e jogos para Thomas, intercedendo em favor de Josef junto aos Kavalier, assumindo a culpa toda. Os doutores Kavalier acreditavam em seus filhos quando diziam que Kornblum nada tivera a ver com o incidente e, uma vez que ele salvara os meninos de se afogar, estavam mais do que dispostos a perdoar. Josef foi tão penitente e casto que estavam até dispostos a permitir que continuasse seus estudos com o velho mágico empobrecido, que certamente não podia se dar ao luxo de perder um aluno. Mas Kornblum lhes disse que seu tempo com Josef chegara ao fim. Nunca tivera um estudante tão dotado por natureza, mas sua própria disciplina — que era realmente a única posse de um artista do escape — não fora passada adiante. Não lhes disse o que agora acreditava em particular: que Josef era um daqueles jovens infelizes que se tornam artistas da fuga não para provar a maquinaria superior de seus corpos contra coerções bizarras e as leis da física, mas por motivos perigosamente metafóricos. Tais homens sentem-se aprisionados por correntes invisíveis — embutidas, costuradas em camadas de enchimentos. Para eles, o feito final da autoliberação era por demais previsível.

Kornblum, mesmo assim, não conseguiu resistir e ofereceu a crítica final ao seu ex-aluno sobre o seu desempenho daquela noite.

— Nunca se preocupe com aquilo *de que* está escapando — falou.
— Reserve suas ansiedades para aquilo *para o que* você está escapando.

Duas semanas depois do desastre de Josef, com Thomas recuperado, Kornblum foi convocado ao apartamento perto do Graben para escoltar os irmãos Kavalier ao jantar no Hofzinser Club. Acabou que era um lugar bastante comum, com uma sala de jantar apertada e mal-iluminada que cheirava a fígado e cebola. Havia uma pequena biblioteca cheia de volumes bolorentos sobre ilusionismo e falsificação. No saguão, uma lareira elétrica lançava um brilho ínfimo sobre poltronas esparsas cobertas de veludo de lã puído e uns poucos vasos de palmeirinhas e seringueiras empoeiradas. Um velho garçom chamado Max deixou tombar alguns doces velhos e endurecidos do seu guardanapo no colo de Thomas. Tinham o sabor de café queimado. Os mágicos, por seu lado, mal erguiam os olhos de seus tabuleiros de xadrez e das mãos silenciosas de *bridge*. Onde faltavam cavalos e torres, recorriam a cartuchos usados de fuzil e pilhas de moedas pré-guerra; suas cartas de baralho estavam devastadas por anos de rugas, dobras e cortes nas mãos de desaparecidos mestres do baralho. Como nem Kornblum nem Josef possuíam qualquer talento para a conversação, caiu sobre Thomas a responsabilidade de falar à mesa, o que ele fez devidamente até que um dos membros, um velho necromante que jantava sozinho na mesa ao lado, mandou que calasse a boca. Às nove horas, como prometido, Kornblum levou os meninos para casa.

O par de jovens professores alemães bisbilhotando com suas lanternas elétricas nos caibros do telhado da sinagoga velha-nova, ou Alteneuschul, tinha, aparentemente, saído decepcionado; pois o sótão debaixo dos frontões da velha sinagoga gótica era um cenotáfio. Na virada para o século XX, os vereadores de Praga tinham decidido “sanitizar” o velho gueto. Durante um momento em que o destino da Alteneuschul parecia incerto, os membros do círculo secreto providenciaram para que o objeto sob sua guarda fosse removido de seu antigo repouso, debaixo de um monte de livros de preces invalidados no sótão da sinagoga, para um quarto num bloco de apartamentos nas proximidades, recém-construído por um membro do círculo que, na vida pública, era um bem-sucedido especulador imobiliário. Depois desta explosão de atividade fora do comum, no entanto, a inércia e a desorganização típicas do gueto se reafirmaram. A mudança, considerada apenas temporária, acabou não sendo revertida, mesmo depois que ficou claro que a Alteneuschul seria poupada. Poucos anos depois, porém, o seminário talmúdico em cuja biblioteca se encontrava o cadastro da transferência caiu debaixo da bola da demolição e o livro que continha o registro foi perdido. Em consequência, o círculo só pôde fornecer a Kornblum um endereço parcial do Golem, o número exato do apartamento onde ele fora escondido, tendo sido esquecido ou se tornado objeto de discussão. O fato embaraçoso era que nenhum dos atuais membros do círculo podia lembrar-se de ter posto os olhos no Golem desde 1917.

— Então por que mudar de novo? — perguntou Josef ao seu velho professor enquanto estavam parados diante do prédio *art nouveau*, há muito desbotado e coberto de manchas de fuligem, que lhes haviam indicado. Josef deu um puxão nervoso na sua barba postiça, que fazia seu queixo coçar. Usava também um bigode e uma peruca, tudo amarelo-avermelhado e de boa qualidade, e um par de óculos de tartaruga redondos e pesados. Consultando sua imagem no espelho de Kornblum naquela manhã, ele parecera a si mesmo, no terno de *tweed* Harris comprado para sua viagem à América, com um convincente ar escocês. Era menos claro para ele como, fazendo-se passar por um escocês nas ruas de Fraga, ajudaria a desviar a atenção das pessoas da missão sua e de Kornblum. Como acontecia com muitos novatos na arte do disfarce, não podia se sentir mais conspícuo do que se

estivesse nu ou usando uma placa de homem-sanduíche impressa com o seu nome e suas intenções.

Olhou para cima e para baixo da Nicholasgasse, o coração batendo contra as costelas como uma abelha numa vidraça. Nos dez minutos que levaram para caminhar do quarto de Kornblum até aqui, Josef havia passado três vezes por sua mãe, ou melhor, tinha passado por três mulheres desconhecidas cuja semelhança momentânea com sua mãe lhe haviam tirado o fôlego. Lembrava-se do verão anterior (depois de um dos episódios que imaginara haver partido seu jovem coração), quando, toda vez em que saía para a escola, para o Clube Alemão de Tênis na Grama, debaixo da ponte Carlos, para nadar na *Militär-und Civilschwimmschule*, a possibilidade de encontrar uma certa *Fraulein Felix* havia transformado cada esquina e cada soleira de porta num teatro potencial de vergonha e humilhação. Só que agora *ele* era o traidor das esperanças de outro. Não tinha dúvida de que sua mãe, quando passasse por ela, seria capaz de enxergar através de suas costeletas falsas.

— Se nem mesmo *eles* podem encontrá-lo, quem poderia?

— Estou seguro de que poderiam encontrá-lo — disse Kornblum. Tinha aparado sua barba, enxaguando o emaranhado de vermelho-acobreado que, Josef ficou chocado ao descobrir, usava há anos. Usava óculos sem aros e um chapéu preto de abas largas que sombreava seu rosto e apoiava-se realisticamente numa bengala de malaca. Kornblum arranjava aqueles disfarces do fundo do seu baú chinês, mas disse que vinham do espólio de Harry Houdini, que fazia uso frequente e hábil do disfarce na cruzada — durante sua vida inteira — para lograr e denunciar falsos médiuns. — Suponho que o medo é de que em breve eles serão — floreu o lenço e tossiu nele — *obrigados* a tentar.

Kornblum explicou ao superintendente do prédio, fornecendo um par de nomes falsos e brandindo credenciais e recomendações cuja fonte Josef nunca pôde determinar, que haviam sido enviados pelo Conselho Judaico (uma organização pública não ligada diretamente ao círculo secreto do Golem, embora em alguns casos sua coirmã) para examinar o edifício, como parte de um programa para acompanhar os movimentos dos judeus para dentro e para fora de Praga. Existia, de fato, tal programa, feito em base semivoluntária e com o sincero medo que caracterizava todas as relações do Conselho Judaico com o *Reichsprotektorat*. Os judeus da Boêmia, da Morávia e dos Sudetos estavam sendo concentrados na cidade, enquanto os judeus de Praga estavam sendo forçados a deixar suas velhas residências e a se instalar em bairros segregados, com duas ou três famílias frequentemente se apinhando num único apartamento. O tumulto resultante tornava difícil para o Conselho Judaico fornecer ao protetorado a informação

acurada que exigia constantemente; daí a necessidade de um censo. O superintendente do edifício em que o Golem dormia, que havia sido designado pelo protetorado como habitação de judeus, não viu nada que o fizesse questionar a história de seus documentos e os deixou entrar sem hesitação.

Começando do alto e descendo laboriosamente todos os cinco andares até o térreo, Josef e Kornblum bateram em cada porta do edifício e exibiram suas credenciais e tomaram nota meticulosamente dos nomes e dos parentescos. Com tantas pessoas empilhadas em cada apartamento, e tantos jogados ultimamente no desemprego, foi rara a porta que não se abriu no meio do dia. Em alguns dos apartamentos, acordos estritos tinham sido acertados entre os ocupantes díspares, ou então havia uma feliz bagunça de temperamento que mantinha a ordem, a educação e a limpeza. Mas, na maior parte dos apartamentos, as famílias pareciam não ter se instalado juntas, mas colidido com um impacto que lançou livros escolares, revistas, meias, cachimbos, sapatos, jornais, velas, bugigangas, cachecóis, manequins de costura, louças e fotografias emolduradas em todas as direções, espalhando-os através de quartos que tinham a aparência provisória do depósito de um leiloeiro. Em muitos apartamentos havia uma duplicação e reduplicação maluca de mobílias: sofás dispostos como bancos de igreja, um amontoado de cadeiras que daria para encher um grande café, um crescimento selvático de lustres, florestas de tocheiros, relógios sentados lado a lado nas cornijas da lareira, disputando a hora. Conflitos, da natureza de disputas de fronteira, haviam inevitavelmente irrompido. Roupa lavada era pendurada para demarcar as linhas de conflito e de trégua. Aparelhos de rádio em duelo estavam sintonizados em diferentes estações, os volumes altos e cada vez mais hostis. Em tais circunstâncias, o escaldar de uma leiteira, a fritura de um arenque, uma fralda suja esquecida num canto, podiam possuir um incalculável valor estratégico. Havia histórias de famílias reduzidas a um silêncio raivoso, comunicando por meios de notas hostis; três vezes, a simples indagação de Kornblum sobre a relação familiar entre os ocupantes resultou num berreiro amargo sobre graus de parentesco entre primos e disputas testamentárias que num caso levaram a uma agressão a soco. A interrogação circumspecta sobre maridos, esposas, tios-avôs e avós não trouxe à tona nenhuma menção de um misterioso hóspede, ou de uma porta que estivesse permanentemente fechada.

Quando, depois de quatro horas de tedioso e deprimente fingimento, o sr. Krumm e o sr. Rosenblatt, representantes da Comissão do Censo do Conselho Judaico de Fraga, haviam batido à porta de cada apartamento, ainda havia três não investigados — todos, por acaso, no quarto andar. Mas Josef achou que sentia

futilidade — embora duvidasse que o professor jamais admitisse isto — no andar dobrado do velho.

— Talvez — começou Josef e então, depois de uma breve luta, deixou continuar o pensamento —, talvez devêssemos desistir.

Estava exausto por sua charada e, quando pisaram de novo na calçada, apinhada com o tráfego de fim de tarde de escolares, funcionários e negociantes, donas de casa carregando sacolas de mercado e embrulhos de carne, todos a caminho de casa, estava consciente de que seu medo de ser descoberto, desmascarado, reconhecido por seus pais desapontados, fora substituído por um desejo agudo de vê-los de novo. A qualquer momento ele esperava — ansiava — por ouvir, sua mãe chamando seu nome, por sentir o toque do bigode úmido de seu pai contra sua face. Havia um resíduo de verão no céu azul aquoso, no odor floral emanado pelos pescoços nus das mulheres que passavam. Nos últimos dias, haviam colado cartazes anunciando um novo filme de Emil Jannings, o grande ator alemão e amigo do Reich, pelo qual Josef sentia uma admiração culpada. Certamente havia tempo para reagrupar, para estudar a situação no seio de sua família, e preparar uma estratégia menos lunática. A ideia de que seu plano prévio de fuga, pelos meios convencionais de passaportes e vistos subornados, podia de certa forma ser retomado e colocado em ação desencadeou um sussurro sedutor no seu coração.

— Claro que você pode fazer isto — disse Kornblum, apoiando-se na bengala com uma fadiga que parecia menos fingida do que de manhã. — Eu não tenho a liberdade. Ainda que não mande você, minha obrigação anterior persiste.

— Estava pensando que talvez tenha desistido do meu outro plano cedo demais.

Kornblum acenou com a cabeça mas nada disse, e o silêncio tanto contrabalançava o aceno como o cancelava.

— Esta não é a escolha, é? — disse Josef depois de um momento. — Entre o seu modo e o outro. Se eu tenho de ir embora, vai ter de ser à sua maneira, não? Não é assim?

Kornblum encolheu os ombros, mas seus olhos não estavam envolvidos no gesto. Estavam puxados nos cantos, brilhando de preocupação.

— Na minha opinião profissional — falou.

Poucas coisas no mundo tinham mais peso para Josef do que aquilo.

— Então não *há* nenhuma escolha — falou. — Eles gastaram tudo o que tinham. — Aceitou o cigarro que o velho lhe ofereceu. — Por que estou dizendo “Se eu tenho de ir embora”? — Cuspiu um floco de tabaco no chão. — Eu tenho de ir.

— O que você precisa fazer, meu rapaz — disse Kornblum —, é

lembrar que já se foi.

Seguiram até o Café Eldorado e sentaram-se, acalentando sanduíches de manteiga e ovo, dois copos de água Herbert e a melhor parte de um maço de Letkas. A cada 15 minutos, Kornblum consultava o relógio de pulso, com intervalos tão regulares e precisos que tornavam o gesto supérfluo. Depois de duas horas pagaram a conta, deram uma parada no banheiro dos homens para esvaziar a bexiga e ajustar suas roupas e seus disfarces e voltaram ao 26 da Nicholasgasse. Com muita rapidez obtiveram informação de dois dos três apartamentos misteriosos, o 40 e o 41, descobrindo que o primeiro, um minúsculo dois-quartos, pertencia a uma senhora idosa que estava tirando uma soneca na última vez em que os falsos agentes do censo bateram à porta; e que o segundo, de acordo com a mesma velhinha, estava alugado a uma família chamada Zweig ou Zwang, que tinha ido a um funeral em Zuerau ou Zilina. A confusão alfabética da mulher parecia ser parte de uma incerteza mais global — ela atendeu a porta de camisola e uma só meia e dirigiu-se a Kornblum, por nenhuma razão óbvia, como *Herr Kapitan* — incluindo, entre outros pontos de dúvida, o apartamento 42, o terceiro não recenseado, sobre cujo ocupante, ou cujos ocupantes, não foi capaz de fornecer nenhuma informação. Batidas repetidas na porta do 42 durante a hora que se seguiu não trouxeram ninguém. O mistério aprofundou-se quando eles voltaram ao vizinho do 43, o último dos quatro apartamentos do andar. Mais cedo naquela tarde, Kornblum e Josef tinham falado ao chefe da casa: duas famílias, as esposas e 14 filhos de irmãos, amontoados em quatro quartos. Eram judeus religiosos. Como antes, o mais velho veio à porta. Era um homem atarracado com um solidéu e franjas, e uma grande barba negra e cerrada que parecia mais falsa a Josef do que a sua. O irmão consentiu em lhes falar apenas através de uma fresta de dez centímetros, através de uma corrente de bronze, como se deixá-los entrar pudesse contaminar sua casa ou expor as mulheres e crianças a influências deletérias. Mas seu corpanzil não podia impedir a passagem dos gritos e risos de crianças, das vozes das mulheres, do cheiro de cenouras cozinhando e de cebolas quase se desmanchando numa frigideira de gordura.

— O que os senhores querem com aquilo...? — disse o homem depois que Kornblum perguntou pelo apartamento 42. Ele parecia com alguma dúvida na cabeça sobre o nome que ia empregar e soltou: — Não tenho nada a ver com aquilo.

— Aquilo? — disse Josef, incapaz de se conter, embora Kornblum houvesse recomendado que se mantivesse no papel do parceiro silencioso. — Aquilo o quê?

— Nada tenho a dizer. — O rosto comprido do homem — era um lapidador de joias, com olhos azuis, tristes, exoftálmicos — parecia

tomado por ondas de enjoo. — Pelo que sei, o apartamento está vazio. Não presto atenção. Não posso lhes informar nada. Por favor, desculpem-me.

Bateu a porta. Josef e Kornblum olharam um para o outro.

— É o 42 — disse Josef, quando entravam no trepidante elevador.

— Vamos descobrir — disse Kornblum. — Imagino.

Ao voltar para o seu quarto, passaram por uma lata de lixo e nela Kornblum jogou o maço de papel fino preso por cliques em que ele e Josef haviam nomeado e numerado os ocupantes do edifício. Antes que tivessem subido uma dúzia de degraus, porém, Kornblum parou, virou-se e voltou. Com um gesto experiente, arregaçou a manga e enfiou o braço na lixeira enferrujada. Seu rosto assumiu um ar atormentado e estoico enquanto tateava nos restos desconhecidos que enchiam a lata. Depois de um momento, puxou a lista, agora manchada por um desagradável borrão verde. O maço de papéis tinha a espessura de pelo menos dois centímetros. Com uma gesto brusco de seus braços vigorosos, Kornblum o rasgou precisamente ao meio. Juntou as metades e rasgou-as em quartos e então juntou os quartos e os rasgou em oitavos. Seu semblante permaneceu neutro, mas com cada divisão e nova junção o maço de papel ficava mais grosso, a força exigida para rasgá-lo aumentando proporcionalmente, e Josef sentia uma raiva crescente em Kornblum enquanto fazia em estilhaços o inventário, por nome e idade, de cada judeu que morava na Nicholasgasse 26. Então, com o sorriso gélido do homem de espetáculos, fez chover os pedacinhos de papel na lata de lixo, como moedas no famoso quadro ilusionista Chuva de Ouro.

— Desprezível — falou, mas Josef não estava seguro, então ou depois, de quem ou do que ele estava falando: da artimanha em si, dos ocupantes que a tornaram plausível, dos judeus que haviam se submetido a ela sem se questionar, ou de si mesmo por tê-la perpetrado.

Bem depois da meia-noite, após um jantar de queijo duro, eperlanos em lata e pimentões-doces, e de uma noite passada triangulando as notícias divergentes da Rundesfunk, da Rádio Moscou e da BBC, Kornblum e Josef voltaram à Nicholasgasse. As extravagantes portas da frente, de vidro blindado emoldurado em ferro no formato de lírios inclinados, estavam trancadas, mas naturalmente isto não apresentou nenhuma dificuldade a Kornblum. Em menos de um minuto tinham entrado e subiram as escadas até o quarto andar, seus silenciosos sapatos de solas de borracha no tapete gasto. As luzes de parede trabalhavam com interruptores mecânicos e haviam há muito sido apagadas para a noite. À medida que avançavam, um silêncio unânime filtrava pelas paredes da escadaria e dos corredores, tão sufocante como um cheiro. Josef tateou seu

caminho, hesitando, ouvindo o sussurro das calças do mestre, mas Kornblum movia-se confiantemente na escuridão. Só parou quando chegou à porta do 42. Acendeu um isqueiro e agarrou a maçaneta da porta e ajoelhou-se, usando a maçaneta para se aprumar. Passou então o isqueiro para Josef. Estava quente contra a palma da mão. Ficou ainda mais quente enquanto ele o mantinha aceso para que Kornblum pudesse desfazer o laço de sua sacola de gazuas. Quando ele desenrolou o saquinho, Kornblum ergueu a vista para Josef com uma pergunta nos olhos, uma amálgama professoral de dúvida e encorajamento. Bateu nas gazuas com as pontas dos dedos. Josef acenou com a cabeça e apagou o isqueiro. A mão de Kornblum procurou a de Josef. Josef segurou-a e ajudou o velho a ficar de pé com um audível estalar de ossos. Então devolveu o isqueiro e ajoelhou-se, para ver se ainda sabia trabalhar numa porta.

Havia um par de travas, uma montada no trinco e a segunda colocada mais acima, uma cavilha morta. Josef selecionou uma gazua com um parêntese encurvado na ponta e, com um golpe da chave de torque, liberou com facilidade a fechadura inferior uma engenhoca barata de três pinos. Mas a cavilha morta lhe deu trabalho. Acariciou e fez cócegas nos pinos, procurou suas frequências ressonantes como se a gazua fosse uma antena ligada ao indutor trêmulo de sua mão. Mas não houve nenhum sinal; seus dedos haviam ficado mortos. Começou a ficar impaciente e então constrangido, bufando e soprando entre os dentes. Quando desistiu com um sibilante *Scheiss*, Kornblum colocou uma mão pesada sobre seu ombro e então acendeu outro isqueiro. Josef inclinou a cabeça, levantou-se lentamente e entregou a gazua a Kornblum. No instante em que a chama do isqueiro ia se apagar de novo, foi humilhado pela falta de consolo na expressão de Kornblum. Quando estivesse lacrado dentro de um caixão, num vagão de carga na plataforma da estação de Vilna, ia ter de fazer um trabalho melhor.

Segundos depois que Josef passou a gazua, estavam dentro do apartamento 42. Kornblum fechou a porta suavemente atrás deles e acendeu a luz. Tiveram apenas tempo de observar a estranha decisão de mobiliar os aposentos do Golem numa profusão de cadeiras Luís XV, peles de tigre e candelabros de ouropele quando uma voz baixa, breve e irresistível disse: “Mãos ao alto, senhores.”

Quem falou era uma mulher de cerca de cinquenta anos, vestida num roupão de cetim verde e com chinelas que combinavam. Duas mulheres mais moças estavam atrás dela, com expressões duras e quimonos ornados, mas era a mulher de verde que segurava a arma. Depois de um momento, um homem idoso emergiu do corredor atrás das mulheres de meias, as fraldas da camisola drapejando, suas pernas de palha de vassoura pálidas e nodosas. Seu rosto enrugado com nariz

de batata era estranhamente familiar a Josef.

— Max — disse Kornblum, seu rosto e sua voz traindo surpresa pela primeira vez desde que Josef o conhecera. Foi então que Josef reconheceu, no velho seminu, o garçom mágico que tirava doces do guardanapo daquela noite única em que ele e Thomas foram ao Hofzinsler Club anos atrás. Descendente linear, souberam depois, do criador do Golem, o rabino Judah Loew ben Bezalel, e o homem que trouxera pela primeira vez o nome de Kornblum à atenção do círculo secreto, o velho Max Loeb examinou a cena diante de si, estreitando os olhos, tentando situar este velho de barba cinzenta num chapéu mole e com uma voz imponente e treinada para o palco.

— *Kornblum?* — adivinhou finalmente e sua expressão preocupada mudou rapidamente para outra, de piedade e divertimento. Sacudiu a cabeça e fez sinal à mulher de verde de que podia abaixar a arma. — Posso prometer-lhe uma coisa, Kornblum, você não vai encontrá-lo aqui — disse e então acrescentou com um sorriso amargo: — Eu venho fuçando este apartamento há anos.

Cedo na manhã seguinte, Josef e Kornblum encontraram-se na cozinha do apartamento 42. Trudi, a mais jovem das três prostitutas, serviu-lhes café em taças Herend em forma de concha. Era uma garota cheia, simples e inteligente que estudava para ser enfermeira. Depois de liberar Josef do fardo da inocência na noite anterior num procedimento que exigiu menos tempo do que levou agora para preparar um bule de café, Trudi tinha colocado seu quimono rosa-cereja e se instalado na sala de estar para estudar um texto sobre flebotomia, deixando a Josef o calor de sua colcha de pena de ganso, o cheiro de lilás de sua nuca e do seu rosto impregnado no travesseiro fresco, a escuridão perfumada do seu quarto de dormia a vergonha do seu contentamento.

Quando Kornblum entrou na cozinha aquela manhã, seus olhos e os de Josef se buscaram e se evitaram e sua conversa foi monossilábica; enquanto Trudi estava ainda na cozinha, mal respiraram. Não que Kornblum se arrependesse de ter corrompido seu jovem pupilo. Ele frequentava prostitutas há décadas e tinha opiniões liberais sobre a utilidade e o bom senso do comércio sexual. Suas camas tinham sido mais confortáveis e muito mais fragrantas do que as instalações no quarto apertado de Kornblum, com seu catre único e os canos que retiniam. Ainda assim, ele estava embaraçado e, do arco culpado do ombro ao olhar evasivo, Kornblum depreendia que o jovem sentia o mesmo.

A cozinha do apartamento cheirava a bom café e a *eau de lilas*. Um sol pálido de outubro atravessava a cortina da janela e lançava uma sombra em ponta de agulha ao longo da limpa superfície de pinho da mesa. Trudi era uma garota admirável, e as dobradiças antigas e

desbastadas do esqueleto comprometido de Kornblum pareciam ter readquirido uma atividade elástica no abraço de sua velha parceira, madame Willi — a mulher que segurava a arma.

— Bom dia — murmurou Kornblum.

Josef enrubesceu. Abriu a boca para falar; mas um espasmo de tosse pareceu tomar conta dele e sua resposta foi truncada e espalhada no ar. Tinham desperdiçado uma noite para o prazer numa ocasião em que tanto parecia depender da urgência e da dedicação.

Apesar do desconforto moral, foi de Trudi que Josef recebeu uma valiosa peça de informação.

— Ela ouviu umas crianças falando — disse a Kornblum depois que a garota, debruçando-se para plantar um beijo breve, cheirando a café, na sua face, deixou a cozinha e foi pelo corredor para sua cama desarrumada. — Existe uma janela em que ninguém nunca vê nenhum rosto.

— As *crianças* — disse Kornblum, com um breve sacudir de cabeça.

— Claro.

Parecia com raiva de si mesmo por ter negligenciado esta fonte óbvia de surpreendente informação.

— E em que andar fica esta janela misteriosa?

— Ela não sabia.

— De que lado do edifício?

— Novamente, ela não sabia. Achei que podíamos encontrar uma criança e perguntar.

Kornblum sacudiu a cabeça. Deu um outro trago no seu Letka, bateu com o dedo nele, virou-o, estudou o minúsculo símbolo do avião impresso no papel. Bruscamente, levantou-se e começou a mexer nas gavetas da cozinha, passando para os armários, até que achou uma tesoura. Carregou a tesoura até a sala de estar dourada, onde começou a abrir e fechar gavetas. Com movimentos suaves e precisos, examinou as gavetas de um ornado aparador na sala de jantar. Finalmente, numa mesa no saguão da frente, encontrou uma caixa de papel de carta, folhas pesadas em azul-esverdeado claro. Voltou à cozinha com o papel e a tesoura e sentou-se de novo.

— Vamos dizer às pessoas que esquecemos uma coisa — falou, dobrando uma folha de papel ao meio e cortando-a, sem hesitação, sua mão firme e segura. Com meia dúzia de movimentos, tinha cortado o contorno de três pontas de um barco de papel, do tipo que as crianças fazem com folhas de jornal. — Vamos dizer que eles têm de colocar uma destas em cada janela. Para mostrar que foram contadas.

— Um barco — disse Josef. — Um barco?

— Não é um barco — disse Kornblum. Largou a tesoura e abriu ao meio o papel dobrado e cortado e exibiu uma pequena estrela de davi

azul.

Josef tremeu ao vê-la, arrefecido pela plausibilidade desta iniciativa imaginária.

— Eles não vão fazer isto — disse, observando enquanto Kornblum encostava a pequena estrela contra a janela da cozinha. — Não vão obedecer.

— Eu gostaria de esperar que você estivesse certo, meu jovem — disse Kornblum. — Mas precisamos muito que esteja errado.

Dentro de duas horas, cada família no edifício tinha enfeitado suas janelas com lantejoulas azuis. Por meio deste simples estratagema, o quarto que continha o Golem de Praga foi redescoberto. Estava no último andar do Nicholasgasse 26, na parte traseira; sua janela solitária dava para o pátio dos fundos. Uma geração de crianças brincando tinha, como pastores que olham para os céus nos campos antigos, aperfeiçoado uma história natural das janelas que olhavam para elas como estrelas; em seu vácuo perpétuo, esta janela, como um planetaide retrógrado, tinha chamado atenção e inflamado imaginações. Também acabou sendo o único meio de ingresso para o velho artista de escape e seu protegido. Havia, ou melhor, houvera, certa vez, uma porta, mas tinha sido coberta de reboco e de papel de parede, sem dúvida na época da instalação do Golem na sala. Como o telhado era facilmente acessível pela escada principal, Kornblum achou que chamaria menos atenção se descessem, protegidos pela escuridão, por meio de cordas e entrassem pela janela, em vez de tentarem arrombar a porta.

Uma vez mais voltaram ao edifício depois da meia-noite — a terceira noite da existência de Josef como uma sombra na cidade. Desta vez vieram vestidos em roupas escuras e chapéus-coco, carregando maletas negras que lembravam as de médicos, tudo fornecido por um membro do círculo secreto que era dono de uma funerária. Neste garbo mortuário, Josef desceu, mão após mão enluvada pela corda, até o beiral da janela do Golem. Caiu muito mais rápido do que tencionava, quase ao nível da janela no andar de baixo, e então conseguiu interromper a descida com uma sacudida brusca que pareceu arrancar seu ombro do soquete. Olhou para o alto e, no escuro, podia apenas distinguir o contorno da cabeça de Kornblum, sua expressão tão ilegível quanto os punhos que seguravam a outra ponta da corda. Josef soltou um suspiro baixo entre os dentes cerrados e subiu de volta à janela do Golem.

Estava trancada, mas Kornblum o havia municiado com um pedaço de arame duro. Josef pendeu, os tornozelos enrolados como uma cobra na extremidade da corda, prendendo-se a ela com uma das mãos, enquanto com a outra ele atacava com o arame entre a banda superior, externa, e a banda inferior da janela, interna. Sua face se

esfolava contra o tijolo, seu ombro queimava, mas o único pensamento de Josef era uma prece de que desta vez ele não falhasse. Finalmente, quando a dor na junta do ombro começava a se misturar com a pureza do seu desespero, Josef conseguiu abrir o trinco. Passou os dedos pela banda inferior da janela, girou-a para cima e saltou para dentro do quarto. Ficou parado, ofegante, massageando o ombro em círculos. Um momento depois, houve um estalido de corda ou de ossos velhos, um arquejo abafado e então as pernas longas e estreitas de Kornblum entraram pela janela aberta. O mágico acendeu sua lanterna e inspecionou o quarto até que achou um bocal de lâmpada pendurado do teto por um fio com uma laçada. Curvou-se para alcançar sua maleta de agente funerário, tirou uma lâmpada e passou-a a Josef, que foi na ponta dos pés atarraxá-la.

O ataúde em que fora colocado o Golem de Praga era o simples caixão de pinho prescrito pela lei judaica, mas largo como uma porta e comprido o suficiente para acolher dois rapazes adolescentes da cabeça aos pés. Jazia atravessado sobre um par de sólidos cavaletes de serrador no centro de uma sala vazia. Depois de mais de trinta anos, o assoalho do aposento do Golem parecia novo; livre de poeira, lustroso e liso. A tinta branca das paredes estava imaculada e ainda guardava uma pungência de emulsão fresca. Até então, Josef estava inclinado a desconfiar da estranheza no plano de fuga de Kornblum, mas agora, na presença deste enorme caixão, nesta sala atemporal, sentiu um desconfortável calafrio passar pelo pescoço e pelos ombros. Kornblum também aproximou-se do ataúde com visível desconfiança, estendendo até sua áspera tampa de pinho uma mão que hesitou um momento antes de tocá-la. Caminhou cautelosamente ao redor do ataúde, sentindo as cabeças dos pregos, contando-as, inspecionando sua condição e a condição das dobradiças e dos parafusos que prendiam as dobradiças.

— Está tudo bem — disse em voz baixa, com um aceno de cabeça, tentando claramente animar a si mesmo tanto quanto a Josef. — Vamos prosseguir com o restante do plano.

O restante do plano de Kornblum, a cujo ponto intermediário haviam chegado, era este:

Primeiro, usando as cordas, carregariam o ataúde para fora pela janela, até o telhado, e a partir daí, posando como agentes funerários, pelas escadas e para fora do edifício. Na agência funerária, numa sala que fora reservada para eles, preparariam o Golem para embarque por trem até a Lituânia. Começariam depenando o caixão, o que envolvia retirar os pregos de um lado e substituí-los por pregos cortados e lixados para ficarem mais curtos, deixando uma protuberância apenas suficiente para prender o lado abreviado ao resto do caixão. Com isso, quando chegasse a hora, Josef poderia, sem muita dificuldade, tirar o

corpo fora. Aplicando o princípio sagrado do despistamento, eles a seguir equipariam o caixão com um “painel de inspeção”, fazendo um corte através da tampa a cerca de um terço da extremidade onde ficava a cabeça e equipando esta terça parte superior com um trinco, de modo a permitir, como a metade superior de uma porta holandesa, que se abrisse separadamente da parte inferior. Isto permitiria uma boa visão do rosto e do peito do falecido Golem, mas não da porção do ataúde em que Josef se encolheria. Depois disto, etiquetariam o caixão, seguindo todos os complicados regulamentos e procedimentos e afixando os elaborados formulários necessários para o transporte de despojos humanos. Certidões de óbito forjadas e outros documentos requeridos teriam sido deixados para eles, adequadamente escondidos, na sala de trabalho da funerária. Depois que o caixão fosse preparado e documentado, eles teriam de carregá-lo num carro fúnebre e levá-lo até a estação de trens. A caminho, nos fundos do carro, Josef saltaria para dentro do caixão ao lado do Golem, fechando o painel que fora encurtado. Na estação, Kornblum verificaria se o caixão estava realmente lacrado e o entregaria aos cuidados dos carregadores, que o colocariam dentro do trem. Quando o caixão chegasse à Lituânia, Josef, à primeira oportunidade, arrombaria o painel, se desvencilharia e iria descobrir o destino que o aguardava no litoral báltico.

Agora que se viam confrontados com os materiais concretos do truque, porém — como ocorria frequentemente — Kornblum encontrou dois problemas.

— É um gigante — disse, sacudindo a cabeça, falando num sussurro tenso. Com seu pé de cabra miniatura, soltou os pregos ao longo de um lado da parte superior do caixão e levantou a tampa sobre suas dobradiças de estanho galvanizado que rangeram. Ficou olhando para aquele deplorável pedaço de barro inocente e sem vida. — E está nu.

— É muito grande.

— Nunca o faremos passar pela janela. E, se o fizermos, jamais conseguiremos vesti-lo.

— Por que vamos ter de vesti-lo? Ele tem estes panos, os lenços judaicos — disse Josef apontando para os taletes, os mantos de preces em que o Golem fora embrulhado. Estavam rasgados e manchados, mas não exalavam nenhum odor de corrupção. O único cheiro que Josef podia detectar no Golem era um odor fraco demais para se assinalar, acre e verde, que mais tarde identificaria como o doce fedor, numa tarde de verão em dias de canícula, no Moldau. — E os judeus não devem ser enterrados nus?

— É exatamente este o problema — disse Kornblum. Explicou que, de acordo com uma recente promulgação, era ilegal transportar até mesmo um judeu morto para fora do país sem a autoridade direta do

Reichsprotector von Neurath. — Precisamos praticar os truques do nosso ofício. — Sorriu sutilmente, acenando para as malas pretas de agente funerário. — Passe ruge nas suas faces e nos seus lábios. Cubra aquele crânio com uma peruca convincente. Alguém vai olhar para dentro do caixão e, quando o fizer, queremos que veja um gigante *goy*. — Fechou os olhos como se visualizando o que queria que as autoridades vissem, caso determinassem a abertura do caixão. — De preferência num terno bem elegante.

— Os mais belos ternos que já vi — disse Josef — pertenciam a um gigante morto.

Kornblum estudou-o, sentindo uma implicação nas palavras que era incapaz de decifrar.

— Alois Hora. Tinha mais de dois metros de altura.

— Do Circo Zeletny? — disse Kornblum. — O “Montanha”?

— Usava ternos feitos na Inglaterra, em Savile Row. Coisas enormes.

— Sim, sim, estou lembrado — disse Kornblum, acenando com a cabeça. — Eu o via com frequência no Café Continental. Belos ternos — concordou.

— Acho — começou Josef. Hesitou. Disse: — Acho que sei onde posso encontrar um.

Não era de todo incomum nesta época para um médico que tratava de casos hormonais manter um guarda-roupa de maravilhas, recheado de roupas de baixo do tamanho de cobertores de cavalos, chapéus-melão não maiores do que tigelas de cereja e todo tipo de prodígios variados de armarinho e sapataria. Estes itens, que o pai de Josef adquirira ou ganhara ao longo dos anos, eram guardados num armário em seu escritório no hospital, com a intenção louvável mas frustrante de impedir que se tornassem objetos de curiosidade mórbida para as crianças. Nenhuma visita ao local de trabalho do pai era completa sem que os meninos pelo menos fizessem uma tentativa de persuadir o dr. Kavalier a deixá-los ver o cinto, gordo e coleante como uma jiboia, do gigante Vaclav Sroubek, ou os chinelos do tamanho de um dedo da minúscula srta. Petra Frantisek. Mas, depois que o doutor fora dispensado de sua posição no hospital, junto com o resto dos judeus na faculdade, o guarda-roupa das maravilhas viera para casa e seus conteúdos, em caixas de mudança seladas, foram enfiados num armário no seu escritório. Josef estava certo de que encontraria alguns dos ternos de Alois Hora entre os guardados.

E assim, depois de viver durante três dias em Praga como uma sombra, foi como uma sombra que ele finalmente voltou para casa. Passara muito tempo do toque de recolher e as ruas estavam desertas, com exceção de alguns sedãs compridos com bandeiras sobre os para-lamas e impenetráveis janelas escuras e, uma vez, um caminhão

carregado de garotos em casacos cinzentos portando armas. Josef seguiu lenta e cuidadosamente, enfiando-se nos vãos de portas, agachando-se atrás de um carro estacionado ou de um banco, quando ouvia um barulho de motor ou quando um par de faróis varria as fachadas das casas, os toldos, as pedras na rua. No bolso do casaco levava as gazuas que Kornblum achava que precisaria para o trabalho, mas quando Josef chegou à porta de serviço do edifício perto do Graben verificou que, como não era difícil de acontecer, ela estava aberta e fora escorada por uma lata de conserva, provavelmente por alguma empregada saindo sem autorização ou por algum marido vagabundo.

Josef não encontrou ninguém no saguão dos fundos ou nas escadas. Não havia nenhum bebê chorando por uma mamadeira, nenhum acorde de Weber de um rádio notívago, nenhum fumante idoso entregue à ocupação noturna de tossir seus pulmões para fora. Embora as luzes do teto e das paredes estivessem acesas, o sono coletivo do edifício parecia ainda mais profundo que aquele da Nicholasgasse 26. Josef achou esta calma perturbadora. Sentiu o mesmo calafrio na nuca, o arrepio na carne, que tinha sentido quando entrou na sala vazia do Golem.

Ao deslizar pelo corredor, notou que alguém havia jogado fora uma pilha de roupas no tapete do lado de fora da casa de sua família. Durante um momento pré-consciente, seu coração saltou ao pensamento de que, por algum movimento de sonho, um dos ternos que procurava fora de certa forma abandonado ali. Então Josef viu que não era um simples monte de roupas, mas roupas habitadas por um corpo, alguém embriagado, ou desmaiado, ou expirado no corredor. Uma garota, pensou, alguma paciente de sua mãe. Era raro, mas não incomum, que um analisando, perturbado pelas marés da transferência e da dessublimação, buscasse segurança na soleira da dra. Kavalier, ou, em contraste, inflamado pelo ódio especial da contratransferência, se deixasse largar ali em alguma condição desesperada, como uma brincadeira cruel, como um saco de papel com cocô de cachorro incendiado.

Mas as roupas pertenciam ao próprio Josef e o corpo dentro delas era de Thomas. O garoto estava deitado de lado, os joelhos colados no peito, a cabeça usando como travesseiro um braço que procurava alcançar a porta, os dedos estendidos com um ar de alguma intenção, como se houvesse adormecido com uma mão na maçaneta e então caísse ao chão. Usava calças de veludo cotelê cor de carvão, reluzentes nos joelhos, um imenso suéter com um grande buraco debaixo do braço e um permanente fantasma de graxa de bicicleta no formato da Tchecoslováquia na pala que, Josef sabia, seu irmão gostava de colocar toda vez que se sentia doente ou solitário. Do colarinho do

suéter sobressaíam as lapelas cilíndricas de um paletó de pijama. As bainhas das calças do pijama sobressaíam das pernas das calças emprestadas. A face direita de Thomas estava achatada sobre seu braço estendido e sua respiração estertorava, regular e clamorosa, através de seu nariz permanentemente encatarrado. Josef sorriu e começou a ajoelhar-se ao lado de Thomas para acordá-lo, e brincar com ele, para levá-lo até a cama. Então se lembrou de que aquilo não lhe era permitido — não podia se permitir — fazer conhecida sua presença. Não podia pedir a Thomas que mentisse aos pais, nem podia realmente confiar que ele o fizesse de maneira continuada. Recuou, tentando pensar no que teria acontecido e qual a melhor providência que podia tomar. Como Thomas ficara trancado do lado de fora? Fora ele quem deixara a porta de serviço aberta e escorada? O que o levaria a arriscar-se saindo tão tarde quando, como todo mundo sabia, uma menina em Vinorhady, não muito mais velha do que Thomas, há poucas semanas se esgueirara para fora de casa à procura do cachorro perdido e fora fuzilada, num beco sombrio, por violar o toque de recolher? Houve expressões oficiais de pesar de von Neurath com relação ao incidente, mas nenhuma promessa de que tal coisa não se repetiria. Se Josef pudesse de algum jeito acordar o irmão sem ser detectado — talvez jogando, da quina do corredor, uma moeda de cinco hellers na sua cabeça — será que Thomas tocaria a campainha para que o deixassem entrar? Ou estaria envergonhado demais e preferisse continuar passando a noite no corredor gélido e escuro, deitado no chão? E como ele, Josef, poderia apanhar as roupas do gigante com o irmão dormindo diante da porta ou com toda a casa acordada e em tumulto por causa da teimosia do menino?

Estas especulações foram interrompidas quando Josef pisou em algo que rangeu, algo ao mesmo tempo mole e rígido, debaixo do seu calcanhar. Seu coração parou e ele olhou para o chão, e dançou para trás enojado, ao ver não um camundongo esmigalhado, mas a bolsa de couro de gazuas que fora a recompensa ganha de Bernard Kornblum. Os olhos de Thomas palpitararam, ele fungou, e Josef esperou, encolhido, para ver se o irmão voltava a cair no sono. Thomas sentou-se bruscamente. Com as costas da mão limpou a saliva de seus lábios, piscou e deu um breve suspiro.

— Oh, céus — falou, olhando sonolento e sem surpresa por encontrar seu irmão a caminho do Brooklyn agachado ao seu lado, três dias depois de haver supostamente partido, no corredor do seu edifício, no coração de Praga. Thomas abriu a boca para falar de novo, mas Josef a cobriu com a palma da mão e pediu silêncio cruzando os lábios com o dedo. Sacudiu a cabeça e apontou para a porta.

Quando Thomas lançou os olhos na direção da porta do seu apartamento, finalmente pareceu acordar. Sua boca estreitou-se

fazendo um bico, como se tivesse algo amargo na língua. Suas sobranceiras negras amontoaram-se sobre o nariz. Sacudiu a cabeça e de novo tentou dizer algo e novamente Josef cobriu-lhe a boca, desta vez menos gentilmente. Josef apanhou sua velha sacola de gazuas, que não via há meses, talvez anos, e que achava, quando deu alguma atenção ao assunto, que havia perdido. A fechadura da porta dos Kavalier era uma das que, em outra época, Josef havia aberto a gazua com sucesso muitas vezes. Abriu com pouca dificuldade e os dois entraram, pisando no vestíbulo da frente, Josef agradecido pelo cheiro familiar de fumo para cachimbo e cigarros, pelo ronco distante da geladeira elétrica. Então ele pisou na sala de estar e viu que o sofá e o piano tinham sido cobertos por colchas. O aquário estava vazio, sem peixes e sem água. O vaso de laranjas, em terracota com incrustações de anjinhos, havia desaparecido. Caixotes empilhavam-se no meio da sala.

— Mudaram-se? — perguntou, no sussurro mais suave de que foi capaz.

— Para Dlouha onze — disse Thomas num tom normal. — Esta manhã.

— Mudaram-se — falou Josef, incapaz agora de erguer a voz, embora não houvesse ninguém a ouvi-los, ninguém para alertar ou perturbar.

— É um lugar *horrível*. Os Katzes são pessoas *horríveis*.

— Os Katzes? — Eram primos de sua mãe, aos quais ela nunca ligara muito, que tinham este sobrenome. — Viktor e Renata?

Thomas acenou com a cabeça.

— E os Gêmeos Catarro — rolou os olhos. — E seu *horrível* papagaio. Eles o ensinaram a falar “Levanta esta bunda, Thomas”. — Fungou, deu um riso abafado quando o irmão o fez e então, com outra aglomeração das sobranceiras, começou a desferir uma série de soluços de tosse, cautelosos e sufocados, como se fosse doloroso pô-los para fora. Josef apanhou-o em seus braços, rigidamente, e de repente pensou como fazia tempo que não ouvia Thomas chorar livremente, um som que antigamente era tão comum na casa como o apito da chaleira ou o riscar de fósforo do seu pai. O peso de Thomas no seu joelho era difícil de manejar; seu corpo desajeitado e complicado de abraçar; parecia ter crescido de menino para jovem apenas nos últimos três dias.

— Tem uma tia detestável — disse Thomas — e um cunhado debiloide que chega amanhã de Frydlant. Eu queria voltar aqui. Só por esta noite. Mas não consegui abrir a fechadura.

— Entendi — disse Josef, entendendo apenas que, até agora, até este momento, seu coração nunca se quebrara. — Você nasceu neste apartamento.

Thomas acenou com a cabeça.

— Que dia, aquele... — disse Josef, tentando alegrar o garoto. — Nunca fiquei tão desapontado em minha vida.

Thomas sorriu polidamente.

— Quase todo o edifício se mudou — disse, deslizando do joelho de Josef. — Só os Kravnik, os Policek e os Zlatny tiveram permissão de ficar.

Enxugou o rosto com o antebraço.

— Não suje meu suéter de suor — disse Josef, empurrando o braço do irmão para o lado.

— Você o deixou.

— Eu poderia mandar buscá-lo.

— Por que não foi embora? — perguntou Thomas. — Que aconteceu com seu navio?

— Houve dificuldades. Mas devo partir esta noite. Não deve contar a mamãe e papai que me viu.

— Não vai vê-los?

A pergunta e o tom choroso na voz de Thomas ao fazê-la causaram pena a Josef. Ele sacudiu a cabeça.

— Só tive que dar uma corrida até aqui para pegar uma coisa.

— Dar uma corrida de onde?

Josef ignorou a pergunta.

— Tudo ainda está aqui?

— Exceto algumas roupas e alguns apetrechos de cozinha. E minha raquete de tênis. E minhas borboletas. E o seu rádio. — Era um aparelho de vinte válvulas, embutido numa valise bem pesada de pinho oleado que Josef tinha construído de peças avulsas, o radioamadorismo tendo se sucedido ao ilusionismo e precedido a arte moderna no duelo das paixões de Josef, enquanto Houdini e depois Marconi cediam lugar a Paul Klee e à matrícula de Josef na Academia de Belas-Artes. — Mamãe carregou o aparelho no colo no bonde. Disse que ouvi-lo era como ouvir a sua voz. E ela preferia ter sua voz para lembrar a uma fotografia, até.

— Ela disse que eu não fotografava bem, mesmo.

— Sim, disse isto, de fato. A carroça está vindo aqui amanhã de manhã para pegar o resto de nossas coisas. Vou pegar uma carona com o cocheiro. Vou segurar as rédeas. O que é que você precisa? Voltou para buscar o quê?

— Espere aqui — disse Josef. Já tinha revelado demais. Kornblum ia ficar muito aborrecido.

Seguiu pelo corredor até o estúdio do pai, verificando para ter certeza de que Thomas não o seguira e fazendo o melhor para ignorar os caixotes empilhados, as portas abertas que a esta altura deveriam estar fechadas há muito tempo, os tapetes enrolados, as batidas

lastimáveis dos saltos de seus sapatos nos assoalhos nus de madeira. No escritório do pai, a escrivaninha e as estantes tinham sido embaladas em colchas e amarradas com correias de couro, os quadros e cortinadas retirados. As caixas que continham as esquisitas roupas de anomalias endócrinas haviam sido arrancadas do armário e empilhadas, convenientemente, ao lado da porta. Cada uma tinha uma etiqueta colada, cuidadosamente escrita na letra firme e regular de seu pai, que dava uma conta precisa dos conteúdos da caixa:

VESTIDOS (5) — MARTINKA

CHAPÉU (PALHA) — ROTHMAN

CAMISOLA DE CRISMA — SROUBEK

Por algum motivo, a visão destas etiquetas tocou Josef. A escrita era tão legível como se tivesse sido impressa em tipo, cada letra calçada e enluvada com serifas, os parênteses perfeitamente franzidos, os hífens ondulados que estilizavam flechas de relâmpagos. As etiquetas tinham sido escritas com amor; seu pai sempre expressara aquela emoção melhor se preocupando com detalhes. Nestes esforços paternos — nesta teimosia, persistência, meticulosidade, paciência e calma — Josef sempre encontrara consolo. Aqui o dr. Kavalier parecia ter composto, em suas caixas de estranhas recordações, uma série de mensagens no alfabeto da própria imperturbabilidade. As etiquetas pareciam prova de todas as qualidades que o pai e a família iam requerer para sobreviver à provação à qual Josef os abandonava. Com seu pai no comando, os Kavalier e os Katze iriam sem dúvida conseguir formar uma daquelas raras casas em que a decência e a ordem prevaleciam. Com paciência e calma, persistência e estoicismo, boa caligrafia e etiquetas bem-feitas, eles enfrentariam de cabeça erguida a perseguição, a indignidade e as agruras.

Mas então, olhando para a etiqueta numa caixa que dizia

BENGALA-ESPADA — DLUBECK

FÔRMA DE SAPATO — HORA

TERNOS (3) — HORA

LENÇOS AVULSOS (6) — HORA

Josef sentiu uma explosão de pavor na barriga e imediatamente teve a certeza de que não ia importar nada como seu pai e os outros se comportassem. Ordeiros ou caóticos, bem inventariados e educados ou confusos e litigiosos, os judeus de Praga eram poeira nas botas dos alemães e deviam ser removidos com escovadas indiscriminadas. Estoicismo e um olho para o detalhe de nada lhes valeria. Anos mais tarde, quando lembrava este momento, Josef seria tentado a pensar

que tinha sofrido uma premonição, olhando para estas etiquetas gomadas de visco, do horror que viria. Na ocasião era uma questão simples. Os cabelos se arrepiaram na sua nuca com uma descarga picante de íons. Seu coração pulsou no fundo da sua garganta como se alguém tivesse apertado ali com um polegar. E sentiu, por um instante, que estava admirando a caligrafia de alguém que tinha morrido.

— O que é isto? — perguntou Thomas quando Josef voltou à sala de estar com um dos enormes sacos de roupa de Hora pendurados no ombro. — O que aconteceu? Qual é o problema?

— Nada — disse Josef. — Ouça, Thomas, preciso ir andando. Lamento.

— Eu sei. — Thomas parecia quase irritado. Sentou-se no chão de pernas cruzadas. — Vou passar a noite aqui.

— Não, Thomas, não acho que...

— Você não tem que achar nada — disse Thomas. — Não está mais aqui, se lembra?

As palavras ecoaram o sábio conselho de Kornblum, mas de certo modo deram um calafrio em Josef. Não podia livrar-se da sensação — relatadas como comum entre os fantasmas — de que não era ele, mas aqueles que assombrava, que tinham as vidas desprovidas de importância, de sentido, de futuro.

— Talvez você esteja certo — falou depois de um momento. — De qualquer jeito, você também não devia andar pelas ruas à noite. É muito perigoso.

Cada mão em um dos ombros de Thomas, Josef conduziu o irmão de volta ao quarto que haviam partilhado nos últimos onze anos. Com alguns cobertores e um travesseiro sem fronha que encontrara numa mala, ele fez uma cama no chão. Então remexeu em algumas das outras caixas até que encontrou um velho despertador de criança, o rosto de um urso cujas orelhas eram um par de campainhas de latão, que ele acertou para as cinco e meia.

— Tem de estar de volta em casa às seis — disse —, senão vão sentir a sua falta.

Thomas acenou com a cabeça e enfiou-se entre os cobertores da cama improvisada.

— Eu gostaria de poder ir com você — falou.

— Eu sei — disse Josef. Afastou os cabelos da testa de Thomas. — Eu também. Mas você vai se juntar a mim em pouco tempo.

— Promete?

— Vou lutar por isto — disse Josef. — Não descansarei enquanto não for ao encontro do seu navio no porto da cidade de Nova York.

— Naquela ilha que eles têm lá — disse Thomas, as pálpebras vibrando. — Com a “Estátua da Libertação”.

— Prometo — disse Josef.

— Jure.

— Eu juro.

— Jure pelo rio Estige.

— Juro pelo rio Estige.

Então abaixou-se e, para surpresa de ambos, beijou o irmão nos lábios. Foi o primeiro beijo deste tipo desde que o mais jovem era um bebê e o mais velho um menino de calças curtas.

— Adeus, Josef — disse Thomas.

Quando Josef voltou a Nicholasgasse, descobriu que Kornblum havia, com típico engenho, resolvido o problema de como retirar o Golem. No fino painel de gesso que fora usado para fechar a moldura da porta depois que o Golem foi instalado, Kornblum, usando alguma indescritível ferramenta do ofício funerário, cortou um retângulo, no nível do chão, grande o suficiente para acolher a extremidade do caixão. O reverso do painel de gesso, no corredor do lado de fora, estava coberto por papel de parede desbotado na voga do Jugendstil, uma trama de papoulas entrelaçadas, que decorava todos os corredores do prédio. Kornblum tivera o cuidado de cortar este fino revestimento exterior em apenas três dos lados do retângulo, deixando no topo uma dobra de papel de parede intacto. Assim tinha preparado um alçapão funcional.

— E se alguém notar? — perguntou Josef depois que acabou de inspecionar o trabalho de Kornblum.

Isto deu lugar a outra das máximas improvisadas e ligeiramente cínicas de Kornblum:

— As pessoas só notam aquilo que lhes mandamos notar — disse.

— E mesmo assim, só se as lembrarmos disto.

Vestiram o Golem no terno que pertencera ao gigante Alois Hora. Foi trabalho duro, porque o Golem era relativamente inflexível. Não era tão rígido quanto se poderia imaginar dada a sua natureza e composição. Sua carne fria de barro parecia ceder ligeiramente sob a pressão da ponta dos dedos e uma gama estreita de movimento, talvez a mais leve memória de atividade, era inerente no cotovelo do braço direito, o braço que ele teria usado, como lembra a lenda, para tocar na mezuzá da porta dos seus criadores toda noite quando voltava dos seus labores, trazendo aos lábios seus dedos beijados pela Escritura. Os joelhos e os tornozelos do Golem, no entanto, estavam mais ou menos petrificados. Além do mais, suas mãos e pés eram mal proporcionados, como costuma ser o caso do trabalho de artistas amadores, e grandes demais para o seu corpo. O pé enorme ficou entalado nas pernas da roupa e colocar as calças foi particularmente difícil. No fim, Josef teve de se enfiar para dentro do caixão e segurar o Golem ao redor da cintura, elevando o corpo vários centímetros,

antes que Kornblum pudesse passar as calças por sobre os pés, subindo pelas pernas e em volta das nádegas bastante grandes do Golem. Tinham decidido não se preocupar com roupa de baixo, mas em nome da verossimilhança anatômica — numa amostra da meticulosidade que caracterizara sua carreira no palco — Kornblum rasgou em dois um dos velhos taletes (beijando-o antes), deu uma série de torções numa das metades e colocou o artefato resultante no meio das pernas do Golem, na forquilha, onde só havia um vácuo macio de argila.

— Talvez quisessem que fosse uma mulher — sugeriu Josef enquanto observava Kornblum fechar a braguilha do Golem.

— Nem mesmo o Maharal seria capaz de fazer uma mulher de barro — disse Kornblum. — Para isto você precisa de uma costela. — Deu um passo para trás, estudando o Golem. Deu um puxão numa lapela do paletó e amaciou as pregas ondeadas da frente das calças. — É um terno muito elegante.

Era um dos últimos que Alois Hora recebera pouco antes de sua morte, quando seu corpo foi consumido pela síndrome de Marfan, e assim um tamanho perfeito para o Golem, que não era tão grande quanto O Montanha no seu apogeu. De excelente worsted, tecido de lã penteada inglês, cinza e castanho-amarelado, entremeado de fio cor de vinho, poderia ter sido facilmente subdividido num terno para Josef e outro para Kornblum, com sobra suficiente, como observou o mágico, para fazer um colete para cada um. A camisa era de sarja fina branca, com botões de madrepérola, e gravata de seda cor de vinho, com um enfeite em relevo de rosas-de-cem-folhas, ligeiramente bombástico, bem ao gosto de Hora em matéria de gravatas. Não havia sapatos — Josef se esquecera de procurar um par e, de qualquer maneira, nenhum seria grande o bastante — mas se as regiões inferiores do interior do caixão chegassem a ser inspecionadas, o truque fracassaria de qualquer maneira, com ou sem sapatos.

Uma vez vestido, com as faces avermelhadas de ruge, sua cabeça lisa coberta por uma peruca, a testa e as pálpebras equipadas com os minúsculos pelos que os agentes funerários sensíveis empregam em sobrancelhas e pelos postiços em casos de queimaduras fadais ou de certas doenças depilatórias, o Golem parecia, com sua cútis cinza-pálida da cor de carneiro cozido, indiscutivelmente morto e passavelmente humano. Só havia um levíssimo traço da mão humana em sua testa da qual, séculos atrás, o nome de Deus fora apagado. Agora só precisavam enfiá-lo através do alçapão e acompanhá-lo para fora do quarto.

Isto foi bastante fácil; como Josef reparou quando o ergueu para que lhe colocassem as calças, o Golem pesava muito menos do que teriam sugerido o seu tamanho e sua natureza. Para Josef, parecia que estavam se debatendo, pelo corredor, escada abaixo, e saindo pela

porta da frente da Nicholasgasse 26, com um caixão de pinho substancial e um terno imenso, e pouco mais.

— “*Mach’ bida lo nafsho*” — disse Kornblum, citando a Midrash, quando Josef comentou sobre a leveza da sua carga. — “*Sua alma é um peso para si mesmo.*” Isto não é nada, isto — apontou com a cabeça para a tampa do caixão. — Apenas um vaso vazio. Se você não estivesse lá dentro, eu seria obrigado a lastreá-lo com sacos de areia.

A viagem do edifício até a funerária no carro fúnebre Skoda emprestado — Kornblum aprendera a dirigir em 1908, disse, instruído por Hans Kreutzler, o grande pupilo de Franz Hofzinser — transcorreu sem incidente ou qualquer encontro com as autoridades. A única pessoa que os viu carregando o caixão para fora do edifício, um maquinista desempregado insone chamado Pilzen, foi informada de que o velho sr. Lazarus, do 42, tinha finalmente morrido depois de uma longa doença. Quando a sra. Pilzen procurou o apartamento na tarde seguinte com um prato de doces de ovos na mão, encontrou um mirrado senhor de idade e três mulheres encantadoras, embora um tanto impróprias em quimonos negros, sentadas em banquetas baixas, com fitas rasgadas alfinetadas em suas roupas e os espelhos cobertos, um conjunto de condições que parecia divertido à clientela do estabelecimento de madame Willi nos sete dias seguintes, alguns dos quais ficavam irritados e outros excitados pela blasfêmia de fazer amor na casa de um morto.

Dezessete horas depois de embarcar no caixão para jazer ao lado do vaso vazio que uma vez ganhara vida com as esperanças concentradas dos judeus de Praga, o trem de Josef aproximou-se da cidade de Oshmyany, na fronteira da Polônia com a Lituânia. Os dois sistemas ferroviários nacionais usavam trilhos de diferentes bitolas e devia haver um atraso de sessenta minutos enquanto passageiros e carga eram transferidos do reluzente expresso negro de bandeira polonesa, construído pelos soviéticos, para o fumegante trem local da era czarista, de uma tênue liberdade báltica. A grande locomotiva modelo Iosef Stalin diminuiu a marcha até parar não sem um certo ruído, e soltou então um suspiro surpreendentemente sensível, quando não pesaroso. Lentamente, na maior parte, como não desejando chamar atenção sobre si mesmos por uma inoportuna demonstração de ansiedade ou nervosismo, os passageiros, muitos deles jovens como Josef Kavalier vestidos nos melhores casacos cintados, calções presos no joelho e chapéus largos de hassidim, desceram à plataforma e caminharam em ordem em direção dos funcionários da emigração e da alfândega que esperavam, com um representante do escritório local da Gestapo, numa sala super-aquecida por um crepitante fogão bojudo. Os carregadores da estação, um triste grupo de velhinhos mancos e doentes, poucos parecendo capazes de carregar uma caixa

de chapéu, quanto mais o ataúde de um gigante, abriram as portas do vagão em que estavam o Golem e seu companheiro clandestino e olharam com um ar duvidoso para a carga que se esperava que descessem e levassem 25 metros adiante para um vagão de carga lituano.

Dentro do caixão, Josef jazia insensível. Tinha desmaiado com uma lentidão excruciante, às vezes quase prazerosa, num período de oito a dez horas, como se o balanço do trem, a falta de oxigênio, o atraso de sono e a carga de tensão nervosa que acumulara durante a semana anterior, a circulação sanguínea reduzida, e uma estranha emanção soporífera do próprio Golem que parecia associada ao cheiro do alto verão e do rio fedorento, tudo conspirava para superar a severa dor em seus quadris e costas, as câibras nos músculos das pernas e dos braços a quase impossibilidade de urinar, o formigamento às vezes quase brutal de suas pernas e pés, o ronco do seu estômago e o medo, a estranheza e a incerteza da viagem na qual havia embarcado. Quando tiraram o caixão do trem, ele não acordou, embora seu sonho assumisse um tom urgente mas inconclusivo de perigo. Não recobrou os sentidos até que um belo jato de ar frio verde-figo atingiu suas narinas, rompendo seu sono com uma intensidade igualada apenas pela pálida coluna de luz solar que penetrou em sua prisão quando o “painel de inspeção” foi aberto.

Uma vez mais foi a instrução de Kornblum que salvou Josef de perder tudo no primeiro instante. No primeiro pânico estonteante que se seguiu à abertura do painel, quando Josef quis gritar de dor, arroubo e medo, a palavra “Oshmyany” parecia fria e racional entre seus dedos como uma gazua que iria, no fim, liberá-lo. Kornblum, cujo conhecimento enciclopédico das ferrovias desta parte da Europa deveria, em poucos anos, receber um terrível apêndice, o tinha treinado sistematicamente, enquanto diminuía o caixão, nos estágios e particularidades de sua viagem. Sentiu os esbarros dos braços dos homens, a ginga de seus quadris enquanto carregavam o caixão e isto, com o odor da floresta do Norte e trechos isolados sussurrantes de polonês, o levou no último instante possível à consciência de onde estava e do que podia lhe estar acontecendo. Os próprios carregadores tinham aberto o caixão enquanto o levavam do trem polonês para o lituano. Podia ouvir, e vagamente entender que estavam todos maravilhados tanto pela mortalidade, como pelo gigantismo da sua carga. Então os dentes de Josef se cerraram com um tinir de porcelana quando o caixão foi jogado ao chão. Josef ficou em silêncio e rezou para que o impacto não estourasse os pregos reduzidos e o ejetasse do ataúde. Esperava que o tivessem jogado no outro vagão de carga, mas sentia que era apenas o impacto com o chão da estação que havia enchido sua boca de sangue da língua que mordera. A luz diminuiu e

se apagou e ele exalou, seguro na escuridão sem ar, eterna; então a luz irrompeu de novo.

— Que é isto? Quem é este? — disse uma voz alemã.

— Um gigante, *Herr* tenente. Um gigante morto.

— Um gigante lituano morto. — Josef ouviu um farfalhar de papéis. O oficial alemão folheava o maço de documentos forjados que Kornblum havia afixado do lado de fora do caixão. — Chamado Kervelis Hailonidas. Morreu em Praga na noite de anteontem. Bastardo horroroso.

— Os gigantes são sempre feios, tenente — disse um dos carregadores em alemão. Houve uma concordância geral dos outros carregadores, alguns oferecendo alguns casos interessantes como prova.

— Grande Deus — disse o oficial alemão — mas é um crime enterrar um terno como este num buraco sujo na terra. Ei, você. Traga um pé de cabra. Abra este caixão.

Kornblum tinha equipado Josef com uma garrafa vazia de Mosela, na qual ele devia, em intervalos raros, inserir a ponta do seu pênis e, economicamente, aliviar sua bexiga. Mas não havia tempo para manobrar adequadamente enquanto os carregadores começavam a chutar e a tentar arrancar as juntas do gigantesco caixão. O gancho da calça de Josef queimava e então ficou instantaneamente frio.

— Não tem nenhum pé de cabra, *Herr* tenente — disse um dos carregadores. — Vamos abri-lo a golpes de machado.

Josef lutou contra um pânico selvagem que arranhava como um animal na sua caixa torácica.

— Ah, não — disse o oficial alemão com uma risada. — Eu sou alto, é certo, mas não tão alto assim. — Depois de um momento, a escuridão do ataúde foi restaurada. — Vamos em frente, homens.

Houve uma pausa e então, com um sacolejo, Josef e o Golem foram levantados de novo.

— Ele é feio também — disse um dos homens, numa voz mal audível para Josef —, mas não é *tão* feio assim.

Cerca de 27 horas depois, Josef cambaleou, tonto, piscando, mancando, curvado, asfixiado e cheirando a urina rançosa, no cinza com farrapos de sol de uma manhã de outono na Lituânia. Observou por trás de um pilar enegrecido de fuligem da estação de Vilna enquanto os dois confederados de ar melancólico do círculo secreto recebiam o curioso e gigantesco caixão de Praga. Então ele se arrastou até a casa do cunhado de Kornblum na rua Pylimo, onde foi recebido generosamente com comida, um banho quente e um catre apertado na cozinha. Foi hospedado aqui, tentando conseguir uma passagem para Nova York saindo de Priekule, que ouviu falar pela primeira vez de um cônsul holandês em Kovno que estava distribuindo vistos

loucamente para Curaçau, em conluio com um funcionário japonês que garantiria direitos de passagem pelo Império do Japão a qualquer judeu que se destinasse à colônia holandesa. Dois dias depois, ele estava no Expresso Transiberiano; uma semana depois chegava a Vladivostok e dali seguia por mar para Kobe. De Kobe pegou um navio para San Francisco, de onde mandou um telegrama para sua tia no Brooklyn pedindo dinheiro para o ônibus até Nova York. Foi no vapor que o levava através da Golden Gate que apalpou por acaso um buraco no forro do bolso direito do casaco e descobriu o envelope que seu irmão lhe tinha entregue solenemente quase um mês antes. Continha um único pedaço de papel que Thomas havia colocado às pressas no envelope aquela manhã enquanto todos estavam saindo juntos da casa pela última vez, a título de ou em vez de expressar sentimentos de amor, medo e esperança que o escape de seu irmão inspirava. Era o desenho de Harry Houdini, tomando uma tranquila xícara de chá no meio do céu, que Thomas fizera no seu caderno durante sua abortiva carreira de libretista. Josef estudou o desenho, sentindo que navegava para a liberdade como se não pesasse nada, como se toda carga preciosa tivesse sido aliviada de suas costas.

PARTE II

UMA DUPLA DE MENINOS- PRODÍGIOS

Quando o despertador tocou às seis e meia naquela sexta-feira, Sammy acordou para descobrir que Sky City, a Cidade do Céu, uma bandeja de coquetel cromada equipada com modernas garrafas, coqueteleiras e varetas de drinque, estava sob ataque maciço. Nos céus em volta da flutuante cidade natal de D'Artagnan Jones, o robusto herói louro da história em quadrinhos de Sammy, *Pimpinela dos planetas*, socava cinco demônios com asas de morcego, chifres cuidadosamente espiralados como búzios, músculos emplumados trabalhados num pincel fino. Uma aranha gigante e hirsuta com os olhos de mulher pendia de um fio cabeludo no luminoso do lado inferior da Cidade do Céu. Outros demônios com pernas de bode e rostos de babuíno, brandindo sabres, desciam atabalhoadamente por escadas e saltavam na ponta de cordas do convés de uma caravela fantástica com uma floresta meticulosamente desenhada de antenas e cata-ventos. No comando destas forças sinistras, debruçado sobre a prancheta, vestindo apenas meias pretas até os joelhos, com losangos vermelhos, e envolto num par de ceroulas tchecas largas e amareladas, estava sentado Josef Kavalier, rabiscando furiosamente com uma das melhores canetas de Sammy.

Sammy deslizou para fora da cama e foi olhar por cima do ombro do primo.

— Que diabos está fazendo com a minha página? — perguntou.

O capitão da demoníaca força invasora, absorto no seu ataque e inclinado perigosamente para trás na banquetta alta, foi apanhado de surpresa. Pulou e a banquetta virou, mas pôde agarrar a borda da mesa e se endireitar, estendendo a mão no tempo justo de pegar o vidro de tinta antes que ele também pudesse cair. Foi rápido.

— Desculpe — disse Josef. — Tomei muito cuidado para não danificar seus desenhos. Veja. — Levantou uma folha fina por cima do ambicioso painel de página inteira no estilo do *Príncipe Valente*, no qual Sammy vinha trabalhando, e os cinco ruidosos morcegos-demônios desapareceram. — Usei papéis separados para tudo.

Puxou os demônios assaltantes com rosto de babuíno e ergueu a aranha de papel pela ponta do seu fio. Com alguns gestos rápidos das mãos de dedos longos, o cerco infernal à Cidade do Céu fora levantado.

— Puta merda! — disse Sammy. Deu uns tapinhas no ombro

sardento do primo. — Céus, olha só isto! Me deixe ver estas coisas. — Pegou a folha reniforme que Josef Kavalier havia enchido de demônios-escravos chifrudos com olhos de brasa e a sobrepôs ao seu próprio desenho. As proporções dos demônios musculosos eram perfeitas, suas poses animadas e plausíveis, o traço de tinta maneiroso mas firme. O estilo era muito mais sofisticado que o de Sammy, que, confiante, simples e ocasionalmente ousado, nunca fizera nada mais do que cartunismo. — Você sabe mesmo desenhar.

— Passei dois anos estudando na Academia de Belas-Artes. Em Praga.

— A Academia de Belas-Artes. — O patrão de Sammy, Sheldon Anapol, se impressionava com homens de educação fina. O esquema arrebatador e impossível que vinha atormentando a imaginação de Sammy durante meses parecia imediatamente ter uma chance de decolar — OK, você sabe desenhar monstros? E carros? E edifícios? — perguntou, fingindo um tom monótono de empregador tentando esconder sua excitação.

— Claro.

— Sua anatomia não parece de todo má.

— É uma fascinação para mim.

— É capaz de desenhar o som de um peido?

— Como assim?

— Na Empire eles produzem um punhado de itens que reproduzem sons de peido. Sabe o que quer dizer um peido? — Sammy colocou a palma da mão em concha debaixo da axila oposta e bombeou o braço, provocando uma bateria de pequenas detonações breves e úmidas. Seu primo, de olhos bem abertos, captou a ideia. — Naturalmente, não podemos falar explicitamente nos anúncios. Temos de dizer algo como “A Almofada da Vovó emite um som que é mais fácil imaginar do que descrever”. Então você precisa traduzir bem a ideia no desenho.

— Percebi — disse Josef. Pareceu topar o desafio. — Sou capaz de desenhar uma lufada de vento. — Rabiscou cinco rápidas linhas horizontais num pedaço de papel. — E então eu também colocaria umas coisinhas, assim. — Salpicou seu esboço com estrelas, arabescos e notação musical truncada.

— Está ótimo — disse Sammy. — Josef, ouça-me. Vou tentar algo mais do que conseguir um emprego para você desenhando a Gaita de Boca Gravmonica Acionada a Fricção, está certo? Vou levar nós dois a ganhar dinheiro de verdade.

— Dinheiro de verdade? — disse Josef, parecendo subitamente faminto e lúgubre. — Isto seria ótimo, Sammy. Estou precisando muito de dinheiro de verdade. Sim, com toda a certeza.

Sammy ficou espantado com a avidez no rosto do primo. Então percebeu por que ele queria o dinheiro e aquilo o deixou um pouco

temeroso. Já era duro o bastante ser um desapontamento para si mesmo e para Ethel sem ter de se preocupar com quatro judeus famintos na Tchecoslováquia. Mas conseguiu descontrair o tremor de dúvida e estendeu a mão.

— Muito bem — falou. — Aperte aqui, Josef.

Josef esticou a mão e então a recolheu. Adotou o que supunha ser um sotaque americano, um tangido estranho de vaqueiro britânico e franziu o rosto numa pretensa careta de duração à James Cagney.

— Me chame de Joe — disse.

— Joe Kavalier.

— Sam Klayman.

Começaram a apertar a mão de novo e então Sammy retirou a sua.

— Na verdade — disse, sentindo corar —, meu nome profissional é Clay.

— Clay?

— Sim. Eu... bem, é que acho que soa mais profissional.

Joe acenou com a cabeça.

— Sam Clay — falou.

— Joe Kavalier.

Apertaram as mãos.

— Rapazes! — gritou a sra. Klayman da cozinha. — Café da manhã.

— Não conte nada disto para minha mãe — falou Sammy. — E não diga a ela que estou mudando meu nome.

Foram até a mesa de laminado na cozinha e sentaram-se em duas das cadeiras de cromo forradas. Bubbie, que nunca conhecera nenhum dos seus descendentes tchecos, estava sentada ao lado de Joe, ignorando-o completamente. Ela havia encontrado, para o que desse e viesse, tantos seres humanos desde 1846 que parecia ter perdido a inclinação, talvez até a capacidade, de assimilar rostos ou eventos que datassem de qualquer época depois da Grande Guerra, quando vivera o feito incomparável de deixar Lemberg, sua cidade natal, aos setenta anos, e vir para a América com sua filha, a mais jovem de seus onze filhos. Sammy nunca se sentira nada mais, aos olhos de Bubbie, do que um tipo de sombra vagamente querida por trás da qual espreitavam as feições familiares de dúzias de filhos e netos anteriores, alguns mortos há sessenta anos. Era uma mulher grande, sem ossos, que se vestia com uma velha manta sobre as cadeiras do apartamento, fitando durante horas, com seus olhos cinzentos, fantasmas, ficções, lembranças e a poeira apanhada em raios de sol oblíquos, seus braços estriados e marcados como mapas em relevo de vastos planetas, suas panturrilhas maciças recheadas como carne moída na meia elástica cor de pulmão. Era quixotescamente vaidosa com relação a sua aparência e passava uma hora cada manhã

maquiando o rosto.

— Coma — ordenou Ethel, depositando diante de Joe uma pilha de retângulos negros e uma poça de mucilagem amarela que se sentiu obrigada a identificar para ele como torradas com ovos. Ele enfiou uma garfada na boca e mastigou com uma expressão circunspecta por trás da qual Sammy achou ter detectado uma ponta de genuíno asco.

Sammy executou a rápida série de operações — que combinava elementos de dobrar roupa lavada ainda molhada, recolher cinzas úmidas com a pá e engolir um mapa secreto no ponto de captura pelas tropas inimigas — que passavam, na cozinha de sua mãe, por comer. Então se levantou, enxugou os lábios com as costas da mão e colocou seu *blazer* de lã bom.

— Vamos, Joe, temos de ir andando — e debruçou-se para plantar um beijo na bochecha de camurça de Bubbie.

Joe deixou cair a colher e, na tentativa de apanhá-la, bateu com a cabeça na mesa, com força. Bubbie deu um grito e uma pequena comoção de prataria e cadeiras arrastadas se seguiu. Então Joe se levantou também e delicadamente limpou os lábios com seu guardanapo de papel. Alisou-o quando terminou e o colocou em seu prato vazio.

— Delicioso — falou. — Obrigado.

— Aqui — disse Ethel, tirando um alinhado terno de *tweed* de um cabide, pendurado nas costas de uma cadeira da cozinha. — Passei seu terno e tirei as manchas de sua camisa.

— Obrigado, tia.

Ethel colocou os braços em volta dos quadris de Joe e deu-lhe um aperto orgulhoso.

— Este aqui sabe desenhar um lagarto, isto eu posso lhes garantir.

Sammy ficou corado. Aquilo era uma referência às dificuldades peculiares que ele encontrara, no mês anterior com o item Camaleão Vivo (“Use na sua lapela para surpreender e impressionar!”) que a Empire tinha recentemente acrescentado à sua linha. Uma falta da habilidade aparentemente congênita para com répteis era justificada pelo fato de que ele não tinha nenhuma ideia do tipo de répteis que 25 centavos enviados às Novidades Empire compraria, uma vez que não existia, na verdade, nenhum Camaleão Vivo em estoque e não existiria enquanto Shelly Anapol não visse a quantidade de pedidos, se é que ia chegar algum. Sammy passara duas noites debruçado sobre enciclopédias e livros de bibliotecas, desenhando centenas de lagartos, magros e gordos, do Velho e do Novo Mundo, com chifre e com crista, e acabou com algo que parecia um pouco como um esquilo careca achatado. Foi seu único fracasso desde que assumira os trabalhos artísticos na Empire, mas sua mãe, naturalmente, parecia encará-lo como um fracasso importante.

— Ele não vai ter de desenhar lagartos, ou câmaras baratas, ou qualquer outra porcaria daquelas que eles vendem — disse Sammy e então acrescentou, esquecendo a advertência que fizera a Joe —, não se Anapol topar meu plano.

— Que plano? — perguntou a mãe, cerrando os olhos.

— Revistas em quadrinhos — gritou Sammy bem na cara dela.

— Revistas em quadrinhos! — ela revirou os olhos.

— Revistas em quadrinhos? — disse Joe. — O que são?

— Lixo — disse Ethel.

— O que a senhora sabe a respeito? — falou Sammy, segurando um dos braços de Joe. Eram quase sete horas. Anapol cortava o salário de quem chegasse depois das oito. — Dão um bom dinheiro estas revistas em quadrinhos. Conheço um garoto, Jerry Glovsky... — e puxou Joe para o corredor que levava ao vestíbulo e à porta da frente, sabendo exatamente o que a mãe ia falar a seguir.

— Jerry Glovsky — disse. — Um belo exemplo. É retardado. Seus pais são primos em primeiro grau.

— Não dê ouvidos a ela, Joe. Sei o que estou falando.

— Ele não vai querer perder o seu tempo com revistas em quadrinhos idiotas.

— *Não é da sua conta* — sibilou Sammy — o que ele vai fazer. É?

Isto, como Sammy já sabia, a calaria na hora. A questão de algo ser ou não da conta de alguém ocupava uma posição central na ética de Ethel Klayman, cujo principal credo era a importância suprema de cuidar de sua própria vida. Mexeriqueiros, abelhudos e intrometidos eram os vilões de sua demonologia pessoal. Estava universalmente em desavença com os vizinhos e era desconfiada, quase à paranoia, de todos os visitantes, fossem médicos, vendedores, funcionários municipais, conselheiros da sinagoga e negociantes.

Virou-se e olhou para o sobrinho.

— Quer desenhar para revistas em quadrinhos? — perguntou-lhe.

Joe ficou ali, a cabeça abaixada, um ombro contra a moldura da porta. Enquanto Sammy e Ethel discutiam, ele fingia estudar em educado constrangimento, o tapete marrom-mostarda de felpa rala, mas agora erguia o olhar e era a vez de Sammy se sentir embaraçado. Seu primo o olhou de alto a baixo com uma expressão ao mesmo tempo de apreciação e de censura.

— Sim, tia — falou. — Eu quero. Só tenho uma pergunta. O que é uma revista em quadrinhos?

Sammy enfiou a mão na sua pasta e puxou um exemplar amarrotado e bem folheado do último número de *Action Comics* e passou ao primo.

Em 1939 as revistas em quadrinhos americanas, como os castores e as baratas da pré-história, eram maiores e, à sua maneira desajeitada,

mais esplêndidas que seus descendentes modernos. Aspiravam às dimensões de uma revista elegante e à grossura da revista policial, oferecendo 64 páginas de magnitude espalhafatosa (incluindo a capa) por seu preço ideal de uma magra moeda de dez centavos. Enquanto a qualidade de suas ilustrações internas era geralmente execrável, na melhor das hipóteses, suas capas visavam à habilidade e ao design da revista elegante e ao brio da revista policial. A capa da revista em quadrinhos, naqueles primeiros dias, era um cartaz anunciando um filme de sonho, com uma duração de dois segundos que lampejava para a vida na mente e se desenrolava em esplendor até o momento em que se abria o pacote de papel barato encadernado no interior e as luzes se acendiam. As capas eram geralmente pintadas a mão, em vez de meramente entintadas ou coloridas, por homens com sólidas reputações no ramo, ilustradores assalariados capazes de produzir acuradas garotas de laboratório em grilhões e lânguidos e detalhados jaguares da selva e corpos masculinos apolineamente corretos, cujos pés pareciam realmente carregar o seu peso. Seguros pela mão, sopesados, aqueles primeiros números de *Wonder* e *Detective*, com seus cromáticos bandos de piratas, envenenadores hindus e vingadores transbordando de energia, sua abundante tipografia, ao mesmo tempo sofisticada e crua, parecem até hoje prometer aventura de uma variedade leve mas ricamente nutritiva. Muitas vezes, porém, a cena mostrada na capa não tinha nenhuma relação com a sopa rala do material contido na revista. Dentro das capas — de onde hoje exala um cheiro inevitável de mercado das pulgas, de putrefação e nostalgia — a revista em quadrinhos de 1939 se achava, artística e morfológicamente, num estado muito mais primitivo. Como ocorre com todas as formas vira-latas de arte e línguas francas, houve, no início, um período necessário, altamente fértil, de confusão genética e gramatical. Homens que vinham lendo tiras em quadrinhos nos jornais e revistas policiais a maior parte de suas vidas, muitos deles jovens e inexperientes com o lápis, com o pincel de tinta e com as cruéis restrições de tempo daquela época, lutavam para enxergar além das estritas exigências espaciais da tira de jornal, de um lado, e do mero palavrório superaquecido da revista policial, de outro.

Desde o começo houve uma tendência, entre educadores, psicólogos e o grande público, de ver a revista em quadrinhos como um simples rebento espúrio da tira de jornal, então no pleno florescimento de sua glória que decairia depois, lida por presidentes e carregadores de trens, um orgulhoso primo americano, em sua vitalidade e graça indígenas, do beisebol e do jazz. Algo do opróbrio e da sensação de constrangimento que ficariam para sempre vinculados à forma da revista em quadrinhos se deveu à maneira como ela sofreu no início, inevitavelmente, mesmo no que tinha de melhor, em

comparação com o esplendor maneirado de Burne Hogarth, Alex Raymond, Hal Foster e outros reis da arte das páginas de quadrinhos, com o humor finamente sintonizado e ironia adulta de *Ferdinando*, *Krazy Kat*, *Zé Mulambo*, com a narração regular e métrica de Gould e Gray e de *Gasoline Alley*, ou com a estonteante e nunca superada interação de narrativa verbal e visual no trabalho de Milton Caniff.

No início, e até muito recentemente em 1939, as revistas em quadrinhos nada mais foram, de fato, do que reedições em coletâneas das tiras mais populares, arrancadas do seu lar nos jornais e espremidas, não sem violência ou tesouradas, entre um par de capas baratas em papel brilhante. O ritmo das tiras, com um comprimento de três a quatro quadros, o suspense nos finais de sexta-feira e as recapitulações das segundas-feiras, se viam prejudicados nos territórios mais espaçosos do *funny book*, e o que era imponente, emocionante ou hilariante quando dosado em colheradas numa base diária parecia andar aos solavancos, repetitivo, estático e desnecessariamente esticado nas páginas de, digamos, *More Fun* (1937), a primeira revista em quadrinhos que Sammy Klayman comprou. Em parte por esta razão, mas também para evitar o pagamento dos direitos de reprodução às agências estabelecidas, os primeiros editores de revistas em quadrinhos começaram a experimentar conteúdo original, contratando artistas ou grupos de artistas para criar seus próprios personagens e tiras. Estes artistas, se experientes, não eram geralmente bem-sucedidos ou talentosos; se tinham talento, faltava-lhes experiência. Aqueles na última categoria eram imigrantes, filhos de imigrantes ou jovens caipiras que acabavam de descer do ônibus. Tinham sonhos, mas, considerando seus sobrenomes e sua falta de ligações, nenhuma chance verdadeira de vencer no altivo mundo das capas do *Saturday Evening Post* ou dos anúncios das lâmpadas Mazda. Muitos deles, é bom dizer, não eram sequer capazes de fazer um desenho realista do apêndice corporal reconhecidamente complicado com o qual esperavam ganhar a vida.

A queda de qualidade que se seguiu à revolução do conteúdo original foi imediata e precipitada. Os traços se tornaram hesitantes, as poses esquisitas, as composições estáticas, os fundos inexistentes. Os pés, notoriamente difíceis de desenhar com profundidade realista, praticamente desapareceram dos quadrinhos e os narizes foram virtualmente reduzidos às mais simples variações da décima segunda letra do alfabeto. Cavalos pareciam-se com cachorros com os peitos em forma de barril e pernas espichadas e os automóveis eram cuidadosamente desfocados com efeitos de velocidade para disfarçar o fato de que não tinham portas, nunca estavam na escala certa e pareciam todos iguais. Mulheres bonitas, como um item obrigatório que fazia vibrar todo jovem cartunista, saíam-se um pouco melhor,

mas os homens tendiam a ficar parados em ternos sem rugas que pareciam cortados em lata de chaminé de fogão e com chapéus que davam a impressão de pesar mais que os automóveis, desajeitados, com queixos grandes, socando uns aos outros nos narizes marcados por um “x”. Homenzarrões de circo, criados hindus gigantescos e lordes da selva com calças amarradas debaixo dos joelhos invariavelmente exibiam uma musculatura fantasiosa, olhoceps e octoceps e cinturoides e abdomens que pareciam quinze bolas de bilhar em fileira. Joelhos e cotovelos dobravam-se em ângulos penosos com juntas duplas. A cor era densa, nos melhores casos, e em alguns não havia cor nenhuma. Às vezes tudo aparecia em dois tons de vermelho, ou em dois tons de azul. Mas, pior que tudo, as revistas em quadrinhos não sofriam de arte deficiente — pois havia considerável vitalidade aqui, também, e uma urgência nascida da Depressão que levava ao autoaprimoramento e havia até mesmo o ocasional desenhista talentoso e competente, mas azarado —, sofriam sim de um caso terrível de cópias carbono. Tudo era uma versão, às vezes quase inalterada, de uma tira de jornal ou de um herói policial do rádio. O Besouro Verde do rádio cobria várias cores de vespa, besouro e abelha; *O Sombra* tinha ele mesmo várias sombras, uma legião de vigilantes de terno, chapéu de feltro, treinados por lamas; cada vilã era uma Madame Dragão. Em consequência, a revista em quadrinhos, quase que imediatamente a partir da sua invenção, ou logo depois, começou a definhar, por falta de objetivo e distinção. Não havia nada que não pudesse ser encontrado melhor ou mais barato, em outro lugar (e no rádio estava disponível de graça).

Então, em junho de 1938, o Super-Homem apareceu. Fora mandado pelo correio de Cleveland para os escritórios da National Periodical Publications por uma dupla de garotos judeus que o haviam imbuído com o poder de uma centena de homens, de um mundo distante, e com a plena medida de sua esperança e do seu desespero de adolescentes de óculos. O desenhista, Joe Shuster, embora tecnicamente apenas apto, parecia entender desde o início que a grande página retangular da revista em quadrinhos oferecia possibilidades para andamento e composição que eram dificilmente disponíveis nos jornais; juntou três quadros verticalmente em um só, para expressar toda a energia parabólica de um dos saltos entre os arranha-céus que era a marca patente do Super-Homem (o Homem de Aço ainda não podia, neste ponto de sua carreira, exatamente voar) e escolheu seus ângulos e arranjou suas figuras com um certo toque cinematográfico. O escritor, Jerome Siegel, tinha forjado, através da intensidade candente do seu amor fanático e conhecimento enciclopédico das revistas policiais e de seus antecedentes, uma liga mágica de vários personagens e arquétipos anteriores, de Sansão a *Doc*

Savage, mas com suas propriedades únicas de elasticidade, dureza e lustro. Embora tivesse sido concebido originalmente como apenas um herói de jornal, o Super-Homem nasceu nas páginas de uma revista em quadrinhos, onde vicejou, e, depois de seu parto milagroso, a forma finalmente começou a emergir de sua fase transitória e a articular um propósito próprio no mercado dos sonhos de dez centavos: exprimir a sede do poder e o estilo de roupas espalhafatosas de uma raça de pessoas impotentes, sem nenhuma chance de se vestirem. As revistas em quadrinhos eram Coisas de Criança, puras e verdadeiras, e chegaram precisamente no momento em que as crianças dos Estados Unidos começavam, depois de dez anos de terríveis provações, a achar em seus bolsos o peso ocasional de uma supérflua moeda de dez centavos.

— Isto é uma revista em quadrinhos — disse Sammy.

— Dinheiro de verdade, você disse — falou Joe, parecendo mais duvidoso do que durante toda a manhã.

— Cinquenta dólares por semana. Talvez mais.

— Cinquenta dólares! — disse Ethel, seu costumeiro tom de descrença alterado, pareceu a Sammy, por um vinco de incerteza, como se a própria e patente alegação ultrajante pudesse ser uma garantia de sua veracidade.

— Quarenta pelo menos.

Ethel dobrou os braços e ficou parada, mordiscando o lábio inferior. Então acenou com a cabeça:

— Tenho de achar uma gravata melhor para você — disse para Joe. Virou-se e voltou para o apartamento.

— Ei, Sam Clay — sussurrou Joe, mostrando a trouxa bem embrulhada num guardanapo de papel, na qual havia escondido seu café da manhã intocado. Ergueu-a com um sorriso: — Onde posso jogar isto fora?

Os escritórios da Novidades Empire Inc. Co. ficavam no quarto andar do Edifício Kramler, num trecho azarado da rua 25 próximo de Madison Square. Um bloco de escritórios de 14 andares de pedra da cor de um colarinho de camisa manchado, as janelas emolduradas por fuligem, ornado com uma insinuação de zigue-zagues modernos, o Kramler se destacava como um gesto solitário de esperança comercial num quarteirão cheio de “pagadores-de-impostos” baixos em tijolo (estruturas mínimas gerando apenas o suficiente em aluguel para pagar os impostos de propriedade sobre a terra que ocupavam), vitrines de artigos de lã em barracões de madeira e as sedes bolorentas de sociedades beneficentes que se ocupavam de populações de imigrantes de países sumidos do mapa. Foi inaugurado no final de 1929 e então retomado pelo banco que tinha sua hipoteca quando o agente imobiliário que o administrava pulou da janela do seu escritório no 14º andar. Nos dez anos que se seguiram, tinha conseguido atrair um pequeno mas variado número de inquilinos, entre eles um editor de revistas de sacanagem; um distribuidor de perucas, barbas falsas, corpetes masculinos e sapatos que aumentavam a altura; e os empresários para a Costa Leste de um circo de terceira classe do Meio-Oeste; todos atraídos, como Shelly Anapol o fora, pelos aluguéis reduzidos e por uma atmosfera colegial de safadeza.

Apesar do clima de fracasso e da má fama que permeava a vizinhança, Sheldon P. Anapol — cujo cunhado Jack Ashkenazy era dono da *Racy Publications Inc.*, no sétimo andar do Kramler — era um homem de negócios talentoso, agradável e cruel. Fora trabalhar para Hyman Lazar, o fundador das Novidades Empire, em 1914, aos vinte anos de idade, como caixeiro-viajante sem vintém e quinze anos depois tinha economizado o bastante para comprar a companhia de Lazar quando este entrou em dificuldades com seus credores. A combinação de cinismo experiente, despesas gerais baixas, uma linha de produtos irrestritamente inferiores e a fome insaciável dos meninos americanos por rádios em miniatura, óculos de raios X e apitos da alegria tinham permitido a Anapol não só sobreviver à Depressão, mas também matricular suas duas filhas em colégios particulares e sustentar ou, como gostava de dizer, invocando a imagem inconsciente de navios de guerra e de transatlânticos da linha Cunard, manter “flutuando” sua imensa e dispendiosa esposa.

Como ocorre com todos os grandes vendedores, o passado de Anapol continha tragédia e desapontamento. Era um órfão do *pogrom* e do tifo, criado por parentes insensíveis. Sua estampa física, herdada de gerações de Anapols desajeitados, de mandíbulas grosseiras, o havia tornado por muito tempo no começo da vida alvo de piadas e objeto do desprezo das mulheres. Quando jovem, tocava violino bem o bastante para ter a esperança de uma carreira musical, até que um casamento apressado e o subsequente sustento de suas duas intrépidas filhas, Belle e Candace, o forçaram a uma vida de viagens comerciais. Tudo isto o deixou endurecido, machucado, amarfanhado e viciado em ganhar dinheiro, mas não, de certa forma, amargurado. Era sempre bem-vindo, durante seus dias de estrada, nas lojas solitárias dos negociantes de truques e de novidades, homens que estavam geralmente na sua terceira ou quarta linha de trabalho e quase universalmente desprovidos, depois de anos de adivinhação e desastre, da capacidade de distinguir o que era e o que não era engraçado. A visão inequivocamente cômica de Anapol, com seus vastos ternos desabotoados e meias trocadas, seus olhos tristes de violinista, modelando uma peruca loura de pelo de cavalo ou demonstrando um dentifrído que deixava pretos os dentes da vítima, tinha sido a chave de muitas vendas importantes em Wilkes-Barre ou Pittsfield.

Na última década, porém, ele não tinha viajado além de Riverdale; e durante o ano anterior, seguindo uma intensificação em suas perenes “dificuldades” com a mulher, Anapol raramente sequer deixava o Edifício Kramler. Mandou comprar uma cama e uma mesa de cabeceira no Macy’s e dormia no escritório, atrás de uma colcha bordada pendurada sobre uma extensão de linha de varal. Sammy recebeu seu primeiro aumento no outono anterior quando achou um cabideiro sobre rodas abandonado na Sétima Avenida uma noite e o rolou através da cidade para servir de guarda-roupa para Anapol. Anapol, que era versado na literatura de vendas e estava, na verdade, a trabalhar eternamente num tratado-autobiografia ao qual se referia às vezes como *A ciência da oportunidade* e outras vezes, mais pesarosamente, como *Lamento em minha caixa de amostras*, não só pregava a iniciativa como a recompensava, uma mentalidade na qual Sammy agora depositava suas esperanças.

— Vamos, fale — disse Anapol. Vestia, como de costume nesta hora matutina, apenas meias, ligas e cuecas largas o bastante para se qualificar, na opinião de Sammy, como um mural. Estava recurvado sobre uma minúscula pia nos fundos do escritório, fazendo a barba. Levantara-se, como toda manhã, antes da alvorada, estudando um lance numa das partidas de xadrez que jogava por correspondência com homens em Cincinnati, Fresno e Zagreb; escrevendo para outros amantes solitários de Szymanowski, em honra de quem organizara

uma sociedade internacional de apreciadores; redigindo ameaças quase explícitas a devedores recalcitrantes em sua prosa semigramatical desconjuntada e vivida, na qual havia sugestões de Jeová e George Raft; e compondo sua carta diária a Maura Zell, sua amante, que era corista na companhia itinerante *Pérolas da Broadway*. Sempre esperava até as oito horas para começar sua toailete e parecia dar grande importância ao efeito que sua pessoa imperial seminua exercia sobre os empregados enquanto chegavam para o trabalho. — O que é esta sua ideia?

— Deixe-me perguntar-lhe isto primeiro, sr. Anapol — disse Sammy. Estava parado, agarrado à sua pasta, sobre o surrado oval de tapete chinês que cobria a maior parte do assoalho de madeira do escritório de Anapol, um escritório grande, separado das mesas de Mavis Magid, a secretária de Anapol, e dos cinco funcionários de expedição, inventário e contabilidade por divisões de compensado envernizado e vidro. Uma cadeleira, cadeiras e uma escrivaninha de tampo corrediço, todas de segunda mão, foram recolhidas em 1933 dos escritórios de uma companhia de seguros vizinha que falira e carregados sobre carrinhos ao longo do corredor até sua atual localização. — Quanto estão cobrando ao senhor por uma contracapa do *Action Comics* deste mês?

— Não, deixe-me fazer uma pergunta a você — disse Anapol. Deu um passo para trás, afastando-se do espelho, e tentou, como fazia toda manhã, induzir alguns fios longos de cabelos a ficarem bem-comportados sobre o topo calvo da sua cabeça. Nada falara até agora sobre a pasta de Sammy, que Sammy jamais tivera a coragem de lhe mostrar. — Quem é aquele garoto sentado ali?

Anapol não se virou, ele não tinha tirado os olhos do minúsculo espelho de barbear desde que Sammy entrara na sala, mas não podia ver Joe no espelho. Joe e Sammy estavam sentados, apartados pela divisória de vidro que separava o escritório de Anapol do resto do seu império. Sammy esticou o pescoço para dar uma olhada no primo. Havia uma prancha de desenho de pinho no colo de Joe, um caderno de rascunho e alguns lápis. Na cadeira ao seu lado estava uma pasta barata de papelão que eles tinham comprado numa loja de miudezas na Broadway. A ideia era que Joe produzisse rapidamente um monte de desenhos com esboços espetaculares de heróis musculosos enquanto Sammy vendia sua ideia para Anapol e tentava ganhar tempo. “Vai ter de trabalhar rápido”, dissera a Joe e este garantiu-lhe que em dez minutos teria reunido um inteiro panteão de combatentes do crime vestidos em malhas. Mas quando iam entrando, enquanto Sammy conversava com Mavis Magid, Joe tinha desperdiçado minutos preciosos remexendo num lote de Maravilhosos Rádios Miniaturas, cuja chegada na manhã anterior, do Japão, havia provocado uma

explosão de raiva em Anapol; todo o embarque estava com defeito e, ainda segundo seus padrões relaxados, invendável.

— Este é meu primo Joe — disse Sammy, dando outro olhar por cima do ombro. Joe estava debruçado sobre seu trabalho, olhando para os dedos e esticando o pescoço lentamente da esquerda para a direita, como se algum raio de força invisível de seus olhos estivesse movendo a ponta do lápis através da página. Esboçava o volume de um poderoso ombro que se conectava a um grosso braço esquerdo. Além deste braço e de um número de frágeis e crípticas linhas sugeridas, não havia mais nada na página. — O sobrinho de minha mãe.

— É um estrangeiro? De onde veio?

— Praga. Como soube?

— O corte de cabelo.

Anapol caminhou até o cabideiro móvel e tirou um par de calças do cabide.

— Chegou aqui ontem à noite — disse Sammy.

— E está procurando emprego.

— Bem, naturalmente...

— Espero, Sammy, que lhe tenha dito que não estou dando emprego para ninguém.

— Na verdade... eu talvez o tenha enganado um pouco quanto a isto, chefe.

De novo Anapol acenou com a cabeça, vendo outro de seus infalíveis raciocínios confirmado. A perna esquerda de Sammy começou a tremer. Era a mais manca das duas e a primeira a enfraquecer quando ele ficava nervoso ou era apanhado mentindo.

— E tudo isto tem algo a ver — disse Anapol — com quanto eles me cobram na National Periodical Publications por uma contracapa da *Action Comics*.

— Ou da *Detective*.

Anapol franziu a testa. Ergueu os braços e desapareceu numa imensa camiseta de linho que parecia não ir há algum tempo à lavanderia. Sammy verificou o trabalho de Joe. Um corpo maciço começava a emergir, uma cabeça quadrada, um peito grosso, quase tubular. Embora feita com confiança, a figura tinha algo de volumoso. As pernas eram possantes e usavam botas, mas as botas eram botas rudes de operário, enlaçadas prosaicamente na frente por cadarços. A perna de Sammy começou a tremer um pouco mais forte. A cabeça de Anapol reemergia da sua camiseta. Enfiou-a por cima de sua barriga peluda de morsa e para dentro das calças. Ainda estava franzindo a testa. Ergueu os suspensórios por sobre os ombros e deixou-os estalarem no lugar. Então, com os olhos fixos na nuca de Joe, caminhou até sua mesa e apertou um botão.

— Preciso falar com Murray — disse no telefone. — É uma semana lenta — acrescentou para Sammy. — É a única razão por que estou sendo indulgente com você desta maneira.

— Entendo — disse Sammy.

— Sente-se.

Sammy sentou e pousou a pasta contra suas pernas, aliviado de vê-la no chão. Estava quase explodindo, cheia de seus próprios esboços, conceitos, protótipos e páginas acabadas.

Mavis Magid chamou Murray Edelman ao telefone. O gerente publicitário das Novidades Empire lhe disse — como Sammy sabia que diria, pois trabalhara voluntariamente horas extras no departamento de Edelman toda semana, absorvendo o que podia de sua opinião oblíqua e exclamatória — que a National Publications estava cobrando quase sete vezes o preço de tabela pelo espaço na última capa de seus títulos de maior vendagem: o número de agosto da *Action*, o último do qual existiam cifras, tinha vendido perto de um milhão e meio de exemplares. Havia, de acordo com Murray, uma só razão para as vendas astronômicas de certos títulos no ainda relativamente incipiente mercado das revistas em quadrinhos.

— *Super-Homem* — disse Anapol ao desligar o telefone, com o tom de alguém pedindo um prato desconhecido num restaurante exótico. Começou a andar por trás de sua escrivaninha, as mãos apertadas nas costas.

— Pense em quantos produtos poderíamos vender se tivéssemos nosso próprio Super-Homem — Sammy se ouviu dizendo. — Podíamos chamá-los *Quadrinhos do Apito da Alegria* ou *Quadrinhos da Almofada da Vovó*. Pense o quanto economizaria em publicidade. Pense...

— Chega — disse Anapol. Parou de andar e apertou o botão no console do telefone de novo. A expressão no seu rosto se havia alterado assumindo um ar tenso, levemente enjoado, que Sammy podia reconhecer, depois de um ano no seu emprego, como previsão de dinheiro reprimida. Sua voz era um rouco sussurro. — Preciso falar com Jack — disse.

Mavis fez uma chamada para o sétimo andar, para os escritórios da *Racy Publications, Inc.*, lar das *Racy Police Stories*, das *Racy Western* e *Racy Romance*. Jack Ashkenazy foi convocado ao telefone. Confirmou o que Murray Edelman já dissera. Todo editor de histórias policiais e de revistas em Nova York tinha tomado conhecimento das vendas explosivas do *Action Comics* e de sua estrela de capa e bota.

— Sim? — disse Anapol. — *Sim?* Você está? Alguma sorte?

Tirou o receptor do ouvido e enfiou-o debaixo da axila esquerda.

— Estão procurando um Super-Homem para eles lá em cima — falou a Sammy.

Sammy pulou da cadeira.

— Podemos conseguir um para ele, chefe — disse. — Podemos ter este Super-Homem dele pronto até a manhã de segunda-feira. Mas que isto fique aqui entre nós — acrescentou, tentando soar como o seu grande herói, John Garfield, duro e suave ao mesmo tempo, o garoto de rua pronto para vestir ternos elegantes e frequentar lugares onde corre o dinheiro de verdade: — Eu o aconselharia a reservar uma pequena fatia disto para o senhor mesmo.

Anapol riu.

— Oh, aconselharia, não? — falou. Sacudiu a cabeça. — Vou pensar nisto. — Conservou o telefone enfiado no sovaco e apanhou um cigarro no maço sobre sua mesa. Acendeu-o e inalou, ruminando as coisas, seu grande maxilar tenso e saliente. Então resgatou o receptor e soprou fumaça no bocal. — Talvez você devesse dar um pulo aqui embaixo, Jack — falou. Desligou de novo e apontou a cabeça na direção de Joe Kavalier. — Aquele é o seu desenhista?

— Nós dois somos — disse Sammy. — Desenhistas, quero dizer.

Decidiu enfrentar a dubiedade de Anapol com uma explosão de autoconfiança que rapidamente se induziu a sentir. Foi até a divisória e bateu, com um floreio, no vidro. Joe virou-se, assustado, do seu trabalho. Sammy, não desejando comprometer sua própria exibição de confiança, não se permitiu olhar muito detalhadamente o que Joe tinha feito. Pelo menos toda a página parecia estar cheia.

— Posso...? — falou a Anapol, gesticulando para a porta.

— Seria melhor trazê-lo até aqui.

Sammy fez sinal para que Joe entrasse, um diretor de circo dando as boas-vindas a um famoso trapezista à luz dos refletores. Joe levantou-se, apanhando a pasta e seus lápis espalhados e então entrou de lado no escritório de Anapol, com o caderno de rascunho agarrado ao peito, em seu terno de *tweed* largo, com o rosto esfomeado e a gravata emprestada, sua expressão ao mesmo tempo fechada e sinceramente ansiosa para agradar. Olhava para o dono das Novidades Empire como se todo o dinheiro de verdade que Sammy lhe prometera estivesse empacotado na carapaça inchada de Sheldon Anapol e, à menor alfinetada ou toque com a ponta de um dedo, sairia jorrando numa torrente verde incontrolável.

— Olá, meu jovem — disse Anapol. — Disseram-me que sabe desenhar.

— Sim, senhor! — falou Joe numa voz que soava estranhamente estrangulada, espantando a todos.

— Dê-me aqui — Sammy estendeu a mão para apanhar o caderno e viu, para sua surpresa, que não podia soltá-lo. Por um instante receou que o primo houvesse feito algo tão abominável que estivesse com medo de mostrar. Então, vislumbrou um pedaço do canto esquerdo superior do desenho de Joe, onde uma lua gorda se

esgueirava por trás de uma torre retorcida, um morcego sinistro batendo as asas através do seu rosto e então percebeu que, ao contrário, seu primo simplesmente não podia largar o caderno. — Joe — pediu suavemente.

— Preciso de mais algum tempo com isso — disse Joe, entregando o caderno a Sammy.

Anapol saiu de trás da mesa e deu a volta, encaixou o cigarro aceso num canto da boca, e pegou o caderno de Sammy.

— Vejam só isto! — falou.

No desenho era meia-noite, num beco calçado de pedras, cruzado por sombras ameaçadoras. Havia sugestões evocativas de telhados, de janelas com caixilhos de chumbo, poças geladas no chão. Saindo das sombras para a luz da lua entrecortada por morcegos caminhava com largas passadas um homem vigoroso. Seu físico era robusto e denso como suas botas com solas de pregos. Sua roupa era uma túnica com pregas fundas, um cinturão pesado e um grande chapéu mole que parecia saído de um quadro de Rembrandt. As feições do homem, embora regulares e bonitas, pareciam congeladas e seu olhar intrépido era vazio. Havia quatro caracteres hebraicos esboçados na sua testa.

— Este é o *Golem*? — disse Anapol. — Meu novo Super-Homem é o Golem?

— Eu não... o conceito é novo para mim — disse Joe, seu inglês endurecendo. — Simplesmente desenhei a primeira coisa em que pude pensar que me lembrasse... Para mim, este Super-Homem é... talvez... apenas um Golem americano. — Olhou para Sammy em busca de apoio. — Não é isto?

— Hein? — disse Sammy, lutando para esconder sua aflição. — Sim, claro, mas, Joe... o Golem é... bem... *judeu*.

Anapol coçou seu pesado queixo, olhando para o desenho. Apontou para a pasta.

— Deixe-me ver o que mais você tem aí.

— Ele teve que deixar todo o seu trabalho em Praga — disse Sammy rapidamente, enquanto Joe desatava o laço da fita do portfólio. — Só começou a desenhar umas coisas novas esta manhã.

— Bem, não é rápido — disse Anapol quando viu que a pasta de Joe estava vazia. — Tem talento, qualquer um pode ver isto, mas... — O olhar de dúvida voltou ao seu rosto.

— Joe — gritou Sammy. — Conte-lhe onde foi que você estudou!

— Na Academia de Belas-Artes, em Praga — disse Joe.

Anapol parou de coçar o queixo.

— A Academia de Belas-Artes?

— Que é isto? Quem são estes sujeitos? O que está acontecendo aqui? — Jack Ashkenazy irrompeu no escritório sem aviso ou sem bater na porta. Tinha todos os cabelos e vestia-se com muito mais

brilho do que o seu cunhado, dando preferência a coletes xadrez e sapatos de dois tons. Como tinha prosperado, para os padrões do Edifício Kramler mais facilmente do que Anapol, não fora forçado a aperfeiçoar o charme e a lábia do vendedor mais velho, mas partilhava a avidez de Anapol para resgatar a juventude americana do opressivo manto nacional do tédio, dez centavos a vez. Arrancou o charuto da boca e arrancou o caderno de rascunho das mãos de Anapol.

— Bunito — disse. — A cabeça está muito grande.

— A cabeça está muito grande? — disse Anapol. — É tudo o que é capaz de dizer?

— O corpo está muito pesado. Parece que ele é feito de pedra.

— Ele é feito de pedra, seu idiota, é um golem.

— Barro, na verdade — disse Joe. Tossiu. — Posso fazer algo mais leve.

— Ele pode fazer qualquer coisa que vocês quiserem — disse Sammy.

— Qualquer coisa — concordou Joe. Seus olhos se abriram enquanto uma inspiração parecia surgir ao se virar para Sammy. — Talvez deva mostrar para eles o meu peido.

— Ele só leu uma única revista em quadrinhos — disse Sammy, ignorando a sugestão. — Mas eu li todas, chefe, li todos os números da *Action*. Estudei este negócio. Sei como é feito. Veja.

Apanhou sua própria pasta e desatou as fitas. Era uma pasta barata da Woolworth, como a de Joe, mas gasta, arranhada e cuidadosamente amassada. Você não podia sentar-se na sala de espera de um diretor de arte com uma pasta novinha em folha. Todo mundo ia saber que era um principiante. Sammy passara toda uma tarde no último outono socando a sua pasta com um martelo, caminhando sobre ela com um par de sapatos de saltos altos da mãe, derramando café nela. Infelizmente, desde que a comprara, só conseguira emplacar dois cartuns, um numa revista completamente desprovida de humor chamada *Laff* e outro em *Belle-Views*, o boletim interno do hospital psiquiátrico onde trabalhava sua mãe.

— Posso fazer tudo — gabou-se, puxando um punhado de páginas de amostra e passando-as em círculo. O que queria dizer, mais precisamente, era que podia roubar tudo.

— Não é meio ruim — disse Anapol.

— Não é bunito, também — disse Ashkenazy.

Sammy fuzilou Ashkenazy com os olhos, não porque Ashkenazy tivesse insultado seu trabalho — ninguém conhecia melhor suas próprias limitações artísticas do que Sam Clay — mas porque Sammy sentia que estava à beira de algo maravilhoso, uma terra onde imensas cataratas de dinheiro e o rio torrencial de sua imaginação iriam,

finalmente, erguer sua pequenina jangada improvisada e carregá-la para a liberdade sem limites do mar aberto. Jack Ashkenazy, cujos olhos aquosos podiam facilmente, imaginava Sammy, ser apunhalados com o abridor de cartas sobre a mesa de Anapol, estava ameaçando atravessar no seu caminho. Anapol captou o olhar assassino nos olhos de Sammy e arriscou uma chance.

— Que tal se deixássemos estes rapazes irem para casa no fim de semana e tentarem criar um Super-Homem para nós? — Lançou um olhar duro para Sammy. — Nosso tipo de Super-Homem, naturalmente.

— Claro.

— Qual é o tamanho de uma história do Super-Homem?

— Provavelmente umas doze páginas.

— Quero um personagem e uma história de doze páginas para segunda-feira.

— Vamos precisar muito mais do que isto — disse Ashkenazy. — Existem tipicamente cinco ou seis personagens numa história destas. Vocês sabem, um espião. Um detetive particular. Um vingador tenebroso dos desamparados. Um chinês maligno. Estes dois não são capazes de criar tudo isto e ainda por cima desenhar. Eu tenho artistas, Shelly. Eu tenho George Deasey.

— Não! — disse Sammy. George Deasey era o editor-chefe da *Racy Publications*. Era um velho jornalista tirânico e mal-humorado que enchia os elevadores do Edifício Kramler com o cheiro exacerbado de uísque de centeio. — A história é minha. Nossa, minha e de Joe. Chefe, eu posso garantir essa parada.

— Absolutamente, chefe — disse Joe.

Anapol sorriu.

— Espiem só este sujeito — falou. — Vocês simplesmente me consigam um Super-Homem — prosseguiu, colocando uma mão tranquilizadora no ombro de Sammy. — Então vamos ver o que é que você pode garantir ou não. Está certo, Jack?

Ashkenazy torceu suas feições normalmente cordiais numa careta.

— Preciso lhe dizer, Shelly. Eu tenho sérias dúvidas. Vou ter de dizer...

— Os rádios — disse Joe. — Os pequenos rádios lá fora.

— Ora, esqueça os malditos rádios, Joe, sim? — disse Sammy.

— O quê? As miniaturas? — perguntou Anapol.

Joe acenou com a cabeça.

— Só estão com os fios errados. Tudo do mesmo jeito. Um fiozinho pequeno não está, hmm. Assim. — Tocou a ponta de um dedo indicador com a do outro. — Ligados à resistência.

— Você quer dizer ao *resistor*?

— Sim, é isto.

— Você entende de rádios? — Anapol estreitou seus olhos com dúvida. — Está querendo dizer que seria capaz de consertá-los?

— Oh, certamente, chefe. É simples para mim.

— E quanto vai custar?

— Nada. Apenas uns poucos centavos para o... não conheço a palavra. — Colocou os dedos em ângulo na forma de uma pistola. — *Weichlöte*. Precisa derreter.

— A solda? Uma pistola de soldar?

— Certo. Mas talvez a gente possa conseguir uma emprestada.

— Só uns poucos centavos, hem?

— Talvez um centavo pelo rádio, cada rádio.

— Isto chega muito perto do meu custo.

— Tudo bem, mas não vou cobrar pela mão de obra.

Sammy olhou para o primo espantado e um pouco embaraçado por quase ter comprometido a negociação. Viu Anapol erguer uma significativa sobrancelha para o cunhado, prometendo ou ameaçando algo.

Finalmente, Jack Ashkenazy concordou com um gesto de cabeça.

— Tem só uma coisa — falou. Colocou uma mão sobre o braço de Joe, segurando-o antes que escapasse saindo de lado do escritório, com seu Golem de olhar vazio e sua pasta vazia. — É de uma revista em quadrinhos que estamos falando, está certo? Meio ruim é talvez melhor do que bunito.

O primeiro encontro oficial da parceria ocorreu do lado de fora do Edifício Kramler, num nimbo em que os garotos exalavam um composto de vapor subterrâneo que remoinhava de uma grade na calçada.

— Isto é bom — disse Joe.

— Eu sei.

— Ele disse *sim* — Joe lembrou ao primo, parado ali com uma das mãos na frente do casaco e uma expressão de pânico no rosto, preocupado de que tivesse deixado algo importante no escritório de Anapol.

— É, disse. Ele disse *sim*.

— Sammy. — Joe segurou a mão errante de Sammy, interrompendo-a na sua busca de bolsos, colarinho e gravata. — Isto é *bom*.

— Isto é bom, *sim*, com os diabos. Só espero pelos céus que a gente consiga *fazer*.

Joe largou a mão de Sammy, chocado com sua expressão de dúvida súbita. Ficara completamente tomado pela audaciosa aplicação, por Sammy, da Ciência da Oportunidade. Toda a manhã, a viagem chacoalhada através da escuridão bruxuleante por baixo do East River, a corrente de ar ascendente de sirenes e blocos de escritórios que os havia levado para fora da estação do metrô, as dezenas de milhares de homens e mulheres que imediatamente os cercaram, os telefones tocando e a tagarelice pontuada por estalos de goma de mascar dos funcionários e das secretárias no escritório de Sheldon Anapol, o vulto manhoso e aflito do próprio Anapol, as conversas sobre cifras de vendas, competição e faturamento, tudo isto confirmava tão bem as noções derivadas do cinema que Joe fazia da vida nos Estados Unidos que se um avião pousasse agora na rua 25 e expelisse uma dúzia de Fadas da Democracia vestidas em roupas de banho, vindo lhe oferecer a presidência da General Motors, um contrato com a Warner Bros e uma cobertura na Quinta Avenida com uma piscina na sala de estar, ele teria recebido isto, também, com a mesma naturalidade onírica. Não lhe havia ocorrido até agora pensar que a demonstração de arrojada confiança empresarial do seu primo poderia ser um grande blefe; que fazia 8°C e ele não tinha chapéu nem luvas; que seu estômago estava tão vazio quanto sua carteira de

dinheiro e que Sammy e ele não passavam de uma dupla de jovens imaturos, escravizados por uma promessa temerária e dúbia.

— Mas eu acredito em você — disse Joe. — Confio em você.

— É bom ouvir isto.

— Falo sério.

— Gostaria de saber por quê.

— Porque — disse Joe — não tenho nenhuma escolha.

— Oh, oh.

— Preciso de dinheiro — disse Joe e tentou acrescentar “com os diabos”.

— Dinheiro.

A palavra pareceu exercer um efeito restaurador em Sammy, arrancando-o do seu estupor.

— Certo. OK. Antes de mais nada, vamos precisar de cavalos.

— Cavalos?

— Armas. Sujeitos.

— Artistas.

— Que tal simplesmente chamá-los de “sujeitos” por enquanto?

— Sabe onde podemos encontrar alguns deles?

Sammy pensou por um momento.

— Acho que sei — falou. — Vamos.

Seguiram numa direção que Joe decidiu ser provavelmente o oeste. Enquanto caminhavam, Sammy pareceu se perder rapidamente em suas próprias reflexões. Joe tentou imaginar o trem de pensamento do seu primo, mas as particularidades da tarefa à mão não estavam claras para ele e, depois de um tempo, desistiu e simplesmente o acompanhou. O passo de Sammy era deliberado e tortuoso e Joe achou um desafio continuar seguindo em frente. Havia um som zunindo por toda parte que ele atribuiu primeiro à circulação do próprio sangue em seus ouvidos, antes de perceber que era o som produzido pela própria rua 25, por uma centena de máquinas de costura num ateliê cheio de escravas, as grades de exaustor nos fundos de um armazém, os trens rolando na profundidade abaixo da superfície negra da rua. Joe desistiu de tentar pensar igual a seu primo, de confiar ou acreditar nele, e simplesmente caminhou, a cabeça vibrando, na direção do rio Hudson, atordoado pela novidade do exílio.

— Quem é ele? — disse Sammy finalmente quando estavam atravessando uma rua larga que uma placa identificava, provavelmente de certa forma, como a Sexta Avenida. Sexta Avenida! O rio Hudson!

— Quem é ele — disse Joe.

— O que é ele e o que faz?

— Ele voa.

Sammy sacudiu a cabeça.

— O Super-Homem voa.

— Então o nosso não voa?

— Eu apenas acho que gostaria...

— De ser original.

— Se pudermos. Tente resolver sem voar, pelo menos. Sem voo, sem a força de cem homens, sem uma pele à prova de balas.

— OK — disse Joe. O zumbido parecia ter diminuído um pouco. — E os outros, o que fazem?

— Bem, Batman...

— Ele voa, como um morcego.

— Não, ele não voa.

— Mas é cego.

— Não, ele só se veste como um morcego. Não possui nenhuma qualidade de morcego. Usa os punhos.

— Isto parece chato.

— Na verdade, é assustador. Você gostaria.

— Talvez um outro animal.

— Hum, bem, sim. OK. Um gavião. Homem-Gavião.

— Gavião, sim, OK. Mas este tem de voar.

— Sim, tem razão. Esqueça a família dos pássaros. Hã, bem, a Raposa. O Tubarão.

— Um herói nadador.

— Talvez um herói nadador. Não, na verdade não, conheço um sujeito que trabalha na loja Chesler disse que já estão fazendo um herói nadador. Para a Timely.

— Um leão?

— Leão. O Leão. O Homem-Leão.

— Podia ser forte. Ruge muito alto.

— Tem um super-rugido.

— Semeia o medo.

— Quebra pratos.

— Os vilões ficam surdos.

Riram. Joe parou de rir.

— Acho que temos de ser sérios — disse.

— Você está certo — disse Sammy. — O Leão, não sei. Leões são preguiçosos. Que tal o Tigre? Homem-Tigre. Não, não. Os tigres são assassinos. Merda. Vamos ver.

Começaram a percorrer as fileiras do mundo animal, concentrando-se naturalmente nos predadores: Homem-Gato, Homem-Lobo, o Coruja, o Pantera, o Urso Negro. Pensaram nos primatas: o Macaco, o Homem-Gorila, o Gibão, o Chimpanzé, o Mandril com seu maravilhoso rabo multicolorido que usava para desconcertar os adversários.

— Seja sério — Joe ralhou de novo.

— Desculpe, desculpe. Escute, vamos esquecer os animais. Todo mundo está pensando em animais. Dentro de dois meses, ouça o que eu digo, quando nosso homem chegar às bancas, vai haver sujeitos fantasiados de todos os animais do zoológico. Pássaros. Insetos. Sujeitos submarinos. E vou apostar com você que vai haver uns cinco heróis que são realmente durões, e invulneráveis, e capazes de voar.

— Se ele voar na velocidade da luz — sugeriu Joe.

— Sim, acho que é bom ser ligeiro.

— Ou se puder fazer uma coisa pegar fogo. Se puder, ouça! Se puder sabe... Lançar fogo pelos olhos!

— Seus olhos se derreteriam.

— Então com as mãos. Ou, sim, ele pega fogo!

— A Timely já está fazendo isto. Eles têm o sujeito do fogo e o sujeito da água.

— Transforma-se em *gelo*. Transforma tudo em gelo.

— Picado ou em cubos?

— Não é bom?

Sammy sacudiu a cabeça.

— Gelo — falou. — Não vejo muitas histórias no gelo.

— Ele se transforma em eletricidade? — tentou Joe. — Transforma-se em ácido?

— Transforma-se em molho. Transforma-se num enorme chapéu. Ouça, pare. Pare. Simplesmente pare.

Pararam no meio da calçada, entre a Sexta e a Sétima avenidas e foi então que Sam Clay experimentou um momento de visão global, um momento que depois viria a encarar como o único e inegável golpe contra a orla diáfana, colorida de dólar, do Anjo de Nova York, concedido a ele em seu tempo de vida.

— O problema não é este — falou. — Se ele é um gato ou uma aranha ou um miserável texugo, se é imenso, se é minúsculo, se é capaz de lançar chamas ou gelo ou raios da morte ou Vat 69, se se transforma em fogo, ou água, ou pedra ou borracha. Podia ser um marciano, podia ser um demônio, um mago ou um monstro. OK? Não tem *importância*, porque agora, está vendo, neste momento exato, temos uma bola de neve rolando. Estou lhe dizendo. Todo sujeito magrinho como eu em Nova York que acredita que existe vida em Alpha Centauri e é humilhado no colégio e é capaz de farejar dólar está na luta neste momento tentando sua chance, andando por aí com um lápis no bolso da camisa dizendo “É um falcão, não, é um tornado, não, é a droga de um cachorro-quente”. OK?

— OK.

— E não importa o que venha pela frente e como a gente o vista, um outro personagem com o mesmo macete, com o mesmo estilo de

botas e com a mesma bugiganga no peito já está na batalha, ou vai aparecer amanhã, ou vai ser derrubado pelo nosso homem dentro de uma semana e meia.

Joe ouviu pacientemente, esperando o desfecho desta peroração, mas Sammy parecia ter perdido o fio da meada. Joe acompanhou o olhar de seu primo ao longo do meio-fio, mas só viu o que parecia ser uma dupla de marinheiros ingleses acendendo seus cigarros com um único fósforo protegido do vento.

— E então... — disse Sammy. — Então...

— E então este não é o problema — adiantou Joe.

— É isto o que estou dizendo.

— Prossiga.

Continuaram caminhando.

— Como? Este não é o problema. Qual não é o problema? — disse Sammy.

— O problema é por quê.

— O problema é *por quê*.

— Por quê — repetiu Joe.

— Por que ele está fazendo isto?

— Fazendo o quê?

— Vestindo-se como um macaco, ou como um cubo de gelo ou como uma desgraçada lata de milho.

— Para combater o crime, não é?

— Bem, sim, para combater o crime. Para lutar contra o Mal. Mas isto é o que todos estes sujeitos estão fazendo. É até onde eles conseguem ir. Eles simplesmente... você sabe, é a coisa certa a fazer, por isso eles a fazem. Não acha isto interessante?

— Estou vendo.

— Só Batman, você sabe... sim, veja, isto é bom. O que há de bom em Batman, e não o faz nada chato, embora seja apenas um sujeito que se veste de morcego e surra as pessoas?

— Qual é motivação do Batman? O porquê?

— Seus pais foram mortos, percebe? A sangue-frio. Bem diante dos seus olhos, quando era criança. Por um ladrão.

— É vingança.

— Isto é *interessante* — disse Sammy. — Está vendo?

— E ele ficou transtornado.

— Bem...

— E é por isso que veste as roupas do morcego.

— Na verdade, eles não vão tão longe a ponto de dizer isto — falou Sammy —, mas acho que está nas entrelinhas.

— Então o que precisamos trabalhar é o porquê.

— Qual é o porquê — concordou Sammy.

— Exato.

Joe ergueu o olhar e viu um jovem parado diante deles. Quase não tinha cintura, era rechonchudo e tinha o rosto, com exceção de um par de óculos imensos, enfaixado e quase oculto por uma elaborada combinação de cachecol, chapéu e orelheiras.

— Julius — disse Sammy. — Este é Joe. Joe, este é um amigo da vizinhança, Julie Glovsky.

Joe estendeu a mão. Julie estudou-a por um momento e então estendeu sua pequena mão. Vestia um casacão preto de lã, um boné de couro forrado de pele com gigantescas orelheiras e calças de veludo cotelê curtas demais.

— O irmão dele é o sujeito de que lhe falei — disse Sammy a Joe. — Está ganhando um bom dinheiro em quadrinhos. O que está fazendo aqui?

De algum lugar do fundo de seu invólucro, Julie Glovsky encolheu os ombros.

— Preciso ver meu irmão.

— Não é formidável isto? Nós também precisamos vê-lo.

— Sim? E por quê? — Julie Glovsky tremeu. — Só me digam rápido antes que meus parafusos se soltem.

— Não se soltariam por causa do frio ou, você sabe, de atrofia?

— Engraçado.

— Eu sou engraçado.

— Infelizmente não no sentido de ter “humor”.

— Engraçado — disse Sammy.

— Sou engraçado. E qual é a sua ideia?

— Por que não vem trabalhar para mim?

— Para você? Fazendo o quê? Vendendo cadarços de sapato? Ainda temos uma caixa cheia em casa. Minha mãe usa para costurar galinhas.

— Não cadarços. Meu patrão, você conhece, Sheldon Anapol?

— Como é que o conheceria?

— De qualquer maneira, é meu patrão. Está entrando no negócio com seu cunhado, Jack Ashkenazy, que você também não conhece, mas que publica *Racy Science*, *Racy Combat* etc. Vão publicar revistas em quadrinhos, sabe, e estão procurando talentos.

— O quê? — Julie jogou seu rosto de tartaruga para fora das sombras de sua concha de lã. — Você acha que eles *me* contratariam?

— Sim, se eu lhes dissesse para contratá-lo — falou Sammy. — Considerando que sou o chefe da direção de arte.

Joe olhou para Sammy e ergueu uma sobrancelha. Sammy encolheu os ombros.

— Joe e eu, aqui, estamos aprontando o primeiro título. Vai ser tudo com heróis de aventuras. Fantasiados — disse, improvisando. — Sabe, como o Super-Homem. Batman. O Besouro Azul. Aquele tipo de

coisa.

— De malhas, certamente.

— É isso aí. Malhas. Máscaras. Músculos fortes. Vai se chamar *Quadrinhos do Mascarado* — continuou. — Joe e eu já temos o personagem principal sob controle, mas precisamos de material de apoio. Acha que poderia contribuir com alguma coisa?

— Porra, claro que sim. Com certeza.

— E quanto ao seu irmão?

— Claro, está sempre procurando mais trabalho. Deram para ele o *Coelhinho Romeu* a trinta dólares por semana.

— OK, então ele está contratado também. Vocês dois estão contratados, com uma condição.

— E qual é?

— Precisamos de um lugar para trabalhar — disse Sammy.

— Tudo certo então — disse Julie. — Acho que podemos trabalhar na Toca do Rato. — Inclinou-se para Sammy enquanto caminhavam, baixando a voz. O garoto alto e magrelo com o nariz grande tinha ficado alguns passos atrás para acender um cigarro. — Quem é aquele sujeito, com os diabos?

— Este? — disse Sammy. Pegou o cotovelo do primo e o puxou como se o estivesse trazendo ao palco para um merecido aplauso. Estendeu a mão, agarrou um punhado de cabelo e deu um puxão, meio que balançando sua cabeça de um lado para o outro, sem largar seus cabelos, rindo para ele. Se Joe fosse uma mulher, Julie Glovsky poderia quase se inclinar a pensar que Sammy estava interessado por ela. — Este é o meu *sócio*.

Sammy tinha treze anos quando seu pai, o Molécula Maravilha, veio para casa. O vaudeville Wertz tinha fechado naquela primavera, uma vítima de Hollywood, da Depressão, do mau gerenciamento, do mau tempo, do talento medíocre, do farisaísmo e de diversos outros flagelos e fúrias cujos nomes o pai de Sammy invocaria, com raiva mágica, no curso das longas caminhadas que faziam juntos naquele verão. Numa ocasião ou noutra, ele atribuía a culpa da sua súbita falta de emprego, sem muita coerência ou lógica, a banqueiros, sindicatos, patrões, Clark Gable, católicos, protestantes, donos de teatros, espetáculos de irmãs, espetáculos com macacos, tenores irlandeses, anglo-canadenses, franco-canadenses e o próprio sr. Hugo Wertz.

— Ao diabo com eles — terminava invariavelmente, com um gesto largo que, no entardecer de um julho do Brooklyn, era delineado com o arco luminoso do seu charuto. — O Molécula um dia vai mandar vocês todos se foderem a vocês todos.

O uso liberal e descuidado da obscenidade, como os charutos, a raiva lírica, o gosto por gestos explosivos, a gramática ruim e o hábito de referir-se a si mesmo na terceira pessoa eram maravilhosos para Sammy; até aquele verão de 1935, ele só possuía poucas memórias ou impressões distintas do pai. E qualquer das qualidades acima (entre várias outras que seu pai possuía) teriam, pensava Sammy, dado à sua mãe razão suficiente para banir o Molécula do seu lar por doze anos. Foi só com a maior relutância e a intervenção direta do rabino Baitz que ela concordou em deixar o homem voltar para casa. E, no entanto, Sammy entendeu, no momento em que o pai reapareceu, que somente a dura necessidade poderia fazer o Gênio da Cultura Física voltar para a mulher e o filho. Nos últimos doze anos ele havia vagabundeado, “livre como um maldito pássaro na mata”, entre as misteriosas cidades nortistas do circuito Wertz, de Augusta, Maine, a Vancouver, na Colúmbia Britânica. Um nomadismo quase patológico, combinado com o ar de melancólica nostalgia que enchia o rosto simiesco do Molécula, miúdo e inteligente, quando ele falava do seu tempo na estrada, deixava claro ao filho que, assim que a oportunidade aparecesse, seguiria caminho de novo.

Professor Alphonse von Clay, o Molécula Maravilha (nascido Alter Klayman em Drakop, uma aldeia no campo a leste de Minsk) abandonara a mulher e o filho logo depois do nascimento de Sammy,

embora, a partir daí, toda semana enviasse uma ordem de pagamento no valor de 25 dólares. Sammy veio a conhecê-lo apenas através das narrativas amarguradas de Ethel Klayman e dos recortes avulsos e inconfiáveis de jornais, com fotos que o Molécua mandava, arrancados das páginas de espetáculos do *Tribune* de Helena, da *Gazette* de Kenosha ou do *Bulletin* de Calgary, enfiados, com restos de cinzas de charuto, num envelope com a marca de um copo de bebida e o nome de um hotel do tipo pulgueiro. Sammy deixava esta correspondência se acumular num saco de sapato de veludo azul que colocava debaixo do travesseiro antes de dormir toda noite. Sonhava com frequência e intensidade com o minúsculo homem de músculos grossos e bigodes de gondoleiro que era capaz de erguer um cofre de banco sobre a cabeça e ganhar de um cavalo num cabo de guerra. Os aplausos e honras que descrevia nos recortes e os nomes dos monarcas da Europa e do Oriente Próximo que supostamente haviam dispensado elogios, mudavam ao longo dos anos, mas os fatos essenciais da falsa biografia do Molécua permaneciam os mesmos: dez anos solitários estudando os antigos textos gregos nas bibliotecas do Velho Mundo; horas de penosos exercícios executados diariamente desde a idade de cinco anos, um regime dietético que consistia apenas de legumes frescos, alimentos do mar e frutas, comidos cru; uma vida inteira dedicada ao cultivo de pensamentos puros, saudáveis e dóceis e uma abstenção total de comportamentos insalubres e imorais.

Através dos anos, Sammy conseguiu arrancar de sua mãe raras e inestimáveis gotas de informação sobre o pai. Sabia que o Molécua, que derivava seu nome artístico da circunstância de medir, em borzeguins de lamê dourado, pouco menos de 1,58 m, fora aprisionado pelo czar em 1911, na mesma cela que um gigante de circo de Odessa com inclinações políticas chamado Belz Trem de Carga. Sammy sabia que foi Belz, um anarco-sindicalista, e não os antigos sábios da Grécia, que havia instruído o corpo de seu pai e o ensinado a abster-se do álcool, da carne e do jogo, quando não de xerecas e charutos. E ele sabia que foi no Kurtzburg's Saloon, no Lower East Side de Manhattan, em 1919, que sua mãe se apaixonara por Alter Klayman, recém-chegado a este país e trabalhando como entregador de gelo e carregador de pianos freelance.

A srta. Kavalier tinha quase trinta anos quando se casou. Era dez centímetros mais baixa que seu minúsculo marido, rija, com mandíbulas inflexíveis, seus olhos de um cinza-pálido igual a uma poça de água da chuva num pires deixado na saliência da janela. Arranjava os cabelos negros num coque implacável. Era impossível para Sammy imaginar sua mãe como ela devia ter sido naquele verão de 1919, uma garota velhusca despertada e transportada por um súbito acesso erótico, trespassada pelos braços cobertos de veias do

homúnculo que carregava sem pestanejar barras de gelo de cinquenta quilos para o bar do primo dela, Lev Kurtzburg, na Ludlow Street. Não que Ethel fosse desprovida de sentimentos — ao contrário, ela era, à sua maneira, uma mulher apaixonada sujeita a transes de nostalgia piegas, facilmente ultrajada, capaz de mergulhar, por más notícias, má sorte, ou contas de médicos, nos mais fundos e negros abismos do desespero.

— Leve-me com o senhor — disse Sammy ao pai uma noite depois do jantar quando estavam caminhando pela Pitkin Avenue a caminho da Cidade Nova, ou de Canarsie, ou aonde quer que os impulsos vagabundos do Molécula o inclinassem aquela noite. Como um cavalo, Sammy tinha notado, o Molécula quase nunca se sentava. Ele examinava cuidadosamente toda sala em que entrava, primeiro andando para cima e para baixo, depois de um lado para o outro, verificando atrás das cortinas, checando os cantos com seu olhar ou com a ponta de um sapato, testando as almofadas numa cadeira ou num sofá com um repelão estudado e então se colocava de novo de pé. Compelido a ficar parado num lugar por alguma razão, ele balançava de um lado para o outro como alguém que precisava urinar, chocalhando os centavos em seu bolso. Nunca dormia mais de quatro horas por noite e, ainda assim, segundo a mãe de Sammy, com inquietude, mexendo-se e arquejando e gritando durante o sono. E parecia incapaz de ficar num lugar por mais de uma hora ou duas. Embora o enraivecesse e humilhasse, o processo de procurar trabalho, ziguezagueando pelo baixo Manhattan e por Times Square, assolando os escritórios de agentes de espetáculos e empresários de turnê, lhe agradava. Nos dias em que ficava no Brooklyn e no apartamento, deixava todo mundo perturbado com a sua andança e agitação e as incursões de hora em hora à loja para comprar charutos, canetas, um *Boletim de corridas*, meio frango assado — qualquer coisa. No curso de suas caminhadas digestivas, pai e filho iam longe e sentavam-se pouco. Exploravam os bairros do leste e iam tão longe quanto Kew Gardens e East New York. Pegavam o ferry do Terminal Bush para Staten Island, onde caminhavam de St. George até Todt Hill, voltando bem depois da meia-noite. Quando, raramente, saltavam num bonde ou pegavam um trem, ficavam de pé, mesmo que o carro estivesse vazio; no ferry de Staten Island o Molécula espreitava os tombadilhos como um personagem de Conrad, observando inquietamente o horizonte. De tempos em tempos, durante uma caminhada, paravam numa charutaria ou numa *drugstore*, onde o Molécula pedia um tônico de aipo para si e um copo de leite para o menino e, ignorando a banquetta cromada com seu assento plástico, emborcava o seu Cel-Ray de pé. Uma vez, na Flatbush Avenue, tinham entrado num cinema onde passava *Lanceiros da Índia*, mas só ficaram para o cinejornal

antes de saírem de novo para a rua. As únicas direções aonde o Molécua não gostava de se aventurar eram Coney Island, em cujos espetáculos mambembes sofrerá há muito tempo tormentos que não especificava, e Manhattan. Tivera o suficiente dela durante o dia, dizia, e ainda por cima a presença na ilha do Teatro Palace, o pináculo e santuário do vaudeville, era encarada como uma mancha pelo melindroso e encenqueiro Molécua, que nunca tinha, e jamais teria, frequentado os seus cartazes.

— Não pode me deixar com ela. Não é saudável para um menino da minha idade ficar com uma mulher como aquela.

O Molécua parou e virou-se para encarar o filho. Estava vestido, como sempre, num dos três ternos pretos que tinha, passado e brilhante de uso nos cotovelos. Embora, como os outros, tivesse sido feito sob medida, ficava apertado no seu físico. Suas costas e seus ombros eram largos como a grade de um caminhão, seus braços grossos como as coxas de um homem comum e suas coxas, quando juntas, igualavam seu peito em envergadura. Sua cintura parecia estranhamente frágil, como a passagem estreita de uma ampulheta. Seus cabelos estavam cortados curtos e ele ostentava um anacrônico bigode de pontas viradas. Nas suas fotos promocionais, em que frequentemente aparecia sem camisa ou num *leotard* colado à pele, parecia liso como um lingote escovado, mas em roupas comuns tinha um ar desajeitado, cômico e, com os pelos negros saindo das mangas e do colarinho, parecia nada mais do que um macaco de calças, num cartum satirizando a vaidade humana.

— Ouça-me, Sammy. — O Molécua parecia abalado com o pedido do filho, embora coincidissem com seu próprio pensamento ou, a ideia passou pela cabeça de Sammy, ele fora apanhado à beira de deixar a cidade. — Nada me faz mais feliz do que levar você comigo — continuou, com a irritante vagueza que sua gramática ruim permitia. Alisou os cabelos de Sammy para trás com uma palma de mão pesada. — Mas e então, Jesus, que porra de ideia maluca.

Sammy começou a discutir mas o pai levantou a mão. Havia mais a ser dito e no balanço do seu discurso Sammy sentia, ou imaginava, um leve lampejo de esperança. Sabia que tinha escolhido uma noite particularmente auspiciosa para fazer o seu apelo. Naquela tarde, os pais tinham brigado no jantar e sobre o jantar. Ethel desprezava o regime dietético do Molécua, alegando que comer verduras e legumes crus não possuía nenhum dos efeitos positivos que o marido lhes atribuíra, como também que, à primeira oportunidade, o homem ia se esgueirar pela esquina para jantar escondido bife, costeletas de vitela e batatas fritas. Naquela tarde, o pai de Sammy tinha voltado ao apartamento da Sackman Street (foi nos dias antes de se mudarem para Flatbush) da sua faina vespertina de caçar empregos, com um

saco cheio de abobrinhas. Jogou-o, com um piscar de olhos e um sorriso, sobre a mesa da cozinha, como uma presa de um butim precioso. Sammy nunca vira nada como estes legumes. Eram lisos e macios e ao se esfregarem uns nos outros guinchavam como borracha. Dava para ver exatamente onde tinham sido cortados da planta. Seus caules talhados, lenhosos e hexagonais, implicavam um emaranhado de folhas verdes que parecia encher a cozinha com seu leve odor de terra. O Molécula partiu uma das abobrinhas em duas e ergueu sua carne clara e pálida até o nariz de Sammy. Então enfiou uma delas em sua boca e a triturou, sorrindo e piscando para Sammy enquanto mastigava.

— É bom para suas pernas — disse, saindo da cozinha para afogar num chuveiro os fracassos do dia.

A mãe de Sammy cozinhou as abóboras até que se transformaram numa massa de cordas cinzentas.

Quando o Molécula viu o que ela tinha feito, houve palavras duras e amargas. Então o Molécula agarrou bruscamente o filho, como um homem pegando o chapéu, e arrastou Sammy de casa para o calor da noite. Estavam caminhando desde as seis. O sol havia se posto há muito e o céu a oeste era um chamalote de púrpura, laranja e cinza-azul pálido. Caminhavam pela Avenida Z, perigosamente perto dos recintos proibidos dos desastres iniciais do Molécula no mundo dos espetáculos.

— Não creio que faça ideia de como é a coisa para mim lá fora — disse, enquanto caminhavam. — Você acha que é como um circo de filme. Todos os palhaços e o anão e a mulher gorda sentados ao redor de uma boa lareira comendo *goulash* e entoando canções ao som de um acordeom.

— Não penso assim — disse Sammy, embora houvesse uma espantosa verossimilhança nesta avaliação.

— Se eu levar você comigo... e estou dizendo “se”... vai ter de trabalhar duro — disse o Molécula. — Só vão aceitá-lo se for capaz de trabalhar.

— Sou capaz — disse Sammy, estendendo um braço para o pai. — Olhe só isto.

— Sim — disse o Molécula. Apalpou meticulosamente para cima e para baixo os rijos braços do filho, mais ou menos como Sammy apalpara as abobrinhas naquela tarde. — Seus braços não são maus. Mas suas pernas não são tão boas.

— Ora, céus, qual é o problema? Eu tive poliomielite, pai, que é que o senhor quer?

— Sei que você teve a pólio. — O Molécula parou de novo. Franziu a testa e no seu rosto Sammy viu raiva, arrependimento e algo que parecia quase como ansiedade. Pisou na ponta do charuto, esticou as

pernas e sacudiu-se um pouco, como que tentando livrar-se das redes constritoras que sua mulher e seu filho tinham jogado sobre suas costas. — Que merda de dia eu tive. Puta merda.

— O quê? — disse Sammy. — Ei, aonde é que está indo?

— Preciso pensar — disse o pai. — Preciso pensar no que está me pedindo.

— OK — disse Sammy. Seu pai tinha começado a caminhar de novo, virando à direita na Nostrand Avenue, passos largos com suas pernas pequenas e grossas obrigando Sammy a esforçar-se para acompanhá-lo, até que chegaram a um edifício peculiar, de estilo árabe, ou que talvez quisesse ostentar um ar marroquino. Estava fincado no meio do quarteirão entre uma lojinha de chaveiro e um pátio cheio de mato com lápides em branco. Duas torres magras, encimadas por massas pontudas de gesso descascado, alçavam-se aos céus do Brooklyn em cada canto do telhado. Não tinha janelas e sua ampla extensão era coberta, com saturada elaboração, por um mosaico de pequenas pastilhas, cor azul barriga-de-mosca e um cinza-sabão que devia ter sido branco antigamente. Muitas das pastilhas estavam faltando, lascadas, frouxas ou deslocadas. A porta era ampla, em arco, emoldurada por cerâmica azul. Apesar de sua aparência lastimável e da atmosfera *kitsch* de um Oriente Misterioso erguido em Coney Island, havia algo cativante no prédio. Lembrava a Sammy a cidade de cúpulas e minaretes que se podia vislumbrar, vaga e ilusória, atrás das letras na embalagem de um maço de cigarros Chesterfield. Ao longo do portal arqueado, em letras brancas de cerâmica, bordadas de azul, estava escrito BRIGHTON GRAND HAMMAM.

— O que é um *ham-mam*? — perguntou Sammy quando entravam. Seu nariz foi imediatamente assaltado por um odor pungente de pinho, pelo cheiro de roupa chamuscada, panos úmidos e algo mais no fundo de tudo isso, um cheiro humano, salgado e fétido.

— É um *schvitz* — disse o Molécula. — Sabe o que é um *schvitz*?

Sammy acenou a cabeça.

— Quando é hora de pensar — disse o Molécula — eu gosto de entrar num *schvitz*.

— Oh.

— Detesto ter de pensar.

— Sim — disse Sammy. — Eu também.

Guardaram as roupas no vestiário, num armário de ferro alto e preto que guinchava e fechou com o clangor de um instrumento de tortura. Seguiram pisando com os pés nus num longo corredor de cerâmica até a principal sala de vapor das termas Brighton. Seus passos ecoavam como se estivessem dentro de um aposento bastante espaçoso. Fazia um calor terrível e Sammy sentia que não podia encher os pulmões com ar suficiente. Queria correr de volta para o

relativo frescor da noite do Brooklyn, mas ainda assim se arrastava, tateando o caminho através das ondas de vapor, uma das mãos nas costas nuas do pai. Instalaram-se num banco baixo de cerâmica e reclinaram-se para trás, Sammy sentindo cada placa de azulejo queimando contra sua pele. Era muito difícil enxergar mas de tempos em tempos uma corrente de ar marota, ou os caprichos da maquinaria invisível e sibilante que produzia o vapor, provocava uma ruptura na névoa e ele podia ver que estavam realmente num espaço grandioso, um arcabouço formado por abóbadas de porcelana, forrado de faiança azul e branca rachada em alguns pontos, suando e amarelada pelo tempo. Até onde podia ver, não havia outros homens ou garotos na sala com eles, mas não podia ter certeza, e sentia-se obscuramente receoso de que um rosto desconhecido ou um membro nu subitamente aparecessem de trás das trevas.

Ficaram sentados por muito tempo, sem falar nada, e a certa altura Sammy percebeu, primeiro, que seu corpo produzia verdadeiras torrentes de suor com uma desenvoltura que nunca antes exibira em sua vida e, segundo, que o tempo todo ele vinha imaginando sua existência no vaudeville: carregando braçadas de roupas de lantejoulas ao longo de um corredor escuro do Royal Theatre em Racine, Wisconsin, passando por uma sala de ensaios em que um piano tilintava e saindo por uma porta dos fundos para o furgão que esperava num sábado no meio do verão, a noite profunda do Meio Oeste rica com besouros, gasolina e rosas, o cheiro das roupas bolorento mas animado pelo suor e pela maquiagem das constas que haviam acabado de usá-las, visualizando, inalando e ouvindo tudo isto com a vividez de um sonho, embora estivesse, ao que sabia, bem acordado.

Então seu pai falou:

— Sei que você teve a pólio. — Sammy ficou surpreso; o pai parecia extremamente zangado, como se com vergonha de que ele ficasse sentado ali o tempo todo em que devia estar relaxando, e foi ficando com raiva. — Eu estava lá e encontrei você nos degraus do prédio. Tinha desmaiado.

— O senhor estava lá? Quando eu tive a pólio?

— Eu estava lá.

— Não me lembro disto.

— Você era um bebê.

— Eu tinha quatro anos.

— E daí, que tinha quatro anos? Não se lembra.

— Eu me lembraria disto.

— Eu estava lá. Carreguei você até o nosso quarto.

— Em Brownsville, foi onde aconteceu.

Sammy não podia evitar o ceticismo no seu tom.

— Eu estava lá, com os diabos.

Como se varrida por uma rajada de raiva, a cortina de vapor que pendia entre Sammy e o pai subitamente se dissolveu e ele viu, pela primeira vez, realmente, o grande espetáculo moreno da nudez do pai. Nenhuma das fotografias de estúdio cuidadosamente posadas o haviam preparado para o espetáculo. Seu pai reluzia, maciço, selvagemmente peludo. Os músculos em seus braços e ombros eram como engrenagens e rodas numa vastidão de terra marrom compacta. Os sistemas de raízes de uma árvore antiga pareciam forquear e sulcar a superfície de suas coxas e onde sua pele não estava coberta por cabelos escuros era ondulada por tramas irregulares de algum tipo de tecido debaixo da pele. Seu pênis jazia na sombra das coxas como um pedaço curto de corda grossa e enrolada. Sammy olhou para ele e então percebeu que estava olhando. Desviou a vista e seu coração teve um sobressalto. Havia um homem com eles. Estava sentado, uma toalha amarela sobre o colo, do outro lado da sala. Era um jovem de cabelos escuros, moreno com uma única e comprida sobrancelha e um peito perfeitamente liso. Seus olhos encontraram-se com os de Sammy por um momento, então se desviaram e depois voltaram. Era como se um túnel de ar claro houvesse se aberto entre eles. Sammy voltou a olhar para o pai, seu estômago revirado pelo ácido do constrangimento, da confusão e da excitação. De certa forma a magnificência hirsuta era demais para ele. Por isso baixou os olhos para a toalha atravessada sobre suas duas pernas de cabos de vassoura.

— Você foi muito pesado para carregar — disse o seu pai —, pensei que devia estar morto. E também estava muito quente. Quando o médico chegou, pusemos gelo em você, e quando acordou não podia mais andar. Então, quando voltou do hospital, comecei a sair com você e a levá-lo por aí, eu carregava e fazia você andar. Até que seus joelhos ficassem esfolados e machucados, eu fazia você andar. Até você chorar. Primeiro agarrado em mim, depois nas muletas, depois sem as muletas. Sozinho.

— Puxa — disse Sammy. — Quero dizer, mamãe nunca me contou nada disto.

— Que surpresa.

— Francamente, não me lembro.

— Deus é misericordioso — falou o Molécula secamente; ele não acreditava em Deus e seu filho bem sabia disto. — Você detestou cada minuto. Como também me detestou.

— Mas mamãe mentiu.

— Estou chocado.

— Ela sempre me disse que o senhor saiu de casa quando eu era bebê.

— Saí. Mas voltei. Estou lá quando você fica doente. Então eu fico lá e ensino você a caminhar.

— E então foi embora de novo.

O Molécula pareceu ignorar esta observação.

— É por isso que tento fazer você caminhar tanto agora — disse.
— Para deixar suas pernas fortes.

Este possível segundo motivo para suas caminhadas — depois do primeiro, a inquietação inerente do pai — havia ocorrido antes a Sammy. Ficou lisonjeado e acreditou no pai e na potência de longas caminhadas.

— Então vai me levar? — falou. — Quando parte?

O Molécula ainda hesitava.

— E sua mãe?

— Está brincando. Ela não vê a hora de se livrar de mim. Detesta minha presença em casa, tanto quanto a sua.

Diante disto, o Molécula sorriu. Apesar de todas as aparências exteriores, a presença renovada do marido em sua casa não passava de um aborrecimento para Ethel, ou pior — uma traição dos seus princípios. Ela criticava seus hábitos, suas roupas, sua dieta, seu material de leitura e sua linguagem. Sempre que ele tentava fugir dos grilhões do seu inglês desajeitado e obsceno e falar com a mulher em iídiche, no qual ambos eram fluentes, ela o ignorava, fingia não ouvir, ou simplesmente cortava: “Você está na América. Fale americano.” Tanto em sua presença, como por suas costas, ela o menosprezava por sua grossura, suas longas histórias no vaudeville e sua infância no Território Confinado dos judeus russos. Dizia-lhe que roncava alto demais, ria alto demais, simplesmente vivia muito ruidosamente, além do limite de tolerância dos seres civilizados. Todo o discurso dela para cima dele parecia consistir de reprimenda e denúncia. E, no entanto, na noite anterior, toda noite desde a volta dele, ela o convidara, numa voz que tremia de timidez adolescente, para a sua cama e permitira que se fartasse dela. Aos 45 anos, não era diferente do que fora aos trinta, esguia, rija e lisa, com a pele da cor de casca de amêndoa e um belo emaranhado de cabelos pretos como tinta nanquim no meio das pernas, que ele gostava de agarrar e puxar até que ela gritasse. Era uma mulher de apetite que passara uma década sem a companhia de um homem e, no seu retorno inesperado, dava-lhe acesso àquelas partes e usos do seu corpo que, na vida anterior, estivera inclinada a manter para si mesma. E quando acabavam, ela ficava deitada ao lado dele no escuro do minúsculo quarto, que havia separado da cozinha por uma cortina de contas, e acariciava seu grande peito cabeludo e repetia no seu ouvido num sussurro baixinho todas as velhas carícias e promessas da sua submissão a ele. À noite, no escuro, ela não odiava a presença dele. Foi este pensamento que o fizera sorrir.

— Não tenha certeza disto — falou.

— Eu não ligo, pai. Quero ir embora — disse Sammy. — Que diabo, só quero ir embora.

— Muito bem — disse o pai. — Prometo que vou levar você quando for embora.

Na manhã seguinte, quando Sammy acordou, seu pai tinha ido embora. Achara uma colocação na velha Turnê Carlos, no Sudoeste, dizia sua nota, onde passou o resto da carreira apresentando-se em teatros quentes e poeirentos, de Kingman até o extremo sul, em Monterrey. Embora Sammy continuasse a receber cartões e recortes, o Molécula Maravilha nunca mais passou no raio de mil milhas da cidade de Nova York. Uma noite, cerca de um ano antes da chegada de Joe Kavalier, um telegrama chegou com a notícia de que, num parque de diversões nos arredores de Galveston, debaixo das rodas traseiras de um trator Deere que tentava levantar, Alter Klayman havia sido esmagado e, com ele, a esperança mais profunda de Sammy, na tentativa de escapar de sua vida, de trabalhar com um parceiro.

Os dois andares superiores de uma certa casa de travessa na altura das ruas 20, nos dez anos antes que fosse demolida com todas as suas vizinhas para dar lugar a um gigantesco bloco de apartamentos decorado por cumeeiras e chamado Patroon Town, foram um túmulo notório para as esperanças dos cartunistas. De todas as muitas dúzias de jovens John Helds e Tad Dorgans que haviam aparecido, portando fragrantas pastas oferecidas como prêmios de diplomação, certificados de cursos por correspondência de escolas de cartunistas e a orgulhosa insígnia de tinta debaixo de uma unha lascada, buscando guarida debaixo de madeirames apodrecidos, só um, um garoto pernetas de New Haven chamado Alfred Caplin, seguiu em frente para conhecer o tipo de sucesso que todos achavam que iriam ter — e o pai do Schmoo só passara duas noites ali antes de se mudar para alojamentos melhores do outro lado da cidade.

A senhoria, uma tal de sra. Waczukowski, era viúva de um roteirista da agência Hearst que assinava suas tiras como Wacky e ao morrer deixara para ela apenas o prédio, um desdém declarado a todos os cartunistas, veteranos ou novos, e a considerável parcela que cabia à mulher numa parceria alcoólica. Originalmente, havia seis quartos de dormir separados nos dois andares superiores, mas ao longo dos anos haviam sido remanejados numa espécie de duplex com três quartos de dormia um amplo estúdio, uma sala de estar em que havia geralmente um ou dois cartunistas de plantão alojados num par de sofás abandonados, e o que era mencionado, geralmente sem ironia, como a cozinha: um antigo quarto de empregada equipado com um pequeno fogão portátil, uma despensa feita de um armário de aço roubado do Hospital Policlínico e uma estante de madeira apoiada em mãos francesas presas à borda da janela em que, nos meses frios, leite, ovos e bacon podiam ser conservados.

Jerry Glovsky mudara-se cerca de seis meses antes e, desde então, Sammy, na companhia de seu amigo e vizinho Julie Glovsky, o irmão mais moço de Jerry, visitara o apartamento várias vezes. Embora ignorasse largamente os detalhes do passado do apartamento, Sammy mostrara-se sensível à espessa camada de fumaça de charuto traindo a atmosfera de camaradagem masculina, de anos de trabalho duro e sofrimento a serviço de absurdas e gloriosas visões em preto e branco. No momento presente havia dois outros ocupantes “permanentes”,

Marty Gold e Davy O'Dowd, e ambos, como o Glovsky mais velho, derramavam suor para Moe Shiflet, vulgo Moe Skinflint (unha de fome), um “empacotador” de tiras originais que vendia seu material, geralmente de qualidade pobre, a agências estabelecidas e, mais recentemente, a editores de histórias em quadrinhos. O lugar parecia sempre cheio de jovens manchados de tinta, bebendo e fumando, com seus dedos espichando das pontas das meias. Em toda a cidade de Nova York não havia um ponto mais lógico para se contratar este tipo de operário de que Sammy precisava para lançar a pedra angular da catedral barata e fantástica que seria o trabalho de sua vida.

Não havia ninguém em casa — ninguém consciente, pelo menos. Os três jovens socaram a porta até que, afinal, a sra. Waczukowski, os cabelos presos em nós de papel cor-de-rosa e um roupão puxado por cima dos ombros, se arrastou do primeiro andar e mandou que se escafedessem.

— Só mais um minuto, madame — disse Sammy — e não vamos mais perturbar a senhora.

— Deixamos algumas antiguidades valiosas lá — disse Julie, no mesmo sotaque de mandíbula fechada de Mr. Peanut.

Sammy piscou e os dois jovens sorriram para ela com tantos dentes quantos podiam exibir até que finalmente ela deu as costas, mandando-os para o inferno com um eloquente aceno de mão, e retirou-se escada abaixo.

Sammy virou-se para Julie.

— E então, onde está Jerry?

— Sei lá.

— Merda, Julius, precisamos entrar lá. Onde está o resto do pessoal?

— Talvez tenha saído com ele.

— Você não tem uma chave?

— E eu moro aqui?

— Talvez a gente pudesse entrar pela janela.

— Do alto de cinco andares?

— Que diabo! — Sammy deu um chute fraco na porta. — Já passa do meio-dia e ainda não desenhamos um só quadrinho! Cristo!

Teriam de voltar ao Edifício Kramler e pedir para trabalhar nas mesas cheias de sulcos nos escritórios da *Racy Publications*, um curso que os colocaria inevitavelmente dentro da circunferência maléfica do olhar de George Deasey.

Joe ajoelhou-se junto à porta, passando os dedos de cima para baixo no batente, apalpando a maçaneta.

— Que está fazendo, Joe?

— Eu podia dar um jeito para a gente entrar, só que não trouxe minhas ferramentas.

— Que ferramentas?

— Sei abrir fechaduras — disse. — Fui treinado para isso, para me desvencilhar de coisas. Caixas. Cordas. Correntes. — Ficou de pé e apontou para o peito. — *Ausbrecher*. Fugitivo. Não, como é que se diz? Um artista do escape.

— Você é um artista do escape treinado?

Joe acenou com a cabeça.

— Sim.

— Você?

— Como Houdini.

— Quer dizer que você é capaz de sair para *fora* de coisas — falou Sammy — e assim seria capaz de nos colocar lá *dentro*?

— Normalmente. Para dentro, para fora, é sempre a mesma coisa na outra direção. Mas, infelizmente, deixei minhas ferramentas no Flat Bush.

Puxou um pequeno canivete do bolso e começou a explorar a fechadura com sua lâmina fina.

— Esperem — disse Julie. — Espere um segundo, Houdini. Sammy. Não acho que a gente devia ir arrombando...

— Está seguro de que sabe o que está fazendo? — perguntou Sammy.

— Vocês estão certos — disse Joe. — Estamos sendo muito apressados.

Guardou o canivete e começou a descer as escadas. Sammy e Julie foram atrás dele.

Na rua, Joe saltou para cima do balaústre dos degraus de entrada, uma esfera de cimento lascada sobre a qual um inquilino que se fora há muito tempo desenhara uma caricatura cruel do rosto lunar e rabugento do falecido sr. Waczukowski. Tirou o paletó e jogou-o para Sammy.

— Joe, o que está fazendo?

Joe não respondeu. Empoleirou-se por um momento no balaústre de olhos esbugalhados, os longos pés lado a lado em seus sapatos Oxford de solas de borracha e estudou a escada de ferro escamoteável da saída de incêndio. Puxou um cigarro do bolso da camisa e acendeu um fósforo nas mãos em concha. Exalou uma pensativa nuvem de fumo, enfiou o cigarro entre os dentes e esfregou as mãos. Então, saltou do topo da cabeça do sr. Waczukowski, estendendo as mãos para o alto. A escada de incêndio rugiu ao impacto de suas palmas, balançou e, com um gemido enferrujado, deslizou lentamente para baixo, quinze aturdidos centímetros, trinta centímetros, meio metro, antes de travar, deixando Joe pendurado a um metro e meio da calçada. Joe não desanimou, tentando soltar a escada, e balançou as pernas para a frente e para trás; mas a escada continuou travada.

— Vamos, Joe — disse Sammy. — Não vai dar certo.

— Vai quebrar o pescoço — disse Julie.

Joe soltou a mão direita da escada, deu uma tragada no cigarro e recolocou a mão. Então agarrou a escada de novo e balançou, jogando todo o seu corpo no movimento, com cada balanço descrevendo um arco mais amplo. A escada chocalhou e tilintou contra o escape de incêndio. Subitamente, ele se dobrou ao meio, largou a escada por completo e usou o impulso para se lançar pelos ares num salto mortal, caindo de pé sobre a plataforma de escape do primeiro andar. Foi um desempenho por demais gratuito, executado puramente em função do próprio efeito ou da sensação; podia ter facilmente subido pela escada mão a mão, pelos degraus. Podia facilmente ter quebrado o pescoço. Parou por um momento na plataforma, sacudindo a cinza da ponta do cigarro.

Naquele instante, o vento norte regular que vinha atacando as nuvens sobre a cidade de Nova York o dia inteiro conseguiu finalmente dispersá-las, clareando e abrindo sobre Chelsea um retalho de azul delicado. Um facho de luz solar amarelada caiu obliquamente, retorcendo com fitas de vapor e fumaça uma garoenta faixa de mel, um filão de quartzo amarelo marmoreando o indistinto granito cinza da tarde. As janelas da velha casa de travessa encheram-se de luz e então a extravasaram. Iluminado assim por uma janela transbordante, Josef Kavalier parecia brilhar, incandescer.

— Veja só ele — disse Sammy. — Veja o que é capaz de fazer.

No decorrer dos anos, em reminiscências para amigos ou jornalistas ou, ainda depois, para reverentes editores de fanzines, Sammy inventava e relatava todo tipo de histórias das origens, fantasiosas e mundanas, geralmente conflitantes, mas havia sido de uma conjunção do desejo, da memória enterrada do pai e da iluminação casual da janela de uma casa de travessa que o Escapista nascera. Ao observar Joe de pé, flamejante, na plataforma da escada de incêndio, Sammy sentira uma pontada no peito que acabou sendo, como ocorre frequentemente quando a memória e o desejo se conjugam com um efeito transitório do tempo, a dor da criação. O desejo que sentiu, observando Joe, foi indiscutivelmente físico, mas no sentido de que Sammy queria habitar o corpo do seu primo, não o possuir. Foi, em parte, uma ânsia — bastante comum entre os inventores de heróis — de ser outra pessoa; de ser mais do que o resultado de duzentos regimes e cenários e campanhas de autoajuda que sempre se complicam com sua perene incapacidade de encontrar um eu de verdade a ser ajudado ou aperfeiçoado. Joe Kavalier tinha um ar de competência, de fé em suas próprias habilidades, que Sammy, através de um esforço constante ao longo de toda sua vida, aprendera finalmente a apenas a imitar.

Ao mesmo tempo, enquanto observava o impetuoso exercício do seu corpo longo e altivo, a exibição de força pelo mero prazer de exhibir, o ímpeto desta paixão era inevitavelmente toldado, ou alimentado, ou entrelaçado pela memória do pai. Temos a noção de que nosso coração, uma vez partido, se cicatriza com um tecido indestrutível capaz de impedir que jamais se rompa de novo no mesmo lugar; mas enquanto Sammy observava Joe, sentiu a mesma dor profunda daquele dia de 1935 em que o Molécula Maravilha partiu para sempre.

— Notável — disse Julie secamente, numa voz que sugeria que havia algo engraçado, e não no sentido de humor, na expressão do rosto de seu velho amigo. — Se ele ao menos soubesse desenhar...

— Ele sabe desenhar — disse Sammy.

Joe subiu com clangor os degraus da escada de incêndio até a janela do quarto andar, fez subir a cortina e mergulhou de cabeça no quarto. Um instante depois, um grito incrivelmente musical, no melhor estilo Fay Wray, escapou do apartamento.

— Hum — disse Julie. — Ele até que leva jeito de que pode dar certo no negócio dos quadrinhos.

Uma garota com cachinhos castanhos desalinhados, parecendo prestes a chorar arremeteu atabalhoada pela escadaria. Vestia um casaco de homem com o tecido em espinha de peixe. Joe estava parado no meio do apartamento, a cabeça inclinada num ângulo comicamente acanhado, coçando a nuca. Sammy só teve tempo de notar que a garota levava um par de botas pretas de maquinista numa das mãos e um nó de meias negras na outra antes de passar roçando por Julie Glovsky, quase o jogando por cima da balaustrada, e descer as escadas trotando de pernas nuas. No seu rastro imediato, os três jovens ficaram olhando uns para os outros, perplexos, como cínicos diante de um milagre irrefutável.

— Quem era? — perguntou Sammy, apalpando o rosto no local em que roçara contra ele com seu perfume e seu cachecol de alpaca. — Acho que ela podia ter sido maravilhosa.

— Ela era. — Joe foi até uma surrada cadeira forrada com couro de cavalo e apanhou uma grande sacola. — Acho que ela esqueceu isto. — Era de couro preto, com pesadas correias pretas e complicadas fivelas de metal preto. — Sua bolsa.

— Isto não é uma *bolsa* — disse Julie, olhando nervoso em volta da sala de estar, percebendo o prejuízo que já haviam causado. Fez uma careta para Sammy, como se sentindo outro dos esquemas malucos do amigo em vias de se desfazer. — Deve ser do meu irmão. É melhor deixar aí mesmo.

— Jerry deu para transportar documentos secretos de repente? — Sammy pegou a bolsa da mão de Joe. — Subitamente ele é Peter Lorre? — Abriu as fivelas e ergueu a pesada aba da bolsa.

— Não! — disse Joe. Tentou pegar a bolsa, mas Sammy a puxou para longe. — Não é educado — repreendeu-o Joe, tentando dar a volta e pegar a bolsa. — Devíamos respeitar a privacidade dela.

— Isto *não podia* ser dela — disse Sammy. E, no entanto, encontrou na sacola de correio negra um compacto de tartaruga de aparência cara, um panfleto muito folheado intitulado “Por Que a Cerâmica Moderna É a Arte do Povo”, um batom (Andalucia, de Helena Rubinstein), uma caixinha de pílulas de ouro esmaltado e uma carteira de dinheiro com duas notas de vinte e uma de dez. Vários cartões de visita na carteira traziam o seu nome, algo extravagante, Rosa Luxemburg Saks, e informavam que trabalhava no departamento de

arte da revista *Life*.

— Acho que não estava usando calcinhas — disse Sammy.

Julie ficou tão emocionado com esta informação que não conseguia falar.

— Não usava — disse Joe. Olharam para ele. — Entrei pela janela e ela estava dormindo ali. — Apontou para o quarto de dormir de Jerry. — Na cama. Ouviram ela gritar, não? Colocou o vestido e o casaco.

— Você a viu — disse Julie.

— Sim.

— Estava nua.

— Bem nua.

— Aposto que não seria capaz de desenhar isto. — Julie tirou o suéter. Era da cor de trigo e debaixo dele usava outro suéter idêntico. Julie estava sempre se queixando do frio, mesmo no tempo quente; no inverno, inchava-se ao dobro do seu perfil, cheio de roupas. No correr dos anos, sua mãe, baseada apenas em conhecimentos catados nas páginas dos jornais em iídiche, havia diagnosticado nele várias doenças agudas e crônicas. Toda manhã o obrigava a engolir uma variedade de pílulas e tabletes, a comer uma cebola crua, e a tomar uma colher de óleo de rícino e outra de tônico vitaminado. O próprio Julie era um grande desenhista de nus e amplamente admirado na vizinhança de Sammy por suas versões sem roupas de Fritz Ritz, Belinda e da Violeta Buscapé, que vendia por dez centavos, ou por 25 as de Dale Arden, cujos adoráveis atributos pubianos exibia em traços luxuriantes e todos concordavam que seriam precisamente aqueles com que o próprio Alex Raymond a dotaria, se a moral pública e as exigências da viagem interplanetária o permitissem.

— Claro que eu conseguiria desenhar — disse Joe. — Mas não pretendo.

— Dou-lhe um dólar se me desenhar um retrato de Rosa Saks deitada nua na cama — disse Julie.

Joe pegou a sacola de Rosa das mãos de Sammy e sentou-se na cadeira de couro de cavalo. Parecia estar sopesando sua necessidade material contra o desejo que sentia, assim como Sammy, de apegar-se a uma aparição maravilhosa e guardá-la só para si. Finalmente suspirou e jogou a sacola de lado.

— Três dólares — disse.

Julie não ficou feliz com isto, mas mesmo assim concordou com um gesto de cabeça. Tirou outro suéter.

— Capricha nisto — falou.

Joe ajoelhou-se para apanhar um toco de *crayon* Conte largado sobre um caixote de leite. Apanhou um aviso ainda não aberto da Biblioteca Pública de Nova York reclamando a devolução de um livro

e alisou-o sobre o caixote de leite. O longo indicador de sua mão direita, manchado de amarelo na ponta, deslizou à vontade nas costas do envelope. Suas feições se animaram, ficaram até cômicas: cerrou os olhos, mordeu os lábios, mexeu-os de um lado para o outro, fez caretas. Depois de alguns minutos, e tão bruscamente como começara, sua mão estacou e os dedos largaram o *crayon*. Ergueu o envelope, franziu a testa, como se estudando a coisa que havia desenhado e não simplesmente a maneira como a havia desenhado. Sua expressão ficou quieta e arrependida. Não era tarde demais, parecia pensar, para rasgar o envelope e preservar a bela visão só para si. Mas seu rosto reassumiu o aspecto habitual, sonolento, desligado. Passou o envelope para Julie.

Seu breve voo através da janela o fizera pousar no chão do quarto de dormir e Joe escolhera desenhar Rosa Saks da maneira como a vira primeiro, no nível do olho ao se levantar do chão, olhando além de uma pinha entalhada que coroava o pé da cama. Ela jazia inconsciente sobre a barriga, sua perna direita escarrapachada fora das cobertas, deixando exposta bem mais da metade de uma grande e encantadora bunda. Seu pé direito se agigantava no primeiro plano, esguio, os dedos enroscados. As linhas de sua perna nua e de sua perna coberta convergiam, no último ponto de fuga, numa difusa sarça negra de sombra. Na distância da imagem, as depressões e o longo vale central de suas costas erguiam-se até um Niágara de cabelos cor de carvão que obscureciam tudo menos a porção inferior do seu rosto, os lábios abertos, o maxilar amplo, talvez um pouco pesado. Era uma fatia de 10 x 24 cm, cortada fresca da memória de Joe, mas, apesar do seu imediatismo, fora feita em traços limpos, sem pressa, com uma precisão ao mesmo tempo anatômica e emocional: podia-se sentir a ternura de Joe para com o pequeno pé encaracolado, as costas côncavas, a boca aberta e sonhadora aspirando um último fôlego de inconsciência. Dava vontade de que ela continuasse dormindo, por tanto tempo quanto fosse possível observar.

— Você não mostrou seus peitinhos! — disse Julie.

— Não por três dólares — disse Joe.

Resmungando e com uma grande amostra de relutância, Julie pagou a Joe e enfiou o envelope no bolso de trás do seu casaco, colocando-o protetoramente dentro de um exemplar de *Planet Stories*. Quando, 53 anos depois, ele morreu, o desenho de Rosa Saks nua e adormecida foi encontrado entre seus pertences, numa caixa de doces Barracini, com um solidéu, lembrança do *bar mitzvah* do filho mais velho, e um *button* de Norman Thomas, e foi erroneamente exibido, numa retrospectiva do Cartoon Art Museum em San Francisco como uma obra do jovem Julius Glovsky. Quanto a *Erros comuns no desenho em perspectiva*, o livro reclamado pela biblioteca, investigações

recentes revelaram que foi devolvido, no âmbito de um programa de anistia municipal, em 1971.

No estilo imemorial de jovens sob pressão, decidiram relaxar um pouco e jogar tempo fora. Tiraram os sapatos, arregaçaram as mangas das camisas e afrouxaram as gravatas. Mudaram cinzeiros de lugar, varreram pilhas de revistas para o chão, colocaram um disco na vitrola e no geral se comportaram como se fossem os donos do lugar. Estavam nas salas onde os artistas meninos-prodígios tinham suas pranchetas de desenho e tamboretas, uma sala que ganhara de seus ocupantes várias denominações ao longo dos anos como o Curral, o Poço, a Toca do Rato e os Estúdios Panaca, este último um nome aplicado muitas vezes ao apartamento inteiro, ao prédio, ocasionalmente à vizinhança e até, em manhãs sombrias de ressaca e trabalho, com uma vista pela janela do banheiro para um sol nascente da cor de uísque de milho e cinzas, ao fedorento mundo inteiro. A certa altura no século passado fora um elegante quarto de dormir de senhora. Ainda havia apetrechos de gás em latão curvilíneo e cornijas com entalhes ornamentais, mas a maior parte do papel de parede verde-musgo achamalotado fora arrancada para servir de material para desenho, deixando as paredes cobertas apenas por uma vasta trama marrom de cola cheia de rachaduras. Na verdade, Sammy e Joe mal prestaram atenção ao ambiente. Era apenas a clareira em que iam montar a barraca de suas imaginações. Sammy jogou-se num sofá-cama manco de cor púrpura; Joe, no chão, se deu conta por um momento de que estava deitado sobre um tapete oval trançado com um cheiro ácido num apartamento ocupado até há pouco por uma garota que o havia impressionado, nos poucos instantes do seu conhecimento, como a mais bonita que já vira na vida, num edifício cujas paredes havia escalado a fim de que pudesse começar a produzir revistas em quadrinhos para uma companhia que vendia almofadas que peidam em Manhattan, Nova York, onde havia chegado através da Lituânia, da Sibéria e do Japão. Uma descarga de privada soou em alguma parte do apartamento, Sammy tirou as meias com um suspiro feliz e a sensação que Joe tinha da atual estranheza de sua vida, do tremendo abismo, do longo e impossível caminho que o separava da família, saíram do seu pensamento.

Todo universo, até o nosso, começou pela conversa. Todo golem na história do mundo, do deleitável bode do rabino Hanina ao Frankenstein feito com o barro do rio pelo rabino Judah Loew ben

Bezalel, foi trazido à existência através da linguagem, através do murmúrio, da recitação, da tagarelice cabalística — foi, literalmente, trazido à vida na conversa. Kavalier e Clay — cujo golem era formado por traços pretos e pelos pontos a quatro cores do litógrafo — recostaram-se, acenderam o primeiro das cinco dúzias de cigarros que iriam consumir aquela tarde e começaram a falar. Cuidadosamente, com um certo humor deplorável inspirado em parte pela consciência da sua gramática truncada, Joe contou a história de seus estudos interrompidos com o *Ausbrecher* Bernard Kornblum e descreveu o papel que seu velho professor desempenhara na sua fuga de Praga. Contou a Sammy meramente que fora contrabandeado numa carga de artefatos não especificados que Sammy fantasiou como grandes livros de magia hebraicos fechados com fivelas de ouro. Joe não o privou desta imagem. Sentia-se constrangido pelo fato de que, quando lhe pediram um ágil e aéreo Super-Homem, desenhara um lerdo golem num barrete frígido e achava que quanto menos falasse do golem agora seria melhor. Sammy se interessou muito pelos detalhes da autolibertação e estava cheio de perguntas. Era verdade que você tinha de ter as juntas soltas, que Houdini era um prodígio do cotovelo e das rótulas de joelhos flexíveis? Não e não. Era verdade que Houdini podia deslocar seus ombros à vontade? Segundo Kornblum, não. Era mais importante neste ofício ser forte e destro? Era preciso mais esperteza do que destreza, mais resistência do que força. Você geralmente cortava, arrombava ou chutava para conseguir sair? Todos os três e mais — você usava o pé de cabra, você se contorcia, você chutava, você empurrava. Joe se lembrava de algumas das coisas que Kornblum lhe contara sobre sua carreira no mundo dos espetáculos, as condições difíceis, as viagens intermináveis, a camaradagem entre os artistas, a meticulosa e fiel transmissão, entre os mágicos e ilusionistas, do conhecimento acumulado.

— Meu pai foi do vaudeville — disse Sammy. — Nos espetáculos.

— Eu sei. Meu pai me contou certa vez. Era um homem forte, não? E era muito forte.

— Era o Judeu Mais Forte do Mundo — disse Sammy.

— E hoje ele...

— Já morreu.

— Lamento.

— Era um bastardo — disse Sammy.

— Oh.

— Não literalmente. É apenas uma expressão. Era um *schmuck*. Saiu de casa quando eu era bebê e nunca mais voltou.

— Ah.

— Era todo músculos. Nenhum coração. Era como o Super-Homem sem Clark Kent.

— É por isso que não quer que o nosso sujeito — ele havia adotado o termo de Sammy — seja forte?

— Não! Quero que o nosso sujeito seja exatamente igual a todo mundo, sabe?

— Falha minha — disse Joe. Sentiu, porém, que estava certo. Podia ouvir a admiração na voz de Sammy, mesmo quando classificava o falecido sr. Klayman como um bastardo.

— E o seu pai como é? — perguntou Sammy.

— É um bom homem. É médico. Não é o judeu mais forte do mundo, infelizmente.

— É o que eles precisam lá — disse Sammy. — Ou, veja só você, você conseguiu sair. Talvez o que precisem é de um Super-Kornblum. Ei! — Ficou de pé e começou a bater com a palma da mão direita na palma da mão esquerda. — Ooh. Ooh, ooh. OK. Espere um minuto. — Apertou as palmas das mãos contra as têmporas. Era quase possível ver a ideia se enfiando para dentro do seu pensamento, como Atena no crânio de Zeus. Joe soergueu-se. Repassou na cabeça a última meia hora de conversação e, como se estivesse captando uma transmissão direta do cérebro de Sammy, viu em sua própria mente os contornos, os contornos obscuros, as contorções dançarinas de um herói fantasiado cujo poder seria aquele do escape perpétuo.^[1] Ele estava apenas prefigurando ou antecipando ou, estranhamente, lembrando este personagem arrebatador quando Sammy abriu os olhos. Seu rosto estava distorcido e corado de excitação. Parecia como se, para empregar uma de suas próprias expressões, como se estivesse sofrendo uma revolução intestinal.

— OK — falou — ouça isto. — Começou a andar entre as pranchetas, olhando para os pés, declamando num tenor afiado e incisivo que Joe reconheceu como o dos locutores de rádio americanos. — A todos aqueles que, hã, labutam nas malhas da escravidão...

— Malhas?

— Sim. — As faces de Sammy coraram e ele abandonou a voz radiofônica. — São quadrinhos, está certo?

— Sim, está certo.

Reassumiu a andança e a voz de locutor e continuou a compor sua série de exclamações históricas.

— A todos aqueles que labutam nas malhas da escravidão e, hã, nos grilhões da opressão, ele oferece a esperança de salvação e a promessa de liberdade! — Sua interpretação ficou mais segura agora. — Armado com soberbo treinamento físico e mental, com uma eficiente equipe de assistentes e com sua sabedoria antiga, ele percorre o globo realizando feitos impressionantes e socorrendo aqueles que definham nas correntes da tirania! Ele é — fez uma pausa

e lançou para Joe um olhar desamparado e jubiloso, a ponto de sumir completamente em sua história — o Escapista!

— “O Escapista” — Joe experimentou o som. Parecia maravilhoso a seus ouvidos pouco treinados, alguém confiável, útil e forte. — É um artista de escape num disfarce. Que combate o crime.

— Ele não combate o crime apenas. Ele *livra* o mundo do crime. Ele *liberta* as pessoas, você vê? Chega na hora mais escura. Espreita das sombras. Guiado apenas pela luz de... pela luz de...

— Sua Chave de Ouro.

— Isto é excelente!

— Estou vendo — disse Joe. O disfarce seria escuro, azul-escuro, azul meia-noite, simples, funcional, ornamentado apenas pelo emblema da chave mestra no peito. Joe foi para uma das pranchetas e montou na banqueta. Pegou um lápis e uma folha de papel e começou a esboçar rapidamente, fechando sua pálpebra interna e projetando sobre ela, por assim dizer a imagem de um homem ágil e acrobático que acabava de saltar na sua cabeça, um homem no ato de pousar, um ginasta descendo das argolas, seu calcanhar direito no ponto de tocar o solo, a perna esquerda erguida e flexionada no joelho, seus braços jogados para o alto, as mãos estendidas, tentando captar a física do movimento de um homem, a interação de grupos de tendões e músculos, tentando forjar de uma maneira que nenhum artista de história em quadrinhos conseguira ainda, uma base anatômica para a graça e o estilo.

— Uau — exclamou Sammy. — Uau, Joe. Está bom. Está uma beleza.

— Ele está aqui para libertar o mundo — disse Joe.

— Exatamente.

— Permita-me fazer uma pergunta.

— Pergunte o que quiser tenho tudo aqui em cima. — Sammy bateu na cabeça de um jeito pretensioso que lembrava dolorosamente a Joe seu irmão Thomas; no minuto seguinte, quando Sammy ouviu a pergunta de Joe, pareceu abatido exatamente do mesmo jeito.

— Qual é o porquê? — disse Joe.

Sammy acenou a cabeça lentamente e então parou.

— O porquê — falou. — Merda.

— Você disse...

— Eu sei, eu sei. Sei o que disse. Está bem. — Pegou o casaco a agarrou o último maço de cigarros. — Vamos dar uma volta — disse.

A própria cortina é lendária: suas dimensões, seu peso, sua cor, mais escura que a do chocolate, a delicadeza europeia do seu tecido. Ela pende em espessas ondas como glacê derramado do arco do proscênio do teatro mais famoso no quarteirão mais celebrado da maior cidade do mundo. Chamem-na de Empire City, lar do Edifício Excelsior, com sua ponta em forma de agulha, o prédio mais alto do mundo; lar da Estátua da Libertação, na sua ilha no meio da Empire Bay, sua espada erguida em desafio dos tiranos do mundo; e lar também do Empire Palace Theatre, cuja fabulosa Cortina Negra trêmula agora quando, à direita do palco, uma estreitíssima fissura se abre no rico e escuro *impasto* do seu pano aveludado. Através desta fresta minúscula, um garoto espreita. Seu rosto, normalmente um espaço confiante encimado por cachos amarelos desgrenhados, está sulcado de preocupação. Ele não está calculando a quantidade de público — a lotação esgotou, como tem acontecido toda noite do atual espetáculo. Está à procura de alguém ou de algo que ninguém quer discutir, ele apenas deduziu, à procura da pessoa ou da coisa sem nome cujo advento ou presença vem preocupando a companhia o dia inteiro.

Então, a mão maciça e dura como um chifre de alce, ligada por duros tendões a um braço como o galho de um carvalho, agarra o garoto pelo ombro e o arrasta de volta para os bastidores.

— Deixa disso, meu jovem — diz o gigante, com mais de dois metros e meio de altura, a quem pertence a manopla. Tem a testa de um macaco, a postura de um urso e o sotaque de um professor de medicina vienense. É capaz de rasgar a tampa de um tambor de aço como uma lata de tabaco, erguer um vagão de trem por uma quina, tocar violino como Paganini e calcular a velocidade de asteroides e cometas, um dos quais leva o seu nome. Seu nome é Alois Berg e o cometa é chamado Cometa de Berg, mas para o público frequentador de teatros e seus amigos é geralmente apenas Big Al, Al Grandão. — Vamos, tem um problema com o tanque d'água.

Nos bastidores, os instrumentos de tortura e de aprisionamento estão nos seus lugares adequados, parecendo ameaçadores e cômicos, prontos para serem arrastados, carregados sobre rodas ou alçados por assistentes de palco sobre os vários pisos do Palace. Existe uma cama-padrão de lunático, um item de asilo, equipada com uma porção de correias; um grande e estreito tonel de leite em aço cheio de rebites;

uma roda de santa Catarina medieval com pontas de ferro; e um incongruente cabideiro cromado no qual está pendurado em prosaicos cabides de arame um fantástico sortimento de camisas de força, cordas, correntes e grossas correias de couro. E existe o tanque d'água, uma grande caixa oblonga de vidro, de bom tamanho, pousada sobre uma extremidade: uma cabine telefônica submersa. O vidro tem uma polegada de espessura, temperado, à prova de arrombamento. As vedações são perfeitas, à prova d'água. As madeiras que emolduram o vidro são robustas e confiáveis. O garoto sabe disto tudo porque foi ele quem construiu o tanque. Ele veste, podemos ver agora, um avental de couro cheio de ferramentas. Há um lápis enfiado atrás da sua orelha e uma caixa de giz no seu bolso. Se houver um problema com o tanque, ele pode consertar. Precisa consertar: a cortina vai subir em menos de cinco minutos.

— Qual é o problema com ele?

O garoto — na verdade é quase um homem — dirige-se ao tanque com pose, sem ligar para a muleta debaixo do braço, sem se incomodar com a perna esquerda manca desde a sua infância.

— Parece inerte, meu rapaz. Imobilizado. — Big Al vai até o tanque e dá-lhe um empurrão amistoso. A caixa de meia tonelada inclina-se e a água dentro dela treme e chapinha. Seria capaz de carregar o tanque até o palco sem ajuda, mas existem regras sindicais, além da atuação mais espetaculosa de cinco assistentes que o feito requer. — Em poucas palavras, travado.

— Algo está preso nesta roda aqui. — O jovem se abaixa apoiado na muleta, mão a mão, deita-se sobre as costas e desliza para baixo de um canto da pesada base do tanque. Há uma roda com um pneu de borracha montada num eixo de aço em cada canto. Num dos cantos, algo se alojou entre o encaixe e a roda. O jovem puxa uma chave de parafusos do seu cinturão de ferramentas e começa a cutucar.

— Al — é a sua voz saindo debaixo do tanque. — Qual é o problema com ele hoje?

— Nada, Tom — diz Big Al. — Está apenas cansado. É a última noite do compromisso. E ele não é mais juvenil como costumava ser.

Juntou-se a eles, silenciosamente, um homem pequeno e delgado num turbante. Seu rosto é moreno, sem idade, seus olhos escuros e sensíveis. Nunca integrou nenhum grupo, partido ou discussão de outro modo que não silenciosamente. Sua natureza é furtiva. É lacônico, cauteloso e de pés leves. Ninguém sabe quantos anos tem ou quantas vidas viveu antes de entrar a serviço do Mestre do Escape. Pode ser um médico, um piloto, um marinheiro, um chefe de cozinha. Sente-se em casa em qualquer continente, falante na gíria de policiais e ladrões. Ninguém sabe melhor subornar um guarda de prisão antes de uma proeza de fuga ou plantar uma chave numa cela, ou um

repórter para inflar o número de minutos em que o Mestre permaneceu debaixo d'água durante o salto de uma ponte. Chama-se Omar, um nome tão patentemente cafona que, com o turbante e a pele queimada do deserto, faz o público acreditar que nada mais seja do que uma atmosfera, um efeito, parte do truque causador de suspense de Misterioso, o Magnífico. Mas se suas origens e verdadeiro nome são duvidosos, sua pele morena é genuína. Quanto ao turbante, ninguém fora da companhia sabe como ele é vaidoso em relação aos cabelos que estão rareando.

— OK, então qual é o problema com vocês? — persiste o jovem. — Você e Omar. Agiram de maneira estranha o dia inteiro.

Omar e Big Al trocam olhares. A revelação de segredos é mais do que um anátema para eles; vai contra sua natureza e seu treinamento. Seriam incapazes de contar ao garoto, ainda que quisessem.

— *Imaginação* — diz Omar finalmente, decisivo.

— Muitos romances policiais — diz Big Al.

— Então me digam isto. — O jovem, Tom Mayflower, desliza e sai debaixo do tanque, segurando um botão de couro preto caído da frente ou de uma manga de um casaco, estampado com um curioso símbolo, três ovas entrelaçadas. — O que é a Corrente de Ferro?

Big Al olha para Omar de novo, mas seu camarada já desapareceu, tão misteriosamente como chegou. Embora saiba que Omar foi alertar o Mestre, Big Al ainda o amaldiçoa por deixá-lo sozinho para responder ou não a esta pergunta. Ele pega o botão, a cujo ocelo ainda se agarra um pedaço de linha, e o enfia no bolso do seu colete gigantesco.

— Dois minutos — fala, subitamente tão tenso quanto seu amigo de turbante. — Já consertou?

— Está perfeito — diz Tom, aceitando a grande garra de mão que Big Al lhe oferece, esforçando-se para se firmar sobre os pés instáveis. — Como tudo que faço.

Mais tarde, vai se lembrar desta resposta leviana e arrepender-se dela com um ímpeto de vergonha. Pois o tanque não está perfeito, de modo algum.

Às oito horas e cinco minutos, Tom bate. Existe uma estrela na porta e, debaixo dela, as palavras “Misterioso, o Magnífico”. O tio de Tom, Max Mayflower, nunca antes se atrasou para uma abertura de cortina. Na verdade, todo o seu ato é cronometrado ao meio segundo, talhado e interminavelmente reajustado para atender às habilidades e, cada vez mais, às limitações de sua estrela. Este atraso inusitado fez Big Al cair no silêncio e Omar proferir um punhado de impropérios numa língua bárbara. Mas nenhum deles tem a ousadia de perturbar o homem que chamam de Mestre. Foi a Srta. Flor de Ameixa, responsável pelos vestuários, quem empurrou Tom para a porta.

Naturalmente, todos acreditam que a imutável costureira chinesa estaria secretamente apaixonada por Max Mayflower. Naturalmente, ela está secretamente apaixonada por ele. Correm até rumores sobre os dois e a paternidade algo nebulosa de Tom Mayflower, mas, embora ame profundamente a srta. Flor e seu tio, Tom encara estes rumores como os meros mexericos que são. A srta. Flor também jamais ousaria perturbar o Mestre em seu camarim antes de um espetáculo, mas sabe que Tom é capaz de penetrar em alguns mistérios e humores do homem como ninguém mais. Por trás dele, ela lhe dá outro suave empurrão em suas costas.

— É Tom — diz o jovem, sem receber resposta. E então toma a liberdade sem precedentes de abrir a porta do camarim sem autorização.

Seu tio está sentado à mesa do camarim. Seu corpo ficou fibroso e rijo, como um galho que endurece quando seca. Suas pernas vigorosas já estão envoltas na malha colante azul escura do seu disfarce, mas seu torso superior permanece nu e sardento, levemente marcado pelos tufo laranja pálido, únicos remanescentes da cobertura ruiva que antes o tomava. Sua cabeleira laranja flamejante tornou-se um restolho grisalho. Suas mãos são cobertas por veias irregulares, os dedos nodosos como bambu. E, no entanto, até esta noite, Tom nunca viu um traço nele — no corpo, na voz ou no coração — do triunfo da idade. Agora ele está vergado, seminu, sua cabeça descoberta reluzindo no espelho iluminado como um *memento mori*.

— Como está a casa? — pergunta.

— Só tem lugar de pé. Não consegue ouvi-los?

— Sim — diz o tio. — Estou ouvindo.

Algo, uma ponta cansada de autocomiseração no tom do velho, irrita Tom.

— Não devia negar importância a isto — diz ele. — Eu daria qualquer coisa para ouvi-los darem vivas assim para mim.

O velho soergue-se na cadeira e olha para Tom. Acena com a cabeça. Alcança sua camisa de malha azul escura e a coloca por cima da cabeça, então calça as macias botas de acrobata azuis feitas para ele em Paris pelo famoso criador de indumentárias circenses Claireaux.

— Você tem razão, é claro — diz ele dando uma palmadinha no ombro do garoto. — Obrigado por me lembrar.

Então ele põe a máscara, uma espécie de lenço de cabeça com buracos para os olhos, que se fecha atrás e cobre toda a metade superior do seu crânio.

— Nunca se sabe — diz, ao deixar o camarim. — Você pode ter a sua chance um dia.

— Acho pouco provável — replica Tom, embora este seja seu

desejo mais profundo e embora conheça os segredos, os mecanismos, procedimentos e eventualidades do ofício do escape tão bem quanto qualquer homem vivo, exceto um. — Não com esta perna.

— Coisas mais estranhas já aconteceram — diz o velho. Tom fica parado, observando com admiração o modo como as costas do velho se aprumam quando ele começa a caminhar, o jeito como seus ombros se empinam e sua marcha se torna esperta e, no entanto, calma e controlada. Então, Tom se lembra do botão que encontrou alojado na roda do tanque d'água e corre atrás do tio para avisá-lo. Mas quando chega aos bastidores a orquestra já atacou a abertura de *Tannhäuser* e Misterioso, o Magnífico entrou no palco com passos largos, os braços estendidos.

O ato de Misterioso é contínuo — da primeira reverência de agradecimento à última, o artista não deixa o palco para trocar de roupa, nem mesmo depois da enxurrada que recebe durante o Truque Oriental da Tortura D'água. Entradas e saídas implicam mistificação, substituições, trocas suspeitas. Como a roupa justa que promete trair quaisquer ferramentas escondidas, a presença constante do artista se destina a garantir a pureza e integridade do espetáculo. Por isso, causa considerável alarme na companhia quando — depois do estrondo de aplausos que se segue à emergência de Misterioso, livre de correntes, cordas e algemas, ereto e ainda respirando, do tanque de Tortura D'água Oriental — o artista se arrasta para os bastidores, as mãos apertadas sobre uma mancha que se espalha, mais escura que a água e de uma consistência pegajosa, no lado do seu corpo. Quando, um momento depois, o tanque d'água é retirado pelos cinco assistentes de palco sindicalizados, o olho aguçado de Omar rapidamente detecta o rastro de água que deixou ao ser carregado do palco, que ele reconstitui até um pequeno — e perfeito — buraco no vidro do painel frontal. Uma fita rosa pálida se retorce na água verde do tanque.

— Me larguem — diz o velho, cambaleando até o camarim. Desvencilha-se de Omar e Big Al. — Descubram ele — ordena e eles desaparecem no teatro. Vira-se para o diretor de cena. — Toque a campainha para baixar o pano. Mande a orquestra tocar a valsa. Tom, venha comigo.

O jovem segue o tio ao camarim e observa com espanto e então com horror o velho tirar a camisa de malha úmida. Suas costelas estão enodoadas por uma assimétrica estrela de sangue. O ferimento abaixo do mamilo esquerdo é pequeno, mas transborda como uma taça.

— Tire outra malha do baú — diz Max Mayflower e, de certa forma, o furo da bala dá mais autoridade ainda a suas palavras do que elas teriam normalmente. — Coloque-a.

Imediatamente, Tom adivinha a incrível exigência que seu tio vai depositar sobre ele e, no seu medo e excitação, com *O Danúbio Azul*

rodando eternamente em seus ouvidos, não tenta discutir ou pedir desculpas por não haver equipado o tanque com vidro à prova de bala, nem sequer perguntar a seu tio quem o alvejou. Simplesmente veste a roupa. Tentou o disfarce antes, claro, secretamente. Leva só um minuto agora.

— Você só tem de fazer o ato do caixão — diz o tio. — E então vai ficar tudo certo.

— Minha perna — diz Tom. — Que devo fazer?

É então que seu tio lhe entrega uma pequena chave, de ouro ou folheada a ouro, antiga e ornada. A chave do diário de uma dama ou de uma gaveta da escrivaninha de um homem importante.

— Simplesmente a mantenha junto de você — diz Max Mayflower. — Você vai ficar bem.

Tom apanha a chave, mas não sente nada imediatamente. Fica apenas parado ali, segurando a chave com tanta força que ela pulsa contra a palma de sua mão, enquanto vê o tio sangrar até a morte na luz impiedosa do camarim com a estrela na porta. A orquestra embarca no terceiro assalto contra a valsa.

— O espetáculo tem de continuar — diz o tio secamente e assim Tom segue em frente, enfiando a chave num dos 39 bolsos que a srta. Flor escondeu em toda a roupa. Apenas quando pisa realmente no palco, sob os aplausos frenéticos, derrisórios e felizes de um público saturado de valsa, é que ele nota que não só deixou a muleta para trás no camarim, mas, pela primeira vez na vida, está caminhando sem mancar.

Dois Adoradores com a cabeça coberta por um fez o enrolam em correntes e ajudam a entrar numa pesada sacola de lona dos correios. Uma senhora dos subúrbios aperta com firmeza a boca da sacola e prende as pontas da corda com um cadeado do tamanho de um pernil. Big Al o levanta como se estivesse erguendo um bebê envolto em cueiros e o carrega com ternura para o caixão, que foi previamente inspecionado com todo o cuidado pelo prefeito de Empire City, por seu chefe de polícia e pelo chefe do corpo de bombeiros e declarado estanque como um tambor. Agora estes mesmos notáveis, para o deleite da casa, recebem martelos e grandes pregos de vinte centavos. Alegrementemente, eles selam Tom dentro do caixão. Se alguém notou que Misterioso, nos últimos dez minutos, engordou dez quilos e cresceu três centímetros, ele ou ela guardou o fato para si; que diferença podia fazer, de qualquer maneira, se não fosse o mesmo homem? Ele ainda terá de se debater com correntes, pregos e madeira de freixo com cinco centímetros de espessura. E no entanto, entre as mulheres na plateia, pelo menos, existe uma imperceptível nuance de diferença, um aprofundamento ou obscurecimento no poço de sua admiração e de seu medo.

— Veja só os seus ombros — diz uma para a outra. — Eu nunca havia notado.

Dentro do caixão rigorosamente encordoad, que foi pousado dentro de um sarcófago de mármore por meio de um guincho, usado em seguida para colocar a tampa de mármore no lugar ao som fatalista de um sino, Tom tenta banir de sua cabeça a imagem de estrelas sangrentas e de furos de bala. Concentra-se na rotina do truque, a série de estágios rápidos e pacientes que conhece tão bem; e, um a um, os pensamentos necessários expulsam os terríveis. Livra-se deles. Sua mente, ao abrir a tampa do sarcófago com o pé de cabra que foi convenientemente preso por fita adesiva no lado inferior, está pacífica e vazia. Quando caminha para a luz dos refletores, porém, é quase levantado pelos aplausos, carregado, lavado por eles como por uma grande maré purificadora. Todos os seus anos de manqueira e de dúvida são varridos para longe. Quando vê Omar fazendo sinais para ele dos bastidores, seu rosto mais grave do que de costume, reluta em ceder o momento.

— Minha chamada à ribalta! — diz enquanto Omar o leva embora. É o segundo comentário de que se arrependerá naquele dia.

O homem conhecido profissionalmente como Misterioso, o Magnífico viveu muito tempo de acordo com um detalhe tomado por empréstimo, sem escusas, a Gaston Leroux, ou seja, em apartamentos secretos debaixo do Empire Palace Theatre. São sombrios e suntuosos. Existe um quarto de dormir para todo mundo — a Srta. Flor tem seus próprios aposentos, naturalmente, no lado oposto do apartamento do Mestre — mas quando não está viajando pelo mundo a companhia prefere se reunir no vasto e obrigatório Salão do Órgão, com seu Helgenblatt de oitenta tubos igual a uma catedral e é lá, vinte minutos depois que a bala penetrou em sua caixa torácica e se alojou perto do coração, que Max Mayflower morre. Antes de se ir, porém, ele conta a seu pupilo, Tom Mayflower, a história da chave dourada, em cujo serviço — e não naquele de Talia ou do Deus da Riqueza — ele e os outros deram a volta ao mundo mil vezes.

Quando jovem, conta ele, não mais velho do que Tom, era um esbanjador, um bebedor e um encenqueiro. Um playboy, mimado e libertino. Da mansão de sua família na Nababo Avenue ele investia, noite após noite, até as piores espeluncas e bordéis de Empire City. Houve imensas perdas de jogo e então problemas com alguns homens muito maus. Quando não conseguiram ter de volta seus empréstimos, estes homens sequestraram o jovem Max e exigiram um resgate tão exorbitante que este dinheiro facilmente financiaria sua intenção secreta, que era obter o controle sobre todo o crime e os criminosos nos Estados Unidos da América. Isto, por sua vez, lhes permitiria, raciocinavam, assumir o controle do próprio país. Os homens

abusaram de Max com violência e riram de suas súplicas de misericórdia. A polícia e os federais o procuraram por toda parte mas fracassaram. Enquanto isto, o pai de Max, o homem mais rico no estado de que Empire City era a capital, acabou cedendo. Amava seu filho devasso. Queria tê-lo de volta. Um dia antes do prazo final para o pagamento, chegou a uma decisão. Na manhã seguinte os meninos entregadores do *Eagle* correram às ruas e expuseram suas úvulas veteranas aos céus. “FAMÍLIA VAI PAGAR RESGATE!” gritavam.

Agora, imagine que em algum lugar, diz tio Max, num dos lugares secretos do mundo (Tom visualiza uma vaga mistura de bodega e mesquita), um exemplar do *Eagle* de Empire City trazendo esta manchete ultrajante foi amassado por mão raivosa emergindo de uma manga bem cortada de linho branco. Era difícil de ver o dono da mão e do terno de linho nas sombras. Mas seus pensamentos seriam claros, sua raiva justa e da lapela de seu terno branco penderia uma pequena chave dourada.

Max, soube-se depois, estava preso numa casa abandonada nos arredores de Empire City. Várias vezes tentou escapar das cordas que o atavam, mas não conseguiu mexer nem um dedo da mão ou do pé. Duas vezes por dia era libertado o suficiente para usar o banheiro e, embora muitas vezes tentasse escapar pela janela, não pôde sequer abri-la. Assim, depois de alguns dias, afundou no inferno cinzento e atemporal do prisioneiro. Sonhava sem dormir e dormia de olhos abertos. Num de seus sonhos, um homem espectral num terno branco de linho entrou na sua cela. Simplesmente entrou direto pela porta. Era agradável, tranquilizador e preocupado. Fechaduras, disse, apontando para a porta da cela de Max, nada significam para nós. Em poucos segundos soltou as cordas que prendiam Max a uma cadeira e o mandou fugir. Ele tinha um barco à espera, ou um carro veloz, ou um aeroplano — na sua idade e com a morte tão próxima, o velho Max Mayflower não podia mais recordar. E então o homem lembrou a Max, com um ar sério mas suave e experiente, que a liberdade era uma dívida que podia ser paga apenas através da libertação de outros. Naquele momento, um dos captores de Max entrou na sala. Brandia um exemplar do *Eagle* com a notícia da capitulação do pai de Max e parecia muito contente, até ver o estranho de branco. Então sacou sua arma e alvejou o estranho na barriga.

Max ficou furioso. Sem refletir, sem um pensamento com sua própria segurança, correu para o bandido e tentou arrancar sua arma. Ela ressoou como um sino em seus ossos e o bandido caiu ao chão. Max voltou até o estranho e embalou sua cabeça no colo. Perguntou o seu nome.

— Gostaria de poder lhe contar — disse o estranho. — Mas existem regras. Oh — estremeceu. — Veja, estou acabado. — Falava num

sotaque peculiar educado e britânico, com um estranho tangido do Oeste. — Pegue a chave. Pegue.

— Eu? Pegar sua chave?

— Não, você não parece o ideal, é verdade. Mas não tenho escolha.

Max abriu o alfinete na lapela do homem. Dela pendia a pequena chave dourada, idêntica àquela que Max dera a Tom meia hora antes.

— Pare de jogar fora a sua vida — foram as últimas palavras do estranho. — Você tem a chave.

Max passou os dez anos seguintes numa infrutífera busca pela fechadura que aquela chave abriria. Consultou os mestres chaveiros e ferreiros do mundo. Mergulhou na sabedoria popular dos fugitivos de prisões e faquires, dos nós de marinheiro e dos rituais de aprisionamento dos índios arapahoes. Pesquisou os trabalhos de Joseph Bramah, o maior serralheiro que já existiu. Buscou o conselho dos espiritualistas fugitivos de cordas, pioneiros do ofício do artista do escape e até estudou por algum tempo com o próprio Houdini. No processo, Max Mayflower tornou-se um mestre da autolibertação, mas sua procura foi dispendiosa. Acabou com a fortuna do pai e, no fim, ainda não tinha ideia de como usar o presente que o estranho lhe dera. Ainda assim, insistiu, sustentado, sem o perceber, pelos poderes místicos da chave. Finalmente, sua pobreza o obrigou a procurar trabalho. Entrou no mundo dos espetáculos arrombando cadeados e fechaduras em troca de dinheiro e o Misterioso nasceu.

Foi viajando pelo Canadá num espetáculo de segunda de 25 centavos que conheceu o professor Alois Berg. O professor vivia, na época, numa jaula forrada de vísceras de animais, agrilhado às grades, em andrajos, roendo ossos. Era pustulento e fedia. Rosnava para o público pagante, particularmente as crianças, e de um lado de sua jaula estava pintado, em grandes letras vermelhas, a chamada VEJA O OGRO! Como todo mundo no espetáculo, Max evitava o Ogro, desprezando-o como a mais inferior das aberrações, até uma noite decisiva em que sua insônia foi acalmada por uma inesperada melodia de Mendelssohn trazida pela brisa numa suave noite de verão de Manitoba. Max procurou a fonte da música e foi levado, para seu espanto, ao miserável carro de ferro nos fundos do parque de diversões. Ao luar leu três palavras curtas: VEJA O OGRO! Foi então que Max, que nunca antes em todo este tempo havia pensado na questão, percebeu que todos os homens, não importa a sua condição, possuíam almas brilhantes e imortais. Decidiu então, naquele momento, que compraria a liberdade do Ogro do dono do espetáculo mambembe e o fez com o único bem valioso que possuía.

— A chave — diz Tom. — A chave dourada.

Max Mayflower acena com a cabeça.

— Eu mesmo rompi os ferros de suas pernas.

— Obrigado — diz o Ogro agora, no salão debaixo do palco do Palace, as faces úmidas de lágrimas.

— Você pagou sua dívida muitas e muitas vezes, velho amigo — diz Max Mayflower para ele, afagando a mão gigantesca. E retoma sua história. — Quando tirei o ferro de seu pobre tornozelo inflamado, um homem saiu das sombras. Entre os carros — diz ele, a respiração ofegante agora. — Estava vestido num terno branco e no início pensei que devia ser ele. O mesmo sujeito. Embora eu soubesse. Onde ele estava. Para onde estou indo agora.

O homem explicou a Max que ele tinha finalmente, e por acaso, encontrado a fechadura que podia ser aberta pela pequena chave dourada. Explicou um sem-número de coisas. Disse que tanto ele quanto o homem que tinha salvo Max dos sequestradores pertenciam a uma sociedade antiga e secreta conhecida como a Liga da Chave de Ouro. Tais homens percorriam o mundo atuando, sempre anonimamente, para buscar a liberdade de outros, fosse física ou metafísica, emocional ou econômica. Neste trabalho eram incansavelmente prejudicados pelos agentes da Corrente de Ferro, cujas metas eram opostas e sinistras. Foram agentes da Corrente de Ferro que raptaram Max anos antes.

— E hoje — diz Tom.

— Sim, meu rapaz. E hoje foram eles de novo. Fortaleceram-se. Seu velho sonho de dominar uma nação inteira se concretizou.

— A Alemanha.

Max acena com a cabeça fracamente e fecha os olhos. Os outros se aproximam agora, sombrios, cabeças curvadas, para ouvir o resto da história.

O homem, diz Max, deu-lhe uma segunda chave dourada e então, antes de voltar para as sombras, o encarregou, e ao Ogro, de levar adiante o trabalho de libertação.

— E assim o fizemos, não foi? — diz Max.

Big Al concorda com um aceno e, olhando em volta para os rostos entristecidos da companhia, Tom percebe que cada um deles está ali porque foi libertado por Misterioso o Grande. Omar era escravo de um sultão na África; Srta. Flor de Ameixa tinha mourejado durante anos nos obscuros antros de trabalho escravo em Macau.

— E quanto a mim? — diz ele, quase para si mesmo. Mas o velho abre os olhos.

— Encontramos você num orfanato da Europa Central. Era um lugar cruel. Só lamento que na ocasião tenha salvo tão poucos de vocês. — Ele tosse e sua saliva está salpicada de sangue. — Desculpe — diz. — Eu pretendia contar-lhe tudo isto. No seu vigésimo primeiro aniversário. Mas agora. Eu o encarrego como me encarregaram. Não desperdice sua vida. Não deixe que a fraqueza do seu corpo seja uma

fraqueza do espírito. Pague sua dívida em liberdade. Você tem a chave.

Estas são as últimas palavras do Mestre. Omar fecha os olhos. Tom enterra o rosto nas mãos e chora por algum tempo e quando ergue a vista nota que todos estão olhando para ele.

Chama Big Al, Omar e a Srta. Flor para perto de si, e então ergue a chave no ar e faz o juramento sagrado de se dedicar a lutar secretamente contra todas as forças malignas da Corrente de Ferro, na Alemanha ou onde quer que levante sua cabeça feia e a lutar pela libertação de todos que labutam acorrentados — como o Escapista. O som de suas vozes levantadas viaja através do complicado e antigo sistema de tubulação do grandioso velho teatro, subindo e ecoando pelos canos até que emerge através de uma grade na calçada, onde pode ser ouvido claramente por uma dupla de jovens que está passando em sua caminhada, as lapelas levantadas contra a fria noite de outubro, sonhando seu sonho elaborado, desejando o seu desejo, chamando o golem para a vida.

Estavam caminhando há horas, dentro e fora das luzes da rua, através de chuvas intermitentes, distraídos, fumando e falando até que suas gargantas ficaram doloridas. Finalmente, parecendo ter esgotado tudo que tinham para dizer, deram meia-volta sem palavra e retornaram à casa, levando a ideia entre eles, caminhando ao longo da trêmula fímbria de realidade que separava a cidade de Nova York de Empire City. Era tarde demais; estavam famintos e cansados e tinham fumado seu último cigarro.

— O quê? — perguntou Sammy. — O que está pensando?

— Queria que ele fosse real — disse Joe, subitamente envergonhado de si mesmo. Aqui estava ele, livre de uma maneira que sua família só poderia imaginar em sonho, e o que estava fazendo com sua liberdade? Caminhando à toa, falando e inventando um monte de bobagens sobre alguém que não podia libertar ninguém, nem nada, a não ser manchas negras borradas num pedaço de papel barato. Qual era o sentido daquilo? De que valia caminhar, falar e fumar cigarros?

— Com certeza — disse Sammy. Colocou a mão no ombro de Joe. — Joe, tenho certeza de que você queria.

Estavam na esquina da Sexta Avenida com a rua 34, numa ruidosa nuvem de luzes e pessoas, e Sammy pediu que parassem por um minuto. Joe ficou ali, mãos nos bolsos, sem outra saída senão ordenar seus pensamentos com vergonhosa felicidade nas fileiras e colunas de pequenos retângulos, como caixas, dentro das quais planejava elaborar a primeira aventura do Escapista: Tom Mayflower colocando a máscara e o disfarce azul-escuro do falecido mestre, seu peito apressadamente adornado, pela habilidosa agulha da Srta. Flor de Ameixa, com um vistoso emblema da chave dourada. Tom caçando o espião nazista até o seu covil. Uma página inteira de emocionantes murros, depois gestos espertos desviando-se de balas, de cacetadas na cabeça e de vigas que caem e de uma explosão: o ninho das víboras da Corrente de Ferro arrasado. E o último painel: a companhia reunida na sepultura de Misterioso. Tom apoiado de novo na muleta que lhe proporcionará sua dissimulação. E o rosto fantasmagórico do velho brilhando do alto dos céus sobre eles.

— Tenho cigarros. — Sammy tirou vários punhados de maços de cigarro de um saco de papel pardo. — Tenho chiclete. — Mostrou várias caixinhas de Black Jack. — Gosta de chiclete?

Joe sorriu.

— Acho que preciso aprender.

— Sim, sim, você está nos Estados Unidos agora. Mascamos um bocado de chiclete por aqui.

— Que é isto? — Joe apontou para o jornal que viu enfiado debaixo do braço de Sammy.

Sammy ficou sério.

— Só quero dizer uma coisa — falou. — E é que vamos arrasar, com isto. Quero dizer, é uma coisa boa, arrasar. Não posso explicar como sei. É só que... é um sentimento que tive a vida toda, mas não sei, quando você apareceu... Eu sabia... — Encolheu os ombros e olhou para longe. — Deixa pra lá. Tudo o que estou tentando dizer é que vamos vender um milhão de exemplares desta coisa e vou fazer um monte de dinheiro e você vai juntar aquele monte de dinheiro e pagar o que precisa para trazer seu pai, sua mãe, seu irmão e seu avô de lá para cá, onde estarão seguros. Eu... é uma promessa. Estou certo disto, Joe.

Joe sentiu seu coração inflamar-se com o desejo de acreditar no primo. Enxugou os olhos com a manga áspera do paletó de *tweed* que a mãe comprara para ele na Loja Inglesa no Graben.

— Tudo bem — disse.

— E naquele sentido, está vendo, ele será de fato real. O Escapista. Vai fazer o que estamos dizendo que ele pode fazer.

— Tudo *bem* — disse Joe. — *Ja ja*, acredito em você. — Ficou impaciente por ser consolado, como se as palavras de conforto injetassem maior crédito aos seus temores. — Vamos arrasar.

— É o que estou dizendo.

— Que jornais são estes?

Sammy piscou e passou a Joe cada exemplar de sexta-feira, 27 de outubro de 1939, do *New Yorker Staats-Zeitung und Herold* e de um diário em língua tcheca chamado *New Yorske Listy*.

— Achei que você podia encontrar alguma coisa nestes jornais — falou.

— Obrigado — disse Joe, comovido, arrependido do jeito como havia tratado Sam. — E, bem, obrigado pelo que acabou de dizer.

— De nada — disse Sammy. — Espere até ouvir minha ideia para a capa.

Os ocupantes atuais dos Estúdios Panaca, Jerry Glovsky, Marty Gold e Davy O'Dowd, chegaram em casa por volta das dez, com meia galinha assada, uma garrafa de vinho tinto, uma garrafa de água tônica, um pacote de Pall Malls e Frank Pantaleone. Entraram pela porta da frente com brincadeiras ruidosas, um deles imitando um trompete em surdina; depois caíram no silêncio. Ficaram tão silenciosos, e completamente silenciosos, na verdade, que se poderia dizer que estavam esperando invasores. Ainda assim, se surpreenderam ao ver, quando subiram, que os Estúdios Panaca tinham sido transformados, em questão de horas, no centro nervoso de criação dos Empire Comics. Jerry deu três tapas na orelha de Julie.

— Que está fazendo? Quem disse que podia vir aqui? Que merda é esta?

Empurrou a cabeça de Julie para um lado e apanhou a prancheta em que Julie vinha rabiscando a lápis a página dois da aventura que ele e Sammy haviam inventado para a própria orgulhosa criação de Julie, uma eletrizante história do Espreitor dos Locais Obscuros, aquele verdadeiro Inimigo da Maldade.

— *O Chapéu Preto* — disse Jerry.

— Não me lembro de ter dito que alguém podia usar minha mesa. Ou minha tinta. — Marty Gold aproximou-se e recolheu o tinteiro de nanquim no qual Joe estava para mergulhar seu pincel e então arrastou todo o tamborete manchado para fora do seu alcance, esparramando um número de canetas e lápis no tapete e se descompondo completamente. Marty se descompunha facilmente. Moreno, rechonchudo, suava muito e era, Sammy sempre desconfiara, meio efeminado. Mas era capaz de imitar Caniff melhor do que qualquer um, especialmente em sua maneira de tratar os tons escuros, espalhando brechas, manchas, inteiros continentes de preto, muito mais livremente do que Sammy jamais ousaria, sempre assinando seu trabalho com uma letra O extragrande em Gold. — Ou meus pincéis, por falar nisto.

Arrancou o pincel da mão de Joe. Uma gota de tinta caiu na página em que Joe trabalhava, estragando dez minutos de trabalho nos terríveis aparatos dispostos nos bastidores do Empire Palace Theatre. Joe olhou para Marty. Sorriu. Puxou o pincel do alcance de Marty e então o devolveu com um floreio. Ao mesmo tempo, passou a

outra mão lentamente através da mão que segurava o pincel. O pincel desapareceu. Joe brandiu as mãos vazias, parecendo surpreso.

— Como entraram aqui? — perguntou Jerry.

— Sua namorada nos deixou entrar — disse Sammy. — *Rosa*.

— *Rosa*? Ora, não é minha namorada. — Não falou de maneira defensiva, mas corriqueira. Jerry tinha 16 anos quando Sammy o conheceu e já vinha saindo com três garotas ao mesmo tempo. Tal riqueza era então uma novidade para ele e falava sem parar a respeito. Rosalyn, Dorothy e Yetta: Sammy ainda podia lembrar seus nomes. A novidade já tinha há muito se desgastado; três, agora, era tempo de escassez para Jerry. Era alto, com uma bela aparência de lobo mau, e penteava seus cabelos enroscados e brilhantizados em redemoinhos românticos. Cultivava uma reputação, sem muito encorajamento de seus amigos, de ter um belo senso de humor, ao qual atribuía, sem muita convicção, na opinião de Sammy, seu sucesso incontestável com as mulheres. Fazia um desenho cômico ao estilo “pé grande” surrupiado, em porções iguais, de Segar e McManus, e Sammy não sabia ao certo como se sairia com aventura pura e simples.

— Se não é sua namorada — disse Julie —, então por que estava na sua cama nua?

— Cale a boca, Julie — disse Sammy.

— Você viu ela na minha cama nua?

— Ai de mim, não! — disse Sammy.

— Eu só estava brincando — disse Julie.

Joe falou:

— Estou sentindo cheiro de galinha?

— Isto aqui não está ruim — disse Davy O'Dowd. Tinha cabelos ruivos cortados rentes, pequeninos olhos verdes e um corpo de jóquei. Era do bairro conhecido como Cozinha do Inferno e perdera parte de uma orelha numa briga aos 12 anos de idade; era tudo o que Sammy sabia dele. A visão do pedaço rosado de sua orelha esquerda sempre deixava Sammy meio enjoado, mas Davy se orgulhava dela. Erguendo a folha de papel de decalque que cobria cada página, de pé, ele examinou as cinco páginas de *A lenda da Chave de Ouro* que Sammy e Joe já tinham completado. Depois de olhar cada página, ele a passava para Frank Pantaleone, que grunhia. Davy disse: — É uma coisa no gênero do Super-Homem.

— É melhor que o Super-Homem. — Sammy desceu da sua banquetta e aproximou-se para ajudá-lo a admirar seu trabalho.

— Quem arte-finalizou isto? — perguntou Frank, alto, curvado, de Bensonhurst, de cara tristonha e, embora ainda não tivesse 22 anos, já perdendo os cabelos. Apesar ou talvez por causa, de sua aparência desprezível, era um desenhista talentoso que havia ganhado um prêmio de arte municipal em seu último ano no curso de Música e

Arte e havia tomado aulas no Instituto Pratt, no Brooklyn. Havia bons professores em Pratt, pintores e ilustradores profissionais, artistas sérios. Frank pensava sobre a arte, e sobre si mesmo como artista, do mesmo jeito que Joe. De tempos em tempos arranjava trabalho como pintor de cenários na Broadway; seu pai era um figurão no sindicato dos trabalhadores em teatro. Tinha criado uma tira de aventuras própria, *As viagens de Marco Polo*, uma página dominical, na qual esbanjava ricos detalhes no estilo de Hal Foster, e diziam que a agência King Features estava interessada. — Foi você? — perguntou a Joe. — Muito bom trabalho. Fez a parte a lápis, também, não? Klayman não seria capaz de fazer isto.

— Eu esbocei — disse Sammy. — Joe nem sabia o que era uma revista em quadrinhos até esta manhã. — Sammy fingiu-se de insultado, mas estava tão orgulhoso de Joe que, diante destes elogios de Frank Pantaleone, se sentiu um pouco zozzo.

— Joe Kavalier — disse Joe oferecendo a mão a Frank.

— Meu primo. Acabou de chegar do Japão.

— Sim? Bem, que foi que fez com meu pincel? É um Windsor & Newton de zibelina vermelha de um dólar — disse Marty. — Milton Caniff me *deu* aquele pincel.

— É o que você sempre disse — falou Frank. Estudou as páginas restantes, mordendo o lábio inferior intumescido, os olhos frios e vivos com mais do que mero interesse profissional. Era possível ver que ele pensava que, se lhe dessem uma oportunidade, poderia fazer melhor. Sammy não conseguia acreditar na sua sorte. Ontem seu sonho de publicar revistas em quadrinhos fora apenas aquilo: um sonho ainda menos crível do que o costumeiro repertório de suas imaginações. Hoje ele tinha um par de heróis fantasiados e uma equipe que poderia em breve incluir um talento como Frank Pantaleone. — Isto não está realmente nada mau, Klayman.

— O *Chapéu*... Preto — disse Jerry de novo. Sacudiu a cabeça. — Afinal o que é ele? Combatente do crime à noite, camiseiro de dia?

— É um playboy rico — disse Joe gravemente.

— Vá desenhar o seu coelhinho — disse Julie. — Estou recebendo 75 por página. Não é verdade, Sam?

— Absolutamente.

— Setenta e cinco! — disse Marty. Com servilismo encenado devolveu o tamborete a Sammy e Joe e recolocou o vidro de tinta no cotovelo de Joe. — Por favor, Joe-san, use minha tinta.

— Quem está pagando este tipo de dinheiro? — quis saber Jerry. — Não é Donenfeld. Ele não contrataria você.

— Donenfeld vai me implorar para trabalhar para ele — disse Sammy, sem saber ao certo quem seria Donenfeld. Prosseguiu, explicando a maravilhosa oportunidade que aguardava a todos eles se

apenas a quisessem pegar. — Agora, vamos ver. — Sammy adotou sua expressão mais séria, lambeu a ponta de um lápis e rabiscou alguns cálculos num pedaço de papel. — Mais o Chapéu Preto e o Escapista, eu preciso... trinta e seis, quarenta e oito... mais três histórias de 12 páginas. Isto vai dar sessenta páginas, mais as capas internas, mais, pelo que sei, precisamos ter mais duas páginas só de palavras. — Para que seus produtos pudessem se qualificar como revistas e, portanto, serem postados como segunda classe, os editores de revistas em quadrinhos precisavam imprimir o mínimo de duas páginas de puro texto requerido pela lei postal — geralmente na forma de um conto peso-pluma, escrito em prosa barata. — Sessenta e quatro. Mas, ouçam bem, cada personagem tem de usar uma máscara. Este é o truque. Esta revista em quadrinhos vai se chamar *O Mascarado*. Isto quer dizer nada de chineses, detetives particulares ou velhos lobos do mar com dois punhos.

— Todos com máscaras — disse Marty. — É um bom truque.

— Empire, hem? — disse Frank. — Francamente...

— Francamente... francamente... francamente... francamente... francamente — todos falaram em coro. Frank dizia “francamente” com muita frequência. Gostavam de chamar sua atenção para isto.

— ... Estou um pouco surpreso — continuou, sem perder a calma. — Estou surpreso de que Joe Ashkenazy esteja pagando 75 a página. Vocês têm certeza de que foi isto que ele disse?

— Claro, tenho certeza. Mais, oh, sim, como é que eu podia esquecer? Vamos colocar Adolf Hitler na capa. Este é o outro truque. E Joe aqui — falou, apontando com a cabeça para o primo mas olhando para Frank — vai desenhar a capa sozinho.

— Eu? — disse Joe. — Quer que eu desenhe Adolf Hitler na capa da revista?

— Recebendo um sopapo no queixo, Joe. — Sammy desferiu um golpe amplo e lento em Marty Gold, parando a dois centímetros do seu queixo. — Wham!

— Deixe-me ver isto — disse Jerry. Pegou uma página de Frank e ergueu a orelha do papel de decalque. — Ele parece exatamente o Super-Homem.

— Não parece.

— Hitler. Seu vilão vai ser Adolf Hitler. — Jerry olhou para Sammy, as sobranceiras bem erguidas, seu espanto ainda não inteiramente respeitoso.

— Só na capa.

— De jeito algum vão comprar isto.

— Não Jack Ashkenazy — concordou Frank.

— O que é que há de tão ruim com Hitler? — disse Davy. — Estou só brincando.

— Talvez devesse chamar a coisa de *Ditador Original* — disse Marty.

— Vão gostar da ideia! Saiam daqui — gritou Sammy, chutando-os de seu próprio estúdio. — Me dê isto aqui. — Sammy arrancou as páginas da mão de Jerry, apertou-as contra o peito e montou de novo em sua banqueta. — Muito bem, ouçam vocês todos, me façam um favor, sim? Se não quiserem entrar nesta, tudo bem, então fiquem de fora. Não faz diferença para mim. — Fez um desdenhoso balanço da Toca do Rato: John Garfield, vivendo em grande estilo num imenso terno de seda, fazendo uma avaliação crítica do apartamento de água fria onde seu piegas amigo de infância foi acabar. — Vocês provavelmente já têm mais trabalho do que são capazes de produzir.

Jerry virou-se para Marty.

— Ele está usando sarcasmo.

— Notei isto.

— Não estou certo de que aguentaria ser mandado por este sabichão. Venho tendo problemas com este sabichão há anos.

— Posso bem ver por quê.

— Se o Tokyo Joe aqui me ajudar com o nanquim — disse Frank Pantaleone —, estou nessa.

Joe concordou com um aceno de cabeça.

— Então estou nessa. Fran... para dizer a verdade, eu também vinha tendo umas ideias nesta direção.

— Pode me emprestar alguma? — disse Davy. Frank encolheu os ombros. — Então estou dentro também.

— Tudo bem, tudo bem — disse Jerry finalmente, agitando as mãos em sinal de rendição. — Vocês já tomaram conta do Poço de qualquer maneira. — Caminhou na direção das escadas. — Vou fazer um pouco de café para nós. — Virou-se e apontou um dedo para Joe. — Mas fique longe da minha comida. Esta galinha é minha.

— E eles também não podem dormir aqui — disse Marty.

— E vai ter de contar para nós como é que veio do Japão, se é primo do Sammy e parece um tremendo judeu — disse Davy O'Dowd.

— Estamos no Japão — disse Sammy. — Estamos em toda parte.

— Jiu-jitsu — Joe lembrou a ele.

— É um bom argumento — disse Davy O'Dowd.

Durante dois dias, nenhum deles dormiu. Tomaram o café de Jerry até que se acabou, então trouxeram bandejas de papelão da mistura amarga e preta do Grego que ficava aberto a noite inteira na Oitava Avenida, em copos de papel azul e branco. Como prometera, Jerry foi cruel na administração da galinha, mas outra metade foi buscada, com sacos de sanduíches, cachorros-quentes, maçãs e rosquinhas. Limparam a despensa de três latas de sardinhas, uma lata de espinafre, uma caixa de flocos de trigo, quatro cubos de caldo de carne e algumas ameixas velhas. O apetite de Joe ainda estava perdido em algum lugar a leste de Kobe, mas Sammy comprou um pão sobre o qual Joe foi espalhando manteiga e devorando no fim de semana. Acabaram com quatro pacotes de cigarros. Ouviram o rádio no volume máximo e, quando as estações saíam do ar, tocavam discos e, nos momentos que seriam de quietude enlouqueciam uns aos outros com seu cantarolar. Aqueles que tinham namoradas cancelavam os encontros.

Tornou-se muito claro rapidamente que Sammy, privado de sua bíblia de painéis recortados e poses surrupiadas, era o artista menos talentoso do grupo. Doze horas depois de começar sua carreira como desenhista de histórias em quadrinhos, se aposentou. Disse a Joe para seguir em frente e esboçar sozinho o resto do trabalho de arte da história do Escapista, guiado, se precisasse de um guia, por alguns dos números de *Action*, *Detective* e *Wonder* que abarrotavam o chão do Poço. Joe pegou uma cópia de *Detective* e começou a folheá-la.

— Então a ideia é que eu desenhe mal como estes sujeitos.

— Estes sujeitos não estão *tentando* desenhar mal, Joe. Algo do que fazem é bom. Tem um sujeito, Craig Flessel, que é realmente muito bom. Tente manter a cabeça aberta. Veja isto aqui. — Sammy agarrou um exemplar de *Action* e o abriu numa página em que Joe Shuster mostrava o Super-Homem libertando Lois Lane do poder de uns bandidos de ombros largos — aproveitadores da guerra, como Sammy lembrou. Os fundos eram reduzidos a sua essência, hieróglifos significando laboratórios, cabana de troncos, picos de montanhas escarpados. Os queixos eram pontudos, a musculatura convencional. Os olhos de Lois eram talhos estilizados. — É simples. É descarnado. Se você sentasse e enchesse cada quadro com seus morceguinhos e suas poças d'água e janelas de vitrais e ao desenhar cada músculo e

cada dente quisesse se basear em Miguel Ângelo e cortasse sua orelha de desespero, isto seria mau. O principal é usar imagens para contar uma boa história.

— As histórias são boas?

— Às vezes as histórias são boas. Nossa história é realmente boa pra cacete, é o que digo para mim mesmo.

— Cacete — disse Joe, pronunciando a palavra lentamente como uma tragada prazerosa.

— Cacete o quê?

Joe encolheu os ombros.

— Eu só estava falando a palavra.

Os verdadeiros talentos de Sammy estavam em outro lugar que não no lápis ou no pincel. Isto se tornou claro para todo mundo quando Davy O'Dowd voltou ao Poço depois de uma breve conferência com Frank sobre ideias para o personagem de Davy. Frank já estava envolvido com sua própria ideia, ou com a falta dela, trabalhando na mesa da cozinha e, apesar de sua promessa para com Davy, não podia ser incomodado. Davy voltou da cozinha coçando a cabeça.

— Meu sujeito voa — disse Davy O'Dowd. — Isto eu sei.

Joe lançou um olhar para Sammy, que bateu com a mão na testa.

— Ouça — falou.

— O quê?

— Ele voa, hem?

— Algo de errado nisto? Frank diz que tem tudo a ver com fantasias do desejo.

— Hem?

— Fantasias do desejo. Sabe, algo como o que um garoto deseja que pudesse fazer. Assim, bum, você dá ao seu sujeito uma chave mágica e ele consegue andar.

— Hum. — Sammy não havia escolhido encarar o processo de criação do personagem de uma maneira tão rígida. Procurava imaginar que outros desejos poderia ter agrupado inconscientemente no personagem do manco Tom Mayflower.

— Eu sempre quis voar — disse Davy. — Acho que uma porção de sujeitos deseja isto também.

— É uma fantasia comum, sim.

— Parece-me que isto é uma coisa que não acontece com tanta facilidade — disse Jerry Glovsky.

— Muito bem, então ele é capaz de voar. — Sammy olhou para Joe. — Joe?

Joe ergueu os olhos brevemente do seu trabalho.

— Por quê.

— Por quê?

Sammy acenou com a cabeça.

— Por que ele é capaz de voar? Por que ele quer voar? E como usa seu poder de voar para combater o crime? Por que não se torna apenas o melhor homem do mundo em segundos andares?

Davy rolou os olhos.

— Que é isto? Catecismo de histórias em quadrinhos? Não sei.

— Pegue uma coisa de cada vez. Como é que ele voa?

— Não sei.

— Pare de dizer que não sabe.

— Ele tem grandes asas.

— Pense noutra coisa. Uma bateria de foguetes? Botas antigravidade? Um chapéu autogiro? Poderes mitológicos dos ventos? Poeira interestelar? Transfusão de sangue de uma abelha? Hidrogênio em suas veias?

— Vamos devagar vamos devagar — disse Davy. — Por Jesus, Sam.

— Sou bom neste troço. Está com medo?

— Estou só embaraçado por você.

— Escolha um macete. OK, é um fluido. Um fluido antigravidade em suas veias, ele tem esta pequena máquina que usa no peito para bombear a substância em seu corpo.

— Tem sim.

— Sim, ele precisa da substância para ficar vivo, está vendo? A parte do voo é apenas um... como se fosse uma vantagem adicional. É um cientista. Um médico. Trabalhava em algum tipo de, digamos, sangue artificial. Para os campos de batalha, sabe. Synth-O-Blood, se chama. Talvez seja, merda, não sei, talvez seja feito de partículas moídas de meteoritos de ferro do espaço exterior. Porque o sangue é baseado no ferro. Seja lá o que for. Mas então alguns tipos criminosos, não, alguns espiões inimigos, invadem seu laboratório e tentam roubar a substância. Quando os impede, alvejam a tiros ele e sua garota e os deixam como mortos. É tarde demais para a garota, OK, que triste, mas nosso sujeito consegue se enganchar nesta espécie de bomba pouco antes de morrer. Quero dizer, ele *morre*, do ponto de vista médico, mas esta substância, este meteorito líquido, o traz de volta do limiar da morte. E quando ele volta a si...

— É capaz de voar!

Davy olhou feliz ao redor da sala.

— É capaz de voar e vai atrás dos espiões que mataram sua garota e agora pode fazer realmente o que sempre quis, que é ajudar as forças da democracia e da paz. Mas nunca poderá esquecer que tem uma fraqueza, que sem este Synth-O-Blood é um homem morto. Nunca vai parar de ser... de ser...

Sammy estalou os dedos em busca de um nome.

— O Homem Voador Quase Morto — sugeriu Jerry.

— Homem Sangue — disse Julie.

— O Veloz — disse Marty Gold. — O pássaro mais veloz do mundo.

— Eu desenho asas realmente bonitas — disse Davy O'Dowd. — Bonitas e emplumadas.

— Oh, tudo bem, que diabo — disse Sammy. — Elas não podem estar à vista. Vamos chamá-lo de O Veloz.

— Eu gosto.

— Ele nunca pode deixar de ser O Veloz — disse Sammy. — Nem por um miserável minuto do dia. — Parou e esfregou a boca com as costas das mãos. Sua garganta estava irritada, os lábios secos, e sentia como se estivesse falando há uma semana. Jerry, Marty e Davy todos olharam uns para os outros e então Jerry desceu de sua banqueta e foi para seu quarto de dormir. Quando saiu, carregava uma velha máquina de escrever Remington.

— Quando terminar com o personagem de Davy, me ajude no meu — falou.

Jerry conseguiu dar uma saída por uma hora, no final do sábado, para devolver a bolsa de Rosa Saks e então de novo, na tarde de domingo, por duas horas, voltando com uma marca recurvada no pescoço, dos dentes de uma garota chamada Mae. Quanto a Frank Pantaleone, desapareceu por volta da meia-noite da sexta-feira e por fim reapareceu completamente vestido na banheira vazia, por trás da cortina do chuveiro, a prancheta apoiada nos joelhos. Quando terminava uma página gritava “Jovem!” e Sammy a levava correndo ao andar de cima para Joe, que não levantou os olhos da trilha brilhante de seu pincel até pouco antes das duas horas da manhã de segunda-feira.

— Bunito — disse Sammy. Tinha terminado seus roteiros há várias horas mas ficara acordado, tomando café até que seus globos oculares tremiam, para que Joe pudesse ter companhia enquanto desenhava a capa que ele tinha planejado. Esta foi a primeira palavra que trocaram em pelo menos uma hora. — Vamos ver se ainda tem alguma coisa para comer.

Joe desceu da sua banqueta e levou a capa para a pilha de trinta centímetros de papelão de ilustração e papel vegetal que seria o primeiro número de sua revista em quadrinhos. Ergueu as calças, girou a cabeça várias vezes no pivô rangente do seu pescoço e seguiu Sammy até a cozinha. Ali acharam e puseram-se a devorar uma ceia leve consistindo da carcaça já por três vezes destrinchada de uma galinha bastante encanecida, nove bolachas de água e sal, uma sardinha, um pouco de leite e um naco amarelado de queijo duro que encontraram enfiado debaixo da garrafa de leite entre ripas da estante do lado de fora da janela. Frank Pantaleone e Julie Glosky há muito

tempo tinham ido para casa no Brooklyn; Jerry, Davy e Marty estavam dormindo em seus quartos. Os primos mastigaram seu lanche em silêncio. Joe olhou pela janela para o miserável pátio dos fundos, queimado pelo gelo. Seus olhos de pálpebras pesadas estavam rodeados por sombras profundas. Apertou o alto da testa contra o vidro frio da janela.

— Onde estou? — perguntou.

— Na cidade de Nova York — disse Sammy.

— Cidade de Nova York. — Pensou um pouco. — Cidade de Nova York, Estados Unidos da América. — Fechou os olhos. — Isto não é possível.

— Você está bem? — Sammy colocou a mão no ombro de Joe. — Joe Kavalier.

— Sam Clay.

Sammy sorriu. Uma vez mais, como quando tinham pela primeira vez encerrado a tinta num retângulo o par de nomes americanos recém-cunhados marcando sua parceria na página número 1 da estreia do Escapista, a barriga de Sammy banhou-se de um calor desconfortável e sentiu suas faces corarem. Não era meramente o rubor do orgulho, nem o deleite não assumido que experimentava ao emblematizar assim seu apego crescente a Joe; era também tomado por uma dor entre afetuosa e envergonhada, pela perda do professor von Clay, que jamais se permitira sentir. Deu um aperto no ombro de Joe.

— Fizemos algo grandioso, Joe, você se dá conta disto?

— Dinheiro de verdade — disse Joe. Seus olhos se abriram.

— Está certo — disse Sammy. — Dinheiro de verdade.

— Agora eu me lembro.

Em adição ao Escapista e ao Chapéu Preto, sua revista agora ostentava a aventura de abertura, desenhada e legendada por Marty Gold, com a carreira de um terceiro herói, O Homem da Neve, de Jerry Glovsky, essencialmente o Besouro Verde numa malha inteiriça azul e branca, completo com um criado coreano, uma arma que disparava “gás congelante” e uma baratinha que o texto de Sammy descrevia como “azul-gelo como os olhos do Homem da Neve que detectam o Mal”. Jerry tinha conseguido refrear seu estilo pé-grande, deixando-o emergir funcionalmente ao retratar Fan, o menino empregado dentuço mas combativo e o adversário do Homem da Neve, o temível Mão Obsidiana, escravagista, com dedos em garras e monóculo. Também contavam com o primeiro capítulo do Veloz, de Davy O’Dowd, com suas luxuriantes e sedosas asas à Alex Raymond, e Onda de Rádio, desenhado por Frank Pantaleone e arte-finalizado por Joe Kavalier com, Sammy foi forçado a admitir, resultados mistos. Isto foi culpa do próprio Sammy. Ele havia cedido, na criação do Onda de

Rádio, à experiência e proeza de Frank com um lápis, não ousando oferecer-lhe assistência no desenvolvimento ou enredo da tira. Este ato de deferência resultou num herói de desenho deslumbrante, com uma fantasia de bom gosto, músculos suntuosos e traçado num belo trabalho de nanquim, mas com nenhuma namorada intrometida, nenhum camarada encenqueiro, nenhuma identidade secreta irônica e nenhum comissário de polícia nas suas costas, nem calcanhar de aquiles, grupos de aliados secretos ou motivo pessoal de vingança; apenas a capacidade dúbia apressadamente explicada e bem desenhada de se transmitir através do ar “nos trilhos invisíveis das ondas radiofônicas” e de saltar da grade de um Philco para o covil de um bando de ladrões de joias amantes de jazz. Ficou logo evidente a Sammy que, uma vez que conhecessem o seu jogo, bastava que todos os bandidos da cidade natal do Onda de Rádio desligassem seus aparelhos para prosseguirem sua escalada do crime sem serem molestados. Mas quando teve a oportunidade de dar uma olhada na história, Joe já tinha passado a metade para a tinta.

Julie fez um bom trabalho com a sua história do Chapéu, ilustrando um dos enredos que Sammy reelaborou e tirou sob medida do *Sombra* num estilo chapado, ligeiramente cartunesco, não muito diferente daquele do Super-Homem de Joe Shuster, só que com melhores edifícios e carros; e Sammy ficou satisfeito com a aventura do Escapista, embora os layouts de Joe fossem, para ser sincero, um pouco estáticos e exageradamente bonitos, e de repente apressados e até mesmo com um ar rabiscado no final.

Mas a glória indiscutível da coisa toda era a capa. Não era um desenho, mas uma pintura, executada em têmpera sobre papelão grosso, num estilo sofisticado de ilustrador, idealizado e altamente realista que lembrava a Sammy o trabalho de James Montgomery Flagg, mas que Joe tinha na verdade derivado, dizia ele, de um ilustrador alemão chamado Kley. Ao contrário das grandes capas nazistas que estavam a caminho, não havia nenhum alarido de tanques, ou aeroplanos em chamas, nem sabujos de capacetes ou fêmeas gritando. Havia só os dois principais, o Escapista e Hitler, numa plataforma neoclássica coberta de bandeiras nazistas contra um céu azul. Joe só precisou de alguns minutos para acertar a pose do Escapista — pernas bem abertas, o enorme punho direito descrevendo um arco através da página para desferir um soco violento — e de horas para pintar os realces e as sombras que faziam a imagem parecer tão real. O tecido azul-escuro do disfarce do Escapista estava enrugado com pregas palpáveis e seus cabelos — tinham decidido que a máscara seria um lenço de cabeça que mostraria os cabelos — reluziam como ouro e ao mesmo tempo pareciam desalinhados e soprados pelo vento. Sua musculatura era esguia e atenuada,

verossímil, e as veias do braço se ondulavam sob a tensão do golpe. Quanto a Hitler, ele voava de costas sobre o leitor, lançado para fora da pintura, a cabeça jogada para trás, a madeixa desfeita, os braços pendendo, o maxilar soltando um longo rastro vermelho de dentes. A violência da imagem era assustadora, bela, estranha. Despertava sensações misteriosas no leitor, de ódio gratificado, de medo servil transmutado em retribuição vingativa, que poucos artistas trabalhando na América, no outono de 1939, poderiam ter concretizado tão fácil e eficazmente como Josef Kavalier.

Joe acenou com a cabeça e apertou a mão de Sammy por sua vez.

— Você está certo — disse. — Talvez a gente tenha feito alguma coisa boa.

Joe encostou-se à parede da quitinete e deslizou até tocar no chão. Sammy sentou-se ao lado dele e passou-lhe o último biscoito salgado. Joe pegou o biscoito mas, em vez de comê-lo, começou a quebrar pequeninos pedaços da bolacha e a jogá-los no grande Poço. Seu nariz de perfil era uma vela enfunada; seus cabelos caíam em roscas exaustas sobre a testa. Parecia estar a um milhão de quilômetros de distância e Sammy imaginava que estava relembrando alguma parte de sua terra natal, alguma maravilha que vira há muito tempo, um jingle anunciando uma pomada, uma galinha dançarina num museu de bugigangas, as costeletas de seu pai, a bainha rendada da anágua de sua mãe. Imediatamente, como o papel florido dentro de uma das cápsulas do Jardim dos Milagres Instantâneos das Novidades Empire, a consciência de tudo o que seu primo tinha deixado para trás floresceu no coração de Sammy, com seu sangue de corante.

Então Joe disse, meio para si:

— Sim, eu gostaria de ver de novo Rosa Saks.

Sammy riu. Joe olhou para ele, cansado demais para perguntar, e Sammy estava cansado demais para explicar. Uns poucos minutos se passaram em silêncio. O queixo de Sammy caiu sobre seu peito. Depois de balançar ali por um momento, sua cabeça se ergueu de novo e ele abriu rapidamente os olhos.

— Foi a primeira mulher que você viu nua? — perguntou.

— Não — disse Joe. — Eu desenhava modelos na escola de arte.

— Certo.

— Você já viu?

Havia mais implícito nesta pergunta, naturalmente, do que a mera *observação* de uma mulher sem suas roupas. Sammy tinha há muito tempo preparado um relato detalhado da perda de sua virgindade, a comovente história de um encontro debaixo do passeio de tábuas com Roberta Blum na última noite dela na cidade de Nova York, a véspera de sua partida para a universidade, mas descobriu que não tinha energia para contar o que aconteceu. Simplesmente disse:

— Não.

Quando Marty Gold subiu uma hora depois, em busca de um desesperado copo de leite para contrabalançar o efeito do café que tinha bebido, encontrou os primos dormindo no chão da cozinha, meio dentro, meio fora dos braços um do outro. Insone, ulcerado, Marty estava num péssimo humor e merece um crédito eterno pelo fato de que, em vez de ter um ataque por haverem violado a proibição de dormir no apartamento, jogou um cobertor do exército sobre Joe e Sammy, um cobertor que tinha voltado com o filho dos Waczukowski de Ypres, e esquentou os cinco dedos do pé de Al Capp. Então pegou a garrafa de leite da beirada da janela e a levou consigo de volta para a cama.

Segunda-feira raiou como a mais bela manhã na história da cidade de Nova York. O céu estava tão azul como a fita de uma ovelha premiada. No alto do Edifício Chrysler as gárgulas aerodinâmicas brilhavam como o naipe de metais de uma orquestra. Muitas das 6.011 macieiras estavam carregadas de frutos. Havia um toque rural de maçãs e esterco de cavalo no ar. Sammy assobiou *Frenesi* por todo o caminho através da cidade e ao entrar no saguão do Edifício Kramler. Ao assobiar, embalava uma fantasia na qual figurava, dentro de poucos anos, como o proprietário das Publicações Clay Inc., lançando cinquenta títulos por mês, de revistas baratas a intelectuais, com uma equipe de duzentos funcionários e ocupando três andares no Rockefeller Center. Comprava para Ethel e Bubbie uma casa em Long Island, bem no mato, com uma horta. Contratava um enfermeiro para Bubbie, alguém para lhe dar banho, sentar-se com ela e esmagar suas pílulas numa banana. Alguém para dar um descanso a sua mãe. O enfermeiro era um sujeito entroncado, bem-apegoado, chamado Steve. Jogava futebol americano nos sábados com seus irmãos e amigos. Usava um capacete de couro e um suéter de malha com os dizeres EXÉRCITO. Aos sábados Sammy deixava seu escritório polido de granito e cromo e pegava o trem para visitá-los, regalando-se em seu vagão-restaurant particular com carne de tartaruga, a mais abominada e suja, que o Molécula Maravilha havia provado uma vez em Richmond e jamais esquecera até o dia de sua morte. Sammy pendurava o chapéu na parede da encantadora e ensolarada casa de campo em Long Island, beijava sua mãe e sua avó, e convidava Steve para jogar baralho e fumar um charuto. Sim, na última manhã de sua vida como Sammy Klayman, estava se sentindo perigosamente otimista.

— Vocês me trouxeram um Super-Homem? — disse Anapol sem preâmbulo quando Sammy e Joe entraram no seu escritório.

— Espere só para ver — disse Sammy.

Anapol arrumou espaço sobre sua mesa. Abriram as pastas uma após a outra e empilharam as páginas.

— Quanto foi que fizeram? — perguntou Anapol, erguendo uma sobrancelha.

— Fizemos uma revista inteira — disse Sammy. — Chefe, permita-me apresentar-lhe — engrossou a voz e floreou as mãos na direção da

pilha — o número de estreia do primeiro título dos Empire Comics, *O Mascarado*...

— *Empire Comics*.

— Sim, eu estava pensando.

— Não Racy.

— Talvez seja melhor.

Anapol afagou o seu conhaque ao estilo Gibraltar.

— *Empire Comics*.

— E seu primeiro título... — Sammy levantou a folha de papel de decalque da pintura de Joe. — A revista em quadrinhos *O Mascarado*.

— Pensei que ia se chamar *Apito da Alegria* ou *Almofada da Vovó*.

— É assim que quer chamá-los?

— Quero vender novidades — disse Anapol. — Quero vender rádios.

— *Radio Comics*, então.

— *Quadrinhos dos Maravilhosos Rádios Miniatura* — disse Joe, com a clara impressão de que soava excelente.

— Gosto disto — disse Anapol. Colocou os óculos e debruçou-se para examinar a capa. — Ele é louro. Muito bem. Está esmurando alguém. Isto é bom. Qual é o nome dele?

— Ele se chama O Escapista.

— O Escapista — franziu a testa. — Está esmurando Hitler.

— Que tal hem?

Anapol grunhiu. Pegou a primeira página, leu os dois primeiros quadros da história e então passou rapidamente por cima do resto. Olhou rapidamente as duas páginas seguintes. E então desistiu.

— Vocês sabem que não tenho paciência com bobagens — disse o principal distribuidor para o nordeste do país das mandíbulas-matracas-mecânicas. Colocou as páginas de lado. — Não gosto. Não sinto.

— Que quer dizer? Como pode não sentir? Ele é um artista do escape super-humano. Nenhuma algema é capaz de prendê-lo. Nenhum cadeado ou fechadura está a salvo. Ele vem em socorro daqueles que labutam nas malhas da tirania e da injustiça. Houdini, misturado com Robin Hood e um pouco de Albert Schweitzer.

— Posso ver que vocês levam jeito para a coisa — disse Anapol —, a propósito. Não estou dizendo que isto seja bom. — Suas feições amplas e tristonhas se retesaram e parecia que ia refugar o café da manhã. Está cheirando dinheiro, pensou Sammy. — Na sexta-feira Jack falou com seu distribuidor Seaboard News. Parece que a Seaboard está procurando um Super-Homem também. E não somos os primeiros que os contataram. — Acionou o botão que chamava sua secretária. — Quero Jack. — Pegou no telefone. — Todo mundo está tentando embarcar nesta onda de personagens fantasiados. Temos de

agarrar a bolha antes que estoure.

— Já tenho sete sujeitos a postos, chefe — disse Sammy. — Incluindo Frank Pantaleone, que acabou de vender uma tira para a King Features. — Isto era quase verdade. — E Joe aqui. Viu o trabalho que é capaz de fazer. Que acha desta capa?

— Esmurrando Adolf Hitler — disse Anapol, inclinando a cabeça em dúvida. — Não sei quanto a isto. Alô, Jack? Sim. Tudo bem. OK. — Desligou. — Não vejo o Super-Homem se metendo em política. Não que eu me importasse de ver alguém colocar Hitler no devido lugar.

— Esta é a questão, chefe — disse Sammy. — Muita gente não se importaria. Quando virem isto...

Anapol afastou a controvérsia com um gesto de mão.

— Não sei, não sei. Sente-se. Pare de falar. Por que não pode ser um rapaz comportado e quieto como seu primo aqui?

— O senhor me pediu...

— E agora estou pedindo para parar. É por isso que um rádio tem um botão. Aqui. — Abriu uma gaveta de sua mesa e puxou um estojo de charutos. — Vocês se saíram bem. Aceitem um charuto. — Sammy e Joe aceitaram um cada e Anapol acendeu os charutos de 25 centavos com o Zippo de prata que lhe fora presenteado pelos assinantes da Sociedade Internacional Szymanowski. — Sentem-se. — Sentaram-se. — Vamos ver o que é que George acha.

Sammy recostou-se para trás, exalando uma jactanciosa baforada azul em forma de cauda de andorinha. Então saltou para a frente.

— George? George quem? Não George Deasey?

— Não, George Jessel. Que acha você? Claro que é George Deasey! Ele é o editor, não é?

— Mas pensei... o senhor disse... — o protesto de Sammy foi interrompido por um severo acesso de tosse. Ficou de pé, inclinou-se sobre a mesa de Anapol, e tentou combater o espasmo de seus pulmões. Joe bateu-lhe nas costas. — Sr. Anapol... pensei que eu ia ser o editor.

— Nunca falei isto. — Anapol sentou-se, as molas da sua poltrona estalando como a quilha de um navio em perigo. Ele se sentar era um mau sinal; Anapol só fazia negócios de pé. — Não vou fazer isto. Jack não vai fazer isto. George Deasey está neste negócio há trinta anos. É esperto. Ao contrário de você ou de mim, foi para a universidade. A Universidade de *Columbia*, Sammy. Conhece escritores, conhece artistas, respeita prazos e não desperdiça dinheiro. Jack confia nele.

É fácil dizer, a esta altura, que Sammy devia ter sentido que aquilo ia acontecer. Na verdade, estava chocado. Confiava em Anapol, o respeitava. Anapol foi o primeiro homem bem-sucedido que Sammy conheceu pessoalmente. Era tão dedicado ao seu trabalho, um viajante tão incansável, como urgente, tão remoto de sua família como o pai de

Sammy, e ser traído por ele, também, foi um golpe terrível. Dia após dia, Sammy ouvira os sermões de Anapol sobre tomar a iniciativa e a Ciência da Oportunidade e como isso combinava com suas noções de como funcionava o mundo. Sammy acreditara. Achava que não seria possível mostrar mais iniciativa, ou agarrar uma oportunidade mais cientificamente, do que o fizera nos últimos três dias. Sammy queria discutir, mas uma vez privado de seu pilar central do Empreendimento Recompensado, os argumentos a favor de fazê-lo editor, em vez do inquestionavelmente qualificado e provado George Deasey, lhe parecia, abruptamente, ridículo. Então se recostou para trás na cadeira. Seu charuto tinha apagado.

Um momento depois, vestindo um paletó cor de milho sobre calças de veludo verdes e uma gravata xadrez laranja e verde, Jack Ashkenazy entrou na sala, seguido por George Deasey, que, como sempre, parecia irritado. Era, como Anapol mencionara, formado por Columbia, na turma de 1912. Em sua carreira, George Debevoise Deasey tinha publicado poesia simbolista em *Seven Arts*, coberto a América Latina e as Filipinas como correspondente para o *American* e para o *Examiner* de Los Angeles e escrito mais de 150 romances policiais sob o seu nome e sob uma dúzia de outros nomes, incluindo, antes de ser nomeado editor-chefe de todos os seus títulos, mais de sessenta aventuras do maior vendedor da editora, um sucedâneo do *Sombra*, o *Duende Cinzento*, estrela das *Racy Police Stories*. No entanto, não sentia nenhum orgulho ou satisfação verdadeira por estas ou quaisquer outras experiências e conquistas porque, quando tinha 19 anos, seu irmão Malcolm, que era seu ídolo, se casou com Oneida Shaw, o amor da vida de Deasey, e a levou para um seringal no Brasil, onde ambos morreram de amebíase. A memória amarga deste episódio trágico, embora há muito corrompida pelo tempo e esboroada como pó de cinza no seu peito, havia endurecido seu exterior e desencadeado um sistema conhecido, embora não exatamente querido, de maneirismos e comportamentos, entre eles o excesso de bebida e prodigiosos hábitos de trabalho, um cinismo militante e um estilo editorial baseado firmemente na impiedosa obediência dos prazos de fechamento e na administração, num golpe de surpresa, irregular e devastadora como o impacto de meteoros do espaço, de escabrosas e cultas repreensões verbais com que regularmente fustigava seu trêmulo pessoal. Alto e corpulento, usava óculos de aros de chifre e um bigode amarelado encurvado para baixo, e ainda se vestia com as camisas de colarinhos engomados e coletes abotoados de cima a baixo da sua geração de homens de letras. Professava detestar as revistas baratas e nunca perdia a oportunidade de se ridicularizar por ganhar a vida com elas, mas ao mesmo tempo levava o seu trabalho a sério, e seus romances, cada um deles composto em duas ou três semanas,

eram escritos com verve e um toque erudito.

— Então, agora estamos com as histórias em quadrinhos, não? — falou para Anapol enquanto apertavam as mãos. — A sucessão da cultura americana dá mais um grande passo à frente. — Tirou o cachimbo do bolso de trás da calça.

— Sammy Klayman e seu primo Joe Kavalier — disse Anapol. Colocou uma mão sobre o ombro de Sammy. — Nosso Sammy é em grande parte responsável por tudo isto. Não é, Sammy?

Sammy estava trêmulo. Seus dentes rangiam. Queria apanhar algo pesado e esmigalhar os miolos de Anapol no seu mata-borrão. Queria sair correndo chorando da sala. Ficou ali simplesmente, olhando para Anapol até que o grande homem desviou o olhar.

— Os garotos têm certeza de que querem trabalhar para mim? — disse Deasey. Antes que pudessem responder, deu um desagradável risinho à socapa e sacudiu a cabeça. Encostou um fósforo no bojo do cachimbo e deu seis pequenos tragos de fumo com perfume de cereja. — Bem, vamos dar uma olhada.

— Sente-se, George, por favor — disse Anapol, sua superioridade saturnina normal cedendo, como de costume, à proximidade de um gentio com um diploma, em flagrante bajulação. — Acho que os rapazes fizeram um belo trabalho.

Deasey sentou-se e puxou a pilha de papéis para seu lado direito. Ashkenazy aproximou-se o bastante para olhar por cima do ombro de Deasey. Quando Deasey levantava a folha protetora de papel vegetal sobre a arte da capa, Sammy olhou para Joe. Seu primo estava sentado rígido na cadeira, as mãos no colo, observando o rosto do editor. O ar de integridade arruinada e de confiança em seus próprios julgamentos exibido por Deasey tinham impressionado Joe.

— Quem fez esta capa? — Deasey olhou para a assinatura e então por cima de seus óculos redondos para Joe. — Kavalier, é você?

Joe se pôs de pé, literalmente segurando o chapéu na mão, e estendeu a outra mão para Deasey.

— Josef Kavalier — disse Joe. — Como vai?

— Vou bem, sr. Kavalier. — Apertaram as mãos. — E está contratado.

— Obrigado — disse Joe. Voltou a sentar-se e sorriu. Estava simplesmente feliz por conseguir o emprego. Não tinha ideia do que passava Sammy, da humilhação que estava sofrendo. Toda aquela ostentação diante de sua mãe! Suas voltinhas ao redor de Julie e dos outros! Como, em nome de Deus, poderia algum dia voltar a encarar Frank Pantaleone?

Deasey colocou a arte da capa à sua esquerda, pegou a primeira página e começou a ler. Quando terminou, colocou-a debaixo da capa de Joe e pegou a página seguinte. Não ergueu mais os olhos até que a

pilha inteira estava do seu lado esquerdo e ele havia lido tudo até o fim.

— Você organizou tudo isto, filho? — sorriu para Sammy. — Sabe, não sabe, que isto é puro lixo. O Super-Homem é lixo, também, naturalmente. Batman, o Besouro Azul. Toda a trupe.

— O senhor está certo — falou Sammy entre os dentes. — Lixo vende.

— Por Deus que vende — disse Deasey. — Posso testemunhar isto pessoalmente.

— E é *tudo* lixo, George? — disse Ashkenazy. — Gosto daquele sujeito que sai do rádio. — Virou-se para Sammy. — Como foi que inventaram aquilo?

— Não me incomoda o lixo — disse Anapol. — Se for o mesmo tipo de lixo que o Super-Homem, é o que quero saber.

— Eu poderia conferenciar com os cavalheiros em particular? — disse Deasey.

— Desculpem-nos, rapazes — disse Anapol.

Sammy e Joe saíram e sentaram-se em cadeiras do lado de fora do escritório de Anapol. Sammy tentou escutar através do vidro. Deasey podia ser ouvido murmurando em tom grave mas indecifrável. Às vezes Anapol o interrompia com uma pergunta. Depois de alguns minutos, Ashkenazy saiu, piscou para Sammy e Joe e deixou os escritórios da Empire. Quando voltou, poucos minutos depois, carregava uma folha de papel fina que estalava. Parecia um contrato legal. A perna esquerda de Sammy começou a tremer. Ashkenazy parou diante da porta do escritório de Anapol e gesticulou vistosamente para que entrassem.

— Cavalheiros? — falou.

Sammy e Joe o seguiram e entraram.

— Queremos comprar o Escapista — disse Anapol. — Vamos pagar 150 dólares pelos direitos.

Joe olhou para Sammy, sobranceiras erguidas. Dinheiro de verdade.

— O que mais? — perguntou Sammy, embora estivesse esperando no máximo uns cem dólares.

— Os outros personagens, os coadjuvantes, vamos pagar 85 dólares por todos eles — continuou Anapol. Vendo o rosto de Sammy cair um pouco ele acrescentou: — Teria sido 25 dólares por cabeça, mas Jack sentiu que o Sr. Rádio valia um pequeno extra.

— Isto só pelos direitos, garoto — disse Ashkenazy. — Vamos também contratar vocês dois, Sammy por 75 dólares semanais e Joe por seis dólares a página. George quer você como seu assistente, Sam. Diz que enxerga potencial de verdade em você.

— Você certamente conhece o seu lixo — disse Deasey.

— Além do mais, vamos pagar a Joe, aqui, vinte dólares por toda capa que fizer. E para todos os seus amigos e associados, cinco dólares a página.

— Embora, naturalmente, eu precise antes conhecê-los — disse Deasey.

— Isso não é o bastante — disse Sammy. — Falei para eles que a página seria a oito dólares.

— Oito dólares! — disse Ashkenazy. — Eu não pagava oito dólares nem para John Steinbeck.

— Vamos pagar cinco — disse Anapol gentilmente. — E queremos uma nova capa.

— Querem — disse Sammy. — Entendi.

— Esta coisa de esmurrar Hitler, Sammy, nos deixa nervosos.

— O quê? O que é isto?

A atenção de Joe tinha se dispersado um pouco durante as discussões financeiras — ouvira 150 dólares, seis dólares a página, vinte por capa. Aqueles números soavam muito bons para ele. Mas agora pensou que tinha acabado de ouvir Sheldon Anapol declarar que não ia usar a capa em que Hitler tinha a mandíbula quebrada. Nada do que Joe pintara o satisfizera tanto. A composição era natural, simples e moderna; as duas figuras, o tablado circular, o emblema azul e branco do céu. As figuras tinham peso e massa; o encurtamento do corpo de Hitler em voo era ousado e um pouco exagerado, mas mesmo assim de uma maneira convincente. O desenho das roupas estava correto; o uniforme do Escapista parecia um uniforme, como malha de jérsei amontoada em alguns pontos, mas justa e não meramente carne colorida de azul. Acima de tudo, o prazer que Joe extraía de ministrar aquela surra brutal era intenso e durável e estranhamente redentor. Em alguns raros momentos de pausa nos últimos dias, ele se consolara com o pensamento de que finalmente um exemplar desta revista em quadrinhos conseguisse chegar a Berlim e à escrivania do próprio Hitler, que olharia para a pintura em que Joe canalizara toda a sua raiva acumulada, esfregava o maxilar e buscava com a língua algum dente perdido.

— Não estamos em guerra com a Alemanha — disse Ashkenazy apontando o dedo para Sammy. — É ilegal ridicularizar um rei, um presidente ou alguém assim se não estamos em guerra com ele. Podíamos ser processados.

— Posso sugerir que mantenha a Alemanha na história se mudar o nome e não os chamar de alemães. Ou de nazistas — disse Deasey. — Mas vai ter de imaginar um tipo diferente de imagem para a capa. Caso contrário, posso dá-la para Pickering, ou Clemm, ou outro dos meus capistas regulares.

Sammy encarou Joe, que ainda estava olhando para baixo,

balançando a cabeça um pouco, como se soubesse o tempo todo que algo como aquilo acabaria acontecendo. Mas, quando ergueu os olhos, seu rosto estava composto, sua voz pausada e calma.

— Eu gosto da capa — disse.

— Joe — falou Sammy. — Só pare para pensar um minuto. Podemos imaginar outra coisa. Tão boa quanto esta. Sei que é importante para você. É importante para mim, também. Acho que deveria ser importante para estes senhores, também, e francamente estou um pouco envergonhado por eles neste momento — lançou um olhar feio para Anapol —, mas só pense um minuto. É tudo o que eu digo.

— Não preciso fazer isto, Sam. Não vou concordar com outra capa, de jeito nenhum.

Sammy acenou com a cabeça e então se virou para Sheldon Anapol. Cerrou os olhos, bem apertados, como se estivesse para se jogar numa corredeira gelada. Sua fé em si mesmo fora abalada. Não sabia o que era direito ou em benefício de quem devia pensar. Ajudaria Joe se levantassem e fossem embora? Se ficassem e fizessem concessões, isto o magoaria? Seria de alguma ajuda para os Kavalier em Praga? Abriu os olhos e olhou direto para Anapol.

— Não podemos concordar — disse Sammy, embora lhe custasse grande esforço. — Não, lamento mas a capa tem de ser aquela. — Fez um apelo para Deasey. — Sr. Deasey, esta capa é dinamite e o senhor sabe disto.

— Quem quer dinamite? — perguntou Ashkenazy. — Dinamite explode. Alguém podia perder um dedo.

— Não vamos mudar a capa, chefe — falou Sammy e então, juntando todas as suas forças de coragem dissimulada e falsa bravata, pegou uma das pastas e começou a enchê-la com as folhas de ilustração. Não se permitiu pensar sobre o que estava fazendo. — O Escapista combate o Mal. — Atou a pasta e passou-a para Joe, ainda sem olhar para a cara do primo. Apanhou outra pasta. — Hitler é o Mal.

— Acalme-se, meu jovem — disse Anapol. — Jack, talvez a gente possa aumentar o preço da página para seis, *nu?* Seis dólares a página, Sammy. E oito para o seu primo aqui. Vamos, sr. Kavalier, *oito dólares a página!* Não seja bobo.

Sammy entregou a segunda pasta para Joe e começou a encher a terceira.

— Nem todos são seus personagens, não se esqueçam — disse George Deasey. — Talvez seus amigos vissem as coisas de maneira diferente.

— Vamos, Joe — disse Sammy. — Você ouviu o que ele disse antes. Todo editor nesta cidade quer embarcar nesta coisa. A gente vai

se arranjar.

Viraram-se e caminharam em direção do elevador.

— Seis e cinquenta! — gritou Anapol. — Ei, e quanto aos meus rádios?

Joe olhou para trás por cima do ombro e então para Sammy, que tinha transfigurado suas feições arrebitadas numa máscara impassível. Sammy apertou o botão DESCE com uma decidida estocada de dedo. Joe inclinou a cabeça para seu primo.

— Sammy, isto é um truque? — sussurrou. — Ou estamos jogando sério?

Sammy parou para pensar. O elevador chegou tilintando. O ascensorista abriu bem a porta.

— Me diga você — falou Sammy.

PARTE III

A GUERRA DAS REVISTAS EM QUADRINHOS

Seus ouvidos ainda vibrando com os petardos da artilharia, o silvo dos foguetes e o estrondoso *ack-ack* o fogo antiaéreo de Gene Krupa que saía do Crosley num canto do estúdio, Joe Kavalier largou o pincel e fechou os olhos. Estava desenhando, pintando, fumando cigarros e nada mais nos últimos sete dias. Colocou a palma de uma das mãos sobre a nuca e obrigou os ossos que apoiavam sua cabeça cansada de guerra a executar algumas rotações lentas. As vértebras crepitaram e estalaram. As juntas da mão pulsaram e o fantasma de um pincel manchou seu dedo indicador. Cada vez que respirava, podia sentir uma pequena bola de nicotina e catarro chocalhando em seus pulmões. Eram seis horas de uma manhã de segunda-feira em outubro de 1940. Tinha acabado de ganhar a Segunda Guerra Mundial e estava se sentindo muito satisfeito com isto.

Saltou da banqueta e foi olhar para a manhã de outono pelas janelas do Edifício Kramler. Vapor saía em espirais dos buracos na rua. Uma equipe de meia dúzia de operários em macacões marrons de lona, com gorros brancos pontudos pousados em suas cabeças, usava uma mangueira d'água e vassouras desgrehadas para empurrar uma maré lamacenta pelas sarjetas até os bueiros de chuva na esquina da Broadway. Joe abriu a ruidosa janela de guilhotina e enfiou a cabeça para fora. Parecia que ia ser um belo dia. O céu no leste estava de um azul brilhante de Super-Homem. Havia um cheiro úmido de chuva de outubro no ar com um leve travo acre de uma destilaria de vinagre ao longo do East River, a sete quarteirões dali. Para Joe, naquele momento, era o cheiro da vitória. Nova York nunca parece mais bonita do que para um jovem que acabou de fazer algo que sabe vai arrasar com todo mundo.

Durante a última semana, no disfarce do Escapista, Mestre da Fuga, Joe tinha voado para a Europa (num autogiro azul-escuro), atacado o *Schloss* cheio de torres do nefasto Luva de Aço, libertado Flor de Ameixa de sua profunda masmorra, derrotado o Luva numa prolongada luta de punhos, sido capturado pelos capangas do Luva e arrastado para Berlim, onde foi atado por correias numa bizarra guilhotina múltipla que o teria fatiado como um ovo cozido enquanto o próprio *Führer* o observava presunçosamente. Naturalmente, paciente e indômito, conseguira se livrar dos rebites de aço e das correias que o prendiam e se jogara sobre a garganta do ditador. Nesta

altura — faltando ainda vinte páginas para o anúncio de Charles Atlas na última capa interna — toda uma divisão da Wehrmacht se interpusera entre os dedos do Escapista e aquela laringe gravemente desejada. No curso das 18 páginas seguintes, em quadrinhos que se amontoavam, acotovelavam e empilhavam um sobre o outro e ameaçavam romper as margens da página, a Wehrmacht, a Luftwaffe e o Escapista tinham brigado para valer. Com o Luva de Aço fora de ação, foi um combate equilibrado. Na última página, num momento transcendental na história das grandes ficções idealizadas, o Escapista capturava Adolf Hitler e o arrastava diante de um tribunal internacional. Com a cabeça finalmente curvada de derrota e vergonha, Hitler era sentenciado a morrer por seus crimes contra a humanidade. A guerra tinha acabado; um novo tempo de paz universal foi declarado, os povos aprisionados e perseguidos da Europa — entre eles, implícita e apaixonadamente, a família Kavalier de Praga — foram libertados.

Joe inclinou-se à frente, as palmas das mãos apertadas sobre o beiral da janela e a moldura inferior da janela pressionando suas costas, e aspirou um ar frio de vinagre da manhã. Sentia-se contente e esperançoso e, apesar de não ter dormido mais do que quatro horas seguidas na última semana, não estava nada cansado. Olhou a rua para cima e para baixo. Foi tomado por uma súbita sensação de estar ligado a ela, de saber para onde levava. O mapa da ilha — que lhe parecia um homem cuja cabeça era o Bronx, erguendo um braço em saudação — estava vívido em sua cabeça, descascado como um modelo anatômico para revelar seu sistema circulatório de ruas e avenidas, de rotas de trens, bondes e ônibus.

Quando Marty Gold acabasse de passar para a tinta as páginas que Joe acabara de completar, elas seriam amarradas na traseira de uma motocicleta pelo garoto da Iroquois Color e carregadas ao longo da Broadway, passando por Madison Square, Union Square e o Wanamaker's, até a gráfica da Iroquois na Lafayette Street. Lá, uma das quatro gentis mulheres de meia-idade, duas das quais se chamavam Florence, adivinhariam com surpreendente violência e autodomínio a coloração adequada para os narizes quebrados, os Dorniers em chamas, a armadura movida a diesel do Luva de Aço e todas as outras coisas que Joe tinha desenhado e Marty, arte-finalizado. As grandes câmaras Heidelberg com lentes rotativas de três cores fotografariam as páginas coloridas e os negativos, um cyan, um magenta, um amarelo, seriam projetados pelo velho gravador italiano estrábico, sr. Petto, com seu cafona visor de celuloide verde. Os semitons de cores resultantes seriam enviados para a cidade de novo, ao longo de artérias que se ramificavam, até o imenso edifício com ar de celeiro na esquina da rua 47 Oeste com a 11ª Avenida, onde

homens em chapéus quadrados de papel-jornal dobrado labutavam nas grandes impressoras a vapor para publicar as notícias do extasiado ódio de Joe pelo Reich alemão, para que pudessem ser extravasadas uma vez mais nas ruas de Nova York, desta vez na forma de revistas em quadrinhos dobradas e grampeadas, amarradas por cordéis em milhares de pequenos fardos que seriam levados pelas camionetas da Seaboard News para as bancas de jornais e lojas de doces da cidade, até as margens mais extremas dos bairros da cidade e além, onde seriam penduradas e exibidas como roupa lavada ou anúncios de casamento em cabides de arames.

Não era que Joe se sentisse em casa em Nova York. Isto era algo que jamais se permitiria sentir. Mas era muito agradecido a seu quartel-general no exílio. Nova York o havia levado, afinal, a esta vocação, a esta grande e maluca nova forma de arte americana. Colocara a seus pés as impressoras e câmaras de litografia e camionetas de distribuição que lhe permitiam lutar se não uma guerra genuína, pelo menos um sucedâneo tolerável. E lhe pagara belamente por isto: já tinha sete mil dólares — o resgate de sua família — no banco.

Então o programa de música terminou e um noticiarista da WEAFF veio ao rádio para reportar o anúncio, naquela manhã, pelo governo da França não ocupada, de que havia promulgado uma série de estatutos, inspirados nas Leis Alemãs de Nuremberg, que lhe permitiriam “superintender”, na estranha fórmula empregada pelo noticiarista, sua população de judeus. Isto se seguia a informações anteriores, o noticiarista lembrava a seus leitores, de que alguns judeus franceses — em sua maioria comunistas — estavam sendo transportados para campos de trabalho na Alemanha.

Joe caiu de volta nos escritórios da Empire, batendo o cocuruto da cabeça contra a moldura da janela. Foi até o rádio, esfregando o galo que começava a crescer em sua cabeça, e aumentou o volume. Mas aquilo aparentemente era tudo o que havia a dizer sobre os judeus da França. O resto das notícias sobre a guerra se ocupava dos ataques aéreos em Tobruk e em Kiel, na Alemanha, com as continuadas hostilidades dos submarinos alemães contra as embarcações aliadas e neutras que se dirigiam à Grã-Bretanha. Outros três navios tinham sido perdidos, entre eles um petroleiro americano levando uma carga de óleo extraído das sementes dos girassóis do Kansas.

Joe sentia-se esvaziado. A vaga de triunfo que experimentava quando terminava uma história era sempre fugaz e parecia tornar-se mais breve a cada trabalho. Desta vez durara um minuto e meio antes de se transformar em vergonha e frustração. O Escapista era um herói impossível, ridículo e acima de tudo *imaginário*, lutando uma guerra que nunca poderia ser ganha. Suas faces queimavam de embaraço.

Estava desperdiçando seu tempo. “Idiota”, disse, enxugando os olhos com as costas de um braço.

Joe ouviu o gemido do velho elevador do Kramler, o assobio e o chocalhar da porta de sua gaiola sendo sanfonada para um lado. Viu que a manga de sua camisa estava manchada não só por suas lágrimas, mas de café e borras de grafite. A manga estava puída e suja de tinta. Tomou consciência do resíduo arenoso e viscoso em sua pele causado pela falta de sono. Não sabia ao certo quando tomara o último banho de chuveiro.

— Vejam só. — Era Shelly Anapol. Vestia um terno cinza pálido de tropical lustroso que Joe não reconheceu, imenso e reluzente como as luzes de um farol. Seu rosto estava queimado de sol, avermelhado, e a pele de suas orelhas estava descascando. Óculos de sol num verde pálido emolduravam seus olhos tristes que, de certa forma, nesta manhã de outono, pareciam proporcionalmente menos tristes do que de costume. — Eu diria que você chegou cedo se não soubesse que nunca saiu.

— Acabei de completar a *Radio* — disse Joe, soturno.

— E qual é o problema?

— Fede.

— Não me diga que fede. Não gosto de ouvir você falando assim.

— Eu sei.

— É muito duro consigo mesmo.

— Não realmente.

— Fede?

— É tudo uma baboseira.

— Baboseira está OK. Deixe-me ver.

Anapol atravessou o espaço antigamente ocupado pelas mesas e pelos gabinetes de arquivos dos funcionários de expedição das Novidades Empire, agora cheio, para a surpresa que Anapol geralmente expressava, pelas pranchetas e pelas tabuletas com os cronogramas da Empire Comics, Inc.

Em janeiro anterior os *Quadrinhos dos Maravilhosos Rádios Miniatura* tinham estreado com uma edição esgotada de trezentos mil exemplares.^[2] Na capa do número agora nas bancas — destinado a ser o primeiro título da Empire (havia no momento três) a ultrapassar a marca de um milhão de circulação — as palavras “Maravilhosos” e “Miniaturas”, que vinham encolhendo a cada mês até não passarem de um vestígio, uma sujeira de formiga na canto superior esquerdo, tinham sido varridas para sempre e, com elas, toda a ideia de promover novidades através dos quadrinhos. Em setembro, Anapol se viu compelido pelos implacáveis argumentos do bom senso a vender o inventário e as contas das Novidades Empire para a companhia Johnson-Smith, o maior comerciante de novidades baratas do país. Foi

esta venda histórica e os seus dividendos que financiaram a viagem de duas semanas a Miami Beach, da qual Anapol acabava de voltar, com rosto vermelho brilhando como uma moeda de dez centavos. Não saía de férias, como informara a todo mundo várias vezes antes de partir, há 14 anos.

— Como foi a Flórida? — perguntou Joe.

Anapol encolheu os ombros.

— Vou lhe contar uma coisa, eles têm um esquema interessante lá na Flórida. — Parecia relutante em admitir isto, como se tivesse investido considerável esforço ao longo dos anos para ir até a Flórida.

— Eu gosto de lá.

— Que foi que fez?

— Comi, principalmente. Fiquei sentado na varanda. Levei meu violino. Uma noite joguei cartas com Walter Winchell.

— Um bom jogador?

— Você pode pensar que é, mas eu lhe dei uma coça.

— Hum...

— Sim, também fiquei surpreso.

Joe deslizou a pilha de páginas para Anapol e o editor começou a examiná-las. Ele tendia a sentir maior interesse por seu conteúdo e a mostrar um olho mais esperto do que quando fora exposto pela primeira vez aos quadrinhos. Anapol nunca fora um devoto das revistinhas, por isso levava algum tempo simplesmente para aprender a ler uma revista em quadrinhos. Agora ele as lia duas vezes, primeiro quando estava em produção, e depois de novo quando chegava às bancas, comprando um exemplar a caminho do trem e lendo a viagem inteira até Riverdale.

— *Alemanha?* — perguntou, parando no primeiro quadro da segunda página. — Nós os chamamos de *alemães* agora? George deu o seu OK a isto?

— Uma porção de sujeitos os está chamando de alemães, senhor — disse Joe. — O Spy Smasher. O Tocha Humana. Nós vamos passar por idiotas se não os chamarmos assim.

— Oh, então estou nessa, agora? — disse Anapol, torcendo um canto da boca.

Joe acenou com a cabeça. Em suas primeiras três aparições, o Escapista e sua excêntrica companhia tinham viajado por uma Europa tenuemente ficcionalizada, na qual ele assolava as elites Razi da Zotênia, Gotsilvânia, Dracônia e outros pseudonímicos bastiões obscuros da Corrente de Ferro, enquanto secretamente se entregava ao seu negócio real de arranjar fugas de prisões para líderes da resistência e pilotos britânicos capturados, ajudando grandes dentistas e pensadores a escapar das garras do ditador maligno, Átila Haxoff, e libertando cativos, missionários e prisioneiros de guerra. Mas Joe logo

viu que isto não chegaria perto o suficiente dos objetivos — dos Aliados ou dele. Na capa do quarto número, os leitores ficaram perplexos ao ver o Escapista levantar um panzer inteiro sobre sua cabeça, virado para baixo e derrubar uma pilha de soldados gotsilvânios pela escotilha como um menino sacudindo centavos de um porquinho.

Entre as capas da *Radio Comics #4* se revelava que a Liga da Chave de Ouro, mostrada pela primeira vez em seu “santuário montanhoso secreto no topo do mundo”, havia convocado, neste tempo de grande urgência, uma rara convenção de mestres espalhados por todo o globo. Havia um mestre chinês, um mestre holandês, um mestre polonês, um mestre num capuz de pele que seria provavelmente da Lapônia. Os mestres reunidos pareciam ser, na sua maioria, idosos e até com a aparência de gnomos. Todos concordaram que nosso sujeito, Tom Mayflower, embora fosse novo no jogo e ainda jovem, estava lutando mais duro e conseguindo mais vitórias do que qualquer um deles. Votou-se, portanto, que ele fosse declarado um “DEFENSOR DA LIBERDADE de emergência”. O poder da chave de Tom Mayflower foi aumentado vinte vezes. Ele verificou que agora era capaz de arrancar o casco de um aeroplano, laçar um submarino com um cabo de aço tomado por empréstimo de uma ponte próxima, ou dar o obrigatório laço super-heróico do amor numa bateria de armas antiaéreas. Também aperfeiçoou e melhorou o velho truque Ching Ling Su de apanhar balas — o Escapista podia encaixar até obuses de artilharia. Machucava, e ele era derrubado, mas era capaz de fazê-lo, cambaleando em seguida sobre seus pés e dizendo algo como “Gostaria de ver Gaby Hartnett fazer *isto!*”.

A partir daquele ponto, foi guerra total. O Escapista e seu bando lutaram na terra, no mar, nos céus da Fortaleza Europa e a punição recebida pelos esbirros da Corrente de Ferro se tornava vibrante como uma ópera. Logo ficou claro para Sammy, porém, que se a cota mensal de páginas de Joe não fosse aumentada — se ele não fosse mantido na luta, 24 horas por dia — seu primo poderia sucumbir à futilidade escravizante de sua raiva. A esta altura, felizmente, chegaram as primeiras estatísticas completas de circulação de *Radio Comics #2*, bem acima do meio milhão de exemplares, Sammy imediatamente fez a proposta natural de acrescentar um segundo título à linha; Anapol e Ashkenazy, depois da mais breve das reuniões, autorizaram a adição de dois títulos, a serem chamados *Quadrinhos Triunfo* e *O Monitor*. Sammy e Joe partiram para uma série de longas caminhadas, entrando e saindo das ruas de Manhattan e de Empire City, falando, sonhando e caminhando em círculos na maneira prescrita dos fazedores de golem. Quando voltaram da última destas andanças arcanas, haviam criado o Monitor, o Mr. Machine Gun e o Dr. E. Pluribus Hewnham, o

Americano Científico, enchendo as duas revistas com personagens desenhados pela coudelaria regular da Empire: Gold, os Glovskys, Pantaleone. Ambos os títulos tinham, como previra Sammy, arrasado; e Joe logo se viu responsável, todo mês, por mais de duzentas páginas de arte e carnificina imaginária a granel numa escala que, muitos anos depois, ainda horrorizaria o bom dr. Fredric Wertham quando se dispôs a analisar as fundações violentas dos quadrinhos.

— Jesus Cristo — disse Anapol, estremecendo. Tinha chegado ao ponto, no final da história, em que o Escapista começou a demolir as maciças divisões Panzer de tanques e as tropas de choque da Wehrmacht. — Ui.

— Sim.

Anapol apontou com um dedo grosso.

— Isto é um osso saindo do braço do sujeito?

— É esta a ideia.

— Podemos *mostrar* um osso saindo de um braço humano?

Joe encolheu os ombros.

— Eu podia apagar.

— Não apague, não, apenas... Jesus.

Anapol parecia, como geralmente ocorria quando inspecionava o trabalho de Joe, prestes a passar mal. Sammy havia tranquilizado Joe, no entanto, dizendo que não era nojo da violência retratada, mas a percepção, sempre, por algum motivo, dolorosa para Anapol, de quanto a última arruaça do Escapista iria atrair as crianças da América incrivelmente sedentas de sangue.

Foram as cenas de batalha de Joe — o tipo de quadrinho ou sequência conhecido no ramo como *slugfest*, festival de pancadas — que primeiro chamaram atenção sobre o seu trabalho, tanto no mundo dos negócios como entre a perplexa juventude viril da América. Estas cenas foram descritas como impetuosas, frenéticas, violentas, extremas e até breughelianas. Tem fumaça, fogo e relâmpago. Existem densos bandos de bombardeiros, flotilhas pontiagudas de navios de guerra, jardins onde florescem explosões de petardos. Num canto, um castelo bombardeado espreita sinistro do alto de um morro. Noutro canto, uma granada explode num galinheiro e manda aos ares galinhas e ovos. Messerschmitts mergulham, torpedos com barbatanas viajam espumando pelas ondas. E, no meio de tudo, o Escapista luta para se livrar, atado com correntes navais à ponta mais perigosa de um foguete do Eixo prestes a detonar.

— Um dia destes você vai passar dos limites — disse Anapol, sacudindo a cabeça. Arrumou de novo a pilha de cartolina e partiu para seu escritório. — Alguém vai se machucar.

— Alguém já está se machucando — lembrou Joe.

— Bem, não por aqui.

Anapol abriu a fechadura de sua porta e entrou. Joe seguiu atrás dele sem ser convidado. Queria que Anapol entendesse a importância de lutar, de sucumbir à propaganda que ele e Sammy estavam desavergonhadamente produzindo. Se não pudessem levar os americanos a sentir raiva de Hitler, então a existência de Joe, a misteriosa liberdade que lhe fora concedida e negada a tantos outros, não tinha nenhum sentido.

Anapol olhou à sua volta para o magro mobiliário de seu escritório, as estantes inclinadas, a lâmpada de mesa com seu quebra-luz rachado, como se nunca os tivesse visto antes.

— Este lugar é uma espelunca — disse, acenando com a cabeça, como se concordando com algum crítico inaudível, provavelmente, pensou Joe, sua mulher. — Fico feliz por estarmos saindo daqui.

— Ouviu a respeito de Vichy? — perguntou Joe. — Das leis que passaram?

Anapol colocou um saco de papel na mesa e o abriu. Tirou uma embalagem cheia de laranjas.

— Não, não ouvi — disse. — Aceita uma laranja da Flórida?

— Estão planejando confinar os judeus lá.

— Isto é terrível — disse Anapol, estendendo uma laranja para ele. Joe colocou-a no bolso de trás das calças. — Não posso acreditar que estou indo para o *Empire State Building* — seus olhos exibiram um brilho distante. — Empire Comics, Prédio Empire State, não está vendo a ligação?

— E eles também têm leis como estas na Tchecoslováquia.

— Eu sei. São uns animais. Você tem razão. Diga-me, que notícias tem de sua família?

— O de costume — disse Joe. Envelopes com o estranho endereço da rua Dlouha chegavam na média de dois por mês, na letra irregular e barroca de sua mãe, tatuada com suásticas e águias. Geralmente não havia nada nestas cartas em matéria de notícias; tinham sido esvaziadas de informação pelo censor. Joe era obrigado a datilografar suas respostas, porque embora na página dos quadrinhos tivesse uma das mãos mais firmes do ramo, quando se sentava para escrever ao irmão — a maioria das cartas era endereçada a Thomas — sua mão tremia violentamente demais para segurar uma caneta. Suas missivas eram tensas, como se para bloquear a incoerência da emoção. Em cada uma, implorava a Thomas para não se desesperar, assegurava-lhe que não tinha esquecido sua promessa e que estava fazendo tudo o que podia para trazê-los todos para Nova York. — Nada mudou.

— Ouça — disse Anapol. — Não vou impedir você de cortar suas miseráveis cabeças, se é o que quer fazer, contanto que venda revistas. Sabe disto.

— Eu sei.

— É que, apenas... isso me deixa nervoso.

Todo o fenômeno das revistas em quadrinhos, na verdade, deixava Anapol um pouco nervoso. Durante quinze anos ele se matara viajando a buracos remotos e monótonos do interior da Pensilvânia e de Massachusetts. Dormira pouco, flertara com a bancarrota, dirigira novecentos quilômetros por dia, ingerira comidas terríveis, ganhara uma úlcera, abandonara suas filhas e trabalhara como um condenado tentando provocar risadas em negociantes de novidades. Agora, subitamente, depois de nada mais ter feito além de se deixar persuadir por um jovem maníaco a investir sete mil dólares que mal podia levantar, estava rico. Todas as tabelas e equações para calcular a natureza do mundo haviam sido colocadas em questão. Tinha terminado seu caso com Maura Zell, voltara para a mulher, frequentava os serviços dos feriados religiosos pela primeira vez em quarenta anos.

— Estou preocupado com você, Kavalier — prosseguiu. — Imagino que seja saudável eliminar os instintos assassinos do seu sistema desta maneira — fez um gesto vago para a sala do estúdio —, mas não posso deixar de pensar que isto, em longo prazo, vai acabar fazendo com que você... com que você...

Pareceu perder o fio do pensamento. Estava remexendo no seu saco de papel, tirando várias outras lembranças da viagem. Havia uma concha bivalve com seu luxuriante lábio rosado. Havia uma sorridente cabeça de macaco feita com duas metades de um coco. E havia uma foto emoldurada de uma casa, as cores em meia-tinta e exuberantes. A casa retratada ficava num gramado esmeralda vibrante. O céu ao fundo era de um azul vívido. Era uma casa modernista, baixa e achatada, em cinza pálido, encantadora como uma caixa de ovos. Anapol colocou a foto em sua mesa ao lado dos retratos da mulher e das filhas. A moldura era sóbria, esmalte preto simples, como a sugerir que o que a foto continha era um documento de rara importância, um diploma ou uma licença do governo.

— O que é isto? — perguntou Joe.

Anapol piscou, olhando para a foto.

— É a minha casa na Flórida — disse, com um ar meio hesitante.

— Pensei que tinha se hospedado num hotel.

Anapol acenou com a cabeça. Parecia nauseado, feliz e duvidoso, tudo ao mesmo tempo.

— Ficamos. No Delano.

— E comprou uma *casa* lá?

— Aparentemente. Parece loucura para mim agora. — Apontou para a foto. — Esta não é nem mesmo minha casa. Não existe casa nenhuma. Só um pedaço de areia lamacenta com barbante atado a pequenos sarrafos marcando o terreno. No meio de Palm River, na

Flórida. Só que não existe nenhum Palm River, também.

— Foi à Flórida e comprou uma casa?

— Por que será que não gosto do modo como fica repetindo isto? Por que acho que está me acusando de alguma coisa? Está dizendo que não tenho o direito de jogar fora meu dinheiro na porcaria que me der na telha, Kavalier?

— Não, senhor — disse Joe. — Não sonharia com isto. — Deu um bocejo profundo, daqueles de apertar as juntas, que fez todo o seu corpo tremer. Estava exausto, mas o bocejo que o sacudiu era produto de sua raiva e não de sua fadiga. As únicas pessoas ganhando a guerra que Joe vinha lutando nas páginas da Empire Comics desde janeiro eram Sheldon Anapol e Jack Ashkenazy. Entre eles, tinham embolsado algo na vizinhança, segundo os cálculos de Sammy, de seiscentos mil dólares. — Me desculpe.

— Tudo bem — disse Anapol. — Vá para casa. Durma um pouco. Está com uma cara terrível.

— Tenho um encontro — disse Joe formalmente. Colocou o chapéu e jogou o paletó sobre o ombro. — Adeus.

Em condições normais, a viagem ao consulado alemão na parte baixa da cidade desencorajava Joe; hoje ele achava difícil até mesmo conseguir chegar ao metrô. Sentia-se obscuramente furioso com Sheldon Anapol. Puxou uma revista em quadrinhos do bolso do paletó e tentou ler. Tornara-se um consumidor constante e interessado de histórias em quadrinhos. Caçando nas bancas de livros da Quarta Avenida conseguira adquirir um exemplar de quase toda publicação lançada nos últimos anos, adquirindo também, nesta investida, pilhas dos velhos *New York Mirrors* de domingo para estudar o trabalho veemente, preciso e pictórico de Burne Hogarth em *Tarzan*. A mesma intensidade de concentração masturbatória que Joe aplicara antes ao estudo da mágica e de aparelhos de rádio ele colocava em foco agora na forma de arte incipiente, bastarda e aberta em cujos braços vulgares havia caído. Notou como era forte a influência dos filmes sobre artistas como Joe Shuster e no *Batman* de Bob Kane e começou a experimentar com um vocabulário cinemático: um primeiríssimo plano, digamos, no rosto de uma criança aterrorizada, ou de um soldado, ou uma tomada em zoom, trazendo bem para perto, ao longo de quatro quadros, as ameias e a fortaleza de um sombrio baluarte zotênio. Com Hogarth aprendeu a levar em conta a ocasião emocional, por assim dizer, de um quadro, escolhendo cuidadosamente, entre uma infinidade de instantes potenciais para congelar e descrever, aquele em que as emoções dos personagens são mais extremas. A da leitura das revistas em quadrinhos que traziam arte assinada pelo grande Louis Fine, como aquela em suas mãos agora, Joe aprendeu a encarar o herói dos quadrinhos, em sua roupa justa de malha, não como um absurdo da literatura barata, mas como a celebração da forma humana nua (embora coberta de tinta) em movimento. Nem *tudo* foi violência e represália nas primeiras histórias de Kavalier & Clay; o trabalho de Joe também articulava a alegria simples do movimento desacorrentado, do corpo capaz, numa maneira que capturava os anseios não só de seu primo aleijado, mas de inteiras gerações de fracotes, desajeitados e cabritinhos de playground.

Hoje, no entanto, ele não conseguia focalizar direito o exemplar de *Wonderworld Comics* que trazia consigo. Seus pensamentos oscilavam entre a irritação com a rapidez vertiginosa e a indecência da súbita prosperidade de Anapol, e o temor do seu encontro com o assistente

para o Reassentamento das Minorias no consulado alemão na Whitehall Street. Não era contra a prosperidade em si que se ressentia, pois ela era uma medida do seu sucesso e de Sammy, porém mais contra a fatia desproporcional que estava indo para Anapol e Ashkenazy, quando ele e Sammy é que haviam inventado o Escapista e estavam tendo todo o trabalho de mantê-lo vivo. Não, não era sequer isso. Era a impotência do dinheiro e de todas as fantasias reprimidas pela guerra que o tinham ganho, com nenhuma outra finalidade senão elaborar o guarda-roupa e engordar as bolsas dos proprietários da Empire Comics, era isso que tanto o frustrava e enraivecía. E nada mais garantido para enfatizar ainda mais esta impotência básica do que uma manhã passada com o assistente Milde no consulado alemão. Não havia propósito mais desanimador do que esta caça às bruxas da imigração.

Sempre que dispunha de uma manhã livre ou uma semana entre edições, Joe colocava um bom terno, uma gravata sóbria, um chapéu bem modelado e saía, como hoje, carregado de uma sacola de documentos cada vez mais cheia e pesada, para tentar uma solução para o caso dos Kavalier de Praga. Fez visitas intermináveis aos escritórios do HIAS, à Comissão Unida Judaica para Refugiados e Necessitados no Além-mar, a agentes de viagens, ao escritório de Nova York do Comitê da Ação Presidencial, ao admiravelmente polido assistente do consulado alemão com o qual tinha um encontro marcado às dez horas desta manhã. Para um certo número de funcionários naquela cidade de carimbos de borracha, de papel-carbono e de fichários, ele havia se tornado uma figura familiar, um jovem alto e esguio de 21 anos com boas maneiras e um terno amarrotado, aparecendo no meio de uma tarde sufocante, com um ar dolorosamente jovial. Cumprimentava com o chapéu. A funcionária ou secretária — era uma mulher, na maioria das vezes — cravada numa cadeira dura por vinte metros cúbicos de ar fumacento e rançoso que colava como grude nas pás dos ventiladores de teto, ensurdecida pelo fragor dos gabinetes de arquivos, dispéptica, desesperada e entediada, erguia os olhos e via que o espesso tufo de cachos de Joe fora deformado por seu chapéu, parecendo uma espécie de capacete lustroso, e sorria.

— Vim para amolar vocês de novo — dizia Joe no seu inglês cada vez mais deformado pela gíria e tirava do bolso da frente do paletó um estojo fino com cinco panatelas de 15 centavos, ou, se o funcionário era mulher, um leque de papel dobrável estampado com flores rosadas, ou simplesmente uma garrafa de Coca-Cola gelada coberta por gotículas que pareciam pérolas. E ela aceitava o leque ou o refrigerante e ouvia seus apelos e desejava muito ajudá-lo. Mas havia pouco a ser feito. Todo mês, a renda de Joe aumentava e todo

mês ele conseguia gastar mais e mais dinheiro, só para descobrir que não havia nada em que gastar. Os subornos e lubrificantes burocráticos dos primeiros anos do protetorado eram coisa do passado. Ao mesmo tempo, obter um visto para os Estados Unidos, que nunca fora coisa fácil, havia se tornado impossível. No mês passado, quando sua própria residência permanente fora aprovada, ele havia acumulado e enviado ao Departamento de Estado sete declarações juramentadas de notórios médicos de Nova York especializados em glândulas e em psiquiatria atestando que os três membros mais velhos da família seriam contribuições únicas e valiosas para a população do seu país de adoção. A cada mês que passava, porém, o número de refugiados a caminho da América encolhia e as notícias de casa se tornavam mais obscuras e fragmentárias. Falava-se de reassentamentos, de recolonização; os judeus de Praga iam ser todos mandados para Madagascar, para Terezin, para uma vasta reserva autônoma na Polônia. E Joe se viu em poder de três cartas oficialmente desencorajadoras da Subsecretária para Vistos e com a sugestão educada de que não fizesse novas inquirições a este respeito.

Sua sensação de estar preso nas armadilhas da burocracia, de não ter nenhum poder para ajudar a libertar sua família, também achava um escape nos quadrinhos. Pois, à medida que os poderes do Escapista eram aumentados, as restrições requeridas para prendê-lo, seja por seus inimigos, seja (como acontecia mais raramente agora) por si mesmo quando estava em cena, se tornavam mais elaboradas, até mesmo barrocas. Havia gigantescas armadilhas de urso com mandíbulas de navalhas, tanques cheios de tubarões elétricos. O Escapista era amarrado a imensas bocas de gás onde seus captores só tinham de jogar um toco de cigarro para incinerá-lo, era atado por correias a quatro *Panzers* ruidosos apontados para os quatro pontos cardeais, acorrentado a uma cereja de ferro no fundo de uma imensa coqueteleira de aço na qual um espumante “milkshake” de concreto fresco era despejado, era pendurado no percussor cheio de molas de um imenso canhão apontado para a capital da “Latvônia ocupada” de modo que, se conseguisse se livrar, milhares de cidadãos inocentes morreriam. O Escapista era colocado, atado e algemado na trajetória de máquinas compressoras, de carros de jagrená pagãos, de maremotos e de enxames de gigantescas abelhas pré-históricas revividas pela ciência maligna da Corrente de Ferro. Era aprisionado no gelo, em trepadeiras estranguladoras, em gaiolas de fogo.

Agora fazia muito calor no vagão do metrô. O ventilador no centro do teto estava imóvel. Uma gota de suor caiu sobre um quadrinho na história do Chama, um herói lançador de fogo, enxuto e bailarino no estilo do grande Lou Fine, que Joe pretendia ler. Fechou a revista e a enfiou de novo no bolso. Começou a sentir dificuldade em respirar.

Afrouxou a gravata e caminhou até a extremidade do vagão, onde havia um respiradouro aberto. Uma leve onda de brisa negra soprou do túnel, mas era acre e não refrescava. Na estação de Union Square, vagou um assento e Joe o ocupou. Parecia que não conseguia tirar da cabeça a frase *superintender sua população de judeus*. Todos os seus piores medos pela segurança de sua família pareciam estar dobrados dentro do envelope ameno daquela primeira palavra. No ano que passara, sua família tivera as contas bancárias congeladas. Tivera proibido o acesso aos parques públicos de Praga, aos vagões-dormitórios e vagões-restaurantes das ferrovias estatais, às escolas e universidades públicas. Não podia mais sequer andar nos bondes. Ultimamente os regulamentos haviam ficado mais complexos. Talvez num esforço para expor o emblema evidente que um solidéu representava, os judeus foram proibidos de usar chapéus. Não podiam carregar mochilas. Não tinham permissão de comer cebolas ou alho; também era-lhes proibido comer maçãs, queijo ou carpa.

Joe colocou a mão no bolso e tirou a laranja que Anapol lhe dera. Era grande, lisa e perfeitamente esférica, e mais alaranjada do que qualquer coisa que Joe já vira. Sem dúvida teria parecido um prodígio em Praga, monstruosa e ilícita. Ergueu-a junto ao nariz e inalou, tentando encontrar alguma espécie de alegria ou consolo nos óleos brilhantes e voláteis de sua casca. Em vez disso, sentia apenas pânico. Seu fôlego estava raso e penoso. O cheiro azedo do túnel despejado através do respiradouro aberto parecia expulsar tudo mais. De repente, o tubarão do pavor que nunca desertara sua patrulha nas vísceras de Joe subia à superfície. *Você não pode salvá-los*, dizia uma voz muito próxima de sua orelha. Virou-se. Não era ninguém.

Viu-se olhando para a última página do jornal, um *Times* que era lido pelo homem no assento ao seu lado, e seu olho bateu na coluna marítima. O *Rotterdam*, viu, devia chegar ao porto às oito da manhã — a vinte minutos de agora.

Joe frequentemente nutria fantasias do dia em que iria receber sua família ao desembarcar do *Rotterdam* ou do *Nieuw Amsterdam*. Sabia que as docas da Holland America ficavam do outro lado do rio, em Hoboken. Era preciso pegar o ferry para ir até lá. Quando o trem chegou à estação da rua Oito, Joe desceu.

Caminhou ao longo da rua Oito até a Christopher, e então até o rio, ziguezagueando como um batedor de carteiras entre as multidões que acabavam de descer dos ferryboats de Nova Jersey: homens de maxilares retesados em chapéus e ternos rígidos e reluzentes sapatos pretos, com jornais pregados debaixo dos braços; mulheres brucas, com lábios de pedra e passos decididos em vestidos florais. Eles desciam as rampas em debandada até a Christopher e depois se dispersavam como gotas de chuva sopradas pelo vento numa vidraça.

Empurrado, pedindo perdão, oferecendo suas desculpas aotrombar contra eles, meio atordado pelo miasma acre de fumaça de charuto e tosse violenta que traziam consigo da outra margem, Joe quase desistiu e deu meia-volta.

Mas então chegou ao enorme barracão descascado que servia aos ferries da Estrada de Ferro Delaware, Lackawanna e Western no lado de Manhattan. Era um grandioso celeiro velho com a elevada cumeeira central adornada por um improvável e gracioso frontão triangular de um pagode chinês. As pessoas que desembarcavam aqui vindas de Nova Jersey guardavam um ligeiro ar de vento e aventura, chapéus inclinados, gravatas desarrumadas. O cheiro do rio Hudson que enchia o edifício trazia memórias do Moldau. Os próprios ferryboats divertiam Joe. Eram embarcações largas, baixas, encurvadas para cima em cada extremidade como chapéus afundados, deixando o rastro de pomposos rolos de fumaça negra de suas chaminés solenes. O par de grandes rodas de cada lado das barcas levava a imaginação de Joe a deslizar no Mississippi assolado por ursos, rio abaixo até Nova Orleans.

Ficou de pé no convés da proa, chapéu na mão, fechando os olhos para a cerração enquanto o terminal da DL&W e a linha baixa dos prédios de Hoboken se aproximavam. Respirou fumaça de carvão e um sopro de sal, bem desperto agora e animado com o otimismo do trânsito. A cor da água mudava em estrias que iam do verde ao café frio. O rio estava tão cheio quanto a cidade: chatas com pilhas de lixo, infestadas de gaivotas; navios-tanque cheios de petróleo, querosene ou óleo de linhaça; cargueiros negros e anônimos e, à distância, ao mesmo tempo emocionante e terrível, o magnífico vapor da Holland America Line no braço de seu orgulhoso rebocador de escolta, altaneiro, remoto. Atrás de Joe estava a confusão, simultaneamente regular e caótica, de Manhattan, estendida como a faixa de rodagem de uma ponte entre os altos molhes de cais do centro da ilha e de Wall Street.

Numa certa altura, a meio caminho da travessia, ele foi assaltado por uma aparição esperançosa. As agulhas malucas da ilha Ellis e a graciosa torre da estação terminal da New Jersey Central entraram em conjunção, para formar uma espécie de coroa vermelha recurvada. Por um momento, foi como se a própria Praga estivesse flutuando ali, bem diante das docas de Jersey City, num vislumbre de névoa outonal, a uns três quilômetros.

Sabia que as chances de sua família aparecer subitamente, sem aviso e intacta, no alto da rampa de desembarque do *Rotterdam*, eram nulas. Mas caminhando ao longo da River Street em Hoboken, passando por bares toscos e hotéis de marinheiros, até o cais da rua Oito, com todas as outras pessoas que tinham vindo receber seus

viajantes queridos, descobriu que não podia impedir uma minúscula chama de arder em seu peito. Chegando ao cais, parecia haver centenas de homens, mulheres e crianças gritando, se abraçando e se movendo em círculos. Havia uma brilhante fila de táxis e limusines negras. Bagageiros rodavam com seus carros de mão, berrando “Carregador!” com entusiasmo de ópera bufa. O elegante navio branco e preto, com todas as suas 24.170 toneladas, avolumava-se como uma montanha num *dinner jacket*.

Joe observou a reunião de várias famílias. Poucos deles pareciam ter-se separado por um mero capricho de viagem. Vinham dos países da guerra. Ouvia pessoas falando alemão, francês, iídiche, polonês, russo e até tcheco. Dois homens cuja relação Joe não podia perceber, mas que, finalmente decidiu, deviam ser irmãos, passaram por ele, enlaçando com os braços os pescoços um do outro, um deles dizendo para o outro em tcheco, com uma alegre solicitude: “A primeira coisa que vamos fazer é levar você para tomar um pileque daqueles, seu pobre bastardo!” De tempos em tempos, a atenção de Joe se desviava para o espetáculo de um casal se beijando ou para alguns homens com uma aparência vagamente governamental apertando as mãos, mas a maior parte do tempo observava as famílias. Era uma visão incrivelmente estimulante; indagou-se por que nunca antes pensara em vir receber o *Rotterdam*. Sentia-se excluído e profundamente invejoso dos outros, mas o que calava mais fundo nele era a radiante dor de felicidade que marcava aqueles encontros. Era como cheirar um vinho que não podia tomar; no entanto, aquilo o intoxicava.

Enquanto observava as pessoas emergirem debaixo do toldo listrado da rampa de desembarque, ficou surpreso ao ver o dr. Emil Kavalier. Seu pai apareceu na brecha entre duas velhas senhoras, cerrando os olhos míopes através das lascas de mica das lentes dos seus óculos, a cabeça inclinada ligeiramente para a frente, percorrendo os rostos, procurando um em particular, o de Joe, sim, aproximou-se na sua direção, seu rosto rompeu num sorriso. Estava envolto numa grande mulher loura e seu casaco de lobo cinzento. Não era seu pai de modo algum. O sorriso, quando não a mulher, estava todo errado. O homem viu Joe olhando para ele e, quando passou com sua amante, tocou o chapéu e acenou com a cabeça de um jeito de novo incrivelmente idêntico ao do pai de Joe. O trinado urgente do apito de um comissário de bordo deu-lhe um calafrio na espinha.

Ao voltar à cidade, embora estivesse atrasado para o seu encontro, caminhou da Christopher Street até o Battery. Fungava e suas orelhas queimavam de frio, mas à luz do sol estava quente. Livrara-se do ataque de pânico no trem, do desespero que lhe causara a notícia de Vichy e do seu ressentimento diante da prosperidade de Anapol. Comprou uma banana numa banca de frutas e então outras vários

quarteirões abaixo. Sempre gostara apaixonadamente de bananas; eram o único luxo que se permitia em sua própria súbita prosperidade. Quando chegou ao consulado alemão na Whitehall Street estava com dez minutos de atraso, mas achou que não haveria problema. Era só uma questão de papelada e sem dúvida a própria secretária seria capaz de resolver sozinha. Joe talvez nem precisasse ver o assistente.

O pensamento foi atraente. O assistente, *Herr* Milde, era um homem educado e cordial que parecia fazer questão de — na verdade parecia sentir prazer em — desperdiçar o tempo de Joe. Embora nunca fizesse promessas ou previsões, e nunca parecesse possuir informação que tivesse a mais remota pertinência à situação da família Kavalier, se recusava, inflexível e até pedantemente, a descartar a possibilidade de que a família de Joe pudesse algum dia receber seus vistos de saída e ter permissão de sair. Tais coisas são sempre possíveis, afirmava, embora nunca desse quaisquer exemplos. A crueldade de Milde impossibilitava Joe de fazer finalmente aquilo que sua cabeça aconselhava mas seu coração se opunha: desistir da esperança de que sua família conseguisse sair antes que Hitler fosse derrotado.

— Está tudo em ordem — disse *Fraulein* Tulpe quando Joe entrou no escritório de Milde. Ficava no canto mais afastado do consulado, que ocupava meio andar de um bloco de escritórios neoclássico insípido perto de Bowling Green, nos fundos, entre o departamento agrícola e o lavatório masculino. A secretária de Milde era uma jovem soturna com óculos de aros de tartaruga e cabelos cor de palha. Ela, também, era irrepreensivelmente polida com Joe de uma maneira que, no seu caso, parecia destinada a transmitir uma suave aversão. — Ele ainda não voltou do café da manhã.

Joe acenou com a cabeça e sentou-se ao lado do bebedouro. Este emitiu um derrisório arroteio à guisa de comentário que balançou no seu reservatório.

— Um café da manhã tardio — disse, um pouco inseguro. O olhar dela pareceu fixar-se nele mais do que de costume. Ele olhou para suas calças enrugadas, a dobra quase permanente da gravata, as manchas de tinta em suas mangas. Seus cabelos estavam escorridos e oleosos. Sem dúvida devia estar fedendo. Por um momento sentiu-se agudamente arrependido de não ter passado pelos Estúdios Panaca para tomar um banho a caminho do consulado, em vez de gastar uma hora num cruzeiro idiota até Hoboken. Então pensou, ao diabo com ela. Deixe que sintam meu cheiro carregado de judeu.

— É um café de despedida — disse ela, voltando à máquina de escrever.

— Quem está indo embora?

Naquele momento *Herr* Milde voltou. Era um homem largo e

atlético com um queixo heroico e os cabelos começando a rarear. Tinha feições severas e agradáveis, estragadas apenas quando seu lábio superior se erguia para revelar uma série de grandes dentes amarelos e equinos.

— *Eu* estou — falou. — Entre outros. Lamento tê-lo feito esperar, *Herr* Kavalier.

— Está voltando à Alemanha? — disse Joe.

— Fui transferido para a Holanda — falou. — Parto quinta-feira no *Rotterdam*.

Foram para o seu escritório. Milde indicou a Joe uma das duas cadeiras de pernas de aço e ofereceu um cigarro, que Joe declinou. Acendeu um dos seus, ao invés. Foi um gesto mesquinho, mas deu satisfação a Joe. Se Milde reparou, não demonstrou. Dobrou as mãos sobre o mata-borrão de sua mesa e debruçou-se sobre elas, inclinándose para a frente um pouco, como se ansioso por ajudar Joe de algum modo. Fazia parte de sua política de crueldade.

— Espero que esteja bem — disse.

Joe acenou com a cabeça.

— E sua família?

— Tão bem quanto se pode esperar.

— Fico gratificado ao saber disto.

Ficaram sentados ali por um momento. Joe esperou pelo último número de pantomima e jogo de cena do assistente. O que quer que fosse, ele podia suportar hoje. Tinha presenciado, no cais de Hoboken, pessoas parecidas com sua própria família se reencontrando do outro lado do mundo. O truque ainda podia ser feito. Vira com seus próprios olhos.

— Vamos, por favor — disse Milde com uma certa brevidade. — Tenho uma agenda cheia e já estou começando com um certo atraso.

— Sem dúvida — disse Joe.

— A respeito do que desejava falar comigo?

Joe ficou confuso.

— O que *eu* desejava? — disse. — O senhor *me* telefonou.

Agora foi a vez de *Herr* Milde parecer confuso.

— Eu telefonei?

— *Fraulein* Tulpe telefonou. Ela disse que o senhor tinha encontrado algum problema nos papéis de meu irmão, Thomas Masaryk Kavalier. — Inseriu o nome do meio como um gesto patriótico.

— Ah, sim — Milde franziu a testa. Estava claro que não fazia nenhuma ideia do que Joe falava. Procurou os dossiês que aguardavam numa estante de arame sobre sua mesa e encontrou o de Joe. Folheou-o durante alguns minutos com um ar de grande diligência, indo para a frente e para trás, entre as encrespadas folhas

de papel fino que a pasta continha. Sacudiu a cabeça e estalou a língua. — Lamento — disse, erguendo a pasta para repô-la na estante. — Não estou encontrando nenhuma referência a... epa!

Um pedaço de papel amarelo que parecia cortado de uma máquina de teletipo caiu sobre a mesa. Milde o apanhou. Pareceu tomar conhecimento muito lentamente do conteúdo, a testa cheia de pregas, como se o papel apresentasse um argumento difícil de ser assimilado.

— Bem, bem — falou. — Isto é lastimável. Não sei... parece que seu pai morreu.

Joe riu. Por um breve instante achou que Milde estava fazendo uma brincadeira. Mas Milde nunca fizera nenhuma brincadeira antes numa audiência com Joe e Joe viu que não estava brincando agora. Sua garganta apertou. Sentiu os olhos queimarem. Se estivesse sozinho, teria entrado em colapso, mas não estava e preferiria morrer ele mesmo a permitir que Milde o visse chorar. Olhou para seu colo, segurando suas emoções e cerrando o maxilar.

— Só recebi uma carta... — falou debilmente, a língua grossa entre seus dentes. — Minha mãe não dizia nada...

— Quando foi postada a carta?

— Há quase um mês.

— Seu pai morreu há apenas três semanas. Diz aqui que a causa foi pneumonia. Aqui.

Milde passou a folha rasgada de papel amarelo fino através da mesa para Joe. Tinha sido arrancada de uma lista muito mais longa de mortos. O nome KAVALLIER EMIL DR estava entre dezenove, começando com Eisenberg e correndo na ordem alfabética até Kogan, cada um deles seguido por uma curta anotação de idade, data e causa da morte. Parecia ser uma lista parcial de judeus que tinham morrido em Praga ou seus arredores durante os meses de agosto e setembro. O nome do pai de Joe fora marcado num círculo a lápis.

— Por que...? — Joe parecia incapaz de desatar o nó de perguntas que interferia com seus pensamentos. — Por que não fui informado? — conseguiu finalmente.

— Não tenho nenhuma ideia de como aquele pedaço de papel, que nunca vi antes, foi parar no seu dossiê — disse Milde. — É perfeitamente misterioso. A burocracia é uma força misteriosa. — Pareceu perceber que estas observações humoradas podiam não ser próprias para esta ocasião. Tossiu. — É lastimável, como eu disse.

— Pode ser um erro — disse Joe. Deve ser, pensou, pois eu o vi ainda esta manhã em Hoboken! — Um caso de identidade trocada.

— Tais coisas são sempre possíveis — disse Milde. Ficou de pé e estendeu uma mão de pêsames. — Vou escrever um memorando para o meu sucessor sobre o caso do seu pai. Vou providenciar para que sejam feitas investigações.

— O senhor é muito bondoso — disse Joe, erguendo-se lentamente da cadeira. Sentiu um impulso de gratidão por *Herr* Milde. Investigações seriam feitas. Tinha pelo menos conseguido obter aquilo para sua família. Alguém agora tomaria interesse, ainda que neste particular, no caso deles. — Adeus, *Herr* Milde.

— Adeus, *Herr* Kavalier.

Depois, Joe não tinha mais lembrança de como saíra do escritório de Milde, ao longo do labirinto de corredores, descendo pelo elevador, até o saguão. Subiu a Broadway por um quarteirão antes de lhe ocorrer pensar para onde estaria indo. Entrou num bar e telefonou para o escritório. Sammy estava lá. Começou a falar das páginas de Joe em termos grandiloquentes, mas quando percebeu o silêncio da parte de Joe perdeu o gás e perguntou:

— O quê?

— Acabo de sair do consulado — disse Joe. O telefone era daqueles antiquados, com um tubo para falar e um fone cilíndrico para o ouvido. Havia um parecido na cozinha da casa perto do Graben. — Tinham más notícias para mim.

Joe contou-lhe como, quase por acaso, soubera que seu pai estava morto.

— Não podia haver um erro?

— Não — disse Joe. Estava pensando mais claramente agora. Sentia-se um pouco trêmulo, mas parecia-lhe que seus pensamentos estavam claros. Sua gratidão para o assistente Milde tinha se transformado de novo em raiva. — Estou seguro de que não é um erro.

— Onde está você? — falou Sammy.

— Onde estou? — Joe olhou à sua volta e percebeu pela primeira vez que estava num saloon na Broadway, lá na ponta da ilha. — Onde estou. — Não era uma pergunta da segunda vez que falou. — Estou a caminho do Canadá.

— Não — ouviu Sammy dizer enquanto colocava o receptor de volta ao gancho. Caminhou até o bar.

— O senhor poderia me ajudar? — disse ao barman.

O barman era um senhor idoso com uma careca reluzente e grandes olhos azuis lacrimosos. Estava tentando explicar a um dos clientes, quando Joe o interrompeu, como mexer com o ábaco que usava para calcular as contas. O cliente pareceu contente com a interrupção.

— Montreal, Canadá — o barman repetiu, quando Joe lhe disse para onde queria ir. — Creio que você deve sair pela Grand Central Station.

O cliente concordou com isto. Disse que Joe precisava pegar o trem Adirondack.

— Por que é que está querendo ir para lá? — perguntou. — Se não se incomoda com a minha curiosidade?

— Vou me alistar na RAF — disse Joe.

— Vai mesmo?

— Vou, sim. Estou cansado de esperar.

— É isso aí, rapaz — disse o cliente.

— Eles falam francês lá em cima — disse o barman. — Tome cuidado.

Joe não parou em casa para fazer a mala. Não queria correr o risco de encontrar alguém que tentasse dissuadi-lo do seu plano. De qualquer maneira, não havia nada que precisasse que não pudesse comprar numa *drugstore* ou encontrar numa máquina automática de rodoviária; levava seu passaporte e visto consigo o tempo todo. A Real Força Aérea lhe forneceria roupas, sapatos e comida.

Distraiu-se por algum tempo no trem preocupando-se com sua entrevista junto aos recrutadores. Sua condição de estrangeiro residente nos Estados Unidos seria um impedimento para que se alistasse na RAF? Encontrariam algum defeito desconhecido no seu corpo? Ouvira falar de sujeitos rejeitados por causa de pé chato e visão deficiente. Se a força aérea não o quisesse, se alistaria na Marinha Real. Se não fosse considerado apto para a marinha, então tentaria sua chance com a infantaria.

Na altura de Croton-on-Hudson, porém, seu ânimo começou a vacilar. Tentou alegrar-se com a ideia de lançar bombas sobre Kiel ou Tobruk, mas suas fantasias lhe pareceram reminiscências desagradáveis dos festivais de pancada nas páginas de *Radio*, *Triunfo* e em *O Monitor*. No fim, nem invenção ou bravata podiam desviá-lo mais do pensamento de que tinha perdido o pai.

Ele e seu pai tinham se amado, à sua maneira jocosa e vivaz, mas agora que o pai estava morto Joe só sentia arrependimento. Não era apenas o costumeiro arrependimento das coisas não ditas, dos agradecimentos não manifestados e das desculpas não pedidas. Joe ainda não lamentava as oportunidades perdidas no futuro de divagarem sobre os assuntos prediletos que compartilhavam, como diretores de filmes (adoravam Buster Keaton) ou raças de cães. Tais lamentos só viriam com atraso, alguns dias depois, quando se desse conta de que a morte significava que nunca mais se iria ver a pessoa que morrera. O que sentia mais do que tudo agora era simplesmente que não estava lá quando acontecera; que tinha deixado para a mãe, o avô e o irmão a árdua tarefa de assistir à morte do seu pai.

Emil Kavalier, como muitos médicos, sempre foi um paciente terrível. Recusava-se a admitir que podia ficar doente e nunca deixara de trabalhar por motivo de doença um dia sequer na vida. Quando atacado por uma gripe, chupava pastilhas mentoladas, consumia quantidades copiosas de canja de galinha e continuava o seu negócio.

Joe não podia nem mesmo *imaginá-lo* doente. Como havia morrido? Num hospital? Em casa? Joe o via deitado numa pesada cama ornada no meio de um apartamento atulhado como aqueles que vira no edifício onde o Golem estava escondido.

O que seria de sua mãe, de seu avô e de seu irmão? Seus nomes já podiam ter aparecido em alguma outra lista de mortos que ninguém se dera ao trabalho de lhe reportar. Era a pneumonia contagiosa? Não, sentia claramente que, por certo, não era. Mas podia ser provocada pela saúde abalada ou pela miséria. Se o seu pai ficara vulnerável a algo assim, em que condição se encontraria Thomas? Imaginou que o pouco que possuísem de comida ou remédios iria primeiro para Thomas, antes dos outros. Talvez seu pai tivesse sacrificado sua saúde em função da de Thomas. Teria sua família inteira morrido? Como poderia descobrir?

Quando o Adirondack chegou em Albany naquela tarde, a aventura de Joe no desconhecido da guerra parecia-lhe desconhecida demais para que pudesse aguentar. Convencera-se de que era muito mais provável que tanto sua mãe como Thomas ainda estivessem vivos. E, se assim fosse, então precisavam ser resgatados mais do que antes. Não podia abandoná-los ainda mais fugindo e tentando, como o Escapista, ganhar a guerra sozinho. Era imperativo que mantivesse o foco no que era possível. Pelo menos — era um pensamento cruel, mas não podia se impedir de tê-lo — agora haveria um visto a menos a arrancar do Reich.

Desceu do trem na Union Station em Albany e ficou parado na plataforma, atrapalhando as pessoas que estavam embarcando. Um homem de óculos redondos sem aros roçou por ele e Joe lembrou-se do homem no desembarque do *Rotterdam*, que havia tomado por seu pai. Em retrospecto, aquilo parecia um presságio.

O chefe de trem urgiu Joe a se decidir; estava atrasando o trem. Joe hesitou. Todas as suas dúvidas foram contrabalançadas por uma poderosa ânsia de matar soldados alemães.

Joe deixou o trem partir sem ele e então sofreu punhaladas de arrependimento e autoacusação. Parou do lado de fora da estação ao lado do ponto de táxis. Podia entrar num táxi e mandar o chofer levá-lo para Troy. Se perdesse o trem em Troy, então podia mandar o motorista levá-lo direto a Montreal. Tinha bastante dinheiro na carteira.

Cinco horas depois, Joe estava de volta à cidade de Nova York. Passara por sete mudanças de ideia a caminho do Hudson. Passou a viagem inteira no carro-salão do trem e ficou ainda pior por causa da bebida. Saiu cambaleando para a noite. Uma frente fria parecia ter chegado. O ar queimava suas narinas e os olhos pareciam em carne viva. Subiu a Quinta Avenida e entrou num Longchamps e pediu um

uísque com soda. Então foi de novo ao telefone.

Levou meia hora para Sammy chegar lá; a esta altura Joe já estava bastante bêbado, se não caíndo de bêbado. Sammy caminhou até o barulhento bar do Longchamps, arrancou Joe da sua banqueta e segurou-o em seus braços. Joe tentou, mas desta vez não conseguiu se conter. Seu choro soava aos ouvidos como gargalhadas tristes e roucas. Nenhuma das pessoas no bar sabia o que havia com ele. Sammy guiou-o para um reservado nos fundos do bar e emprestou a Joe seu lenço. Depois de engolir o resto dos seus soluços, contou a Sammy o pouco que sabia.

— Poderia haver algum erro? — perguntou Sammy.

— Tais coisas sempre são possíveis — disse Joe amargamente.

— Oh, Jesus — disse Sammy. Tinha pedido duas garrafas de Ruppert's e olhava para o gargalo da sua. Não era um bebedor e não havia tomado nem um gole. — Detesto ter de contar isto a minha mãe.

— Sua pobre mãe — disse Joe. — E minha pobre mãe?

O pensamento da mãe como viúva o fez começar a chorar tudo de novo. Sammy contornou a mesa e sentou-se do seu lado na cabine. Então simplesmente ficaram sentados ali por algum tempo. Joe voltou a lembrança para o início daquela manhã, quando colocara a cabeça fora da janela para saudar o dia e sentira-se tão poderoso quanto o Escapista, vibrando com as energias místicas tibetanas da sua raiva.

— Inútil — falou.

— O que é?

— Eu sou.

— Joe, não diga isto.

— Sou imprestável — disse Joe. Sentia que precisava deixar o bar. Não queria mais ficar sentado lá bebendo e chorando. Queria fazer alguma coisa. Encontraria algo que pudesse ser feito. Agarrou Sammy pela manga e pelo ombro do casaco e deu-lhe um empurrão, quase jogando-o para fora da cabine. — Fora — falou. — Vamos embora.

— Aonde estamos indo? — perguntou Sammy, colocando-se de pé.

— Não sei — disse Joe. — Trabalhar. Eu vou trabalhar.

— Mas você acabou de... está bem — retrucou Sammy, olhando no rosto de Joe. — Talvez não seja má ideia.

Deixaram o Longchamps e desceram para a fria e fétida obscuridade do metrô.

Na plataforma da direção sul, a poucos metros dos primos, havia um senhor soturno e carrancudo — pela leitura do talho do seu casaco ou por alguma indefinível emissão que irradiava do seu queixo, dos olhos ou do corte de cabelos, Joe teve a certeza de que era alemão. Este homem estava olhando de soslaio para eles. Até Sammy teve de concordar depois que o homem lhes lançara um olhar de peixe. Era

um alemão saído de um quadrinho de Joe Kavalier, maciço, bonito de um jeito prognata, lupino, envergando um belo terno. À medida que a espera pelo trem se arrastava, Joe decidiu que não gostava do que considerou a maneira superior como o hipotético alemão olhava para ele. Pensou numa quantidade de estilos possíveis, em alemão e em inglês, de expressar seus sentimentos sobre o homem e seu olho de peixe. Finalmente, optando por uma declaração mais universal, cuspiu, como que casualmente, na plataforma entre ele e o homem. Cuspir em público era bastante comum à época naquela cidade de fumantes e o gesto poderia ter permanecido seguramente ambíguo se o míssil de Joe não tivesse ultrapassado sua marca. Cuspe espumava na ponta do sapato do homem.

Sammy disse:

— Por que cuspiu naquele homem?

— O quê? — falou Joe. Ele mesmo ficou um pouco surpreso. — Ora, sim.

— Não fez de propósito, senhor — disse Sammy ao homem. — Está apenas um pouco preocupado.

— Então ele que peça desculpas — sugeriu o homem, não sem razão. Seu sotaque era pesado e inquestionavelmente germânico. Esperou pelas desculpas com o ar de alguém acostumado a receber desculpas quando as pedia. Deu um passo mais para perto de Joe. Era mais jovem do que Joe pensara a princípio, e ainda mais imponente. Parecia capaz de se sair muito bem numa briga.

— Oh, meu Deus — disse Sammy num murmúrio. — Joe, acho que este homem é Max Schmeling.

Havia outras pessoas à espera do trem e elas haviam se interessado. Começaram a discutir se o homem que tivera o sapato cuspidor por Joe era ou não era Max Schmeling, o Touro Negro dos Ulanos, ex-campeão mundial dos pesos-pesados.

— Desculpe-me — resmungou Joe, de certo modo sincero.

— O que foi que você disse? — falou o homem, colocando a mão em concha na orelha.

— Vá para o inferno — disse Joe, desta vez com muito mais sinceridade.

— Cabeça de merda — disse o homem, tomando cuidado com o seu inglês. Com rapidez de pugilista, encostou Joe contra uma pilastra de ferro, enganchou um braço em volta do seu pescoço e deu-lhe um soco curto no estômago. O ar desertou o corpo de Joe num único sopro e ele tombou para a frente, batendo com o queixo na plataforma de concreto. Seus globos oculares pareceram repicar nas órbitas. Sentiu como se alguém tivesse aberto um guarda-chuva dentro de sua caixa torácica. Esperou, dobrado sobre o estômago, olhos parados como os de um peixe, para ver se conseguiria um dia voltar a respirar.

Então, soltou um gemido longo e baixo, um pouco de cada vez, testando os músculos do diafragma.

— Uau — disse finalmente. Sammy ajoelhou-se do seu lado e o ajudou a se levantar sobre um joelho. Joe começou a aspirar o ar em blocos irregulares. O alemão virou-se para as outras pessoas na plataforma, um braço erguido em desafio ou, talvez, parecia a Joe, num apelo. Todo mundo tinha visto Joe cuspir no seu sapato, não tinha? Então o homenzarrão virou-se e se afastou, bem para a outra extremidade da plataforma. O trem chegou e as pessoas todas entraram e foi o fim do episódio. Quando voltaram aos Estúdios Panaca, Sammy, a pedido do primo, não disse nada sobre o pai dele. Mas contou a todo mundo que Joe tinha levado uma surra de Max Schmeling. Joe recebeu suas congratulações irônicas. Informaram que foi sorte sua Schmeling ter recolhido o golpe.

— Da próxima vez que encontrar este sujeito — disse Joe, para sua surpresa —, vou devolver-lhe o soco.

Joe nunca voltou a encontrar Schmeling, ou seu sócia. Em todo caso, há uma boa razão para acreditar que Schmeling não estava em Nova York, mas na Polônia, tendo sido convocado pela Wehrmacht e mandando para a frente de combate como castigo por sua derrota para Joe Louis em 1938.

Não podia haver mais do que uns dois mil cidadãos alemães em Nova York naquela época, mas nas duas semanas seguintes, por onde quer que Joe andasse na cidade, conseguia topar com pelo menos um. Parecia ter adquirido, como Sammy notou, um superpoder todo seu: tornara-se um ímã para alemães. Ele os encontrava em elevadores, em ônibus, na Gimbel's e nos restaurantes Longchamps. No início apenas os observava, ou bisbilhotava, avaliando-os como bons alemães ou alemães malignos, com uma certeza inabalável ainda que estivessem falando apenas da chuva ou do gosto do seu chá, mas não demorou para que os acostasse e tentasse travar conversa que era ameaçadoramente branda e sugestiva. Com muita frequência, seus avanços encontravam um certo grau de resistência.

— *Woher kommen Sie?* — perguntou a um homem que comprava meio quilo de bife no açougueiro da Oitava Avenida, dobrando a esquina dos Estúdios Panaca. — *Schwabenland?*

O homem acenou com a cabeça desconfiadamente.

— Stuttgart — disse.

— E como vão as coisas por lá? — Ele podia sentir a nota de intimidação insinuando-se na sua voz, com alusão ameaçadora. — Está todo mundo bem?

O homem encolheu os ombros, corando, e fez um apelo mudo ao açougueiro com uma sobranceira erguida.

— Algum problema? — o açougueiro perguntou a Joe. Este disse que não, que na verdade não havia nenhum problema. Mas, quando saiu do açogue com suas costeletas de carneiro, sentiu uma estranha satisfação interior por ter constrangido o homem. Supunha que devia estar envergonhado desta sensação. Acreditava que, num certo nível, estava. Mas não podia deixar de se lembrar com prazer do olhar furtivo e das faces coradas quando se dirigiu a este homem na sua própria língua.

No dia seguinte, um sábado — isto foi cerca de uma semana depois de Joe ter sabido da morte do pai — Sammy o levou para ver um jogo de futebol americano dos Brooklyn Dodgers. A ideia era arejar Joe e alegrá-lo um pouco. Sammy era fanático por futebol e parecia ter um apego particular pelo zagueiro Ace Parker, estrela dos Dodgers. Joe vira jogarem *rugby* inglês em Praga e quando decidiu que não havia muita diferença entre ele e o futebol americano deixou de tentar

prestar muita atenção ao jogo e simplesmente se sentou para fumar e beber cerveja na brisa crua e cortante. O estádio Ebbets Field tinha um ligeiro ar de ruína que lembrava um desenho numa tira em quadrinhos — *Popeye* ou *Toonerville Trolley*. Pombos voejavam nos espaços escuros das arquibancadas. Pairava um cheiro de brilhantina e cerveja e, mais fraco, de uísque. Os homens na multidão passavam frascos de bolso e resmungavam sentimentos comicamente violentos.

Depois de um tempo, Joe percebeu duas coisas. A primeira, que estava bem bêbado. A segunda, que, duas filas atrás dele e um pouco à esquerda, estava sentada uma dupla de alemães. Bebiam cerveja de dois grandes copos de papel, sorridentes, louros, de aparência impassível, irmãos talvez. Faziam comentários excitados e, no geral, pareciam estar gostando do jogo, embora não parecessem entendê-lo melhor do que Joe. Aplaudiam sempre que uma bola era recuperada, não importava quem a recuperasse.

— Simplesmente os ignore — advertiu Sammy, cauteloso em relação à sina do seu primo de topar com alemães.

— Estão olhando para mim — disse Joe, bastante seguro de que isto acontecia.

— Não estão.

— Estão olhando para cá.

— Joe.

Joe continuava olhando sobre o ombro, forçando sua presença na consciência deles, na sua experiência do jogo — praticamente nos seus colos. Finalmente, mesmo em seu estado de embriaguez, tomaram conhecimento da sua atenção. Uma certa quantidade de carranca e olhar de soslaio se seguiu. Um dos irmãos — tinham de ser irmãos — exibiu um nariz torto e uma orelha com cicatriz, indicando que era familiarizado com o uso dos punhos. Por fim, quase ao término do terceiro quarto, Joe ouviu o que, tinha toda a certeza, era um comentário antissemita do homem que parecia um pugilista para seu irmão ou camarada. Soou a Joe como se ele tivesse dito “judeu escroto”. Joe levantou-se. Pulou por cima das costas da sua cadeira. A fila atrás dele estava cheia e, ao abrir caminho, deu uma cotovelada na orelha de um de seus vizinhos. Saltou para a fila dos alemães, quase perdendo o equilíbrio. Os alemães riram e o braço de uma cadeira bateu com força no lado de Joe, mas ele se recompôs, ficou de pé e, sem uma palavra, derrubou o chapéu da cabeça do pugilista. O chapéu caiu numa poça de cerveja derramada e num monte de amendoins aos pés do outro homem. O sujeito da orelha de couve-flor pareceu muito surpreso e depois espantado quando Joe agarrou o colarinho da sua camisa. Joe puxou tão forte que três botões se desprenderam e saltaram em todas as direções com audíveis sons sibilantes. Mas o homem tinha um grande envergadura e conseguiu

passar uma das mãos por trás do pescoço de Joe. Puxou Joe para si e, ao mesmo tempo, com a outra mão, botou seu punho no lado do crânio de Joe. Enquanto era preso assim, dobrado sobre a cadeira com seu nariz esmagado contra o joelho esquerdo do homem, o irmão marretava as costas de Joe sem parar, como se estivesse enfiando pregos numa tábua com dois martelos. Antes que Sammy e alguns dos homens sentados nas cadeiras em volta conseguissem afastar os dois alemães, eles haviam fechado o olho direito de Joe, lascado um dente, machucado sua caixa torácica e arruinado um terno novo. Então surgiu um porteiro e jogou Joe e Sammy para fora do Ebbets Field. Saíram quietos, Joe segurando um copo de papel com gelo sobre a órbita do olho. A dor era aguda. Havia um odor de mictório ao longo da rampa que levava aos portões do estádio, um cheiro masculino, acre e revigorante.

— Que está fazendo? — perguntou Sammy. — Está maluco?

— Desculpe — disse Joe. — Achei que ele disse algo.

— Por que está sorrindo, com os diabos?

— Não sei.

Naquela noite, quando ele e Sammy foram jantar na casa de Ethel Klayman, Joe se abaixou para pegar o guardanapo que tinha derrubado e quando se aprumou de novo havia uma marca de exclamação de sangue no seu rosto.

— Você precisa levar pontos — disse a tia no seu tom quase sempre indiscutível.

Joe protestou. Dissera aos amigos que tinha medo de agulhas e médicos, mas a verdade é que se sentia edificado pelo ferimento em sua cabeça. Não que achasse que merecia tanto a dor, mas ela lhe era conveniente. Por mais que limpasse o corte, que o comprimisse, por mais grossa que fosse a bandagem aplicada, dentro de uma hora ou pouco mais a mancha delatora de vermelho teria reaparecido. Era como a memória do lar, um tributo à recusa estoica, por seu pai, da doença, do ferimento ou da dor.

— Vai ficar bom — disse ele.

A tia agarrou seu cotovelo com as cinco garras da sua mão de ferro e o fez sentar na tampa do vaso no banheiro. Mandou Sammy pegar uma garrafa de aguardente de ameixa deixada por um amigo do falecido marido em 1935 e intocada desde então. Deu-lhe uma gravata com o braço esquerdo e costurou sua cabeça. O fio era azul-escuro, exatamente a cor do uniforme do Escapista.

— Não saia por aí procurando encrenca — implorou enquanto enfiava a agulha longa e fina na sua pele. — Não demora e você vai ter bastante confusão.

Depois daquilo, Joe saiu procurando encrenca. Sem motivo algum, começou a ir todo dia para Yorkville, onde havia numerosas

cervejarias alemãs, restaurantes alemães, clubes sociais alemães e germano-americanos. A maior parte do tempo, simplesmente rondava um pouco e voltava para casa destas incursões sem incidente, mas às vezes uma coisa levava a outra. Os bairros étnicos de Nova York sempre estiveram alertas contra as invasões de estranhos intemperados. Foi socado no estômago de novo, na rua 90 Leste, enquanto esperava um ônibus, por um homem que não gostou da expressão de sarcasmo com que Joe se armava toda vez que se aventurava para os bairros do alto da ilha. Fazendo hora numa loja de doces uma tarde, Joe atraiu a atenção de garotos da vizinhança, um dos quais, por motivos que nada tinham a ver com política ou teorias raciais, o atingiu na parte de trás da cabeça com uma grande bola de beisebol molhada. Estes garotos eram todos leitores regulares do Escapista e admiradores do trabalho de Joe Kavalier. Se tivessem sabido quem era, provavelmente teriam se arrependido de o terem alvejado. Mas simplesmente não gostaram da aparência de Joe. Observaram, com a acuidade implacável dos meninos, que havia algo esquisito em Joe Kavalier, no seu terno amarrotado, em seu ar de mau humor acumulado e contido, os cachos saltando dos cabelos penteados para trás como as molas de um relógio eviscerado. Parecia um bode expiatório para gozadores e piadistas. Parecia um homem que estava procurando encrenca.

Deve ser dito a esta altura que um número muito grande de alemães nova-iorquinos se opunha veementemente a Hitler e aos nazistas. Escreviam cartas ultrajadas aos editores dos principais diários, condenando a inação dos Aliados e da América depois da anexação da Áustria (*Anschluss*) e dos Sudetos. Eram apoiados por ligas antifascistas, brigavam com os camisas-pardas — Joe estava longe de ser o único jovem que saiu às ruas de Nova York naquele outono louco por uma briga — e apoiavam vigorosamente o presidente e a sua política quando empreendia qualquer ação contra Hitler e a sua guerra. Ainda assim, havia um bom número de alemães em Nova York que se orgulhava abertamente das conquistas civis, culturais, esportivas e militares do Terceiro Reich. Entre estes, havia um grupo menor regularmente ativo nas várias organizações patrióticas, nacionalistas, geralmente racistas e às vezes violentas, que simpatizavam com os objetivos da sua pátria. Joe frequentemente voltava de Yorkville com jornais antijudaicos e panfletos que lia de cabo a rabo, o estômago tenso de fúria, e então enfiava num dos três caixotes de pêssegos que usava como arquivo. (Os outros dois guardavam suas cartas de casa e suas revistas em quadrinhos.)

Um dia, quando percorria as ruas de Yorkville, Joe notou um letreiro pintado na janela de um escritório no segundo andar:

Parado ali, olhando para a janela, Joe foi acometido pela fantasia obscura de subir correndo até aquele escritório e irromper naquele ninho de víboras, os pés voando na altura da sua cara através do painel de vidro enquanto estilhaços da porta viajavam em todas as direções. Viu-se investindo contra um odiento emaranhado de camisas-pardas, punhos, botas e cotovelos, e encontrando, naquela arrebenção violenta de homens, triunfo, quando não expiação, represália e libertação. Observou a janela por quase meia hora, tentando ver algum membro do partido. Ninguém entrou no edifício ou caminhou diante da janela do segundo andar. Joe logo desistiu e voltou para casa.

Inevitavelmente, retornou a Yorkville. Havia uma *konditorei* chamada Haussman's do outro lado da rua diante do quartel-general da LAA e de uma mesa junto à janela da confeitaria Joe tinha uma boa visão da porta de entrada do edifício e da janela. Pediu uma fatia da excelente torta Sacher da casa e uma xícara de café, inusitadamente bebível para os padrões de Nova York, e esperou. Outra fatia e duas xícaras depois, ainda não havia nenhum sinal de qualquer ariano-americano em ação. Pagou a conta e atravessou a rua. A placa no saguão do edifício, como já havia observado, listava um optometrista, um contador, um editor e a LAA, mas nenhum destes estabelecimentos parecia ter quaisquer pacientes, clientes ou empregados. O edifício — chamava-se Edifício Kuhn — era um cemitério. Quando subiu as escadas para o segundo andar, a porta dos escritórios da LAA estava fechada. A luz cinza do dia passando pelo vidro fosco da porta sugeriu que não havia nenhuma lâmpada acesa do lado de dentro. Joe tentou a maçaneta. Então se ajoelhou para examinar a fechadura. Era uma Chubb, velha e sólida, mas se tivesse suas ferramentas à mão não apresentaria nenhum problema. Infelizmente, suas gazuas e sua chave estavam numa gaveta ao lado de sua cama nos Estúdios Panaca. Procurou nos bolsos e encontrou uma lapiseira cujo prendedor de bolso de metal, preso ao corpo da lapiseira com um aro de duas garras, serviria muito bem, devidamente distorcido, como uma chave de torção. Mas havia ainda o problema da gazuas. Desceu as escadas e deu uma volta no quarteirão até que encontrou uma bicicleta de criança acorrentada a uma grade de janela na rua 88 Leste. Parecia uma bicicleta nova, de um vermelho cristalizado, suas peças cromadas reluzentes como espelhos e os pneus lisos e virginais. Esperou um momento para ter certeza de que não ia aparecer ninguém. Então agarrou os guidons brilhantes e, com golpes selvagens de calcanhar na roda da frente, conseguiu soltar um raio. Soltou-o da roda e então correu de volta para a esquina da 88 com a York. Usando uma grade

de ferro como fôrma de enrugamento e a própria calçada como lima, conseguiu modelar uma gazua confiável a partir do fino e resistente raio da bicicleta.

Quando voltou aos escritórios da Liga Ariano-Americana, bateu na escalavrada porta de carvalho. Não houve resposta. Ergueu as calças, ajoelhou-se, encostou a testa na porta e pôs-se ao trabalho. As ferramentas improvisadas, a falta de prática e a pulsação de seu próprio excitamento nas artérias e juntas tornaram o trabalho mais difícil do que deveria ter sido. Tirou o paletó. Arregaçou as mangas. Tirou o chapéu e colocou-o no chão ao seu lado. Finalmente, abriu o colarinho e puxou a gravata para um lado. Praguejou, suou e ansiou tão avidamente pelo som da porta da rua se abrindo que não podia auscultar a fechadura em seus dedos. Levou quase uma hora para entrar.

Quando conseguiu, encontrou não o elaborado laboratório ou manufatura de fascismo que esperava, mas uma mesa de madeira, uma cadeira, uma lâmpada, uma máquina de escrever e um arquivo alto de carvalho. As venezianas estavam empoeiradas e tortas com ripas faltando. O assoalho de madeira era nu e manchado por queimaduras de cigarro. O telefone, quando Joe levantou o receptor, estava mudo. Num parede havia uma litografia colorida do *Führer* numa atmosfera romântica, o queixo erguido num ângulo poético, uma brisa alpina agitando sua madeixa. Contra a outra parede havia uma estante empilhada até o alto com várias publicações, em inglês e em alemão, cujos títulos aludiam aos objetivos e previsões do Nacional Socialismo e ao sonho pangermânico.

Joe aproximou-se e ficou atrás da mesa. Puxou a cadeira e sentou-se. O mata-borrão estava perdido em meio a uma nevasca de notas e memorandos, alguns datilografados, outros rabiscados numa letra minúscula e angular.

Hipnose usada em FT pode ser a prova

FT e o velho haxixim da montanha requer estudo complementar

FT mestre esgrimista

Havia bilhetes de ônibus, papéis de balas, o canhoto de um bilhete do Polo Grounds. Havia um exemplar de um livro chamado *Thuggee*. Havia inúmeros recortes de jornais e artigos tirados de *Photoplay* e de *Modern Screen*. Todos os artigos de revistas, Joe notou, pareciam concentrar-se no astro de cinema Franchot Tone. E, entremeados nas camadas de porcaria e anotações enigmáticas, havia dúzias de revistas em quadrinhos: *Super-Homem*, *Marvel Mystery*, *Flash*, *Whiz*, *Shield-Wizard*, bem como, Joe pôde notar, os últimos números de *Radio*, *Triunfo* e *O Monitor*. Em alguns pontos, os ajuntamentos de papéis eram montanhosos. Clipes, tachas e penas de caneta estavam

espalhados por toda parte, como destaques convencionais num mapa. Uma paliçada pontuda de lápis eriçava-se de uma lata vazia de café Savarin. Joe estendeu a mão e, com duas rápidas varreduras dos braços, mandou tudo para o chão. Os percevejos fizeram um ruído de chuva ao tocarem o assoalho.

Joe mexeu nas gavetas. Numa encontrou um aviso da New York Telephone prometendo, seriamente conforme se verificou, cortar os seus serviços se a conta da LAA não fosse paga; um manuscrito datilografado; e, inexplicavelmente, o cardápio de uma recente recepção de casamento, no Hotel Trevi, de Bruce e Marilyn Horowitz. Joe arrancou a gaveta e emborcou-a. O manuscrito se desdobrou em folhas que se esparramaram como um baralho caindo. Joe apanhou uma página e leu. Parecia ser ficção científica. Alguém chamado Rex Mundy estava mirando com sua pistola de raio a couraça supurada de um horroroso Zid. Alguém com o nome de Krystal DeHaven pendia de cabeça para baixo de uma corrente sobre a goela escancarada de um *tork* faminto.

Amassou a página e continuou seu assalto sobre as gavetas. Uma delas continha uma fotografia emoldurada de Franchot Tone, em cujo canto esquerdo inferior, enfiado entre o vidro e a margem interna da moldura da foto, havia um quadrinho que Joe reconheceu imediatamente como cortado das páginas de *Radio Comics #1*. Era um close-up do velho Max Mayflower quando jovem, rico e irresponsável. Sua expressão era sonhadora, suas faces sardentas e no balão do quadrinho ele dizia: “E eu com isto? O importante é *se divertir*.” Joe notou que o ângulo da cabeça de Max, um certo nojo em sua expressão e seu nariz cinzelado eram muito semelhantes, na verdade idênticos, àqueles de Franchot Tone na foto de publicidade. Era uma semelhança que ninguém notara ou comentara antes. Tone não era um ator cujo trabalho ou rosto fossem especialmente familiares para Joe, mas agora, ao estudar o rosto comprido, esguio e melancólico na fotografia acetinada — estava assinada *Para Carl com os melhores votos de Franchot Tone* — ele se perguntou se não teria inconscientemente modelado o personagem em Tone.

Na última gaveta, a inferior da direita, nos fundos, havia um pequeno diário encadernado em couro. Na sua guarda havia uma inscrição datada do Natal de 1939. *Para Carl, um espaço para colocar seus brilhantes pensamentos em ordem, com amor, Ruth*. Em suas primeiras cinquenta páginas o diário conduzia uma discussão furiosa numa letra minúscula, cujo tema — até onde Joe podia perceber — parecia ser que Franchot Tone era membro de uma liga secreta de assassinos, fundada pela companhia dirigida pelo pai de Tone, a American Carborundum, que pretendia eliminar Adolf Hitler. A revelação parava no meio da frase e as páginas restantes do diário

eram ocupadas por centenas de variações sobre as palavras “Carl Ebling”, assinadas numa enciclopédia de estilos, de floreado a rabiscado, repetidamente. Joe abriu o diário ao meio, agarrou cada metade e rasgou sua lombada de alto a baixo, fazendo-o em dois pedaços.

Quando acabou com a mesa, Joe foi até a estante. Fria e metodicamente, mandou as pilhas de livros e panfletos voando para o chão. Estava receoso de que, caso se permitisse sentir alguma coisa, não seria raiva nem satisfação, mas meramente pena pela louca e empoeirada nulidade da liga-de-um-homem-só de Carl Ebling. Então prosseguiu sem sentir nada, as mãos amortecidas, as emoções beliscadas como um nervo. Tirou o retrato de Hitler do seu gancho na parede e o quebrou com um tinido. Continuando a seguir pelo arquivo, puxou a gaveta superior, A-H, virou-a de cabeça para baixo e sacudiu seus conteúdos para fora, como o Escapista derrubando soldados pela torreta de um tanque. A seguir arrancou a I-J e ia mandar seu conteúdo para o chão sobre o monte de A-H quando notou a legenda datilografada na lingueta do índice de uma das primeiras pastas da gaveta: Empire Comics.

A pasta, bastante inchada, continha todos os dez números de *Radio Comics* que tinham saído até então; afixadas por um clipe ao primeiro número havia 25 folhas de papel fino, densamente datilografadas. Era um relatório, na forma de memorando, para Todos os Membros da Liga, de Carl Ebling, presidente da Seção de Nova York da LAA. O assunto do memorando era, justamente, o superpossante artista da fuga conhecido como o Escapista. Joe sentou-se na cadeira, acendeu um cigarro e começou a ler. No parágrafo de abertura do memorando de Carl Ebling o herói fantasiado, seu editor e seus criadores, os “cartunistas judeus” Joe Kavalier e Sam Clay, foram todos identificados como ameaças às reputações, dignidade e ambições do nacionalismo alemão na América. Carl Ebling lera um artigo na *Saturday Evening Post*^[3] detalhando o sucesso e a circulação crescente da linha das revistas em quadrinhos da Empire e ele dissertava brevemente sobre os efeitos negativos que esta propaganda antigermânica tão crassa exerceria nas mentes daqueles em cujas mãos repousava o futuro dos povos saxônicos: as crianças da América. A seguir chamava a hipotética atenção de seus leitores para a notável semelhança entre o personagem de Max Mayflower, o Misterioso original, e o agente secreto aliado Franchot Tone. Depois disso, no entanto, o senso de propósito crítico parecia abandonar o autor. Nos parágrafos que se seguiam, e no restante do memorando, Ebling se contentava — não havia melhor maneira de definir — em resumir e descrever as aventuras do Escapista, do primeiro número detalhando suas origens até o número mais recente nas bancas. Os resumos de

Ebling eram, de modo geral, minuciosos e acurados. Mas a coisa que chamava a atenção era como, à medida que prosseguia, mês a mês, acrescentando outra anotação no seu dossiê sobre a Empire, o tom de desprezo, desdém e insulto de Ebling se moderava e então desaparecia completamente. À altura do quarto número, ele havia parado de entremear suas descrições com termos como “ultrajante” e “ofensivo”. Enquanto isso, as anotações ficavam mais longas e mais detalhadas, chegando às vezes a recitações quadrinho por quadrinho da ação nas revistas. O resumo final, do número mais recente, ocupava quatro páginas e estava tão desprovido de linguagem crítica a ponto de ser completamente neutro. Na última frase, Ebling parecia perceber o quanto se desviara do projeto original e acrescentava, com uma pressa sem pontuação que implicava uma certa recuperação de propósito acanhada, “Naturalmente, tudo isso é a costumeira provocação de guerra e propaganda [sic] judaica.” Mas estava claro para Joe que não havia nenhum propósito real no memorando de Ebling exceto a exegese, o registro precisamente anotado, de dez meses de puro prazer. Carl Ebling era, apesar de ser quem era, um fã.

Joe recebera cartas de leitores nos últimos meses, meninos e meninas — principalmente meninos — espalhados por todos os Estados Unidos, de Las Cruces a LaCrosse, mas estas geralmente se limitavam a expressões de apreciação bastante simples e pedidos de fotos autografadas do Escapista, tantas que Joe tinha chegado a uma pose padrão, que no começo ele desenhava a mão cada vez, mas havia recentemente tirado cópias fotostáticas, completas com assinatura, para economizar tempo. A leitura do memorando de Ebling marcou a primeira vez que Joe tomou consciência da possibilidade de uma leitura adulta do seu trabalho e o grau da paixão de Ebling, seu entusiasmo erudito repleto de notas de pé de página, suas análises temáticas e a lista de elenco, apesar de relutantes e envergonhados, o tocavam estranhamente. Admitia — não podia negar — um desejo de conhecer Ebling. Olhou em volta ao caos que havia criado nos pobres e tristes escritórios da Liga Ariano-Americana e sentiu uma pontada momentânea de remorso.

Então, abruptamente, foi sua vez de se sentir envergonhado, não só por ter estendido, por mais passageira que fosse, a consideração de sua simpatia a um nazista, mas por ter produzido um trabalho que atraía a tal homem. Joe Kavalier não foi o único criador de revistas em quadrinhos a perceber a imagem espelhada de fascismo inerente no seu super-homem antifascista — Will Eisner, outro cartunista judeu, deliberadamente vestia seus heróis Aliados, os Falcões, em uniformes modelados no elegante garbo da caveira dos Waffen SS. Mas Joe foi talvez o primeiro a sentir vergonha de glorificar, em nome da democracia e da liberdade, a brutalidade vingativa de um homem

muito forte. Durante meses vinha se convencendo, e ouvindo os argumentos de Sammy, de que eles estavam precipitando, por suas surras faz de conta em Haxoff, ou Hynkel, ou Hassler ou Hitler, a intervenção dos Estados Unidos na guerra na Europa. Agora ocorreu a Joe se perguntar se tudo o que vinham fazendo, o tempo todo, não seria gratificar seus piores impulsos e assegurar a criação de outra geração de homens que reverenciavam apenas a força e a dominação.

Nunca soube depois se deixou de ouvir os sons de Carl Ebling entrando no edifício, subindo as escadas e segurando a maçaneta violada da porta porque estava tão perdido nos seus pensamentos, ou se foi porque Ebling caminhou com passos leves, ou se o homem sentira a presença de um invasor e esperava apanhá-lo de surpresa. De qualquer maneira, só quando as dobradiças rangeram foi que Joe ergueu os olhos para encontrar uma versão mais velha e mais desgastada de Franchot Tone, o queixo caído ainda mais caído, os cabelos ralos ainda mais ralos. Estava fechado pelo zíper de uma maltrapilha parca cinzenta, parado na porta da Liga Ariano-Americana. Tinha na mão um cassete preto e gordo.

— Quem diabos é você? — O sotaque não era a elegante fala arrastada de Tone, porém algo mais ou menos local. — Como entrou aqui?

— O nome é Mayflower — disse Joe. — Tom Mayflower.

— Quem? Mayflower? Este é... — Seu olhar caiu na gorda pasta da Empire. Sua boca se abriu e voltou a se fechar.

Joe fechou a pasta e colocou-se lentamente de pé. Mantendo os olhos nas mãos de Ebling, começou a circular de lado ao redor da mesa.

— Eu já ia saindo — disse Joe.

Ebling acenou com a cabeça e cerrou os olhos. Parecia fraco, tísico talvez, um homem no final da casa dos trinta, ou na casa dos quarenta anos, com pele pálida e sardenta. Piscava e engolia repetidamente. Joe sentiu o que parecia ser uma natureza irresoluta e deu uma corrida até a porta. Ebling o atingiu na parte de trás da cabeça com o cassete. O crânio de Joe repicou como um sino de cobre, seus joelhos dobraram, e Ebling o acertou de novo. Joe segurou-se na moldura da porta, virou-se, e outro golpe atingiu seu queixo. A dor afastou os últimos vestígios de vergonha e remorso que acalentava e ele sentiu um rápido impulso de raiva no coração. Saltou sobre Ebling e agarrou o braço que segurava o cassete, sacudindo-o com tanta força que houve um estalo da junta. Ebling gritou e Joe girou-o pelo braço e o jogou contra a parede. A cabeça de Ebling bateu na quina da estante em que a literatura nazista fora empilhada e ele caiu ao chão como um par de calças vazias.

No rastro de sua primeira vitória, Joe esperava — nunca esqueceu

esta esperança louca e maligna — que o homem estivesse morto. Ficou de pé ao lado de Ebling, ofegante e engolindo, ouvidos tinindo, e desejou que a alma abandonasse aquele corpo. Mas não, ele respirava, o lado do frágil corpo do nazista americano subia e descia. A visão deste movimento involuntário, como o de um coelho, estancou o fluxo de raiva em Joe. Voltou à mesa e apanhou o paletó, seus cigarros e fósforos. Estava para sair quando viu a pasta da Empire Comics, com um canto do memorando de Ebling saindo para fora. Abriu a pasta, liberou o memorando do seu clipe e virou as páginas. Nas costas da última página, usando sua lapiseira, desenhou um rápido esboço do Escapista na pose padrão que tinha criado para as fotos de publicidade: o Mestre do Escape sorrindo, os braços estendidos, as metades fendidas de um par de algemas como braceletes nos seus pulsos.

Para meu amigo Carl Ebling, escreveu embaixo do desenho em sua grande e jovial letra cursiva americana. Um monte de sorte, O Escapista.

Pouco depois das três da tarde de sexta-feira, 25 de outubro de 1940 (segundo tanto o seu jornal como o depoimento que fez à polida), James Haworth Love, acionista majoritário e presidente do conselho das Indústrias Oneonta, estava sentado com Alfred E. Smith, presidente vitalício do Empire State Building Corporation, no escritório deste, atulhado de lembranças, no 328 andar do edifício mais alto do mundo, quando entrou o superintendente do prédio, “lívido e parecendo”, como descreveu o industrial no seu relato privado dos acontecimentos do dia, “à beira de passar mal”. Depois de um cuidadoso olhar lateral para Love, o superintendente do edifício, Chapin L. Brown, informou ao seu chefe que enfrentavam uma situação delicada no 25º andar.

Alfred Emanuel Smith — massacrado por Herbert Hoover em sua tentativa de candidatura à Casa Branca em 1928 — fora companheiro político e parceiro de negócios de Love desde seus dias como governador de Nova York. Love estava no escritório de Smith naquela tarde, na verdade, para engajar Smith como testa de ferro de um grupo econômico que esperava reviver o velho sonho de Gustav Lindenthal de uma ponte sobre o rio Hudson com 250 metros de altura e sessenta de largura, na rua 57, com seus acessos a leste a serem construídos num grande pedaço de terra no West Side que caíra recentemente sob a posse de Love. Smith e Love estavam longe de ser confidentes — James Love dispensava confidentes, ao que Smith soubesse — mas o magnata têxtil era um homem de uma reticência quase lendária, beirando o sigilo, bastante conhecido por sua reserva. Com um aceno de cabeça confidencial em direção do seu visitante, sinalizando sua confiança implícita na discrição e no bom senso do sr. Love, Smith disse que achava melhor Brown seguir em frente e desembuchar. Brown acenou com a cabeça por sua vez para o sr. Love, apertou os quadris com as mãos como se para equilibrar-se e soltou um breve suspiro que parecia expressar tanto incredulidade como constrangimento.

— Podemos ter uma bomba no prédio — falou.

Às três horas, prosseguiu, um homem que alegava representar um grupo de nazis americanos — Brown pronunciou “nátsis” — telefonara para dizer, num falso barítono abafado por um lenço, que tinha escondido, em algum lugar nos escritórios dos locatários do 25º andar,

um potente dispositivo explosivo. A bomba fora programada para detonar, dizia o homem ao telefone, às três e meia, matando todo mundo na vizinhança e possivelmente causando danos à própria estrutura do célebre edifício.

Em sua declaração à polícia, o sr. Love relatou que Sua Excelência recebeu a notícia com a mesma gravidade com que ela fora transmitida, embora, conforme anotou no seu jornal, nenhum grau de ansiedade pudesse ter induzido a palidez naquele rosto rubicundo.

— Chamou M'Naughton? — perguntou Smith. Sua voz cascalhosa estava suave e sua postura calma, mas havia uma qualidade estrangulada, como se de raiva reprimida, no seu tom e seus olhos castanhos, que tendiam a assumir o ar ligeiramente triste comum entre homens sociáveis, saltaram do seu rosto bochechudo de bebê velho. O capitão M'Naughton era o chefe do batalhão de bombeiros particular do prédio. Brown confirmou com a cabeça. — Harley? — Era o capitão da força policial particular do edifício. Brown confirmou de novo.

— Estão evacuando o andar — disse. — Os rapazes de M'Naughton estão lá agora procurando a maldita coisa.

— Chame Harley e diga que estou descendo — falou Smith. Já estava de pé e rodeava sua mesa a caminho da porta. Smith era nativo do Lower East Side, um garoto durão do velho Quarto Distrito, e seus sentimentos pelo edifício do qual era, aos olhos de Nova York e da nação, o símbolo humano eram intensamente possessivos. Deu uma última olhada para o seu escritório, enquanto saíam, como se, pensou Love, talvez pudesse não vê-lo nunca mais. Estava abarrotado, como um velho sótão, com troféus e lembranças de sua carreira, que quase o havia conduzido a Washington mas, no fim, o tinha levado a presidir este (normalmente) muito mais harmonioso reino nos céus. Smith suspirou. Hoje assinalava o início do último fim de semana da grandiosa aventura de dois anos da Feira Mundial de Nova York, cujo quartel-general ficava no Empire State Building, e um fabuloso banquete estava marcado para esta noite no salão de jantar do Empire State Club, no 21º andar. Smith detestava ver um banquete pródigo estragado por qualquer motivo. Sacudiu a cabeça pesaroso. Então, colocando na cabeça o chapéu-coco marrom que era sua marca registrada, tomou o braço do visitante e o conduziu para a bateria de elevadores. Dez elevadores serviam este andar, todos locais, correndo entre o 25º e o 41º.

— Vinte e cinco — ordenou Smith ao ascensorista quando entravam. Bill Roy, o guarda-costas de Smith, veio atrás para proteger o seu velho corpo irlandês. — Vinte e cinco — repetiu Smith. Cerrou os olhos para o sr. Brown. — O pessoal dos *comics*?

— Empire — disse o sr. Brown. E então acrescentou com

amargura. — Muito cômico.

No 29º andar o elevador desacelerou como se para parar mas o ascensorista apertou um botão e o elevador local, tendo recebido uma espécie de promoção em campo de batalha para a categoria de elevador expresso, continuou sua descida.

— Que Empire? — quis saber Love. — Que *comics*?

— É como são chamadas as revistas em quadrinhos — disse o sr. Brown. — A firma se chama Empire Comics. Novos inquilinos.

— *Revistas em quadrinhos.*

Love era viúvo sem filhos, mas observara seus sobrinhos lendo revistas em quadrinhos há uns dois verões, lá no Miskegunquit. Na época, só notara a cena encantadora: os dois meninos deitados sem camisa e descalços numa rede balouçante estendida entre um par de belos olmos, numa área malhada pelos raios do sol, suas pernas penugentas entrelaçadas, a atenção inquieta de cada um absorvida inteiramente num borrão, toscamente grampeado, de cor violenta, intitulado *Super-Homem*. Love tinha acompanhado a conquista subsequente do herói robusto de roupa de malha nos jornais, nas caixas de cereais e recentemente no rádio, no Mutual Broadcasting System, e era notório que dava sempre uma olhada nas aventuras do Super-Homem nas páginas dos quadrinhos.

— E o que podiam os nazistas ter contra *elas*?

— Já viu uma destas revistas em quadrinhos, Jim? — perguntou Smith. — Se eu fosse um menino de dez anos ficaria espantado que ainda houvesse algum nazista vivo na Alemanha, do jeito como nossos amigos aqui da Empire vêm massacrando eles.

As portas do elevador se abriram para o espetáculo enervante de centenas de pessoas movendo-se em completo silêncio para as escadas. Não fosse o lembrete ocasional urgente e não especialmente polido de dúzias de policiais do prédio que infestavam o saguão dos elevadores de que empurrar e acotovelar só iria quebrar a perna de alguém, os únicos sons que se ouviam eram o ruído surdo das botas de borracha e das capas de chuva, o rangido e o fragor de solas e saltos e as pancadas impacientes das pontas dos guarda-chuvas no piso de ladrilho. Quando seu grupo saiu do elevador Love notou que um policial grandão, com um gesto de cabeça para Chapin Brown, caminhou para trás deles e bloqueou as portas. Todos os elevadores tinham sido cercados por cordões formados por guardas de casacos azuis que ficavam de pé fazendo o pêndulo nos calcanhares, as mãos apertadas atrás das costas, uma linha impenetrável de rostos soturnos.

— O capitão Harley achou melhor reuni-los num grupo e mantê-los todos juntos — disse Brown. — Concordei com ele.

Al Smith acenou com a cabeça imediatamente.

— Não há necessidade de assombrar todo o edifício — falou. —

Não agora, pelo menos.

O capitão Harley chegou correndo. Era um irlandês alto e largo, com uma cicatriz na órbita do olho esquerdo, fechada como um punho em volta da bolota branca e azul do olho.

— O senhor não devia estar aqui, chefe — disse. Voltou seu olho furioso para Love. — Dei ordens para evacuar o andar. Com o devido respeito, isto também inclui o senhor e o seu visitante.

— Você encontrou a bomba, Harley, ou não encontrou? — disse Smith.

Harley sacudiu a cabeça.

— Ainda estão fuçando por aí.

— E o que vai fazer com todas estas pessoas? — disse Smith, observando enquanto uns poucos últimos extraviados, entre eles um jovem encurvado de óculos e de aparência tristonha que parecia embrulhado em quatro ou cinco camadas de roupas, eram arrebanhados escada abaixo.

— Vamos levá-los para o nosso posto...

— Mande esta boa gente para o Nedick's. Ofereça-lhes um suco de laranja e coloque na minha conta. Não quero estas pessoas vadiando e tagarelando na calçada. — Smith baixou a voz num sussurro conspiratório, não inteiramente desprovido, sob as circunstâncias, de sociabilidade. — De fato — falou. — Não. Vou dizer-lhe o que fazer. Mande um dos seus rapazes levá-los até o Keen's e diga a Johnny, ou quem quer que seja, para servir um drinque a cada um e botar na conta de Al Smith.

Harley fez sinal a um de seus homens e mandou-os atrás dos evacuados.

— Se não encontrar a coisa em — Smith conferiu seu relógio de novo — dez minutos, quero que evacue também o 23, o 24, o 26 e o 27. Mande-os para o... não sei, Stouffer's ou algum lugar parecido. Está certo?

— Sim, chefe. Para falar a verdade, eu só ia dar mais cinco minutos antes de evacuar os outros andares.

— Tenho fé em M'Naughton — disse Smith. — Espere dez minutos.

— Muito bem. Agora, só tem um outro problema, excelência — continuou o capitão Harley, passando uma mão carnuda primeiro sobre os lábios, depois sobre toda a metade inferior do rosto, deixando uma mancha sarapintada. Era o gesto frustrado de um homem grandalhão tentando dividir algo pela metade. — Eu estava cuidando da questão quando o ouvi descer.

— O que é?

— Um deles não quer sair.

— Não quer sair?

— Um sr. Joe Kavalier. Garoto estrangeiro. Não deve ter mais de

vinte anos.

— Por que este sujeito não quer sair? — perguntou Al Smith. — Qual é o problema dele?

— Diz que tem muito trabalho para fazer.

Love riu e então virou o rosto para não ofender o policial ou seu anfitrião.

— Ora, só faltava esta... Carreguem-no para fora, então — disse Smith. — Queira ou não queira.

— Eu gostaria, excelência. Infelizmente... — Harley hesitou e apertou um pouco mais suas mandíbulas com a manopla. — O sr. Kavalier achou oportuno algar-se à mesa de desenho. No tornozelo, para ser exato.

Desta vez o sr. Love conseguiu sufocar sua risada com um espasmo de tosse.

— O quê? — Smith fechou os olhos por um momento e então os abriu. — Como diabo conseguiu fazer isto? Onde conseguiu as algemas?

Harley corou intensamente e resmungou uma resposta quase inaudível.

— Como assim? — disse Smith.

— São minhas, excelência — disse Harley. — E, para lhe falar a verdade, não sei dizer realmente como se apossou delas.

O acesso de tosse de Love agora se tornou bastante genuíno. Era um homem de três maços por dia e seus pulmões se achavam num estado terrível. Para evitar embaraço público, geralmente ria o menos possível.

— Estou vendo — disse Smith. — Bem, então, capitão, leve uma dupla dos seus rapazes mais fortes e carregue a porcaria da mesa também.

— Hã, bem, é embutida, excelência. Está aparafusada na parede.

— *Então desaparafuse a mesa!* Simplesmente tire o estúpido filho da mãe de lá! Vai ver o seu miserável apontador de lápis carrega uma armadilha explosiva!

Harley fez sinal para dois de seus homens mais robustos.

— Espere um minuto — disse Smith. Verificou o relógio. — Com os diabos! — Empurrou o chapéu-coco para trás na cabeça, o que o fez parecer imediatamente mais jovem e mais truculento. — Deixe-me trocar uma palavrinha com este fedelho. Como é mesmo o nome dele?

— É Kavalier com K, excelência, só que não vejo sentido em deixá-lo...

— Em todos os meus 11 anos como presidente deste edifício, capitão Harley, nunca mandei o senhor ou um de seus homens colocar uma mão num dos inquilinos. Isto não é um cortiço do Bowery. — Dirigiu-se à porta da Empire Comics. — Acredito que podemos nos

permitir dedicar um minuto à razão antes de chutarmos para fora o sr. Kavalier com K.

— Incomoda-se se eu for também? — disse Love. Tinha se recuperado do seu ataque de humor embora seu lenço de bolso contivesse a amostra de algo maligno e marrom dentro do seu corpo.

— Não posso deixá-lo fazer isto, Jim — disse Smith. — Seria irresponsável.

— Você tem mulher e filhos a perder Al. Tudo o que tenho é o meu dinheiro.

Smith olhou para o velho amigo. Antes que Chapin Brown se aprestasse a interrompê-los com o aviso de uma ameaça de bomba, tinham discutido não a ponte do rio Hudson, um esquema que com o subsequente e abrupto afastamento de Love da vida pública não dera, uma vez mais, em nada, mas em vez disso, as opiniões do homem, fortemente sustentadas e frequentemente divulgadas, sobre a guerra que a Grã-Bretanha perdia na Europa. Um partidário leal de Wilkie, James Love estava entre um pequeno número de industriais do país que havia sido ativamente a favor da entrada dos americanos na guerra quase desde o seu início. Embora fosse filho e neto de milionários, fora perseguido toda a sua vida, assim como o presidente dos Estados Unidos, por caprichosos impulsos liberais que, por mais esporádicos — as indústrias Love eram todas firmas que empregavam mão de obra não sindicalizada —, faziam dele um antifascista natural. Também influenciando estas opiniões, sem dúvida, havia a memória, passada de milionário para milionário na família Love, da prosperidade colossal e duradoura que a guerra e os contratos do governo haviam trazido para os Lanifícios Oneonta durante a Guerra Civil. Tudo isso era conhecido, ou mais ou menos compreendido, por Al Smith, e levou-o a concluir que a ideia de arriscar a vida nas mãos de nazistas americanos exercia uma certa atração sobre alguém que vinha tentando entrar na guerra, de um jeito ou de outro, há quase dois anos. E, também, o homem tinha perdido sua mulher, uma beldade famosa, para o câncer em 1936 ou 37; desde aquela época, vagos rumores chegaram aos ouvidos de Smith de conduta desregrada de Love, o que poderia sugerir o comportamento de um homem que tinha, naquela tragédia, perdido também suas amarras, ou pelo menos o medo da morte. O que Smith não sabia era que o único grande e verdadeiro amigo na vida de James Love, Gerhardt Frege, fora um dos primeiros homens a morrer — de luxações — em Dachau, pouco depois que o campo abriu em 1933.^[4] Smith não suspeitava, e nunca teria imaginado, que a animosidade que James Love sentia para com os nazistas e seus simpatizantes americanos era, no fundo, uma questão pessoal. Mas havia uma ansiedade nos olhos do homem que não só preocupava como tocava Smith.

— Vamos dar cinco minutos — disse Smith. — Então mandarei Harley arrastar o sacana para fora pelos suspensórios.

A sala de espera da Empire Comics era uma extensão fria e amplidão modernosa de mármore e couro, uma tundra negra crestada de vidro e cromo. O efeito era enorme, intimidante e friamente esplêndido, mais ou menos como a sua designer, a sra. Sheldon Anapol, embora nem Love nem Smith tivessem qualquer meio, naturalmente, de traçar este paralelo. Havia um longo balcão de recepção semicircular oposto à entrada, com sua frente em mármore negro incrustado com anéis de Saturno em vidro, atrás do qual três bombeiros em capotes pretos, os rostos escondidos por pesadas máscaras de soldagem, se agachavam, cutucando os cantos cuidadosamente com cabos de vassoura. Na parede sobre a mesa da recepção havia uma pintura de um ágil gigante mascarado numa roupa de malha azul-escura, seus braços abertos num amplexo de êxtase ao irromper de um ninho coleante de grossas correntes de ferro que enredavam suas virilhas, a barriga e o peito. No peito usava o emblema de uma chave estilizada. Acima de sua cabeça letras de trinta centímetros de altura em arco proclamavam audaciosamente O ESCAPISTA! enquanto aos seus pés um par de soldados do fogo rastejava sobre mãos e joelhos procurando uma bomba em gavetas e escaninhos da mesa da recepção. Os bombeiros, seus visores reluzindo, ergueram os olhos quando Harley passou conduzindo o chefe Smith e o sr. Love.

— Encontraram algo? — perguntou Smith. Um dos bombeiros, um sujeito idoso cujo capacete parecia grande demais para ele, sacudiu a cabeça.

A oficina das revistas em quadrinhos, ou seja lá como a chamavam, não tinha nada do lustro e do brilho da sala de espera. O chão era de concreto, pintado de azul-claro e cheio de pontas de cigarro e cravos de papel de desenho amassado. As mesas eram uma mistura grosseira de novo em folha e semidecrépito, mas havia a plena luz do sol em três lados, com vistas espetaculares, quando não de tirar o fôlego, das torres dos hotéis e dos jornais no meio da cidade, da faixa verde do Central Park, das ameias de Nova Jersey, e do clarão fosco e metálico do East River, com um vislumbre da mantilha de ferro da ponte Queensboro. As janelas estavam todas fechadas e um manto de nicotina pairava sobre a sala. Num canto distante, de frente para uma parede da qual sua prancheta embutida se inclinava para baixo e para fora, debruçava-se um jovem pálido, magro, amarfanhado, as fraldas da camisa pendendo fora das calças, acrescentando metros encapelados de fumaça à nuvem da sala. Al Smith fez sinal a Harley para que os deixasse.

— Cinco minutos — disse Harley enquanto saía.

Assim que o capitão de polícia falou, o jovem girou em sua banqueta. Cerrou os olhos míopes na direção de Smith e Love enquanto se aproximavam, parecendo levemente contrariado. Era um garoto judeu bonito, com grandes olhos azuis, um nariz aquilino, um queixo bem pronunciado.

— Meu jovem — disse Smith. — É o sr. Kavalier, não? Sou Al Smith. Este é meu amigo, o sr. Love.

— Joe — disse o jovem. Seu aperto na mão de Love foi firme e seco. Embora parecesse estar usando suas roupas há muito tempo, eram roupas de boa qualidade: uma camisa de casimira fina com um monograma bordado no bolso do peito, uma gravata de seda em rama, calças cinzas de lã penteada com bainhas generosas. Mas tinha o ar subnutrido de um imigrante, seus olhos fundos avermelhados e desconfiados, as pontas dos dedos manchadas de amarelo. O cuidadoso tratamento das unhas fora arruinado pela tinta. Parecia sem muito repouso, morto de cansaço e — foi um pensamento surpreendente para Love que não era um homem especialmente sensível aos sentimentos dos outros — triste. Um nova-iorquino menos refinado teria provavelmente lhe perguntado *Onde é o enterro?*

— Escute aqui, meu jovem — disse Smith. — Vim fazer um pedido pessoal. Certo, admiro sua dedicação ao trabalho. Mas gostaria só que me fizesse um favor, um favor pessoal para mim, entende. Aqui está. Venha comigo e deixe-me oferecer-lhe um drinque. Está bem? Vamos resolver este probleminha por aqui e então você vai ser meu convidado no clube. OK, garoto? Que me diz?

Se Joe Kavalier ficou impressionado com esta generosa oferta de uma das figuras mais conhecidas e mais amadas na vida americana contemporânea, um homem que quase chegou a ser presidente dos Estados Unidos, ele não o demonstrou. Simplesmente pareceu divertido, pensou Love, e por trás de sua diversão havia sugestões de irritação.

— Gostaria, numa outra ocasião, talvez, obrigado — disse, num sotaque Habsburgo indeterminado. Estendeu a mão para uma pilha de cartolina e pegou uma folha nova do topo. Pareceu ao observador Love, que sempre assumia um pronto interesse em aprender os segredos e métodos de qualquer tipo de manufatura ou produção, ter sido pré-impressa com nove grandes retângulos em três fileiras de três. — É só que tenho muito trabalho.

— Você é muito *apegado* ao seu trabalho, posso ver isto — disse Love captando o ar de divertida indiferença do jovem.

Joe Kavalier olhou para seus pés, onde um par de algemas de metal prendia seu tornozelo esquerdo, numa meia cinza com pinhas brancas e bordôs, a uma das pernas da sua mesa.

— Eu não desejava ser interrompido, sabe? — Batucou com a

ponta do lápis no pedaço de cartolina. — São tantos quadros para preencher...

— Sim, tudo bem, isto é muito admirável, filho — disse Smith —, mas, pelo amor de Deus, quantos desenhos mais vai poder fazer quando seu braço estiver caído lá embaixo na rua 33?

O jovem olhou em volta para o estúdio, vazio a não ser pela fumaça do seu cigarro e por um par de bombeiros resmungões, as fivelas dos seus capotes chocalhando enquanto se arrastavam pela sala.

— Não tem nenhuma bomba — disse.

— Acha que tudo isto é uma brincadeira? — disse Love.

Joe Kavalier concordou com um aceno e então baixou a cabeça sobre o trabalho. Estudou o primeiro quadrinho da página sob um ângulo, depois sob outro. Então, rapidamente, de uma maneira segura e sem parar, começou a desenhar. Ao escolher a imagem que colocava agora no papel ele não parecia estar seguindo o roteiro datilografado numa pilha ao lado do seu cotovelo. Talvez tivesse tudo gravado na memória. Love esticou o pescoço para ter uma melhor visão do que o garoto estava desenhando. Parecia ser um aeroplano, com as grevas de aparência furiosa de um Stuka. Sim, um Stuka num mergulho como um raio. O detalhe era impressionante. O avião tinha solidez e rebites. E, no entanto, havia algo exagerado no movimento invertido das asas que sugeria grande velocidade e insinuava a malevolência de um falcão.

— Chefe? — Era Harley. Soava como se agora estivesse irritado com Al Smith, também. — Tenho dois homens lá fora com uma chave inglesa pronta e à espera.

— Só um momento — disse Love e então se sentiu enrubescer. A decisão pertencia a Al Smith, naturalmente — era o edifício de Al Smith — mas Love estava impressionado pelo jeito do rapaz, por seu ar de segurança com relação à fraudulência da bomba; e estava fascinado, como sempre, por ver alguém fazendo algo de uma maneira habilidosa. Não estava preparado para sair também.

— O senhor tem meio minuto — disse Harley, saindo de novo. — Com todo o devido respeito.

— Bem, agora, Joe — disse Smith, conferindo o relógio de novo, parecendo e soando mais nervoso do que antes. Seu tom tornou-se paciente e ligeiramente condescendente e Love sentiu que ele estava tentando ser psicológico. — Se não quer evacuar, talvez possa me dizer por que o Bund... isto seria coisa do Bund?

— Da Liga Ariano-Americana.

Smith olhou para Love, que sacudiu a cabeça.

— Não creio que jamais tenha ouvido falar neles — disse Smith.

A boca de Joe Kavalier arreganhou-se num canto, num pequeno e

eloquente sorriso afetado, como se para sugerir que isto não era surpresa.

— Por que estes arianos estão tão preocupados com vocês aqui? Como tiveram acesso a estes seus desenhos controvertidos? Eu não tinha noção de que os nazistas *liam* revistas em quadrinhos.

— Todo tipo de pessoa está lendo as revistas — disse Joe. — Recebo cartas de todo o país. Califórnia. Illinois. Do Canadá, também.

— Realmente? — disse Love. — Quantas destas revistas em quadrinhos vocês vendem por mês?

— Jimmy... — começou Smith, batendo no cristal do seu relógio de pulso com um dedo gordo.

— Temos três títulos — disse o jovem. — Embora agora vão ser cinco.

— E quantos vendem por mês?

— Sr. Kavalier, isto é um assunto fascinante, mas se não concordar em vir calmamente, seria obrigado a...

— Perto de três milhões — disse Joe Kavalier. — Mas todas elas são passadas adiante pelo menos uma vez. São trocadas por outras, entre os garotos. Por isso o número de pessoas que as lê, segundo Sam... meu sócio, Sam Clay... talvez seja duas vezes o número de venda, ou mais.

— *Das ist bemerkenswert* — disse Love.

Pela primeira vez, Joe Kavalier pareceu surpreso.

— *Ja*, sem brincadeira.

— E aquele sujeito no saguão, com a chave no peito? É a sua atração principal?

— O Escapista. É o maior artista de fuga do mundo, nenhuma corrente o segura, e ele parte para libertar os povos aprisionados do mundo. É coisa boa. — Sorriu pela primeira vez, um sorriso que era autocrítico, mas não o suficiente para ocultar o evidente orgulho profissional. — Foi criado por mim e por meu sócio.

— Estimo que seu sócio teve bom senso suficiente para deixar o prédio — disse Smith, trazendo-os de volta ao propósito ostensivo desta conversação.

— Ele tem um encontro. E não há nenhuma bomba.

Naquele momento, justo no momento em que Joe Kavalier dizia “bomba”, houve um grande clamor — *brrrang!* — bem acima de suas cabeças. James Love pulou e largou seu cigarro.

— Tudo limpo — disse Smith, enxugando a testa com um lenço. — Bem, graças a Deus por isto.

— Santo Deus! — Havia cinza por todo o paletó de Love e ele a varreu, corando.

— Tudo limpo! — disse uma voz rouca. Um momento depois, o bombeiro idoso enfiou a cabeça no estúdio. — Era apenas um relógio

velho, excelência — disse a Smith, parecendo ao mesmo tempo aliviado e desapontado. — Na mesa de um senhor... Clay. Preso com fita adesiva a duas cavilhas pintadas de vermelho.

— Eu sabia — disse Joe calmamente, começando a trabalhar no segundo quadrinho.

— Dinamite não é sequer vermelha — disse o velho bombeiro, saindo. — Na verdade.

— O sujeito lê revistas em quadrinhos demais — disse Joe.

— Chefe Smith!

Viraram-se e três homens entraram no estúdio. Um deles, calvo e vasto em cada parte e extremidade, tinha o ar de um alto dirigente em algum duvidoso sindicato trabalhista; o outro, alto e com uma pança, tinha cabelos ralos cor de ferrugem, um herói de futebol em decadência. Atrás dos dois grandalhões vinha um jovem pequenino de aparência belicosa, vestido num imenso terno cinzento de listras finas com ombreiras que eram quase cômicas de tão largas. O pequenino chegou-se imediatamente à mesa de desenho em que Joe Kavalier trabalhava. Acenou com a cabeça para Love, medindo-o, e colocou uma mão no ombro de Kavalier.

— Sr. Anapol, não é? — disse Smith, apertando a mão do homem gordo. — Tivemos um pouco de emoção por aqui.

— Estávamos almoçando! — gritou Anapol, adiantando-se para apertar a mão de Al Smith. — Viemos correndo assim que soubemos! Chefe, peço desculpas por todo o problema que causamos ao senhor. Eu acho que talvez — e lançou um olhar sobre Kavalier & Clay — estes dois estouvados venham levando as coisas um pouco longe demais em nossas revistas.

— Talvez seja assim — disse Love. — Mas são uns bravos jovens e eu os congratulo.

Anapol pareceu perplexo.

— Sr. Anapol, deixe-me apresentar-lhe um velho amigo, o sr. James Love. O sr. Love é...

— Indústrias Oneonta — disse Anapol. — Sr. James Love! Que prazer. Lamento sermos obrigados a nos conhecer em tais...

— Bobagem — disse Love. — Nos divertimos muito. — Ignorou a carranca que esta afirmação produziu no rosto de Al Smith. — Sr. Anapol, esta talvez não seja nem a hora nem o local para isto. Mas minha firma acabou de juntar todas as suas contas debaixo de um único guarda-chuva e as colocou a cargo de Burns, Baggot & DeWinter — continuou Love. — Talvez tenha ouvido falar neles.

— Claro — disse Anapol. — O homem das Calças Knackfalter. O maluco dançarino.

— São rapazes espertos e uma das coisas espertas que vêm falando é em dar uma nova olhada em nossa atividade radiofônica. Eu gostaria

que alguns deles se sentassem com o senhor e o sr. Kavalier aqui e o senhor... Clay, não é?... e conversassem para encontrar uma maneira das Indústrias Oneonta patrocinarem este Escapador de vocês.

— Patrocinar?

— No rádio, chefe — disse o pequenino, captando rápido a ideia. Empinou o queixo, engrossou a voz e agarrou um microfone imaginário. — Indústrias Oneonta, fabricantes das meias e roupas de baixo termais da marca Ko-Zee-Tos, apresentam *As Fantásticas Aventuras do Escapista!* — Olhou para Love. — É esta a ideia?

— Algo assim — disse Love. — Sim, gosto disto.

— A ideia — disse Anapol. — Um espetáculo radiofônico. — Apertou a mão sobre o estômago como se não estivesse se sentindo bem. — Isto me deixa nervoso. Com todo o devido respeito, e não digo que não estou interessado, mas...

— Bem, pense a respeito, sr. Anapol. Suponho que haja outros personagens disponíveis, mas tenho o sentimento de que este é o que me serve. Vamos combinar assim: eu telefono para Jack Burns e tomo providências para que os senhores se reúnam e conversem a respeito esta semana — disse Love. — Isto é, se os senhores estiverem livres.

— Eu estou livre — disse Anapol, recuperando-se. — Meu parceiro, o sr. Jack Ashkenazy, também estará. E este é o nosso editor-chefe, sr. George Deasey.

Love apertou a mão de Deasey, recuando diante do cheiro de cravos camuflando o uísque no seu hálito.

— Mas estes jovens aqui — continuou Anapol —, bem, eles fazem um bom trabalho, como o senhor viu, e são rapazes muito bons, embora talvez um pouco excitáveis. Mas eles são, como eu poderia explicar?... são os peões desta fazenda.

Sam Clay e Joe Kavalier trocaram um olhar em que Love viu as brasas ardentes de um ressentimento.

— Muuu — fez Sam Clay, encolhendo seus enormes ombros falsos.

— Vou precisar de um depoimento seu, sr. Anapol — disse o capitão Harley. — E do senhor, chefe, e de seu visitante. Não vai demorar muito.

— Que tal se fizermos isto no clube? — disse Al Smith. — Um drinque me cairia muito bem.

Naquele momento, um mensageiro de libré azul entrou, trazendo uma carta de entrega especial.

— Sheldon Anapol? — falou.

— Cá está — disse Anapol, assinando o recibo. — George, fique por aqui e providencie para que as coisas se resolvam.

Deasey acenou com a cabeça. Anapol deu uma gorjeta para o mensageiro e foi atrás de Al Smith. Love fez sinal para Smith de que iria em seguida e então se virou para os dois jovens. Sam Clay ficou de

pé, seu ombro contra o do parceiro, parecendo um pouco aturdido, como se tivesse levado uma surra de sacos de areia. Foi então até uma estante baixa num canto da sala. Rapidamente juntou uma pilha de revistas e trouxe-as para o sr. Love, encarando o homem mais idoso no olho.

— Talvez gostasse de conhecer o personagem um pouco melhor — disse. — *Nosso* personagem.

— “Nosso” como em...?

— “Nosso” como em de Joe e de mim. O Escapista. Também o Monitor, os Quatro Libertadores, o Mr. Machine Gun. Todos líderes de vendagem da Empire. Aqui. Joe, você tem... Sim. — Ele remexeu no amontoado debaixo da mesa de Joe para encontrar uma folha de papel em cujo elaborado cabeçalho um grupo de belos e musculosos homens e meninos se recostavam, relaxando sobre as letras, um garoto de cabelos revoltos e nariz encurvado empoleirado sobre o nome-símbolo das palavras “Kavalier & Clay”. — Sempre achei que o Escapista seria perfeito para o rádio.

— Bem, realmente não estou qualificado para julgar, sr. Clay — disse Love, não sem bondade, apanhando as revistas e a folha de papel. — Para ser perfeitamente honesto, minha única preocupação é se ele vai ou não vender meias. Mas vou dizer — e aqui seu rosto assumiu uma expressão estranha que Joe quase chamaria de um olhar de soslaio — que gostei do que vi por aqui hoje. Tomem cuidado, rapazes.

Saiu do estúdio, tomado por uma pontada de simpatia, nada gratuita, por Kavalier & Clay. Love viu como era. Estes garotos tinham criado o personagem do Escapista e então, em troca de algum pagamento simbólico e da oportunidade de verem seus nomes impressos, assinaram a cessão de todos os direitos para Anapol e companhia. Agora Anapol e companhia estavam prosperando — o suficiente para alugar um quarto de andar no Empire State Building, o suficiente para exercer uma impressionante influência cultural de massa sobre o vasto mercado americano de crianças e de ignorantes. E embora, a julgar por suas roupas, os srs. Kavalier & Clay estivessem partilhando em algum grau da prosperidade geral, Sheldon Anapol acabara de tornar aparente que o curso do rio de dinheiro à margem do qual haviam acampado fora desviado e dali em diante não passaria mais por eles. Em sua vida como homem de negócios, Love vira muitos meninos-gênios serem abandonados entre os ossos calcinados e os cactos de seus sonhos. Estes dois viriam a ter, sem dúvida, outras ideias brilhantes e, além do mais, ninguém nascia esperto nos negócios. Seu sentimento de pena, embora sincero — e inspirado em parte pela beleza obscura de Joe e pela inteligência rápida dos dois jovens — não durou mais do que o tempo que levou para o elevador

depositá-lo no ricamente forrado saguão do Empire State Club. Não imaginou por um momento que tivesse acabado de colocar em movimento as rodas de outra perdição no meio de Manhattan mas, por muito perto, sua própria ruína.

De volta à oficina — de novo animada com tagarelice e bolhas de goma de mascar e alguns tremeliques de Hampton no rádio — George Deasey estava parado de pé na porta do seu escritório. Cerrou as sobrançelas e mordeu os lábios, parecendo inusitadamente comovido.

— Senhores — disse para Joe e Sammy. — Uma palavra.

Foi até o escritório e, como costumava fazer, deitou-se no meio do chão e começou a palitar os dentes. Tinha sido atropelado por um cavalo, enlouquecido por moscas, quando cobria uma das numerosas tentativas do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos para capturar A.C. Sandino e, em tardes frias como esta, suas costas tendiam a se enrijecer. Seu palito era de ouro puro, uma herança do pai, um ex-juiz suplente do Tribunal de Apelações do Estado de Nova York.

— Feche a porta — disse para Sam Clay depois que os rapazes entraram. — Não quero que ninguém ouça o que vou dizer.

— Por que não? — perguntou Sammy, fechando obediamente a porta ao acompanhar Joe para dentro da sala.

— Porque me causaria considerável desgosto se alguém formasse a opinião errada de que dou a menor importância a você, sr. Clay.

— Uma boa chance de que isto aconteça — disse Sammy. Desabou numa das duas cadeiras de espaldar reto que flanqueavam a enorme escrivaninha de Deasey. Se foi atingido pelo insulto, não deu nenhum sinal. Havia endurecido debaixo da constante administração de pequenas marretadas de Deasey. Nos primeiros meses em que trabalhara para ele, em dias nos quais Deasey havia castigado Sammy de modo particularmente duro, Joe geralmente ouvia no escuro, fingindo que dormia, enquanto Sammy jazia tenso ao seu lado, latindo no seu travesseiro. Deasey caçoava da sua gramática. Nos restaurantes, ridicularizava os pobres modos de Sammy à mesa, seu paladar sem sofisticação e seu espanto diante de coisas simples como manteiga esculpida e sopa de batata fria. Ofereceu a Sammy a oportunidade de escrever um romance do *Duende Cinzento* para as *Racy Police Stories*, sessenta mil palavras a meio centavo a palavra; Sammy, dormindo duas horas por noite durante um mês, escreveu três livros, que Joe leu e apreciou, apenas para Deasey dissecar um após o outro, cada vez com crítica concisa e amarga que era infalivelmente acurada. No fim, porém, comprou todos os três.

— Antes de mais nada — disse Deasey —, sr. Clay, onde está a *Estranha fragata*?

— Está na metade — disse Sammy. Era o quarto romance do

Duende Cinzento que a *Racy Publications* — agora operando muito na sombra do seu filho caçula, mas ainda trazendo lucros para Jack Ashkenazy — tinha encomendado a Sam Clay. Como todos os seus 72 predecessores na série, seria publicado, naturalmente, sob o nome de Harvey Slayton. Na verdade, pelo que Joe sabia, Sammy nem havia começado a história. O título era um dos 245 que George Deasey tinha idealizado durante uma bebedeira de dois dias em Key West em 1936, e no qual vinha trabalhando desde então. *Estranha fragata* era o número 72 na lista. — Terei pronta para o senhor na segunda-feira.

— Precisa ter.

— Eu terei.

— Sr. Kavalier. — Deasey tinha um jeito furtivo de balançar a cabeça para o interlocutor, uma das mãos meio encobrindo o rosto como se fosse afundar num cochilo, impressão reforçada se estivesse, como agora, estendido no chão. Então, subitamente, suas pálpebras semicerradas se escancaravam e a pessoa se via o alvo de um aguçado olhar inquisitório. — Por favor, reassegure-me em minhas suspeitas de que o seu envolvimento na confusão desta tarde é infundado.

Joe esforçou-se para encarar o sonolento olhar de Torquemada de Deasey. Claro que ele sabia que a ameaça de bomba fora feita por Carl Ebling, em retaliação direta por seu ataque ao quartel-general da LAA duas semanas antes. Claramente, Ebling estivera rondando os escritórios da Empire, acompanhando a mudança do Edifício Kramler, observando as idas e vindas dos empregados, preparando sua grande bomba de história em quadrinhos. Tal fixação de propósito devia ter sido, apesar da inofensiva represália de hoje, motivo para alarme. Joe realmente devia ter contado à polida sobre Carl Ebling imediatamente e o homem seria detido e colocado na cadeia. E a perspectiva da prisão do homem, de direito, deveria dar-lhe satisfação. Mas por que isto lhe teria parecido uma rendição? Joe achava que Ebling poderia tão facilmente tê-lo entregue à polícia por invasão, destruição de propriedade, até mesmo assalto, mas em vez disto prosseguira no seu curso solitário e furtivo, envolvendo Joe — tudo bem, o homem estava sob a falsa impressão de que seu antagonista era Sam Clay, Joe ia ter de esclarecer isto com ele — numa batalha particular, em um *concours à deux*. E Joe *soubera*, de certa forma, desde o momento em que a secretária de Anapol recebeu o telefonema, com o instinto do ilusionista para a bobagem, que a ameaça era um embuste, a bomba, uma ficção. Ebling queria assustar Joe, ameaçá-lo para que desistisse da guerra das revistas de quadrinhos que ele achava tão ofensiva à dignidade do Terceiro Reich e à pessoa de Adolf Hitler e, no entanto, ao mesmo tempo, não estava disposto de verdade a aniquilar a fonte de prazer que na sua vida solitária *verbitterte* devia ser rara demais. Se a bomba tivesse sido real, pensou Joe, eu naturalmente o entregaria.

Não lhe ocorreu que, se a bomba tivesse sido real, estaria a esta altura morto; que o próximo golpe na sua batalha, se não fosse desferido pela força impessoal da lei, mas pelo próprio Joe, poderia muito bem tornar concreto o conflito na mente desequilibrada de Ebling; e ainda que ele começara a se perder num labirinto de vingança fantástica cujo centro juncado de ossos jazia à distância de 15 mil quilômetros e três anos.

— Completamente — disse Joe. — Nem conheço o sujeito.

— Que sujeito?

— O que eu disse. Não conheço ele.

— Posso cheirar — disse Deasey, dubio. — Mas não posso saber o que é.

— Sr. Deasey — disse Sammy. — Para que foi que nos chamou?

— Sim. Eu queria... Deus me valha, eu queria adverti-los.

Como um restolho sendo guinchado do fundo do mar, Deasey colocou-se de pé. Estava bebendo desde antes do almoço e, ao se aprumar quase caiu de novo. Foi até a janela. Sua escrivaninha, um mastodonte de carvalho cheio de cicatrizes com 52 escaninhos e 24 gavetas, o havia acompanhado do velho escritório no Edifício Kramler, as gavetas estocadas com fitas de máquina novas, lápis azuis, garrafinhas de uísque de centeio, rolos negros de fumo da Virgínia, folhas novas de papel almaço, aspirina, Sen-Sen e sal de fruta. Deasey mantinha a mesa e a sala imaculadas, em ordem e sem poeira. Esta era a primeira vez em toda a sua carreira em que tinha um escritório todo seu. Isto — estes cinco metros quadrados de tapete novo, papel limpo e fitas carregadas de tinta preta — era a marca e a soma clara do que ele havia alcançado. Suspirou. Enfiou dois dedos entre as lâminas das persianas e deixou uma pálida fatia da luz de outono entrar na sala.

— Quando levaram o *Duende Cinzento* na rede DuMont — falou. — Está lembrado, sr. Clay?

— Claro — disse Sammy. — Eu ouvia às vezes.

— E quanto a *Carter, o Arrombador*? Lembra-se deste?

— Com o chicote?

— Combatendo o mal entre os amarelos. *Vigilante da Polícia Montada*?

— Claro, absolutamente. Todos eles começaram nas *pulps*, não foi?

— Têm sua origem comum num local muito mais exclusivo e decrépito do que aquele — disse Deasey.

Sammy e Joe olharam um para o outro com incerteza. Deasey tocou sua testa com a ponta do palito.

— Era seu o *Vigilante da Polícia Montada*? — perguntou Sammy.

Deasey acenou com a cabeça.

— Começou em *Racy Adventure*.

— E Whiskey, o cão husky com o qual ele tem uma ligação quase

sobrenatural?

— Ficou cinco anos na NBC Blue — disse Deasey. — Jamais ganhei um vintém. — Afastou-se da janela. — Agora, rapazes, é a vez de vocês ficarem a ver navios.

— Eles têm de nos pagar alguma coisa — falou Sammy. — Afinal. Quero dizer, pode não estar no contrato...

— Não está.

— Mas Anapol não é um ladrão. Ele é uma pessoa honrada.

Deasey apertou bem os lábios e alçou os cantos da boca. Levou algum momento até que Joe percebesse que ele estava sorrindo.

— Segundo minha experiência as pessoas honradas vivem de acordo com os contratos que assinam — disse Deasey finalmente. — E nem um pouco mais.

Sammy olhou para Joe.

— Ele não está me alegrando — falou. — Está alegrando você?

A questão de um programa de rádio, na verdade, todo o intercâmbio que teve lugar com o homem esguio de cabelos prateados e expressão ansiosa tinha escapado largamente à atenção de Joe. Era ainda bem menos eficiente em inglês do que pretendia, particularmente quando o assunto tratava de esporte, política ou negócios. Não tinha ideia de como meias e navios figuravam na discussão.

— Aquele homem quer fazer um programa de rádio com o Escapista — disse Joe, lentamente, sentindo-se lerdo, com a cabeça pesada, e obscuramente abusado por homens inescrutáveis.

— Parecia pelo menos interessado em que seus homens da publicidade explorassem a possibilidade — disse Deasey.

— E, se fizerem, está dizendo que não terão de nos pagar por isto?

— Estou dizendo isto.

— Mas naturalmente devem pagar.

— Nem um vintém.

— Quero dar uma olhada naquele contrato — disse Sammy.

— Olhe quanto quiser — disse Deasey. — Olhe de alto a baixo. Contrate um advogado e faça ele fuçar de cabo a rabo. Todos os direitos... rádio, cinema, livros, apitos de lata, prêmios... tudo pertence a Anapol e Ashkenazy. Cem por cento.

— Pensei que o senhor disse que nos queria advertir — Sammy estava contrariado. — Parece-me que a ocasião para um aviso teria sido um ano atrás, quando colocamos nossos nomes naquele pedaço de merda, desculpe a linguagem, naquele contrato.

Deasey concordou com a cabeça.

— Muito justo — falou. Aproximou-se de uma estante de advogado com vidro fosco, empilhada com um exemplar de cada revista barata em que cada um dos seus romances aparecera, cada um encadernado

em fino couro e estampado sobriamente em letras de ouro RACY POLICEMEN ou RACY ACE, com o número do exemplar, a data da publicação e, embaixo destes, a legenda uniforme OBRAS COMPLETAS DE GEORGE DEASEY.^[5] Deu um passo para trás e estudou os livros com, pareceu a Joe, um certo ar de arrependimento, embora pelo que, exatamente, Joe não pudesse dizer. — Pelo que possa valer a vocês, aqui está a advertência agora. Ou chamem de conselho, se quiserem. Vocês, rapazes, estavam impotentes quando assinaram aquele contrato no ano passado. Mas não estão mais tão impotentes assim. Fizeram um bom trabalho. Tiveram algumas boas ideias que venderam bem. Começaram a construir um nome. Claro, poderíamos discutir os méritos de fazer um nome numa indústria de terceira imprimindo bobagens para idiotas, mas o que não está em dúvida é que existe dinheiro para se ganhar hoje neste jogo e vocês dois mostraram jeito para isto. Anapol sabe. Ele sabe que, se vocês quisessem, podiam provavelmente procurar Donenfeld, ou Arnold, ou Goodman e assinar um acordo muito melhor para inventar besteiras do que aqui. Por isso, esta é minha advertência: parem de entregar esta porcaria para Anapol como se devessem isto a ele.

— Fazer que pague a partir de agora, que nos dê uma parte — disse Sammy.

— Não fui eu quem lhes falou.

— Mas, enquanto isto...

— Os senhores estão ferrados. — Consultou seu relógio de bolso. — Agora saiam. Tenho coisas a fazer antes que... — parou e olhou para Joe, então olhou para seu relógio, como se tentando chegar a uma decisão. Quando ergueu os olhos de novo, seu rosto estava retorcido num falso ricto, quase doentiamente jovial. — Aos diabos com tudo — falou. — Preciso de um drinque. Sr. Clay...

— Já sei — disse Sammy. — Tenho que terminar a *Estranha fragata*.

— Não, sr. Clay — disse Deasey, colocando desajeitadamente um braço sobre os ombros de cada um deles e arrastando-os para a porta. — Esta noite vocês vão *singar* nela.

Quando Carl Ebling folheou o *News* na manhã seguinte, ficou desapontado por não encontrar a menor menção de um pânico de bomba no Empire State Building, nem menção da Liga Ariano-Americana ou de um maligno bombardeador (ainda que por enquanto falso) que se chamava — derivando a alcunha de um vilão amortalhado que fazia aparições esporádicas nas páginas da *Radio Comics* nos anos do pré-guerra — O Sabotador. Esta última hipótese seria bastante improvável, uma vez que Ebling tinha, na sua pressa de enfiar o dispositivo na mesa do seu suposto inimigo Sam Clay, esquecido de deixar a nota que havia preparado especialmente e assinado com seu nome de guerra. Quando verificou todos os outros jornais de sábado, uma vez mais não encontrou nenhuma palavra a associá-lo com qualquer coisa que acontecera na cidade no dia anterior. Todo o episódio fora abafado.

A festa em homenagem a Salvador Dalí na última sexta-feira da Feira Mundial de Nova York ganhara um espaço muito mais considerável. Ocupava vinte linhas na coluna de Leonard Lyon, uma menção na de Ed Sullivan e uma sátira não assinada por E.J. Kahn em “A Cidade Só Fala Nisto” na semana seguinte. Era também descrita numa das cartas de Auden para Isherwood em Los Angeles e figurou nas memórias de pelo menos dois esteios da cena artística de Greenwich Village.

Os convidados de honra, o sátrapa do surrealismo e sua esposa russa, Gala, estavam em Nova York para encerrar *O sonho de Vênus*, uma atração concebida e executada por Dalí que figurara entre as maravilhas do Espaço de Diversões da Feira. Seu anfitrião, um novaiorquino rico chamado Longman Harkoo, era o proprietário de Les Organes du Facteur, uma galeria de arte e livraria surrealista em Bleecker Street, inspirada pelo carteiro sonhador de Hauterives. Harkoo, que vendera mais obras de Dalí do que qualquer outro marchand do mundo e, aparentemente, era o patrocinador de *O sonho de Vênus*, conhecera George Deasey na escola, em Collegiate, onde o futuro subgerente da Propaganda para o Inconsciente estava dois anos à frente do Balzac dos *pulps*; tinham renovado sua relação no final dos anos 20, quando Hearst mandou Deasey para a Cidade do México.

— Aquelas cabeças olmecas — disse Deasey num táxi descendo para o sul da cidade. Ele insistira para que tomassem um táxi. — Só

falava naquilo. Tentou comprar uma. Na verdade, ouvi certa vez que ele a comprou e escondeu no porão da sua casa.

— Você as usou em *A pirâmide de crânios* — disse Sammy. — Aquelas cabeçonas. Havia um compartimento secreto na orelha esquerda.

— É péssimo que você tenha lido estas coisas — disse Deasey. Sammy se preparara para a composição do seu primeiro trabalho como Harvey Slayton mergulhando fundo na obra de Deasey. — Acho incrivelmente triste, Clay, que você se lembre também dos *títulos*. — Na verdade, Deasey parecia, achava Joe, bastante lisonjeado. Provavelmente nunca esperara, nesta altura de uma carreira que ele tão publicamente admitia como um fracasso, encontrar um admirador genuíno do seu trabalho. Parecia ter descoberto em si mesmo uma ternura (ignorada por todos e mais ainda por si mesmo) pelos dois primos, mas particularmente por Sammy, que ainda encarava, como um trampolim para o renome literário, trabalho que Deasey há muito tempo concluía que não passava de “uma longa queda em espiral, lubrificada com regulares cheques de pagamento, ao Tártaro da escrita pseudonímica”. Mostrara alguns de seus velhos poemas a Sammy e o manuscrito amarelado de algum romance sério que nunca terminara. Joe suspeitava que Deasey fizera estas revelações como advertência a Sammy, mas seu primo escolhera interpretá-las como prova de que o sucesso nas revistas baratas não era incompatível com o talento, e que não deveria abandonar seus sonhos de romancista. — Onde estava eu?

— Na Cidade do México — disse Joe. — Cabeças.

— Obrigado. — Deasey tomou um gole do seu frasco. Bebia uma marca terrivelmente barata de uísque de centeio chamada Brass Lamp. Sammy alegava que não era centeio nada, mas na verdade querosene de lampião, pois Deasey enxergava mal. — Sim, as misteriosas olmecas. — Deasey devolveu a lâmpada mágica ao bolso do paletó. — E o sr. Longman Harkoo.

Harkoo, disse Deasey, era um excêntrico do Village de longa data, ligado aos fundadores de uma das lojas de departamentos mais chiques da Quinta Avenida. Era um viúvo — duas vezes — que vivia numa casa estranha com uma filha do primeiro casamento. Além de cuidar dos afazeres do dia a dia de sua galeria, orquestrando suas disputas com colegas do Partido Comunista Americano e oferecendo suas célebres festas, também, nos momentos ociosos, escrevia um romance amplamente sem pontuação, já com mais de mil páginas, que descrevia com detalhe celular o processo de seu próprio nascimento. Assumira seu nome esquisito no verão de 1924, quando dividia uma casa em La Baule com André Breton e quando uma figura pálida e imensa que se chamava Homem Longo de Harkoo aparecera cinco noites seguidas em seus sonhos.

— É aqui — disse Deasey para o motorista e o táxi parou em frente de uma fileira de indistintos blocos de apartamentos. — Pague a corrida, sim, Clay? Estou meio sem grana.

Sammy fez uma carranca para Joe, que achava que seu primo realmente já devia ter esperado isto. Deasey era um caloteiro clássico de um certo tipo, ao mesmo tempo brusco e peremptório. Mas Joe tinha descoberto que Sammy era, à sua própria maneira, um clássico mão-fechada. Todo o conceito de táxis parecia a Sammy rebuscado e decadente, como a degustação de aves canoras. Joe tirou um dólar de sua carteira e passou para o motorista.

— Fique com o troco — disse.

A casa de Harkoo ficava inteiramente oculta da avenida, “como um emblema (comparação forçada) de ânsias urgentes suprimidas”, conforme Auden descreveu em sua carta para Isherwood, no coração de um quarteirão da cidade que depois passou em sua quase totalidade para as mãos da Universidade de Nova York, foi arrasado e agora forma a sede da maciça Escola Levine para Meteorologia Aplicada. O sólido baluarte de casas e de blocos de apartamentos que cercava a casa de Harkoo e seu terreno dos quatro lados só podia ser rompido através de uma ruela estreita que deslizava sem ser notada entre dois edifícios e penetrava, através de um túnel de árvores, ailantos, até o jardim escuro e arbóreo.

A casa, quando a alcançaram, era uma fantasia oriental em miniatura, um Topkapi de bolso, pouco maior que um posto do corpo de bombeiros, apertada no seu minúsculo terreno. Enroscava-se como um gato adormecido em volta de uma torre central encimada por uma cúpula que parecia, entre outros itens, um alho. Através do uso habilidoso de perspectiva forçada e de uma manipulação de escala, a casa conseguia parecer muito maior do que realmente era. Seu manto luxuriante de trepadeira da Virgínia, o ar sinistro do seu pátio e o amontoado tosco de cumeeiras e espiras, dava ao local um ar antigo, mas ela fora completada na verdade em setembro de 1930, por volta da época em que Al Smith lançava a pedra angular do Empire State Building. Como aquela estrutura, era uma espécie de casa de sonho, tendo, como o próprio Homem Longo de Harkoo, originalmente aparecido a Longman Harkoo durante o sono, dando-lhe a desculpa que há muito procurava para demolir a insossa casa em estilo revivescente grego que fora a casa de campo da família de sua mãe desde a fundação de Greenwich Village. *Aquela* casa em si havia substituído uma estrutura muito anterior, datando dos primeiros anos do domínio britânico, na qual — assim afirmava Harkoo — um seu ancestral judeu holandês havia entretido o diabo durante sua jornada de 1682 pelas colônias.

Joe notou que Sammy estava um pouco vacilante, olhando para a

torre em miniatura, massageando distraidamente o alto da coxa esquerda, seu rosto solene e nervoso à luz das tochas que flanqueavam a porta. Em seu terno de listras brilhante, lembrava a Joe seu personagem O Monitor, de armadura, pronto para uma batalha contra inimigos perversos. Subitamente, Joe também se sentiu apreensivo. Não haviam se dado conta até agora, com toda a conversa de bombas, artigos de lã e programas de rádio, que tinham vindo à parte baixa da cidade com Deasey para comparecer a uma *festa*.

Nenhum dos primos era muito chegado a festas. Embora Sammy fosse louco por swing, não podia, naturalmente, dançar com suas pernas de cabo de vassoura; os nervos matavam o seu apetite e, de qualquer modo, era muito cômico de suas maneiras para comer qualquer coisa; e detestava o gosto de bebidas e de cerveja. Introduzido numa maldita roda de tagarelice e jazz, ele acabava se esgueirando desamparadamente para trás de uma grande planta. Seu talento impetuoso e incauto para a conversação, com o qual criara os *Quadrinhos dos Maravilhosos Rádios Miniaturas* e com eles toda a ideia da Empire, o desertava. Colocado diante de uma sala cheia de gente trabalhando, seria impossível fazê-lo calar; trabalho não era trabalho para ele. Festas eram trabalho. Mulheres eram trabalho. Nos Estúdios Panaca, sempre que ocorresse a conjunção casual de garotas e uma garrafa, Sammy simplesmente desaparecia, como a fortuna de Mike Campbell, primeiro aos poucos e então de uma vez só.

Joe, por outro lado, fora sempre um arroz de festa em Praga. Sabia fazer truques com cartas e sabia beber; era um excelente dançarino. Em Nova York, porém, tudo isso parecia ter mudado. Tinha trabalho demais a fazer e as festas lhe pareciam um grande desperdício de tempo. A conversa rolava rápido e em gíria e tinha dificuldade em acompanhar as piadas e o jargão dos homens e a malícia no duplo sentido das palavras das mulheres. Era vaidoso o bastante para não gostar quando algo que dizia com toda a seriedade por algum motivo fazia o riso explodir na sala. Mas o maior obstáculo que enfrentava era que não achava que devia — nunca — se divertir socialmente. Mesmo quando ia ao cinema, o fazia com um objetivo puramente profissional, estudando nos filmes ideias sobre iluminação, jogo de imagens e ritmo narrativo que pudesse tomar emprestado ou adaptar em seu trabalho nos quadrinhos. Agora recuou com o primo, olhando para o rosto carrancudo da casa iluminado pelas tochas, pronto para correr ao primeiro sinal de Sam.

— Sr. Deasey — disse Sammy — ouça. Sinto que tenho de confessar... Eu ainda nem comecei a *Estranha fragata*. Não acha melhor...

— Sim — disse Joe. — E eu tenho a capa do *Monitor*...

— Tudo o que vocês precisam é de um drinque, rapazes. — Deasey

parecia subitamente muito divertido pela súbita crise de consciência e coragem. — Isto tornará muito mais fácil quando jogarem vocês dois no vulcão. Presumo que sejam virgens? — Subiram arrastando-se sobre os ásperos degraus de tijolo da entrada. Deasey virou-se e, de repente, seu rosto ficou sério e admonitório. — Simplesmente não deixem que ele os *abraçe* — falou.

A festa fora planejada originalmente para o minúsculo salão de baile da mansão, mas quando aquele recinto ficou inabitável por causa dos ruídos causados pelo aparato respiratório de salvador dali, todo mundo acabou se aglomerando na biblioteca. Como todos os aposentos da casa, a biblioteca era diminuta, construída numa escala de três quartos que dava aos visitantes uma sensação inquietante de gigantismo. Sammy e Joe se apertaram atrás de Deasey para encontrar o aposento lotado a ponto da imobilidade, com Simbolistas Transcendentais, Puristas e Vitalistas, redatores de publicidade com ternos da cor de Studebakers novos, tocadores de banjo socialistas, escritores da revista *Mademoiselle*, especialistas em cultos canibais Yuggoghenys e adoradores de pássaros das Terras Altas indochinesas, compositores de réquiens do decafônicos e de jingles para Eas-O-Cran, o Laxativo original da Nova Inglaterra. O gramofone — e (naturalmente) o bar — tinham sido carregados também para a biblioteca, e sobre as cabeças dos convivas amontoados choviam as notas de um solo de trompete de Armstrong. Sob esta brilhante cobertura de jazz e de uma camada espumante de conversação havia um lento e pesado ronco do distante compressor de ar. Com os cheiros de perfume e cigarros, o ar na sala exalava um ligeiro odor dos motores a óleo dos cais.

— Olá, George. — Harkoo abriu caminho até eles, um homem redondo e amplo, nada longo, com cabelos ralos cor de cobre cortados rente. — Esperava que você aparecesse.

— Alô, Siggy. — Deasey aprumou-se e ofereceu sua mão de um modo que pareceu a Joe defensivo ou até protetor e então, no instante seguinte, o homem que ele chamou de Siggy lhe deu um aperto de luta romana, em que se misturavam afeição e um desejo de quebrar ossos.

— Sr. Clay, sr. Kavalier — falou Deasey, lutando para se livrar do abraço como Houdini saindo espalhafatosamente de uma camisa de força molhada. — Permitam-me... apresentar-lhes... Longman Harkoo, assim conhecido por aqueles que preferem não condescendê-lo como sr. Siegfried Saks.

Joe teve uma sensação intranquila, como se o nome do homem representasse algo para ele mas não pudesse bem localizar a ligação. Procurou em sua memória “Siegfried Saks”, embaralhando as cartas,

tentando sacar o ás que sabia estava ali em algum lugar.

— Bem-vindos! — O ex-sr. Saks soltou seu velho amigo e virou-se sorrindo para os primos; cada um deles deu um passo para trás, mas ele apenas lhes ofereceu a mão, com um travesso piscar de seus suaves olhos azuis que pareciam sugerir que só submetia a seus amplexos demoníacos aqueles que menos gostavam de ser tocados. Numa época em que um lugar de honra na taxionomia da elegância masculina estava reservado para o gênero do Homem Gordo, Harkoo era uma clássica instância da espécie do Potentado Místico, conseguindo parecer ao mesmo tempo imponente, elegante e ultramundano num vasto cafetã púrpura e marrom pesadamente bordado, que descia quase até o topo de suas sandálias mexicanas. O dedo mínimo do seu calejado pé direito, observou Joe, estava adornado por um anel de granada. Uma venerável Brownie da Kodak pendia de um colar de contas indiano em volta do seu pescoço.

— Desculpem toda aquela *barafunda* lá embaixo — falou com uma sugestão de cansaço.

— É ele realmente? — perguntou Sammy. — Dentro daquele negócio?

— É ele realmente. Tentei convencê-lo a sair. Disse-lhe que era uma ideia *maravilhosa*, você sabe, no abstrato, mas na *prática*... Mas é um homem terrivelmente teimoso. Nunca conheci um gênio que não o fosse.

O porteiro havia assinalado Dalí para eles quando chegaram, de pé no salão de baile, ao lado do saguão de entrada. Vestia uma roupa de escafandrista completa com a cobertura de lona emborrachada e o capacete de cobre globular. Uma mulher impressionante que Deasey identificou como Gala Dalí postava-se lealmente ao lado do marido no meio do aposento vazio, com duas ou três outras pessoas teimosas demais, ou sicofantas demais, ou talvez simplesmente surdas demais para se incomodarem com o intolerável zumbido da grande bomba de ar, acionada por um motor a gasolina, à qual o Mestre estava acoplado por um longa mangueira de borracha. Estavam todos berrando no topo dos seus pulmões. “Ninguém na festa”, escreveu Kahn em *The New Yorker*,

teve a falta de educação de perguntar a Dalí o que ele pretendia com esta encenação. A maioria interpretou como uma alusão ao pélago tenebroso do inconsciente humano ou então a “O Sonho de Vênus”, em que, como todo mundo sabia, figurava um cardume de garotas ao vivo fantasiadas de sereias nadando seminuas num tanque. Em todo caso, Dalí não conseguiria, de modo algum, ouvir a pergunta através do capacete de escafandrista.

— Mas não liguem — continuou Harkoo, jovial. — Estamos todos

muito confortáveis aqui. Bem-vindos, bem-vindos. Histórias em quadrinhos, não? Uma coisa *maravilhosa*. Adoro. Sou um leitor regular. Positivamente um devoto.

Sammy abriu um sorriso radiante. Harkoo tirou a câmara do pescoço e entregou-a a Joe.

— Ficaria muito honrado se tirasse minha foto — disse.

— Como assim? Desculpe.

— Tire um retrato meu. Com a câmara. — Olhou para Deasey. — Ele fala inglês?

— Tem sua marca própria. O sr. Kavalier é de Praga.

— Muito bem! Sim, deve fotografar! Tenho um acentuado déficit de impressões tchecas.

Deasey acenou com a cabeça para Joe, que levantou a câmara com o visor no seu olho esquerdo e emoldurou o grande rosto de bebê maluco de Harkoo. Este ajeitou suas bochechas e sobrancelhas numa expressão sóbria, quase vazia, mas seus olhos luziam de prazer. Nunca em sua vida Joe fizera alguém tão feliz tão facilmente.

— Como é que dou o foco? — perguntou Joe, baixando a câmara.

— Ora, não se preocupe com isto. Simplesmente olhe para mim e aperte o pequeno botão. Sua mente vai fazer o resto.

— Minha mente. — Joe bateu uma foto do anfitrião e devolveu-lhe a câmara. — A câmara é... — procurou a palavra em inglês. — Telepática.

— Todas as câmaras são — disse o anfitrião suavemente. — Já fui fotografado por sete mil, cento e... dezoito... pessoas, só com esta câmara, e lhe asseguro que nenhum retrato é igual.

Passou a câmara para Sammy, e suas feições, como que cunhadas por uma máquina, uma vez mais se assentaram na mesma máscara corpulenta e feliz. Sammy apertou o botão.

— Que outra explicação possível pode haver para esta variação interminável senão a interferência de ondas emanando da própria mente do fotógrafo?

Joe não sabia como responder, mas viu que uma resposta era esperada e, à medida que a intensidade do anfitrião aumentava, percebeu um tanto tardiamente qual devia ser a resposta.

— Nenhuma — disse por fim.

Longman Harkoo pareceu extremamente satisfeito. Colocou um braço por cima do ombro de Sammy e o outro por cima do ombro de Joe e, com uma boa margem de cotoveladas e desculpas, conseguiu levá-los numa ronda até seus vizinhos imediatos, apresentando-os a pintores e escritores e vários equilibristas de coquetéis, fornecendo de cada um, sem sequer dar a impressão de parar para organizar seus pensamentos, uma miniatura de *curriculum vitae* que tocava nos pontos altos de suas obras, vida sexual ou ligações familiares.

— ... sua irmã é casada com um Roosevelt, não me pergunte qual... deve ter visto seu *Art e Agon*... ela está bem na frente de uma das pinturas do seu ex-marido... ele levou um tapa em público de Siquieros...

A maioria dos nomes não era familiar a Joe, mas ele reconheceu Raymond Scott, um compositor que recentemente fizera grande sucesso com uma série de estranhas músicas populares pseudojazzísticas, dissonantes e vertiginosas. Dias antes, quando Joe deu uma parada na Hippodrome Radio, estavam tocando seu novo disco, *Yesterthoughts and Stranger*, através do sistema de som da loja. Scott ministrava uma dieta exclusiva de bolachas de Louis Armstrong na vitrola portátil RCA enquanto explicava o que quisera dizer quando se referia a Satchmo como o Einstein do blues. Enquanto as notas saíam vibrantes pelo alto-falante coberto de pano, apontava para elas, como se para ilustrar o que estava dizendo, e até tentou agarrar uma com as mãos. Aumentava o volume a todo tempo, para melhor competir com as conversas menos importantes que aconteciam ao seu redor. Mais adiante, atrás do cacto gigante, estava a jovem pintora Loren MacIver, cujas telas luminosas Joe havia admirado na galeria Paul Matisse. Alta, muito magra para os padrões de Joe, mas com um tipo nova-iorquino de beleza — viva, tensa e elegante —, ela conversava com uma beldade ariana alta e impressionante que segurava um minúsculo bebê junto ao peito.

— Srta. Uta Hagen — explicou Harkoo. — É casada com José Ferrer, ele está por aqui em algum lugar. Estão fazendo *A tia de Carlitos*.

As mulheres ofereceram suas mãos. Os olhos de MacIver estavam com rímel, seus lábios pintados num surpreendente tom de cacau.

— Estes senhores fazem histórias em quadrinhos — disse Harkoo para elas. — As aventuras de um sujeito chamado Escapador. Usa uma malha azul. Grandes músculos. Expressão enfadonha.

— O Escapista — corrigiu Loren MacIver. Seu rosto se iluminou. — Oh, eu gosto dele.

— Gosta? — Sammy e Joe disseram ao mesmo tempo.

— Um homem com uma máscara, que aprecia ser amarrado com cordas?

A srta. Hagen riu.

— Parece interessante.

— É bastante surreal — disse Harkoo.

— Isto é bom, não é? — perguntou Sammy a Joe num sussurro. Joe acenou com a cabeça. — Só estou checando.

Passaram por mais *curriculum vitae* de copo na mão, bem como um número de surrealistas de verdade, como passas salpicadas num bolo. A maior parte deles parecia ser um grupo de sujeitos notavelmente

sérios e até sóbrios. Usavam ternos escuros com coletes e gravatas sólidas. A maioria parecia ser de americanos — Peter Blume, Edwin Dickinson, um camarada tímido e cortês chamado Joseph Cornell — que compartilhavam um ar de probidade ianque atrás de óculos de aros de aço que cercavam como um subúrbio seu Pandemônio íntimo. Joe tentou guardar todos os nomes corretamente, mas ainda não tinha certeza de quem era Carlitos ou o que estava sendo feito por Uta Hagen para a tia dele.

Na extremidade da biblioteca, um número de homens se reunira num círculo apertado e se acotovelava em torno de uma mulher muito bonita e muito jovem que falava com toda a força dos pulmões. Joe não conseguia entender o que ela lhes dizia, mas parecia ser uma história que refletia mal no seu próprio julgamento — corava e ria ao mesmo tempo — e terminava inquestionavelmente com a palavra “foda”. Ela agarrou a palavra, aumentando várias vezes o seu comprimento usual. Ela a enrolou ao seu redor em dois ou três grandes anéis e deleitou-se com ela como se fosse um xale luxuriante.

— *Foooooooooda.*

Os homens à sua volta explodiram em risadas e ela corou ainda mais. Usava uma espécie de bata solta sem mangas e era possível ver o rubor percorrendo toda a sua pele, passando pelos ombros para o alto dos braços. Então ela ergueu o rosto e seus olhos encontraram os de Joe.

— Saks — disse Joe, encontrando a carta afinal. — Rosa Luxemburg Saks.

— Não — disse Sammy. — É mesmo?

Era fascinante ver o rosto dela de novo depois de tanto tempo. Embora Joe nunca tivesse esquecido a garota que surpreendera aquela manhã no quarto de dormir de Jerry Glovsky, viu que, em seus resquícios noturnos do momento, se recordava muito mal dela. Jamais teria lembrado que sua testa era tão vasta e alta, seu queixo tão delicadamente pontudo. De fato, seu rosto teria parecido comprido demais não fosse contrabalançado por uma extravagante escora voadora de um nariz. Seus lábios um tanto pequenos eram um hífen vermelho vivo que curvava para baixo o bastante num canto para permitir que o lessem como um sorriso afetado de divertimento, do qual ela mesma não estava isenta, diante do quadro de vaidade humana que a cercava. E, no entanto, em seus olhos havia algo ilegível, algo que não desejava ser lido, o vazio determinado que nos animais predadores esconde o cálculo hostil e na presa forma parte de um esforço assombroso para dar a impressão de ter desaparecido.

Os homens ao seu redor se apartaram com relutância enquanto Harkoo, fazendo uma parede para Joe e Sammy como um zagueiro dos amados Dodgers de Sam, os introduziu no círculo.

— Já nos conhecemos — disse Rosa. Era quase uma pergunta. Tinha uma voz forte, profunda, engraçada e masculina, alçada a um ponto que ficava à beira da matraca de um locutor de rádio, como se estivesse desafiando todo mundo ao seu redor a ouvir e julgar. Mas então talvez, pensou Joe, estivesse apenas muito embriagada. Havia um copo de algo âmbar em sua mão. De qualquer maneira, sua voz combinava, de certo modo, com suas feições dramáticas e com a massa de anéis lanosos castanhos, reprimidos aqui e ali por um desesperado grampo, que constituía o seu penteado. Ela deu à sua mão um aperto que partilhava das mesmas intenções ousadas de sua voz, um cumprimento de homem de negócios, seco, curto e vigoroso. E, no entanto, notou que ela estava ainda mais obviamente corada do que nunca. A pele delicada que cobria suas clavículas estava sarapintada.

— Creio que não — disse Joe. Tossiu, em parte para cobrir sua frustração, em parte para camuflar a suave réplica que acabara de lhe ser soprada pelo ponto agachado aos refletores do seu desejo e em parte porque sua garganta estava totalmente seca. Sentiu uma estranha ânsia de debruçar-se — era uma mulher pequena, o topo de

sua cabeça mal alcançava a clavícula dele — e beijá-la na boca, na frente de todo mundo, como poderia ter feito num sonho, com aquela longa descida otimista através da distância entre os dois lábios durando minutos, horas, séculos. Quão *surreal* seria aquilo? Em vez disso, enfiou a mão no bolso e tirou seus cigarros. — De alguém como você eu me lembraria, absolutamente — falou.

— Oh, meu bom Deus — disse um dos homens ao lado dela, enojado.

A jovem para quem ele estava mentindo produziu um sorriso que — Joe não sabia dizer — podia ter sido de agrado ou de espanto. Seu sorriso era um feito surpreendentemente amplo e cheio de dentes para uma boca que em repouso era compactada num beijo tão pequenino.

— Hum — disse Sammy. Ele pelo menos parecia impressionado pela suavidade de Joe.

Longman Harkoo disse:

— Esta é a nossa deixa. — Colocou o braço uma vez mais sobre o ombro de Sammy. — Vamos providenciar um drinque para você, que tal?

— Oh, não... eu não...

Sammy buscou Joe com o olhar enquanto Harkoo o afastava da roda, como se preocupado que o anfitrião fosse arrastá-lo para o prometido vulcão. Joe o viu partir com um coração frio. Então estendeu o maço de Pall Mall para Rosa. Ela puxou um cigarro e colocou-o nos lábios. Tragou fundo. Joe sentiu-se constrangido a avisar que o cigarro não estava aceso.

— Oh — disse ela. Riu alto. — Sou tão idiota.

— Rosa — ralhou um dos homens de pé ao lado dela —, você não fuma!

— Comecei há pouco — disse Rosa.

Houve um gemido abafado e então a nuvem de homens que a cercava começou a se dissolver. Ela não prestou atenção. Inclinou-se para Joe e olhou para cima, curvando sua mão ao redor da mão dele e da chama do fósforo. Seus olhos brilhavam, uma cor indeterminada entre o champanhe e o verde de um dólar. Joe sentiu-se febril e um pouco tonto e o cheiro de talco frio do Shalimar que ela exalava era como um corrimão no qual ele podia se apoiar. Tinham se aproximado muito e agora, enquanto ele tentava em vão se impedir de pensar nela deitada nua de barriga para baixo na cama de Jerry Glovsky, suas costas amplas com seu sulco escuro, a depressão aluvial da sua espinha, ela deu um passo para trás e o estudou.

— Está *seguro* de que não nos conhecemos.

— Positivamente.

— De onde é você?

— Praga.

— É tcheco.

Assentiu com a cabeça.

— Judeu?

Assentiu de novo.

— Há quanto tempo está aqui?

— Um ano — disse e então, se dando conta, com surpresa e dor —, um ano *hoje*.

— Veio com sua família?

— Sozinho — disse. — Eu os deixei lá. — Involuntariamente, passou pelo olho do seu pensamento a imagem do seu pai, ou do fantasma do seu pai, descendo a rampa de desembarque do *Rotterdam* com os braços estendidos. Lágrimas tomaram seus olhos e uma mão espectral pareceu agarrar sua garganta. Joe tossiu uma vez e espantou com a mão a fumaça do seu cigarro, como se o estivesse irritando. — Meu pai morreu recentemente.

Ela sacudiu a cabeça, parecendo triste e ultrajada e, pensou ele, inteiramente adorável. Como seu desembarço o desertara, uma natureza mais sincera lhe dava maior liberdade para se confessar junto a ela.

— Sinto realmente por você — disse ela. — Meu coração está com eles.

— Não é tão mau assim — disse Joe. — Vai dar tudo certo.

— Sabe que vamos entrar nesta guerra — declarou ela. Não corou agora. A garota festeira de voz metálica de um momento atrás, contando uma história sobre si mesma que terminava com um palavrão, parecia ter desaparecido. — Temos de entrar na guerra e vamos entrar. Roosevelt vai dar um jeito. Está trabalhando para isso agora. Não vamos deixá-los ganhar esta guerra.

— Não — disse Joe, embora as opiniões de Rosa estivessem longe de ser típicas de seus compatriotas, a maioria dos quais achava que os acontecimentos na Europa eram uma embrulhada a ser evitada a qualquer preço. — Eu acredito... — ele se viu, para sua leve surpresa, incapaz de terminar a sentença. Ela estendeu a mão e pegou no seu braço.

— O que estou dizendo é apenas, não sei. Acho que é “não se desespere” — falou. — Realmente, de verdade, sinto assim, Joe.

As palavras dela, o toque de sua mão, a pronúncia de seu curto e neutro nome americano despido de toda carga e associações familiares, inundaram Joe com uma torrente de gratidão tão poderosa que o assustou, porque parecia refletir em sua grandeza e força quão pouca esperança realmente lhe restava. Afastou-se.

— Obrigado — disse rigidamente.

Ela deixou cair a mão, desolada por tê-lo ofendido.

— Desculpe — disse de novo. Ergueu uma sobrancelha,

interrogativa, ousada e à beira, pensou ele, de reconhecê-lo. Joe desviou os olhos, seu coração saindo pela boca, pensando que se pudesse se lembrar dele e das circunstâncias do seu primeiro encontro suas chances com ela estariam arruinadas. Os olhos dela cresceram e sua garganta, suas faces, suas orelhas foram banhadas pelo sangue vivo da humilhação. Joe podia vê-la fazendo um esforço para não desviar o olhar.

Foi então que uma série de sons metálicos agudos cortaram o ar, como se alguém tivesse jogado uma chave inglesa nas pás de um gigantesco ventilador. A sala ficou em silêncio e todo mundo se pôs a escutar enquanto os duros sons de pancadas cessavam e eram seguidos por um oscilante gemido mecânico. Uma mulher gritou, seu horror musical se elevando por toda a distância desde o salão de baile no andar térreo. Todo mundo correu para a porta da biblioteca.

— Socorro! — veio um grito lá de baixo, uma voz rouca de homem. — Ele está se afogando!

Salvador Dalí estava deitado de costas no meio do chão do salão de baile dando tapas ineficazes no capacete de sua roupa de mergulhador com suas mãos enluvadas. Sua mulher estava ajoelhada ao seu lado, trabalhando ferozmente numa porca de borboleta que mantinha o capacete preso ao colarinho de latão da roupa. Um pesado torrão de ônix negro que ela usava na extremidade de uma grossa corrente de ouro badalava contra o sino do capacete de mergulho.

— *Il devient bleu* — observou ela num pânico calmo. Dois dos convidados correram para o lado de Dalí. Um deles — era o compositor, Scott — afastou as mãos da sra. Dalí e agarrou as asas de porca. Longman Harkoo, com seu corpo de barril, atravessou o salão mostrando surpreendente vigor para um homem do seu porte. Começou a pisar na lamurienta bomba de ar com a sola da sandália do pé direito.

— Está travada! Está sobrecarregada! Ora, o que é que há com esta joça!

— Ele não está recebendo oxigênio! — palpitou alguém.

— Tirem aquele capacete dele! — sugeriu outro.

— Que porra acha que estou tentando fazer? — berrou o compositor.

— Parem de gritar! — gritou Harkoo. Empurrou Scott para o lado, agarrou a porca de borboleta em seus dedos carnudos e jogou todo o seu peso e balanço num único grande giro. A porca girou. Ele sorriu. A porca girou de novo e o sorriso esmaeceu. A porca girou, girou e girou de novo, nunca se soltando; estava fundida ao parafuso.

Joe estava parado junto à porta ao lado de Rosa, observando e, quando a porca girou irremediavelmente nos dedos de seu pai, ela agarrou o braço de Joe com as duas mãos, sem parecer notar que o estava fazendo, e apertou. O apelo por ajuda implícito no gesto o emocionou e alarmou. Enfiou a mão no bolso e puxou o canivete Victorinox, presente que Thomas lhe dera no seu 17º aniversário.

— Que está fazendo? — disse ela, soltando-o.

Ele não respondeu. Caminhou rapidamente através do salão e ajoelhou-se do lado de Gala Dalí, cujas axilas cheiravam estranhamente a semente de erva-doce. Depois de se certificar de que Salvador Dalí estava realmente ficando azul, Joe abriu a lâmina do canivete que continha a chave de parafuso. Enfiou-a na fenda da

cabeça do parafuso para mantê-lo fixo. Então começou a girar a borboleta. Através da grade de arame do vidro na face do capacete seus olhos encontraram os de Dalí, esbugalhados de terror e asfixia. Uma torrente de espanhol sufocado esbarrava contra o outro lado do vidro de três centímetros de espessura. Pelo que Joe podia depreender — seu espanhol era pobre — Dalí invocava abjetamente a intercessão da Santa Mãe de Deus. O parafuso aguentou. Joe mordeu os lábios e torceu até sentir que seus dedos iam quebrar nas pontas. Houve um estalo e a porca começou a protestar e a se aquecer. Então, lentamente, cedeu. Quatorze segundos depois, com um sonoro espocar de Dom Pérignon, Joe arrancou o capacete.

Dalí deu grandes arquejos soluçados enquanto o ajudavam a sair da sua roupa. Nova York, embora lucrativa, era sob muitos aspectos um lugar perigoso para ele: na primavera de 1938 ganhara as páginas de todos os jornais ao cair através de uma vitrine da Bonwit Teller. Um copo d'água foi trazido; ele sentou-se e o esvaziou. A ponta esquerda do seu famoso bigode tinha desabado. Pediu um cigarro. Joe deu-lhe um e o acendeu com um fósforo, Dalí inalou fundo, tossiu, tirou um floco de tabaco do seu lábio. Então gesticulou com a cabeça para Joe.

— *Jeune homme, vous avez sauvé une vie de très grand valeur* — disse.

— *Je le sais bien, maître* — disse Joe.

Sentiu a mão pesada no seu ombro. Era Longman Harkoo.

Estava radiante, virtualmente dançando em suas sandálias pela virada dos acontecimentos. A quase morte de um pintor de fama mundial num acidente de mergulho, numa sala de estar do Greenwich Village, contribuía com um incontestável lustro surrealista para a festa.

— Que parada — falou.

Então a festa pareceu fechar seus dedos em volta de Joe, entesourando-o na palma de sua mão. Era um herói.^[6] As pessoas o cercaram, lançando sobre sua cabeça punhados de adjetivos hiperbólicos e reclamações grosseiras, mantendo seus rostos pálidos e ásperos diante do seu como se para colher um respingo do seu momento glorioso de sorte grande. Sammy conseguiu nadar ou acotovelar através das pessoas que davam palmadinhas e agarravam Joe e lhe deu um abraço. George Deasey trouxe-lhe um drinque que pareceu brilhante e frio como metal em sua boca. Joe acenava lentamente com a cabeça, sem falar, aceitando seus tributos e aclamações com o ar soturno e distante de um atleta vitorioso, respirando fundo. Aquilo não era nada para ele: barulho, fumaça, empurrões, uma confusão de perfumes e óleos de cabelo, um latejo de dor na mão direita. Olhou a sua volta para a sala, alçando-se nas

pontas dos pés para enxergar além dos topos brilhantizados das cabeças dos homens, perscrutando através da densa folhagem de plumas nos chapéus das mulheres, buscando por Rosa. Todo este seu desprendimento, toda esta pureza de intenções de Escapista, foram esquecidos no ardor do triunfo e numa sensação de calma muito parecida com aquela que o impregnava depois que tinha levado uma surra. Parecia-lhe que sua sorte, sua vida, todo o aparato do seu sentido individual estavam concentrados apenas na questão do que Rosa Saks pensaria dele agora.

“Ela virtualmente saltou através da sala até ele”, descreveria depois E.J. Kahn — referindo-se em sua matéria a Rosa (que só conhecia ligeiramente) como “uma encantadora donzela das artes do Village” — e então, depois que conseguiu alcançá-lo, ficou subitamente envergonhada.

— O que foi que ele disse a você? — ela queria saber. — Dalí.

— “Obrigado” — disse Joe.

— Só isso?

— Chamou-me de *jeune homme*.

— Achei que ouvi você falando em francês — disse ela, apegando-se ainda a um tremor de inegável orgulho quase maternal. Joe, vendo seu feito tão ricamente recompensado pela cor nas faces dela e no seu olhar resolutivo, ficou parado ali coçando o lado do nariz com o polegar da mão direita, embaraçado pela facilidade do seu sucesso, como um lutador que joga à lona o oponente aos 19 segundos do primeiro assalto.

— Sei quem você é — disse ela, corando de novo. — Quero dizer, eu... me lembro de você agora.

— Eu me lembro de você também — disse ele, esperando não soar devasso.

— Como é que você... eu gostaria que visse minhas pinturas — disse ela. — Se quiser, é claro. Eu tenho um... um estúdio lá em cima.

Joe hesitou. Desde a época da sua chegada à cidade de Nova York nunca se permitira falar com uma mulher por prazer. Não era coisa fácil em inglês e, de qualquer maneira, não viera aqui para flertar com garotas. Não tinha tempo para isso e, além do mais, não se sentia com direito a tais prazeres, ou aos compromissos que inevitavelmente acarretariam. Sentia — não era um sentimento articulado, mas era poderoso e, à sua maneira, um consolo para ele — que só podia justificar sua própria liberdade na medida em que a empregasse para conquistar a liberdade da família que tinha deixado para trás. Sua vida na América era uma coisa condicional, provisória, desimpedida de ligações pessoais a não ser por sua amizade e parceria com Sammy Clay.

— Eu...

Neste exato momento a atenção de Joe foi desviada pelo som de alguém, em algum lugar na sala de estar, falando em alemão. Virou-se e procurou entre os rostos e o clangor da conversação até que encontrou os lábios que estavam se movendo em sintonia com as elegantes sílabas teutônicas que ouvia. Eram lábios carnudos e sensuais, de uma maneira severa, curvados para baixo nos cantos num franzido de certo modo inteligente, um franzido de julgamento aguçado e amargo bom senso. Era um homem garboso e em forma num suéter preto de gola rulê e calças de veludo cotelê, meio sem queixo mas com uma testa alta e um grande e dignificado nariz germânico. Seus cabelos eram finos e claros e seus reluzentes olhos negros tinham um brilho travesso que contradizia a grave testa franzida. Havia um grande entusiasmo nos olhos, prazer no tema do seu discurso. Estava falando, pelo que Joe pôde ouvir, do grupo de dança negro, os Nicholas Brothers.

Joe sentiu a exultação familiar, a chama de adrenalina que queimava a dúvida e a confusão e deixava apenas um vapor de raiva puro, claro e incolor. Respirou fundo e virou as costas para o homem.

[7]

— Adoraria ver o seu trabalho — disse.

A subida da escadaria era íngreme e os degraus estreitos. Havia três andares acima do térreo e ela o levou o caminho todo até o topo. Ficava mais escuro e sinistro à medida que subiam. As paredes de cada lado da escada estavam cheias de centenas de retratos emoldurados do seu pai, cuidadosamente dispostos lado a lado como se fossem azulejos para cobrir todo centímetro do espaço existente. Em cada um deles, até onde Joe podia observar numa inspeção apressada, o retratado exibia a mesma expressão pateta de segura-peido e, se havia alguma diferença significativa entre eles, além do fato de que algumas pessoas eram mais aptas do que outras a focalizar uma lente telepaticamente, Joe era incapaz de discernir. Enquanto subiam numa escuridão cada vez maior, Joe parecia orientar-se apenas segundo a luz provocada pela ação da palma da mão dela contra seu pulso, pelo lento fluxo de voltagem através do meio condutor do suor dos dois. Tropeçava como um bêbado e ria enquanto ela o apressava. Sentia vagamente a dor em sua mão, mas a ignorava. Quando dobraram o patamar para o último andar, uma mecha dos cabelos dela se prendeu no canto da boca dele e por um instante os mastigou entre os dentes.

Ela o conduziu a um pequeno quarto no meio da casa que, estranhamente, fazia uma curva ao se encostar na torre central. Além de sua minúscula cama branca de menina, de ferro, uma pequena penteadeira e uma mesa de cabeceira, ela tinha entulhado um cavalete, um ampliador de fotos, duas estantes, uma mesa de desenho e mil e um outros itens empilhados uns sobre os outros, jogados pelo aposento e amontoados com notável esforço e abandono.

— Este é o seu *estúdio*? — perguntou Joe.

Um rubor menor agora, na ponta de suas orelhas.

— É também meu quarto de dormir — disse ela. — Mas eu não ia convidar você para subir ao meu quarto de *dormir*.

Havia algo inequivocamente exultante na confusão que Rosa tinha produzido. Seu quarto-de-dormir-estúdio era ao mesmo tempo a tela, o jornal, o museu e o monturo da sua vida. Ela não o “decorou”; ela o misturou. A certa altura, por volta das quatro horas daquela manhã, por exemplo, meio desenredada do filó de um sonho, ela estendera a mão para apanhar um toco mordiscado de um lápis liconderoga que mantinha ao lado da mesa para este propósito. Quando acordou,

pouco depois da aurora, encontrou um pedaço de papel solto na sua mão esquerda, rabiscado com a enigmática legenda “lampedusa”. Correu para o dicionário em sua estante solitária na biblioteca, onde soube que este era o nome de uma pequena ilha no mar Mediterrâneo, entre Malta e a Tunísia. Então voltou para o seu quarto, apanhou um grande percevejo com uma cabeça vermelha esmaltada de uma caixa de El Producto que guardava na sua mesa soberbamente juncada e pregou o pedaço de papel na parede leste do seu quarto, onde se sobrepunha a uma fotografia, arrancada das páginas da *Life*, do bonito filho mais velho do embaixador Joseph Kennedy, descabelado e vestindo um cardigã. O recorte juntava-se a uma reprodução de um retrato de Arthur Rimbaud aos 17 anos, sonhando com o queixo na palma da mão; o texto integral de sua única peça teatral, de um ato, influenciada por Jarry e intitulada *Homunculus Tio*; pranchas, retalhos de livros de arte, um detalhe de Bosch que mostrava uma mulher sendo perseguida por um aipo animado, da *Madonna* de Edvard Munch, de várias pinturas da fase azul de Picasso e a *Flora cósmica* de Klee; o mapa da Atlântida por Ignatius Donnelly, em traço; uma foto em cores vibrantemente grotescas, também cortesia da *Life*, de quatro joviais fatias de bacon; uma lagosta manca morta, as patas dianteiras congeladas numa atitude de protesto, bem como trezentos outros pedaços de papel comportando o vocabulário sobrenatural de seus sonhos, um léxico intrigante que incluía “grampus”, “eulagem”, “tira-vira” e algumas palavras inteiramente fictícias como “lubem” e “salactor”. Meias, blusas, saias e roupas de baixo retorcidas jaziam em meio a montanhas oscilantes de livros e discos, o chão estava coberto por trapos empapados de tinta e palhetas de papelão cromocaóticas, telas encostadas em pilhas de quatro contra as paredes. Ela descobrira o potencial surrealista da comida, a respeito do qual tinha emoções, de certo modo pioneiro, um tanto complicadas, e por toda parte havia retratos de talos de brócolis, cabeças de repolho, tangerinas, nabíças, cogumelos, beterrabas — grandes, coloridos e embriagados quadros que lembravam Robert Delaunay a Joe.

Quando entraram no quarto, Rosa foi até o fonógrafo e o ligou. Quando a agulha caiu no sulco, os chiados do disco pipocaram e estalaram como uma tora em chamas. E então o ar se encheu do sibililar festivo de violinos.

— Schubert — disse Joe, rodando nos calcanhares. — *A Truta*.

— *A Truta* é minha favorita — disse Rosa.

— Minha também.

— Cuidado.

Algo o atingiu no rosto, algo suave e vivo. Joe roçou a mão pela boca e afastou uma pequena mariposa negra. Tinha bandas transversais azul-ferrete na barriga. Ele tremeu.

Rosa disse:

— Mariposas.

— Mariposas, mais de uma?

Ela concordou com a cabeça e apontou para a cama.

Joe notou que havia um bom número de mariposas no quarto, a maioria delas pequenas, marrons, sem chamar muito a atenção, espalhadas nos cobertores da cama estreita, salpicando as paredes, dormindo nas dobras das cortinas.

— É um transtorno — disse. — Estão em todos os andares superiores da casa. Ninguém sabe ao certo por quê. Sente-se.

Ele encontrou um espaço na cama livre de mariposas e sentou-se.

— Aparentemente havia mariposas em toda a última casa também. — Ajoelhou-se à frente dele. — E na casa anterior também. Foi nela que aconteceu o assassinato. Qual é o problema com seu dedo?

— Está inchado. Aconteceu quando eu girava o parafuso.

— Parece deslocado.

Seu dedo direito estava dobrado um pouco para um lado, num esquisito gancho de parêntese.

— Me dê sua mão. Vamos, não se preocupe. Quase fui enfermeira.

Ofereceu a mão a ela, sentindo a fina mas forte autoridade de teimosa competência que era a armadura do seu estilo arteiro do Village. Ela virou sua mão para cima e para baixo, tocou delicadamente com as pontas de seus dedos as juntas e a pele.

— Não dói?

— Na verdade, dói — falou. A dor, agora que atentava para ela, era bastante aguda.

— Posso endireitar isso.

— É realmente uma enfermeira? Pensei que trabalhasse na revista *Life*.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, realmente não sou uma enfermeira — disse secamente, como se passando por cima de um incidente ou de uma emoção que preferia guardar para si mesma. — Foi apenas algo que eu... procurei. — Deu um suspiro de explicação como se cansada de sua própria história. — Eu queria ser enfermeira na Espanha. Você sabe. Na guerra. Me ofereci como voluntária. Me deram um posto num hospital dirigido pelo Colégio Americano de Médicos em Madri, mas eu... ei. — Deixou cair a mão dele. — Como é que você sabia...?

— Vi seu cartão de visitas.

— Meu... Oh. — Foi recompensado com uma nova onda de rubor.

— Sim, é um péssimo hábito — continuou ela, reassumindo sua possante voz de palco embora não houvesse nenhuma multidão para presenciar seu desempenho — deixar as coisas em quartos de homens.

Joe não estava, na frase de Sammy, embarcando em nada daquilo.

Estaria disposto a apostar não só que deixar sua bolsa no quarto de Jerry Glovsky havia mortificado Rosa Luxemburg Saks, mas que os hábitos dela não incluíam visitas regulares a dormitórios masculinos.

— Isto vai doer — ela lhe prometeu.

— Muito?

— Horrivelmente, mas só por um segundo.

— Está certo.

Ela olhou para ele, com firmeza, e lambeu seus lábios, e ele tinha acabado de notar que as íris castanho-pálidas estavam salpicadas de verde e ouro quando abruptamente ela torceu sua mão para um lado e o dedo para o outro e, dobrando seu braço sobre o cotovelo com veias instantâneas de relâmpago e fogo, recolocou a junta no lugar.

— Uau.

— Doe?

Ele sacudiu a cabeça, mas havia lágrimas rolando por seu rosto.

— Enfim — disse ela. — Eu tinha uma passagem de Nova York para Cartagena no *Bernardo*. No dia 25 de março de 1939. No dia 23 minha madrastra morreu subitamente. Meu pai ficou devastado. Adiei a viagem por uma semana. No dia 31 os falangistas tomaram Madri.

Joe lembrava-se da Queda de Madri. Acontecera duas semanas depois da queda, pouco divulgada e pouco lamentada, de Praga.

— Você ficou desapontada?

— Arrasada. — Inclinou a cabeça para um lado, como se ouvindo o eco da palavra que acabara de pronunciar. Deu à cabeça uma sacudida decisiva. Um cacho escapou do seu grampo e escorreu do lado do seu rosto. Ela afastou-o com irritação para um lado. — Quer saber de uma coisa? Honestamente, fiquei aliviada. Que covarde, hein?

— Não acho.

— Oh, sim. Eu sou. Uma grande covarde. É por isso que estou sempre me desafiando a enfrentar coisas que tenho medo de fazer.

Ele tinha uma desconfiança.

— Coisas como?

— Como trazer você aqui para o meu quarto.

Este era inquestionavelmente o momento para beijá-la. Agora era ele o covarde. Abaixou-se e começou a folhear com sua mão boa uma pilha de pinturas ao lado da cama.

— Muito bom — disse depois de um momento. As pinceladas dela pareciam apressadas e impacientes, mas seus retratos — o termo “natureza morta” não era suficiente — de produtos, comidas enlatadas e os ocasionais pés ou costeletas de carneiro eram ao mesmo tempo extravagantes, reverentes e aterrorizantes e conseguiam sugerir seus temas perfeitamente sem desperdiçar muito tempo nos detalhes. Seu traço era muito forte; era capaz de desenhar tão bem quanto ele, talvez melhor. Mas não se esforçava muito no seu trabalho. A tinta era

estriada, enodoada, cravejada de sujeira e cerdas; as margens das pinturas geralmente eram desiguais e vazias; onde ela não podia acertar, simplesmente borrava com furiosas e petulantes pinceladas. — Posso quase sentir o cheiro deles. Que assassinato?

— Hem?

— Você disse que houve um assassinato.

— Oh, sim. Caddie Horslip. Era uma *socialite* ou debutante ou... enforcaram meu tio-bisavô por isto. Moses Espinoza. Foi a grande sensação da época, lá pelos 1860, acho. — Ela notou que ainda segurava a mão dele. Largou. — Pronto. Novo em folha. Tem um cigarro?

Acendeu um para ela. Continuou ajoelhada diante dele e havia algo naquilo que o excitava. Fazia sentir-se como um soldado ferido, passando um tempo num hospital de campanha com uma bonita enfermeira americana.

— Era um lepidopterólogo, Moses — disse ela.

— Um...?

— Estudava mariposas.

— Oh.

— Anestesiou-a com éter e a matou com um alfinete. Ou pelo menos é o que meu pai diz. Provavelmente está mentindo. Fiz um livro de sonho a respeito.

— Um alfinete — disse ele. — Ui. — Sacudiu o dedo. — Está bom, eu acho. Você o consertou.

— Ora, veja só. Que tal, hein?

— Obrigado, Rosa.

— De nada, Joe. Joe. Você não é um Joe muito convincente.

— Ainda não — disse ele. Flexionou a mão, virou-a e a estudou. — Vou poder desenhar?

— Não sei, é capaz de desenhar agora?

— Não sou mau. O que é um livro de sonho?

Ela depositou o cigarro aceso sobre um disco que estava no chão e foi até a mesa.

— Gostaria de ver um?

Joe abaixou-se e pegou o cigarro, segurando-o para cima entre as pontas de seus dedos como se fosse uma banana de dinamite acesa. Tinha derretido e feito uma moessa no segundo movimento do *Octeto* de Mendelssohn.

— Aqui está um. Não consigo encontrar o de Caddie Horslip.

— Realmente? — disse ele com secura. — Por que será?

— Não seja engraçado, não é atraente num homem.

Passou o cigarro para ela e apanhou um livro grande, encadernado em pano, preto com uma lombada vermelha. Era um livro de contabilidade, inchado ao dobro da sua espessura normal, como um

livro deixado na chuva, com um monte de coisas coladas dentro dele. Quando virou a primeira página encontrou as palavras “Sonho Aeroplano #13” escritas numa letra estranha e cuidadosa como pequenos galhos esparsos.

— Numerado — disse ele. — Como uma revista em quadrinhos.

— Bem, é que são tantos. Eu perderia a conta.

“Sonho Aeroplano #13” contava a história, mais ou menos, de um sonho que Rosa teve sobre o fim do mundo. Não havia seres humanos sobreviventes além dela e se encontrara deitada num hidroavião cor-de-rosa numa ilha habitada por lêmures sensíveis. Parecia haver muito mais na história — havia uma espécie de “trilha sonora” gráfica construída em torno de imagens ligadas a Tchaikovsky e suas obras e, naturalmente, muita imagem de comida — mas este era, até onde Joe podia ver, o conteúdo. A história era contada inteiramente através de colagens, com fotos recortadas de revistas e livros. Havia imagens de compêndios de anatomia, uma musculatura ampliada da perna humana, uma explicação pictórica da peristalse. Ela tinha encontrado uma velha História da Índia e muitos dos lêmures do seu sonho-apocalipse tinham as cabeças e os olhares calmos e horizontais de príncipes e deusas hindus. Um livro de receitas com frutos do mar, rico em fotografias de crustáceos cozidos e peixes inteiros escaldados com olhares gelatinosos, fora devidamente garimpado. Às vezes ela inscrevia texto através das imagens, que não fazia nenhum sentido para ele; umas poucas páginas consistiam quase inteiramente de sua caligrafia silvosa iluminada, como se fosse, pela colagem. Havia alguns desenhos e diagramas feitos a lápis e um elaborado sistema de marginália de cartum como as criaturas encontradas vadiando pelas beiradas das páginas de livros medievais. Joe começou a ler sentado na cadeira da mesa dela, mas logo se levantou e começou a andar pelo quarto. Pisou numa mariposa sem notar.

— Isto deve levar horas — disse.

— Horas.

— Quantos já fez?

Ela apontou para uma arca ao pé de sua cama.

— Uma porção.

— É bonito. Emocionante.

Sentou-se na cama e acabou de ler e então ela lhe perguntou o que fazia. Joe se permitiu, pela primeira vez em um ano, considerar-se, sob a pressão do interesse dela por ele, um artista. Descreveu as horas que dedicara às suas capas, esmerando-se nos detalhes das flanges e dos estabilizadores de um gerador de ondas da morte, distorcendo e exagerando suas perspectivas com precisão matemática, fantasiando Sammy e Julie e os outros e tirando fotos de teste para conseguir desenhar as poses corretas, pintando exuberantes línguas de fogo que,

quando impressas, pareciam queimar a tinta brilhosa e o próprio papel da capa. Contou-lhe sobre suas experimentações com um vocabulário dos filmes, sua noção do momento emocional de um quadrinho, e o espaço de tempo infinitamente expansível e contrátil que existia entre os quadrinhos de uma página de revista. Sentado na cama cheia de mariposas de Rosa, sentiu um ressurgimento de todas as dores e inspirações daqueles dias em que sua vida girava somente em torno da Arte, quando a neve caía como as notas de piano da abertura do Concerto Imperador, e sentindo-se excitado lembrou-se de uma passagem de Nietzsche; e uma espessa massa de tinta carmesim estriada de vermelho num Velázquez, a não ser por isto, desinteressante, o deixou faminto por um pedaço de carne malpassada.

A certa altura, notou que ela olhava para ele com um estranho ar de expectativa, ou de temor, e parou.

— O que houve?

— Lampedusa — disse ela.

— O que é isto? Lampedusa?

Seus olhos se abriram enquanto aguardava, com expectativa ou temor. Acenou com a cabeça.

— Você quer dizer a ilha?

— Oh! — Ela lançou os braços em volta do seu pescoço e ele caiu de costas sobre a cama. Mariposas se espalharam. O lençol de cetim roçou sua face como uma asa de mariposa.

— Ei! — disse Joe. Então ela colou sua boca na dele e deixou-a ali, lábios abertos, sussurrando uma sentença ininteligível de livro de sonho.

— Olá? Ei! Joe, você está aí em cima?

Joe sentou-se na cama.

— Merda.

— É o seu irmão?

— Meu primo Sam. Meu sócio. Aqui, Sam — falou.

Sammy enfiou a cabeça na porta do quarto de dormir.

— Oh, olá — disse. — Nossa, me desculpem. Eu só estava...

— Ela é enfermeira — disse Joe, sentindo-se estranhamente culpado, como se tivesse traído Sammy e precisasse justificar sua presença ali. Ergueu sua mão reparada. — Ela consertou o dedo.

— Que ótimo, hã, oi. Sam Clay.

— Rosa Saks.

— Escute, Joe, eu estava... eu estava só pensando se você não queria deixar este... me desculpe, senhorita, sei que mora aqui e tudo o mais... este lugar sinistro.

Joe podia ver que algo havia perturbado Sammy.

— O que foi?

— A cozinha...

— A cozinha?

— É *preta*.

Rosa riu.

— Verdade — disse.

— Não sei. Eu só... eu só queria ir para casa, você sabe. Trabalhar naquele negócio. Oh, hã, desculpe. Esqueça. A gente se vê.

Virou-se e começou a sair. Na ausência de Joe, tinha passado por uma estranha experiência. Vagueara pelo salão de baile e por um pequeno conservatório atrás dele e entrara na cozinha da mansão, onde as paredes e o chão eram revestidos de reluzente cerâmica negra e os tampos cobertos de esmalte negro. Havia um bom número de pessoas se amontoando ali também e, esperando achar um lugar onde pudesse ficar sozinho por um momento e talvez usar o banheiro, Sam entrou numa grande copa. Ali, deu de cara com a visão insólita de dois homens, cada um usando, com a nitidez de um sonho, uma gravata e um bigode, beijando-se, os bigodes entrelaçados de uma maneira que lembrava a Sammy, por algum motivo, o jeito como sua mãe costumava enfiar o pente entre as cerdas da escova no alto de sua penteadeira quando ele era criança.

Sammy recuara rapidamente e saíra da cozinha à procura de Joe; sentiu que queria ir embora, imediatamente. Sabia a respeito de homossexualismo, claro, como uma *ideia*, sem jamais o ter ligado com a emoção humana; certamente não com nenhuma emoção sua. Nunca lhe ocorrera que dois homens, até mesmo homossexuais, podiam beijar-se daquela maneira. Presumira, ao grau de jamais se ter permitido sequer pensar a respeito, que a coisa toda devia ser uma questão de sexo oral praticado em becos escuros ou as práticas malsãs de marinheiros ingleses famintos de amor. Mas aqueles homens com as gravatas e os bigodes... beijavam-se como as pessoas se beijavam nos filmes, com detalhe e vigor e apenas uma sugestão de exibicionismo. Um sujeito tinha acariciado o rosto do outro.

Sammy remexeu no cipoal de peles e capotes pendurado em cabides no saguão de entrada até que encontrou o seu. Pôs o chapéu na cabeça e saiu. Parou e ficou zanzando no degrau superior. Seus pensamentos eram desordenados e estranhos. Estava terrivelmente enciumado; era como uma pesada pedra redonda alojada no centro do seu peito, mas não podia dizer ao certo se sentia ciúmes de Joe ou de Rosa Luxemburg Saks. Ao mesmo tempo, estava feliz por seu primo. Era maravilhoso que nesta grande cidade tivesse conseguido redescobrir um ano depois, a garota do traseiro miraculoso, talvez ela fosse capaz, como Sammy não o fora, de encontrar um jeito de desviar Joe, pelo menos um pouco, do seu evidente projeto de acertar as contas com cada alemão na cidade de Nova York, até o último. Virou-

se e olhou para o porteiro, um camarada de aparência vulgar numa jaqueta cinza sebenta encostado na porta da frente fumando um cigarro. O que perturbava tanto Sammy na cena que havia presenciado? Do que tinha medo? Por que estava fugindo?

— Esqueceu alguma coisa? — disse o porteiro.

Sammy encolheu os ombros. Virou-se e entrou de novo na casa. Sem estar inteiramente seguro do que fazia, obrigou-se a atravessar de novo o salão de baile, que estava, agora que Dalí havia abandonado sua roupa de escafandrista, cheio de pessoas felizes e confiantes que sabiam o que queriam e quem queriam, e retornou à cozinha de cerâmica preta. Um grupo de pessoas estava em volta do fogão discutindo a maneira adequada de fazer café turco, mas os dois homens na copa tinham desaparecido, sem deixar traço de sua presença. Teria imaginado toda a cena? Era tal beijo realmente possível?

— Ele é maricas? — perguntava Rosa naquele momento a Joe. Ainda estavam sentados na cama, de mãos dadas.

Joe ficou no início chocado por esta insinuação e depois subitamente não.

— Por que diria isto? — perguntou.

Ela encolheu os ombros.

— Leva jeito — disse.

— Hmm — disse Joe. — Não sei. Ele é... — encolheu os ombros — um bom menino.

— Você é um bom menino?

— Não — disse Joe.

Inclinou-se para beijá-la de novo. Bateram os dentes e isto o fez sentir estranhamente todos os ossos de sua cabeça. A língua dela era leite e sal, uma ostra na sua boca. Ela colocou as mãos sobre seus ombros e ele podia senti-la pronta para despachá-lo e, depois de um momento, ela o fez.

— Estou preocupada com ele — disse. — Parecia um pouco perdido. Você devia ir atrás dele.

— Ele vai ficar bem.

— Joe — disse ela.

— Oh. — Ela queria, assim supôs, que fosse embora. Tinham ido tão longe quanto estava preparada para ir agora. Não era o que ele esperava de uma desbocada flor da boêmia, mas tinha a impressão de que havia nela tanto mais, como menos, do que simplesmente aquilo.

— OK — disse. — Sim. Eu... eu também tenho trabalho a fazer.

— Bom — disse Rosa. — Vá trabalhar. Você me telefona?

— Posso?

— UNiversity 4-3212 — disse. — Aqui. — Levantou-se e foi até sua prancheta e rabiscou o número numa folha de papel que rasgou e

entregou a Joe.

— Faça com que a pessoa que atender o telefone, seja quem for, absolutamente *prometa* anotar o recado, porque as pessoas são terrivelmente não confiáveis aqui em casa com relação a esse tipo de coisa. Espere um minuto. — Escreveu outro número. — Este é o meu número no trabalho. Eu trabalho na *Life*, no departamento de arte. E este é o meu número na ART. Estou lá três tardes por semana e aos sábados. Devo estar lá amanhã.

— Na “Arte”?

— Agência de Resgate Transatlântico. Sou secretária voluntária lá. É uma pequena operação deste lado aqui. Sem nenhum dinheiro. Na verdade só eu e o sr. Hoffman. Oh, é um homem maravilhoso, Joe. Tem um navio, ele mesmo o comprou, e está batalhando para tirar tantas crianças judias da Europa quantas couberem no navio.

— Crianças — disse Joe.

— Sim. Quais são... existem... você tem crianças na sua família? Lá na...

— Onde fica? — disse Joe. — A ART?

Rosa escreveu um endereço na Union Square.

— Gostaria de encontrar você lá amanhã — disse Joe. — Isto seria talvez possível?

— Temos um navio — disse Hermann Hoffman. Era gorducho com covinhas, um cavanhaque bem aparado, olheiras que tinham um ar de permanência e uma peruca de cabelos negros brilhantes quase agressiva na sua patente falsidade. Seu escritório na Agência de Resgate Transatlântico dava para as árvores de um negro férreo e a folhagem ferruginosa da Union Square. Passara vinte vezes mais tempo dentro do seu terno cinza de lã penteada do que Joe, cuja economia se tornava mais draconiana à medida que sua renda crescia, com o dele. Com a precisão de alguém cortando um baralho, Hoffman tirou três cigarros de um maço ilustrado por um Pharaoh dourado e distribuiu um para Joe, um para Rosa e um para si mesmo. Suas unhas bem cortadas tinham cor de pérola e sua marca de cigarro, Thoth-Amon, importada do Egito, era excelente. Joe não podia imaginar por que um homem destes usava uma peruca que parecia ter sido encomendada da contracapa da *Radio Comics*. — Um navio, 22 mil dólares e meio milhão de crianças.

Hoffman sorriu. Era, no seu rosto, uma expressão de derrota.

Joe olhou para Rosa, que ergueu uma sobrancelha. Ela o havia advertido que Hoffman e sua agência, lutando para conseguir o impossível, operavam na perpétua beira do fracasso. A fim de evitar um coração partido, disse ela, seu chefe adotara a postura de um inveterado pessimista. Ela acenou com a cabeça, uma vez, incitando Joe a falar.

— Eu compreendo — disse Joe. — Eu sabia, naturalmente...

— É um navio muito bom — continuou Hoffman. — Chamava-se *Lioness*, mas nós o rebatizamos *Arca de Míriam*. Não é grande, mas extremamente bem mantido. Nós o compramos da Cunard, que a usava na rota Haifong-Xangai. Este é um retrato dele.

Apontou para uma fotografia arte-finalizada na parede atrás de Joe. Um vapor em bom estado, sua linha de flutuação pintada de vermelho vivo, singrava através de um mar azul-garrafa sob um céu heliotrópico. Era uma fotografia muito grande numa moldura de platina. Hermann Hoffman olhou para ela com amor.

— Foi construído originalmente para a companhia P&O em 1893. Uma boa parte do nosso investimento inicial foi para sua compra e reequipamento, que, devido a nossa ênfase em higiene e tratamento humano, acabou sendo bastante dispendioso. — Outro sorriso abjeto.

— A maior parte do restante foi para as contas bancárias e os colchões de vários oficiais e funcionários alemães. Depois de separarmos o pagamento da tripulação e da documentação, não sei, honestamente, o quanto poderemos fazer com o pouco que nos resta. Talvez nem possamos ter fundos para a passagem de metade das crianças que já selecionamos para trazer. Vai nos custar mais de mil dólares por criança.

— Eu entendo — disse Joe. — Se me permite dizer, eu... — Joe olhou para Rosa de novo. Ela havia, da noite para o dia, operado uma transformação completa em si. Joe estava espantado. Era como se tivesse decidido erradicar todo traço da garota mariposa. Usava um saia curta, meias escuras e uma blusa simples abotoada nos pulsos e no colarinho. Seus lábios estavam sem pintura e tinha puxado os cabelos em duas pregas frisadas repartidas ao meio. Colocara até óculos. Joe ficou impressionado com a mudança, mas achou a presença da garota-lagarta tranquilizadora. Se tivesse entrado nos escritórios da ART e encontrado uma retratista de legumes descabelada poderia ficar um tanto em dúvida quanto às credenciais da agência. Não estava seguro de qual das duas poses, mariposa ou lagarta, era a menos sincera, mas qualquer que fosse estava grato a ela agora.

— O sr. Kavalier tem dinheiro, sr. Hoffman — disse Rosa. — Ele pode pagar sozinho a passagem do seu irmão.

— Fico feliz pelo senhor, sr. Kavalier, mas me diga. Temos espaço no *Míriam* para 324. Nossos agentes na Europa já providenciaram o trânsito de 324 crianças alemãs, francesas, tchecas e austríacas, com uma lista de espera consideravelmente maior do que isto. Deveria uma delas ser deixada para trás para ceder lugar ao seu irmão?

— Não, senhor.

— É isso o que o senhor propõe que façamos?

— Não, senhor. — Joe ajeitou-se em sua cadeira miseravelmente. Não podia achar nada melhor para dizer a este homem do que *Não, senhor* sem cessar, como uma criança a quem expõem a sua conduta errada? O destino final de seu irmão poderia ser decidido nesta sala. E tudo dependia dele. Se ele fosse, para Hoffman, de certa forma insuficientemente... algo, a *Arca de Míriam* partiria de Portsmouth sem Thomas Kavalier. Lançou outro olhar para Rosa. Tudo bem, disse-lhe o rosto dela. Só conte a ele. Converse com ele.

— Presumo que talvez haja lugar na enfermaria — disse Joe.

Agora Hoffman lançou um olhar para Rosa.

— Bem, si-im. Na melhor das circunstâncias, talvez. Mas suponha que haja uma epidemia de sarampo ou algum tipo de acidente?

— É um menino muito pequeno — disse Joe. — Para a sua idade. Não ocuparia muito espaço.

— São *todos* pequenos, sr. Kavalier — disse Hoffman. — Se pudesse amontoar mais trezentos com segurança, eu o faria.

— Sim, mas quem... *pagaria* por eles? — interferiu Rosa. Estava ficando impaciente. Apontou o dedo para Hoffman. Joe notou uma estria de tinta cor de berinjela na palma da sua mão. — Diz que 324 foram selecionadas para o embarque, mas sabe que no momento não podemos pagar por mais do que 250 crianças.

Hoffman recuou na cadeira e olhou para ela com o que Joe esperava fosse apenas um horror fingido.

Rosa cobriu a boca.

— Desculpe — disse. — Vou ficar quieta.

Hoffman virou-se para Joe.

— Tome cuidado quando ela apontar aquele dedo para o senhor, sr. Kavalier.

— Sim, senhor.

— Ela está certa. Estamos com poucos fundos aqui. O advérbio certo, acredito, é “crônicamente”.

— É o que eu estava pensando — disse Joe. — E se eu pagasse por outra criança *além* de meu irmão?

Hoffman lançou-se para a frente, o queixo na palma da mão.

— Estou ouvindo — disse.

— É possível que eu consiga dinheiro para pagar a viagem de duas ou talvez três outras crianças.

— Verdade? — disse Hoffman. — E o que é que o senhor faz, sr. Kavalier? É algum tipo de artista, seria isso?

— Sim, senhor — disse Joe. — Trabalho com revistas em quadrinhos.

— É muito talentoso — disse Rosa, embora na noite passada houvesse admitido a Joe que nunca tinha olhado entre as capas de uma revista em quadrinhos na vida. — E muito bem pago.

Hoffman sorriu. Andara preocupado por algum tempo com a aparente ausência, na vida de sua secretária, de um companheiro masculino adequado.

— Revistas em quadrinhos — disse. — É tudo o que ouço, Super-Homem, Batman. Meu filho, Maurice, é um leitor regular — Hoffman procurou uma foto emoldurada na sua mesa e virou-a, revelando o rosto de uma versão menor de si mesmo, olheiras e tudo. — Seu *bar mitzvah* vai ser dentro de um mês.

— Congratulações — disse Joe.

— Que revista em quadrinhos você desenha? Desenha o *Super-Homem*?

— Não, mas conheço um sujeito, um jovem, que o faz. Trabalho na Empire Comics, senhor. Fazemos o Escapista. Seu filho talvez conheça também o Monitor, o Mr. Machine Gun, desenhei muitos deles. Ganho

cerca de duzentos dólares por semana. — Achou que talvez devesse ter trazido seus comprovantes de pagamentos ou qualquer outra documentação financeira. — Geralmente consigo economizar quase tudo, menos talvez uns 25 dólares.

— Céus — disse Hoffman. Olhou para Rosa, cujo rosto também traía uma boa dose de surpresa. — Estamos no ramo de trabalho errado, querida.

— É o que parece, chefe — disse ela.

— O Escapista — continuou Hoffman. — Acho que já o vi, mas não tenho certeza...

— É um artista da fuga. Um mágico profissional.

— Um mágico profissional?

— Exatamente.

— Conhece alguma coisa sobre magia?

Havia uma curiosidade aguçada na pergunta. Era mais do que uma interrogação amigável, embora Joe não pudesse imaginar a razão.

— Estudei mágica — disse Joe. — Em Praga. Estudei com Bernard Kornblum.

— Bernard Kornblum! — disse Hoffman. — Kornblum! — Sua expressão se suavizou. — Eu o vi certa vez.

— O senhor viu Kornblum? — Joe virou-se para Rosa. — Isto é impressionante.

— Estou completamente perplexa — disse Rosa. — Foi em Königsberg, senhor?

— Foi em Königsberg.

— Quando era criança.

Ele acenou com a cabeça.

— Quando era criança. Também fui mágico amador por algum tempo. Ainda pratico, de vez em quando. Ora, vamos ver. — Meneou os dedos e então enxugou as mãos num guardanapo invisível. Seu cigarro tinha desaparecido. — *Voilà*. — Rolou os olhos com as pesadas pálpebras para o teto e colheu o cigarro do pleno ar. — *Et voilà*. — O cigarro escorregou dos seus dedos e caiu no paletó, deixando um rastro de cinza na sua lapela, e depois tombou no chão. Hoffman praguejou. Empurrou a cadeira para trás, colocou a mão sobre a cabeça e, com um grunhido, abaixou-se para apanhar o cigarro. Quando sentou de novo, a urdidura da sua peruca pareceu soltar-se da trama. Cabelos negros grosseiros ficaram de pé em toda a sua cabeça, como uma pilha de aparas de ferro atraídas por um distante mas poderoso ímã. — Estou terrivelmente fora de forma, receio. — Amaciou a peruca com umas palmadinhas. — Você é bom nisso?

Kornblum desdenhava a conversa fiada como indigna do verdadeiro mestre e agora Joe se levantou, sem palavras, e tirou o paletó. Arregaçou as mangas e casualmente apresentou as mãos vazias

à inspeção de Hermann Hoffman. Tinha a noção de que estava assumindo um certo risco. Trabalho a pequena distância nunca fora o seu forte. Esperava que o indicador direito estivesse em ordem.

— Como está seu dedo? — sussurrou Rosa.

— Ótimo — disse Joe. — Posso incomodá-lo e pedir seu isqueiro? — perguntou a Hoffman. — Só preciso dele por um momento.

— Mas é claro — disse Hoffman. Passou seu isqueiro de ouro para Joe.

— E outro cigarro, receio.

Hoffman atendeu, observando Joe cuidadosamente. Joe afastou-se da mesa, colocou o cigarro nos lábios, acendeu-o e inalou fundo. Então segurou o isqueiro entre o polegar e o indicador da mão direita e soprou um longo jato azul de fumaça. O isqueiro desapareceu. Joe deu outra tragada profunda e prendeu a fumaça, beliscou o nariz e comicamente esbugalhou os olhos. O Thoth-Amon marrom desapareceu. Abriu a boca e respirou lentamente. A fumaça tinha desaparecido também.

— Desculpe — disse Joe. — Fui meio desajeitado.

— Muito bom. Onde está o isqueiro?

— Aqui está a fumaça.

Joe levantou a mão esquerda formando um punho, passou-a através do rosto e então abriu a mão como uma flor. Um nó comprimido de fumaça saiu flutuando. Joe sorriu. Então apanhou o paletó, pendurado nas costas da sua cadeira, e puxou sua própria cigarreira. Abriu-a e revelou o cigarro egípcio aconchegado dentro dela, como um ovo marrom numa caixa cheia de ovos brancos. Ainda estava queimando. Inclinou-se à frente e esfregou a ponta acesa no cinzeiro da mesa de Hoffman até que se apagou. Ao se aprumar, colocou o cigarro de novo na boca e estalou os dedos diante da ponta apagada. O isqueiro reapareceu. Produziu uma nova chama e reacendeu o cigarro.

— Ah — disse, como se estivesse entrando num banho quente, exalando.

Rosa aplaudiu.

— Como foi que fez isso? — perguntou.

— Talvez eu lhe conte um dia — disse Joe.

— Oh, não, não faça isto — disse Hoffman. — Vou lhe dizer o seguinte, sr. Kavalier. Se concordar em pagar a passagem de, digamos, duas crianças, além do seu irmão, então começaremos a trabalhar no caso dele e fazer o que pudermos para colocá-lo a bordo do *Míriam*.

— Obrigado, senhor. — Joe virou-se para Rosa. Uma vez mais ela parecia toda negócios. Acenou com a cabeça. Ele tinha se saído bem. — Isto é muito...

— Mas antes tenho um favor a lhe pedir.

— O que é? Qualquer coisa.

Hoffman indicou com a cabeça o retrato de Maurice.

— Se eu fosse um homem rico, sr. Kavalier, financiaria toda esta empreitada com o meu dinheiro. Mas, do jeito que estão as coisas, todo centavo que sobra vai para a agência. Não estou seguro se sabe disto, ou como era em Praga, mas aqui em Nova York *bar mitzvahs* não são baratos. No círculo em que eu e minha mulher vivemos, podem ser muito luxuosos. É deplorável, mas é assim. Um fotógrafo, os comes e bebes, o salão de festas do Hotel Trevi. Está me custando os olhos da cara.

Joe acenou com a cabeça lentamente e olhou para Rosa. Será que Hoffman estava realmente lhe pedindo que ajudasse a pagar pela recepção do seu filho?

— Tem alguma ideia — disse Hoffman — de quanto me custaria para contratar um mágico? — Um cigarro apareceu entre os dedos de sua mão direita. Ainda estava, Joe notou, queimando. Era aquele que caíra ao chão poucos minutos antes. Joe estava certo de que vira Hoffman apanhá-lo e jogá-lo no cinzeiro. Pensando melhor não tinha tanta certeza assim. — Eu me pergunto se pensaria na possibilidade de inventar algo?

— Eu... ficarei feliz em comparecer.

— Excelente — disse Hoffman.

Saíram do seu escritório. Rosa fechou a porta e sorriu para ele, seus olhos bem abertos.

— Que tal, então?

— Obrigado — falou. — Muito obrigado, Rosa.

— Vou abrir uma ficha para ele agora. — Ela caminhou até sua escrivaninha, sentou-se, apanhou um formulário impresso de uma bandeja sobre a mesa. — Diga-me como se escreve o sobrenome. Kavalier.

— Com K.

— Kavalier com K. Thomas. É com h ou...?

— Com um h. Quero sair com você — disse ele. — Quero levar você para jantar.

— Eu gostaria disto — falou sem erguer os olhos. — Nome do meio?

Quando saiu à rua de novo, o céu brilhava como um níquel e o ar estava cheio do aroma de avelãs cobertas de açúcar. Comprou um saco e sentiu o seu calor no bolso lateral do terno de 12 dólares. Atravessou a rua até a praça. Thomas estava vindo para a América! Tinha um encontro para o jantar!

Atravessando o parque, viu-se pensando intrigado sobre o truque do cigarro de Hoffman. Onde escondera o receptáculo do qual tirara o cigarro aceso? Que tipo de receptáculo podia conservar um cigarro queimando por tanto tempo? Estava na metade da praça quando achou a resposta — a peruca.

Assim que passou a estátua de George Washington, notou um pequeno grupo de pessoas à frente, reunido em volta de um dos longos bancos verdes à sua direita. Joe, supondo que alguém no banco do parque devia estar distribuindo fatias do último preparo tenebroso dos campos de batalha e das capitais da Europa, colheu uma avelã do saco, jogou-a ao ar, lançou a cabeça para trás, engoliu o confeito e continuou caminhando. Ao passar pelo pequeno nó de pessoas que murmuravam, no entanto, viu que todas pareciam estar olhando, não para o banco, mas para uma árvore, o alto e esguio bordo que se erguia atrás do banco, numa enredada gaiola de ferro. Algumas das pessoas, viu, sorriam. Uma mulher mais velha num casaco de lã xadrez deu um pequeno passo dançante para trás, a mão sobre o peito, rindo embaraçada diante do seu alarme. Deve ser, pensou Joe, algum tipo de animal na árvore, um camundongo, um macaco ou um lagarto fugido do Zoo do Central Park. Aproximou-se do banco e quando ninguém o deixou avançar, pôs-se na ponta dos pés para enxergar.

Um fato surpreendente no mágico Bernard Kornblum, lembrou Joe, é que ele acreditava em mágica. Não a chamada magia de velas, pentagramas e asas de morcego. Não as simpatias de cozinha das vovós eslavas com seus herbários e raspas de unha do dedinho do pé de uma virgem cega amarrada num saco de pele de bode. Nem acreditava em astrologia, teosofia, quiromancia, varinhas de rbdomantes, sessões espíritas, estátuas que choram, lobisomens, maravilhas ou milagres. Tudo isso Kornblum considerava uma impostura muito mais diferente — e muito mais destrutiva — do que o tipo de ilusão que praticava, cujo sucesso, afinal, aumentava na proporção direta da conscientização do público de que, apesar de toda

a vigilância que pudesse exercer, estava sendo enganado. O que enfeitiçava Bernard Kornblum, ao contrário, era a mágica impessoal da vida, quando lia numa revista sobre um peixe capaz de se camuflar em sete variedades diferentes do fundo do mar, ou quando aprendia num cinejornal que cientistas haviam descoberto que uma estrela agonizante tinha emitido um comprimento de onda cujo valor em megaciclos se aproximava de π . No domínio dos afazeres humanos esse tipo de encantamento era frequentemente, embora nem sempre, um negócio mais triste — às vezes bonito, às vezes cruel. Aqui as ferramentas do ofício eram ironias, coincidências, e os únicos verdadeiros portentos: aqueles que se revelavam, inequívocos e impossíveis de ignorar, em retrospecto.

Havia, no delgado tronco da jovem árvore em sua gaiola na Union Square uma enorme mariposa. Estava pousada, batendo as asas com um certo langor como uma dama se abanando com um leque, verde iridescente com um subtom amarelado, grande como as garras de seda daquela dama. Suas asas estavam estendidas e quando, vez por outra, pulsavam, a mulher do casaco xadrez guinchava, para o divertimento dos outros ali reunidos, e pulava para trás.

— O que é esta mariposa? — perguntou Joe ao homem ao seu lado.

— Um sujeito aqui diz que se chama luna.

O homem balançou a cabeça para um camarada entroncado com ar de banqueiro num chapéu tirolês com uma pluma verde-mariposa, postado mais perto de árvore e da mariposa do que todo mundo.

— Está certo — falou o homem entroncado com uma voz estranhamente melancólica. — Uma mariposa luna. A gente via de tempos em tempos quando eu era criança. No parque Mount Morris. — Estendeu sua mão rechonchuda, na sua luva amarela de couro de porco, em direção do pulsante coração nostálgico da lembrança de sua infância.

— Rosa — disse Joe num murmúrio. Então, num tropo ambíguo de esperança, a mariposa luna alçou voo com um farfalhar audível, lançou-se para cima no céu aberto e seguiu em zigue-zague na direção aproximada do Edifício Flatiron.

Tanto se escreveu sobre as luzes brilhantes e os salões de baile em Empire City — aquela cidade deslumbrante! — sobre seus clubes noturnos e antros de jazz, suas avenidas de néon, seus hotéis arrogantes, seus jardins de chá suspensos em coberturas e iluminados no verão por lanternas de papel. Nesta tarde fria de outono, porém, nosso destino é um lugar bem distante das buzinas e do barulho. Esta noite vamos descer, sob a terra, para uma sala que fica muito abaixo dos saltos altos e das britadeiras, mais abaixo do que os ratos e os lendários crocodilos, mais abaixo que os ossos dos algonquinos e de lobos medonhos — ao Escritório 99, um cubículo pequeno e limpo, sem ar e branco, no final de um corredor no terceiro subsolo da Biblioteca Pública de Empire City. Aqui, numa mesa que fica mais fundo no subsolo até do que os trilhos do metrô, está sentada a srta. Judy Dark, Catalogadora Subassistente dos Volumes Não Autorizados. O nome numa placa sobre sua mesa assim a identifica. É uma coisa magra e pálida vestindo um conjunto cinza simples e a vida está claramente passando ao largo dela. Duas vezes por semana um homem com uma pele da cor de jornal cozido vem ao seu escritório para carregar num carrinho os livros que ela pronunciou oficialmente mortos. A cada dez minutos, mais ou menos, suas paredes são sacudidas pelo trovão do trem que passa correndo acima a caminho do alto da cidade.

Neste entardecer de outono particular, apenas a perspectiva de mais uma noite solitária está à sua frente. Vai fritar sua costeleta e ler até dormir, sem dúvida uma história de magia e romance. Então, em sonhos que até a ela parecem banais, a srta. Dark vai enfrentar aventuras de cota de malha e seda. Amanhã de manhã vai acordar sozinha e começar tudo de novo.

Pobre Judy Dark! Pobres pequenas bibliotecárias de todo o mundo, aquelas garotas, secretamente adoráveis, com sua beleza estragada para sempre pela crueldade de um par de grandes óculos negros!

Judy coloca suas coisas na sacola e apaga a luz, sem esquecer de apanhar o guarda-chuva do cabide. Ela é uma espécie de guarda-chuva humano, enrolado, com a tira que a prende bem apertada. Caminha ao longo do corredor e acidentalmente pisa numa enorme poça; sempre que chove, o Subsolo 3 começa a vazar. Seus pés estão encharcados até os tornozelos. Sapatos rangendo, entra no elevador.

Como um mergulhador, alça-se lentamente à superfície da cidade. Colocando o colarinho para cima, dirige-se à porta de entrada da biblioteca. Esta noite, como toda noite, é a última a sair.

Há um policial na porta da frente. Está ali para proteger o livro.

— Boa noite, senhorita — diz o policial ao abrir a pesada porta de bronze para ela. É um sujeito de ombros largos e queixo avantajado com um brilho no olhar porque os sapatos dela estão guinchando.

— Boa noite.

A srta. Dark está mortificada pelo som dos seus pés.

— Meu nome é O'Hara. — Tem cabelos espessos e brilhantes, lustrosos como um esguicho de tinta negra.

— Judy Dark.

— Bem, srta. Dark. Só tenho uma pergunta.

— Sim, agente O'Hara.

— O que é preciso para arrancar um sorriso da senhorita?

Uma dúzia de réplicas espertas chegam aos seus lábios, mas ela não diz nada. Tenta com fervor franzir os lábios, mas para seu espanto não consegue se impedir de sorrir. O'Hara tira partido de sua confusão para prendê-la ali conversando por mais uns momentos.

— Teve oportunidade de ver o livro em toda aquela confusão hoje, srta. Dark? Gostaria que eu lhe mostrasse?

— Vi o livro — diz ela.

— E o que achou?

— É adorável.

— *Adorável* — tenta ele. — E é, agora?

Ela acena com a cabeça, sem o encarar, e sai para a noite. Está chovendo, naturalmente. O guarda-chuva faz agora o que sua dona jamais conseguiu fazer e a srta. Dark vai para casa. Frita sua costeleta de vitela e liga o rádio. Come o seu jantar e se indaga por que mentiu para o policial. Não foi, na verdade, ver o Livro de Lo, embora esteja morrendo para vê-lo. Pretendia ir na hora do almoço, mas a multidão ao redor da caixa de vidro que o protege era muito grande. Fica pensando no que o livro é, se não adorável.

O Livro de Lo era o livro sagrado dos misteriosos cimérios. No ano passado — como foi amplamente noticiado na época — este texto lendário, há muito dado como perdido, apareceu na sala dos fundos de uma velha adega de vinhos na parte baixa da cidade. É o livro mais velho do mundo, trezentas páginas antigas, numa caixa de couro incrustada com rubis, diamantes e esmeraldas, dedicado às estranhas particularidades da cultura da grande deusa mariposa dos cimérios, Lo. Hoje, foi colocado à mostra no grande salão de exposições da Biblioteca Pública, protegido por vidro à prova de bala. Metade da cidade, ao que parece, veio dar uma olhada. A srta. Dark, expulsa pela multidão que se acotovelava, voltou ao Escritório 99 sem ter tido

sequer um vislumbre do livro e foi comer seu lanche na sua mesa. Agora, erguendo os olhos do prato vazio para as paredes do seu apartamento, sente uma pontada íntima de arrependimento. Deveria ter aceitado a oferta do policial. Talvez, pensa, ainda não seja tarde demais. Coloca chapéu, casaco e um par de sapatos secos e sai de novo para a noite. Vai dizer ao policial O'Hara, quando chegar lá, que tem um trabalho que se esqueceu de fazer.

Mas quando chega lá, o policial O'Hara parece ter abandonado seu posto e, o que é mais, deixado a porta da frente aberta. Curiosa, e vagamente aborrecida — suponham que alguém tentasse realmente roubar o Livro de Lo? — ela caminha até a sala de exposições. Ali, no vasto espaço de mármore negro do piso, homens com máscaras negras estão de pé ao redor do corpo caído do policial O'Hara. A srta. Dark se esconde atrás de uma conveniente tapeçaria. Arrepiam-se de horror enquanto os homens — um trio simiesco em suéteres de estivador e bonés de jornaleiro — usam um abridor de lata com ponta de diamante para cortar a tampa da caixa de vidro e assim subtrair o livro de Empire City. Apressadamente, enfiam o livro num saco. Agora: e o que fazer com O'Hara? Um dos ladrões sabe ao certo, diz ele, que o policial o reconheceu; ele e O'Hara cresceram no mesmo quarteirão, em tempos idos. Talvez fosse melhor apagar o pobre idiota.

Isto é demais para a Catalogadora Subassistente dos Volumes Não Autorizados. Ela invade correndo o salão cheio de ecos com um vago plano de assustar ou, pelo menos, distrair os homens do seu trabalho maligno. Ou talvez possa afastá-los chamando atenção sobre si mesma. Tirando vantagem da confusão momentânea criada por sua aparição e por seu grito de “NÃO!!!”, ela arranca o saco com o sagrado Livro de Lo e corre para fora da galeria. Os ladrões, tendo recuperado sua presença de espírito, saem agora à sua caça, sacando as armas, com palavrões saindo de seus lábios em loucas torrentes de marcas de impressor e pontuação avulsa.

A srta. Dark, aterrorizada, mas não a ponto de se impedir de alimentar o pensamento irônico de que pela primeira vez em sua vida sabe o que é ter homens correndo atrás dela, dirige-se para o lugar mais seguro que conhece: seu organizado e quadrado buraco debaixo da terra. Não pode se dar ao luxo de esperar o elevador. Ao descer correndo, cabeça para baixo, as escadas de incêndio, é tomada pela estranha sensação de que o Livro de Lo começou a pulsar com vida entre seus braços; mas não, é apenas a reverberação de seu próprio coração que bate.

Eles a apanham no longo corredor do Subsolo 3. Ela vira, uma arma brilha e então brota uma flor branca brilhante. Mas o tiro, naquele corredor escuro e abarrotado, sai a esmo. Ricocheteia,

costurando uma caótica trama de trilhas de velocidade ao longo do corredor antes de se alojar, finalmente, na carne de um conduto no teto. O cano se parte ao meio e do seu interior salta uma linha de eletricidade viva, como uma cobra caindo de uma árvore sobre um leitãozinho. Pousa na mesma poça d'água que havia anteriormente arruinado os sapatos da srta. Dark. Agora muitos watts de força viajam através de seu corpo delgado e do circuito de joias e fios de ouro da caixa de couro do Livro de Lo. Um relâmpago deixa tudo branco, exceto o esqueleto negro em roentgen da srta. Judy Dark, e ela solta o grito não muito apropriado para uma dama de "IE-UUW!"

— Belo tiro — diz um dos ladrões. Eles tiram o livro dos braços inertes da jovem e saem com ele para o mundo da superfície, deixando a srta. Judy Dark como morta.

E é o que ela bem pode estar. Ela voa, os cabelos escorrendo, para o alto através de uma coluna em espiral de fumaça e luz. A primeira coisa que notamos nela talvez não seja, surpreendentemente, que parece estar voando nua, as zonas de sua modéstia habilmente veladas pelos rolos da hélice astral. Não, o que notamos primeiro é que parece ter crescido nela um imenso par de asas de mariposa em forma de cauda de andorinha. São de um branco-esverdeado pálido e têm uma qualidade translúcida; poderiam até, como o aeroplano da Mulher-Maravilha, ser visivelmente invisíveis e ao mesmo tempo espectrais e sólidas. E em volta dela, fora das colunas subindo infinitamente em espiral, a realidade se dissolve em paisagens de sonho e desenfreados prodígios geométricos. Tabuleiros de xadrez se dissolvem, parábolas se contorcem em asteriscos, estarias e cata-ventos. Misteriosos hieróglifos desfilam como fagulhas de fogos de artifício. A srta. Dark, suas grandes asas fantasmas drapejando em cadência, aceita tudo estranhamente como normal — pois, morta ou viva, não se discute que Judy Dark, o guarda-chuva humano, finalmente, se abriu para os céus.

Finalmente, na distância incomensurável e atemporal, ela divisa algo com a aparência de solidez, uma nódoa de cinza pétreo, oscilante. Ao chegar mais perto, tem um vislumbre de prata, uma fileira fantasmagórica de ciprestes, a base e as colunas de um templo, esculpido toscamente, piramidal, ao mesmo tempo druídico e babilônio, e ainda lembrando vagamente a grande instituição em cujos intestinos ela passou há tanto tempo seus dias sonhando. A imagem cresce e então a espiral se desdobra em torno dela e a deposita, vestida agora somente no abraço das suas asas, no umbral do templo. As grandes portas, fundidas em prata sólida e ornamentadas com luas crescentes, rangem ao se abrir lentamente para dentro ao recebê-la. Com uma olhada final para a crisálida despedaçada de sua velha vida, ela pisa através do portal e se encaminha para uma câmara alta. Ali,

numa estranha atmosfera radiante iluminada pelas caudas de milhares de vaga-lumes se contorcendo, está sentada num trono bárbaro uma gigante de cabelos negros como o corvo com imensas asas verdes, antenas sensualmente cobertas de pelos e uma expressão penetrante. Ela é, obviamente, a deusa mariposa ciméria, Lo. Sabemos isto antes que abra sua boca da cor do fruto da sorveira-brava.

— Você? — diz a deusa, suas antenas murchando em evidente surpresa. — Foi *you* que o livro escolheu? Você vai ser a próxima Senhora da Noite?

A srta. Dark — envolta agora discretamente em coleantes tufo de névoa de gelo seco — admite que parece improvável. Só agora notamos, talvez pela primeira vez, que nossa Judy não está mais usando óculos. Seus cabelos sem grampos ficam soltos ao redor do seu rosto num abandono que lembra Linda Darnell. E subitamente a ideia de ser ela a Senhora da Noite — seja lá o que isso representa — é menos difícil de engolir.

— Saiba que antes que a minha terra natal, a Ciméria, fosse mergulhada na escuridão eterna — explica a deusa —, era governada por mulheres. — Ah, ela se lembra, seu rosto sonhado, seus olhos úmidos, e era um paraíso! Todos eram felizes no Reino da Rainha da Ciméria, pacífico, satisfeito — os homens em particular. Então um descontente de coração maldoso, Nanok, se aperfeiçoou nas artes do derramamento de sangue e da magia negra e se instalou num trono de obsidiana. Mandou seus exércitos de demônios para batalhar contra os cimérios amantes da paz; o resultado já era previsto. Os homens se apoderaram do mundo, Lo foi banida para o reino dos mortos e o Reinado da Rainha da Ciméria mergulhou em sua lendária noite perpétua. — E assim que a Ciméria caiu na escuridão total — diz Lo — os homens vêm fazendo uma embrulhada do mundo. Guerra, fome, escravidão. As coisas pioraram tanto que depois de algum tempo me senti obrigada a enviar socorro. Uma heroína, saída da terra da escuridão, para voar na escuridão mas sempre em busca da luz. Uma *mulher guerreira* com poder suficiente para ajudar a endireitar os muitos erros do mundo.

Infelizmente, continua a deusa, seu poder não é o que costumava ser. Ela só é capaz de convocar uma única Senhora da Noite de cada vez. A encarnação anterior tendo finalmente, depois de mil anos, envelhecido demais, a deusa mariposa colocou em campo o seu livro sagrado para encontrar uma nova garota merecedora de envergar as feiticeiras asas verdes da grande mariposa luna.

— Confesso que tinha em mente alguém um pouco mais... vigorosa — diz Lo. — Mas acho que você vai ter de servir agora. Siga em frente. — Acena com sua mão esguia e desenha o contorno de uma lua no ar entre ela e Judy. — Volte ao domínio real para atuar na noite

em que o Mal sempre está à espreita. Você agora possui todo o poder místico da antiga Ciméria.

— Se a senhora diz isso — fala Judy. — Mas, bem...

— Sim? O que é?

— Acho realmente que preciso de algumas *roupas*.

A deusa, uma velha garota séria, não pôde reprimir um leve e pálido sorriso.

— Você vai descobrir, Judy Dark, que só precisa imaginar uma coisa para que ela se concretize.

— Puxa!

— Tome cuidado... não existe força mais poderosa do que aquela da imaginação desenfreada.

— Sim. Quero dizer, sim, senhora.

— Geralmente as garotas partem para algo com botas. Não sei por quê. — Encolhe os ombros e então abre a ampla envergadura de suas asas. — Agora vá e lembre-se, se um dia precisar de mim, é só me procurar nos seus sonhos.

Mundos e éons depois, num cortiço decrepito ao longo do rio, dois dos ladrões trabalham com cinzel e pinças nas gemas da caixa do livro antigo. Numa cadeira a um canto, amarrado e amordaçado, o policial O'Hara está curvado numa cadeira. Ainda chove, o ar está frio e o terceiro ladrão tenta iniciar um fogo num velho fogão bojudo negro.

— Aqui — diz o primeiro bandido, estendendo a mão para arrancar um maço de páginas do Livro de Lo. — Aposto que essa velharia vai queimar muito bem.

Ouve-se um farfalhar de seda, como um ondulante vestido de baile ou um imenso e suave par de asas. Eles erguem o olhar e veem uma sombra gigante entrar pela janela.

— É um morcego! — diz um ladrão.

— É um pássaro! — diz outro.

— É uma *mulher*! — diz o terceiro, que não é tolo, começando a correr para a porta.

A mulher os encara, os olhos faiscando. A roupa que imaginou para si é verde iridescente, parte Viúva Alegre, parte Norman Bel Geddes, enfeitada com barbatanas, ventoinhas e rendilhada, com evidente complexidade, na frente. A metade inferior do corpo, com sua malha verde justa, mal é coberta por uma mera sugestão de saia, seus doze quilômetros de pernas são envoltos em meia arrastão preta e os saltos de suas botas que sobem aos tornozelos são vertiginosamente altos. Usa um capuz púrpura, encimado por um par de antenas de luxuriante pelugem, que cobre seus olhos e nariz, mas deixa seus cachos negros livres para caírem em volta dos ombros nus. E de suas costas vicejam, não mais fantasmagóricas, mas verdes como folhas, duas asas de mariposa em rabo de andorinha, cada uma cravejada

com um brilhante olho cego.

— É isso mesmo, seu rato — grita ao homem que se dirige para a porta. — Corra!

Estende o braço. Uma luz verde brilhante jorra de seus dedos alongados e alcança o ladrão antes que consiga alcançar a porta. Ouve-se um desagradável estalido, um quebrar de galhos e pinhas, enquanto todo um esqueleto de ossos humanos é comprimido rapidamente numa pele reduzida; então silêncio; e depois um minúsculo e fino guincho.

— Santos gatos! — diz a mulher-mariposa.

— Ela transformou Louie num rato! — grita o primeiro ladrão. Agora ele está correndo também.

— Congele!

Luzes verdes são de novo disparadas e com um som de esmagamento ainda mais nauseante os átomos e fibras do corpo do ladrão são redistribuídos e simplificados em frios cristais azuis de gelo. Ele fica brilhando como um homem de diamante. Os cantos de seu chapéu de feltro cintilam.

— Upa! — resmunga a mulher mariposa. — Meu Deus!

— Que tipo de boneca é você? — pergunta o ladrão que sobrou. — O que está tentando fazer com a gente?

— Só quero dar uma esquentada em vocês, garotão — diz ela e imediatamente o homem explode em chamas de tal intensidade que seu cúmplice é derretido numa pequena poça no chão. O camundongo, sua cauda chiando e fumegando, mergulha em busca de segurança na tábua mais próxima.

— Acho que ainda tenho um pouco a aprender — cisma a recém-nomeada Senhora da Noite. Ela desamarra o policial que começou, em toda aquela agitação, a reviver. Abre seus olhos a tempo de ver uma mulher sumariamente vestida com enormes asas verdes saltar para o céu. Por algum tempo depois disso, ele vai dizer a si mesmo, e meio acreditar nisso, que o que viu foi a última aparição de um sonho evanescente. Só quando chega em casa e vai examinar sua bela cara surrada no espelho é que encontra, na sua face, a marca da borboleta vermelha dos lábios dela.

Deasey, como já esperavam, objetou à última degenerescência de Kavalier & Clay.

— Não posso permitir que isto aconteça ao meu país — falou. — As coisas já estão ruins o bastante.

Sammy e Joe não foram apanhados de surpresa.

— Ela não está mostrando nada que qualquer garoto não possa ver na praia Jones — foi o bordão que haviam ensaiado. Sammy o proferiu.

Joe disse:

— Que nem na praia Jones. — Nunca estivera na praia Jones.

Era uma manhã sombria e, como de costume no tempo frio, Deasey estava espalhado no chão como uma velha pele de urso. Ergueu-se cuidadosamente para se pôr sentado, seu porte considerável deslocando-se audivelmente nas juntas artríticas.

— Deixem-me dar outra olhada — falou.

Sammy passou-lhe a folha de cartolina com o desenho da personagem Mariposa Luna, “o primeiro objeto sexual”, na frase memorável de Jules Feiffer, “criado exclusivamente para o consumo dos meninos”. Era o pôster de uma pin-up. Uma mulher com as pernas de Dolores Del Rio, cabelos negros de feiticeira e seios cada um do tamanho da sua cabeça. Seu rosto era longo, o queixo pontudo e a boca um hífen vermelho vivo recurvado para baixo num canto num sorriso atrevido. O par de antenas peludas pendia em ângulos caprichosos, como se saboreando o desejo do leitor.

O palito de ouro foi agitado para cima e para baixo.

— Seu costureiro esforço desperdiçado, sr. Kavalier, minhas condolências.

— Obrigado.

— Isto quer dizer que podia ser um sucesso — falou Sammy.

— É muito difícil fracassar com pornografia — disse Deasey. Olhou além do rio para a sequência de morros marrons de Nova Jersey e permitiu-se lembrar uma tarde de inverno 12 anos antes, numa varanda fresca e ensolarada com vista para Puerto Concepción e o mar de Cortez, quando havia se sentado diante das teclas da sua Royal portátil e começara a trabalhar num grande e trágico romance sobre o amor entre dois irmãos e uma mulher que morreu. Embora o romance estivesse abandonado há muito tempo, a máquina de escrever ainda

agora repousava sobre sua mesa, a página 232 de *A morte veste um sarongue negro* enrolada em volta do cilindro. Certamente, achava Deasey, aquela *fonda*, aquela varanda, aquele céu de partir o coração, aquele romance... ainda estavam lá, à sua espera. Era só voltar para lá.

— Sr. Deasey? — disse Joe.

Deasey deixou de olhar a vastidão de céu cor de arenito e de paliçada ferruginosa e voltou para a sua mesa. Apanhou o telefone.

— Que se foda — disse. — Vamos deixar a decisão com Anapol. Tenho a impressão de que eles talvez estejam à procura de um novo tipo de personagem, de qualquer maneira.

— Por que isso? — perguntou Sammy.

Deasey olhou para Sammy e então para Joe. Havia algo que queria lhes contar.

— Por que o quê?

— Por que Shelly e Jack estariam procurando um novo tipo de personagem?

— Eu nunca falei isto. Vamos chamá-los. Dê-me o sr. Anapol — disse ao fone.

— E quanto a Ashkenazy? — perguntou Joe. — O que é que vai dizer?

Deasey falou:

— Vocês têm seriamente alguma dúvida?

— Bunito — suspirou Ashkenazy. — Olhe só para estas... estas...

— São chamadas de buzinas — disse Anapol.

— *Olhe só para elas!* Qual de vocês inventou isto? — disse Ashkenazy. Olhou para Joe com um olho enquanto mantinha o outro sobre a Mariposa Luna. A prosperidade trouxera uma inteira panóplia de novos ternos, em listras, xadrez, espinha-de-peixe, três peças com axadrezados malucos, em cores que cobriam diferentes variedades de abóbora, de marrom a verde italiano. Os tecidos eram ricas lãs e cashmeres, os cortes joviais e largos, e agora ele não parecia mais um informante de barbadadas no Jockey, com seu toco de charuto mordido e os polegares no colete. Agora parecia um gângster bem-sucedido com uma corrida arranjada no terceiro páreo em Belmont. — Aposto que foi você, Kavalier.

Joe olhou para Sammy.

— Nós a fizemos juntos — disse. — Sammy e eu. Principalmente Sammy. Eu só falei alguma coisa sobre uma mariposa.

— Ora, vamos lá, não seja modesto, Joe — disse Sammy, adiantando-se para dar uma palmadinha no ombro do primo. — Foi ele quem criou quase toda a coisa.

A prática da mágica, que Joe havia reiniciado diante do espelho no quarto de dormir de Jerry Glovsky, imediatamente depois que conheceu Hermann Hoffman, também parecia ter desempenhado um papel no parto da personagem. Era verdade, porém, que Sammy vinha há algum tempo correndo atrás de uma superpersonagem feminina. A adição de sexo ao conceito do herói fantasiado foi natural e, além de uns poucos esforços menores de outras companhias — a Feiticeira de Zoom, a Mulher de Vermelho — ainda precisava ser burilada. Sammy vinha brincando com ideias de uma mulher-gato, uma mulher-pássaro, uma amazona mitológica (todas elas tentadas em breve em outras empresas) e uma dama pugilista chamada Kid Vixen, quando Joe propôs seu tributo secreto à garota de Greenwich Village. A ideia de uma mulher-mariposa foi também, a sua maneira, uma evolução natural. A National tinha outro imenso sucesso em suas mãos com o Batman em *Detective Comics* e a atração de uma personagem noturna, que deriva seu poder da luz da lua, era evidente.

— Não sei — disse Shelly Anapol. — Me deixa um pouco nervoso.

— Tirou das mãos do sócio e segurou com as pontas dos dedos a

pintura da Mariposa Luna, na qual Joe havia injetado toda a esperança e o desejo que Rosa, em pessoa uma criatura bem menos volumosa, tinham despertado nele — trabalhara a maior parte do tempo com uma ereção. Anapol afastou para o lado uma carta que estava aberta sobre o mata-borrão da sua mesa e colocou a pintura ali, como se estivesse extremamente quente ou houvesse sido banhada em ácido carbólico. — Estes seios são muito grandes, rapazes.

— Sabemos disto, sr. Anapol — disse Sammy.

— Mas uma mariposa, não sei, não é um inseto popular. Por que não pode ser uma borboleta? Devem existir alguns bons nomes para ela. Vermelha, hum, o quê? Ponto Vermelho... Asa Azul... Pérola... não sei.

— Não pode ser uma *borboleta* — disse Sammy. — É a Senhora da Noite.

— Não sei... e com esses peitos. Já estou recebendo cinquenta cartas por semana de padres e pastores. Um rabino de Schenectady. Mariposa Luna. Mariposa Luna.

O ar de náusea incipiente tomara conta dos seus olhos e da mandíbula frouxa. Iam fazer um monte de dinheiro com isto.

— George, você acha que esta é uma boa ideia?

— Oh, é bobagem, sr. Anapol — disse Deasey vivamente. — Extremamente pura.

Anapol concordou com um gesto de cabeça.

— Ainda não errou uma só vez — disse. Pegou a carta que tinha posto de lado, passou os olhos rapidamente por ela e a virou de cabeça para baixo. — Jack?

— Ninguém tem nada igual a isto — disse Ashkenazy.

Anapol virou-se para Sammy.

— Está resolvido então. Chamem Pantaleone, os Glovskys, quem vocês precisarem para completar o resto da revista. Que diabo, vamos fazer uma revista inteira de garotas. Talvez a pudéssemos chamar de *Só Garotas*. Hein? Hein? *Só Garotas*. Isto é novo. Não é novo?

— Nunca ouvi nada parecido.

— Deixe que *eles* venham a nós desta vez. Sim, ótimo, traga os garotos para cá, George, e que comecem logo isto. Quero algo pronto na segunda-feira.

— Lá vamos nós de novo — disse Sammy. — Só tem uma coisa, sr. Anapol.

Ashkenazy e Anapol olharam para ele. Dava para ver que sabiam o que estava a caminho. Sammy olhou para Deasey, lembrando o discurso que o editor fizera na noite de sexta-feira, esperando encontrar algum encorajamento. Deasey observava atento, seu rosto sem expressão mas pálido, a cabeça orvalhada de perspiração.

— Hum — disse Anapol. — Aí vem.

— Queremos participar do programa de rádio do Escapista, número um.

— Número *um*?

— Número dois, que concorde que esta personagem, a Mariposa Luna, é metade nossa. Cinquenta por cento para a Empire Comics, cinquenta por cento para Kavalier & Clay. Ficamos com metade do merchandising, metade do programa de rádio, se ele vingar. Metade de tudo. Caso contrário, nós a levamos, e nossos serviços, para outro lugar.

Anapol virou a cabeça para o sócio.

— Você estava certo — disse.

— E queremos aumento também — disse Sammy, com outro olhar para Deasey, decidindo, agora que o assunto estava aberto para discussão, pressionar tanto quanto pudesse.

— Outros duzentos dólares por semana — disse Joe. A *Arca de Míriam* estava com partida marcada para o início da primavera do próximo ano. Naquele ritmo, se conseguisse separar mais duzentos dólares por semana, teria condições de pagar quatro, cinco, talvez meia dúzia de passagens a mais do que tinha prometido.

— *Duzentos dólares por semana!* — gritou Anapol.

Deasey abafou uma risada e sacudiu a cabeça. Parecia genuinamente deliciado.

— E, hã, sim, o mesmo para o sr. Deasey aqui, também — disse Sammy. — Ele vai ter muito mais para fazer.

— Não pode *negociar* por mim, sr. Clay — disse Deasey secamente. — Eu sou da diretoria.

— Oh.

— Mas fico agradecido.

De repente, Anapol pareceu muito cansado com tudo aquilo: bombas falsas e milionários e cartas ameaçadoras de advogados famosos entregues em mãos por mensageiros. Não tinha dormido bem desde a sexta-feira. Na noite passada, mexeu-se e revirou-se durante horas, enquanto ao seu lado a sra. Anapol resmungava para ficasse quieto.

— Tubarão! — assim o chamara. — Tubarão, fique quieto. — Ela o chamou de tubarão porque lera na coluna de Frank Buck que este animal literalmente não parava de se mexer ou morreria. — Qual é o problema com você, meu Deus, é como tentar dormir com uma misturadora de cimento na cama.

Quase que me explodiram!, quis contar a ela pela centésima vez. Decidira não falar nada sobre a bomba vagabunda de brincadeira nos escritórios da Empire, como nada dissera sobre as cartas ameaçadoras que vinham pingando regularmente desde que Kavalier & Clay tinham declarado guerra unilateral contra o Eixo.

— Vou ficar sem o trabalho — disse em vez disso.

— Então vai ficar sem o trabalho — disse a mulher.

— É um belo trabalho que vou perder. Sabe quanto dinheiro rola no rádio? Com os distintivos, os lápis, as caixas de cereal. Não estamos só lidando com novidades, sabe. Mas com pijamas do Escapista. Toalhas de banho. Jogos de tabuleiro. Refrigerantes.

— Não vão levá-lo embora.

— Vão tentar.

— Deixe que tentem. Enquanto isso, você entra para o rádio e eu tenho uma oportunidade de conhecer um homem importante e cultivado como James Love. Eu o vi no cinejornal uma vez. É muito parecido com John Barrymore.

— É realmente parecido com John Barrymore.

— Então qual é o seu problema? Por que nunca pode *desfrutar* nada do que consegue?

Anapol mexeu-se um pouco na cama e produziu o último verbete de uma amostra enciclopédica de gemidos. Como era o caso toda noite desde que a Empire tinha se mudado para o Empire State Building, seus joelhos doíam, suas costas incomodavam e havia um agudo torcicolo no seu pescoço. Seu vistoso escritório de mármore negro era tão espaçoso, com um pé-direito tão alto, que o deixava incomodado. Não conseguia se acostumar a tanto espaço. Em consequência, tinha a tendência de se sentar encurvado o dia inteiro, embolado na cadeira, como se para simular os efeitos paradoxalmente consoladores de aposentos mais atulhados e desconfortáveis. Aquilo lhe causava dor.

— Sammy Klayman — disse ela finalmente.

— Sammy — concordou ele.

— Então não o deixe de fora.

— Tenho que deixá-lo de fora.

— E por que razão?

— Porque trazê-lo para dentro seria o que seu irmão chama de instalar um “presidente perigoso”.

— Porque.

— “Porque”. Porque aqueles dois assinaram um contrato. Um contrato industrial padrão perfeitamente legal. Assinaram liberando todos os direitos do personagem, agora e para sempre. Simplesmente não têm direito.

— Então seria contra a lei, você está dizendo — falou a mulher com seu ligeiro toque irônico de costume —, dar-lhes uma fatia do dinheiro do rádio.

Uma mosca entrou no quarto. Anapol, de pijama de seda verde com debruns em preto, levantou-se da cama. Acendeu a lâmpada da mesa de cabeceira e colocou seu robe. Apanhou um exemplar de *Modern Screen* com o retrato de Dolores Del Rio na capa, enrolou a

revista e esmagou a mosca contra a janela. Limpou a sujeira, tirou o robe, subiu de novo na cama e apagou a luz.

— Não — disse —, não seria contra a porra da lei.

— Bom — disse a sra. Anapol. — Não quero vê-lo desobedecendo nenhuma lei. Se um júri souber que está no negócio das revistas em quadrinhos, vai trancafiá-lo imediatamente em Sing Sing. — Então rolou para o lado e acietou-se pela noite. Anapol gemeu, remexeu-se, bebeu três copos de Bromo-Seltzer até que finalmente chegou aos contornos gerais de um plano que aliviou as dores de uma consciência modesta mas genuína e apaziguou suas ansiedades em relação à ira crescente que a guerra de Kavalier & Clay parecia estar atraindo para a Empire Comics. Não teve tempo de repassar o plano com o cunhado, mas sabia que Jack o acompanharia.

— Vamos ver — falou. — Vocês podem ter participação no programa radiofônico. Presumindo que haja um programa de rádio. Nós lhes daremos crédito, tudo bem, algo como “Lanifícios Oneonta etc., apresentam *As Aventuras do Escapista*, baseadas no personagem de Joe Kavalier e Sam Clay, que aparece todo mês nas páginas de etc.” E mais, para cada episódio levado ao ar, vocês dois recebem um pagamento. Um royalty. Vamos dizer cinquenta dólares por programa.

— Duzentos — disse Sammy.

— Cem.

— Cento e cinquenta.

— Cem. Vamos lá, isso dá trezentos por semana. Vocês têm à sua frente possivelmente quinze mil por ano para dividir entre os dois.

Sammy olhou para Joe, que concordou com a cabeça.

— OK.

— Garoto esperto. Tudo certo quanto à srta. Mariposa aqui. Cinquenta por cento está fora de questão. Vocês não têm nenhum direito a qualquer parte dela. Produziram a personagem como empregados da Empire Comics, na nossa folha de pagamentos. Ela é nossa. Temos a lei do nosso lado, aqui, eu sei, porque falei com meu advogado Sid Foehn da Harmattan, Foehn & Buran, sobre esse assunto específico no passado. A explicação que me deu é que seria como ocorre nos Laboratórios Bell. Qualquer invenção que um sujeito faça, não importa quem a idealizou ou quanto tempo trabalhou nela, ainda que a tivesse criado sozinha, não importa. Se estavam empregados lá, pertence ao laboratório.

— Não nos trapaceie, sr. Anapol — falou Joe abruptamente. Todo mundo pareceu chocado. Joe avaliou mal a força da palavra “trapacear” em inglês. Achou que significava apenas tratar alguém injustamente, sem nenhuma implicação de intenção maldosa.

— Eu jamais *trapacearia* com vocês, rapazes — disse Anapol, parecendo profundamente magoado. Puxou o lenço e assoou o nariz.

— Desculpem-me. Estou com um resfriado. Deixem-me acabar está certo? Cinquenta por cento é, como eu disse, seríamos loucos, tolos e estúpidos de aceitar isto, e vocês não podem ameaçar que vão levar esta boneca para outra empresa porque, como eu disse, vocês a criaram na minha folha de pagamentos e ela é minha. Falem com um advogado de vocês, se quiserem. Mas, me ouçam, vamos evitar confrontações, por que não? Em reconhecimento ao belo trabalho que vocês dois fizeram até aqui, trazendo este material, e só para lhes mostrar, rapazes, vocês sabem, que apreciamos o que fizeram por nós, estaríamos dispostos a lhes dar uma participação neste negócio da Mariposa da ordem de...

Olhou para Ashkenazy, que encolheu os ombros elaboradamente.

— Quatro? — grasnou.

— Digamos cinco — falou Anapol. — Cinco por cento.

— Cinco por cento! — disse Sammy, como se a mão carnuda de Anapol lhe tivesse dado um tapa.

— Cinco por cento! — disse Joe.

— Para dividir entre os dois.

— O quê! — Sammy pulou da cadeira.

— Sammy. — Joe nunca tinha visto o primo com o rosto tão vermelho. Tentou lembrar-se se alguma vez o vira sequer perder a calma. — Sammy, cinco por cento, ainda assim isto poderia andar na casa das centenas de milhares de dólares. — Quantos navios podiam ser equipados e receber as crianças perdidas do mundo? Com dinheiro suficiente, não importava que as portas de todas as nações do mundo estivessem fechadas, um homem muito rico poderia se dar ao luxo de comprar uma ilha em algum lugar, vazia e de clima temperado, e construir para as crianças amaldiçoadas um país só delas. — Talvez milhões, um dia.

— Mas cinco por cento, Joe. Cinco por cento de algo que criamos cem por cento!

— E devem a Jack e a mim cem por cento — disse Anapol. — Vocês sabem, não faz muito tempo cem dólares parecia muito dinheiro para vocês, rapazes, pelo que me lembro.

— Certo, certo — disse Joe. — OK, veja, sr. Anapol, estou arrependido pelo que disse sobre trapaça. Acho que o senhor está sendo bastante justo.

— Obrigado — disse Anapol.

— Sammy?

Sammy suspirou.

— OK. Estou nessa.

— Esperem um minuto — disse Anapol. — Ainda não terminei. Vocês recebem o seu royalty do rádio. E o crédito que mencionei. E os aumentos. Com os diabos, aumentamos também o pagamento de

George e ficamos felizes com isto. — Deasey tocou com a mão num chapéu imaginário para Anapol. — E colocamos vocês dois com cinco por cento sobre a personagem da Mariposa. Só tem uma condição.

— Qual é? — perguntou Sammy cautelosamente.

— Não podemos mais ter problemas do tipo que tivemos aqui na sexta-feira. Sempre achei que vocês estavam levando essa coisa nazista longe demais, mas estávamos fazendo dinheiro e não achei que podia realmente me queixar. Mas agora vamos dar um basta a isto. Certo, Jack?

— Deixem os nazistas de lado por um tempo, rapazes — disse Ashkenazy. — Deixem que Marty Goodman receba as ameaças de bomba. — Goodman era o dono da Timely Periodicals, lar do Tocha Humana e de Namor, o Príncipe Submarino, ambos concorrendo com os heróis da Empire pelo dinheiro na corrida antifascista. — Está certo?

— O que quer dizer “deixar de lado”? — perguntou Joe. — Quer dizer não combater mais os nazistas?

— Nem um só.

Agora foi a vez de Joe se erguer da cadeira.

— Sr. Anapol...

— Não, agora me ouçam, vocês dois sabem que não tenho a menor boa vontade para com Hitler e acho que no fim vamos ter de enfrentá-lo etc. Mas ameaças de bomba? Maníacos desembestados que vivem aqui em Nova York me escrevendo cartas dizendo que vão esmigalhar minha grande e gorda cabeça judia? Não preciso disto.

— Sr. Anapol — Joe sentiu o chão sumindo debaixo de seus pés.

— Já temos muitos problemas aqui em nosso próprio país, e não quero dizer espiões e sabotadores. Gângsteres, policiais corruptos. Não sei. Jack?

— Ratos — disse Ashkenazy. — Percevejos.

— Deixem o Escapista e o resto deles cuidarem desse tipo de coisa por algum tempo.

— Chefe — disse Sammy, vendo o sangue fugir do rosto de Joe.

— E tem mais, não ligo para o que James Love sente pessoalmente. Conheço a Companhia dos Lanifícios Oneonta. O Conselho daquela companhia é formado por um bando de cavalheiros conservadores, ianques empedernidos, e não vão correr o risco de patrocinar algo que vai fazer com que sejam bombardeados, para não mencionar a Mutual, a NBC e quem quer que receba nossa oferta deste programa.

— Ninguém vai ser bombardeado! — disse Joe.

— Você teve razão uma vez, meu jovem — retrucou Anapol. — E pode ter parado por aí.

Sammy cruzou os braços grossos diante do peito amplo, cotovelos salientes.

— E se não concordarmos com esta condição?

— Então não vão ter nenhum cinco por cento sobre a Mariposa Luna. Não vão ter o aumento. Não vão receber uma fatia do dinheiro do rádio.

— Mas ainda poderíamos continuar fazendo nosso negócio. Joe e eu poderíamos continuar lutando contra aqueles nazistas.

— Certamente — disse Anapol. — Estou certo de que Marty Goodman ficaria felicíssimo em contratar vocês dois para jogarem granadas sobre Hermann Göring. Mas aqui vocês estariam acabados.

— Chefe — disse Sammy —, não faça isso.

Anapol encolheu os ombros.

— Não depende de mim. Depende de vocês. Vocês têm uma hora — disse. — Quero resolver tudo isto antes de nos encontrarmos com o pessoal do rádio, o que vamos fazer hoje durante o almoço.

— Não preciso de uma hora — disse Joe. — A resposta é não. Esqueçam. Vocês são covardes, vocês são fracos, e eu não.

— Joe? — disse Sammy, acalmando-se agora, tentando levar tudo em conta. — Tem certeza?

Joe acenou com a cabeça.

— Bem, então é isto aí — disse Sammy. Colocou a mão nas costas de Joe e começaram a sair do escritório.

— Sr. Kavalier — chamou George Deasey, saltando da sua cadeira. — Sr. Clay? Uma palavra. Posso, cavalheiros?

— Por favor, George — disse Anapol, passando para o editor a pintura da Mariposa Luna. — Veja se consegue fazer com que tenham bom senso.

Sammy e Joe seguiram Deasey para fora do escritório de Anapol e entraram no estúdio.

— Senhores — disse Deasey. — Peço desculpas por isso, mas sinto outro discurso a caminho.

— Não tem sentido — disse Sammy.

— Este se endereça mais ao sr. K. aqui, acho.

Joe acendeu um cigarro, soprou uma longa baforada de fumaça e olhou para longe. Não queria ouvir. Sabia que estava sendo obstinado. Mas durante um ano, a obstinação, a perseguição incansável e desgastante de uma ridícula guerra de faz de conta contra inimigos que não podia derrotar, por meios que nunca conseguiria alcançar, oferecera a única salvação possível para sua sanidade mental. Que fossem sensatas aquelas pessoas cujas famílias não eram prisioneiras.

— Só existe um meio seguro na vida — disse Deasey — de garantir que você não seja esmagado pelo desapontamento, pela futilidade e pela desilusão. E este é garantir sempre, usando ao máximo sua habilidade, que você está fazendo aquilo unicamente pelo dinheiro.

Joe não disse nada. Sammy riu nervosamente. Estava preparado

para apoiar Joe, claro, mas queria garantir, na medida em que era possível garantir, que aquilo era realmente a coisa certa. Estava ansioso para seguir o conselho de Deasey — para seguir qualquer conselho paternal que lhe oferecessem —, mas ao mesmo tempo detestava a ideia de ceder tão decisivamente à visão cínica do homem a respeito de tudo.

— Porque, sr. K., quando olho para a maneira como o senhor coloca seus amigos fantasiados surrando à exaustão Hitler e seus asseclas, mês após mês, amarrando sua artilharia em *pretzels* e assim por diante, às vezes tenho a sensação, bem, de que talvez possa ter, digamos, outras ambições para o seu trabalho aqui.

— Claro que tenho — disse Joe. — O senhor sabe disto.

— Fico muito triste ao ouvir isto — falou Deasey. — Este tipo de trabalho é uma sepultura para qualquer espécie de ambição, Kavalier. Aceite minha palavra. Seja lá o que espera alcançar, do ponto de vista da arte ou de... outras considerações, vai fracassar. Tenho pouca fé no poder da arte, mas lembro o gosto daquela fé, se assim quiser, desde quando tinha a sua idade; o gosto no fundo da minha língua. Por respeito a você e ao gracioso idiota que já fui, admito isto. Mas esta coisa — acenou para o desenho da Mariposa Luna e então expandiu o gesto com uma espiral cansada de sua mão abrangendo os escritórios da Empire Comics. — Impotente — falou. — Inútil.

— Eu... eu não acredito nisto — disse Joe, sentindo-se enfraquecer enquanto seus piores temores eram expostos em palavras.

— Joe — disse Sammy. — Pense no que podia fazer com todo o dinheiro de que estão falando. Pense em quantas crianças poderia trazer para cá. Isto é algo *real*. Não apenas uma guerra de revistas em quadrinhos. Não apenas ganhar um lábio inchado de algum *kraut* no metrô.

Aquele era o problema, pensou Joe. Ceder a Anapol e Ashkenazy seria admitir que tudo o que tinha feito até agora fora, na frase de Deasey, impotente e inútil. Um desperdício de tempo precioso. Perguntou-se se podia ser simplesmente a vaidade que o fazia querer recusar a oferta. E então a imagem de Rosa lhe veio à mente, sentada na sua cama desordenada, a cabeça inclinada para um lado, os olhos bem abertos, ouvindo e assentindo com a cabeça enquanto ele lhe falava do seu trabalho. Não, pensou. Independentemente do que Deasey fala, acredito no poder da minha imaginação. Acredito — de certa forma, ao dizer isto diante da imagem de Rosa, não soava banal ou exagerado — no poder da minha arte.

— Sim, que se dane, eu quero o dinheiro — disse Joe. — Mas não posso parar de lutar agora.

— OK — falou Sammy. Suspirou e olhou em volta para o estúdio curvando repentinamente os ombros e com uma expressão de adeus

no rosto. Era o fim do sonho que havia flamejado para a vida um ano atrás, na escuridão do seu quarto de dormir no Brooklyn, com um fósforo riscado e a partilha de um cigarro enrolado a mão. — É o que vamos dizer a eles, então.

Começou a caminhar de volta ao escritório de Anapol.

Deasey estendeu a mão e agarrou seu ombro.

— Só um minuto, Clay — disse.

Sammy virou-se. Nunca vira o editor parecer tão inseguro.

— Oh, Jesus — disse Deasey. — O que estou fazendo?

— O que está fazendo? — perguntou Joe.

O editor colocou a mão no bolso da frente do seu paletó de *tweed* e puxou uma folha de papel dobrada.

— Isto estava na minha caixa de correio esta manhã.

— O que é? — perguntou Sammy. — De quem é?

— Simplesmente leia — disse Deasey.

Era uma cópia fotostática de uma carta da firma Phillips, Nizer, Benjamin & Krim.

PREZADOS SRS. ASHKENAZY E ANAPOL:

Esta carta está sendo escrita para os senhores em nome da National Periodical Publications, Inc. ("National"). A National é a proprietária exclusiva de todo direito autoral, marca registrada e outros direitos de propriedade intelectual em e para as revistas em quadrinhos *Action Comics* e *Super-Homem* e o personagem do Super-Homem que figura nelas. Esta empresa tomou conhecimento recentemente da sua revista *Radio Comics*, em que figura o personagem fictício O Escapista. Este personagem representa uma tentativa acintosa de copiar o trabalho protegido do nosso cliente, a saber as várias séries que incluem as aventuras do personagem fictício conhecido como Super-Homem, que nosso cliente vem publicando desde junho de 1938. Assim sendo, seu personagem constitui uma infração gritante dos direitos autorais de nosso cliente, de suas marcas registradas e das garantias do direito consuetudinário. Por conseguinte, por meio desta, exigimos que os senhores cessem imediatamente e desistam de qualquer outra publicação de sua revista em quadrinhos *Radio* e que todas as cópias existentes destas revistas em quadrinhos sejam destruídas, com uma carta verificando a destruição assinada por um funcionário da sua corporação.

Caso deixem de cessar e desistir de tal publicação, ou deixem de apresentar uma carta de verificação dentro de cinco dias a partir desta carta, a National Periodical Publications, Inc. tomará todas as medidas legais e cabíveis, inclusive buscando proibir a publicação das *Radio Comics*. Esta carta foi escrita sem abrir mão

de quaisquer direitos e medidas do nosso cliente, na lei e na equidade, todos os quais ficam por meio desta expressamente reservados.

— Mas ele não é nada *parecido* com o Super-Homem — disse Sammy quando terminou a leitura. Deasey deu-lhe um olhar funesto e Sammy percebeu que não entendera o sentido. Tentou procurar na sua cabeça qual poderia ser este sentido. Havia claramente nesta carta algo que Deasey achava que seria de ajuda para eles, embora não estivesse disposto a chegar ao ponto de lhes dizer o que era. — Mas isso não tem nenhuma importância, tem?

— Eles já derrubaram Victor Fox e Centaur nisto — disse Deasey —, e agora vão atrás de Fawcett também.

— Ouvi falar a respeito desta coisa — disse Joe. — Obrigaram Will Eisner a se apresentar e a dizer o que Victor Fox falou a ele: “Faça-me um Super-Homem.”

— Sim, bem, foi isto o que Shelly disse para mim também, está lembrado? Ele disse... oh. Oh.

— É muito provável — falou Deasey pausada e lentamente, como se conversando com um idiota — que você seja convocado para depor como testemunha. Imagino que seu testemunho poderia ser prejudicial.

Sammy bateu no braço de Deasey com a carta.

— Sim — falou. — Sim, puxa, obrigado sr. Deasey.

— O que vai dizer? — Joe perguntou a Sammy enquanto seu primo se dirigia para a porta do escritório de Anapol.

Sammy parou e passou uma mão através do alto de sua cabeça.

— Acho que vou lá me oferecer para cometer perjúrio — disse.

PARTE IV

A ÉPOCA DE OURO

Em 1941, o seu melhor ano, a parceria de Kavalier & Clay faturou \$ 59.823,27. O total dos rendimentos gerados naquele ano pela Empire Comics, Inc. — a partir das vendas de todas as revistas em quadrinhos com personagens criados totalmente ou em parte por Kavalier & Clay, das vendas de duzentos mil exemplares cada dos dois volumes dos Whitman's Big Little Books estrelados pelo Escapista, das vendas das Chaves da Liberdade, de chaveiros, lanternas de bolso, cofrinhos de moedas, jogos de tabuleiro, figurinhas de borracha, brinquedos de corda e diversos outros itens do Escapismo, bem como dos dividendos do licenciamento da imagem do rosto destemido do Escapista para os Cereais Chaffee para os seus Flocos Glaçados Chaff-Os, e do programa de rádio do Escapista transmitido pela NBC a partir de abril — embora mais difícil de calcular, chegaram às redondezas de 12 a 15 milhões de dólares. Dos seus 29 mil e trocados, Sammy deu uma quarta parte ao governo e então a metade do que restou à sua mãe para gastar consigo e com sua avó.

Das sobras, viveu como um rei. Comeu salmão defumado no café toda manhã durante sete semanas. Foi aos jogos de beisebol em Ebbets Field e assistiu de camarote. Era capaz de gastar às vezes até dois dólares no jantar e uma vez, quando suas pernas estavam se sentindo cansadas, percorreu 17 quarteirões num táxi. Tinha uma semana inteira de ternos grandes e vistosos, cinco *arranha-céus* de listras finas e lã penteada, feitos para ele por 25 dólares cada. E comprou para si um fonógrafo Capehart Panamuse. Custou-lhe 645 dólares, quase a metade do preço de um Cadillac Sixty-one novo. Era acabado no ridiculamente belo estilo Hepplewhite, bordo e bétula incrustado com freixo, e no apartamento dos primos, moderno no mais, e um tanto espartano — pouco depois de se juntar com Joe, Rosa começara a convencê-lo a deixar a Toca de Rato de Chelsea —, o aparelho se destacava inquietantemente. Exigia que tocassem música nele e então mantivessem o silêncio respeitoso de um pecador ouvindo um sermão. Sammy o amava como nunca amara nada na vida. O sopro triste da clarineta de Benny Goodman saía com tanta pungência dos seus alto-falantes “panamusicais” *deluxe* que era capaz de fazer Sammy chorar. O Panamuse era totalmente automático; podia armazenar vinte discos e tocá-los, em qualquer ordem, dos dois lados. As maravilhosas operações do mecanismo de troca de discos, à maneira da época, eram

orgulhosamente exibidas dentro do gabinete e novos convidados ao apartamento, igual aos visitantes da Casa da Moeda dos Estados Unidos, eram sempre levados para olhar o seu funcionamento. Sammy ficou encantado durante semanas e, no entanto, toda vez que olhava para o fonógrafo, era tomado de culpa e até horror por causa do seu custo. Sua mãe ia morrer sem sequer ter sabido da sua existência.

O engraçado é que, depois de subtrair a grande, mas ainda trivial, soma que Sammy gastava todo mês em livros, revistas, discos, cigarros e diversões, e a sua metade do aluguel mensal de 110 dólares, ainda havia mais dinheiro de sobra, sem que Sammy soubesse o que fazer com ele. Amontoava-se na sua conta bancária, deixando-o nervoso.

— Você devia se casar — Rosa gostava de dizer a ele.

O nome dela não estava no contrato, mas Rosa tinha se tornado o terceiro ocupante do apartamento e, num sentido muito real, o espírito que o animava. Ela os ajudara a encontrá-lo (era um prédio novo na Quinta Avenida, um pouco ao norte de Washington Square), a mobiliá-lo e, quando se deu conta de que jamais conseguiria dividir um banheiro com Sammy sozinha, contratou os serviços semanais de uma faxineira. No começo só aparecia uma ou duas vezes por semana, depois do trabalho. Deixara seu emprego na *Life* por um trabalho que consistia em retocar, em matizes vividos, fotos coloridas de caçarolas com ameixas secas e talharim, pudins de pão e canapés de bacon para uma editora de livros de culinária baratos que eram distribuídos como brinde em lojas de preço fixo. Era um trabalho tedioso e, quando as coisas ficavam realmente más, Rosa gostava de se entregar a minúsculos impulsos surrealistas. Com um aerógrafo ela equipava um abacaxi ao fundo com um hábil tentáculo negro, ou escondia um pequenino explorador polar nos picos frígidos de uma sobremesa de merengue. Os escritórios da editora ficavam na rua 15 Leste, a dez minutos do apartamento. Rosa geralmente chegava às cinco com uma sacola cheia de improváveis raízes e folhas e cozinhava estranhas receitas pelas quais seu pai adquirira um gosto durante suas viagens: *tagine*, *mole*, uma coisa verde e escorregadia que ela chamava de *liso*. Em geral, estes pratos eram saborosos; e seu tempero exótico servia para esconder muito bem, achava Sammy, sua manobra um tanto retrógrada de conquistar o coração de Joe pela cozinha. Ela mesma nunca dava mais que uma mordiscada naqueles pratos.

— Tem uma garota no meu trabalho — disse Rosa no café da manhã, colocando diante de Sammy um prato de ovos mexidos com salsicha portuguesa. Era uma frequente convidada no café da manhã, se “convidada” era o termo adequado a se aplicar a alguém que fazia as compras para a refeição, a preparava, servia e fazia a limpeza depois. Os vizinhos da frente ficavam visivelmente ultrajados por esta obstinação e os olhos do porteiro piscavam rudemente quando abria a

porta para ela de manhã. — Barbara Drazin. E ela é bonita. Devia deixar que a apresentasse a você.

— Universitária?

— Da cidade.

— Não, obrigado.

Quando Sammy ergueu os olhos do prato sortido que Rosa havia, como de costume, arranjado com tanta fotogenia e arte que receava perturbar o queijo dinamarquês em que estava de olho, ele a viu lançando um olhar para Joe. Era um olhar que tinha visto os dois trocarem antes, sempre que a questão da vida amorosa de Sammy vinha à baila, coisa que, quando Rosa estava presente, acontecia com frequência.

— O quê? — disse ele.

— Nada.

Ela abriu o guardanapo sobre seu colo, acintosamente de certa forma, e Joe continuou mexendo com um dispositivo de molas para embaralhar cartas que fazia parte do seu espetáculo; tinha outro dos seus compromissos de mágica na noite seguinte, um *bar mitzvah* no Pierre. Sammy arrebatou o queijo dinamarquês, derrubando a pirâmide culinária montada por Rosa.

— Acontece que — continuou ela, nunca precisando de uma deixa para reatar a conversa — você sempre tem uma desculpa.

— Não é uma desculpa — disse Sammy. — É uma desqualificação.

— E por que universitárias são desqualificadas? Esqueci.

— Porque me fazem sentir burro.

— Mas você não é burro. É extremamente culto, sabe falar muito bem e ganha a vida com a pena, ou, no seu caso, com a máquina de escrever.

— Sei disto. Não é um sentimento racional. E não aguento mulheres burras. É só que me sinto mal porque não tenho uma formação universitária. E fico embaraçado quando começam a me perguntar sobre o que faço e tenho de dizer que escrevo histórias em quadrinhos e então é ou “Puxa, elas não são incrivelmente, bem, *lixo*”, ou então, maternalmente, “*Revistas em quadrinhos! Adoro revistas em quadrinhos!*”, o que é ainda pior.

— Barbara Drazin nunca o levaria a se sentir mal pelo que faz — disse Rosa. — Além do mais, eu lhe contei que você escreveu três romances.

— Oh, meu *Deus* — disse Sammy.

— Desculpe.

— Por favor, Rosa, quantas vezes tenho de lhe pedir para não contar mais a ninguém sobre isso?

— *Desculpe*. É só que eu...

— Pelo amor de Deus, eram *pulps*, revistas baratas, me pagaram

por metro de texto. Por que acha que inventaram um *pseudônimo*?

— Está bem — disse Rosa —, está bem. Só acho que você devia conhecê-la.

— Obrigado, mas não, obrigado. Tenho muito trabalho para fazer, de qualquer maneira.

— Ele está escrevendo um romance — disse Joe descascando uma banana. Parecia extrair um grande prazer dos diálogos entre sua namorada e seu melhor amigo. Sua única contribuição para o *décor* do apartamento tinha sido a pilha de caixotes de madeira em que guardava sua florescente coleção de revistas em quadrinhos. — No seu tempo de folga — acrescentou com a boca cheia de banana. — Um de *verdade*.

— Sim, bem — disse Sammy, sentindo-se corar. — No ritmo em que está indo, vamos todos sentar em roda para ler o livro no asilo de velhos.

— Eu vou ler — disse Rosa. — Sammy, eu adoraria. Tenho certeza de que é muito bom.

— Não é. Mas obrigado. Falou sério?

— Claro.

— Talvez — disse ele pela primeira vez, mas de modo algum a última, durante sua longa associação — quando eu tiver o primeiro capítulo finalizado.

Quando Sammy chegou nos escritórios da Empire naquela manhã de abril de livro didático — céu empenachado, narcisos balançando como uma *big band* em cada retalho verde, amor no ar etc. — ele tirou da gaveta inferior da mesa o muitas vezes revisto primeiro (e único) capítulo de *Desencanto americano*, colocou uma folha de papel nova na máquina de escrever e tentou trabalhar. Mas a conversa com Rosa o deixara inquieto. Por que ele não queria, pelo menos, tomar um drinque com um pitêu da Universidade da Cidade? Como é que chegava a *saber* que não gostava de sair com garotas universitárias? Era como dizer que não gostava de golfe. Tinha uma ideia razoavelmente boa de que não era jogo para ele, mas na verdade o mais próximo que estivera de um campo de golfe na vida fora nos moinhos de gesso descascados do campo do Pequeno Polegar em Coney Island. Por que, também, não estava com ciúmes de Joe? Rosa era uma garota muito bonita, fofa e com cheiro de talco. Embora fosse verdade que achava admiravelmente fácil falar com ela e provocá-la, fazer confidências para ela e baixar sua guarda mais facilmente do que com qualquer outra garota, não sentia quase nenhum interesse por ela. Às vezes a ausência de qualquer sentimento lascivo em relação a Rosa, tão evidente para ambos que ela não tinha nenhum pudor de perambular pelo apartamento com sua roupa íntima coberta apenas pelas fraldas ondulantes de uma das camisas de Joe, incomodava

Sammy e ele tentava, deitado na cama à noite, imaginar-se beijando-a, acariciando seus espessos cachos escuros, erguendo aquelas fraldas de camisa para revelar a pálida barriga debaixo delas. Mas tais quimeras invariavelmente se desvaneciam à luz do dia. A pergunta verdadeira era por que não se sentia mais ciumento em relação a Rosa?

Estava simplesmente feliz de ver seu amigo feliz, datilografou. Era um romance autobiográfico, afinal. *Havia um buraco na vida do homem que ninguém jamais conseguiria preencher.*

O telefone tocou. Era sua mãe.

— Tenho a noite livre — disse ela. — Por que não traz ele e vamos fazer uma ceia de Sabá. Pode trazer aquela namorada dele, também.

— Ela é meio complicada para comer — disse Sammy. — O que é que a senhora tem no fogão?

— Está bom, então não venha.

— Vou estar aí.

— Não quero.

— Vou estar aí, mãe.

— O quê?

— Mãe?

— O quê?

— Mãe?

— O quê?

— Eu te amo.

— Grande brincalhão — e ela desligou.

Colocou *Desencanto americano* de volta na gaveta e começou a trabalhar no roteiro de *Kid Vixen*, a pugilista feminina combatente do crime, com arte de Marty Gold, que programara como material complementar para o *Só Garotas*, com a *Venus McFury*, sobre uma detetive da pesada que era uma reencarnação de uma das Erínias clássicas, e *Greta Gatling*, uma história em quadrinhos sobre uma vaqueira, de Frank Pantaleone. O primeiro número de *Só Garotas* esgotou toda a sua edição de meio milhão de exemplares; o número 6 estava em produção agora e as encomendas eram consideráveis. Sammy tinha metade de uma ideia para a última história de *Vixen*, envolvendo uma luta de gatas entre Kid e uma campeã de boxe nazista que ele pensava em chamar de Brunhilde Batalhadora, mas não conseguia concentrar seu pensamento nesta manhã. A coisa engraçada é que, por mais que tivesse lutado com Sheldon Anapol para que pudessem continuar desancando os nazistas, sustentar a guerra dos quadrinhos estava ficando cada vez mais difícil; embora a futilidade não fosse uma emoção que Sammy estivesse acostumado a sentir, ele começou à ser perseguido pela mesma sensação de ineficácia, de interminável faz de conta que perturbara Joe desde o início. Só que Sammy não achava nada a fazer contra aquilo; não era do seu feitio

começar a provocar brigas nos jogos de futebol.

Continuou em cima do roteiro, recomeçando mais de três vezes, tomando Bromo-Seltzer com um canudinho para diminuir a pontada de temor que começara a roer seu estômago. Por mais que amasse a mãe, e ansiasse por sua aprovação, cinco minutos de conversa com ela era o que bastava para despertar uma ira matricida no seu peito. As grandes somas de dinheiro que lhe dera, embora ela ficasse gratificada e perplexa diante delas e conseguisse, na sua maneira seca, lhe agradecer, não provaram nada de coisa nenhuma para ela. Receber vastas somas para jogar a vida fora, na sua opinião, só aumentava a contabilidade cósmica do desperdício. O que mais irritava Sammy era o jeito como, apesar de todo o súbito influxo de dinheiro, Ethel se recusava terminantemente a mudar qualquer elemento em sua vida, exceto escolher melhores pedaços de carne, comprar um conjunto de facas de trinchar e gastar uma quantia relativamente pródiga em roupa de baixo nova para Bubbie e para si mesma. O resto ela guardava. Encarava cada contracheque gordo como o último, certa de que, finalmente, como costumava dizer, “a bolha ia estourar”. Cada mês em que a bolha das revistas em quadrinhos não só continuava a flutuar, mas a se expandir exponencialmente, isso apenas confirmava a crença de Ethel de que o mundo estava insano e enlouquecendo mais e mais, e quando o alfinete por fim furasse a bolha, a explosão ia ser ainda mais terrível. Sim, era sempre muito divertido fazer uma visitinha à velha Ethel, para partilhar do folguedo e da diversão, para brincar e cantar e provar as deliciosas frutas de sua cozinha. Bubbie teria preparado um dos seus amargos e crocantes *babkas* da Bubbie, que todo mundo colocava nas alturas, embora parecessem ter sido cozidos em 1877 e esquecidos numa gaveta até o dia anterior.

A única perspectiva brilhante para o dia era que ele e Joe também tinham sido convidados para ir ao estúdio da rádio conhecer o elenco de *As aventuras fantásticas do Escapista*, que ensaiava para a estreia na tarde da próxima segunda-feira. Até então Burns, Baggot & DeWinter, a agência de publicidade, não tinha envolvido Sammy, ou Joe, ou qualquer pessoa da Empire na produção, embora Sammy tivesse ouvido que vários dos primeiros episódios estavam sendo adaptados diretamente das revistas em quadrinhos. Uma vez, Sammy se encontrara casualmente com os escritores do programa, quando saíam do Sardi's. Eles o conheciam do desenho pouco lisonjeiro que saía no *Saturday Evening Post* e o abordaram para cumprimentá-lo e lançar sobre ele o lustro gentil do seu desdém. Pareciam todos a Sammy rapazes de universidade, com cachimbos e gravatas borboletas. Só um deles confessou que já tinha lido uma revista em quadrinhos e provavelmente todos consideravam o gênero além de desprezível. Um tinha escrito anteriormente para *Sr. Keen, o investigador de pessoas*

desaparecidas, outro para Sra. *Wiggs do canteiro de repolhos*.

Mas devia haver uma festa na segunda-feira depois da primeira transmissão, para a qual Sammy e Joe foram convidados; e nesta sexta-feira refrescante eles foram até Radio City para dar uma olhada, se esta era a maneira correta de descrever, nas encarnações vocais dos seus personagens.

— Jantar de Sabá — disse Joe quando passavam pelo Edifício Time-Life. Joe alegava ter visto certa vez Ernest Hemingway saindo do prédio e Sammy procurou o escritor quando entraram.

— Eu o vi, estou lhe dizendo.

— Claro que viu. Sim, jantar de Sabá. Na casa da minha mãe. Comida ruim. A casa igual a um forno. Não vai querer perder isto.

— Tenho um encontro com Rosa — disse Joe. — Acho que vamos jantar com o pai dela na sua casa.

— Você faz isso quase toda noite! Vamos, Joe, não me faça ir sozinho. Vou ficar louco, louco, estou lhe dizendo.

— Rosa está com a razão — disse Joe.

— Como sempre, mas desta vez a respeito do quê?

— Você precisa de uma namorada.

Estava frio e escuro no saguão do edifício da RCA. A batida suave dos saltos de sapato nos pisos de mármore e a pompa sombria e tranquilizadora dos murais de Sert e Brangwyn permitiram a Sammy experimentar o que ele vagamente reconhecia como serenidade pela primeira vez no dia inteiro. Um jovem rechonchudo os esperava na mesa do guarda, sugando um dedo tratado por manicure. Apresentou-se como Larry Sneed, assistente do produtor George Chandler, e mostrou-lhes como assinar a sua entrada e prender crachás em seus paletós.

— O sr. Chandler ficou realmente satisfeito de que pudessem vir — disse Sneed por cima do ombro.

— Foi gentil da parte dele nos ter convidado.

— Bem, ele se tornou um grande fã do trabalho de vocês.

— Ele lê as histórias?

— Oh, ele as estuda como se fosse a Bíblia.

Saíram do elevador, desceram uma escadaria e atravessaram o saguão para outra escada, esta um grande bloco de concreto de cinzas e degraus de ferro, então ao longo de um corredor branco lúgubre, passando pela porta fechada de um estúdio com um aviso iluminado NO AR, à esquerda e entrando em outro estúdio. Estava frio, enfumaçado e escuro. Numa extremidade da grande sala amarela, três grupos de atores vestidos casualmente, segurando scripts, flanavam ao redor de um trio de microfones. No meio da sala, dois homens, sentados a uma pequena mesa, ouviam. Páginas de script estavam espalhadas por toda parte, jogadas no chão e sopradas em

redemoinhos nos cantos. Ouviu-se um tiro. Sammy foi o único na sala que pulou. Olhou à sua volta com aflição. Três homens estavam isolados à esquerda no meio de uma quantidade de utensílios de cozinha, madeira e ferro velho. Um deles empunhava uma arma. Estavam todos suando profusamente, apesar do ar condicionado.

— Ooh, me acertou! — gritou Larry Sneed. Agarrou sua pança coberta pela camisa de seda e deu um giro. — Ah-ah-ah — fingiu que estava rindo. O ator que interpretava a cena parou de falar e todo mundo se virou para olhar. Pareceram gostar da interrupção, achou Sammy, exceto o diretor, que fez uma carranca.

— Alô, minha gente, desculpem-me interrompê-los. Sr. Chandler, aqui está uma dupla de jovens brilhantes como eu, que quer conhecer nosso maravilhoso elenco. O sr. Sam Clay e o sr. Joe Kavalier.

— Alô, rapazes — disse um dos dois homens na mesa ao centro, levantando-se da cadeira. Tinha a mesma idade que teria o pai de Sammy, mas era alto e refinado, com um cavanhaque fino e óculos pretos extragrandes que o faziam parecer pensou Sammy, um homem de ciência. Apertou suas mãos. — Este é o sr. Cobb, nosso diretor — Cobb cumprimentou com a cabeça. Como Chandler, usava terno e gravata. — E este bando maltrapilho é o nosso elenco. Desculpem sua aparência, mas ensaiaram a semana toda. — Chandler apontou para os atores em volta dos microfones, untando cada um à distância com uma pincelada do dedo ao dizer o nome e o papel. — Esta é a srta. Verna Kaye, ou Flor de Ameixa; Pat Moran, nosso Big Al; e Howard Fine como o maligno Kommandant X. Ali adiante eu lhes apresento a srta. Helen Portola, nossa Rosa Veneno; Ewell Conrad como Omar; Eddie Fontaine como Pedro; e nosso locutor sr. Bill Parris.

— Mas Rosa Veneno morreu — disse Joe.

— Nós ainda não a matamos no rádio — disse Chandler. — E aquele sujeito grande e bonito ali é o nosso Escapista, sr. Tracy Bacon.

Sammy estava distraído demais para notar o sr. Tracy Bacon.

— *Pedro?* — perguntou.

— O velho português ajudante de palco — falou Chandler com um movimento de cabeça. — Para introduzir aquele alívio cômico. O patrocinador achou que deveríamos animar um pouco as coisas.

— Muito prazer em travar conhecimento com vossências — disse Eddie Fontaine com um toque de mão no seu chapéu imaginário.

— E o velho Max Mayflower? — quis saber Sammy. — E o homem da Liga da Chave de Ouro? Vocês não estão incluindo a Liga?

— Tentamos incluir a Liga, não foi, Larry?

— Sim, nós tentamos, sr. Chandler.

— Quando se inicia uma série é melhor partir logo para a ação — disse Cobb. — Passamos por cima das preliminares.

— Resolvemos tudo isto na introdução — explicou Chandler. —

Bill?

— “Armado com soberbo treinamento físico e mental” — começou Bill Parris — “e uma eficiente equipe de assistentes, e a sabedoria antiga, ele percorre o globo, realizando feitos extraordinários...”

O elenco inteiro juntou-se no bordão.

— “E partindo em socorro daqueles que padecem nos grilhões da tirania!”

— “Ele... é... o Escapista!”

Todo mundo riu, exceto Joe, que bateu palmas. Mas, por algum motivo, Sammy estava irritado.

— E quanto a Tom Mayflower? — persistiu. — Quem vai interpretá-lo?

Uma voz de adolescente jovial e áspera se fez ouvir num canto.

— Eu vou ser Tom, sr. Clay! E, caramba, estou animado às pampas com isso!

Todo mundo explodiu numa risada. Tracy Bacon, olhava direto para Sammy, rindo, suas faces coradas, principalmente de prazer, parecia, diante do olhar espantado no rosto de Sammy. Bacon era um Escapista tão perfeito que as pessoas pensariam que fora escolhido para interpretar o papel num filme, não no rádio. Tinha quase dois metros de altura, ombros largos, uma covinha no queixo e cabelos louros lisos colados no topo da sua cabeça como um elmo de bronze polido. Vestia uma camisa clássica desabotoada sobre uma camiseta estriada, jeans e meias, sem sapatos. Seus músculos não eram tão volumosos, talvez, como os do Escapista, mas eram distintamente visíveis. Incorruptível, pensou Sammy, e imperialmente esguio.

— Por favor, senhores, queiram sentar-se — disse Chandler. — Larry, ache um lugar para eles se sentarem.

— Aquele sujeito se parece exatamente com o Escapista — disse Joe. — Me deixa arrepiado.

— Eu sei — disse Sammy. — E ele soa exatamente como Tom Mayflower.

Sentaram-se num canto e acompanharam o ensaio. O roteiro tinha sido adaptado, com bastante liberdade, da terceira história do Escapista escrita por Sammy, que havia introduzido a personagem da irmã maligna de Flor de Ameixa, Rosa Veneno, um roubo descarado da Madame Dragão de Caniff, a tal ponto que Sammy, embaraçado pelo plágio espalhafatoso, a matara em *Radio #4*. No Grande Teatro da Ópera, no Bund em Xangô, Rosa se interpôs entre uma bala endereçada a Tom Mayflower e a pistola de um agente Razi do qual ela fora, até então, aliada. Mas os rapazes do rádio a tinham revivido e Sammy era forçado a admitir que ela certamente se destacava bem. Helen Portola era o único membro do elenco não vestido casualmente e, em seu vestido verde vivo de popelina, parecia fresca, refinada e

apetitosa. Quando grunhia suas falas diabólicas para o Escapista, que ela havia tornado inofensivo com a lendária e roubada Opala Olho da Lua, Rosa encarava Tracy Bacon com amor indisfarçado em seus olhos e fazia aquilo soar como flerte. Walter Winchell já havia ligado seus nomes na sua coluna.

No todo, Sammy achou que foi um par de horas deprimente. Era a sua primeira experiência, e estava longe de ser a última, de ver uma de suas criações apropriada e transformada para servir os desígnios de outro escritor, e isso o perturbava em tal grau que se sentia envergonhado. Quase tudo era, no fundo, igual ao original — excetuando Pedro, é claro — e no entanto, de certa forma, era tudo inteiramente diferente. Parecia ter um tom mais leve e mais brincalhão do que nas revistas, sem dúvida em parte devido ao brilho audível do sorriso do sr. Tracy Bacon. O diálogo soava muito como o diálogo do *Sr. Keen, investigador de pessoas desaparecidas*. Isto era lógico, mas, de certo modo, também deprimia Sammy. Ele escrevera maus diálogos — embora, por sugestão de Deasey, viesse estudando o trabalho de escritores de diálogos vivos como Irwin Shaw e Ben Hecht —, mas falados em voz alta soavam ainda piores. Todos os personagens pareciam ter a percepção lenta, vagamente retardados. Sammy remexia-se inquieto na sua cadeira. Joe se perdeu no meio dos trabalhos por um tempo, depois bruscamente pareceu recuperar-se. Inclinou-se para Sammy.

— Não é genial? — disse Joe. Sussurrava agora, o que significava que estava aprontando algo. Olhou para o relógio. — Merda, cinco horas. Tenho de ir, cara.

— Tem de ir, “cara”?

— Sim, cara. É como homem. “O que é que está rolando, cara?” “Não se atrase, cara.” Você nunca fala “cara”?

— Não, é algo que nunca digo — respondeu Sammy. — Só negros falam assim, Joe. Ethel nos espera às seis horas.

— Sim, OK. Seis.

— Isto é daqui a uma hora.

— OK.

— Você vem, não vem? — perguntou Sammy.

O sr. Cobb virou-se na sua cadeira e fez uma carranca para os dois de novo. Cobriram suas bocas. Joe acenou com a cabeça para a porta. Sammy levantou-se e o seguiu até o corredor. Joe fechou a pesada porta do estúdio e encostou seu ombro contra ela.

— Joe, você disse que viria.

— Tive todo o cuidado de não dizer isso.

— Bem, não tenho uma transcrição à mão, mas foi o que me pareceu.

— Sammy, por favor. Não me obrigue a ir. Não *quero* ir. Quero sair

com minha namorada. Quero me divertir. — Enrubescou. A ideia de que pudesse se divertir ainda era uma coisa difícil para Joe admitir. — Não é minha culpa que você não tenha ninguém...

A porta do estúdio se escancarou, jogando Joe contra a parede.

— Desculpe! — disse Tracy Bacon. Cuidadosamente puxou a porta à posição normal para ver o que havia acontecido com Joe. — Santa Opala do Olho da Lua, você está bem?

— Sim, obrigado — disse Joe, esfregando a testa.

— Eu estava com tanta pressa de sair de lá que não me preocupei em olhar para onde ia! Receava que vocês dois saíssem antes que eu tivesse uma chance de falar com o sr. Clay.

— Sim, fale! Pode falar — disse Joe batendo no ombro de Bacon. — Infelizmente tenho de ir andando. Sr. Bacon, foi um prazer conhecê-lo, é um Escapista perfeito, eu acho.

— Bem, obrigado a *você*.

Joe aprumou-se.

— Bem — falou, pronunciando com um toque germânico. Com Bacon postado cuidadosamente entre eles, deu a Sammy um pequeno e desajeitado aceno e rodeou Bacon para arremeter em direção do fim do corredor. Antes de chegar à escada, parou e olhou para trás. Encarou Sammy bem nos olhos, sua expressão grave e arrependida, como se estivesse à beira de fazer uma confissão completa de tudo de mau que já fizera na vida. Então agitou seu crachá de visitante, no estilo de Melvin Purvis, e foi-se embora. Aquilo, Sammy sabia, era o mais próximo que Joe Kavalier chegaria de um pedido de desculpas.

— Bem — disse Bacon —, por que ele está tão apressado assim?

— Sua namorada — disse Sammy. — A srta. Rosa Luxemburg Saks.

— Sei — disse Bacon, num ligeiro sotaque sulista. — Ela é estrangeira também?

— Sim, é — falou Sammy. — É de Greenwich Village.

— Já ouvi falar.

— É um lugar um tanto atrasado.

— É sim.

— As pessoas são pouco mais do que selvagens.

— Ouvi dizer que comem cachorros lá.

— Rosa pode fazer coisas incríveis com um cachorro.

Depois que essa explosão de conversa um tanto laboriosa aconteceu, eles ficaram embaraçados. Sammy coçou a nuca. Por algum motivo tinha um certo medo de Tracy Bacon. Decidiu que Bacon estava brincando com ele, sendo condescendente. Sujeitos grandes, confiantes, com vozes de contrabaixo sempre o faziam sentir agudamente o quanto era franzino, moreno e judeu, um pequeno floreio bobo de tinta estampado numa folha de papel lascado.

— Tinha algo a me perguntar? — disse Sammy friamente.

— Sim, eu queria... veja bem. — Socou o ombro de Sammy. Não com força, mas não suavemente também. Nem sempre conhecer sua verdadeira força eventualmente se tornaria, graças a Tracy Bacon, um dos traços característicos do Escapista. — Normalmente eu não faria nada disto, mas quando dei uma olhada em você e vi que não é mais velho do que eu, talvez até mais jovem... quantos anos tem?

— Estou seguramente na casa dos vinte — disse Sammy.

— Tenho 24 — disse Bacon. — Feitos na semana passada.

— Feliz aniversário.

— Sr. Clay...

— Sammy.

— Tracy.

O aperto de Bacon foi firme e seco e sacudiu a mão de Sammy para cima e para baixo meia dúzia de vezes.

— Sammy, não sei se devia lhe contar ou não — disse Bacon —, mas estou tendo um pequeno problema por aqui...

A porta se abriu de novo e os outros atores começaram a sair em fila. Helen Portola aproximou-se lateralmente de Bacon, agarrou seu braço e olhou-o daquele jeito ardente a que Walter Winchell aludira. Ela podia ver que ele tinha algo em mente e virou-se inquisitivamente para Sammy. Sorriu, mas Sammy achou que viu um sinal de ansiedade nos seus grandes olhos verdes.

— Trace? Estamos indo todos para o Sardi's.

— Guarde um lugar para mim, sim, beleza? — disse Bacon. Deu um aperto no ombro dela. — Acontece que o sr. Clay e eu temos um amigo em comum. Estamos justamente colocando a conversa em dia.

Sammy ficou admirado com a facilidade e naturalidade da mentira de Bacon. Helen Portola estudou Sammy cuidadosa e friamente, como que tentando calcular quão possivelmente humano podia ser o elo entre ele e Tracy Bacon. Então beijou Bacon no rosto e, não sem uma demonstração de relutância, saiu. Sammy deve ter parecido intrigado.

— Oh, sou um mentiroso terrível — disse Bacon airoso. — Vamos, agora, deixe-me oferecer-lhe um drinque e vou explicar.

— Céus — disse Sammy —, eu gostaria, mas...

Bacon na verdade agarrou Sammy pelo cotovelo — com bastante suavidade — e colocou o braço em volta dele, conduzindo-o para o fim do corredor através de uma porta de incêndio. Baixou a voz num sussurro de conspiração.

— Sammy, vou confessar uma coisa. — Parou, como que para dar a Sammy um momento para sentir-se agradecido por ter merecido sua confiança. Sammy estava quase — quase — perplexo demais para resistir. — Estou preocupadíssimo aqui. Não sou ator! Estudei engenharia civil na universidade. Há dois meses eu fazia a faxina na cozinha de um navio de carga. Está certo, tenho uma voz ideal para o

rádio. — Recompôs suas feições, suas sobranceiras claras e a boca um tanto feminina, e assumiu um ar severo e paternal. — Não é o suficiente, eu sei. Não se pode vencer neste negócio apenas com a habilidade natural. — Parecia tão satisfeito com a atitude dura que tomara consigo mesmo que todo traço de censura desapareceu imediatamente. — Este é meu primeiro grande papel. Quero ser muito, muito bom. Se pudesse me dar alguma, qualquer sabe...

— Visão?

— Exatamente! — Bateu no peito de Sammy com a palma da mão direita. — Isto mesmo! Esperava que pudéssemos sentar sabe, e eu lhe oferecia um drinque e você me falava um pouco do Escapista. Não estou tendo nenhum problema com Tom Mayflower.

— Não, você parece ter conseguido um bom domínio sobre ele.

— Bem, eu *sou* Tom Mayflower, sr. Clay, esta é a explicação. Mas o Escapista, céus, não sei. Ele simplesmente... parece levar tudo tão a sério.

— Bem, sr. Bacon, ele tem sérios problemas para resolver com... — começou Sammy, fazendo uma careta diante de sua própria pretensão. Achou que devia se sentir feliz por esta oportunidade que Bacon lhe oferecia de ganhar alguma influência sobre a direção do programa de rádio, mas em vez disso achou que tinha mais medo ainda de Tracy Bacon do que antes. Sammy vinha de uma terra de oradores intensos, enérgicos, que não gostavam de ser interrompidos e estava acostumado a receber sermões, mas nunca antes se sentira abordado com um apelo tão direto, feito não só a seus ouvidos, como a seus olhos. Ninguém com a aparência de Tracy Bacon havia jamais, em sua memória, sequer falado com ele. O esbelto zagueiro de ouro, em suas calças de seu uniforme esportivo, no topo do troféu de futebol, desafiando com um braço de ferro cada obstáculo no seu caminho, não era um tipo que aparecia em grande profusão em Brownsville, Flatbush ou na Escola de Artes. Sammy encontrara um ou dois destes palermas cultivados de pele rosada envolta em cardigãs com cortes de cabelo de universitário durante suas breves incursões no mundo de Rosa Saks, mas nunca fora, com certeza, abordado por nenhum deles — ou sequer levado em conta. — O mundo hoje tem uma quantidade de problemas sérios. — Deus, ele parecia um diretor de colégio! Devia simplesmente calar a boca. — Realmente não posso — disse. Olhou para o relógio. Eram quase cinco e dez. — Vou chegar atrasado a um compromisso para o jantar.

— Às cinco horas de uma sexta-feira? — Bacon acionou seu sorriso de cinquenta amperes. — Parece piada.

— Você não pode sequer imaginar — disse Sammy.

— Onde é que está esse tal de Flatbush, o mato baixo? — disse Bacon quando saíram do buraco do metrô. Parou e olhou para o outro lado da avenida na entrada do Prospect Park. — É aqui que ele fica?

— Na verdade eles o mudam de lugar — disse Sammy. Tinham tomado dois drinques cada, mas por algum motivo Sammy não se sentia nada intoxicado. Perguntava-se se o medo inibia os efeitos do álcool. Perguntava-se se tinha mais medo de Tracy Bacon ou de aparecer atrasado para o jantar na casa de Ethel, com bafo de gim e com o maior pedaço de bacon do mundo a reboque. Na estação do metrô comprou um tubo de Sen-Sen e engoliu quatro. — Movimentava-se sobre rodas. — Deu um puxão na manga do blazer azul de Bacon. — Vamos, estamos atrasados.

— Estamos? — Bacon ergueu uma sobrancelha. — Você não tinha falado nisso.

— Você nem ao menos me conhece — disse Sammy. — Como pode ter a pretensão de zombar de mim?

Ao apertar a campainha do 2-B — tinha extraviado sua chave — se deu conta de que devia estar muito, muito bêbado. Era a única explicação possível para o que ia fazer. Não estava seguro de quando fizera o convite, ou a que altura ficou claro a Sammy que Bacon o havia aceitado. No bar do St. Regis, sob o olhar jovial do *King Cole* de Parrish, sua conversa tinha se desviado tão rapidamente das dificuldades de Bacon com o personagem do Escapista que Sammy não podia lembrar agora que sabedoria, se alguma, pudera oferecer àquele respeito. Quase imediatamente, parecia, Bacon se lançara espontaneamente numa recitação (que, embora ensaiada, ainda guardava grande interesse para ele) sobre sua criação, educação, suas viagens, um relato extravagante — tinha morado no Texas, na Califórnia, nas Filipinas, em Porto Rico, no Havaí e, mais recentemente, em Seattle; seu pai era um general de brigada, sua mãe uma inglesa com título de nobreza; navegara num navio mercante; domara cavalos em Oahu; frequentara um internato onde jogara hóquei e boxeara um pouco — uma biografia que, paradoxalmente, ele próprio admitia com tristeza que carecia de uma sustentação fundamental de sentido ou propósito. Enquanto isso, a criação e educação de Sammy e suas viagens da Pitkin Avenue à Surf Avenue, alertando-o para o inconfundível cheiro de bazófia, estiveram em

conflito com sua fraqueza nativa por romance. Sentado, ouvindo, com o gosto de remédio do gim na boca, ao mesmo tempo invejoso e incapaz de afastar o eco da jubilosa confissão de Bacon — “Sou um mentiroso terrível!” — parecia emergir, apesar da bela aparência de Bacon e dos seus amigos atores e da namorada fresca como um gim-tônica, e independentemente da verdade ou falsidade das alegações que fazia, um retrato inequívoco que Sammy ficou surpreso de achar que reconhecia: Bacon era solitário. Morava num hotel e fazia suas refeições em restaurantes. Seus amigos atores aceitavam sua história sem contestar, não porque fossem crédulos, mas porque causava menos esforço aceitá-la. E agora, com um instinto infalível, ele havia farejado a solidão de Sammy. A presença de Bacon do lado de Sammy, esperando uma resposta do 2-B, era testemunho disso. Não ocorreu a Sammy que Bacon estava apenas bêbado, tinha 21 anos (não 24) e ia inventando as coisas na hora.

— Esta é a campanha de porta mais zangada que já ouvi — disse Bacon quando ela finalmente se abriu.

Sammy segurou a porta do vestíbulo para ele.

— Aquilo na verdade foi a voz de minha mãe — disse. — Existe um pequeno cilindro de cera lá.

— Você só está tentando me assustar — disse Bacon.

Subiram os degraus que haviam fatigado as pernas de Sammy durante tantos anos. Sammy bateu.

— Chegue para trás — disse.

— Pare com isso agora.

— Cuidado com seus dedos, mãe!

— Vejam só quem está aí.

— Não fique agitada.

— Onde está seu primo?

— Já tinham outro compromisso, mãe. Trouxe um amigo. Este é o sr. Tracy Bacon. Vai interpretar o Escapista. No rádio.

— Cuidado para não bater com a cabeça — foi a primeira coisa que Ethel disse para Bacon. E então “Céus”. Sorriu e estendeu a mão e Sammy viu que ela ficou impressionada. Tracy Bacon causava um impacto e tanto. Ela deu um passo para trás a fim de vê-lo melhor e ficou ali como um dos turistas com que Sammy topava a caminho ou de volta do trabalho todo dia. — Você é muito bonito.

Não chegou a soar como um cumprimento sincero; podia haver algum comentário embutido sobre o caráter ilusório das embalagens atraentes.

— Obrigado, sra. Clay — disse Bacon.

Sammy pestanejou.

— Este não é o meu nome — disse Ethel, mas não agressivamente. Olhou para Sammy. — Nunca dei importância a este nome. Bem, entre

e sente-se, eu fiz tanta coisa, ora vamos. O jantar já ficou pronto uma vez e vocês perderam as velas, lamento dizer mas não podemos adiar o pôr do sol nem mesmo para escritores estrelas de histórias em quadrinhos.

— Soube que mudaram esta regra — disse Sammy.

— Você está cheirando a Sen-Sen.

— Tomei um pequeno drinque — disse ele.

— Oh, você tomou um drinque. Isto é bom.

— Como assim? Posso tomar um drinque, se quiser.

— Claro que pode tomar um drinque. Tenho uma garrafa de *slivovitz* em algum lugar. Quer que vá buscar para você? Pode beber a garrafa inteira, se quiser.

Sammy girou e fez uma careta para Bacon: Não lhe falei? Seguiram Ethel até a sala de estar. O ventilador elétrico estava colocado sobre a janela mas, de acordo com as teorias pessoais de Ethel sobre higiene e termodinâmica, virado para fora, a fim de retirar o ar quente da sala, deixando uma zona inteiramente teórica de frescura para trás, Bubbie já estava de pé, um grande sorriso confuso no rosto, seus óculos brilhando. Usava um vestido de algodão solto estampado com papoulas escarlates.

— Mamãe — disse Ethel em inglês —, este é um amigo de Sammy. O sr. Bacon. É ator no rádio.

Bubbie cumprimentou com a cabeça e agarrou a mão de Bacon.

— Oh, sim, como é que está? — disse em iídiche. Deu a impressão de reconhecer Tracy Bacon imediatamente, o que era estranho, há anos parecia não reconhecer mais ninguém. Nunca ficou claro depois quem ela imaginava que Bacon fosse. Ele apertou vigorosamente as duas mãos dela.

Por algum motivo, a visão de Bubbie apertando a grande mão rosada de Bacon fez Ethel rir.

— Sente-se, sente-se — falou. — Mamãe, solte ele. — Olhou para Sammy. — Sente-se. — Sammy começou a se sentar. — O que é que há, não me beija mais, sr. Sam Clay?

Sammy beijou a mãe.

— Mãe, está me machucando! Ui!

Ela o soltou.

— Gostaria de quebrar seu pescoço — falou. Parecia estar de muito bom humor. — Vou botar o jantar na mesa.

— Cuidado com a pá.

— Engraçado.

— É assim que fala com sua mãe? — disse Bacon.

— Oh, eu gosto do seu novo amigo — disse Ethel. Agarrou seu braço e deu um tapinha no imenso bíceps direito. Parecia supremamente vingada. O choque no rosto de Bacon parecia genuíno.

— Este jovem ama sua mãe.

— Gente, amo mesmo — disse Bacon. — Posso ajudar na cozinha, senhora... hum...

— É Klayman. K-L-A-Y-M-A-N. Ponto.

— Sra. Klayman. Tenho muita experiência em descascar batatas ou o que a senhora precisar que eu faça.

Agora era a vez de Ethel parecer chocada.

— Oh... não, já está tudo pronto. Vou só requeentar de novo.

Sammy queria salientar que requeentar tudo várias vezes a fim de retirar tanto sabor quanto possível fazia parte integral da técnica culinária de Ethel, mas prendeu a língua. Bacon o constrangia.

— Você não caberia na minha cozinha — disse Ethel. — Sente-se.

Bacon seguiu-a até a cozinha. Sammy ainda tinha de ver este “novo amigo” não aceitar um não como resposta. Apesar da sua altura e de seus ombros de nadador, não era confiança em suas habilidades o que parecia comandar Tracy Bacon, mas a certeza de que seria bem-vindo aonde quer que fosse. Era dourado e bonito e sabia como descascar uma batata. Para surpresa de Sammy, Ethel deixou Bacon segui-la.

— Jamais consigo pegar aquela tigela lá em cima — ouviu-a dizer. — Aquela com o tucano.

— E então, Bubbie — disse Sammy. — Como vai?

— Estou ótima, querido — disse ela. — Estou ótima. E você, como vai?

— Vamos sentar. — Tentou conduzi-la à outra poltrona amarela. Ela o empurrou.

— Deixe. Quero ficar de pé. Passo o dia inteiro sentada.

Da cozinha Sammy podia ouvir — mal podia perder — o martelar jovial da voz de Bacon, com seu registro agudo lírico. Como a de Sammy, a barragem constante de tagarelice que Bacon sustentava parecia destinada a impressionar e a seduzir. A risada de açúcar queimado de Ethel saía flutuando da cozinha. Sammy tentou ouvir o que Bacon dizia para ela.

— O que foi que você fez hoje, Bubbie? — disse ele, atirando-se no divã. — Belmont está funcionando. Foi às corridas?

— Sim, sim — disse Bubbie agradavelmente. — Fui às corridas.

— Ganhou algum dinheiro?

— Oh, sim.

Nunca se sabia ao certo se Bubbie aceitava ou não a provocação.

— Josef mandou um beijo para você — falou ele em iídiche.

— Fico feliz — disse Bubbie em inglês. — E como está Samuel?

— Samuel? Oh, está ótimo — disse Sammy.

— Ela me chutou para fora — Bacon emergiu da cozinha com um pequeno avental de lavar pratos estampado com bolhas de sabão azul

pálidas. — Acho que eu estava atrapalhando.

— Oh, não caia nessa — disse Sammy. — Atravessei no caminho de um pão uma vez e precisei levar nove pontos.

— Engraçado — disse Ethel, entrando na sala de estar. Desatou seu avental e o jogou sobre Sammy. — Venham, vamos comer.

O jantar era um regalo de pele, uma dúzia de grampos de pendurar roupa e alguns panos de prato velhos cozidos com cenouras. O fato de que a refeição foi servida com um pote de raiz-forte caseira permitiu Sammy concluir que aquilo devia passar por costelas de boi assadas. Muitas das especialidades de Ethel vinham assim codificadas por condimentos. Tracy Bacon encheu o prato três vezes. Limpou o prato com um pedaço de pão ázimo. Suas bochechas ficaram rosadas com a intensidade do prazer que tirou da refeição. Era aquilo ou a raiz-forte.

— Ufa! — disse, depondo o guardanapo finalmente. — Senhora K., nunca vi melhor na minha vida.

— Sim, mas melhor o quê? — disse Sammy.

— Comeu o bastante? — perguntou Ethel. Tinha o ar satisfeito mas, para Sammy, parecia um pouco confusa.

— Deixaram espaço para o meu *babka*? — disse Bubbie.

— Eu *sempre* deixo espaço para a sobremesa, sra. Kavalier — disse Bacon. Virou-se para Sammy. — *Babka* é uma sobremesa?

— É uma pergunta eterna entre meu povo — disse Sammy. — Existem alguns que defendem que na verdade é uma almofada de reza muito pequena.

Ethel levantou-se para fazer café. Bacon ficou de pé e começou a tirar os pratos da mesa.

— Já chega — disse Sammy, empurrando-o de volta para a sua cadeira. — Você está me deixando muito mal aqui. — Juntou os pratos e utensílios sujos e os carregou para a minúscula cozinha.

— Não os empilhe — disse sua mãe à guisa de agradecimento. — Suja os fundos.

— Estou só tentando ajudar.

— Seu tipo de ajuda é pior do que nenhuma ajuda. — Ela colocou a cafeteira na boca do fogão e acendeu o gás. — Fique para trás — disse, riscando um fósforo. Devia vir acendendo fogões a gás há trinta anos, mas cada vez era como se entrasse num edifício em chamas. Deixou escorrer água na pia e colocou os pratos dentro. Vapor subiu das bolhas de Lux; a água devia estar, naturalmente, antibacteriana de tão quente. — Ele parece exatamente como Josef o desenha — disse.

— Não é mesmo?

— Está tudo bem com o seu primo?

Sammy adivinhou que estava magoada.

— Ele realmente queria vir, mãe — falou. — Mas o convite foi muito em cima, sabe?

- Não faz nenhuma diferença para mim.
- Só estou falando.
- Alguma novidade? O que é que o homem da agência diz?
- Hoffman diz que as crianças ainda estão em Portugal.

— Com as freiras. — Quando garota, durante a Primeira Guerra, Ethel fora abrigada brevemente por freiras ortodoxas. Trataram-na com uma bondade de que jamais se esquecera e Sammy sabia que ela teria preferido que seu pequeno sobrinho ficasse com estas carmelitas portuguesas, na relativa segurança de um orfanato em Lisboa, a se aventurar através de um oceano coalhado de submarinos num vapor de terceira mão com um nome fraco. Mas as freiras aparentemente sofriam pressão da Igreja Católica de Portugal para não fazer da acolhida de crianças judias da Europa Central uma atividade permanente.

— O barco está a caminho de Portugal — disse Sammy. — Para apanhar as crianças. Viaja num destes esquemas de comboio, sabe, com cinco destroieres da Marinha dos Estados Unidos. Thomas deveria estar aqui dentro de um mês, disse Joe.

— Um mês. Aqui. — Sua mãe passou-lhe um pano de prato e um prato. — Seque.

— Sim, Joe está feliz com isso. Parece feliz com Rosa, também. Não está mais trabalhando naqueles horários malucos como costumava. Estamos ganhando bastante dinheiro e consegui convencê-lo a deixar de lado todas as revistas em que trabalhava e ficar só com três.^[8] Tive de contratar *cinco* sujeitos para substituí-lo.

— Fico feliz que esteja sossegando. Andava muito desvairado. Brigando. Machucando-se de propósito.

— A coisa é que acho que ele gosta daqui — disse Sammy. — Não ficaria surpreso se decidisse ficar, mesmo depois que a guerra acabar.

— *Kayn ayn hora* — disse sua mãe. — Vamos esperar que ele tenha uma escolha.

— É um pensamento alegre.

— Não conheço esta garota muito bem. Mas ela parecia... — Hesitou, não desejando ir ao ponto de lançar elogios sobre Rosa. — Tenho a impressão de que ela tem uma boa cabeça sobre os ombros. — No mês anterior Joe e Rosa tinham levado Ethel para ver *Que espere o céu*; Ethel era parcial com relação a Robert Montgomery. — Podia ter-se saído muito pior.

— Sim — disse Sammy. — Rosa é uma boa garota.

Então, durante um minuto, simplesmente secou os pratos e garfos que ela passava para ele e os colocou, sob o escrutínio da mãe, na grade. Não havia outro som além do guincho do pano de prato, o tilintar dos pratos e o jorro regular da água quente na pia. Bacon e Bubbie pareciam, na sala de jantar, haver esgotado as coisas que

tinham a dizer um para o outro. Era um destes silêncios prolongados que significavam, Ethel sempre costumava dizer, que em algum lugar um idiota tinha acabado de nascer.

— Eu *gostaria* de encontrar alguém, sabe — disse Sammy finalmente. — Quero dizer, estava pensando. Recentemente. Encontrar alguém realmente bacana.

Sua mãe fechou a torneira e tirou o tampão do ralo da pia. Suas mãos estavam avermelhadas da água escaldante.

— Eu também gostaria — disse ela. Abriu outra gaveta e tirou a caixa de papel encerado. Rasgou um pedaço, espalhou-o no balcão de zinco e tirou um prato da grade. — Então como foi que ele se saiu? — perguntou, colocando o prato virado para baixo sobre a folha de papel encerado.

— Ele quem?

Ela acenou com a cabeça para a sala de jantar.

— Aquele ali. — Dobrou as pontas do papel sobre o prato e as amassou. — No ensaio de hoje.

— Saiu-se bem — disse Sammy. — Foi muito bom. Sim, acho que ele vai dar certo.

— Será que vai? — disse ela e, erguendo o prato embrulhado, encarou-o bem no olho pela primeira vez na noite.

Embora isto sempre lhe voltasse com frequência à memória nos anos posteriores, ele nunca saberia exatamente o que ela quis dizer com aquele olhar.

No dia seguinte, um jovem nova-iorquino rico chamado Leon Douglas Saks seguiu os passos dos seus avôs e foi chamado diante da Torá para se tornar um *bar mitzvah*. Era um primo em segundo grau de Rosa e, embora ela nunca tivesse encontrado o garoto, conseguiu sem muito problema arranjar um convite para a recepção no Pierre como acompanhante de um dos artistas na programação, um mágico profissional conhecido como O Fantástico Cavalieri.

Quando ela acordou de um cochilo pós-coito naquela tarde de sábado, no seu quarto de dormir debaixo dos beirais, viu o Fantástico Cavalieri de pé diante do seu espelho drapejado de lenços, olhando com notável interesse ao seu próprio reflexo nu. Rosa puxou um travesseiro sobre sua cabeça e ficou bem quieta para que pudesse observar sem ser observada. Ela podia cheirar o traço do seu hálito em suas próprias exalações, o sabor indeterminado mas distinto de seus lábios, algo entre o mel e a fumaça. No início, enquanto o observava, pensou que ele estava empenhado em pura autoadmiração e, como ela considerava sua falta de vaidade em relação à aparência — as camisas manchadas de tinta, os paletós amarrotados e as bainhas de calças esfarrapadas — uma espécie de vaidade em si, pela qual ela o amava, ficou intrigada. Indagou-se se ele era capaz de ver quanto peso havia acrescentado à sua silhueta longa e enxuta nos últimos meses. Quando começaram a sair juntos, ele era tão absorvido por seu trabalho que raramente achava tempo para refeições, subsistindo misteriosamente à base de café e bananas, mas à medida que a própria Rosa, para sua considerável satisfação, começara a absorver Joe mais e mais, ele se tornara um hóspede regular à mesa do seu pai, onde nunca havia menos de cinco pratos e três diferentes variedades de vinho. Suas costelas não se destacavam mais e seu traseiro magro de menino assumira proporções mais volumosas de homem. Era como se, pensava ela, tivesse se engajado num processo de transferir-se da Tchecoslováquia para os Estados Unidos, de Praga para Nova York, um pouco de cada vez, e a cada dia houvesse mais dele deste lado do oceano. Ela procurou saber se era isto o que ele observava agora — esta evidência de sua irrefutável existência aqui, nesta margem do oceano, neste quarto de dormir, como o seu Joe. Por algum tempo ficou olhando as juntas enluvadas de sua espinha, a pedra pálida sombreada dos seus ombros. Agora, porém, se deu conta da maneira

como ele cerrava e descerrava os olhos azuis, apertando-os nos cantos e então os abrindo num olhar esbugalhado, repetindo sempre a operação. Ao fazer isto, movia os lábios constantemente, engajando-se em algum tipo de arenga ou encantação. De tempos em tempos gesticulava amplamente, floreando os dedos em volta de um punhado de ar vazio, apontando orgulhosamente para alguma maravilha invisível.

Finalmente, ela não pôde aguentar mais e jogou o travesseiro.

— Que diabos está fazendo?

Ele saltou e derrubou o cigarro que estava no cinzeiro sobre a penteadeira dela. Apanhou-o, varrendo cinza do tapete, então se aproximou e sentou-se na cama.

— Há quanto tempo você estava me olhando?

— Uma hora — mentiu ela.

Acenou com a cabeça. Ficara realmente parado ali por uma hora, se olhando e se maravilhando diante de nada?

— Parecia você que tentava hipnotizar a si mesmo ou coisa assim.

— Acho que sim. Acho que estou um pouco nervoso — disse. Passando noite após noite na companhia de conversadores inveterados e letrados, seu inglês tinha melhorado consideravelmente. — Apresentar-me diante de sua família. Seu pai. — O pai de Rosa não comparecia a um evento da família Saks há anos, mas iria à recepção desta noite só para ver o espetáculo de Joe. Fora convidado para a parte religiosa da programação naquela manhã, também, no B'nai Jeshurun, mas Deus me livre. Não entrava numa sinagoga, calculava, desde 1899. — Neste momento ele acha que sou o melhor mágico de Nova York — continuou Joe. — Porque nunca me viu. Depois desta noite, provavelmente vai achar que sou um panaca.

— Ele vai adorar você — disse ela. Ficou comovida ao ver que a opinião do pai representava tanto para ele. Interpretou isso como mais uma prova de que ele lhe pertencia. — Não se preocupe.

— Mm-humm — disse ele. — Você já acha que sou um panaca.

— Eu não — disse ela, subindo a mão por sua coxa e segurando seu pênis, que imediatamente começou a mostrar um interesse renovado por ela.

Ela assistira ao seu espetáculo duas vezes. A verdade é que Joe era um artista talentoso mas descuidado, propenso a morder mais do que podia engolir. Tinha renovado sua carreira, conforme prometera, com a recepção de Hoffman no Hotel Trevi em novembro e começara com alguns tropeços quando — esquecendo o desdém que seu professor Bernard Kornblum devotava a tais “mecanismos” e sucumbindo à sua fraqueza fatal, da qual sofrerá toda a vida, por atos ousados e por façanhas — ficara irremediavelmente enredado no Dragão do Imperador, um elaborado aparato de truques que comprara, a crédito,

da Loja de Magia de Louis Tannen. Era uma antiga geringonça pseudochinesa dos bons tempos de Ching Ling Fu, em que um “dragão” de seda numa jaula de latão era acionado para engolir fogo e então botava um número de ovos coloridos, cada um deles apresentado à inspeção de uma testemunha para verificar eventuais sinais de costuras ou aberturas, antes que fosse aberto com uma vareta de prata, expelindo algum objeto pessoal pertencente a um membro do público que, até esta altura, não se dera conta do desaparecimento de seu relógio ou de seu isqueiro. Bater carteiras nunca fora um dos fortes de Joe, no entanto, e estava fora de forma há algum tempo. No vestíbulo do Trevi, antes do espetáculo, houve um incidente desagradável com a tia do menino do *bar mitzvah*, Ida, envolvendo sua bolsa de contas, episódio que teve de ser abafado às pressas por Hermann Hoffman; e, durante a apresentação, Joe chamuscou sua própria sobrançelha direita. Passou rapidamente para cartas e moedas depois disto e, nesta área, o treinamento renovado e os dons naturais de seus dedos lhe serviram bem. Fez com que centavos e rainhas se comportassem de maneiras bizarras, dotou-os de sensibilidade e emoções, transformou-os em variações meteorológicas, provocando tempestades de ases e desencadeando relâmpagos de níqueis dos céus. Depois que Joe terminou seu ato, o jovem Maurice Hoffman trouxe um amigo que ia ter o seu próprio *bar mitzvah* dentro de duas semanas e estava decidido a compelir seus pais a contratar Joe para a festa. Mais compromissos surgiram: de repente Joe descobrira que havia se tornado um artista em voga entre os garotos adolescentes judeus ricos do Upper West Side, muitos dos quais, naturalmente, eram leitores leais das revistas em quadrinhos da Empire. Não pareciam ligar que de tempos em tempos um ás caísse da pulseira do seu relógio ou que ele fizesse a leitura errada dos seus pensamentos. Eles o adoravam e ele aceitava sua adoração. Na verdade, parecia procurar ativamente a companhia de garotos de 13 anos, não tanto porque isso gratificava o seu ego, pensava Rosa, mas porque ansiava tanto por rever seu irmão. E porque a companhia deles — respeitosos, sardônicos, desejosos de se deixar impressionar, teimosos no seu desejo de ir ao fundo de cada truque — parecia prometer boas coisas para Thomas na sua chegada: amigos de inteligência áspera, ao mesmo tempo inocente e afiada, simplórios ou bonitos, mas todos uniformemente bem vestidos, seus rostos sem nenhuma sombra a não ser da acne ou de uma barba incipiente. Eram meninos que viviam livres do medo de invasão, de ocupação, de leis cruéis e arbitrárias. Com o encorajamento de Rosa, Joe começou, primeiro como uma tentativa, depois com grande ardor, a imaginar a transformação do seu irmão num garoto americano.

Às vezes, quando combinava previamente as coisas com os pais, surgia o nome de Houdini e perguntavam a Joe se ele poderia

(naturalmente com um considerável aumento do seu cachê) executar um escape; mas aqui ele demarcava o limite.

— Escapei de Praga — dizia, olhando para seus pulsos nus como se em busca da marca avermelhada das algemas. — Acho que isso, talvez, já tenha sido o bastante.

Aqui os pais, trocando olhares com Rosa, invariavelmente concordavam e preenchiam um cheque de cem dólares para ele. Parece que nunca ocorrera a Joe que a razão de sua súbita popularidade no circuito do *bar mitzvah* do West Side não era a habilidade errante dos seus prestigiados dedos, nem o fervor inabalável dos seus jovens fãs, mas principalmente a simpatia que aqueles pais sentiam por um garoto judeu sem lar que tinha de certa forma conseguido escapar da sombra da encapelada bandeira negra que cobria toda a Europa, e que, todos sabiam, costumava doar todos os seus ganhos para a Agência de Resgate Transatlântico.

— Não consigo melhorar — disse ele, observando abstratamente enquanto crescia na mão dela. — Na loja de Tannen todos zombam de mim.

— Você está muito melhor do que antes — disse ela e acrescentou, com uma insinuação otimista: — Está tudo melhor, não está?

— Muito melhor — disse ele, mexendo-se um pouco no punho dela. — Sim. Muito.

Quando o conheceu, era uma criatura tão tristonha e solitária, machucado e quebrado de todas as suas brigas de rua, com o pequeno hidrante Sammy Clay como único apoio e parceiro. Agora tinha amigos, naquela loja de magia que frequentava e no mundo artístico de Nova York. Tinha mudado; ela o mudara. Nas páginas da *Radio Comics* — Rosa agora era uma leitora fiel — ele e o Escapista continuavam a combater as forças da Corrente de Ferro, em batalhas cada vez mais grotescas e ornadas. Mas a triste futilidade do combate, que Joe sentira tão cedo em seu trabalho na revista e que ficara imediatamente evidente para Rosa, parecia ter começado a afetar a criatividade de sua pena. Mês após mês, o Escapista transformava os exércitos do mal em pasta e, no entanto, lá estavam eles na primavera de 1941 e o império de Adolf Hitler era mais extenso que o de Napoleão. Nas páginas de *Triunfo*, os Quatro Libertadores^[9] atingiam a meta impossivelmente orgástica de matar Hitler, só para saber no número seguinte que sua vítima fora apenas um dublê mecânico. Embora Joe continuasse lutando, Rosa podia ver que seu coração estava fora da confusão. Era nas páginas de *Só Garotas*, em domínios longe da Zotênia ou de Praga, que a arte de Joe agora florescia.

A Mariposa Luna era uma criatura da noite, do Outro Mundo, de regiões místicas onde o Mal atuava por meio de feitiços e maldições em vez de balas, torpedos ou bombas. Luna combatia neste mundo

fantástico contra espectros e demônios e defendia todos nós, sonhadores inocentes, contra o ataque dos domínios obscuros do sono. Por duas vezes já, havia batido suas asas contra Criaturas Anciãs escravagistas que comandavam vastas armadas interdimensionais de demônios e, embora fosse bastante fácil ver tais enredos como alegorias de paranoia, invasão e guerra mundial, e o trabalho de Joe aqui como uma continuação do conflito mortífero de *Radio* e *Triunfo*, a arte de Joe para *Mariposa Luna* era muito diferente do seu trabalho nas outras revistas. O pai de Rosa, com seu olho para as fontes americanas nativas da ideia surrealista, havia apresentado a Joe a obra de Winsor McKay. As paisagens urbanas oníricas e as perspectivas estonteantes, o tom jocoso e as bizarras metamorfoses e justaposições de *Little Nemo na Terra dos Sonhos* rapidamente acharam seu caminho nas páginas de Joe para *Mariposa Luna*. Subitamente, o padrão de três fileiras de caixotes quadrados se tornou uma prisão da qual tinha de escapar. Dificultavam seus esforços para desenhar os espaços de sonho deslocados e não euclidianos em que a *Mariposa Luna* combatia. Retalhou seus quadrinhos, expandiu-os e distorceu-os, cortou-os em cunhas e faixas. Experimentou com sombreado de pontos, hachureados, efeitos de xilogravura e até colagens cruas.^[10] Através deste cenário vibrante e crepuscular voava uma jovem mulher poderosa e cheia de graça com seios imensos, asas de fada e antenas felpudas. Estes quadrinhos pousavam no fulcro, fino como uma agulha, entre o maravilhoso e o vulgar que era, para Rosa, o ponto de equilíbrio do próprio surrealismo. Ela podia ver Joe, a cada novo número, lutando contra as convenções e os clichês das histórias quase sempre literatas de Sammy, esforçando-se para encontrar algum tipo de ruptura em sua arte. E estava decidida a estar presente naquele momento. Tinha a impressão de que ia ser a única pessoa a notar e a apreciar quando aquilo acontecesse; para ela, Joe tinha aquele ar autêntico do pedreiro solitário, do ceramista de gênio, como Facteur Cheval, ou daquele estranho e hesitante outro Joe, sr. Cornell, lançando-se em direção do sublime numa nave construída de lugares-comuns, de coisas esquecidas e desprezadas. Estar ali, apoiando-o de qualquer modo que pudesse, naquele momento do embarque e em toda a brilhante jornada que se seguiria, tornara-se um elemento-chave — ao lado do empenho de trazer o irmão dele e amarrá-lo a ela e à América com laços inquebráveis — na sua missão de amor. Quanto à prática de sua própria arte, aquilo sempre fora menos uma questão de missão e mais um hábito longo e melancólico, uma maneira de agarrar suas emoções e ideias à medida que passavam voando e as alfinetar, como se fosse na tela, antes que pudessem escapar do seu olhar. No fim, levaria muito menos tempo para que o mundo, ou aquela pequena porção do mundo que lia e pensava em histórias em

quadrinhos, aclamasse o gênio de Joe do que levou para que alguém — e até para a própria Rosa — reconhecer o talento dela.

— É melhor eu começar a me preparar — disse ele, embora não se mexesse, e ela redobrou o aperto da mão no seu pênis.

— Que planeja fazer com isto? — perguntou ela. — Talvez possa trabalhar no seu espetáculo. Eu podia pintar uma carinha nele.

— Não trabalho com marionetes.

Houve uma batida na porta. Ela o largou e ele saltou por cima dela para se enfiar debaixo do lençol, também.

— Sim? — ela perguntou.

— Abra! Tenho um pequeno presente para o Fantástico.

Era seu pai. Rosa levantou-se e colocou um roupão de banho. Então apanhou o cigarro que Joe deixara aceso sobre sua penteadeira e caminhou até a porta.

Seu pai estava parado na entrada vestido para a recepção num enorme terno de algodão listrado de três peças marrom-cacau e trazia um saco de roupas de lona num dos braços. Examinou com curiosidade Joe, que se sentara na cama, as cobertas erguidas o suficiente para cobri-lo. A questão de não ser este um momento conveniente para interromper os jovens amantes, ou de que talvez deveria voltar mais tarde, não ocorreu a seu pai. Simplesmente invadiu o quarto com seu corpanzil.

— Josef — disse erguendo o saco de roupa. — Notamos que toda vez que vai se apresentar é obrigado a alugar um smoking. — O pai dela era inclinado ao plural majestático quando sentia que estava sendo particularmente magnânimo. — Pareceu-nos que você devia realmente ter uma roupa própria. — Abriu o zíper do saco. — Mandei fazer — disse.

O paletó era da cor do céu sobre o Castelo de Praga numa noite clara de inverno. As calças eram também de um azul-escuro lustroso, debruadas com uma faixa dourada brilhante. E afixado numa das lapelas negras de cetim havia um distintivo dourado na forma de uma chave-esqueleto.

— Pensei nisto — disse o pai — em homenagem a você-sabe-quem. — Colocou a mão no bolso do paletó e puxou uma máscara de dominó do mesmo cetim preto das lapelas do paletó, com longas bandas de fita preta. — Não faria mal acrescentar um pouco de mistério ao show.

Rosa ficou tão surpresa quanto Joe. Ela sorria tanto que suas orelhas começavam a doer um pouco.

— Joe — disse —, veja só o que ele fez.

— Obrigado — disse Joe —, eu... — Fez menção de que queria se levantar, preso à cama por sua nudez.

— Pelo amor de Deus, jogue uma toalha para ele — falou arrastado o pai. — Para que possa nos agradecer adequadamente.

Joe levantou-se da cama, puxando a coberta à sua volta. Deu um nó na altura da cintura e então apanhou o smoking azul das mãos do pai de Rosa. Seguiu-se um abraço um tanto desajeitado e então o pai sacou uma garrafinha de bolso e, depois de remexer sem muito sucesso no caos do quarto de Rosa, encontrou um copo que só estava ligeiramente manchado de batom.

— Ao Fantástico Cavalieri! — disse, erguendo o copo de uísque manchado de rosa. — Que... devo ousar dizer?

— Ouse — disse Rosa, sentindo ela mesma corar bastante.

— Eu diria que numa família pequena como esta, há certamente lugar para mais um. — Bebeu.

Rosa observava o rosto de Joe, sentindo-se quase embriagada com a felicidade do momento, e assim viu o olhar de dor que passou por ele ao ouvir estas palavras.

— Eu já tenho uma família — disse ele baixinho.

— Oh, sim... Joe, pelo amor de Deus, eu sei disto. Só queria...

— Desculpe — disse Joe. — Fui muito grosseiro. Muito obrigado, por tudo. Por isto. — Ergueu o smoking. — Por sua bondade. Por Rosa.

Havia quase salvo o momento e eles lhe permitiram pensar que havia. Mas o pai deixou o quarto no minuto e Rosa e o seu Joe ficaram sozinhos, na cama, nus, olhando para o terno azul vazio.

A última carta que Joe receberia da mãe, postada na agência de correio da Rua Ostrovni, conforme as leis requeriam, no horário entre uma e três da tarde, trazia estes dizeres (as barras negras marcam o brusco trânsito da caneta do censor sobre o texto):

Meu querido filho:

É um mistério digno do melhor psiquiatra que uma rida humana possa ser tão extremamente vazia e ao mesmo tempo cheia até quase explodir de esperança. Com a partida de Thomas, ficamos sem ter mais nada por que viver, a não sei: parece, o conhecimento de que ele está indo se encontrar com você naquela afortunada nação que já o recebeu tão generosamente no seu seio.

Estamos tão bem quanto se pode esperar, levando em conta os ataques de raiva de Tia Lou. [“Tia Lou” era o código familiar para o governo nazista de Praga.] Seu avô perdeu a maior parte da audição no ouvido esquerdo devido a uma infecção e um pouco do uso do ouvido direito também. Por isso, agora ele habita no terreno das conversas gritadas e de um sereno distanciamento da discussão. Este último é um dom precioso na convivência com nossos Caros Amigos [isto é, a família Katz, com a qual os Kavaliers dividiam seu apartamento de dois quartos] e, na verdade, estou inclinada a acreditar que papai está simplesmente fingindo surdez ou que, pelo menos, arranjou para ficar assim de propósito. Meu pulso não ficou bem curado — talvez nunca fique na ausência de □□□□ dieta — e é bastante inútil neste tempo ruim, mas ultimamente tivemos uma sucessão de dias bonitos e continuei o trabalho na minha *Reinterpretação dos sonhos*^[1] embora o papel [? borrado] seja um □□□□□ aborrecimento e me obrigue a ensopear minhas velhas fitas de máquina de escrever em □□□.

Por favor, Josef, não continue a se preocupar ou gastar seu tempo tentando conseguir para nós o que você conseguiu, com a ajuda de seus amigos, para o seu irmão. Isto é suficiente; mais do que suficiente. Seu falecido pai, como você sabe, sofria de otimismo crônico, mas está claro para mim e para qualquer um que não seja tolo ou sofra de surdez que nós □□□□□□□ e que o estado atual das coisas será tão permanente quanto dá a parecer. Você deve fazer uma vida para você aí, com seu irmão, e desviar

seus pensamentos de nós e de □□□□.

Não recebo notícias suas há três meses e, enquanto tenho a certeza de que você continua a escrever fielmente, interpreto este silêncio, por mais involuntário que seja, como uma sugestão. Com toda a probabilidade esta carta não chegará a você, mas se estiver lendo então, por favor, ouça-me. Quero que nos esqueça, Josef, que nos deixe para trás de uma vez por todas. Não é da sua natureza fazer isto, mas assim deve. Dizem que os fantasmas acham penoso perseguir os vivos e estou atormentada pela ideia de que nossa existência tediosa pudesse diminuir ou impedir que você desfrutasse de sua jovem vida. Que a situação inversa pudesse ocorrer é justo e adequado e não pode saber quanto me alegra imaginá-lo parado numa esquina ensolarada e agitada desta cidade da liberdade e da música de swing. Mas que desperdice outro momento preocupando-se a nosso respeito nesta cidade de □□□□! Não.

Não vou escrever de novo a não ser que tenha notícias das quais você não deve ser privado. Até então, deve saber, meu querido, que está em meus pensamentos todo instante de minha vida acordada e em meus (cl clinicamente bem desinteressantes) sonhos também.

Afetuosamente,
Sua mãe.

Esta carta estava no bolso do novo traje de Joe quando entrou no Grande Salão de Baile creme e dourado do Pierre. Ele a carregava consigo — sem abrir e sem ler — há dias. Sempre que parava para julgar o seu comportamento ele o achava chocante, mas nunca parava por muito tempo. A explosão de culpa que acendia os nervos radiantes do seu plexo solar quando pegava ou lembrava a carta fechada era tão intensa, estava seguro, quanto o que quer que ele pudesse sentir ao rasgar seu frágil selo e deixar sair a usual mistura cinzenta de pesadelos, penas de pomba e fuligem. Toda noite tirava a carta do bolso, sem olhar para ela, e a colocava em sua cômoda. De manhã ele a transferia para o bolso da calça do dia seguinte. Não seria acurado dizer que ela pesava ali como uma pedra, atrapalhando sua locomoção através da cidade da liberdade e do swing, ou que ela parecia um osso entalado em sua garganta. Tinha vinte anos, havia se apaixonado por Rosa Saks e, à maneira escolástica tumultuada dos homens de vinte anos, via, nos menores detalhes, sinais da perfeição sistemática do todo e prova de uma criação benigna. Amava, por exemplo, seus cabelos em todas as formas que assumiam sobre o seu corpo: o montículo dos seus lábios, a penugem nas suas nádegas, as antenas castanhas periódicas que suas sobranceiras lançavam uma para a

outra entre extrações a pinça, o áspero tufo púbico que ela deixara que raspasse no formato das asas de uma mariposa, os espessos cachos de sua cabeça cheirando a cigarro. Quando ela trabalhava numa tela no seu quarto do andar superior, tinha o hábito, enquanto meditava, de ficar parada como uma cegonha sobre o pé esquerdo e massageá-lo ternamente com o dedão do pé direito, a unha pintada da cor de berinjala. De certa forma este tom de púrpura e o eco da contemplativa masturbação infantil no jeito como ela esfregava seu tornozelo o emocionava sempre não só como meramente adorável, mas profundo. As duas dúzias de banais fotografias da infância — roupa de neve, pônei, raquete de tênis, para-lama agigantado de um Dodge — eram uma fonte inesgotável de maravilha para ele, diante do fato de ela ter existido antes que a conhecesse, e da tristeza por não possuir nada daqueles dez milhões de minutos daquela existência em preto e branco com as bordas serrilhadas exceto estas poucas cópias. Somente os escrúpulos fortificados de um caráter fundamentalmente contido e sensível o impediam de tagarelar constantemente, com amigos e estranhos também, sobre as alcaparras que ela colocava na salada de galinha (era como sua falecida mãe costumava fazer), a pilha de palavras de sonho que se acumulavam em sua mesa de cabeceira noite após noite, o cheiro de lírio-do-vale do seu sabonete de mão etc. Seus retratos de Judy Dark em seus minuciosos vestidos e roupas de banho copiados da *Vogue* e seu *alter ego* alado em sutiãs e calcinhas aerodinâmicos, tornavam-se cada vez mais libidinosos e ousados — como se a Mariposa Luna tivesse recebido das confrarias secretas do Próprio Sexo um aumento de poderes igual àquele concedido ao Escapista no início da guerra — até que ela beirava, em alguns quadros que assumiam um significado totêmico para os meninos dos Estados Unidos, a nudez total.

Portanto, assim como sua mãe lhe implorava (embora não soubesse disso), Joe havia afastado seus pensamentos de Praga, da sua família, da guerra. Cada época de ouro é tanto uma questão de descaso como de felicidade. Só quando se instalava no banco traseiro de um táxi, ou buscava a sua carteira, ou roçava contra uma cadeira, é que ouvia o estalo do papel; a batida de uma asa; o sussurro espectral do papel almaço de casa; e por um momento baixava a cabeça de vergonha.

— Que foi? — disse Rosa.

Ele havia tirado o fraque, com o distintivo pregado na sua lapela, para pendurá-lo nas costas de uma cadeira e, ao fazê-lo, a carta tinha farfalhado no seu envelope.

— Nada — falou. — OK, sente-se aqui. Tenho de começar o trabalho.

Era a terceira vez que se apresentava no Pierre e conhecia suas características muito bem, mas sempre gostava de separar dez minutos

para fazer um reconhecimento ou se acostumar de novo com a sala. Foi até o estrado baixo do palco, nos fundos do qual havia três grandes painéis com espelhos dourados. Eles tinham de ser destacados e arrastados, um de cada vez, sobre os degraus e colocados num canto da sala onde não trairiam os segredos da sua mesa de mágico. Acionou o dial dos cinco reóstatos fixando-os numa iluminação média, de modo que a luz dos cinco candelabros maciços não revelasse seus fios de seda negra ou expusesse o fundo falso de uma jarra. Os candelabros de cristal tinham sido cobertos para a ocasião com um tecido de crepe destinado a representar algas marinhas: o tema da recepção desta noite, conforme constava dos programas impressos colocadas sobre cada prato reluzente, era o Reino de Netuno. Havia estranhos estalagmites púrpuras destacando-se dos tapetes por toda a sala, à direita do palco inclinava-se a proa e a carranca de seios fartos, em papier-mâché, de um galeão afundado enterrado em areia de verdade e no centro de tudo bocejava uma gigantesca e opalescente concha de molusco bivalve da qual Joe esperava sinceramente que Leon Douglas Saks não estivesse planejando emergir. Do teto pendiam dois manequins com conchas de vieira cobrindo seus seios e caudas de badejo e linguado gigante escamadas com lantejoulas no lugar de suas pernas. Pesadas redes de pescar com flutuadores de madeira que pareciam grandes contas pendiam das paredes, cada uma delas cheia de uma leva de estrelas-do-mar e lagostas de borracha.

— Você parece realmente que sabe o que está fazendo — disse Rosa, observando-o dismantelar os espelhos e ajustar as luzes.

— Esta é a maior das ilusões do grande Cavalieri.

— Também está muito bonito.

— Obrigado.

— E então, vamos ter de enfrentar este negócio um dia?

— Somos velhos demais — falou, sem prestar muita atenção. Então se tocou. — Oh — disse. — Bem.

— Acho que podíamos ter meninas.

— Uma menina também pode ter o seu dia, agora. Alguém me falou isto. Nesse caso chama-se um *boss mitzvah*.

— O que é que você prefere?

— *Bas mitzvah*. *Bas* ou *boss*, não estou bem seguro.

— Joe?

— Não sei, Rosa — disse ele. Sentiu que devia parar o que estava fazendo e ir até ela, mas algo em relação ao tema o irritava e se sentia fechando por dentro. — Não posso ter certeza de que quero realmente ter filhos.

A jovialidade sumiu do rosto dela.

— Está certo, Joe — disse. — Também não estou segura se quero ou não.

— O que quero dizer é, não sei se esta é a época ou o tipo de mundo em que desejamos que uma criança nasça, este é o problema.

— Sim, sim, sim — disse ela. — Esqueça. — Ela corou e amaciou a saia. — Aquelas rochas púrpuras parecem *tão* familiares.

— Estou achando, também.

— Não posso acreditar neste salão — disse ela. — Realmente, nunca mergulhei muito no Talmude ou em nada disso, mas é difícil imaginar que estivessem emergindo de conchas gigantes lá em Tarshish ou onde quer que fosse.

— Contanto que não *comessem* as ostras — disse Joe.

— Você teve um *bar mitzvah*?

— Não, nunca. Pensei nisto. Mas não. Não éramos religiosos.

— Hã-hã.

— Somos — disse ele. — Não somos. — Pareceu abalado. Ficou de pé e flexionou os dedos algumas vezes. — Nós não *somos* religiosos.

— Não, nós também não somos.

Caminhou até a cadeira onde tinha pendurado o paletó. Colocou a mão no bolso e retirou a carta no seu envelope azul pálido e a segurou, olhando para ela.

— Por que está carregando isto por aí? — disse Rosa. — Você a abriu? O que diz a carta?

Ouviram vozes; as portas do salão de baile se escancararam e os músicos entraram, seguidos por um dos garçons do hotel, de jaqueta branca, empurrando um carrinho. Os músicos subiram ao palco e começaram a abrir as caixas dos seus instrumentos. Joe havia trabalhado com alguns deles e aceitou seus assobios e brincadeiras com relação à sua nova roupa. Recolocou o envelope no bolso e vestiu o paletó. Puxou os punhos, alisou os cabelos para trás e amarrou a máscara de seda. Quando viram aquilo, os músicos explodiram em aplausos.

— Bem — disse, virando-se para Rosa. — O que acha?

— Muito misterioso — disse ela. — De verdade.

Houve um grito estranho e estrangulado na porta e Joe virou-se a tempo de ver o garçom de jaqueta branca sair correndo para fora do salão de baile.

O Luva De Ferro, Kapitão Maligno, o Panzer, Siegfried, o Homem-Suástica, os Quatro Cavaleiros e Wotan-o-Perverso, todos eles confinam suas nefastas operações aos campos de batalha da Europa e do norte da África, mas o Sabotador, Rei da Infiltração, Vândalo Supremo, vivem bem no meio de Empire City — num reduto secreto, disfarçado como um cortiço decrépito, na Cozinha do Inferno. Isto é o que o torna tão eficaz e temido. É um cidadão americano. De dia trabalha como um humilde desconhecido numa das atividades anônimas da cidade. À noite, se esgueira para fora do seu Covil, com seu grande saco preto de truques sujos, e faz guerra contra a infraestrutura da cidade e da nação. É em todos os aspectos o reverso obscuro do Escapista, tão habilidoso em penetrar como um verme dentro das coisas quanto o Escapista o é em encontrar uma saída. À medida que o poder do Escapista aumentou, também cresceu o do Sabotador, que se tornou capaz de caminhar através das paredes, saltar dez metros para o alto e nublar as mentes dos homens para que possa passar por eles sem ser visto.

Numa parede da sala de comando do seu Covil existe um gigantesco mapa eletrônico dos Estados Unidos. Nele, as bases militares estão marcadas com uma luz azul, as fábricas de munições com uma luz amarela, os estaleiros com uma luz verde. Depois que o Sabotador ataca, a lâmpada do alvo, qualquer que seja sua cor original, assume uma tonalidade maligna de vermelho. O Sabotador adora declarar que não descansará enquanto a nação inteira não estiver acesa com lâmpadas vermelhas como sangue. Em outra parede está o Videoscópio, através do qual o Sabotador se mantém em constante contato com a sua rede de agentes e operadores em todo o país. Existe um laboratório, no qual o Sabotador cria novos tipos de explosivos sinistros, e uma oficina mecânica na qual prepara as bombas-novidades — a Gaivota Explosiva, o Chapéu-Coco Explosivo, o Pinheiro Explosivo — pelos quais é conhecido e vilipendiado. Existem ainda um ginásio totalmente equipado, uma biblioteca cheia com os mais avançados textos sobre ciência e dominação do mundo e um luxuoso quarto de dormir forrado de madeira com uma cama de dossel que o Sabotador, implicitamente, divide com Renata von Voom, a Rainha das Espiãs, sua namorada e uma fundadora dos Ofídios Unidos. É no bem equipado Covil que os Ofídios realizam suas

reuniões regulares. Ah, os encontros barulhentos e alegres, ao redor de acepipes e boa cerveja, dos Estados Ofídios da América! Sentam-se ao redor da reluzente mesa de obsidiana, o Quinta-Colunista, o Sr. Medo, Benedict Arnold, Júnior, a Rainha das Espiãs e ele, divertindo-se com seus relatos da confusão, do ódio e da destruição que semearam na semana que passou, rindo como os maníacos que são, e conspirando sobre novos cursos de ação para o futuro. Ah, o terror que irão causar! Ah, os subnormais, os de sangue miscigenado e as raças inferiores que eles irão pendurar por seus pescoços de vira-latas! Ah, Renata em sua lustrosa capa de chuva preta e suas botas reluzentes que sobem até os quadris!

Numa manhã de sábado, depois de uma convocação particularmente tumultuada dos Ofídios, o Sabotador acorda nos seus suntuosos aposentos e prepara-se para deixar o Covil e comparecer ao trabalho serviçal que é um disfarce para suas atividades subversivas. Arranca sua roupa preta noturna de ação e a pendura num cabide do armário, ao lado de outras seis duplicatas. Seu símbolo, um pé de cabra carmesim, está bordado em prata no peito. Há um perfume de cerveja e salsichas no ombro da roupa e de charutos mexicanos? Terá de mandar a roupa para a lavanderia. O Sabotador é meticuloso com relação a estas coisas; não pode suportar pó, sujeira ou desordem, a não ser que seja o caos, a esplêndida entropia de um incêndio, de uma explosão ou de um acidente de trem. Tendo tirado seu disfarce, coloca um par de calças pretas, debruadas em preto. Passa um pente úmido pelos cabelos ralos incolores e raspa a barba do rosto rosado de bebê. Coloca então uma camisa branca limpa, prende o colarinho nela, faz o nó de uma gravata-borboleta preta e coloca um *dinner jacket* branco. Acabou de voltar da tinturaria e pende do cabide dentro de um saco de celofane. Ele o coloca sobre o ombro e então deixa, não sem pesar, seu arsenal limpo e cavernoso. Vai em seguida ao laboratório e apanha as peças desmontadas do Tridente Explosivo, espertamente escondidas dentro de uma caixa de bolo rosada de uma confeitaria da Nona Avenida. Com a caixa debaixo do braço e o paletó sobre o ombro, vira-se e acena um adeus a Renata, que está deitada, olhando preguiçosamente para ele através das pálpebras de longos cílios, debaixo do retrato do *Führer*, na grande cama de carvalho.

— Arrase com eles, garotão — diz na sua voz de vermute enquanto sai pela porta com câmara de compressão e entra na atmosfera fétida cheia de poeira e de sujeira, sazoadada pelo mau cheiro dos imigrantes, dos negros e vira-latas de Empire City. Não respondeu ao lânguido adeus dela; está em serviço e é todo negócios agora.

Pega um ônibus para atravessar a cidade até a Quinta Avenida, depois outro para cobrir vinte quarteirões cidade acima. Normalmente não gosta de andar de ônibus, mas já está atrasado e, se você chega

atrasado, descontam do seu pagamento. Seu aluguel no Covil é barato, mas sua paga é muito baixa para se permitir ser multado de novo por atraso. Sabe que não pode se dar ao luxo de perder outro emprego; sua irmã Ruth já o avisou que não vai “servir de encosto” para ele. Absurdo que o Sabotador devesse se preocupar com tais problemas mundanos, mas estes são os sacrifícios decorrentes de manter uma identidade secreta — vejam todas as dores de cabeça e confusões que Lois Lane, por exemplo, arranja para Clark Kent.

Chega com dez minutos de atraso — são cinquenta centavos, cinco Te Amos, perdidos — e quando entra descobre que já começaram a preparar o salão de baile para a função. O decorador apressadinho está dando ordens a seus subalternos, fazendo com que pendurem as redes de pescaria, montem o navio naufragado de papelão e rolem as grandes formações rochosas de borracha que foram resgatadas — foi o que lhe contou o sr. Dawson, o gerente do salão de baile — daquele show de coristas *Sonho de Vênus* encenado durante a Feira Mundial. O Sabotador está bem informado sobre as particularidades da recepção desta noite, pois foi a que escolheu como cenário do seu maior feito até agora.

O Pierre é um local muito procurado para recepções de casamento e de *bar mitzvah* dos judeus ricos da cidade, o Sabotador descobriu pouco depois de assumir o emprego. Quase toda semana eles se amontoam como porcos num chiqueiro e jogam fora seu dinheiro (chegam sem nenhum pudor até o garoto-gigolô-da-semana e enfiam maços de dinheiro vivo no cinturão do seu smoking), se embriagam e dançam suas danças tediosas ao som dos seus violinos choraminguentos. Embora se sinta humilhado por ter de servir e atender tais pessoas, o Sabotador sabe desde o início que esta identidade secreta lhe dará, no devido tempo, a oportunidade de desferir um golpe terrível. Durante meses esperou pelo momento propício, aperfeiçoando suas habilidades, sob a orientação de um velho anarco-sindicalista bêbado chamado Fiordaliso, como construtor de bombas, lendo Feuchtwangler e Spengler (e *Radio Comics*), aguardando este momento. Então, num *bar mitzvah* uma noite no inverno passado, o Fantástico Cavalieri apareceu na programação, passando cigarros através de lenços e fazendo flores brotarem na sua lapela e se revelou ninguém menos do que Joe Kavalier. (O Sabotador tinha retificado há muito tempo sua suposição de que fora a metade Sam Clay da equipe a responsável pela destruição dos escritórios da LAA e pelo esboço autografado do Escapista, que agora pendia como alvo de dardos no ginásio do Covil.) O Sabotador ficou perplexo demais para agir na ocasião, mas começou a sentir que o momento podia estar bem perto. Durante semanas, depois daquela noite, tagarelou com o sr. Dawson e, através dele, monitorizou os programas

dos próximos eventos, folheando o grande livro de festas em busca de uma nova aparição do Fantástico Cavalieri. E hoje era a grande noite. Quando chegou ao trabalho, foi com a intenção de mostrar a Joe Kavalier que, embora Carl Ebling pudesse ser um arruaceiro e panfletário incompetente, o Sabotador não era de brincadeira e tinha uma memória longa. Ao mesmo tempo, estaria removendo com precisão de mestre quaisquer outros vira-latas que estivessem na vizinhança do jovem judeu. Sim, teria se contentado com apenas isto. Quão surpreendente, perturbado, maravilhoso, estranho é então atravessar o Grande Salão de Baile rolando o carrinho de serviço que esconde o Tridente Explosivo e descobrir que o mágico profissional contratado para o *bar mitzvah* do menino Saks não era algum escriba notívago, mas o próprio Escapista, o ídolo obscuro do Sabotador, seu oposto, mascarado e trajado a rigor, portando na lapela o símbolo da sua maldita Liga.

Naquele momento, a folha de papel na qual os contornos da mente de Carl Ebling foram traçados é como um mapa que já foi dobrado e desdobrado descuidadamente muitas vezes. O reverso transparece; os polos se encontram; no coração de uma grade cinzenta de ruas da cidade que se ramificam jaz uma extensão de mar azul virgem.

Houve alguma vez um momento em que o Super-Homem se demorou um segundo a mais no seu tímido aspecto de Kent e sofreu uma hesitação fatal? O Escapista esqueceu alguma vez de segurar seu talismã e tropeçou com suas pernas aleijadas no campo de luta? O Sabotador tenta ficar calmo, mas o capacho gago com quem é obrigado a partilhar sua existência é uma pilha de nervos e, como um tolo, sai correndo do salão.

Fica parado no vestíbulo do lado de fora do salão de baile, encostado numa parede, o rosto apertado contra o papel de parede estofado com lã, macio e fresco. Acende um cigarro, inala fundo, acalma-se. Não há motivo para pânico; ele é o Rei da Infiltração, e sabe o que fazer. Esmaga o cigarro na areia do cinzeiro mais próximo e segura o carrinho de novo. Desta vez, quando entra no salão tem a presença de espírito de abaixar a cabeça, para evitar que o Escapista o reconheça.

— Desculpe, pessoal — murmura. Empurra o carrinho até o outro lado do palco, até as madeiras lascadas do navio naufragado. O carrinho tem uma roda que guincha e ele tem a certeza de que está chamando a atenção dos músicos no palco, do mágico e de sua namorada de nariz grande. Mas quando olha para trás, vê que estão absortos em seus próprios preparativos. Ela é uma garota muito bonita, pensa, e seu casaco preto masculino o faz lembrar com uma pontada da rainha do seu próprio desejo. Quando chega ao navio, para, agacha-se por trás do carrinho e abre o compartimento em que

os pratos de comidas quentes são armazenados pelos garçons do serviço de copa quando atendem aos quartos.

Até agora o salão de baile está muito cheio de decoradores, garçons e pessoal do hotel, indo e vindo na preparação da sala para o evento, para que ele possa achar a oportunidade de montar as peças do seu Tridente Explosivo. Agora ele trabalha rapidamente, atarraxando o cano fino que contém a pólvora negra e pregos picotados no outro cano que está vazio. Este será o fuste. Na extremidade muda ele afixa dentes de garfo em celofane vermelho rígido, extraído do forcado de uma fantasia de diabo numa loja de roupas teatrais, com um pedaço de fita adesiva. Parece um pouco suspeito, ele sabe, mas felizmente a verossimilhança não é algo que as pessoas geralmente esperam do tridente de um deus do mar. Desenrola os quinze centímetros de estopim que sobressaem através de um buraco perfurado na extremidade do aparato. Então fica de pé, verificando se não está sendo observado, aproxima-se de uma das redes de pescar pregadas na parede, cheias com a sua captura de crustáceos falsos. Ninguém vê; seus pródigos e eternos poderes de invisibilidade permanecem seu maior aliado. Cautelosamente, enfia o tridente através das malhas da rede até que a ponta do estopim repousa sobre o tapete. Quando chegar a hora — quando o Escapista tiver começado o seu espetáculo lendário — O Sabotador vai passar por aqui de novo. Vai deixar a metade de um cigarro Camel presa na rede, de modo que a ponta não acesa encoste no estopim. Então vai se afastar da zona de perigo e esperar. Cinco minutos depois, os vira-latas de Empire City vão começar a saber alguma coisa do terror que seus irmãos e irmãs vira-latas estão sofrendo do outro lado do mundo.

O Sabotador empurra o carrinho de volta para as portas do salão de baile. No último instante, quando passa pelo mágico, não pode se impedir de erguer a cabeça e encarar o adversário no olho. Se existe uma centelha de reconhecimento aqui, ela se extingue no momento em que as portas do salão de baile se escancaram e, rindo e gritando com suas altas vozes de terreiro, os primeiros convidados chegam.

O que se segue é o programa previsto para o espetáculo dado pelo Fantástico Cavalieri na noite de 12 de abril de 1941. Uma cópia, impressa pelo próprio artista, usando uma Genuína Impressora Júnior da “Gráfica do Diabo” que ele desencavou do depósito das Novidades Empire pouco antes da mudança do Edifício Kramler, foi passada para cada convidado antes do show:

As Andanças de um Lenço.
 Bananas Mágicas.
 Uma Conflagração em Miniatura.
 Um Lar Voador.
 Por Favor, Não Coma os Bichinhos.
 Um Nó Contagioso.
 À Deriva na Corrente do Tempo.
 Gelo e Fogo.
 Onde Foi Que Estive?
 O Rabo Perdeu o seu Macaco.

O constrangimento de Joe em relação ao seu inglês e uma desconfiança da conversa fiada herdada do seu grande professor fizeram que seu desempenho fosse rápido e sem palavras. Frequentemente lhe diziam, a mãe ou uma tia do menino do *bar mitzvah*, que o espetáculo fora muito bom, mas ele não ia morrer se sorrisse um pouco de vez em quando, não? Esta noite não foi uma exceção. Na verdade, pareceu àqueles convidados espalhados pela recepção dos Saks que já tinham presenciado atuações anteriores suas, que estava ainda mais contido, ainda mais profissional na sua abordagem do que de costume. Seus movimentos e seu ritmo não eram nem muito rápidos, nem muito lentos, e não houve — como acontecera no passado — cartas derrubadas ou água derramada de jarras. Mas ele não parecia sentir nenhum prazer nos maravilhosos feitos que realizava. O que levava a pensar que não significava nada para ele que pudesse criar um aquário cheio de peixes dourados a partir de uma lata de sardinhas, ou passar um cacho de bananas, uma de cada vez, através do crânio de um menino de 13 anos. Rosa imaginava que ele estava perturbado por algo que lera na última carta de casa e desejava, como desejara muitas vezes antes, que estivesse mais disposto a dividir com ela seus medos, suas dúvidas e quaisquer

más notícias que chegassem de Praga.

Longman Harkoo, embora tentasse, era uma daquelas pessoas incapazes, devido a alguma anomalia da visão ou da compreensão, de acompanhar os movimentos de um espetáculo de mágica, do mesmo modo que algumas pessoas vão a jogos de beisebol e nunca conseguem ver a bola em voo; um golpe magistral do taco é apenas dez mil pessoas esticando o pescoço. Logo desistiu de tentar prestar atenção às coisas que deveriam enchê-lo de admiração e se viu observando os olhos do rapaz atrás da máscara de seda negra. Eles percorriam continuamente a sala — aquilo em si era bem impressionante, que pudesse manipular as cartas e outros dispositivos do seu ato sem olhar para as mãos — e eles pareciam, notou Harkoo, seguir em particular os movimentos de um dos garçons.

Joe reconhecera Ebling imediatamente, embora levasse algum tempo para localizá-lo, entre as distrações de cumprimentar os anfitriões e a família de Rosa e tirar moedas e palitos de fósforo do nariz do menino do *bar mitzvah*. O ariano parecia ter perdido peso desde seu último encontro. Então, também, a mera surpresa de ver Ebling de novo havia interferido com sua capacidade de identificá-lo. Ele não tinha pensado no homem, ou em sua guerra com os alemães de Nova York, fazia muitas semanas. Não saía mais procurando encrenca; depois da ameaça de bomba no último outono, Joe sentiu que tinha vencido Carl Ebling em seu duelo. O homem simplesmente parecia ter abandonado o campo. Joe voltara a Yorkville uma vez, para deixar um cartão de visita ou um lembrete para a Liga Ariano-Americana. A placa não estava mais na janela e, quando Joe invadiu o escritório pela segunda vez, o encontrou vazio. As mesas e os arquivos tinham sido removidos, o retrato de Hitler retirado, deixando apenas um quadrado desbotado na parede. Nada restara além de uma velha batata frita que jazia como uma mariposa no chão de madeira arranhado. Carl Ebling tinha desaparecido, sem deixar seu novo endereço.

Agora lá estava ele, trabalhando como garçom no Hotel Pierre e claramente — Joe sabia disto com tanta certeza quanto que seus peixinhos dourados não passavam de pedaços de cenoura que entalhara com uma faca de cortar maçã — com intenções nada boas. Enquanto Ebling passava de um lado para o outro do salão com uma bandeja no ombro, continuava olhando para Joe, não para as sedas e para as argolas douradas em suas mãos, mas para ele, bem no rosto, com uma expressão que lutava para permanecer neutra e anônima, mas que estava marcada nos cantos com um rubor de profunda maldade.

Quando estava para começar Um Nó Contagioso, no qual, com um sopro de sua respiração, o nó que dera num lenço de seda parecia

transferir-se para uma fileira de lenços de seda nas mãos de voluntários do público, um após o outro diante de seus próprios olhos, Joe sentiu o cheiro de fumaça. Por um instante pensou que fosse o odor residual de Uma Conflagração em Miniatura, mas depois de algum tempo sabia que era sem dúvida tabaco — e algo mais, algo acre como cabelo queimando. Então notou uma fina coluna de fumaça saindo da lateral do palco, à sua esquerda, ao lado do navio afundado. Imediatamente deixou cair o lenço com seu nó diabólico e caminhou, rapidamente mas sem dar a impressão de pânico, em direção à fumaça que riscava o ar. Seu primeiro pensamento foi de que alguém havia derrubado um cigarro; então sentiu uma comichão de suspeita e o rosto de Ebling passou rapidamente por sua cabeça. E então percebeu tudo; o cilindro de brasa queimado quase até a faixa da ponta do cigarro, o tapete chamuscado, a extensão do estopim acinzentado, o cano de aço grosseiramente disfarçado com um celofane vermelho. Parou, virou-se e voltou a sua mesa, onde ainda estava a tigela do Por Favor Não Coma os Bichinhos, cheia com os brilhantes pedaços nadadores de cenoura.

Houve murmúrios das mesas enquanto ele apanhava a tigela.

— Desculpem — disse —, parece que temos um pequeno incêndio.

Quando partiu para jogar a água sobre o cigarro, sentiu alguma coisa grande, pesada e extremamente dura cair sobre suas costas. Parecia-se muito com uma cabeça humana. Joe saiu voando para a frente e a tigela com os peixinhos dourados caiu de suas mãos e despedaçou-se no palco. Ebling montou sobre Joe, agarrando suas faces por trás e, enquanto Joe tentava rolar sobre suas costas, olhou de novo e viu que o estopim lançava uma pequena chuva de fagulhas. Desistiu de rolar e, em vez disto, empurrou o corpo para cima e começou a rastejar sobre as mãos e os joelhos, com Ebling montado nele, doido como um macaco sobre o dorso de um pônei, na direção do cano da bomba. A esta altura, as pessoas sentadas mais perto da bomba haviam notado a fumaça e houve uma sensação geral na sala de que isto não fazia parte do show. Uma mulher gritou e então uma porção de mulheres saiu gritando e Joe se arrastou para a frente com seu cavaleiro esgarçando seu rosto e agarrando suas orelhas. Ebling pôs os braços ao redor da garganta de Joe e começou a esganá-lo. Naquela altura, Joe caiu do palco. Perdeu o equilíbrio e ele e Ebling desabaram para o chão. Ebling rolou, tropeçando na rede de pesca, que se soltou da parede, esparramando um monte de estrelas-do-mar e lagostas de borracha sobre ele.

Ebling teve apenas tempo de dizer “Não”. Então, uma pesada chapa de metal pareceu cair sobre a cabeça de Joe, envolvendo seu rosto, garganta e orelhas em aço amarfanhado. Foi arremessado para trás e algo quente, um fio desencapado, atingiu com um silvo sua

testa. Seguiu-se quase imediatamente um som terrível como o de um porrete pesado caindo num saco de tomates e então o sopro outonal de pólvora.

— Merda! — disse Carl Ebling, sentando-se no chão, piscando, lambendo os lábios, com sangue na testa, sangue nos cabelos, pequenas marcas de mãos vermelhas de sangue por toda sua jaqueta branca.

— Que foi que você fez? — Joe ouviu, ou sentiu, as palavras presas em algum lugar na sua garganta. — Ebling, com os diabos, o que foi que você fez?

Foram levados para o Hospital Monte Sinai. Os ferimentos de Joe foram menores comparados com os de Ebling e, depois que teve o rosto limpo, seus ferimentos faciais tratados e a laceração da testa suturada, pôde voltar, atendendo à demanda popular, ao Grande Salão de Baile do Pierre, onde foi saudado e brindado e coberto de dinheiro e de elogios.

Quanto a Ebling, foi a princípio acusado de posse ilegal de explosivos; mas isto foi depois aumentado para uma acusação de tentativa de assassinato. Por fim, foi condenado por uma quantidade de incêndios menores, vandalismo em sinagogas, explosão de cabines telefônicas e até uma tentativa de descarrilamento do metrô no inverno anterior que recebeu muita atenção dos jornais, mas que, até que o Sabotador confessasse este e outros feitos, ficara sem solução.

Mais tarde naquela noite, Rosa e seu pai ajudaram Joe a descer do táxi para a calçada e daí ao longo da estreita passagem que conduzia aos degraus da casa de Harkoo. Seus braços pendiam dos ombros de pai e filha e seus pés pareciam deslizar a cinco centímetros do solo. Não tinha bebido nada a noite toda, por ordem do médico da sala de emergência no Monte Sinai, mas os analgésicos a base de morfina que lhe deram o haviam afetado finalmente. Daquela jornada do táxi até o meio-fio, Joe se lembraria depois da sutil e agradável lembrança do cheiro da água-de-colônia de Siggy Saks e do frescor do ombro de Rosa contra seu rosto arranhado. Arrastaram-no até o estúdio e o deitaram no divã. Rosa desfez os cadarços dos seus sapatos, desabotoou suas calças, ajudou-o a tirar a camisa. Beijou-lhe a testa, faces, peito, barriga, puxou uma coberta até seu queixo e então beijou seus lábios. O pai de Rosa escovou os cabelos de Joe para trás da testa com bandagens e uma suave mão maternal. E então a escuridão se fez e o som de suas vozes se esvaiu do quarto. Joe sentiu o sono envolvê-lo, em espirais como fumaça ou algodão ao redor dos membros. Lutou contra isto por alguns minutos com uma agradável sensação de combate, como uma criança numa piscina tentando flutuar sobre uma bola de futebol. Assim que se entregou à exaustão opiácea, no entanto, o eco da explosão da bomba começou a vibrar de novo em seus

ouvidos e ele sentou-se, o coração batendo forte. Acendeu a lâmpada de mesa e foi até o sofá onde Rosa colocara seu smoking azul e ergueu o paletó. Num pânico estranho e lento, como se suas mãos estivessem enroladas em camadas de gaze, procurou nos bolsos. Pegou o paletó pelas abas, pendurou-o de cabeça para baixo, e sacudiu várias vezes. Dele caíram maços de notas de dinheiro, montes de cartões comerciais e *cartes de visite*, dólares de prata e fichas de metrô, cigarros, seu canivete, cantos rasgados de seus programas rabiscados com endereços e números de telefone das pessoas que salvara. Revirou o paletó e cada um dos seus dez bolsos para fora. Caiu de joelhos e rebuscou em todas as pilhas de cartões e de dólares e de retalhos do programa. Era como o pesadelo clássico do mágico em que o sonhador folheia, com um temor crescente, um baralho ao mesmo tempo comum e infinito, procurando uma rainha de copas ou um sete de ouros que, de certo modo, nunca aparece.

No começo da manhã seguinte ele voltou ao Pierre, grogue e dolorido e meio doido com os ouvidos zunindo, e deu uma busca meticulosa no salão de baile. Investigou várias vezes na semana seguinte no Hospital Monte Sinai e procurou o setor de achados e perdidos da companhia de táxis.

Mais tarde, depois que o mundo foi rasgado em dois, e o Fantástico Cavalieri e seu smoking azul podiam ser encontrados nas páginas com bordas douradas de álbuns de fotos de luxo nas mesas de centro do Upper West Side, Joe às vezes se via pensando no envelope azul-pálido de Praga. Tentava imaginar o seu conteúdo, pensando nas notícias ou nos sentimentos que poderia ter encerrado. Foi nestas ocasiões que começou a entender, depois de todos aqueles anos de estudo e de apresentação, de feitos, maravilhas e surpresas, a natureza da mágica. O mágico parecia prometer que algo picado em pedaços podia ser recomposto sem uma emenda, que aquilo que tinha desaparecido podia reaparecer, que um punhado de pombas espalhadas, ou de poeira, podia ser reunido com uma palavra, que uma rosa de papel consumida pelo fogo podia florescer de um monte de cinzas. Mas todo mundo sabia que era apenas uma ilusão. A verdadeira mágica deste mundo dilacerado residia na capacidade de que as coisas nele contidas tinham de desaparecer, de se tornarem totalmente perdidas, como se nunca houvessem existido.

Um dos preceitos mais inflexíveis no estudo do delírio humano é que toda época de ouro já passou ou está num futuro iminente. Os meses que antecederam o ataque japonês a Pearl Harbor oferecem uma rara exceção a este axioma. Durante 1941, no rastro daquela espalhafatosa explosão de esperança, a Feira Mundial, uma porção considerável dos moradores da cidade de Nova York teve a estranha experiência de sentir, no momento em que vivia, no exato momento em que a vivia, aquela estranha mistura de otimismo e nostalgia que é a marca usual da ilusão da época dourada. O resto do mundo estava ocupado servindo de alimento, país após país, para a fornalha, mas enquanto os jornais da cidade e os cinejornais da Trans-Lux estavam cheios de maus agouros, derrotas, atrocidades e alarmes, a mentalidade geral do nova-iorquino não era de cerco, pânico ou triste resignação ao destino, mas, em vez disso, o contentamento expressado no agitar de um dedo do pé ou no ato de bebericar um chá por uma mulher enroscada num sofá, lendo diante de uma lareira acesa com uma chuva fria lá fora fustigando as janelas. A economia experimentava uma retomada não só das sensações, mas de movimentos perceptíveis em seus membros, Joe DiMaggio pontuou com facilidade em 56 jogos consecutivos e as *big bands* atingiam o seu suave e extasiante apogeu nos salões de baile dos hotéis e nos iluminados pavilhões estivais da América.

Considerando a costumeira ânsia daqueles que acreditam ter vivido uma época de ouro de dissertar longamente sobre o assunto depois, é irônico que a noite de abril em que Sammy sentiu mais agudamente o lustro da sua existência — o momento em que, pela primeira vez na vida, teve plena consciência de sua própria felicidade — foi uma noite que ele nunca discutiria com ninguém.

Era uma hora de uma manhã de quarta-feira e Sammy estava sozinho no topo da cidade de Nova York, olhando na direção das nuvens de tempestade, tanto literais como figuradas, que se amontoavam na distância ao leste. Antes de iniciar o seu turno, às dez horas, ele havia tomado um banho de chuveiro no tosco boxê que Al Smith mandara construir para os vigias nos seus alojamentos no 81º andar e vestira as calças largas de sarja e a camisa azul desbotada que guardava no seu compartimento do vestiário e que usou três noites por semana durante toda a guerra, levando-as para lavar em casa depois da guarda da sexta-feira e trazendo-as limpas na segunda. Em

nome da aparência, recolocou os sapatos para a rápida viagem até o observatório, mas quando chegou lá os descalçou de novo. Era seu hábito, sua extravagância e seu estranho conforto espreitar o céu da ilha de Manhattan, em busca de bombardeiros inimigos e sabotadores aéreos, com os pés cobertos apenas pelas meias. Ao fazer suas rondas regulares do 86º andar, com a prancheta na mão e os pesados binóculos do exército pendurados numa tira de couro ao redor do pescoço, assobiava para si mesmo, sem se dar conta de que o fazia, um tema ao mesmo tempo sem melodia e sem compromisso.

Prometia ser um turno tipicamente quieto; os voos noturnos autorizados eram raros, até mesmo com o tempo bom, e esta noite, com alertas de chuvas torrenciais com trovoadas e tempestades elétricas, haveria ainda menos aviões no céu do que de costume. Presa à prancheta de Sammy, como sempre, havia uma lista datilografada fornecida pelo Comando Interceptador do Exército, em cujo serviço era voluntário, enumerando as sete aeronaves que tinham sido autorizadas a transitar através do espaço aéreo metropolitano de Nova York naquela noite. Todas, com exceção de duas, eram militares e, às onze e meia, Sammy já tinha avistado seis delas, no horário e na posição previstos, e fizera a devida anotação da sua passagem no seu diário. A sétima aeronave só era esperada por volta das cinco e meia, pouco antes de terminar o seu turno, e ele voltou para os alojamentos dos vigias para umas poucas horas de sono antes que seu dia na Empire Comics começasse.

Fez outro circuito através do longo espaço cromado do restaurante no posto de observação, que fora inicialmente construído como o balcão de passagens e despacho de bagagem de um planejado serviço mundial de dirigíveis que nunca se materializou e então funcionara nos últimos dois anos da Lei Seca como um salão de chá. A passagem através do bar era a única perturbação real que Sammy chegara a experimentar em sua carreira como vigia de aviões, pois a tentação das reluzentes torneiras, das cafeteiras e as sucessões geométricas de copos e taças tinha de ser contrabalançada pela necessidade eventual resultante, caso ele saciasse sua sede, de urinar. Sammy estava seguro de que, se uma formação fatal de Junkers negros aparecesse um dia nos céus do Brooklyn, seria sem dúvida no instante em que ele estivesse no banheiro dando uma mijada. Ia justamente se servir de alguns centímetros de soda da elaborada torneira de cromo debaixo do letreiro de néon ainda aceso do Ruppert's quando ouviu um ronco surdo. Por um momento achou que devia ser o aguaceiro que se aproximava, mas então, na sua memória, ouviu de novo o assobio mecânico que sublinhava o ruído. Depôs o copo no balcão e correu para a fileira de janelas do outro lado do salão. A escuridão de uma noite de Manhattan, mesmo nesta hora tardia, estava longe de ser

absoluta e o radiante tapete de ruas estendendo-se até as lonjuras de Westchester, de Long Island e aos ermos de Nova Jersey projetava uma iluminação para cima tão brilhante que o mais furtivo intruso voando sem luzes de aterrissagem teria dificuldade de se ocultar dos olhos de Sammy, mesmo sem os binóculos. Nada havia no céu, porém, a não ser uma grande nuvem de luz.

O ronco aumentou e, de certa forma, ficou mais suave; o silvo modulou-se num zumbido baixo. Do centro do edifício, vinha um fraco estalido de engrenagens e ressaltos: os elevadores. Não era um som que estivesse acostumado a ouvir nesta hora, neste local. O sujeito que geralmente o rendia às seis horas, um Legionário Americano e pescador de ostras aposentado chamado Bill McWilliams, sempre subia do alojamento no 81º pelas escadas. Sammy caminhou até o saguão dos elevadores, indagando-se se deveria apanhar o telefone que o ligava ao escritório do Comando Interceptador do Exército no edifício da companhia telefônica na Cortlandt Street. Nas páginas da *Radio Comics*, o fundamento de uma invasão da cidade de Nova York seria descrito em poucos quadrinhos, um dos quais inquestionavelmente descreveria um golpe de porrete na cabeça de um incauto vigia de aviões pelo punho enluvado de um sabotador do Eixo. Sammy podia ver a estrela pontuda do impacto, as letras garrafais soletrando KR-RACK!, o balão com as palavras em que o pobre-diabo dizia: “Ei, não pode entrar aqui — *ohhh!*”

Era um dos elevadores expressos do saguão. Sammy verificou sua prancheta de novo. Se alguém era esperado — seu supervisor, alguma figura militar, algum coronel do Comando Interceptador fazendo uma inspeção — seguramente as suas ordens para a noite teriam registrado. Mas só havia, como soubera que haveria, a mesma lista de sete aviões e planos de voo e uma observação curta sobre o mau tempo que se esperava. Talvez fosse uma inspeção de surpresa. Olhando para seus pés só com as meias, retorcendo os dedos, seus pensamentos tomaram outro rumo: talvez esta visita não fosse anunciada porque algo imprevisto acontecera. Talvez alguém viera comunicar a Sammy que o país estava em guerra com a Alemanha, ou até, de repente, que a guerra na Europa tinha terminado e era hora de ir para casa.

Houve um tremor metálico quando o elevador chegou ao 86º andar, um ruído de cabos. Sammy passou a mão úmida pelos cabelos. Trancado numa gaveta inferior do posto da guarda, sabia, havia um .45 de serviço, mas Sammy perdera a pista da chave e, em todo caso, não saberia como destravar a arma. Ergueu a prancheta, pronta para baixá-la sobre o crânio do espião. Os binóculos eram mais pesados. Tirou-os do pescoço e preparou-se para arremessá-los como uma maçã com a sua tira de couro. As portas deslizaram para os lados, se

abrindo.

— É aqui a seção de Roupas Esportivas Masculinas? — disse Tracy Bacon. Usava um paletó de smoking, uma gravata de seda branca engomada e lustrosa como suspiro e tinha uma expressão grave mas volátil, pousada finamente sobre um sorriso afetado, como se algum tipo de brincadeira estivesse a caminho. Uma sacola de compras de papel-pardo pendia de cada mão. — Você teria alguma coisa de gabardine?

— Bacon, você não pode...

— Estava só passando por aqui — disse o ator. — Achei que, você sabe, devia dar uma parada.

— Estamos a trezentos metros de altura!

— Estamos?

— É uma hora da manhã.

— É?

— Isto é uma dependência do Exército dos Estados Unidos — prosseguiu Sammy, soando importante e sabendo disto, lutando para atribuir uma razão para o estonteante jorro de culpa, tão parecido com a exaltação, que tomou conta dele com a chegada de Tracy Bacon no 86º andar. Estava perigosamente feliz em ver seu novo amigo. — Tecnicamente falando. À noite, ninguém tem permissão de entrar ou sair sem uma autorização do comando.

— Bobagem — disse Bacon. A magnífica maquinaria Otis que o encerrava deu um suspiro, como de impaciência. Bacon deu um passo para trás. — Então você absolutamente *não* quer um espião nazista como eu rondando por aqui.. No que eu estava *pensando*? — As portas do elevador exibiram suas línguas de borracha negra. Sammy observou as metades partidas de seu próprio reflexo buscarem uma à outra nos painéis de cromo escovado das portas. — *Auf wiedersehen*.

Sammy colocou a mão entre as portas.

— Espere.

Bacon esperou, olhando para Sammy, uma sobancelha erguida à maneira desafiadora de um leiloeiro que vai bater o martelo. Seu paletó era um fraque de seda cor de carvão, com lapelas debruadas, e seu tórax amplo estava coberto pelo maior e mais branco peitilho que Sammy já vira. Em sua roupagem formal, parecia brilhar de uma altura maior do que a comum, seguro como sempre de que, no fim, seria, mesmo a trezentos metros de altura, à uma da manhã, contrariando os regulamentos militares, bem-vindo. Mesmo com o incongruente par de sacolas de compra, ou talvez por causa delas, parecia impossivelmente confortável em seu traje a rigor, os ombros pressionados contra a parede dos fundos do elevador, as pernas dobradas nos joelhos, o grande pé direito em seu comprido sapato negro Lagonda girando ligeiramente sobre a ponta do dedão. O

elevador suspirou de novo.

— Bem — disse Sammy —, considerando que seu pai é um general...

Sammy deu um passo para o lado, mantendo uma mão na porta que fazia força para se fechar. Bacon hesitou por mais um momento, como se desafiando Sammy a mudar de ideia de novo. Então abriu caminho para fora do elevador e saiu passeando. As portas se fecharam. Sammy incorria numa flagrante violação do código.

— Apenas general de brigada — disse Bacon. — Você está bem, Clay?

— Ótimo, estou ótimo, entre.

— É a patente mais baixa, você sabe.

— O que é?

— Brigada. É o mais baixo grau de general que existe.

— Acho que dá para o gasto.

— Ele fica se corroendo com isso. Uau. — Bacon olhou a sua volta para a vastidão de mármore frio do vestíbulo do andar de observação, mantido na penumbra à noite para eliminar o reflexo e permitir uma melhor visão através das grandes janelas escuras do bar de um lado e da longa fileira de janelas do outro. — Uau!

— Sim, uau — disse Sammy, sentindo-se subitamente menos estimulado do que constrangido, e até mesmo um pouco temeroso. Que fizera? O que estava aprontando Bacon? Que cheiro acre, mas não desagradável, parecia emanar da direção do ator? — Bem, então. Seja bem-vindo.

— Isto é fabuloso! — disse Bacon. Caminhou na direção das janelas que davam para o rio Hudson, para os rochedos negros e os cartazes de néon de Nova Jersey. Havia algo ligeiramente cambaleante, frankensteiniano na ginga de Bacon, e Sammy o acompanhou de perto para garantir que nada fosse quebrado. Bacon apertou o rosto contra a vidraça, esmagando seu nariz saliente contra ela com uma veemência que fez o coração de Sammy pular. As janelas eram feitas de vidro temperado espesso, mas Tracy Bacon possuía aquele tipo de estupidez glamourosa — ou assim parecia a Sammy — que funcionava como um amuleto contra tais salvaguardas tecnológicas. Era capaz de se insinuar num balcão de teatro fechado porque estava à beira de ruir, entrar numa escadaria com o cartaz de PROIBIDO e, como Sammy saberia depois, Bacon apreciava especialmente, quando não havia ninguém olhando, descer furtivamente das plataformas do metrô para os trilhos, penetrando por alguma distância nos túneis à luz pálida do seu isqueiro de platina. Fora um erro terrível deixá-lo subir aqui esta noite. — Devo dizer, não podia imaginar como alguém de tão consciência gostaria de se alistar num tipo de trabalho... sem pagamento... mas agora... você tem tudo isto só para você a noite

toda.

— Três noites por semana. Está bêbado?

— Que tipo de pergunta é esta? — disse Bacon, sem elaborar se achava a pergunta ofensiva ou meramente supérflua, ou ambas. — Vim aqui no meu primeiro dia na cidade de Nova York — continuou, seu bafo enevoando o vidro. — Era muito diferente à luz do dia. Crianças correndo. Todo aquele céu azul e os vapores à distância. Pombos. Barcos. Bandeiras.

— Nunca estive aqui de dia, na verdade. Quer dizer, já vi o sol nascer. Mas vou sempre embora antes que deixem entrar os visitantes.

Bacon deu um passo para trás. Uma impressão fantasmagórica do seu crânio ficou por algum momento sobre a janela antes de se evaporar. Então deslizou ao longo das janelas para o canto sudeste, onde, como nos três outros cantos do andar de observação, havia um telescópio operado por moedas. Curvou-se para olhar através dele. As sacolas de compras fizeram um som encrespado. Bacon parecia ter esquecido de que as carregava.

— Isto é realmente bacana — disse, espionando pelo visor. — Você pode ver a Estátua da Liberdade. — A não ser que se enfiasse uma moeda de dez centavos estava claro que não se podia ver nada. — Que tal? Olha só, ela dorme com uma rede nos cabelos. — Girou, a expressão no seu rosto ao mesmo tempo inocente e impetuosa, como um bebê na creche em busca de alguma coisa nova para quebrar. — Posso dar uma olhada por aqui?

— Bem...

— É aqui que você se senta?

Ainda levando as sacolas, que exalavam um odor inconfundível de aspargos, Bacon caminhou sobre o amplo pódio que servia, durante o dia, de estação para os guardas que recebiam os ingressos e davam excursões informais do celebrado panorama. Era aqui que o Comando Interceptador havia instalado o telefone que, no caso de um ataque aéreo, ligaria Sammy imediatamente à Cortlandt Street. Sammy guardava sua lancheira aqui, seus lápis, cigarros e fichas de registro.

— Eu realmente não me sento... Bacon, talvez fosse melhor não... não!

Bacon tinha colocado uma das sacolas no chão e levantado o receptor do telefone de emergência.

— Alô, Fay? Aqui é Kong. Escute, querida... Ei, a campainha está tocando.

Sammy correu por trás do posto de guarda, arrancou o fone da sua mão e o botou com força no gancho.

— Desculpe.

— Posso lhe pedir uma coisa, Bacon? — disse Sammy. — Além de não tocar em nada, quero dizer? — Encostou-se em Bacon, como se

contra uma porta emperrada, enfiando o ombro nele, e o desalojou do posto de guarda. — Diga aí: o que é que tem nestes sacos?

Bacon olhou para sua mão esquerda, um pouco surpreso, e então para o saco que depositara no chão ao seu lado. Apanhou-o e ergueu os sacos na direção de Sammy, que sentiu um cheiro de algo amanteigado, vináceo e verde, cebolinhas talvez.

— O jantar! — disse Bacon.

Seguiram para o café escuro, erizado de cadeiras com os pés para cima. O piso de pedra polido sussurrava sob seus pés. As faixas de cromo que circundavam o bar reluziam numa das extremidades à luz do saguão. Os refrigeradores ronronavam suavemente para si mesmos. A atmosfera em surdina do bar pareceu amortecer, ou pelo menos apaziguar um pouco, o espírito de Bacon. Desvirou duas cadeiras e as plantou no chão e então, sem uma palavra, começou a abrir os sacos de compras. Um saco, revelou-se, continha três pratos grandes de prata com tampa, do tipo que os garçons de hotel nos filmes sempre levam em carrinhos com toalhas de linho. O outro saco tinha mais dois pratos com tampas e uma terrina chuviscada com uma sopa verde-pálida. Depois que Bacon dispôs os pratos e a terrina sobre a mesa, tirou um punhado um tanto caótico de garfos, facas e colheres, com um desenho ornado e pesado, e um par de guardanapos ligeiramente manchados por sucos e líquidos que haviam escapado dos vários pratos. Tirou também uma garrafa de vinho, um saca-rolhas e dois copos, um dos quais se quebrara no caminho.

— Vamos ter que dividir o copo — disse ele. — Ou eu posso beber da garrafa.

— Como? Nenhuma torta de sorvete? — disse Sammy.

Bacon pareceu magoado. Com um gesto breve, levantou a tampa de um dos pratos, mostrando uma pequena poça de uma pasta branca e açucarada com listras marrons.

— Por quem me toma?

— Desculpe — disse Sammy. Sentaram-se para comer. Havia codornas recheadas com ostras, aspargos no vapor ao molho holandês, uma macedônia de legumes fria e batatas à *la dauphine*. A sopa pálida era creme de agrião. Sammy não conseguiu desmembrar o corpinho de um dos passarinhos, mas provou a recheio e achou muito delicioso. — Que foi que você fez? — perguntou. — Pediu serviço de quarto para viagem?

Bacon vivia bem além dos seus recursos, segundo ele, no Hotel Mayflower.

— Não exatamente.

— Está bom. Podia estar mais quente.

— Sal? — Bacon enfiou a mão no saco de compras outra vez e extraiu um saleiro de prata com desenho ainda mais ornado que o dos

pratos e colocou-o na mesa. Estava vazio. — Epa. — Curvou-se de novo, olhou para dentro do saco, então o levantou e colocou de boca para baixo, encostando um canto na abertura do saleiro. Um fino jorro de sal crespo caiu do saco. — Pronto. Novinho em folha. Quer dizer — apontou para a prancheta e o distintivo de vigia de Sammy — que você simplesmente queria fazer a sua parte, não é isto? Ajudar o Escapista na sua luta infundável contra a Corrente de Ferro e seus asseclas do Eixo?

— Um monte de pessoas me pergunta — disse Sammy, polvilhando suas batatas com sal. — E é isso o que digo geralmente.

— Mas vai me contar a verdade, não vai? — disse Bacon, sua voz zombeteira, mas com uma ligeira ponta de apelo sincero.

— Bem — disse Sammy, lisonjeado. — Eu simplesmente achei que... devia fazer isto. Eu... eu fiz algo que me... não me orgulhei daquilo. E quando voltava, depois de fazer aquilo, havia um pequeno grupo destes vigias voluntários no saguão, eram levados em excursão pelo prédio e dei um jeito de me misturar a eles. Antes de realmente parar para pensar no que estava fazendo.

— Uma consciência culpada.

Sammy concordou com um gesto de cabeça, embora fosse verdade que sua tarefa como vigia de aviões também coincidiu mais ou menos com o período em que Joe começou a passar mais tempo com Rosa Saks, deixando-o sozinho com horas para matar quase toda noite.

— E não me pergunte que coisa foi que eu fiz, porque não posso lhe contar.

— OK, não vou perguntar — disse Bacon encolhendo os ombros. Enfiou uma garfada de aspargo na boca.

— Muito bem — disse Sammy —, vou lhe contar.

Bacon ergueu as sobrancelhas.

— É algo realmente esquisito?

— Não — riu Sammy. — Cometi perjúrio. Num depoimento legal. Falei para os advogados do Super-Homem que Shelly Anapol nunca me pediu que copiasse o personagem deles. Quando ele, na verdade, não tinha feito outra coisa.

— Meu Deus! — disse Bacon, parecendo perfeitamente horrorizado.

— Coisa feia, não?

— A força seria pouco para você.

Sammy viu então que Bacon caçoava dele. Mas descobriu que à lembrança desta tarde constrangedora numa sala de reuniões da firma Philips, Nizer ainda trazia um rubor de humilhação a suas faces.

— Bem, foi um erro — disse. — Eu tinha uma boa razão, mas ainda assim acho que desejava compensar por aquilo.

— Se isto é a pior coisa que já fez — disse Bacon, sacudindo a

cabeça.

— Até agora — disse Sammy. — Acho que sim.

Alguma memória desconhecida nadou brevemente nos olhos de Bacon e entristeceu-os.

— Sujeito de sorte — disse.

— Bem, e então, onde estava? — perguntou Sammy, mudando de assunto. — Vestido desse jeito. Uma festa?

— Uma pequena festa. Muito pequena.

— Onde?

— Na casa de Helen. Hoje é seu aniversário.

— Helen Portola.

— Você esqueceu do “adorável”.

— A adorável Helen Portola?

Bacon acenou com a cabeça, estudando, ou fingindo estudar, a junta da coxa de uma de suas codornas, como se houvesse uma mancha de sangue que o incomodasse.

— Quem estava lá?

— Eu estava lá. A adorável Helen Portola estava lá.

— Só vocês dois?

Assentiu com a cabeça de novo. Estava tão atipicamente tenso com relação ao assunto que Sammy desconfiou que Bacon e Helen haviam brigado. Sammy tinha pouca experiência direta com atrizes, mas partilhava da ideia geral de que elas possuíam os costumes sexuais de chinchilas no cio. Seguramente, se Helen Portola tinha convidado o seu galã para celebrar seu aniversário *à deux* na privacidade do seu lar, não era porque esperasse ver a noite terminar com seu namorado vagando no meio de Manhattan com sacos de compra cheios de comidas de gourmet tépidas.

— Qual é a idade dela? — disse Sammy.

— Setenta e dois, na verdade.

— Bacon.

— A velha garota é admiravelmente bem conservada.

— Bacon!

— Qual é o seu segredo? Fígado, rapazes, e em grande quantidade.

— Tracy!

Bacon ergueu os olhos da comida fingindo uma surpresa inocente.

— Sim, Clay?

— Que é que você está fazendo aqui?

— Que quer dizer?

Sammy deu-lhe um olhar duro.

— Bem, eu não queria desperdiçar esta excelente comida. A cozinheira de Helen se deu muito trabalho.

— A cozinheira de Helen?

— Sim. Acho que você devia escrever-lhe uma pequena nota.

- Quer dizer que era um *jantar*?
- Em princípio.
- Você e Helen tiveram uma briga?

Bacon acenou com a cabeça.

- Das grandes?

Acenou de novo, parecendo genuinamente infeliz.

- Mas não foi minha culpa — disse.

Sammy estava doido para perguntar por que motivo tinham brigado, mas achou que não se conheciam bem o bastante para isto. Não lhe ocorreu que em circunstâncias similares, com qualquer outra pessoa, não teria hesitado, no melhor do seu jeito do Brooklyn, em inquirir. Mas Bacon esclareceu por sua própria conta.

— Por alguma razão — prosseguiu Bacon — ela estava sob o mal-entendido de que eu tencionava propor-lhe casamento nesta noite. Deus sabe quem lhe falou isto.

— Saiu no Ed Sullivan — disse Sammy. Lera por acaso a notinha no trem com uma estranha sensação de pesar; sua amizade por Bacon tivera tão pouco espaço para florescer: a minúscula área que marcava a interseção dos seus mundos separados; e ele sentia que ela não poderia sobreviver quando Bacon se casasse com a sua atriz principal e fosse embora para se tornar uma estrela em Hollywood. — Ontem de manhã.

- Oh, sim. — Deu uma forte sacudida na cabeça grande e bonita.

- Você leu a nota?

— Não, mas lembro de ter esbarrado em Ed Sullivan no Lindy's há umas duas noites.

- Contou-lhe que ia pedir a Helen que se casasse com você?

- É possível.

- Mas não vai.

- Não propus.

- E ela ficou perturbada.

— Correu para o quarto e bateu a porta. Bateu em mim primeiro, na verdade.

- Bom para ela.

- A otária me deu um soco.

— Ui. — Havia algo excitante nesta narrativa para Sammy, ou na cena que reconstruiu na sua imaginação. Sentiu aquela velha centelha de desejo que geralmente experimentara, aumentando para ter... não Tracy Bacon, mas para ter sua vida, seu físico, sua bela e temperamental namorada e o poder de partir o coração dela. Quando na verdade o que tinha era um par de binóculos, uma prancheta, e o poleiro mais solitário da cidade três noites por semana. — Então você levou a comida dela.

- Bem, estava lá, à minha frente.

— E trouxe até aqui.

— Bem, você estava aqui.

A calmaria que esta observação introduziu na sua conversa se encheu de repente de um tremor púrpura escuro no céu ao redor deles, um som longo, baixo e estival, a um tempo ameaçador e familiar. Houve um murmúrio em resposta, o tilintar dos copos empilhados no bar.

— Jesus — disse Bacon, levantando-se da mesa. — Trovoada.

Foi até as janelas e olhou para fora. Sammy ficou de pé e o seguiu.

— Por aqui — falou, conduzindo Bacon pelo braço. — Está soprando do sudeste.

Ficaram lado a lado, ombros encostados, observando o lento zepelim negro arrastando seu vapor sobre Nova York, trazendo no seu rastro longos fios de relâmpago. Os trovões assolaram o edifício como um cão de caça, roçando sua capa crepitante contra os tímpanos de arcos e os caixilhos, fungando sobre as grandes vidraças.

— Parecem gostar de nós — uma pluma de riso pairou na voz de Bacon. Sammy viu que estava com medo.

— Sim — falou Sammy. — Nós somos os seus favoritos. — Acendeu um cigarro e, à faísca do isqueiro, Bacon pulou. — Relaxe. Eles têm vindo o mês todo. Aparecem todo o verão.

— Hum — disse Bacon. Deu um gole na garrafa de borgonha e lambeu os lábios. — E estou relaxado.

— Desculpe.

— Este troço nunca chega, você sabe, a atingir o edifício.

— Cinco vezes até agora neste ano, acho que foi.

— Oh, meu Deus.

— Relaxe.

— Cale-se.

— Registraram raios com mais de 22 mil amperes.

— Atingindo este edifício.

— Dez milhões de volts, ou algo parecido.

— Jesus.

— Não se preocupe — disse Sammy. — O prédio inteiro funciona como um gigantesco... Oh. — O hálito de Bacon estava acre de vinho, mas uma gota doce da bebida pousava nos seus lábios quando ele apertou a boca contra a de Sammy. A barba por fazer nos seus queixos estalou com uma suave fricção elétrica. Sammy foi pego tão de surpresa que, quando seu cérebro, com toda a sua considerável carga de proibições e atitudes judaico-cristãs conseguiu iniciar a transmissão de suas mensagens duras e condenatórias para as várias partes relevantes do seu corpo, era tarde demais. Ele já devolvera o beijo a Tracy Bacon. Angularam seus corpos um contra o outro. A garrafa de vinho retiniu contra o vidro da janela. Sammy sentiu um pequeno

halo, uma gema de calor queimando seus dedos. Deixou o cigarro cair no chão. Então o céu logo além das janelas se encheu de veias de fogo e ouviram um crepitar que soava quase úmido, como uma gotícula sobre uma chapa quente, e um trovão os encerrou nas fundas cavernas escuras das palmas de suas mãos.

— A haste de para-raios — disse Sammy, afastando-se. Como se, apesar de tudo que ouvira numa noite da semana passada do suave e tranquilizador dr. Karl B. MacEachron, da General Electric, que estivera estudando os fenômenos elétricos da atmosfera associados com o Empire State Building, do fogo de santelmo ao raio reverso que atingia o céu, tivesse ficado de repente com medo. Deu um passo para trás recuando de Tracy Bacon, curvou-se para apanhar o cigarro em brasa e procurou refúgio inconscientemente adotando a maneira seca do próprio dr. MacEachron. — A estrutura de aço do edifício atrai, mas também dissipa totalmente a descarga...

— Desculpe — disse Bacon.

— Está tudo bem.

— Eu não pretendia... uau, veja só aquilo.

Bacon apontou para a esplanada deserta do lado de fora das janelas. Ao longo da balaustrada, um líquido azul brilhante, viscoso e turbulento, parecia fluir. Sammy abriu a porta e esticou a mão na escuridão cortante de ozônio e então Bacon aproximou-se do seu lado e esticou a mão também e ficaram parados ali, por um momento, observando enquanto fagulhas com cinco centímetros de comprimento se bifurcavam a partir das pontas de seus dedos estendidos.

Entre os mágicos que frequentavam a Loja de Mágica de Louis Tannen havia um grupo de amadores conhecido como Os Bruxos, homens com carreiras mais ou menos literárias que se encontravam duas vezes por mês no bar do Hotel Edison para impressionar um ao outro com bebida, histórias extravagantes e decepções romanescas. A definição de “literária” foi expandida, no caso de Joe, para incluir o trabalho no gênero das histórias em quadrinhos, e foi através de sua associação com os Bruxos, outro dos quais era o grande Walter B. Gibson, biógrafo de Houdini e inventor do Sombra, que Joe chegou a conhecer Orson Welles, um membro semirregular das confabulações do Edison. Welles também era, soube-se depois, amigo de Tracy Bacon, cujo primeiro trabalho em Nova York fora no Teatro Mercury, fazendo o papel de Algernon na produção radiofônica de Welles da peça *The Importance of Being Earnest*. Entre Joe e Bacon, conseguiram arranjar quatro ingressos para a estreia do primeiro filme de Welles.

— Então, como é ele? — quis saber Sammy.

— É um sujeito e tanto — disse Rosa. Encontrara-se brevemente com o ator alto com rosto de bebê uma tarde quando aparecera no bar do Edison para se encontrar com Joe e, embora sentisse uma afinidade espiritual com ele, o via como um romântico, alguém cujos esforços para chocar as outras pessoas eram, mais do que tudo, a expressão de uma espécie de desesperança com relação a si mesmo, um desejo de escapar aos limites de um lar decente e respeitável. No colégio, ela e uma amiga foram à cidade para ver o retumbante e voduístico *Macbeth* e adoraram. — Acho realmente que ele é um gênio.

— Você acha que todo mundo é um gênio. Acha que este sujeito é um gênio — disse Sammy, tocando Joe no joelho com um indicador eriçado.

— Não acho que *você* seja — disse ela suavemente.

— O verdadeiro gênio nunca é reconhecido na sua própria época.

— Exceto pelo próprio gênio — disse Bacon. — Orson não tem nenhuma dúvida quanto a isso.

Estavam subindo a cidade, apertados no compartimento traseiro de um táxi. Sammy e Rosa tinham pegado os assentos dobráveis e Rosa agarrara-se ao braço de Sammy. Viera dos escritórios da ART e estava vestida com um desmazelo que a incomodava muito, um *tailleur de tweed* marrom cintado, de ombros quadrados, num corte vagamente

militar. Vestia-se como uma professora da última vez que Orson Welles a vira, também — o homem ia pensar que a namorada de Joe Kavalier era tão fascinante quanto um saco de cebolas. Sammy usava um dos seus ternos listrados largões que sobrara de algum filme de George Raft, Bacon o costureiro traje de pinguim — levava seu papel de homem da sociedade um pouco a sério demais para o gosto de Rosa, embora, para seu crédito, isto parecesse ser a única coisa que levava *realmente* a sério. E Joe, claro, parecia que acabara de cair de um muro. Havia tinta branca nos seus cabelos. Era como se tivesse usado a ponta da gravata para secar um borrão de tinta.

— É um sujeito inteligente — disse Joe. — Mas não é grande coisa como mágico.

— Está realmente saindo com Dolores Del Rio? — perguntou Bacon. — É isto que quero saber.

— Eu imagino — disse Joe, embora parecesse completamente desinteressado na pergunta. Sentia-se deprimido esta noite, Rosa sabia. O navio de Hoffman, tendo finalmente chegado a Lisboa algumas semanas antes, devia ter partido para Nova York a esta altura. Mas há dois dias chegara um telegrama para o sr. Hoffman enviado pelo sr. Kurtzweil, o agente da ART em Portugal. Três das crianças ficaram acamadas com sarampo; uma delas havia morrido. Hoje tinham recebido a notícia de que todo o convento de Nossa Senhora do Monte Carmelo fora colocado sob “quarentena absoluta por período indeterminado” pelas autoridades portuguesas.

— Pensei que *você* é que estivesse saindo com Dolores Del Rio, Bake — disse Sammy. — Foi o que saiu no Ed Sullivan.

— Era Lupe Velez.

— Eu misturo essas duas.

— De qualquer maneira, você sabe que não dá para acreditar no que sai nos jornais.

— Como, por exemplo, que os Filmes Parnasso planejam levar para a tela prateada o herói dos quadrinhos, o Escapista, na pessoa do famoso astro do rádio sr. Tracy Bacon?

— *Vão mesmo?* — disse Rosa.

— Só vai ser um daqueles *seriados* — disse Bacon. — Parnasso. São muito comerciais.

— Joe — disse Rosa — você não me contou.

— Não faz nenhuma diferença para mim — disse Joe, ainda olhando para o espetáculo de néon e vapor da Broadway desfilando pelas janelas do táxi. Uma mulher passou com o que pareciam os rabos de pelo menos nove doninhas mortas pendurados nos ombros. — Sammy e eu não levamos um centavo.

Sammy olhou para Rosa e ergueu um ombro. — *O que é que há com ele?* Rosa deu um aperto no braço de Sammy. Não tivera oportunidade

de lhe contar sobre o último telegrama de Lisboa.

— Talvez não diretamente, Joe — continuou Sammy —, mas ouça. Tracy disse que se conseguir o papel vai dar uma palavrinha sobre nós junto ao estúdio. Dizer que deviam contratar a gente para escrever a coisa.

— É a opção natural — disse Bacon. — Se bem que provavelmente vai entrar em choque com toda a ideia deles.

— Podíamos ir para *Hollywood*, Joe. Isto talvez *levasse* a alguma coisa. Podia ser o começo de algo realmente *bacana*.

— Algo bacana — Joe sacudiu a cabeça de um modo pensativo, como se, refletindo sobre aquilo, Sammy resolvesse a questão que vinha atormentando Joe o dia inteiro. Então voltou para sua janela. — Sei que isto é importante para você.

— Aí está — disse Bacon. — O Palace.

— O Palace — repetiu Sammy, um tom estranho na voz.

Encostaram diante do que era conhecido agora como o RKO Palace, em certa época o topo e a capital do teatro vaudeville americano, no final de uma fila de táxis e carros alugados. Uma silhueta colossal de Orson Welles, com olhos desvairados e cabelos revoltos, agigantava-se na marquise. Toda a área de entrada do teatro estava tumultuada pela explosão de flashes e por gritaria e havia a impressão geral de catástrofe iminente e batom vermelho. Sammy ficara branco como um lençol.

— Sam? — disse Rosa. — Parece que viu um fantasma.

— Só está com medo que a gente o obrigue a pagar o táxi — disse Bacon, puxando a carteira.

Joe saltou do táxi, ajeitou o chapéu na cabeça e segurou a porta para Rosa. Ao descer do táxi, ela jogou os braços em volta do seu pescoço. Ele a levantou do chão, apertando-a com força, e cheirou fundo seu corpo. Ela podia ver as pessoas ao redor olhando, perguntando-se quem seriam estes dois, ou quem pensavam que eram. O chapéu cinzento de Joe começou a desabar atrás de sua cabeça, mas ele o pegou com uma das mãos e pousou Rosa de novo no chão.

— Vai ficar tudo bem com ele — falou ela. — Já teve sarampo. É só um pequeno atraso, apenas isso.

Sabia de sua amarga experiência que Joe detestava ser consolado, mas para sua surpresa, quando a repôs no chão, estava sorrindo. Olhou em volta para os fotógrafos, para a multidão, para os refletores ofuscantes, para os refletores ofuscantes, para as longas limusines negras junto ao meio-fio, e pôde ver que isto o excitava. *Era* excitante, pensou ela.

— Eu sei — falou. — Vai ficar tudo bem com ele.

— Podíamos ir parar em Hollywood nós mesmos um dia destes — disse ela, agitada pela inesperada mudança de humor dele. — Você,

eu e Thomas. Num pequeno bangalô nas colinas de Hollywood.

— Thomas adoraria isto — disse Joe.

— O Palace. — Sammy se juntara a eles e olhava para as seis letras gigantescas no topo da marquise iluminada. Tirou uma nota de cinco dólares da carteira. — Vamos lá, amigo — falou, passando a nota para Bacon. — O táxi é por minha conta.

— Grande história, O Escapista — disse Orson Welles a Sammy. Parecia imensamente alto e surpreendentemente jovem e cheirava como Dolores Del Rio. Em 1941, era chique no círculo de pessoas em evidência confessar um conhecimento mais do que passageiro de Batman ou do Capitão Marvel ou do Besouro Azul. — Não perco uma palavra.

— Obrigado — disse Sam.

Esta, embora nunca a esquecesse e, em anos posteriores, a enfeitasse, foi a amplitude da sua interação com Orson Welles, naquela noite ou em qualquer outra. Na festa depois do filme, no Pennsylvania Roof, Joe dançou com Dolores Del Rio e Rosa dançou com o bonito Joseph Cotten e com Edward Everett Horton, este de longe o melhor dançarino dos dois. A banda de Tommy Dorsey tocava. Sammy ficou sentado, olhando e ouvindo, os olhos semicerrados, cômico, como todos os fãs do swing das grandes orquestras em 1941, que era um privilégio estar vivo no momento exato em que os praticantes de sua música favorita chegavam ao ápice absoluto de sua arte e técnica, um momento não superado neste século em verve, romantismo, acabamento e uma qualidade espiritual brincalhona e organizada. Joe e Dolores Del Rio dançaram um foxtrot e depois, naturalmente, uma rumba. Esta foi a amplitude da interação de Joe com Dolores Del Rio, embora ele e Orson Welles continuassem a se ver de tempos em tempos no bar do Hotel Edison.

Muito mais significativo do que qualquer coisa que aconteceu aos primos naquele primeiro de maio de 1941 foi o filme a que assistiram.

Anos depois, em outras mãos, o Escapista foi levado na brincadeira. Os gostos mudaram, os escritores ficaram entediados e todos os enredos convencionais já estavam bem exauridos. Escritores e artistas posteriores, com a conivência de George Deasey, transformaram a tira num tipo peculiar de paródia invertida de todo o gênero do herói fantasiado. O queixo do Escapista aumentou e sua covinha ficou mais enfática, seus músculos se hipertrofiaram até que ele se avolumou, na expressão memorável do seu aqui-inimigo do pós-guerra, o Dr. Magma, “como um saco cheio de gatos”. A agulha sempre ocupada da Srta. Flor de Ameixa foi pressionada para proporcionar ao Escapista um guarda-roupa liberaciano de togas especiais para o combate ao crime, e Omar e Big Al começaram a

reclamar abertamente das contas que o chefe acumulava com gastos extravagantes em supervéculos, super-aeroplanos e até uma “muleta de marfim entalhada a mão” para Tom Mayflower usar em compromissos noturnos importantes. O Escapista era muito vaidoso; leitores às vezes o flagravam, a caminho de combater o mal, verificando seu reflexo e penteando os cabelos numa janela ou no espelho de uma balança de farmácia. Em meio à tarefa de salvar a terra dos malignos Onívoros, num dos últimos números, o 130 (março de 1953), o Escapista entra em estado de agitação ao tentar, com a ajuda de um decorador gago, reformar a Fechadura, o santuário secreto sob as tábuas do palco do Empire Palace. Mesmo continuando a defender os fracos e a lutar pelos desamparados com a eficiência de sempre, o Escapista nunca pareceu levar muito a sério suas aventuras. Passou férias em Cuba, no Havaí e em Las Vegas, onde dividiu o palco do Hotel Sands com ninguém menos que o próprio Wladziu Liberace. Às vezes, sem pressa alguma para chegar a qualquer lugar, deixava Big Al assumir os comandos do seu Jato-Chave e apanhava uma revista de cinema com seu retrato na capa. Os chamados enredos Rube Goldberg — em que o Escapista, tão entediado quanto qualquer outro com a monótona rotina do combate ao crime, deliberadamente introduzia obstáculos e desvantagens em seus próprios esforços para frustrar a variedade grande mas finita de megalomaniacos, bandidos e arruaceiros baratos contra os quais lutou nos anos do pós-guerra, a fim de tornar as coisas mais interessantes para si — transformaram-se em marca registrada do personagem: ele combinava consigo mesmo que só despacharia uma gangue determinada de criminosos “de mãos limpas”, usando sua força física vastamente aumentada, se um deles pronunciasse uma frase casual como “água gelada” e então, pouco depois de já estar quase batido, com o tempo frio demais para alguém pensar em pedir um copo de água gelada, o Escapista achava um jeito de arranjar as coisas tão inexoravelmente que o bando acabava nos fundos de um caminhão cheio de cebolas. Era um *clown* superpossante, forrado de músculos.

O Escapista que reinou entre os gigantes da terra em 1941 era um tipo diferente de homem. Era sério, às vezes até em excesso. Seu rosto era esguio, a boca dura e os olhos, através dos buracos de sua máscara, eram como frios rebites de ferro. Embora fosse forte, estava longe de ser invulnerável. Podia ser deixado inconsciente, sofrer bordoadas, afogar-se, queimar-se, ser surrado e alvejado. E suas missões eram justamente isto — seu negócio, fundamentalmente, era salvar as pessoas. As primeiras histórias, apesar de toda a pancadaria antifascista e dos ruidosos Stukas, são histórias de órfãos ameaçados, de camponeses explorados, de pobres operários transformados em zumbis escravos por seus patrões fabricantes de armas. Mesmo depois

que o Escapista foi para a guerra, passou tanto tempo defendendo as vítimas inocentes da Europa quanto arrancando pedaços de belonaves com seus punhos. Serviu de escudo para refugiados e impediu que bombas caíssem sobre bebês. Sempre que estourava uma rede de espiões nazistas operando bem aqui nos EUA (a do Sabotador, por exemplo), pronunciava os discursos com os quais Sam Clay tentava ajudar a combater a guerra do seu primo, dizendo, por exemplo, que desmantelara outra “toupeira blindada” com o nariz em forma de rosca cheia de alemães palermas que vinham tentando escavar debaixo de Fort Knox, “eu me pergunto o que aquela multidão de avestruzes da guerra de cabeças-enfiadas-na-areia iria dizer se pudesse ver isto!” Nesta combinação de honestidade, consciência social e desejo de brigar, era o herói perfeito para 1941, enquanto a América se entregava ao processo retumbante e laborioso de escapar de uma guerra horrível.

E, no entanto, apesar do fato de que vendia aos milhões e que por algum tempo ascendeu ou afundou na consciência popular da América, se Sammy nunca houvesse escrito e Joe nunca mais tivesse desenhado outro número depois da primavera de 1941, o Escapista sem dúvida teria sumido da memória e imaginação nacionais como o fizeram o Homem-Gato e a Gata, o Enforcador e o Terror Negro, todas aquelas revistas que vendiam quase tanto quanto o Escapista em seu auge. Os fanáticos — os colecionadores e os fãs — não teriam desembolsado somas imensas ou escrito centenas de milhares de palavras solenes devotadas às primeiras colaborações de Kavalier & Clay. Se Sammy nunca mais tivesse escrito nenhuma palavra depois da *Radio Comics #18* (junho de 1941), seria lembrado, se o fosse, apenas pelos mais fanáticos devotos das revistas em quadrinhos como o criador de um número de estrelas menores do início dos anos 40. Se o Tridente Explosivo de Ebling tivesse matado Joe Kavalier naquela noite no Hotel Pierre, ele seria lembrado, se o fosse, como um deslumbrante capista, criador de cenas de batalha enérgicas e meticulosas, e o inspirado desenhista da *Mariposa Luna*, mas não, como o é por alguns hoje, como um dos maiores inovadores no uso do layout, de estratégias narrativas, na história das revistas em quadrinhos. Mas em julho de 1941, *Radio #19* chegou às bancas e os nove milhões de confiantes garotos de 12 anos da América que queriam se tornar homens de histórias em quadrinhos quase caíram mortos de espanto.

O motivo foi *Cidadão Kane*. Os primos sentaram-se, com Rosa e Bacon entre eles, no balcão do deselegante Palace com seus candelabros ornados e seus cataplasmas frescos de veludo e dourado aplicados nos veneráveis velhos ossos. As luzes apagaram-se. Joe acendeu um cigarro. Sammy recostou-se para trás no assento e ajeitou

as pernas, que tinham a tendência de adormecer no cinema. O filme começou. Joe reparou que o nome de Orson Welles era o único acima do título. A câmara saltou por sobre aquela cerca com pontas de ferro, elevou-se como um corvo até a encosta sinistra com seus macacos, gôndolas e campo de golfe em miniatura e, sabendo exatamente o que procurava, avançou através da janela e enfocou com a lente zoom um par de lábios monstruosos enquanto pronunciavam num sopro áspero aquela palavra derradeira.

— Isto vai ser bom — disse Joe.

Ficou impressionado — arrasado — pelo filme. Quando as luzes se acenderam, Sammy inclinou-se à frente e olhou adiante de Rosa para Joe, ansioso para ver o que achara do filme. Joe ficou sentado olhando direto à frente, piscando, ruminando tudo dentro de sua cabeça. Todas as insatisfações que sentira na prática da forma de arte em que tropeçara na semana da sua chegada à América, as convenções baratas, as baixas expectativas entre os editores, leitores, pais e educadores, as restrições de espaço contra as quais se debatia nas páginas de *Mariposa Luna*, pareciam passíveis de ser completamente vencidas, desobedecidas e superadas. O Fantástico Cavalieri iria libertar-se, para sempre, da prisão dos nove quadrinhos.

— Quero que a gente faça uma coisa *assim* — falou.

Foi precisamente o pensamento que tomou conta de Sammy a partir do momento em que captou a estrutura do filme, quando o pretense cinejornal sobre Kane terminava e as luzes se acendiam sobre os homens que trabalhavam para a companhia de cinejornais “Marcha do Tempo” no filme. Mas para Joe fora a declaração do seu sentido de inspiração, de enfrentar um desafio, enquanto para Sammy fora mais a expressão da inveja que sentia de Welles e do seu desespero de jamais se livrar desta fraude lucrativa, com suas raízes nas novidades baratas. Ao voltarem para casa da Pennsylvania, os quatro ficaram sentados até tarde da noite, bebendo café, abastecendo o Panamuse de discos, lembrando imagens, tomadas e trechos de diálogo um para o outro. Não conseguiam deixar de admirar a longa inclinação da câmara para cima, através da maquinaria e das sombras do teatro da ópera, até a dupla de assistentes de palco que seguram o nariz enquanto Susan Alexander fazia a sua estreia. Jamais esqueceriam o jeito como a câmara mergulhou através da claraboia do decrepito clube noturno para mostrar Susie em sua ruína. Comentaram as peças que se encaixavam do quebra-cabeças que formava o retrato de Kane e discutiram como se poderia conhecer a sua última palavra quando não havia ninguém aparentemente no quarto para ouvi-lo sussurrá-la. Joe lutou para expressar, para formular a revolução em suas ambições na forma de arte menor limitada e comercial à qual suas inclinações e sua sorte os haviam lançado. Não era apenas uma questão, disse a Sammy,

de adaptar de certo modo o arsenal de truques tão ousadamente exibido no filme — primeiríssimos planos, ângulos estranhos, combinações sutis de primeiro plano e plano de fundo; Joe e uns poucos outros vinham mexendo com esse tipo de coisa há algum tempo. A questão era que *Cidadão Kane* representava, mais do que qualquer outro filme que Joe já vira, a mistura total de narração e imagem que era — Sammy não conseguia ver? — o princípio fundamental da maneira de contar histórias das revistas em quadrinhos e o cerne irredutível da sua parceria. Sem o diálogo espirituoso e potente e sem a intrigante forma da história, o filme teria sido apenas uma versão americana daquele tipo de babado expressionista meditado e cheio de sombras ao estilo UFA que Joe crescera vendo em Praga. Sem as sombras taciturnas e as audaciosas incursões da câmara, sem a iluminação teatral e os ângulos nauseantes, teria sido simplesmente um filme esperto sobre um patife rico. Era mais, muito mais, do que qualquer filme realmente precisava ser. Neste único aspecto crucial — sua inextricável mistura de imagem e narrativa — *Cidadão Kane* era como uma revista em quadrinhos.

— Não sei, Joe — disse Sammy. — Gostaria que pudéssemos fazer algo assim. Mas espere aí. Quero dizer, estamos falando só de *revistas em quadrinhos*.

— Por que vê a coisa desta maneira, Sammy? — disse Rosa. — Nenhum meio de comunicação é inerentemente melhor do que outro qualquer. — A crença neste ditado era quase um requisito para residência na casa do seu pai. — A questão está em o que você faz com o seu meio de comunicação.

— Não, isto não é verdade. Revistas em quadrinhos são realmente inferiores — disse Sammy. — Acredito verdadeiramente nisto. Está... está simplesmente embutido no material. Estamos falando sobre um bando de sujeitos... e uma garota... que saem correndo por aí vestidos de malhas socando as pessoas, certo? Se o pessoal da Parnasso fizer o seriado do Escapista, me acredite, não vai ser nenhum *Cidadão Kane*. Nem mesmo Orson Welles conseguiria resolver isto.

— Você está simplesmente buscando desculpas, Clay — disse Bacon, surpreendendo a todos, mas ninguém mais do que Sammy, que nunca ouvira seu amigo soar tão sério. — Não são as revistas em quadrinhos que você considera inferiores, mas a *si mesmo*.

Joe, bebericando seu café, olhou educadamente para o lado.

— Hum — murmurou Rosa depois de um momento.

— Hum — concordou Sammy.

Sammy e Joe chegaram ao escritório às sete em ponto, faces rosadas, atordoados pela falta de sono, tossindo, sóbrios e falando pouco. Numa pasta de couro debaixo do braço, Joe tinha as páginas que havia esboçado, com as anotações de Sammy não só para *Rua*

Kane, a primeira das chamadas histórias modernistas ou prismáticas do Escapista, mas também ideias para uma dúzia de outras histórias que tinham vindo à cabeça de Sammy, não só para o Escapista, mas também para a Mariposa Luna, o Monitor e os Quatro Libertadores, desde a noite passada. Foram até o saguão procurar Anapol.

O editor dos Empire Comics tinha abandonado o vasto escritório cromado que tanto o incomodava e assumido residência numa grande espécie de gabinete privativo onde instalara uma mesa, uma cadeira, um retrato do compositor de *Canções de um muezim* apaixonado e dois telefones. Desde a mudança, dizia que se sentia muito mais confortável e relatou que dormia muito melhor à noite. Sammy e Joe caminharam direto para a porta do escritório-closet. Assim que Anapol entrava, não havia espaço para mais ninguém. Anapol escrevia uma carta. Ergueu um dedo para indicar que estava no meio de um pensamento importante.

Sammy viu que escrevia em papel com o timbre da Sociedade Szymanowski. *Caro Irmão*, começava a carta. A mão de Anapol ficou parada no ar enquanto relia a frase, mexendo seus lábios púrpura carnudos. Então ergueu o olhar. Sorriu severamente.

— Por que subitamente tenho o impulso de esconder meu talão de cheques? — disse.

— Chefe, precisamos falar com o senhor.

— Estou vendo.

— Em primeiro lugar. — Sammy clareou a garganta. — Tudo o que fizemos aqui até agora, por melhor que tenha sido — e não sei se o senhor chega a olhar para o que os concorrentes estão fazendo, mas nos saímos melhor que a maioria deles, e tão bem quanto os melhores deles —, tudo isto nada é comparado com o que Joe e eu criamos para o Escapista a partir de agora, embora não tenha a liberdade de divulgar ainda exatamente o que vai ser. Por enquanto.

— Isto é o “em primeiro lugar” — disse Anapol.

— Certo.

Anapol acenou com a cabeça.

— Em primeiro lugar vocês deviam me congratular. — Recostou-se para trás na cadeira, as mãos cruzadas presunçosamente sobre a barriga, e esperou que adivinhassem.

— Compraram os direitos — disse Sammy. — Parnasso.

— Soube pelo advogado deles na noite passada. A produção deve começar no final deste ano, se não antes. O dinheiro certamente não é enorme; não estamos falando da M-G-M aqui... mas não é mau. De modo algum.

— Naturalmente, somos obrigados a pedir que nos dê a metade dele — disse Joe.

— Naturalmente — concordou Anapol. Sorriu. — Agora, me digam

o que vocês dois aprontaram.

— Bem, basicamente é todo um novo enfoque neste ramo. Nós vimos...

— Por que precisamos de um novo enfoque? O velho enfoque vem funcionando maravilhosamente.

— Este é melhor.

— Melhor neste contexto só pode significar uma coisa — disse Anapol. — E isto é mais dinheiro. Este novo enfoque de vocês vai trazer mais dinheiro para mim e para meu sócio?

Sammy olhou para Joe. Não estava, de fato, ainda inteiramente convencido disto. Mas ainda sentia a picada da acusação de Bacon na noite anterior. E, o que era mais, conhecia Shelly Anapol. O dinheiro não era — nem sempre — a coisa mais importante no mundo para ele. Uma vez, anos antes, Anapol acalentara sonhos de tocar violino na Filarmônica de Nova York, e havia uma parte dele, por mais profundamente que estivesse enterrada, que nunca se resignara completamente com a ideia de ser um negociante no ramo das almofadas que peidam. À medida que as cifras da Empire Comics tinham crescido e os portentosos ciclones de dinheiro sopraram das vastidões, Anapol, tocado por esta ambição residual e por um sentimento de culpa perverso em relação à facilidade imbecil com que um sucesso colossal fora alcançado, tornara-se extremamente suscetível quanto à pobre reputação das revistas em quadrinhos entre os Phi Beta Kappas e os enganadores literários cujas opiniões significavam tanto para ele. Chegara a obrigar Deasey a escrever cartas para *The New York Times* e *The American Scholar*, que assinava com seu próprio nome, protestando contra o tratamento injusto que considerava era dado por estas publicações ao seu humilde produto em suas páginas.

— Muito — disse Sammy. — Aos montes, chefe.

— Deixa ver.

Pegaram a pasta e tentaram explicar o que tencionavam fazer.

— Adultos — disse Anapol depois de ouvir por alguns minutos. — Você estão pensando em fazer com que adultos leiam revistas em quadrinhos.

Os primos se entreolharam. Não haviam expressado ou equacionado a questão daquele ângulo antes.

— Acho que sim — disse Sammy.

— Isso — disse Joe. — Adultos com dinheiro adulto.

Anapol concordou com a cabeça, afagando o queixo. Sammy podia ver o alívio percorrendo seus ombros e as dobradiças de suas mandíbulas, descontraindo-os e impelindo Anapol para trás em sua cadeira giratória com uma grandiosidade e lassidão não inteiramente livres da ameaça da fadiga de metal e de molas quebradas. Se era

alívio por ter finalmente encontrado uma base digna para o seu comércio, ou meramente porque estava confortado pela proximidade tranquilizadora do fracasso garantido, Sammy não podia saber ao certo.

— OK — disse Anapol, segurando sua carta inacabada. — Vamos fazer uma tentativa. Ao trabalho.

Joe começou a se afastar, mas Sammy segurou seu braço e o puxou de volta. Ficaram parados. Anapol acrescentou outra frase à sua carta, estudou-a e então ergueu o olhar.

— Sim?

— E quanto a este enorme dinheiro do Parnasso? — perguntou Sammy. — Ficamos com uma fatia do programa de rádio. O senhor nos deu uma fatia da tira publicada em jornal. Não vejo por que...

— Oh, pelo amor de Deus — disse Anapol. — Nem se dê ao trabalho de terminar, sr. Clay. Já ouvi tudo isso antes.

Sammy sorriu.

— E então?

O sorriso de Anapol tornou-se astuto e muito, muito pequeno.

— Não sou avesso. Não posso falar por Jack, mas vou conversar com ele e ver se podemos arranjar alguma coisa.

— Mu-uito bem — falou Sammy, surpreso e um pouco desconfiado, sentindo uma condição iminente.

— Agora — disse Anapol —, vejam se são capazes de adivinhar o que vou lhes dizer?

— Vão colocar Szymanowski numa embalagem de goma de mascar?

— Talvez vocês não se deem conta disto — disse Anapol —, mas os Filmes Parnasso têm negócios muito saudáveis na Europa.

— Não sabia disto.

— Sim. A propósito, seu segundo maior mercado depois do doméstico é, imaginem só.

— A Alemanha — disse Joe.

— Naturalmente, estão um pouco preocupados com a reputação que vocês dois construíram para esta companhia, com o talento de sua imaginação, antagonizando os cidadãos e o governo daquela nação de fanáticos frequentadores de cinemas. Tive uma longa conversa com o sr. Frank Singe, o presidente do estúdio. Ele deixou muito claro...

— Nem se dê ao trabalho de terminar — disse Sammy. Estava desgostoso. — Já ouvimos tudo isso antes.

Olhou em tom de apelo para Joe, desejando que abrisse o verbo, que contasse a Anapol sobre sua família e as indignidades a que era sujeitada, as centenas de crueldades, grosseiras e mesquinhas, às quais, quase como num regime médico, estavam sendo submetidos pelo *Reichsprotektorat*. Estava seguro de que Anapol cederia mais uma

vez.

— Muito bem — disse Joe. — Vou parar com a luta.

As sobranceiras de Anapol pularam de surpresa.

— Joe? — falou Sammy. Estava chocado. — Vamos lá, Joe. Que é que está dizendo? Não pode desistir! Isto... isto é *censura*. Estamos sendo censurados! É exatamente o tipo de coisa contra a qual deveríamos resistir. O Escapista resistiria a uma coisa destas.

— O Escapista não é uma pessoa real.

— Sim, eu *sei* disso. Cristo.

— Sam — disse Joe, as faces corando. Colocou uma mão no braço de Sammy. — Aprecio o que você acha que está fazendo. Mas quero fazer *isto* agora. — Bateu com a mão na pasta. — Estou cansado de lutar, talvez, por algum tempo. Luto e vou lutando um pouco mais e isto só me faz ter *menos* esperança, não mais. Preciso fazer alguma coisa... alguma coisa que vai ser *genial*, sabe, em vez de tentar ser sempre Bom.

— Joe, eu... — Sammy começou a discutir, mas rapidamente desistiu. — Ótimo — falou. — Vamos deixar de lado os nazistas. Não vai demorar muito, de qualquer maneira, para que a gente entre nesta guerra.

— E prometo dar-lhes a satisfação de me lembrar do meu comportamento ignóbil aqui esta manhã — disse Anapol. — Bem como uma fatia — algo muito modesto, posso assegurar-lhes — da pequena bonança que Hollywood vai nos trazer.

Os primos foram saindo. Sammy olhou para trás.

— E quanto aos japas?

A súbita e pequena eflorescência da arte, menor mas genuína, na linha de produção de gosto duvidoso daquela que era então a quinta ou sexta maior companhia de revistas em quadrinhos nos Estados Unidos, tem sido geralmente atribuída ao potente feitiço do *Cidadão Kane* sobre as aspirações renascentes de Joe Kavalier. Mas, sem a proibição temática imposta por Sheldon Anapol por injunção dos Filmes Parnasso — a censura de todos os enredos tendo a ver com nazistas (japas, também), guerra, sabotadores, quinta-colunas e assim por diante — que forçou Sammy e Joe a uma drástica reconsideração da matéria-prima de suas histórias, a sequência mágica de edições iniciada com *Radio Comics #19* e terminada quando Pearl Harbor coincidiu com o prazo de fechamento do vigésimo primeiro número de *Quadrinhos Triunfo* (fevereiro de 1942), parece um tanto inverossímil. Em oito números de cada título de *Radio*, *Triunfo*, *Só Garotas* e as agora mensais *Aventuras do Escapista*, a ênfase é colocada, pela primeira vez, não só nos personagens superpotentes — normalmente tão envolvidos em suas inevitáveis mortalhas de balas, torpedos, gases venenosos, furacões, sortilégios e assim por diante, que o delineamento de suas personalidades, quando não dos seus deltoides e quadríceps, mal podia ser discernido — mas também, quase radicalmente para a revista em quadrinhos da época, sobre as pessoas comuns que os cercavam, cujos próprios feitos, na época em que as hostilidades com a Alemanha foram formalmente iniciadas nos primeiros meses de 1942, tinham avançado tanto para o primeiro plano de cada história que esta própria ênfase no heroísmo cotidiano dos “impotentes” pode parecer constituir, pelo menos em retrospectiva, uma espécie de propaganda secreta e, portanto, provavelmente ineficaz. Havia histórias que tratavam das minúcias do que o Mr. Machine Gun, em casa nas páginas de *Triunfo*, gostava de chamar de *herobiz*, “o comércio de heróis”, contadas não só do ponto de vista dos heróis, mas daqueles de vários mordomos, namoradas, assistentes, pequenos engraxates, médicos e até criminosos. Havia uma história que seguia a trajetória de uma arma de fogo através das ruas perigosas de Empire City, na qual o Escapista aparecia apenas em *duas páginas*. Outro episódio famoso contava a história da infância da Mariposa Luna e preenchia vazios em sua biografia através de uma série complicada de flashbacks narrados por um grupo de parentes de

bruxas desempregadas, ratos e gatos falantes e répteis e coisas-que-tais, num “obscuro e pequeno antro nos arredores de Fantasmavila”. E havia a “Rua Kane”, focalizando em 64 páginas uma pequena rua de Empire City enquanto seus moradores, ao ouvir a terrível notícia de que o Escapista está à beira da morte no hospital, recordam individualmente como ele tocou suas vidas e as vidas de todo mundo na cidade (só para tudo acabar, no final, como um cruel embuste perpetrado pelo Homem-Monstro).

Todas essas incursões na fragmentação dos elementos da narrativa, na mistura e no isolamento de pontos de vista estranhos, ampliando, tanto quanto era possível naqueles dias, sob as restrições de um editor cansado e de padrões que ligavam principalmente para os lucros das vendas, os limites da narrativa das revistas em quadrinhos, todos estes exercícios foram, sem dúvida, levados muito além do nível do mero exercício pela criatividade irrefreável do lápis de Joe Kavalier. Joe, também, fez um levantamento das ferramentas à mão e achou-as mais úteis e interessantes do que jamais achara antes. Mas o uso ousado da perspectiva e do sombreado, a colocação radical dos balões de palavras e das legendas e, acima de tudo, a integração da narrativa e da imagem por meio de quadrinhos artificialmente desarranjados e deslocados, que aumentavam, encolhiam, se abriam em círculos, se espalhavam através de duas páginas inteiras, caminhavam diagonalmente para um canto da página, desenrolavam-se como os quadros de um filme — tudo isso foi tornado possível somente pela plena colaboração do escritor com o artista.

Se o fruto deleitável desta colaboração custou um preço; se os 32 números extras, as duas mil páginas extras de massacre dos nazistas interrompido pela proibição de Anapol conseguiram, de certa forma, por sua soma, empurrar os Estados Unidos mais cedo para a guerra; se a vantagem ganha em tempo teria precipitado uma vitória mais rápida; se aquela vitória chegando um dia, uma semana, ou um mês antes teria sido suficiente para preservar uma dúzia, uma centena ou milhares de vidas mais; tais perguntas agora só podem assumir uma pungência acadêmica, assim como os fantasmas e aqueles assolados por eles estão mortos.

De qualquer modo, as cifras de circulação dos títulos de Kavalier & Clay aumentou regularmente até que, com o término abrupto da parceria, elas haviam quase duplicado, embora seja difícil avaliar se este crescimento espantoso se devia ao avanço notável das revistas em sofisticação e qualidade, ou se foi simplesmente um produto da explosão geral das vendas das revistas em quadrinhos ocorrido nos meses que levaram à entrada dos Estados Unidos na guerra. Grandes e ruidosas nevascas — soprando de Hollywood, do rádio, de Milton Bradley e dos Brinquedos Marx, de Bolos Hostess e (inevitavelmente)

da Companhia de Fechaduras Yale, mas principalmente de bolsinhas de moedas, bolsas de brim e Cofrinhos de Moedas do Escapista em Genuína Borracha de Látex, por toda a nação — cobriram os escritórios no 25º andar do Empire State Building. Foram precisos pás, limpa-neves e equipes de homens trabalhando 24 horas ao dia para dar conta da impressionante avalanche de dinheiro. Um pouco desta neve foi acabar, no devido tempo, na conta bancária de Josef Kavalier, onde se acumulou em montes fantásticos e foi deixada assim, solitária e reluzente, para refrescar a febre de exílio do dia em que sua família deveria chegar.

Quando Frank Singe, o chefe de produção dos Filmes Parnasso, passou pela cidade de Nova York naquele setembro, Bacon levou Sammy para vê-lo no Hotel Gotham. Bacon mantivera Sammy acordado a noite toda, escrevendo roteiros, e Sammy, de olhos turvos e barba crescida, tinha três scripts prontos para mostrar a Singe na tarde seguinte. Singe, um homem grande com peito de barril que fumava um Davidoff *gigante* disse que já tinha dois escritores em mente, mas que gostava do que Sammy fizera nos quadrinhos e daria uma olhada em suas páginas. Não foi de todo desencorajador; estava claro que gostava pessoalmente de Bacon e, além do mais, como dissera, não era como se os outros dois sujeitos para o trabalho fossem feras como Kaufman e Hart. Depois de 25 minutos de escuta semidistraída, disse a Sammy e Bacon que tinha um compromisso muito importante para dar uma olhada num par de pernas muito longas e a entrevista terminou. A dupla desceu até a rua com o magnata do cinema comercial e deixou o Gotham na tarde que caía. O tempo estivera ótimo o dia inteiro e embora o sol já se tivesse posto, o céu acima deles ainda estava azul como uma chama de gás, com uma insinuação relampejante de negro carbono no leste.

— Bem, obrigado, sr. Singe — disse Sammy, apertando sua mão.
— Apreciei sua atenção.

— O garoto é capaz, senhor — disse Bacon, passando um braço ao redor de Sammy e sacudindo-o um pouco. — O Escapista é filho dele.

Era uma tarde fria e, em seu denso e macio casaco de pelo de camelo, Sammy sentia-se quente e contente e preparado para acreditar que tudo podia acontecer. Ficou comovido com o grau de ansiedade de Bacon para que fosse com ele para a Califórnia, embora suspeitasse disso, também; preocupava-se com que Bacon estivesse na verdade com medo de ficar lá totalmente sozinho. As coisas entre eles agora eram como haviam sido com Joe antes de Rosa; Sammy estava sempre disponível, sempre disposto a aparecer, ficar, sair e juntar os cacos depois de uma briga. Às vezes Sammy receava que estivesse a caminho de se tornar um companheiro profissional. Assim que Bacon fizesse novos amigos, ou um amigo, na Califórnia, Sammy seria deixado sozinho com as almas infelizes, pálidos peixinhos dourados de boca aberta, sobre os quais lera em *O dia do gafanhoto*.

— O que o senhor decidir está ótimo para mim, sr. Singe — disse

Sammy. — Para falar a verdade, ainda não sei se quero me mudar para Los Angeles.

— Ora, não comece com isto de novo — disse Bacon, com um grande riso radiofônico forçado. Apertaram as mãos de Singe e ele entrou num táxi.

— Vejo vocês por aí, rapazes — disse Singe. Havia um estranho tom na sua voz, pairando em algum lugar entre a zombaria e a dúvida. O táxi afastou-se do meio-fio e ele acenou um pouco, deixando Sammy parado ali no braço do seu amiguinho.

Bacon virou-se para ele.

— Por que foi dizer aquilo para ele, garoto Clay?

— Talvez seja verdade. Talvez eu goste daqui.

Amiguinho. A palavra revooou na mente de Sammy e adernou cegamente ali como uma mariposa enquanto Sammy a perseguia com uma escova numa mão e um manual de lepidopterologia na outra. Soava como um gracejo, acidulado, obstinado, grifado: Quem é o seu *amiguinho*, Percy? Embora Sammy agora passasse todo o seu tempo livre com Bacon, e tivesse concordado em princípio que dividiriam uma casa na hipótese de irem os dois para o oeste, Sammy ainda se recusava a admitir para si mesmo — naquele nível de consciência irrelevante, senatorial, onde as questões que o desejo já respondeu são propostas, debatidas e tabuladas até mais tarde — que estava amando, ou se apaixonando por Tracy Bacon. Não que negasse o que sentia, ou que as implicações do sentimento o tivessem assustado; bem, ele negava e se assustara, mas Sammy se apaixonara por homens quase toda a sua vida, do seu pai a Nikola Tesla e a John Garfield, cujo rosnado cínico ecoava tão claramente em sua imaginação, escarnecendo Sammy: *Ei, garoto fofo, quem é o seu amiguinho?*

Por mais clandestina e impossível que a empreitada pudesse até ter sido ou parecido, amar homens acontecia naturalmente a Sammy, como um dom para línguas ou um olho para trevos de quatro folhas; noções de negação e medo eram, num sentido muito real, supérfluas. Sim, tudo bem, talvez estivesse apaixonado por Tracy Bacon; e daí? O que provava aquilo? Talvez tivesse havido mais beijos e alguma exploração cuidadosa de sombras, escadarias e corredores vazios; até John Garfield teria concordado que o comportamento dos dois desde aquela noite na tempestade de relâmpagos no 86º andar fora jovial e masculino e essencialmente casto. Às vezes no banco traseiro de um táxi suas mãos podiam se mover furtivamente uma atrás da outra sobre a banquetta de couro e Sammy sentiria sua palma pequena e úmida e as unhas roídas absorvidas na funda e sóbria firmeza presbiteriana do aperto de Tracy Bacon.

Na semana anterior quando estavam no Brooks tomando as medidas para novos ternos, de pé lado a lado de cuecas como um

anúncio antes e depois de um tônico vitaminado, observaram o vendedor deixar a sala de provas e o alfaiate virar as costas e então Bacon estendeu a mão e agarrou um punhado dos pelos do peito de Sammy. Colocou a junta de seus dedos no esterno de Sammy e desceu a palma da mão até o declive achatado da barriga de Sammy e então, injetando em seus olhos azuis uma inocente piscada de Tom Mayflower; dardejou a mão para dentro e para fora da cinta elástica da cueca de Sammy, como um cozinheiro verificando uma panela de água quente com o dedinho. O pau de Sammy guardou, até este momento, uma memória furtiva da pegada daquela mão fria. Quanto a beijos, houve mais três: um bem na saída da porta do quarto do hotel de Bacon quando Sammy foi deixá-lo em casa; um entre as escuras treliças debaixo do trem elevado da Terceira Avenida na rua 51; e o terceiro, e mais ousado, nas últimas filas de um cinema da Broadway onde passava *Dumbo*, durante a bacanal dos elefantes cor-de-rosa. Aqui é que estava a novidade, a diferença entre o amor que Sammy sentira por Tesla e Garfield e até por Joe Kavalier, e aquele que sentia por Tracy Bacon: este realmente parecia ter reciprocidade. E estas florações de desejo, estes entrelaçamentos de seus dedos, aqueles quatro nutritivos beijos roubados da chaminé transbordante da indiferença de Nova York, foram o produto inevitável daquela reciprocidade. Mas significariam que ele, ou Bacon, fossem homossexuais? Faziam de Tracy Bacon o namorado de Sammy?

— Não me importo — disse Sammy em voz alta para o sr. Frank Singe, para Nova York, para o mundo; e então, virando-se para Bacon: — Não ligo! Não ligo se vou conseguir o emprego ou não. Não quero pensar sobre isto, ou Los Angeles, ou você indo embora, ou seja lá o que for. Só quero viver minha vida, ser um bom rapaz e me divertir. Isto está bom para você?

— Está ótimo para mim, sim, senhor — disse Bacon, dando um nó no seu cachecol contra o frio. — Que tal a gente fazer alguma coisa?

— O que é que você quer fazer?

— Não sei. Qual é o seu lugar favorito? Em toda a cidade, quero dizer.

— Meu lugar favorito em toda a cidade?

— Certo.

— Incluindo os bairros?

— Não me diga que é o Brooklyn. Isto é terrivelmente desapontador.

— Não é o Brooklyn — disse Sammy. — Queens.

— Pior ainda.

— Só que não está mais lá, meu lugar favorito. Foi fechado. Foi empacotado e levado sobre rodas para fora da cidade.

— A Feira — disse Bacon. Sacudiu a cabeça. — Você e aquela

Feira.

— Você nunca foi lá, foi?

— *Este* é o seu lugar favorito, de todos, hein?

— Sim, mas...

— Tudo bem, então.

Bacon chamou um táxi e abriu a porta para Sammy. Este ficou parado um momento, sabendo que Bacon ia embarcá-lo em algo de que não conseguiria se safar com tanta facilidade. Não sabia bem o que era.

— Vamos até Queens — disse Bacon para o motorista. — Para a Feira Mundial.

Foi só quando chegaram à ponte Triborough que o chofer, num tom monótono e seco, disse:

— Não sei como dizer isto para os amigos...

— Não sobrou *nada*? — perguntou Bacon.

— Bem, vi nos jornais que estavam discutindo o que fazer com o terreno, entre a cidade, o sr. Moses e o pessoal da Feira, Acho que ainda pode ter alguma coisa lá.

— Vamos manter as expectativas bem baixas — disse Bacon. — Que tal?

— Para mim está ótimo — disse Sammy.

Sammy amara a Feira, visitando-a três vezes na primeira temporada de 1939 e até o final da vida guardou um dos pequenos distintivos que recebera quando saiu do pavilhão da General Motors, que dizia EU VI O FUTURO. Crescera numa era de grande desesperança e, para ele e milhões de outros garotos da cidade, a Feira e o mundo que ela prenunciava tinham possuído a força de um pacto, de uma promessa de um mundo melhor por vir, que ele depois tentaria redimir nos campos de batata de Long Island.

O táxi os deixou do lado de fora da estação LIRR e eles caminharam ao longo do perímetro da Feira por um tempo, procurando um jeito de entrar. Mas havia uma cerca alta e Sammy não se achava capaz de pular sobre ela.

— Venha cá — disse Bacon, agachando-se atrás de uns arbustos e arqueando suas costas. — Suba.

— Não posso... vou machucar você...

— Vamos lá, eu aguento.

Sammy pisou nas costas de Bacon, deixando uma pegada de lama no seu capote.

— Eu aumentei misticamente minha força, você sabe — disse Bacon. — Ufa.

Sammy escalou, pendeu da cerca e saltou para o terreno da Feira, caindo de bunda no chão. Bacon projetou-se, subiu, pulou e pousou no lado da cerca da Feira. Estavam dentro.

A primeira coisa que o olho de Sammy procurou foram as monumentais estruturas parecidas com Mutt e Jeff, o elevado Trylon e seu rotundo camarada a Perisfera, símbolos da Feira que durante dois anos se fizeram onipresentes através do país, insinuando-se em cardápios de restaurantes, mostradores de relógios, caixas de fósforos, gravatas, lenços, cartas de baralho, suéteres de garotas, coqueteleiras, cachecóis, isqueiros, aparelhos de rádio etc., antes de desaparecer tão subitamente quanto floresceram, como os totens de algum desacreditado culto milerita que empolga por um breve tempo e então desaponta amargamente seus adeptos com graves e terríveis profecias. Viu imediatamente que os trinta metros inferiores do Trylon estavam cobertos de andaimes.

— Estão desmontando o Trylon — disse Sammy. — Puxa.

— Qual deles é o Trylon? O compridão?

— Sim.

— Não tinha ideia de que era tão alto.

— Mais alto que o Monumento a Washington.

— É feito do quê, de granito, calcário ou de que material?

— De gesso, acredito.

— Estamos indo bem, não acha? Sem falar da minha ida para LA.

— Está pensando sobre isso?

— Eu não. Então a bola é a Perisfera?

— Certo.

— Tinha alguma coisa dentro deles?

— Não no Trylon. Mas na Perisfera havia todo um espetáculo. A Democracidade. Era como um modelo em escala menor da cidade do futuro e você sentava naqueles carrinhos que percorriam a bola pelo lado de fora e via a paisagem lá embaixo. Era cheia de super-rodovias e subúrbios ajardinados. Você sentia que pairava em cima daquilo como num zepelim. Faziam parecer que era noite, também, e todos os pequenos edifícios e postes de rua se acendiam e brilhavam. Era maravilhoso. Eu adorava.

— Não diga. Gostaria só de ver. Será que ainda tem luz, Sammy, o que é que você acha?

— Não sei — disse Sammy com uma espécie de emoção cautelosa. A esta altura conhecia Bacon bem o bastante para identificar o impulso, e o tom que o acompanhava, que fizera seu amigo subir a uma instalação militar no topo do Empire State Building à meia-noite com comida de gourmet em dois sacos de compras. — É provável que não, Bake. Não acredito... ei, espere por mim...

Bacon já estava a caminho da mureta circular baixa que cercava a imensa piscina, agora esvaziada e coberta com uma camada de aniação ensopada, sobre a qual a Perisfera flutuara. Sammy procurou ver se ainda havia operários nas redondezas, ou guardas, mas os dois

pareciam ter o local só para eles. Seu coração doeu ao olhar para o vasto espaço de feira que, não faria muito tempo, enxameara com bandeiras, chapéus de mulheres e pessoas passando zunindo em micro-ônibus, e enxergar apenas um cenário de lama, encerados e jornais esvoaçantes, quebrado aqui e ali por uma pilastra com o topo encoberto, um hidrante ou as árvores nuas que flanqueavam as avenidas e as esplanadas variadas. Os pavilhões cor de doce e os salões de exposição, enfeitados com anéis de Saturno, raios recortados, barbatanas de tubarão, grades douradas e colmeias, o pavilhão italiano com sua fachada inteira dissolvendo-se em perpétuas cascatas d'água, a gigantesca caixa registradora, os templos austeros e sinuosos dos deuses de Detroit, as fontes, os mastros e relógios de sol, as estátuas de George Washington e da Livre Opinião e da Verdade Mostrando o Caminho da Libertação tinham sido descascadas, rasgadas, mutiladas, derrubadas, amontoadas por tratores, colocadas em caçambas de caminhões, descarregadas dentro de barcas, rebocadas para além da entrada da baía e jogadas no fundo do mar. Isto o deixava triste, não porque enxergasse alguma alegoria instrutiva ou sermão severo sobre a vaidade de todas as esperanças humanas e fantasias utópicas ao ver um brilhante sonho de verão transformado numa imensa poça congelando no final de uma tarde de setembro — era jovem demais para ter tais noções —, mas porque amara tanto a Feira e, ao vê-la deste jeito, sentia em seu coração o que sentira o tempo todo, que, como a infância, a Feira também acabara, e nunca mais poderia visitá-la.

— Ei — chamou Bacon. — Garoto Clay. Venha até aqui.

Sammy olhou em volta. Não havia sinal de Bacon. Correu, tão rapidamente quanto podia, ao redor da mureta baixa caiada com suas manchas de chuva e salpicada de folhas molhadas, até as portas do Trylon, que tinham conduzido, através de um par imperial de escadas rolantes, até o coração do ovo mágico. Quando a Feira funcionava, havia sempre uma fila imensa de pessoas serpenteando até estas duas grandes portas azuis. Agora só havia os andaimes e uma pilha de tábuas. Um operário esquecera a caneca de café de lata que tampava sua garrafa térmica. Sammy caminhou até as portas de metal. Estavam fechadas por pesadas trancas e grossas correntes com cadeados. Sammy deu um puxão e elas nem chegaram a se mexer.

— Já tentei isso — disse Bacon. — Vem cá embaixo!

A Perisfera se apoiava numa espécie de viga em X um anel de pilares em espaços regulares unidos a ela, por assim dizer, à altura do seu círculo antártico, dando uma volta completa. A ideia era que a grande órbita, branca como osso, sua pele ondulada por finas veias como a embalagem de um charuto, parecesse flutuar ali, no meio de uma piscina cheia d'água. Agora que não havia mais água, era possível

ver os pilares, e era possível ver também Tracy Bacon, parado no meio deles, bem debaixo do polo sul da Perisfera.

— Ei — disse Sammy, correndo para a parede e encostando-se nela. — O que é que está fazendo? Esta coisa toda podia cair bem em cima de você!

Bacon olhou para ele, com os olhos bem abertos, incrédulo, e Sammy corou; era exatamente o que sua mãe teria dito.

— Tem uma porta — disse Bacon, apontando direto para cima. Estendeu os braços sobre a cabeça e suas mãos tocaram no fundo do casco da Perisfera. A cabeça de Bacon desapareceu a seguir, seus pés ergueram-se do chão e então ele sumiu.

Sammy passou uma perna por cima da mureta, depois a outra, e desceu ao leito da piscina. Seus sapatos chapinhavam na aniagem úmida ao atravessar o fundo suavemente curvado da bada em direção da Perisfera. Quando chegou bem debaixo dela, olhou para cima e viu um alçapão retangular através do qual Tracy Bacon podia bem ter passado.

— Vamos, venha.

— Parece bastante escuro aí, Bake.

Uma grande mão emergiu do alçapão, tremulando, flexionando os dedos. Sammy a procurou, suas palmas se cruzaram e então Bacon o içou inteiro para dentro da escuridão. Antes que pudesse começar a sentir, ou cheirar, ou ouvir o escuro, Bacon e as batidas de seu próprio coração, as luzes se acenderam.

— Puxa — disse Bacon. — Veja só isso.

Os sistemas que controlavam o movimento, o som e a iluminação da Democracidade e de sua exposição-irmã, o Futurama da General Motors, eram quase literalmente o *dernier cri* da arte e dos princípios antigos dos mecanismos de relojoaria no momento dos tique-taques finais do mundo sem computadores. Coordenar a elaborada trilha sonora de voz e música, o movimento dos carros e a variação das atmosferas luminosas dentro da Perisfera demandara uma parafernália de engrenagens, roldanas, alavancas, discos de ressaltos, molas, rodas, disjuntores, relés e correias, um parafernália sofisticada, complexa e sensível à quebra. Um cocô de camundongo, um súbito golpe de ar frio ou as vibrações acumuladas de dez mil trens subterrâneos que chegavam e partiam eram capazes de colocar o sistema fora de ação e levar o passeio a uma brusca parada, ocasionalmente prendendo cinquenta pessoas lá dentro. Era devido à necessidade de frequentes pequenos ajustes e consertos que havia um alçapão na barriga inferior da Perisfera. Ele conduzia a uma estranha sala na forma de tigela. Quando Bacon e Sammy entraram, no fundo da tigela, havia uma espécie de plataforma de aço corrugado. De um lado da plataforma, uma série de grampos foi afixada e soldada na parede interna da

esfera que levava gradualmente, ao longo da parede da tigela, até o elaborado mecanismo no lado inferior da Democracidade.

Bacon segurou um dos grampos inferiores da escadaria.

— Acha que é capaz? — perguntou.

— Não estou seguro — disse Sammy. — Realmente acho...

— Siga na frente — disse Bacon. — Eu lhe dou uma mão, se precisar.

Assim, Sammy e suas pernas fracas subiram trinta metros no ar. No topo, havia ainda outro alçapão. Sammy enfiou a cabeça por ele.

— Está escuro — disse Sammy. — Que pena. Bem, é melhor a gente ir embora.

— Espere um minuto — disse Bacon. Sammy sentiu um súbito empurrão por trás enquanto Bacon agarrava suas pernas e mais ou menos o fazia dar um salto ornamental para dentro da escuridão fria e imensa. Algo áspero raspou o rosto de Sammy e então houve um estalo e uma série de sons ásperos enquanto Bacon se alçava também através do alçapão. — Hum. Você está bem.

— Muito bem — Sammy esticou a mão pelo chão, buscando o alçapão. — Você é maluco, Bake, sabia disto? Nunca aceita um não. Eu...

Sammy ouviu o trilo mecânico do gonzo de um isqueiro, o rangido de sua pedra e então uma fagulha cresceu magicamente e se transformou no rosto bruxuleante de Tracy Bacon.

— Agora o seu.

Sammy acendeu seu isqueiro. Juntos conseguiram gerar luz o suficiente para ver que estavam bem longe num canto da mostra, no meio de uma área ampla e florestada com dois centímetros de altura. Tracy ficou de pé e começou a caminhar na direção do centro. Sammy o seguiu, protegendo a chama. A superfície do chão abaixo de seus pés estava coberta por uma espécie de musgo artificial áspero e seco que pretendia sugerir grandes colinas ondulantes cobertas de árvores. Os passos faziam um som crepitante que ecoava na cúpula alta e vazia. De vez em quando, embora tentassem ser cuidadosos, um deles pisava sobre uma fazenda-modelo, ou esmigalhava o parque de diversões do orfanato central de uma cidade do futuro. Finalmente chegaram à cidade principal, em pleno coração do diorama, que fora conhecida como Centrovila ou Centrourbe ou algo igualmente imaginativo. Um arranha-céu solitário se elevava de um feixe de prédios menores. Todos os edifícios pareciam aerodinâmicos e modernos, como uma cidade em Mongo, ou a Cidade de Esmeralda em *O Mágico de Oz*. Bacon ficou de joelhos e colocou o olho no mesmo nível do topo da torre solitária.

— Hum — disse. Franziu a testa e então inclinou-se para diante num braço, tomando cuidado para não deixar extinguir sua chama, até

que ficou deitado de barriga no chão. — Hum — disse de novo, grunhindo desta vez. Abaixou o queixo até o chão. — Sim. É isto. Não acho que eu teria gostado tanto de ficar flutuando sobre esta coisa.

Sammy aproximou-se e ficou de pé ao lado de Bacon por um momento. Então se abaixou até o chão junto dele. Dobrou um braço debaixo do peito e, inclinando a cabeça ligeiramente, cerrou os olhos, tentando perder-se na ilusão do modelo como costumava se perder em Futuria, na sua prancheta em Flatbush um milhão de anos atrás. Media um décimo de centímetro, zunindo por uma rodovia oceânica em seu Aeromóvel antigravidade, passando velozmente pelas faces silenciosas dos edifícios prateados. Era um dia perfeito numa cidade perfeita. Um pôr do sol duplo brilhava nas janelas e projetava sombras através das praças frondosas da cidade. As pontas de seus dedos estavam pegando fogo.

— Au! — gritou Sammy, deixando cair o isqueiro. — Ui!

Bacon deixou apagar sua própria chama.

— Você tinha de forrá-lo com a ponta da gravata, seu pateta — falou. Agarrou a mão de Sammy. — É esta?

— Sim — disse Sammy. — Os dois primeiros dedos. Oh. OK.

Ficaram deitados ali por alguns segundos, no escuro, no futuro, com as pontas dos dedos feridas de Sammy na boca de Tracy Bacon, ouvindo as fabulosas engrenagens de seus corações e pulmões, e amando um ao outro.

No último dia de novembro, Joe recebeu uma carta de Thomas. Numa execrável escrita inclinada de canhoto, ele anunciava, empregando um tom sardônico que não estivera presente em suas primeiras cartas de Lisboa, que a velha banheira — depois de uma série de atrasos, reversões, falhas mecânicas e tergiversações governamentais, fora finalmente liberada — ainda mais uma vez — para a partida no dia 2 de dezembro. Mais de oito meses tinham se passado desde a jornada de Thomas do Moldau para o Tejo. O garoto completara 13 anos num catre no apinhado refeitório do convento de Nossa Senhora do Monte Carmelo e em sua carta advertia Joe de que sofria de uma misteriosa tendência de começar a metralhar padre-nossos e ave-marias pelo menor motivo e tornara-se apreciador de toucas de freiras. Alegava recear que Joe não o reconhecesse por causa das marcas no rosto e da “aparentemente permanente nódoa pubertal em meu lábio superior que alguns têm a temeridade de chamar de bigode”. Quando Joe acabou de ler a carta, beijou-a e apertou-a contra o peito. Lembrava-se do medo do imigrante de não ser reconhecido numa terra de estranhos, de se perder na tradução de lá para cá.

No dia seguinte Rosa foi direto da ART para os escritórios da Empire e explodiu em lágrimas nos braços de Joe. Contou-lhe que o sr. Hoffman havia, quase que num palpite, dado um telefonema aquela tarde para os escritórios em Washington da Comissão de Assessoria da Presidência para Refugiados Políticos, só para ter a certeza de que tudo estava em ordem. Para seu espanto, foi informado pelo presidente da Comissão que parecia que todos os vistos das crianças iam ser revogados por motivos de “segurança do Estado”. O chefe da seção de vistos do Departamento de Estado, Breckinridge Long, um homem — como o presidente da comissão definiu cautelosamente — com “certas antipatias”, havia estabelecido há muito tempo uma clara diretriz de recusar vistos para refugiados judeus. Hoffman sabia disso perfeitamente bem. Mas, neste caso, argumentava, os vistos já tinham sido concedidos, o navio já ia partir e os “riscos de segurança” eram 319 crianças! O presidente simpatizava. Pediu desculpas. Expressou profundo pesar e constrangimento diante desta inesperada mudança no rumo dos acontecimentos. E depois desligou.

— Estou vendo — foi a única resposta de Joe quando Rosa, empoleirada na sua banqueta alta, terminou sua história. Com a mão,

acariciou mecanicamente a nuca da jovem. Com a outra ficou girando a roda da fâisca do seu isqueiro, acendendo-o repetidas vezes. Rosa estava envergonhada e confusa. Achava que devia consolar Joe, mas aqui estava ela, no meio do estúdio da Empire, com um bando de sujeitos olhando para ela por cima de suas pranchetas, gritando no peito da camisa dele enquanto Joe ficava afagando seus cabelos e dizendo: — Calma, calma.

Os ombros dele estavam tensos, sua respiração rasa. Ela podia sentir a raiva crescendo dentro de si. Cada vez que o isqueiro acendia, tinha um sobressalto.

— Oh, querido — disse. — Gostaria que houvesse alguma coisa que pudéssemos fazer. Alguém a quem pudéssemos recorrer.

— Hum — disse Joe. E então: — Escute aqui.

Pegou-a pelos ombros e girou-a na banqueta. Numa mesa baixa perto da sua prancheta havia uma pilha de páginas de quadrinhos legendadas mas não passadas para a tinta ainda, em grandes lâminas de cartolina. Joe folheou o monte de páginas, passando-as para ela uma a uma. Apresentavam uma história que era narrada pelo guardião da Estátua da Libertação, um homem alto e encurvado com um esfregão e um gorro bicudo, desenhado para se parecer com George Deasey. Aparentemente, o infeliz sujeito tinha uma questão a resolver com “aquele bando das ceroulas longas”. Ele descrevia então como, justo naquela manhã, observara horrorizado o professor Percival “Espertinho” Pantz, infeliz rival sabe-tudo do dr. E. Pluribus Hewnham, o Americano Científico, executar um “procedimento de implante eletrocerebral” na Dama. A ideia era alistar a estátua no esforço de manter os céus de Empire City limpos de aviões e dirigíveis inimigos. “Ela será capaz de afastar aos tapas Messerschmitts como mosquitos!”, Pantz cantava vitória. Mas, em vez do que previa, graças ao costumeiro erro de cálculo da parte do dr. Pantz, ela havia, ao acordar, caminhado a passos largos através da baía na direção de Empire City com sua eletrocafeça coroadada cheia de impulsos homicidas. Claro que o Americano Científico, empregando um providencial robô gigante de sua própria fabricação que rapidamente equipou com uma enorme máscara de Clark Gable, conseguiu atraí-la de volta para o seu pilar e então neutralizá-la usando “eletromagnetos superdinâmicos”. Mas tudo o que conseguiu, para o desespero do narrador-zelador, foi uma imensa confusão. Não só a ilha, mas todo o porto ficaram um caos. Seus irmãos zeladores e agentes sanitários já estavam ocupados demais limpando as sujeiras das arruaças a que se entregavam regularmente os superseres. Como conseguiriam algum dia limpar esta última baderna?

Naquele momento, um aeroplano pousou na Ilha da Libertação e uma figura familiar, num chapéu de abas largas e casaco cintado,

desceu do avião com a expressão de que viera para resolver a parada.

— Parece Eleanor Roosevelt — disse Rosa, apontando o quadrinho em que Joe desenhara uma versão bastante lisonjeira da primeira-dama, acenando do alto da escada do avião.

— Ela pega uma vassoura — disse Joe. — E começa a varrer. Logo todas as mulheres da cidade saem com suas vassouras. Para ajudar.

— Eleanor Roosevelt — disse Rosa.

— Vou telefonar para ela — disse Joe, dirigindo-se para um telefone numa mesa próxima.

— OK.

— Será que vai falar comigo? — Tirou o telefone do gancho. — Acho que vai. Tenho essa impressão, pelas coisas que leio sobre ela.

— Não, Joe, realmente não acho que vai — disse Rosa. — Lamento. Não sei como era na Tchecoslováquia, mas aqui você não pode simplesmente telefonar para a mulher do presidente e pedir um favor.

— Oh — disse Joe. Colocou o fone de volta no gancho e olhou para sua mão, a cabeça abaixada.

— Mas, oh, por Deus! — Ela saltou da banqueta. — Joe!

— O quê?

— Meu pai. Ele a conhece ligeiramente. Conheceram-se fazendo algo para a Administração das Obras para o Progresso.

— E ele tem permissão de telefonar para a mulher do presidente?

— Sim, acredito que sim. Pegue seu chapéu, nós vamos para casa.

Longman Harkoo telefonou para a Casa Branca naquela tarde e lhe disseram que a primeira-dama estava na cidade de Nova York. Com alguma ajuda de Joe Lash, que conhecia através de suas ligações vermelhas, o pai de Rosa conseguiu achar a pista da sra. Roosevelt e recebeu a permissão para um breve encontro com ela no seu apartamento na rua 11 Leste, não longe da casa de Harkoo. Durante quinze minutos, tomando chá, Harkoo explicou a situação difícil da *Arca de Míriam* e de seus passageiros. A sra. Roosevelt, relatou o pai de Rosa depois, pareceu extremamente zangada, embora tudo o que dissesse foi que iria ver o que podia fazer.

A *Arca de Míriam*, seu curso favorecido pela mão invisível de Eleanor Roosevelt, zarpou de Lisboa no dia 3 de dezembro.

No dia seguinte, Joe telefonou para Rosa e perguntou se ela podia encontrar-se com ele na sua folga do almoço num endereço em algum ponto das 70 Oeste. Não lhe disse por que, apenas que tinha algo que queria lhe dar.

— Tenho uma coisa para você, também — disse ela. Era uma pequena pintura que terminara na noite anterior. Ela a embrulhou em papel, amarrada com um barbante, e levou-a no trem. Pouco depois, encontrou-se diante do Josephine, uma pilha de quinze andares de

mármore de Vermont azul pálido. Tinha parapeitos salientes e ocupava mais da metade de todo um quarteirão entre a West End Avenue e a Broadway. O porteiro estava uniformizado como um hussardo vencido na retirada de Smolensk, até no detalhe do bigode aparado e encerado. Joe a esperava quando ela chegou, o casaco pendurado no braço. Era um belo dia, frio e luminoso, o céu azul como um Nash e sem nuvens com exceção de um carneiro extraviado. Há muito tempo que Rosa não vinha até estas redondezas. Os paredões de edifícios de apartamentos altos que se estendiam para o norte, que lhe pareceram no passado pomposos, sufocantes e burgueses, agora possuíam um ar resoluto e sóbrio. À luz austera do outono, pareciam prédios cheios de pessoas austeras e atenciosas trabalhando com seriedade para realizarem coisas valiosas. Ela se perguntou se talvez não estava farta de Greenwich Village.

— Que história toda é esta? — falou, segurando o braço de Joe.

— Acabei de assinar o contrato — disse ele. — Venha ver.

— Um contrato? Você está se mudando? Está se mudando para cá? Você e Sammy brigaram?

— Não, claro que não. Nunca brigo com Sammy. Adoro o Sammy.

— Sei que você adora — disse ela. — Vocês formam uma boa equipe.

— Bem, primeiro, ele está se mudando para Los Angeles. OK, diz que é por três meses só para escrever o filme, mas aposto um bom dinheiro que ele vai ficar por lá. O que é que tem no pacote?

— Um presente — disse ela. — Acho que você pode pendurá-lo no seu *novo apartamento*.

Estava um pouco chateada por nada ter lhe falado sobre uma mudança, mas ele era assim a respeito de tudo. Quando tinham um encontro, ele nunca lhe dizia aonde estavam indo ou o que iam fazer. Não era tanto que se *recusasse*, como que conseguisse comunicar que preferia que ela não perguntasse.

— Isto é uma beleza.

Havia uma fonte de mármore no saguão, festonada com cintilantes carpas japonesas, e um pátio interno cheio de ecos com uma vaga atmosfera mourisca. Quando a porta do elevador se abriu, com uma campainha profunda e musical, uma mulher saiu, seguida por dois garotinhos adoráveis em terninhos de lã azul que combinavam. Joe cumprimentou com o chapéu.

— É para Thomas que você está fazendo isto — disse Rosa entrando no elevador. — Não é?

— Dez — disse Joe para o homem do elevador. — Pensei que esta pudesse ser uma melhor vizinhança. Você sabe, para mim... para mim...

— Para criá-lo aqui.

Sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Isto soa muito estranho.

— Você vai ser como um pai para ele, sabe — disse ela. E eu poderia ser como uma mãe. É só me pedir, Joe, que o farei. Isso estava na ponta da sua língua, mas ela não falou. O que diria ela? Que queria se casar com ele? Durante dez anos, pelo menos, desde que tinha 12 ou 13 anos, Rosa vinha declarando abertamente para quem quer que perguntasse que não tinha nenhuma intenção de se casar, nunca, e que se o fizesse seria quando estivesse velha e cansada da vida. Quando essa declaração em suas várias formas deixou de chocar as pessoas suficientemente, ela começara a acrescentar que o homem com quem finalmente se casasse não teria mais do que 25 anos. Mas ultimamente ela vinha experimentando fortes e desarticulados sentimentos de saudade, um desejo de estar com Joe todo o tempo, de habitar sua vida e permitir que ele habitasse a dela, de engajar-se com ele em algum tipo de empreendimento conjunto, uma colaboração que *seria* parte de suas vidas. Não supunha que tivessem de se casar para fazer aquilo, e sabia que certamente não precisava *querer* casar-se. Mas seria verdade? Quando seu pai foi encontrar-se com a sra. Roosevelt ele dissera à primeira-dama, explicando sua ligação com o caso, que uma das crianças no navio era o irmão do jovem com quem sua filha ia se casar. Rosa esquecera-se cautelosamente de passar aquela parte da história para Joe. — Acho que é muito gentil de sua parte. Sensível e gentil.

— Existem boas escolas nas redondezas. Tive uma entrevista a respeito dele na Trinity School que, me disseram, é excelente, e aceita judeus. Deasey disse que poderia me ajudar a colocá-lo no Collegiate, onde ele estudou.

— Céus, você vem fazendo muitos planos.

Ela realmente não devia se ofender com o sigilo dele. Guardar as coisas para si mesmo era parte da sua natureza; ela imaginava que era o que o atraía para a prática da mágica em primeiro lugar, com seus truques e segredos que nunca deveriam ser divulgados.

— Bem, tive muito tempo. Há oito meses que vinha esperando isto acontecer. Pensei muito neste período.

O ascensorista freou o elevador e abriu a porta para eles. Esperou que saíssem. Joe olhava para ela com um olhar estranho, fixo, e ela pensou, ou talvez apenas desejasse, ter visto uma ponta de malícia nele.

— Dez — disse o ascensorista.

— Pensei muito.

— Dez, senhor — falou o homem do elevador.

O apartamento oferecia vistas de Nova Jersey em todas as janelas de um lado, acessórios dourados no maior dos dois banheiros e os

tacos em parquet de assoalho eram de uma geometria estonteante. Tinha três quartos de dormir e uma biblioteca com estantes em três paredes do chão ao teto; cada quarto tinha pelo menos uma estante embutida. Ela visitou todos os quartos duas vezes, incapaz de se impedir, enquanto o fazia, de imaginar uma vida nestes aposentos elegantes, pousados no alto deste trecho cultivado de Manhattan, com seus psicanalistas freudianos, primeiros-violoncelistas e juizes do tribunal de apelação. Podiam todos morar aqui, ela, Joe e Thomas, e talvez com o tempo houvesse outra criança, imperturbável e rechonchuda como um anjinho barroco.

— OK, vamos, então o que é que você tem para mim?

Não podia refrear-se mais para perguntar. Não via nenhuma saliência óbvia em seus bolsos, mas o que quer que fosse talvez estivesse escondido nas dobras do seu casaco. Ou podia ser algo muito, muito pequeno. Iria fazer uma proposta de casamento a ela? E o que ia ela dizer se ele o fizesse?

— Não — disse ele. — Você primeiro.

— É um retrato — disse ela. — Um retrato seu.

— Outro retrato? Eu não posei para este.

— Que estranho — falou ela em tom de provocação. Desfez o embrulho e carregou o quadro para o consolo da lareira.

Fizera dois retratos anteriores de Joe. Ele posara para o primeiro em mangas de camisa e colete, estendido numa poltrona de couro na sala de estar forrada de madeira escura onde haviam se conhecido. Na tela, seu paletó descartado, com um jornal dobrado no bolso, pende das costas de uma cadeira e ele se inclina sobre o braço, a cabeça com seu longo rosto de lobo inclinada um pouco para um lado, os dedos da mão direita apertados contra a têmpora direita. Suas pernas estão cruzadas sobre os joelhos e ignora um cigarro nos dedos de sua mão esquerda. O pincel de Rosa captou o orvalho de cinza na sua lapela, o botão que faltava no colete, a expressão terna, impaciente e desafiadora nos seus olhos através da qual está tentando claramente comunicar à artista, telepaticamente, que dentro de mais ou menos uma hora pretende fodê-la. No segundo retrato, Joe é visto trabalhando na prancheta do apartamento que dividia com Sammy. Um pedaço de cartolina está diante dele, parcialmente coberto de quadrinhos; um exame cuidadoso revela a forma discernível, num dos quadros, da Mariposa Luna em voo. Joe estende a mão com um longo e fino pincel para um vidro de tinta no tamborete ao seu lado. A mesa, que Joe comprara de sexta ou sétima mão pouco depois de sua chegada a Nova York, está incrustada e constelada com anos de tinta espalhada. As mangas de Joe estão arregaçadas até o cotovelo e uns poucos cachos caem em sua testa. A ponta de sua gravata aparece precariamente próxima de uma pincelada de tinta no papel e em sua

face ele tem uma bandagem adesiva sobre alguns leves arranhões rosados. Nesta pintura, sua expressão é serena e quase perfeitamente neutra, a atenção enfocada inteiramente nas cerdas do pincel que está para mergulhar na brilhante tinta preta.

O terceiro retrato de Joe Kavalier foi a última pintura que Rosa fez e diferia dos dois primeiros porque não fora posado. Foi executado com a mesma técnica descontraída e acurada de todo o seu trabalho, mas era uma fantasia. O estilo era mais simples que o dos outros dois retratos, aproximando-se do primitivismo cartunístico ligeiramente assumido de suas pinturas de comidas. Nesta tela, Joe é colocado contra um fundo indeterminado de rosa pálido, sobre um tapete ornado. Está nu. Mais surpreendente, está enredado inteiramente, da cabeça aos pés, em pesadas correntes de metal das quais, como berloques num bracelete, pendem cadeados, algemas, braçadeiras de ferro e grilhões. Seus pés estão presos com anéis de ferro. O peso de todo este metal o faz curvar na cintura, mas sua cabeça está ereta, olhando para o espectador com uma expressão desafiadora. Suas pernas longas e musculosas estão retas, seus pés estendidos como se prontos para entrar em ação. A pose foi tomada de um livro sobre Harry Houdini, com as seguintes diferenças cruciais: ao contrário de Houdini, que na foto guardava sua modéstia com as mãos algemadas, as genitais de Joe, com seu ar tristonho, embora densamente sombreadas com pelos, são plenamente visíveis; o grande cacho no meio do seu peito tem a forma de um coração humano; e no seu ombro, de capote preto e galochas pesadas, está sentada a figura do próprio artista, segurando uma Chave de Ouro.

— É engraçado — disse ele. Enfiou a mão no bolso da calça. — Isto é o que tenho para você. — Estendeu o punho para ela, as juntas para cima. Ela desdobrou a mão e separou os dedos. Na palma de sua mão havia uma chave de latão. — Vou precisar de ajuda para fazer isto — disse. — Espero de todo o coração, Rosa, que você queira me ajudar.

— E de onde é esta chave? — perguntou ela, sua voz mais aguda do que queria, sabendo perfeitamente bem que era a chave deste apartamento e que Joe estava lhe pedindo a coisa exata que estivera à beira de pedir ela mesma: que a deixasse agir como mãe, ou pelo menos uma irmã mais velha, de Thomas Kavalier. Ficou desapontada na mesma medida em que esperara um anel e excitada ao grau de se sentir horrorizada por desejar um anel.

— Como na pintura — disse ele de uma maneira jocosa, como se pudesse ver que ela estava perturbada e tentando descobrir que tom adotar com ela. — A chave do meu coração.

Ela apanhou a chave e a segurou em sua mão. Estava quente do bolso dele.

— Obrigada — disse. Chorava, amarga e feliz, envergonhada de si

mesma, emocionada por poder realmente fazer algo para ele.

— Desculpe — disse Joe, tirando um lenço do bolso de seu paletó.
— Queria que você tivesse uma chave porque... mas fiz a coisa errada.
— Gesticulou para a pintura. — Esqueci de dizer que a amei. Rosa, amei a pintura! É incrível! É uma coisa totalmente nova para você.

Ela riu, pegou o lenço dele e enxugou os olhos.

— Não, Joe, não é isso — disse, embora de fato a pintura representasse uma nova direção no trabalho de Rosa. Havia anos desde que ela tentara desenhar a partir de sua imaginação. Seu talento para capturar uma semelhança, um contorno, seu senso inato de sombra e de peso, a tinham inclinado para desenhar copiando da natureza desde cedo. Embora tivesse trabalhado parcialmente com base numa fotografia desta vez, os detalhes do corpo e do rosto de Joe eram preenchidos pela memória, um processo que ela achara desafiador e satisfatório. Você precisava conhecer seu amante muito bem — ter passado muito tempo olhando para ele e o tocando — para conseguir pintar seu retrato quando ele não estava presente para posar. Os inevitáveis erros e exageros que ela fazia lhe pareciam agora como provas, artefatos, do misterioso intercurso da memória e do amor. — Não. Joe. Obrigada pela chave. Eu a quero muito.

— Fico contente.

— E estou feliz de ajudá-lo como puder. Nada me faria mais feliz. Mas se você está dizendo que quer se mudar para cá... — Olhou para ele. Sim. Ele errara. — Bem, não creio que eu deveria. Por causa de Thomas. Não acho que seria correto. Ele talvez não entendesse.

— Não — ele disse. — Eu *estava* pensando... mas não. Você está certa, claro.

— Mas estarei absolutamente aqui sempre que precisar de mim. — Assoou o nariz no lenço. — Por tanto tempo quanto você precisar de mim.

— Muito bem — disse ele. — Acho que vamos conversar sobre isto por muito tempo.

Ela estendeu insegura a mão com o lenço molhado, com um sorriso de desculpas pela confusão.

— Tudo bem. Fique com ele, querida.

— Obrigada — disse ela e desta vez explodiu num ridículo e até bizarro acesso incontrolável de soluços. Sabia muito bem que o lenço era destinado expressamente para consolar mulheres e que Joe sempre guardava outro, reservado para seu próprio uso pessoal, enfiado no bolso traseiro das calças.

Muitos anos depois, a maioria dos velhos meninos em cuja recepção de *bar mitzvah* num passado remoto, numa Nova York desvanecida, um jovem mágico chamado Joe Kavalier tinha executado seu ato vibrante e animado, sem palavras, só podia evocar memórias fragmentárias do artista. Alguns dos homens eram capazes de lembrar um jovem esguio e quieto num vistoso fraque azul que falava inglês com sotaque e parecia pouco mais velho do que eles. Outro, um ávido leitor de histórias em quadrinhos, lembrava que Joe Kavalier o convidara para passar um dia nos escritórios da Empire com seus pais. Joe o acompanhara numa visita ao local e o mandara para casa carregado de revistas em quadrinhos gratuitas e um desenho, que ainda guardava, de si mesmo ao lado do Escapista. Outro ainda lembrava que Joe trabalhava com um verdadeiro zoológico de animais artificiais: um coelho dobrável de pele falsa; peixinhos dourados entalhados de uma cenoura; um papagaio empalhado um tanto esfarrapado que, para surpresa dos espectadores, ficava empoleirado na mão do mágico enquanto sua *gaiola* desaparecia no ar. “Eu o vi cortando as cenouras no banheiro dos homens”, lembrou este cavalheiro. “No aquário pareciam realmente peixinhos.” Stanley Konigsberg, porém, cuja recepção marcou a última apresentação de que se tem notícia do Fantástico Cavalieri, guardou para o resto da vida — como o jovem Leon Douglas “Dinamite” Saks — uma lembrança inextinguível de nosso herói. Mágico amador ele mesmo, vira Joe em ação pela primeira vez no St. Regis atuando para seu colega da Horace Mann, Roy Cohn, e ficara impressionado o bastante pelos movimentos naturais de Joe, por sua solenidade, e por suas apresentações impecáveis no Sonho do Mendigo, na Locação Rosini e no Baralho Apunhalado, para insistir que Joe fosse convidado para assombrar seus próprios parentes e colegas no Hotel Trevi dois meses depois. E se a admiração juvenil do jovem sr. Konigsberg e a infalível bondade demonstrada para com ele pelo mágico não bastassem para preservar o Fantástico Cavalieri em sua memória pelos sessenta anos seguintes, então o espetáculo singular que ele deu no Hotel Trevi na noite de 6 de dezembro de 1941 teria, sem dúvida, sido suficiente.

Joe chegou uma hora antes de começar a recepção, como era seu hábito, para verificar a disposição do salão de baile do Trevi, plantar alguns ases e moedas de meio dólar e repassar a ordem dos eventos

com Manny Zehn, o *band-leader*, cujos quatorze Zehnsations, berrantes em suas camisas de *mariachi*, estavam se instalando no palco atrás deles.

— Como é que estão segurando as pontas? — perguntou Joe, tentando uma expressão que acabara de ouvir no metrô a caminho do hotel. Imaginava uma fileira de páginas de uma folhinha, penduradas numa linha brilhante. Era jovem, estava ganhando montes de dinheiro e seu irmãozinho, depois de seis meses de quarentena, confusões burocráticas e daqueles dias terríveis na semana passada em que parecia que o Departamento de Estado poderia, no último momento, cancelar todos os vistos de entrada das crianças, estava a caminho. Thomas chegaria dentro de mais três dias. Aqui, na cidade de Nova York.

— Ei, garoto — disse Zehn, cerrando os olhos com um pouco de desconfiança para com Joe, mas finalmente apertando a mão que estendera. Haviam trabalhado juntos duas vezes antes. — Onde está seu *sombrero*?

— Desculpe? Eu não...

— Nosso tema é “Ao Sul da Fronteira”. — Zehn estendeu a mão à cabeça e ergueu um *sombrero* preto bordado com fios prateados que cobria o topo da sua cabeça onde os cabelos rareavam. Era um homem bonito e imponente com um bigode pintado a lápis. — Sid? — O trombonista conversava com uma das garçonetes, num vestido adornado com fitas e babados latinos. Sid virou-se, erguendo uma sobrelanceira, Manny Zehn ergueu as mãos ao ar e jogou a cabeça para trás. — Número três.

O trombonista acenou com a cabeça.

— Vamos lá, pessoal — disse para a banda. Os Zehnsations irromperam numa versão espirituosa e suingada de *The Mexican Hat Dance*, Tocaram quatro compassos e Manny Zehn cortou a garganta com um dedo. — Então, onde está seu chapéu mexicano?

— Ninguém me falou — disse Joe. Sorriu. — Além do mais, só me permitem usar a cartola — acrescentou, apontando para o chapéu de seda “envenenado” na sua cabeça, que comprara de segunda mão na loja de Louis Tannen. — Caso contrário o sindicato dos mágicos mexicanos pode se queixar.

Zehn apertou os olhos de novo.

— Você está bêbado — falou.

— De jeito nenhum.

— Está agindo de maneira estranha.

— Meu irmão está vindo — disse Joe e então, só para ver como soava, acrescentou — e vou me casar. Isto é, espero. Decidi pedi-la em casamento esta noite.

Zehn assoou o nariz.

— *Mazel tov* — disse, dando à nódoa no seu lenço um olhar lateral de quiromante. — Só que eu achava que sujeitos como você eram especialistas em se *desamarrar*.

— Desculpe-me, sr. Cavalieri? — disse Stanley Konigsberg, aparecendo um tanto magicamente ao lado de Joe. — Mas é isto que eu queria lhe perguntar.

— Pode me chamar de Joe.

— Joe. Desculpe. OK. Estava pensando. Você fez escapes?

— Já fiz — disse Joe. — Mas tive de desistir. — Franziu a testa. — Há quanto tempo estava aqui?

— Não se preocupe. Não vou contar a ninguém que escondeu uma rainha de copas debaixo do arranjo da mesa sete — disse Stanley. — Se é isto que o preocupa.

— Não fiz nada disso — disse Joe. Piscou para Manny Zehn e, com mão firme sobre o ombro de Stanley, conduziu o garoto para fora do salão de baile até o corredor dourado. Os convidados estavam tirando os casacos, sacudindo a água de seus guarda-chuvas.

— De que tipo de coisas você escaparia? — queria saber Stanley. — Correntes? Cordas? Caixas? Arcas? Malas? Podia fazer isso saltando de uma ponte? Ou de um edifício? Qual é a graça?

— Você me lembra de alguém — disse Joe.

Naquela mesma noite, Rosa enfiou sua caixa de tintas, um pedaço dobrado de lona, um metro e uma pequena escada de pintor no banco traseiro de um táxi e seguiu para o apartamento no Josephine. Os ecos do local vazio, um zunido metálico nos ouvidos, a enervavam e, embora com a aprovação de Joe ela tivesse ligado às pressas para o Macy's e encomendado uma mesa de jantar e cadeiras, algumas coisas básicas para a cozinha e móveis para os quartos, não haveria tempo para aprontar os quartos adequadamente antes que Thomas chegasse. Ocorreu-lhe que, tendo saído da confusão apertada de um apartamento de duas famílias na rua Dlouha para o pandemônio provisório de um refeitório de convento e para a lata de sardinha de um camarote na *Arca de Míriam*, o garoto talvez pudesse acolher com prazer um pouco de espaço e vazio, mas ainda assim ela desejava que ele sentisse que o lugar ao qual chegara, finalmente, era uma espécie de lar. Pensara em como poderia conseguir isto. Conhecia o bastante sobre meninos de 13 anos para ter quase a certeza de que um roupão de banho confortável, um buquê de flores ou um dossel franzido sobre a cama não seria o bastante. Pensou que um cachorro ou um gatinho pudessem ser uma boa escolha, mas não permitiam animais no prédio. Perguntou a Joe sobre a refeição, a cor, o livro, a canção preferidos de Thomas; mas Joe mostrou que ignorava tais preferências. Rosa ficou irritada com ele — disse que ele era impossível — até ver que estava, realmente, desolado por sua ignorância. Era a marca não só do seu costumeiro esquecimento de homem distraído, mas o abismo da estranha separação que se abrira entre os irmãos nos últimos dois anos. Ela pediu desculpas imediatamente e continuou a pensar no que poderia fazer para Thomas, até que finalmente teve a ideia, que pareceu a ambos excelente, de pintar um mural no vasto espaço vazio de seu quarto de dormir. Não era só que desejasse ver Thomas se sentir em casa; queria que ele gostasse dela — instantaneamente, de imediato — e esperava que o mural, aparasse ou não as arestas da sua chegada, funcionaria pelo menos como uma oferta de amizade, uma mão estendida em boas-vindas por sua irmã americana mais velha. Mas, misturado com estes outros motivos para o gesto, borbulhando secretamente abaixo da superfície, jazia oculto um desejo que nada tinha a ver com Thomas Kavalier. Rosa estava *praticando* — começando a dedicar-se, nas paredes de um quarto de menino, à ideia

de se tornar mãe. Esta manhã, seu médico a chamara para confirmar a história de um período menstruar que falhara e uma semana de súbitos distúrbios e inesperados acessos emocionais como aquele que a deixara histérica com o empréstimo de um velho esquadro de bolso. Thomas ia ser tio. Era assim que ela decidira dar a notícia a Joe.

Quando chegou ao apartamento, trocou a roupa: vestiu um macacão e uma camisa velha de Joe e puxou os cabelos para trás com um lenço de cabeça. Então foi até o quarto que seria o de Thomas e espalhou a lona no chão. Nunca pintara um mural antes, mas havia conversado com seu pai, que estivera envolvido no tumulto dos murais de Rivera no Rockefeller Center e conhecia muitos artistas que tinham trabalhado em murais para a Administração das Obras para o Progresso.

Rosa debatera-se por muito tempo com a escolha do tema. Personagens de canções de ninar, soldadinhos de madeira, fadas e sapos-príncipes, casas de miolo de pão, tais motivos seriam considerados irremediavelmente pueris por um menino de 13 anos. Pensou em fazer um cenário de Nova York — edifícios altos, táxis, guardas de trânsito, o anúncio do Camel soprando anéis de fumaça para os ares. Ou talvez alguma montagem americana de mau gosto, com sequoias, algodoais e lagostas. Queria que fosse algo de teor americano, mas também se relacionasse com a vida específica que Thomas ia levar aqui. Então começou a pensar sobre Joe e o tipo de trabalho que fazia. Suspeitou que Thomas Kavalier ia aprender um bocado do seu inglês através das páginas dos Empire Comics. Embora não se sentisse à vontade fazendo um mural que incluísse o Monitor, os Quatro Libertadores, ou — sabe Deus — a Mariposa Luna, a ideia de heróis, heróis americanos, a intrigava. Foi até a Biblioteca Pública e retirou um livro imenso, com impressionantes xilogravuras no estilo de Rockwell Kent, chamado *Heróis e lendas do povo americano*. As figuras ampliadas de Paul Bunyan, John Henry, Pecos Bill, Mike Fink e o resto — seu favorito era o homem de aço original, Joe Magarac — pareceram-lhe perfeitamente adequadas para a forma do mural e aceitáveis para um menino ao qual talvez fossem amplamente desconhecidas. O que era mais, Rosa começara a pensar no próprio Joe como herói — ele pagara, do seu próprio bolso, a passagem de quinze crianças que estavam agora cruzando o Atlântico. Embora não colocasse Joe no mural, decidiu incluir uma imagem de Harry Houdini, aquele garoto imigrante da Europa Central, simplesmente para relacionar o tema do mural mais diretamente com a vida de Thomas.

Fizera dúzias de esboços preliminares e um cartão de 60 x 90 cm do mural que agora se pôs a transferir, por meio de uma simples grade, à maior parede do quarto. Era um trabalho complicado traçar

as pautas na parede com o metro, primeiro as horizontais, deslocando a escada da esquerda para a direita um metro em cada etapa, depois as verticais, fácil na parte de baixo, mas flertando cada vez mais perigosamente com a insegurança ao se aproximar do alto e forçada a se pôr na ponta dos pés. Requeria muito mais paciência do que possuía e várias vezes chegou perto de abandonar a grade e simplesmente tentar esboçar a coisa a mão livre sobre a parede. Mas lembrou a si mesma que a paciência era uma virtude cardeal numa mãe — sabia Deus como sua própria mãe tivera tão pouco — e se manteve fiel ao seu cuidadoso plano.

Às dez da noite, tinha terminado de traçar as pautas. Seus ombros doíam, seu pescoço e seus joelhos doíam, e achou que antes de começar a transferir o cartão quadriculado para a parede seria melhor sair para uma caminhada pelo quarteirão, para um sanduíche ou um cigarro. Poderia topar com Joe, devia ter acabado seu espetáculo a esta altura e estar a caminho de se encontrar com ela. Colocou o casaco e pegou o elevador no corredor. Caminhou até a esquina da rua 79, onde havia uma mercearia que ficava aberta até tarde.

Depois, Rosa imaginaria que, como um gato ou uma câmara espírita enfocada numa pessoa agonizante, viu sua felicidade perdida no instante do seu fim. Quando pagava seus Philip Morris, seu olho caiu sobre os jornais de domingo empilhados no balcão da frente, edições buldogues ainda quentes das prensas. No canto superior direito do *Herald* havia uma notícia extra, em vermelho num boxê. Leu cinco vezes, com todo o coração e atenção, mas a minúscula quantidade de informação que transmitia não esclarecia ou — então ou depois — parecia fazer mais sentido. As dez linhas de prosa leve e evasiva diziam apenas que um navio cheio de refugiados, muitos da Europa Central, a maioria, acreditava-se, de crianças judias, estava desaparecido no Atlântico ao largo dos Açores e, acreditava-se, perdido. Não havia menção, como não haveria nas muitas horas que se seguiriam, de um submarino, uma evacuação forçada, uma súbita tempestade investindo do nordeste. Rosa ficou parada ali por um momento, os pulmões cheios de fumaça, incapaz de exalar. Então olhou para o dono da mercearia, que a observava com interesse. Evidentemente, algo importante passava por seu rosto. Que devia fazer? Será que ele ainda estava no Trevi? Estava a caminho do Josephine, conforme tinham planejado? Teria sabido das notícias?

Deslizou para a calçada e esperou por mais um momento. Então decidiu que era melhor voltar ao apartamento e esperar por ele. Estava segura de que Joe finalmente viria procurá-la aqui, na ignorância ou na dor. Assim que chegava a esta decisão, um táxi encostou na calçada e depositou um casal idoso em roupas de noite. Rosa roçou por eles e subiu no banco traseiro do táxi.

— Para o Trevi — disse.

Sentou-se num canto do táxi. A luz veio e se foi e no espelho do seu compacto seu reflexo era intermitentemente corajoso. Fechou os olhos e tentou recitar um fragmento de prece budista que seu pai lhe ensinara, alegando que tinha um efeito calmante. Exercia pouco impacto aparente sobre seu pai e ela nem mesmo sabia se conhecia as palavras corretas. *Om mani padmi om*. De certo modo, a fez ficar mais calma. Recitou da rua 79 até a calçada diante do Trevi. Quando saiu do táxi, estava mais articulada. Entrou na severa recepção de mármore, com seus candelabros gélidos, e caminhou até a recepção para perguntar. Do saguão vinha a risada um tanto funesta da famosa fonte.

— O mágico era seu amigo? — disse o funcionário com um ar inexplicavelmente hostil. — Ele se mandou há horas.

— Oh. — Foi um choque para ela. Ele ficara de ir ao apartamento depois da apresentação. O fato de que não o fizera significava que algo terrível acontecera com ele. E na sequência, de posse deste conhecimento, não quisera vê-la. — Eles estão... tem alguém...?

— Tem o menino do *bar mitzvah* ainda — disse o funcionário, apontando para um garoto magro num terno cor-de-rosa de três peças refestelado num dos divãs de seda do vestíbulo. — Por que não pergunta a ele?

Rosa aproximou-se e o garoto se apresentou como Stanley Konigsberg. Rosa lhe disse que estava à procura de Joe, que tinha notícias terríveis para lhe dar. Oh, sim, também tinha notícias maravilhosas, mas como conseguiria contar para ele? Pensaria que ela estava tentando efetuar alguma horrível aproximação, quando se tratava apenas de uma das monstruosas coincidências da vida.

— Acho que ele já sabe — disse Stanley Konigsberg. Era um menino atarracado, pequeno para a idade, com óculos recurvados e cabelos castanhos desordenados. Seu terno era incrível, as calças com um debrum branco, bolsos e botoeiras com alamares brancos, a própria cor da humilhação. — É a respeito do navio que afundou?

— Sim — disse Rosa. — Seu irmão caçula estava a bordo. Um menino mais ou menos da sua idade.

— Puxa. — Remexeu na ponta da gravata marrom, incapaz de encarar Rosa nos olhos. — Isto explica, então.

Isto explica o quê, Rosa queria perguntar-lhe, mas se prendeu à questão mais urgente.

— Sabe para onde ele foi? — disse ela.

— Não, senhora, lamento. Ele simplesmente...

— Há quanto tempo saiu?

— Oh, umas duas horas pelo menos. Talvez até mais.

— Espere aqui — disse Rosa. — Pode esperar aqui, por favor?

— Acho que vou ter de esperar. — Apontou para as portas do salão de baile do Trevi. — Meus pais ainda não acabaram de discutir.

Rosa foi a um telefone público e ligou para o apartamento de Sammy e de Joe, mas não respondeu e então lembrou que Sammy deixara a cidade para um fim de semana com Tracy Bacon. Na outra margem, em Jersey, imaginem só. Ia ter de tentar encontrá-lo. Em seguida, ligou para o superintendente do Josephine, o sr. Dorsey. O sr. Dorsey resmungou e avisou que não se acostumasse, mas quando ela disse que era urgente ele subiu e checkou o apartamento para ela. Não, disse quando voltou ao telefone, não havia ninguém lá, e nenhuma nota. Rosa desligou e voltou para Stanley Konigsberg.

— Conte-me o que aconteceu — falou ela.

— Bem, quero dizer, acho que ele ficou perturbado, mas ninguém sabia. Quero dizer, todo mundo ficou chocado quando soube. Meu tio Mort trabalha para a ATJ. A Agência Telegráfica Judaica. É um serviço de notícias.

— Sim.

— Então ele chegou e nos deu a notícia, ouviu primeiro.

— Você viu Joe sair, Stanley? — disse Rosa.

— Bem, sim, quero dizer, sim, todo mundo viu.

— E ele parecia perturbado?

Stanley acenou com a cabeça.

— Foi realmente muito estranho — disse.

— O que aconteceu? — indagou Rosa. — O que foi estranho?

— Foi tudo culpa minha — começou Stanley. — Acho que eu estava provocando ele e ele insistia, dizendo não, não, não e então fui até meu pai e ele disse que daria a nosso amigo outros cinquenta dólares e ainda assim ele disse não, então fui até minha mãe — disse, estremecendo. — Depois disso, acho que ele não tinha realmente nenhuma escolha.

— Escolha com relação ao quê? — disse Rosa. Colocou a mão sobre o ombro de Stanley. — O que você queria que ele fizesse?

— Queria que fizesse um escape — disse Stanley, contorcendo-se quando ela o tocou. — Ele disse que sabia fazer aquilo. Podia estar só brincando, não sei. Mas disse à minha mãe que estava OK, que ia fazer. Disse que eu era um bom menino e que ia fazer aquilo sem cobrar nada. Mas faltava só meia hora para que entrasse em cena, então teve de se apressar. Foi até o porão e separou uma grande caixa de madeira usada para o transporte de alguma coisa, acho que um arquivo de pastas. E também uma sacola de lavanderia. E um martelo e alguns pregos. Então foi e falou por uns momentos com o detetive do hotel e ele disse não. Meu pai teve de lhe passar cinquenta dólares, também. Então chegou a hora de Joe, seu amigo, se apresentar. Fez o seu show. Foi realmente bom. Fez uns truques com cartas e uns

truques com moedas e alguns truques com uns aparelhos. Um pouco de tudo, o que é difícil, eu sei, porque sou também uma espécie de mágico, mais ou menos. A maioria deles, quando se apresenta... tem uma especialidade. Eu, por exemplo, gosto mais de trabalhar com cartas. Então, talvez depois de meia hora, ele, seu amigo, nos fez ficar de pé, todos nós, e sair da sala e vir até aqui. Até ali — e apontou para a fonte no saguão, uma réplica exata daquela fonte famosa em Roma, cheia de tritões, conchas e cascatas iluminadas por luzes azuis. — Todo mundo. Acho que foi no caminho que tio Lou deve ter contado a ele sobre o navio, sabe, o afundamento e tudo mais, porque quando chegamos lá ele parecia, bem, não sei. A boca estava meio aberta e torta. E ficava colocando a mão no meu ombro, como se estivesse se apoiando em mim. Então uns garçons trouxeram o saco e a caixa. O detetive do hotel colocou as algemas nele. Entrou no saco e eu mesmo tive de amarrar e fechar. Colocamos ele na caixa de madeira e tive de botar os pregos para fechar. Jogamos ele na fonte. Disse para nós que se não saísse em três minutos era para salvá-lo.

— Oh, meu Deus — falou Rosa.

Dois minutos e 58 segundos depois do tempo de sua imersão na água azul e fria da fonte do Trevi, os dois garçons, o detetive do hotel e o sr. Konigsberg no seu melhor terno caíram na água para salvar Joe. Vinham observando a caixa à espera de sinais de movimento, um estremecimento revelador, uma visível pressão nas tábuas que compunham a caixa de madeira. Mas não houve movimento nenhum. A caixa jazia inerte, com sua tampa pregada alguns centímetros abaixo da água. Quando a sra. Konigsberg começou a gritar, embora faltassem ainda alguns segundos para o prazo final, os homens entraram em ação. Rolaram a caixa para cima e para fora da fonte, mas em sua pressa a deixaram escapar e ela se quebrou ao cair no chão. O saco de lavanderia rolou para fora e debateu-se freneticamente como um peixe sem ar. Joe mexia-se tanto sobre o tapete que o detetive do hotel não conseguiu abrir o saco sozinho e teve de chamar outros homens para ajudar. Foram necessários três para aquietar Joe. Quando arrancaram finalmente o saco, seu rosto apareceu vermelho como a marca de uma chicotada, mas os lábios estavam quase azuis. Os olhos rolavam para fora das órbitas e ele tinha ânsias de vômito e tossia como se o ar fresco fosse envenená-lo. Colocaram-no de pé e o detetive removeu as algemas; quando a examinaram depois, ficou claro que não houvera nenhuma tentativa de abri-la. Por um momento Joe ficou ali, ensopado, olhando lentamente para os duzentos rostos alinhados num círculo preocupado e espantado ao seu redor. Seu rosto estava retorcido numa expressão que a maioria dos convidados caracterizaria depois como vergonha, mas que outros, Stanley Konigsberg entre eles, viu como uma raiva

terrível, inexplicável. Então, numa paródia da suave cortesia que exibira para eles no salão de baile há apenas vinte minutos, fez uma reverência curvando fundo a cintura. Seus cabelos caíram sobre o rosto e então, ao erguer bruscamente a cabeça, jogou água sobre o corpete do vestido de seda da sra. Konigsberg, deixando manchas indeléveis.

— Muito obrigado a vocês todos — disse. E então correu através do saguão, das portas giratórias, para a rua, os sapatos guinchando a cada passo.

Depois que Stanley terminou, Rosa voltou ao telefone. Se ia ter de encontrar Joe, precisaria de ajuda e a pessoa mais indicada era a mãe de Sammy. Tentou pensar em quem poderia achar a pista dele. Então pegou o telefone e perguntou à telefonista se havia alguém na lista com o nome de Klayman em Flatbush.

— Sim? Quem é? — Era uma voz de mulher, profunda, com um leve sotaque. Um pouco desconfiada, talvez, mas não perturbada.

— Aqui é Rosa Saks, sra. Klayman. Espero que se lembre de mim.

— Claro, querida. Como está? — Não tinha a menor ideia.

— Sra. Klayman, não sei como lhe dizer isto. — A semana toda fora escrava de torrentes imprevisíveis de tristeza e raiva, mas até ver aquela manchete de jornal mantivera-se notavelmente calma, quase despida de sentimentos além da urgência de encontrar Joe. De certo modo, o pensamento da pobre e trabalhadora sra. Klayman com seus tristes olhos, no seu pequenino apartamento de Flatbush, quebrou o gelo. Rosa começou a chorar tão forte que lhe era difícil pronunciar as palavras. Inicialmente, a sra. Klayman tentou tranquilizá-la, mas, à medida que Rosa se tornava mais incoerente, perdeu um pouco a paciência.

— Querida, você precisa se acalmar! — atalhou. — Respire fundo, por favor.

— Desculpe-me — disse Rosa. Respirou fundo. — Estou bem.

Contou o pouco que sabia. Houve um longo silêncio para os lados de Flatbush.

— Onde está Josef? — disse finalmente a sra. Klayman, sua voz calma e pausada.

— Não consigo encontrá-lo. Esperava que Sammy pudesse... pudesse ajudar...

— Vou encontrar Sammy — disse a sra. Klayman. — Você volte para casa. Vá para a casa de sua família. Ele pode aparecer por lá.

— Não quer me ver, acho — disse Rosa. — Não sei por quê, sra. Klayman, mas receio que ele tente se matar! Acho que já tentou uma vez esta noite.

— Não fale maluquices. Temos simplesmente de esperar — disse a sra. Klayman. — É tudo o que podemos fazer.

Quando Rosa saiu à rua para pegar outro táxi, havia um garoto vendendo jornais, a edição do dia seguinte do *Journal-American*. Trazia uma versão mais detalhada, embora não acurada, do afundamento da *Arca de Míriam*. Um submarino alemão que fazia parte de uma das temidas “matilhas de lobos” que atormentavam os navios Aliados no Atlântico, atacara o inocente navio e o mandara para o fundo com todo mundo a bordo.

O relato, soube-se depois, não era verdadeiro. Quando, ao término da guerra, foi levado a julgamento por este e outros crimes, o comandante do *U-328*, um oficial de carreira inteligente e culto, chamado Gottfried Halse, pôde oferecer ampla evidência e testemunho para provar que, de pleno acordo com as “Normas de Ouro” do Almirante Dönitz, ele havia atacado o navio a dez milhas da terra — na ilha de Corvo, nos Açores — e dado ampla advertência ao capitão da *Arca de Míriam*. A evacuação procedera em ordem e a transferência de todos os passageiros para os barcos salva-vidas teria sido efetuada com segurança e sem incidentes não fosse, imediatamente depois do lançamento dos torpedos, ter aparecido uma tempestade vinda do nordeste, emborcando os botes tão rapidamente que a tripulação do *U-328* não teve tempo de ajudar. E só a sorte permitiu que Halse e sua tripulação de quarenta homens escapassem vivos. Se soubesse, perguntaram a Halse, que o navio levava crianças, muitas delas incapazes de nadar, ainda assim teria levado adiante o ataque? A resposta de Halse está preservada na transcrição do seu julgamento sem comentário ou qualquer anotação de que seu comentário fosse de ironia, resignação ou arrependimento.

— Eram crianças — disse. — Nós éramos lobos.

Quando a fila de carros encostou no passeio de entrada da casa, Ruth Ebling, a governanta; que supervisionava enquanto o chofer e Stubbs ajudavam a descer os convidados e a descarregar suas bagagens, notou o judeuzinho imediatamente. Era muito menor e mais magro do que os outros homens no grupo — muito menor, na verdade, do que os tipos esbeltos e descontraídos de cabelos cor de areia com seus ternos da Brooks e suas maneiras educadas, que formavam o costumeiro complemento dos folguedos do sr. Love. Enquanto os outros sujeitos emergiam dos carros com o passo lépido dos aventureiros que vinham plantar uma bandeira de conquistador, o judeuzinho saiu cambaleando do banco traseiro do segundo carro — um monstruoso Cadillac Sessenta e um verde-garrafa novo em folha — como um homem que tinha acabado de cair numa vala. Parecia não só que passara as últimas horas sentado com outros camaradas no banco traseiro como desleixadamente jogado entre eles. Ficou parado de pé, segurando desajeitadamente um cigarro, piscando e pálido, os olhos úmidos no vento forte, amarfanhado, vagamente disforme, olhando para as cumeeiras gigantes e as loucas chaminés de Pawtaw com indisfarçável desconfiança. Quando viu que Ruth o observava, sacudiu a cabeça e meio que ergueu a mão numa saudação.

Ruth sentiu uma necessidade incomum de desviar o olhar. Em vez disso, encarou-o bem fixo, as faces imóveis, os maxilares tensos, postura à qual ouvira o sr. Love, que a julgava fora do alcance da voz, se referir como seu “olhar de Otto von Bismarck”. Um sorriso com ar de desculpa franziu brevemente o rosto do judeuzinho.

Embora não pudesse ter sabido (e nunca soube ao certo o que saiu errado naquele dia), o azar de Sammy Clay foi ter chegado na tarde exata em que o motor de Ruth Ebling fervia de hostilidade contra os judeus alimentado não só pela combinação dos sermões lógicos e onívoros do seu irmão com os preceitos silenciosos da classe social de seu empregador. Ela também queimava um tanque cheio de vergonha clara e volátil misturada com raiva não refinada. Na manhã anterior na cidade de Nova York, ficara de pé com sua mãe, sua cunhada e seu tio George na calçada do lado de fora da prisão vendo o ônibus que levava o irmão que lhe restava, Carl Henry, para a penitenciária de Sing Sing, desaparecer numa espessa nuvem de descarga.

Carl Henry Ebling confessara-se culpado e fora sentenciado, por

um juiz chamado Cohn, para um período de 12 anos por bombardear a recepção de *bar mitzvah* de Leon Douglas Saks no Pierre. Carl Henry, um rapaz fervoroso e sonhador mas nunca especialmente astuto ou competente, carregara estes traços consigo para uma vida adulta apaixonada e errante. Mas o idealismo disforme e mal resolvido com que voltara dos campos de batalha da Bélgica, fermentado na longa indignidade da Depressão, assumira nova forma e propósito depois de 1936, quando um amigo o convidou para ingressar numa organização social de Yorkville, o Clube da Pátria, que com a irrupção da guerra na Europa se havia transmutado, ou estilizado — jamais conseguiu acompanhar direito a coisa — na Liga Ariano-Americana. Embora Ruth nunca concordasse inteiramente com as opiniões de Carl Henry — Adolph Hitler a deixava nervosa — ou se sentisse à vontade ao ver o irmão assumir um papel tão engajado nas atividades do seu partido, ela viu uma inquestionável nobreza em sua devoção à causa de livrar os Estados Unidos da influência malévola de Morgenthau e o resto de sua cabala. E, além do mais, deveria ficar claro para o juiz, para o promotor (Silverblatt) e para todo mundo, como ficou para Ruth, que o seu irmão — que insistira, apesar do conselho do seu advogado, em confessar-se culpado, e que grande parte do tempo parecia estar sob a impressão de que era um vilão fantasiado de uma revista de quadrinhos — se achava claramente fora do juízo. O lugar dele era o asilo de Islip, não a penitenciária de Sing Sing. Que a bomba que seu irmão fizera — na forma de um tridente, como não podiam ver a loucura disto? — conseguira explodir, ferindo só ele, Ruth atribuía à má sorte e à natureza desajeitada que nunca desertara seu irmão. Quanto à dura sentença que recebera, isto ela atribuía, como o fazia Carl Henry, não só às manipulações da Máquina Judaica, mas, com uma relutância que lhe partia o coração, a seu próprio empregador, o sr. James Haworth Love. James Love fora, desde o início dos anos 30, extremamente claro em sua oposição a Charles Lindbergh, aos Primeiros Americanos e, acima de tudo, à Liga Germano-Americana e outros grupos pró-germânicos neste país, que em discursos e editoriais de jornal ele tipicamente caracterizava como “quinta-colunas, espões e sabotadores”, ataques que tinham chegado a um clímax, na opinião de Ruth, com o julgamento e a prisão do seu irmão. Assim a antipatia morna que Ruth teria nutrido normalmente por Sammy foi acicatada pelo ódio supurado por seu anfitrião no fim de semana, pela maneira como o sr. James Haworth Love conduzia seus negócios, tanto políticos como sociais. Testemunhando este relaxamento da proibição, não expressa mas absoluta, da presença de judeus em Pawtaw, até então uma das poucas tradições de seus pais e avós construtores de impérios que o sr. Love continuara a respeitar, vendo isto como prova final da sem-vergonhice e debilidade do homem, seu coração se

rebelou. Seria preciso só mais um ultraje para lançar Ruth a tomar providências a fim de aliviar a pressão que vinha se avolumando no seu peito há tanto tempo.

— Vi a fumaça — ladrrou o sr. Love. — Lareiras acesas. Muito bem, Ruth. — Como vai você?

— Estou segura de que vou sobreviver.

Os homens subiram os degraus em tropel, lançando suas saudações vistosas e vazias em sua direção, cumprimentando-a por seus cabelos, cujo estilo não mudara desde 1923, sua cor, os odores que emanavam da cozinha. Ela os saudou polidamente, com um toque de sua costureira deprimida esquisitice, como uma professora acolhendo a volta das férias de um bando de sabichões e espalhafatosos e lhes informou, um a um, sobre os quartos que lhes estavam reservados e como podiam encontrá-los, se é que já não sabiam. Os quartos tinham sido batizados por algum Love ancestral em honra a tribos locais desaparecidas. Um dos homens, extraordinariamente bonito e com olhos da cor do novo Cadillac e uma covinha no queixo, muito mais alto e largo do que qualquer um dos outros, apertou sua mão e disse que ouvira as coisas mais incríveis sobre o seu ensopado de ostras. O judeu de pernas magras ficou ao fundo, abrigando-se junto ao gigante de olhos verdes. O único cumprimento que deu a ela foi outro sorriso torto e uma tosse nervosa.

— Você ficará em Raritan — disse-lhe, tendo separado para ele o menor e mais apertado dos quartos de hóspedes do terceiro andar, sem varanda e só com uma vista fragmentária do mar.

Ele pareceu quase temeroso diante desta informação, como se fosse uma notícia de grave responsabilidade que ela lhe transmitia.

— Obrigado, madame — falou.

Ruth se lembraria depois de ter ficado perturbada por uma emoção breve e suave que ficava a meio caminho da afeição e da pena pelo pequeno garoto judeu narigudo; ele parecia tão deslocado entre estes narcisos altos e esportivos. Ela sentiu muita dificuldade em acreditar que podia ser realmente um deles. Perguntou-se se não teria vindo aqui por engano.

Ruth Ebling não podia imaginar como suas especulações sobre o status e a posição de Sam coincidiam com as dele mesmo.

— Jesus — falou para Tracy Bacon —, o que estou fazendo aqui? — Deixou cair a mala. Ela pousou com um ruído abafado no grosso tapete, um dos vários tapetes orientais desgastados que cobriam como uma colcha de retalhos os assoalhos rangentes do Raritan. Tracy já havia deixado suas malas em seu quarto no segundo andar que, num incrível acesso de antevisão daquele ancestral amante dos índios fora chamado de Ramcock, ou Peru Brioso. Estava deitado sobre as costas na cama de ferro de Sammy; as pernas levantadas e cruzadas nos

joelhos, os braços dobrados atrás da cabeça, puxando com uma unha o esmalte branco descascado da cabeceira. Como muitos homens grandes e de corpo privilegiado, era um preguiçoso inveterado que desdenhava o esforço físico exceto em breves explosões de graça frenética num campo de esporte. Além do mais, detestava ficar de pé, o que tornava seu trabalho no rádio particularmente detestável; odiava ser obrigado a ficar ereto num assento. Sua capacidade inerente de relaxar onde quer que estivesse casava-se admiravelmente com uma moleza que lhe ia ao fundo dos ossos. Sempre que entrava num aposento, não importa quão formal fosse a ocasião, geralmente buscava um lugar onde pudesse pelo menos colocar os pés para cima.

— Aposto que sou o primeiro judeu que botou o pé neste lugar.

— Acho que não vou topa essa aposta — disse Bacon.

Sammy foi até a pequena janela, cada uma das vidraças coberta por uma camada de geada, na estreita água-furtada que dava para o gramado dos fundos. Abriu a janela, deixando entrar uma rajada fria de maresia e fumaça de lareira e os resmungos e chiados do mar. No último quarto de hora do dia, Dave Fellowes e John Pye estavam ao longe na praia, arremessando uma bola de futebol americano com um fervor feroz, em calças de brim e pesados suéteres de malha, mas com os pés nus. John Pye também era ator de rádio, o astro de *Chamando o Dr. Maxwell*, e amigo de Bacon, que apresentara Pye ao patrocinador de *As aventuras do Escapista*. Fellowes dirigia o escritório em Manhattan de um membro da delegação de Nova York no Congresso. Sammy viu Fellowes dar as costas para Pye e sair correndo pela praia, lançando salpicos brancos de areia. Fellowes parou, olhando por cima do ombro, e um passe dianteiro curto e acurado de Pye encontrou suas mãos.

— Isto é tão estranho — disse Sammy.

— É?

— É.

— Acho que é, sim — concordou Bacon. — Deve ser.

— Você não saberia.

— Bem, eu... talvez a razão por que não pense assim é que sempre me senti tão estranho, antes de descobrir que não era o único no mundo...

— Não é isso o que quero dizer — falou Sammy gentilmente. Não pretendia levantar um tom de discussão. — Não é isto que me parece estranho, garoto. Não porque sejam todos um bando de bichas, ou porque o sr. Love, o magnata das meias, seja bicha, ou porque você seja uma bicha ou eu seja uma bicha.

— Se você for — disse Bacon, corrigindo na brincadeira.

— Se eu for.

Bacon olhou para o teto, os braços dobrados com satisfação

debaixo da cabeça.

— Coisa que você é.

— Que eu poderia ser.

Na verdade, a questão em torno do que uma geração posterior denominaria a orientação sexual de Sammy parecia, pelo menos para a satisfação de todo mundo que integrava o grupo em Pawtaw naquele primeiro fim de semana de dezembro de 1941, amplamente esclarecida. Nas semanas desde que visitaram a Feira Mundial e fizeram amor dentro do globo escuro da Perisfera, Sammy havia, ao lado do seu jovem e robusto amante, se tornado uma presença fixa no círculo de John Pye, considerado na época, e por muito tempo depois na mitologia homossexual de Nova York, o homem mais bonito da cidade. Num local nas redondezas da rua 50 Leste, chamado Papagaio Azul, Sammy experimentara a novidade de ver homens executando o Texas Tommy e a Cinderela, juntos, na escuridão, embora suas pernas frágeis o impedissem de juntar-se ao folgado. Amanhã, como todos sabiam, ele e Tracy partiriam para a Costa Oeste, para começar sua nova vida juntos como roteirista e astro de seriados.

— O que é estranho, então? — disse Tracy.

Sammy sacudiu a cabeça.

— É simplesmente, olhe para você. Olhe para eles. — Apontou um dedo para a janela aberta. — É que todos eles poderiam interpretar a identidade secreta de um sujeito fantasiado de malha justa. O seu playboy entediado, seu herói do campo de futebol, seus jovens promotores públicos em suas cruzadas. Bruce Wayne. Jay Garrick. Lamont Cranston.

— Jay Garrick.

— The Flash. Louro, músculos, belos dentes, um cachimbo.

— Eu nunca fumaria um cachimbo.

— Este esteve em Princeton, aquele esteve em Harvard, o outro esteve em Oxford...

— Hábito sujo.

Sammy franziu o rosto para admitir que suas tentativas de ruminação estavam sendo desviadas e então olhou para o lado. Na praia, Fellowes tinha agarrado John Pye. Rolavam na areia.

— Um ano atrás, quando eu quis ter alguém na vida como você, tive de... você sabe, inventá-lo. E agora... — Olhou para o vasto espaço do gramado e para além de Pye e Fellowes. Uma assinatura de espuma se escrevia através da superfície das ondas. Como podia começar a dizer o quanto fora feliz, no último mês, sob o foco radiante do olhar de Bacon, como Bacon estava errado em desperdiçar aquele olhar nele. Ninguém tão bonito, encantador, aprumado e fisicamente vistoso como Bacon poderia ter se interessado por ele.

— Se está me perguntando se pode ser meu companheiro — disse

Bacon —, a resposta é sim. Vamos conseguir uma máscara para você também.

— Ora, obrigado.

— Vamos chamá-lo de, oh, como é que soa “Rusty” (Enferrujado)? “Rusty” ou “Dusty” (Poeirento)?

— Cale-se.

— Na verdade, *Musty* (Mofado) seria mais apropriado. — Quando iam para a cama juntos, Bacon sempre provava fundas e nostálgicas sugadas do pênis de Sammy, alegando que exalavam o odor preciso de uma pilha de panos alcatroados no telheiro de lenha do seu avô em Muncie, Indiana. Outra vez, o local do telheiro foi dado como Chillicothe, Illinois.

— Estou lhe avisando... — disse Sammy, a cabeça inclinada ameaçadoramente para um lado, os braços se estendendo para executar uma sequência de golpes de judô, as pernas preparadas para o salto.

— Ou, considerando o estado de sua roupa de baixo, meu jovem — disse Bacon, elevando os braços à altura do rosto, encolhendo-se de medo —, talvez devêssemos pensar seriamente em *Crusty* (Encardido).

— Já chega — disse Sammy, jogando-se na cama. Bacon fingiu que ia gritar. Sammy se colocou por cima dele e prendeu com as mãos seus pulsos na cama. Seu rosto ficou suspenso meio metro acima do de Bacon.

— Agora te peguei — disse.

— Por favor — disse Bacon. — Sou um órfão.

— Isto é o que a gente fazia com sujeitos espertinhos na minha vizinhança.

Sammy enrugou os lábios e deixou um longo filamento de saliva escorrer para baixo, tendo na ponta uma espessa bolha redonda. A bolha desceu como uma aranha ao longo do seu fio e pendeu acima do rosto de Bacon. Então Sammy a recolheu. Fazia anos desde que tentara o truque da última vez e ficou feliz ao descobrir que seu cuspe ainda retinha sua viscosidade e ele, o seu controle preciso sobre o cuspe.

— Ufa — disse Bacon. Agitou a cabeça de um lado para o outro e debateu-se sob o peso de Sammy em seus pulsos, enquanto Sammy oscilou de novo o filamento prateado acima dele. Então, de súbito, Bacon deixou de lutar. Encarou Sammy fixamente, calmo, com um brilho perigoso no olhar; claro que podia se livrar facilmente, se quisesse, do franzino domínio do seu amante. Seu olhar dizia isto. Abriu a boca. A pérola de cuspe oscilou. Sammy cortou o fio. Um minuto depois, estavam deitados nus debaixo das quatro cobertas empilhadas na cama estreita, exercitando-se na maneira precisa que o dr. Fredric Wertham, no seu livro fatal, alegaria um dia ser universal

entre os heróis fantasiados e seus “pupilos”. Adormeceram agarrados e foram acordados por um cheiro, reconfortante e maternal, de leite fervido e água salgada.

Um número de relatos fragmentários sobrevive aos acontecimentos que transpiraram de Pawtaw no dia 6 de dezembro de 1941. A anotação no diário de James Love para 6 de dezembro é caracteristicamente concisa. Registra que Bob Perina ganhou 82 jardas para Princeton naquela tarde e dá detalhes do cardápio e os pontos altos da conversação durante o jantar com a anotação pesarosa “em rtrspct ms trivial q d cstm”. Os convidados, como sempre, são identificados por suas iniciais: JP, DF, TB, SC, RP, DD, QT. O apontamento termina com a única palavra DESASTRE. Só a ausência de qualquer anotação para o dia seguinte e a preocupação do registro de segunda-feira, quando havia tanta coisa mais acontecendo no mundo, com uma visita ao seu advogado, dão uma leve sugestão do que transpirou. Roddy Parks, o compositor, numa inscrição em seu famoso diário, fornece o nome de outro convidado (seu amante na época, o fotógrafo Donald Davis) e concorda com Love de que os assuntos de conversa à mesa foram uma grande exposição de pinturas fauvistas na Galeria Marie Harriman e o casamento de surpresa do rei da Bélgica. Anota também que o ensopado de ostra foi um fracasso e que Donald reparara, já de tarde, que algo parecia estar perturbando a governanta, que Parks nomeia como Ruth Appling. Seu relato da batida é quase tão conciso como o de Love: “A polícia foi chamada.”

Uma verificação no relatório fichado pelo xerife do condado de Monmouth dá o nome do último convidado naquele fim de semana, um sr. Quentin Towle, bem como uma narração mais detalhada dos acontecimentos da noite, incluindo alguma percepção sobre o ímpeto que levou Ruth, finalmente, ao telefone. “A srta. Ebling”, diz o relatório, “estava exasperada [sic] pela recente prisão do seu irmão Carl e encontrou por acaso num dos quartos uma revista em quadrinhos de um tipo que ela considerava responsável por muitos dos problemas mentais de seu irmão. A esta altura, tendo identificado o autor da revista em quadrinhos como um dos suspeitos, ela decidiu notificar as autoridades sobre as atividades que estavam ocorrendo na casa.”

É interessante notar que, apesar da ênfase, naquela noite e no curso dos amplamente inconclusivos procedimentos legais que se seguiram, sobre o papel da revista em quadrinhos na detonação do ato de vingança de Ruth Ebling, o único convidado em Pawtaw naquela noite para o qual não há registro de detenção é o autor da revistinha.

Sammy embebedou-se no jantar pela primeira vez na vida. A embriaguez se apossou dele tão lentamente que no início a confundiu com a felicidade de sua fadiga sexual. Fora um dia longo, um dia que

deixara uma impressão corporal na sua memória: o ar gelado diante do Mayflower naquela manhã enquanto esperavam que o sr. Love e seus amigos viessem apanhá-los; o cotovelo nas suas costelas, o ronco e o cheiro de cinza do aquecedor do Cadillac, o golpe aguçado do ar de dezembro soprando através da janela do carro durante a viagem; o fogo de um gole de uísque de centeio que aceitou do frasco de John Pye; a marca remanescente dos dentes de Bacon e a impressão dos seus dedos nos quadris de Sammy. Ao sentar-se à mesa de jantar, comendo seu ensopado e olhando em torno com uma expressão que sabia, sem ansiedade, era estúpida, o dia envolveu-o numa agradável confusão de dores e imagens como aquela que assola, à beira de dormir, alguém que passou o dia inteiro ao ar livre. Afundou-se nesta sensação e ficou observando os homens ao seu redor desfraldarem as bandeiras vistosas de sua conversação. O vinho era um Puligny-Montrachet '37 de uma caixa presenteada, disse Jimmy Love, por Paul Reynaud.

— Então, quando vocês dois partem?

— Amanhã — disse Bacon. — Chegando na quarta. Tenho uma apresentação. Alguém da Republic deve ir de trem até Salt Lake City com minha roupa para que eu possa ser O Escapista quando chegar em L.A.

Seguiram-se algumas prolongadas provocações para cima de Tracy Bacon com relação ao uso de calças justas de malha, resvalando, em meio ao divertimento geral, para a questão das colhoneiras com enchimento. Love expressou sua satisfação de que Bacon pudesse continuar fazendo o Escapista no rádio, com a transmissão a partir de Los Angeles. Sammy mergulhou mais fundo no seu devaneio abastecido a borgonha. Houve um ligeiro distúrbio no ar às suas costas, um murmúrio, um grito abafado.

— Mas não vão sentir sua falta em sua fábrica de quadrinhos?

— O que foi isso? — Sammy aprumou-se em sua cadeira. — Acho que alguém o está chamando, sr. Love. Ouvi alguém dizer o seu...

— Lamento muito ter de fazer isto, sr. Love — disse uma voz clara e neutra atrás de Sammy. — Mas receio que o senhor e as senhoras suas amigas estejam detidos.

Um breve tumulto seguiu-se a este anúncio. A sala encheu-se com uma espantosa variedade de subdelegados, policiais de Asbury Park, patrulheiros rodoviários, repórteres de jornais e uma dupla de agentes federais de Filadélfia que estavam bebendo no Fly Trap, um café de estrada em Sea Bright frequentado por agentes da lei da orla de Nova Jersey, quando correu a notícia de que iam estourar um ninho de bichas na casa de praia de um dos homens mais ricos os Estados Unidos. Quando viram como eram grandes e corpulentas muitas das bichas, sem mencionar sua aparência comum, tiveram um momento

de hesitação, durante o qual Quentin Towle conseguiu escapar. Foi apanhado depois numa estrada secundária. Só os dois grandalhões opuseram alguma resistência. John Pye tinha sofrido batidas anteriores, duas vezes, e estava cansado daquilo. Sabia que no final lhe custaria algo, mas antes que pudesse ser dominado conseguiu sangrar o nariz de um xerife e quebrar uma garrafa de Montrachet na cabeça de um segundo. Também quebrou a câmara de um fotógrafo que vendia matérias para os jornais de Hearst, um gesto pelo qual todos os amigos lhe agradeceriam depois. Love, em particular, nunca esqueceu este serviço e, depois que Pye foi morto no norte da África, aonde tinha ido para dirigir uma ambulância porque o exército não aceitava homossexuais, providenciou para que a mãe e as irmãs de Pye tivessem toda a assistência. Quanto a Tracy Bacon, não deu à questão de lutar ou não lutar contra a polida um segundo sequer de reflexão. Sem revelar demais a verdadeira história, que tão assiduamente se esforçara para apagar e reconstituir, pode-se dizer que Bacon vinha se dando mal com a polícia desde os nove anos de idade e defendendo-se com os punhos bem antes disso. Mergulhou no mar revolto de cassetetes e chapéus de pala larga e homens que se encolhiam e começou a bater. Foram necessários quatro homens para dominá-lo, o que fizeram com considerável brutalidade.

Enquanto Sammy, bêbado e confuso demais para se mexer via seu amante e John Pye desaparecem num oceano de camisas pardas, ele próprio se engajava numa luta feroz. Alguém agarrara suas pernas e não queria largar, por mais que Sammy puxasse e chutasse quem quer que fosse. No fim, o atacante levou a melhor e Sammy se viu arrastado para baixo da mesa.

— Idiota! — disse David Fellowes, seu olho fechado e o nariz sangrando de um chute de Sammy. — Abaixese.

Forçou Sammy a agachar-se ao seu lado debaixo da mesa e juntos observaram as botas e os corpos pisoteando o tapete abaixo da orla rendada da toalha de mesa. Foi nesta posição ignóbil que foram encontrados, cinco minutos depois, quando os dois agentes do FBI de férias, escolados em meticulosidade, fizeram uma última varredura por toda a casa.

— Seus amigos estão todos à espera — disse um deles. Sorriu para o outro, que pegou o colarinho da camisa de Fellowes e arrastou-o debaixo da mesa.

— Já chego lá — disse o outro agente.

— Sei que chega — disse o agente que levava embora David Fellowes, com uma risada estridente.

O federal, apoiado num joelho, olhou para Sammy com ternura fingida, como que tentando atrair uma criança recalcitrante para fora do seu esconderijo.

— Vamos lá, querido — disse. — Não vai doer.

A realidade da situação começou a penetrar na névoa da embriaguez de Sammy. Que tinha feito? Como seria capaz de contar à mãe que fora preso, e por quê? Fechou os olhos, mas quando o fez foi atormentado por uma visão de Bacon submergindo numa maré de punhos e tacões de botas.

— Onde está Bacon? — disse. — Que fizeram com ele?

— O sujeito grandalhão? Vai ficar bem. É mais homem do que todo o resto de vocês. Você é a namorada dele?

Sammy corou.

— É uma garota de sorte. Ele é um pedaço de carne apetitoso.

Sammy sentiu uma estranha ondulação no ar entre ele e o policial. A sala, a casa inteira, parecia ter ficado muito quieta. Se o policial pretendia detê-lo, parecia a Sammy que já o devia ter feito a esta altura.

— Prefiro os tipos mais morenos. Pequenos.

— O quê?

— Sou um agente federal, sabia disto?

Sammy sacudiu a cabeça.

— É isto mesmo. Se eu falar para aqueles valentões de quepe que devem deixá-lo em liberdade, eles o farão.

— E por que fariam isso?

O agente federal olhou por cima do ombro lentamente, quase numa paródia de um homem verificando se a barra está limpa, e então se enfiou debaixo da mesa com Sammy. Colocou a mão de Sammy na braguilha de suas calças.

— Ora, por quê?

Dez minutos depois, a dupla de agentes federais de férias se reencontrou no vestíbulo da casa. Dave Fellowes e Sammy, empurrados lado a lado por seus respectivos defensores, mal podiam olhar um para o outro, quanto mais para Ruth Ebling, que supervisionava os esforços de limpeza da sua equipe. O gosto amargo do sêmen do agente Wyche estava na boca de Sammy, misturado ao sabor doce e pútrido de seu próprio reto, e ele sempre se lembraria da sensação de ruína no seu coração, uma sensação de que havia dobrado alguma esquina irrevogável e em pouco se encontraria face a face com um destino obscuro e certo.

— Já foram todos embora — disse Ruth, surpresa ao vê-los. — Vocês se perderam deles.

— Estes dois não são suspeitos — disse o agente de Fellowes. — São apenas testemunhas.

— Precisamos apertá-los um pouco mais — disse o agente Wyche sem se dar ao trabalho de disfarçar sua diversão com o significado implícito na sua própria frase. — Obrigado, madame. Temos nosso

próprio veículo.

Sammy conseguiu erguer a cabeça e viu que Ruth olhava para ele curiosamente, com o mesmo leve ar de pena que achara ter visto nela no começo daquela tarde.

— Só quero saber isto — falou. — Como é que o senhor se sente, sr. Clay, de ganhar a vida explorando os pobres de espírito? É a única coisa que quero saber.

Sammy sentiu que devia saber do que ela estava falando e estava certo de que, sob circunstâncias normais, saberia.

— Desculpe, madame, não tenho nenhuma ideia do que...

— Um menino saltou de um edifício, ouvi dizer — falou ela. — Amarrou uma toalha de mesa ao redor do pescoço e...

Um telefone tocou numa sala ao lado e ela parou. Virou-se e foi responder. O agente Wyche agarrou Sammy pelo colarinho e arrastou até a porta e saíram para o frio abrasador da noite.

— Um minuto, por favor — veio a voz da governanta lá de dentro. — Tem uma chamada para um sr. Klayman. Seria *ele*?

Depois, Sammy se perguntaria muitas vezes o que teria acontecido com ele, em que beco ou vala seu corpo quebrado e violado poderia acabar se sua mãe não tivesse telefonado para a casa em Pawtaw com a notícia de que Thomas Kavalier tinha morrido. O agente Wyche e seu colega olharam um para o outro, suas expressões não mais profissionalmente neutras.

— Ora, vamos lá, Frank — disse o agente de Fellowes. — Que tal, hein? É a *mãe* dele.

Quando Sammy saiu da cozinha, Dave Fellowes estava encostado à porta, um braço sobre seu rosto vermelho e úmido. Os dois agentes federais tinham ido embora; eles também tinham suas mães.

— Preciso voltar para a cidade imediatamente — disse Sammy.

Fellowes enxugou o rosto com a sua manga e enfiou a mão no bolso e sacou a chave de sua Buick.

Embora o tráfego estivesse leve, levou quase três horas para que voltassem a Nova York. Não disseram nenhuma palavra um para o outro desde o momento em que Fellowes deu a partida no carro até quando deixou Sammy em frente do seu apartamento.

Depois que saiu correndo do Hotel Trevi, Joe tornou-se meramente um dos 7.014 afogados cambaleando pelas ruas de Nova York aquela noite. Levava uma garrafa de uísque de centeio que comprara num bar da rua 58. Seus cabelos se cobriram de pingentes de gelo e o fraque azul transformou-se em frio granito, mas não sentia nada. Continuou caminhando, bebendo da garrafa. As ruas estavam iluminadas com táxis, os teatros se esvaziavam, as janelas dos restaurantes eram aureoladas pela luz de velas e pelo vapor da respiração dos comensais. Lembrou com vergonha a exultação que tomara conta dele quando caminhava até o metrô mais cedo naquela noite, a corrida estrepitosa debaixo da terra com todo mundo olhando para o mágico no seu vagão de trem, o amor geral de poodles e buzinas de automóveis e as marcas de dente da Essex House na face da Lua que o haviam inundado enquanto caminhava na sua cartola do metrô até o Trevi. Se não tivesse se afogado uma hora atrás, pensou, a memória desta felicidade perdida bastaria para fazê-lo odiar a si mesmo. Boa coisa que estou morto, pensou.

De certo modo foi parar no Brooklyn. Seguiu no trem até Coney Island e então adormeceu e acordou num lugar chamado Gravesend, com a mão pesada de um policial no seu ombro. Por volta das duas da manhã, mais bêbado do que ficara desde a noite em que apareceu nos degraus da casa de Bernard Kornblum na rua Maisel, surgiu no 115 da Ocean Avenue, à porta do apartamento 2-B.

Ethel abriu a porta quase imediatamente. Estava completamente vestida e maquiada, seus cabelos amarrados num coque. Se ficou surpresa ao ver o sobrinho à sua porta, gelado, com os olhos injetados, vestido a rigor, não demonstrou. Sem uma palavra, colocou os braços em volta dele e amparou-o até a mesa da cozinha. Serviu uma xícara de café de um bule esmaltado azul com manchas brancas. Era horrível, aguado como o líquido em que lavava seus pincéis e amargo como vinho passado, mas estava fresco e dolorosamente quente. O efeito sobre ele foi devastador. Assim que atingiu sua garganta, todos os fatos e contingências que havia mantido debaixo d'água, até lhe parecer que tinham finalmente deixado de se debater, agora voltavam à superfície e ele sabia que estava vivo e que seu irmão, Thomas, jazia morto no fundo do oceano Atlântico.

— Devíamos ligar o rádio — foi tudo que pôde achar para dizer.

Ethel sentou-se à sua frente com sua própria xícara de café. Tirou um lenço do bolso de seu cardigã preto e estendeu para ele.

— Primeiro chore — falou.

Ofereceu-lhe um pedaço gomoso de bolo de mel e então, como fizera na noite de sua chegada, deu-lhe uma toalha.

Enquanto tomava um banho de chuveiro, sua avó entrou no banheiro arrastando os pés, ergueu a barra da camisola e, aparentemente sem se dar conta da presença de Joe, baixou seu pálido traseiro sobre o vaso.

— Você não me dá ouvidos, Yecheved — disse em iídiche, chamando-o pelo nome da sua tia na terra natal. — Desde o primeiro dia eu falei que não gostava deste navio. Não disse isto?

Joe falou em inglês.

— Desculpe — disse.

Sua avó assentiu com a cabeça e deixou o toalete. Sem uma palavra, apagou a luz e saiu arrastando os pés. Joe terminou seu banho de chuveiro na escuridão.

Depois que se aqueceu com um incontrollável espasmo de choro, sua tia o envolveu num roupão de banho que fora do pai de Sammy e conduziu-o à velha cama de seu filho.

— Muito bem — disse. — Muito bem. — Colocou uma mão seca no seu rosto e a manteve ali até que ele parou de chorar e então até que parou de tremer e depois até que recuperou o fôlego gaguejante. Ficou quieto e fungou. A mão na sua face continuou fria como um tijolo.

Acordou poucas horas depois. Ainda era noite do lado de fora da janela, sem nenhum traço da manhã. Doíam suas juntas e seu peito, seus pulmões queimavam como se estivesse respirando fumaça ou veneno. Sentia-se oco e achatado e totalmente incapaz de chorar.

— Ela está vindo — disse sua tia. Estava parada na porta do quarto, seu contorno traçado pela luz azul pálida da lâmpada sobre a pia da cozinha. — Eu a chamei. Estava quase louca de preocupação.

Joe apurou-se, esfregou o rosto e acenou com a cabeça. Não queria ter nada a ver com Rosa, com Sammy, com sua tia ou seus pais ou quem quer que pudesse ligá-lo, através de qualquer laço de memória, afeto ou sangue, a Thomas. Mas estava cansado demais para fazer qualquer coisa a respeito e não tinha, em todo caso, nenhuma ideia do que devia fazer. Sua tia achou algumas roupas velhas e ele se vestiu rapidamente à luz polar da pia. As roupas eram muito pequenas, mas estavam secas e serviriam até que pudesse trocá-las. Enquanto esperavam por Rosa, ela fez outro bule de café e sentaram-se em silêncio sorvendo suas xícaras. Três quartos de hora depois, com uma insinuação trêmula e quase invisível de luz azul no ar, ouviram o som de uma buzina de carro na rua lá embaixo. Lavou sua xícara de

café, colocou-a na estante de secar, enxugou as mãos na toalha e deu um beijo de despedida na tia.

Ethel correu para a janela a tempo de ver a garota saltar de um táxi. Jogou seus braços em volta dele e Joe agarrou-se a ela por tanto tempo que Ethel começou a arrepender-se, com uma intensidade que a surpreendeu, de ter deixado de tomar o sobrinho em seus braços. Parecia-lhe o pior erro que cometera em toda a sua vida. Viu Joe e Rosa subirem no táxi e partirem. Sentou-se então numa cadeira, com sua estamparia festiva de abacaxis e bananas, e cobriu o rosto com as mãos.

Joe e Rosa rastejaram para a cama dela às seis e meia da manhã e Rosa agarrou-se a ele até que Joe adormeceu, deitado ali, o desconhecido e misterioso produto do seu amor crescendo no espaço entre eles. Então ela também dormiu. Quando acordou, passava das duas da tarde e Joe não estava mais. Olhou no banheiro, então desceu as escadas até a cozinha negra, onde seu pai estava de pé com a expressão mais peculiar no seu rosto.

— Onde está Joe? — perguntou.

— Foi-se embora.

— Embora? Para onde foi?

— Bem, falou que ia se alistar na Marinha — disse o pai. — Mas não imagino que possa fazer isto antes de amanhã.

— A Marinha? Do que está falando?

Foi assim que ela soube do ataque à base naval de Pearl Harbor. Segundo seu pai, era muito provável que os Estados Unidos em breve se vissem em guerra contra a Alemanha, também. Era nisto que Joe estava investindo.

A campanha tocou seu tema esquisito, *Fanfare for the Fuller Brush Man*, a composição mais curta de Raymond Scott. Ela correu para a porta, segura de que seria Joe. Era Sammy; parecia ter saído de uma briga. Seu rosto estava esfolado e tinha um corte no olho. Teria brigado com Bacon? Sabia que Sammy devia ter partido com o amigo para Los Angeles hoje — ela e Joe haviam planejado em princípio ir até a estação para se despedir deles. Teriam os dois homens brigado? Um sujeito do tamanho de Bacon poderia ser perigoso embora fosse difícil imaginá-lo fazendo qualquer coisa para ferir Sammy. Notou o rasgão na manga direita de Sammy onde se encontrava com o ombro.

— Sua camisa está rasgada — disse.

— Sim — falou. — Eu a rasguei. É o que você faz quando está, você sabe. De luto.

Rosa tinha uma vaga lembrança do costume de um remoto funeral de um tio-avô. A tia-avó viúva também cobrira todos os espelhos da casa com panos de prato, dando ao lugar uma aparência perturbadora de cegueira.

— Quer entrar? — disse. — Joe não está aqui.

— Não, na verdade — disse Sammy. — Sim, eu sei. Estive com ele.

— Esteve com ele?

— Veio ao apartamento pegar suas coisas. Acho que me acordou. Acho que enfrentei uma parada muito dura na noite passada.

— Vamos — disse ela, sentindo uma nota estranha na voz dele. Agarrou um velho suéter de seu pai da chapeleira, vestiu-o e pisou no pátio. Era bom sair para o ar frio. Sentiu alguma ordem restaurando seus pensamentos. — Você está bem? — falou. Notou que ele pestanejou quando ela o tocou, como se o seu braço ou ombro estivesse doído. — Qual é o problema com o braço?

— Nada, eu o machuquei.

— Como?

— Jogando futebol na praia, como podia ser?

Sentaram-se nos degraus de pedra, lado a lado.

— Onde está ele agora?

— Não sei. Saiu. Partiu.

— E o que você está fazendo aqui, afinal? — perguntou ela. — Não devia estar num trem para Hollywood? Onde está Bacon?

— Eu lhe disse para ir em frente sem mim — disse Sammy.

— Oh?

Encolheu os ombros.

— Eu realmente nunca quis... Não sei. Fiquei um pouco empolgado com a coisa toda.

Naquela manhã, na Penn Station, Sammy se despedira de Tracy Bacon no compartimento que fora reservado para os dois a bordo do Broadway Limited.

— Não entendo — disse Bacon. Estavam esquisitos e constrangidos um com o outro, próximos no compartimento de primeira classe, dois homens, um tão preocupado em não tocar o outro, o segundo devotando cada movimento e gesto a não ser tocado, que a cuidadosa preservação de uma distância carregada e oscilante entre eles fora uma espécie de contato frio. — Você nem chegou a ser detido. Os advogados de Jimmy vão abafar toda esta coisa.

Sammy sacudiu a cabeça. Estavam sentados um diante do outro nas banquetas gêmeas acolchoadas que teriam desdobrado, nas imediações de Fostoria, aquela noite, num par de camas.

— Não posso mais fazer isto, Bake — disse Sammy. — É que... simplesmente, não quero ser assim.

— Você não tem escolha.

— Acho que tenho.

Bacon levantou-se, atravessou o metro de espaço entre eles e sentou-se na banquetta ao lado de Sammy.

— Não acredito nisto — disse, procurando a mão de Sammy. — Algo como eu e você não é uma questão de escolher ou não escolher. Não há nada que se possa fazer a respeito.

Sammy recolheu a mão num gesto brusco. Independentemente do

que sentia por Bacon, não valia a pena, a vergonha, o risco de detenção e humilhação. Sammy sentiu, naquela manhã, com suas costelas machucadas e um leve sabor de cloro no fundo da boca, que preferiria não amar a ser punido por amar. Não tinha ideia de quanto tempo sua vida um dia pareceria ter passado; como sentiria presente todo dia a ausência do amor.

— Olhe só para mim — disse.

Em sua pressa de deixar o compartimento antes que Bacon pudesse vê-lo entrar em colapso, colidiu com uma velha senhora que passava pelo corredor e reabriu o desagradável corte no supercílio.

— Estou contente de que ainda esteja aqui — disse Rosa. — Sammy, me escute. Preciso de ajuda.

— Vou ajudá-la. Qual é o problema?

— Preciso fazer um aborto.

Sammy acendeu um cigarro e fumou a metade antes de responder.

— Joe é o pai — disse.

— Sim. Claro.

— E você contou a ele e o que ele disse?

— Não contei a ele. Como podia? Na noite passada tentou se matar.

— Tentou?

— Acho que sim.

— Mas, Rosa, você sabe, ele está entrando na Marinha, foi o que falou.

— Certo.

— Vai embora se alistar na Marinha sem saber que você está grávida do filho dele.

— Certo, também.

— Embora você soubesse disto durante...

— Digamos uma semana.

— Por que não lhe contou? Realmente, quero dizer.

— Eu tinha medo — disse Rosa. — De verdade.

— Medo do quê? Não, eu sei — falou. Parecia quase amargo a respeito daquilo. — Que ele mandasse você tirar a coisa. E não quisesse casar com você.

— Está certo.

— E agora você...

— Não poderia, de jeito algum, em um milhão de anos, contar a ele.

— Porque ele certamente lhe diria para...

— Certo. Ele quer ir atrás deles para matá-los, Sam. Não acho que nada que eu lhe diga o impediria agora.

— Então agora você tem de...

— Como estava tentando explicar.

Sammy virou-se e olhou para ela, seus olhos brilhando, tomado por uma ideia que Rosa captou imediatamente, em todas as suas profundezas e particularidades, em todo o medo e desesperança de que se alimentava.

— Eu entendi você — disse ele.

PARTE V

O HOMEM DO RÁDIO

O perdedor no Lupe Velez era obrigado a fazer sua cama nos túneis, lá fora no pandemônio da Cidade-dos-Cães. Havia 18 cães, na maioria cães esquimós, malamutes do Alasca, com um ou outro labrador ou husky da Groenlândia e um cão vadio que era quase um lobo. Você levava uma saco de dormir e um cobertor e, quase sempre, uma garrafa de Old Grand-Dad, e se deitava no túnel frio onde, apesar do chão de neve, das paredes de neve e do teto de neve, o fedor da urina, do couro dos arreios e do lábio negro, seco e rançoso, coberto com banha de foca, era surpreendentemente vivo. Tinham começado com 27 cães, o suficiente para duas juntas e uma junta de reserva, mas quatro deles foram esfaqueados pelos companheiros por causa de alguma complexa emoção canina composta de tédio, rivalidade e insólita animação; um caíra num buraco sem fundo no gelo; dois foram acometidos de algo tão misterioso quanto rápido; um levava um tiro do sinaleiro, Gedman, por motivos que ficaram sem muita explicação; e Stengel, o verdadeiro gênio entre os cães, desgarrou-se na neblina um dia quando ninguém estava olhando e nunca mais voltou. Havia 22 homens. Jogavam pôquer, gamão indiano, xadrez, *cribbage*, copas, tento, geografia, fantasma, pingue-pongue, vinte perguntas, hóquei de moeda, hóquei de pedra, hóquei de tampinha, *bridge* com declaração de vazas, damas, dados viciados, Monopólio e Uncle Wiggily, valendo cigarros (tinham tão pouco uso para dinheiro quanto para pás e neve). Jogavam para ganhar dispensa do desagradável trabalho de lascar com uma picareta de gelo o zigurate que se elevava interminavelmente nas latrinas, um pilar de cagalhões e de penachos de diarreia congelados em formas fantásticas que pareciam saídas da arquitetura de Gaudí. Ou jogavam (xadrez em particular) pelo prazer pessoal de reduzir um ao outro a pequenas pilhas de cinza e brasa. Mas os vencedores do Lupe Velez ganhavam apenas o direito de dormir em seus beliches, quentes e secos dentro do Waldorf Antártico, por uma noite mais. Era um jogo estúpido, cruel, mas ao mesmo tempo demente e fácil de jogar. Havia sempre 21 vencedores no Lupe Velez e só um perdedor, e ele tinha que ir dormir com os cachorros. Embora em teoria, dada a natureza essencialmente aleatória e não especializada do jogo, estivessem todos em igual desvantagem, em geral quem ia dormir no caos e no mau cheiro dos túneis no fim da noite, depois de uma breve rodada de Lupe Velez, era

Joe Kavalier. Estava lá, enfiado num caixote ao lado do cão chamado Ostra, na noite em que algo de errado aconteceu com a estufa do Waldorf.

Além do piloto Shannenhause, não havia um homem entre eles com mais de 35 anos (o primeiro dia em que o termômetro caiu a -30°C ocorreu no aniversário de 35 anos do seu capitão, Walter “Wahoo” Flee, que marcou a ocasião correndo cinquenta metros do dormitório ao refeitório vestindo apenas suas botinas de pele de foca) e três membros do batalhão de construção naval, Po, Mitchell e Madden, estavam saindo da adolescência, o que talvez explicasse de certa forma a estupidez essencialmente infantil do Lupe Velez. Ficavam todos amontoados no refeitório, às vezes horas e semanas noite adentro, gastando tempo ou fazendo algo que fingiam não ser uma perda de tempo ou, em convulsões sóbrias e intensas, se deixando absorver por alguma tarefa inevitável e urgente de conserto, análise, planejamento ou disciplina da marinha, quando alguém — quase sempre Gedman, embora qualquer um pudesse iniciar uma rodada — gritava o nome da estrela de *Foguete Mexicano* e *Lu de Honolulu*. Imediatamente todo mundo na sala era obrigado, segundo as regras, de acompanhar. Quem quer que fosse julgado, por decisão geral dos jogadores, como aquele que pronunciou as palavras críticas por último (a não ser que fosse seu turno de sentinela), tinha de passar aquela noite (ou o que chamavam de noite; era tudo sempre noite) na Cidade-dos-Cães. Se, em função do dever ou da sorte, você não estivesse na sala naquele momento, ficava isento. O jogo, exceto no caso de tédio extremo, era limitado a uma rodada por dia. Estas eram as regras do jogo. Suas origens eram obscuras, sua condução apaixonada. Mas por um motivo qualquer, Joe parecia não conseguir dominá-lo.

Havia entre os homens um número de teorias para explicar isto ou, talvez fosse mais acurado dizer, para explicar Joe. Este era um favorito de todos os homens, querido até por aqueles que não gostavam de mais ninguém, e, à medida que a noite de inverno se arrastava, não eram poucos. Sua prestidigitação e seus truques de mágica eram fontes sempre renováveis de diversão, em particular para os mais simples de espírito na Estação Kelvinator. Era confiável, eficiente, engenhoso e trabalhador, mas sua linguagem com sotaque, estranha e enviesada, empanava a sua competência evidente, uma qualidade que, entre outros homens de talento em Kelvinator, podia assumir uma intensidade agressiva e antagônica. Além do mais, sabia-se, embora Joe falasse pouco a respeito, que ele tinha, de certo modo, uma motivação mais pessoal do que todos eles no resultado da guerra. Era, sob muitos aspectos, o homem misterioso entre eles. Aqueles que o conheciam desde os dias de treinamento na Estação Groenlândia espalharam a história de que nunca lia sua correspondência, que no

baú ao pé de sua cama havia um monte de cartas fechadas com a altura de dez centímetros. Para homens que viviam a correspondência como uma espécie de vício, isso o tornava o objeto de considerável admiração.

Alguns diziam que a fraqueza de Joe no Lupe Velez devia-se ao seu domínio incompleto do inglês, embora a refutação óbvia aqui fosse de que vários ali que tinham o inglês como língua-mãe eram consideravelmente piores do que Joe nesse aspecto. Outros culpavam o aspecto distante e sonhador de sua personalidade, tão evidente para eles como o fora para seus amigos em Nova York, ainda mais aqui num lugar em que, se podia imaginar, qualquer pequeno distanciamento afundaria a pessoa num buraco branco. E havia quem alegasse que ele preferia a companhia dos cães. Existia algo real em todas estas explicações, embora a última fosse a única que Joe admitia como verdadeira.

Gostava geralmente de cães, mas aquele pelo qual tinha sentimentos verdadeiros era Ostra. Ostra era um vira-lata cinza-castanho com o pelo grosso de um cão esquimó, grandes orelhas propensas a bater como asas sem motivo justo e uma expressão firme e desafiadora que sugeria, diziam os conhecedores de cães, uma influência recente de são-bernardo em suas linhas sanguíneas. Maus-tratos anteriores com o chicote durante sua primeira carreira no Alasca tinham cegado seu olho esquerdo, deixando a pérola azul esbranquiçada leitosa que lhe deu o nome. Já na primeira vez em que foi condenado a passar a noite na Cidade-dos-Cães por uma derrota no Lupe Velez, Joe havia notado Ostra, lá embaixo no seu nicho bem no final do túnel cintilante, parecendo acenar para ele, sentado ereto e jogando as orelhas para trás de um jeito que inspirava piedade. Os cães eram todos desesperadamente solitários e ansiavam por companhia humana (pareciam desprezar um ao outro). Mas Joe escolhera deitar-se sozinho aquela noite num pequeno retalho limpo à porta de uma despensa, longe do perpétuo grunhido e ressonar dos cães.

Então, no meio de março, um depósito secreto de comidas que esqueceram de guardar na despensa se perdeu na primeira grande tempestade de neve do inverno. Joe atirou-se ao trabalho de busca. Saiu de esquis, pela terceira vez na vida, e logo se separou dos outros do grupo que buscava a comida perdida. Um vento súbito soprou, suspendendo-o num gaze impenetrável de poeira de neve. Cego e frenético, esquiou até uma fissura e caiu, em meio ao som de carrilhões e estilhaços de caibro, através do gelo. Foi Ostra, movido por seus impulsos bernardinos ancestrais, quem o encontrou. Depois disto, Joe e Ostra se tornaram companheiros de cama semirregulares, de acordo com os caprichos do Lupe Velez. Mesmo quando dormia no

seu beliche, Joe visitava Ostra todo dia, trazendo-lhe nacos de toucinho e presunto e os damascos secos que o cão adorava. Além dos dois responsáveis pelos cachorros, Casper e Houk, que os encaravam como um treinador encara seus atletas, Diaghilev, seu corpo de baile, e Satã, os seus demônios, Joe era o único cidadão da Estação Kelvinator que não considerava os animais uma fonte fedorenta, ruidosa e perpétua de aborrecimento.

Foi só porque perdeu com tanta frequência no Lupe Velez e, em consequência, teve de dormir tantas vezes com os cães, que Joe se deu conta, mesmo mergulhado em seu próprio sono envenenado, de uma alteração no costumeiro ritmo de respiração de Ostra.

A mudança, na ausência do usual rosar chiado do cachorro, baixo e regular, o perturbava. Joe se mexeu e acordou o bastante para se dar conta de um sussurro, fraco e regular, no túnel dos cachorros. O som zuniu tranquilizadamente por algum tempo e, no seu estado grogue, Joe quase recaiu numa sonolência que sem dúvida teria sido fatal. Sentou-se lentamente sobre um braço. Não conseguia colocar seus pensamentos em foco, como se uma cortina diáfana de poeira de neve pairasse flutuando acima do interior do seu crânio. Também não podia ver muito bem e piscava e esfregava seus olhos. Depois de um momento ocorreu-lhe que seu súbito movimento ao se sentar deveria ter acordado pelo menos seu companheiro de cama, sempre muito sintonizado com o menor dos movimentos de Joe; mas Ostra dormia, silencioso, o subir e descer de seu flanco cinzento era raso e lento. Foi quando Joe percebeu que o zunido que ouvia satisfeito em seu saco de dormir por não sabia quanto tempo era o murmúrio gélido das lâmpadas elétricas que estavam penduradas em intervalos ao longo dos túneis. Era um som que nunca ouvira, nem uma vez sequer, em suas noites na Cidade-dos-Cães, porque os uivos e as brigas dos cães o abafavam. Mas agora a Cidade-dos-Cães estava completamente silenciosa.

Estendeu a mão e deu um tapinha suave em Ostra, na nuca, e então cutucou a carne macia onde a perna esquerda se juntava ao corpo. O cão mexeu-se e Joe achou que ele choramingou baixinho, mas Ostra não levantou a cabeça. Suas patas estavam moles. Sentindo-se muito vacilante, Joe rastejou para fora do caixote e seguiu sobre mãos e joelhos através do túnel para ver Forrestal, o malamute de raça de Casper, que sucedera a Stengel como Rei dos Cães. Percebeu agora por que não fizera nenhum efeito esfregar os olhos: o túnel estava cheio de neblina, em ondas e rolos, a partir do Tronco Principal. Forrestal não reagiu quando Joe lhe deu uns tapinhas, ou cutucou ou sacudiu com força, uma vez. Joe baixou o ouvido até o peito do animal. Não havia nenhuma batida de coração discernível.

Rapidamente, agora, Joe soltou a coleira de Ostra da corrente cuja

outra extremidade estava presa ao caixote de madeira, apanhou o cão e carregou-o pelo túnel até o Tronco Principal. Achou que ia vomitar, mas não sabia se isto era porque havia algum problema com ele, algo que ia matá-lo, também, ou simplesmente porque para chegar ao fim do túnel teve de passar por 17 cães que jaziam mortos nos seus nichos cavados nas paredes. Não estava pensando com nenhuma clareza.

O túnel da Cidade-dos-Cães corria em ângulo reto em relação ao túnel central da Estação Kelvinator e diretamente através de sua boca ficava a porta do Waldorf. Os planos originais previam que a Cidade-dos-Cães ficasse a alguma distância dos alojamentos, mas o tempo foi curto aqui também e viram-se forçados a abrigar os cães na soleira da sua porta, por assim dizer, num túnel a princípio escavado para armazenamento de comida. Esta porta devia ser mantida fechada, para impedir que o precioso calor da estufa escapasse dos dormitórios, mas, ao se aproximar dela, debatendo-se com quarenta quilos de cão agonizante em seus braços, Joe viu que ela estava aberta alguns centímetros, impedida de fechar por causa de uma de suas próprias meias, que devia ter deixado cair quando saíra para a noite na Cidade-dos-Cães. Estava dobrando suas roupas no beliche aquela noite, reconstituiu depois, e a meia devia ter ficado presa no saco de dormir. Um cheiro quente e flatulento de cerveja e roupa íntima de lã suja veio suspirando do Waldorf para o túnel, derretendo o gelo, enchendo o túnel com nuvens de condensação espectrais. Joe empurrou a porta com o pé e entrou no quarto. O ar parecia estranhamente abafado e quente demais e, ao parar, procurando ouvir o costureiro fungar congestionado dos homens, sua tontura chocou-se no chão de tábuas com um baque. O som fez Joe sentir ânsia de vômito. Cambaleou para a sua esquerda, desviando-se atabalhoadamente para não se chocar com os beliches entre os quais caminhava ou os homens que jaziam neles, em direção do interruptor de luz. Ninguém protestou ou se protegeu da explosão de luz.

Houk estava morto; Mitchell estava morto; Gedman estava morto. Foi até onde Joe seguiu nas suas investigações antes que uma súbita e desesperada compreensão o levasse para a escada que conduzia através do alçapão no telhado do Waldorf e para fora, no gelo. Sem casaco, com a cabeça descoberta, os pés vestindo apenas meias, tropeçou de lado através da pele recortada da neve. O frio contraiu seu peito como um laço de arame. Caiu sobre ele como um cofre. Saltou avidamente por seus pés sem proteção e lambeu seus joelhos. Aspirou grandes golfadas daquele frio limpo e cruel, agradecendo com cada célula de seu corpo. Ouviu suas exalações farfalharem como tafetá enquanto congelavam solidamente no ar ao seu redor. Seu sangue encheu-se de oxigênio, acelerando os nervos dos olhos e o céu escuro opaco sobre sua cabeça pareceu adensar-se subitamente com

estrelas. Alcançou um instante de equilíbrio corporal em que o êxtase de sua sobrevivência para respirar e ser queimado pelo vento contrabalançava com perfeição a agonia de sua exposição a ele. Então o tremor tomou conta, num único calafrio violento que abalou todo o seu corpo e ele gritou e caiu de joelhos no gelo.

Pouco antes de atirar-se em frente, experimentou uma estranha visão. Viu seu velho professor de mágica, Bernard Kornblum, vindo na sua direção através da escuridão azul, sua barba presa por uma rede de cabelos, carregando o brilhante e luminoso braseiro de acampamento que Joe e Thomas uma vez tomaram emprestado de um amigo que praticava montanhismo. Kornblum ajoelhou-se, rolou Joe sobre suas costas e olhou para ele, sua expressão crítica e divertida.

— *Escapismo* — falou, com seu desdém habitual.

Joe acordou no hangar com um cheiro de charuto no ar e se viu observando a muitas vezes remendada asa do Condor.

— Felizardo — disse Shannenhuse. Fechou o isqueiro e exalou. Estava sentado numa cadeira de lona dobrável ao lado de Joe, as pernas abertas no melhor estilo caubói. Shannenhuse era de uma cidadezinha tosca chamada Tustin, na Califórnia, e cultivava hábitos de vaqueiro que não combinavam com seu físico franzino e seu ar professoral. Tinha cabelos louros ralos, óculos sem aros e mãos que, apesar de calejadas e com cicatrizes, permaneciam delicadas. Tentava ser taciturno, mas era dado a preleções. Tentava ser severo e sem amigos, mas era um intrometido. Era o decano da Estação Kelvinator, um ás da Primeira Guerra, com oito aviões inimigos derrubados, que passara os anos 20 voando nas Sierras e nos ermos do Alasca. Alistara-se depois de Pearl Harbor e estava tão desapontado como os demais com a sua missão em Kelvinator. Não esperava seriamente combater de novo, mas fizera trabalho interessante toda a sua vida e queria mais. Desde sua chegada a Kelvinator — o nome oficial, classificado, era Estação Naval SD-A2(R) — o tempo estivera tão ruim que só subira aos ares duas vezes, uma numa missão de reconhecimento abortada depois de vinte minutos em meio a uma tempestade de neve e outra num voo não autorizado e fracassado para tentar encontrar a base da primeira expedição de Byrd, ou da última expedição de Scott, ou da primeira expedição de Amundsen, ou o local de *algo* que tivesse acontecido nesta vastidão para a qual o adjetivo “esquecida por Deus” parecia ter sido cunhado. Era nominalmente primeiro-tenente, mas ninguém fazia cerimônia para a patente na Estação Kelvinator. Obedeciam todos aos ditados da sobrevivência e nenhuma outra disciplina era realmente necessária. O próprio Joe era radiotelegrafista de segunda-classe mas ninguém jamais o chamava de outra coisa a não ser de Faísca, Ponto ou, mais frequentemente, Tonto.

A fumaça do charuto cheirava muito agradável a Joe. Tinha o odor nada antártico de outono, fogueira e poeira. Havia algo oculto dentro dele que o cheiro do charuto queimando parecia manter sob controle. Estendeu sua mão para a de Shannenhuse, erguendo a sobrancelha. Shannenhuse passou o charuto para Joe e este aprumou-se para colocá-lo entre os dentes. Viu que estava enfiado num saco de dormir no chão do hangar, a parte superior do corpo encostada numa pilha de

cobertas. Apoiou-se num cotovelo e deu uma longa tragada, inalando o forte fumo negro para dentro de seus pulmões. Foi um erro. Seu espasmo de tosse foi longo e convulsivo e a dor no peito e na cabeça trouxe-lhe a lembrança abrupta dos homens mortos e dos cães nos túneis com seus pulmões cheios de algum tipo de agente ou germe. Deitou-se para trás de novo, a testa pontilhada de suor.

— Oh, merda — disse.

— Merda mesmo — disse Shannenhause.

— Johnny, você não pode ir até lá, OK, me promete? Eles todos...

— Você me conta então.

Joe tentou erguer-se, derrubando cinza nos cobertores.

— Você não foi até lá, foi?

— Você não estava acordado para me avisar, está lembrado? —

Shannenhause recuperou seu charuto como se em reprovação e empurrou Joe de novo para o chão. Sacudiu a cabeça, tentando afastar uma lembrança que estava grudada na sua memória. — Jesus. Aquilo. — Normalmente sua voz era como uma flauta animada por uma verve erudita, mas agora vinha num tom de vaqueiro, chapada, seca e chapada como Joe imaginava Tustin, Califórnia. — Foi a pior coisa que já vi.

Uma boa parte da conversa de Shannenhause nos últimos meses fora sobre as coisas terríveis que vira, histórias cheias de homens queimando, fontes arteriais de sangue jorrando de ombros sem braços de camaradas que se perderam no turbilhão de hélices, caçadores semidevorados por ursos que arrastavam seus cotocos no acampamento ao amanhecer.

— Oh, merda — repetiu Joe.

Shannenhause concordou com a cabeça.

— A pior coisa que já vi.

— Johnny, por favor, eu lhe imploro para não dizer isto de novo.

— Desculpe, Joe.

— Onde é que *você* estava, de qualquer maneira? Por que você não...

— Eu estava lá fora. — O hangar, embora enterrado na neve na Terra de Mane Byrd como todos os outros prédios da Estação Kelvinator, não era ligado ao resto por túnel, novamente por causa do tempo adverso que atacara de modo tão vicioso no começo daquele ano. — Eu tinha o turno de sentinela, vim até aqui dar uma olhada nele — apontou um polegar para o idoso Condor. — Não sei o que Kelly achou que estava fazendo, mas o telégrafo...

— Temos de acordar Gitmo, temos de contar a eles.

— Tentei acordá-los — disse Shannenhause. — O rádio está mudo. Não pude levantar merda nenhuma.

Joe sentiu o pânico mexendo-se dentro dele, como no dia em que

caíra no buraco, num fragor de esquis e tirantes, o sopro roubado de seus pulmões, a boca cheia de neve, uma lâmina fria de gelo dando uma estocada em seu coração.

— O rádio está mudo? Johnny, por que o rádio está mudo? — Em seu pânico, a noção melodramática, digna de um dos enredos de Sammy, de que Shannenhouse era um espião alemão e havia matado todos eles, percorria seus pensamentos. — *O que é que está acontecendo?*

— Relaxe, Tonto, está bem? Por favor, não perca os colhões. — Passou o charuto de novo para Joe.

— Johnny — disse Joe, tão calmo quanto podia, soprando fumaça —, acho que vou perder os colhões.

— Ouça, os sujeitos estão mortos e o rádio está apagado, mas não há ligação entre as duas coisas. Uma nada tem a ver com a outra, como tudo mais na vida. Não foi nenhuma superarma nazista. Jesus Cristo, foi a porra da estufa.

— A estufa?

— Foi monóxido de carbono do Wayne. — O Waldorf Antártico era aquecido por uma estufa a gasolina, conhecida afetuosamente como Wayne por causa dos dizeres FT. WAYNE IRON WORKS INDIANA USA estampados na sua lateral. A loucura de nomear as coisas, que assolou os homens quando chegaram aqui na vastidão não mapeada, insinuou-se rapidamente em cada canto de suas vidas. Davam nome aos rádios, à latrina, davam nome a suas ressacas e aos cortes em seus dedos. — Subi e chequei os ventiladores no telhado. Estavam cheios de neve. A mesma coisa na Cidade-dos-Cães. Eu disse ao capitão que eram aparelhos precários. Talvez não tenha dito. O pensamento me ocorreu na época em que os estávamos colocando.

— Morreram todos — disse Joe, a afirmação elevando-se no final com apenas a mais leve intimação esperançosa de dúvida.

Shannenhouse assentiu com a cabeça.

— Todo mundo menos você e o seu amiguinho, imagino talvez por que estivessem deitados bem no final do túnel, longe da porta. Quanto ao rádio, quem sabe que porra aconteceu? Magnetismo. Manchas solares. Vai voltar a funcionar.

— O que quer dizer com meu amiguinho?

— O vira-lata. Mexilhão.

— Ostra?

Shannenhouse assentiu de novo.

— Ele está bem. Eu o amarrei no refeitório para a noite.

— O quê? — Joe começou a levantar-se, mas Shannenhouse o forçou a deitar-se de novo, não com muita suavidade.

— Deite-se, Tonto. Apaguei a porra da estufa, arranquei os ventiladores. Seu cão vai ficar bem.

Joe se deitou então e Shannenhouse recostou-se contra a parede do hangar e examinou o seu aeroplano. Passaram o charuto um para outro. Em pouco tempo, seria hora de discutirem suas chances e planejarem a sua sobrevivência até que pudessem ser resgatados. Tinham comida suficiente para duas dúzias de homens durante dois anos, bastante combustível para os geradores. O refeitório seria um dormitório adequado, livre do espetáculo dos corpos congelados. Comparados aos primeiros heróis do continente, passando fome e morrendo em suas barracas de pele de caribu, roendo um naco cru de foca congelada, tinham uma boa vida. Ainda que a Marinha não pudesse conseguir um navio ou um avião até a primavera, teriam muito mais do que precisavam para atravessar aquele período. Mas, de certo modo, a ideia de que a morte viera através de toda aquela neve e todo aquele gelo e entrara em seus túneis e aconchegantes alojamentos e numa única noite — em uma hora — matara todos os seus camaradas e todos os cães, com exceção de um, fazia a sua sobrevivência, apesar das amplas provisões e do equipamento, parecer menos do que garantida.

Os dois homens haviam sentido o tempo todo, em certas noites quando vinham apressadamente da torre de transmissão ou do hangar de volta ao alçapão que conduzia à segurança e ao calor, uma vibração nas imediações da estação, uma presença, algo lutando para nascer dos ventos, da escuridão; das altas torres e dos dentes aguçados do gelo. Os cabelos em sua nuca ficavam de pé e você corria, apesar de si, as costelas doendo de pânico, seguro, como uma criança que sobe correndo as escadas do porão, de que alguma coisa muito ruim estava atrás de você. A Antártida era bonita — até Joe, que a odiava com cada fibra do seu ser como o símbolo, a encarnação, o coração vazio e sem sentido de sua impotência nesta guerra, sentira a emoção e a grandiosidade do Gelo. Mas ele estava tentando, em todo o momento que você permanecia ali, matá-lo. Não podiam baixar a guarda em nenhum instante; todos eles sabiam isto desde o início. Agora parecia a Joe e ao piloto que a intenção maligna do local, as cintilantes ondas de poeira juntando-se na escuridão, achariam um jeito de pegá-los, por mais que o beliche estivesse quente ou suas barrigas cheias, não importa quantas camadas de lã, couro e pele colocassem entre seus corpos e o Gelo. A sobrevivência, naquele momento, parecia estar além do alcance ou da organização de seus planos.

— Não gosto de cachorros aqui, sujando o meu avião — disse Shannenhouse, estudando os suportes da asa esquerda do Condor com um ar de aprovação. — Você sabe disto.

O inverno os deixou malucos. Deixava maluco todo homem que conseguia atravessá-lo com vida; só havia uma questão de grau. O sol desaparecia e você não podia abandonar os túneis e tudo e todo mundo que você amava estava a 15 mil quilômetros de distância. No melhor dos casos, um homem sofria de estranhos lapsos de julgamento e percepção, encontrando-se diante do espelho prestes a pentear os cabelos com uma lapiseira, enfiando a camiseta pelos pés, fervendo uma panela de suco de laranja concentrado para o chá. A maioria dos homens sentia um súbito lampejo de recuperação em seus corações ao primeiro vislumbre de uma pálida faixa de luz do sol no horizonte no meio de setembro. Mas havia histórias, apócrifas, talvez, mas longe de serem dúbias, de homens em expedições passadas que afundaram tão intensamente no redemoinho de sua própria melancolia que se perderam para sempre. E poucas mulheres e famílias daqueles homens que voltaram de um inverno no Gelo poderiam dizer que o que receberam de volta era idêntico àquilo que haviam mandado para lá.

No caso de John Wesley Shannenhuse, a loucura hibernal foi meramente uma espécie de modulação, uma intensificação de seu prolongado envolvimento com o seu Curtiss-Wright AT-32. O hidroavião Condor tinha dez anos e fora muito usado pela Marinha até encontrar seu atual acantonamento. Presenciara ação e trocara fogo, caçando vapores piratas no Iangtsê em meados dos anos 30. Fizera milhares de viagens de carga entrando e saindo de Honduras, Cuba, México e Havaí, e muito do avião e de seus motores fora trocado ao longo dos anos de acordo com as necessidades da pressa local, da carência de peças e da engenhosidade ou negligência dos mecânicos, dos menores parafusos e grampos de arame até um dos grandes motores Wright Cyclone e seções inteiras da fuselagem e das asas, que se tornara uma questão metafísica há muito tempo ruminada por Shannenhuse naquele inverno se seria lícito dizer que aquele era o mesmo avião que rolara para fora da fábrica de Glenn Curtiss em San Diego em 1934.

À medida que o inverno passava, a questão o atormentava de tal maneira — Joe estava certamente cansado daquilo e de Shannenhuse e de seus charutos fedorentos — que ele decidiu que a única maneira de ganhar um sossego seria trocar toda peça que pudesse ser trocada, fazendo de si mesmo a garantia da identidade do Condor. A Marinha

tinha fornecido a Kelly e Bloch, os mecânicos mortos, uma inteira carga de trator de peças sobressalentes e uma oficina equipada com um torno mecânico para fabricar ferramentas, uma máquina de laminação e uma prensa de brocar, um equipamento de soldagem de oxiacetileno, uma oficina de ferreiro em miniatura e oito tipos diferentes de serra, de vaivém às de marceneiro e carpinteiro. Shannenhause descobriu que simplesmente à força de beber de 65 a 80 xícaras de café por dia (com todo mundo morto, não havia certamente necessidade de economizar) poderia reduzir suas necessidades de sono à metade das sete horas anteriores, pelo menos. Quando dormia, era no Condor, embrulhado em vários sacos de dormir (fazia frio no hangar). Trouxe uma dúzia de caixas de comida enlatada e começou a cozinhar suas refeições ali, também, agachado sobre um fogareiro Primus como se embrulhado no Gelo.

Primeiro reconstruiu os motores, colocando peças novas onde achou as originais gastas ou suas substitutas de baixa qualidade ou emprestadas de algum tipo de avião com outro pedigree. Então começou a trabalhar na estrutura do aparelho, fabricando novos esteios e barras de suportes, substituindo cada parafuso e garruncho. Quando Joe finalmente perdeu de vista os trabalhos de Shannenhause, o piloto havia embarcado na longa e difícil tarefa de impermeabilizar, cobrindo a superfície de lona do aeroplano com uma mistura doce e repugnante que ele fazia borbulhar no mesmo fogareiro usado para preparar o seu jantar. Era trabalho duro para um homem, mas ele recusava a oferta de ajuda não muito convincente de Joe como se fosse uma proposta de partilha de esposas.

— Vá fazer seu próprio aeroplano — dizia. Sua barba projetava-se diretamente do queixo, eriçada, loura-alaranjada e com vinte centímetros de comprimento. Seus olhos ficavam rosados e brilhantes por efeito do impermeabilizante, ficou coberto por uma espessa peliça avermelhada da pele de rena do saco de dormir e fedia mais do que qualquer humano que Joe já tinha cheirado (embora ainda ficasse pior), como se o houvessem mergulhado em alguma terrível confecção de Camembert e gasolina rançosa fermentada numa escarradeira cheia de cuspe. Pontuou esta observação arremessando uma chave inglesa que errou a cabeça de Joe por cinco centímetros e cavou um buraco fundo na parede ao seu lado. Joe rapidamente saltou através do alçapão para o telhado. Não viu Shannenhause de novo por quase três semanas.

Tinha sua própria loucura para enfrentar.

O serviço de rádio na Estação Naval SD-A2(R) fora restaurado 17 horas depois do desastre do Waldorf. Joe não dormiu naquele período todo, fazendo uma nova tentativa a cada dez minutos e finalmente conseguiu ser captado pelo Comando da Missão na Baía de

Guantánamo às 0700, hora de Greenwich, e informá-los, transmitindo em código, com penosa lentidão sem Gedman para ajudá-lo, que em 10 de abril todos os homens em Kelvinator, com exceção de Kavalier e Shannenhause, e todos os cães exceto um, foram envenenados por monóxido de carbono em consequência da ventilação deficiente nos alojamentos. As respostas do Comando foram concisas mas refletiam uma certa dose de choque e confusão. Um número de ordens contraditórias e nada práticas foi dado e cancelado. O Comando levou mais tempo do que Joe e Shannenhause para perceber que nada poderia ser feito até setembro, na melhor das hipóteses. Os homens mortos e os cães ficariam perfeitamente bem até então; a putrefação era um fenômeno desconhecido aqui. A baía das Baleias estava solidamente congelada e impenetrável e seriam precisos outros três meses, pelo menos, para chegar até a estação naval. Em todo caso, a passagem Drake, conforme havia confirmado o monitoramento que o próprio Joe fizera de transmissões esporádicas para a BdU, estava cheia de submarinos alemães. Não havia nenhuma esperança de resgate por uma baleeira de passagem sem a ajuda de uma escolta militar — as baleeiras e os caça-submarinos tinham, de um modo geral, abandonado o campo a esta altura — e só voltariam quando a barreira de gelo começasse a se aquecer e fragmentar. Finalmente, cinco dias depois da primeira mensagem de Joe, o Comando, um tanto superfluamente, mandou que aguentassem e esperassem pela primavera. Joe devia, nesse meio tempo, ficar em contato regular pelo rádio e continuar, na medida do possível, a missão principal (além daquela mais elementar de manter uma presença americana no polo) da Estação Kelvinator: monitorar as ondas radiofônicas captando transmissões de submarinos inimigos, transmitir todas as interceptações para o Comando, que então as passaria para criptoanalistas em Washington, com suas crepitantes máquinas eletrônicas e, finalmente, alertar o Comando sobre quaisquer movimentos alemães no próprio continente.

Foi no cumprimento desta missão que a sanidade de Joe entrou em seu período de hibernação. Tornou-se tão inseparável do rádio como Shannenhause do seu Condor. E, de novo como Shannenhause, não conseguia habitar os aposentos que haviam partilhado antes com outros vinte homens que viviam e respiravam. Em vez disso, Joe escolheu fazer da cabana de rádio seu alojamento principal e, embora continuasse a cozinhar suas refeições no refeitório, ele as levava através dos túneis até a cabana de rádio para comer ali. Suas observações de rastreamento e interceptações de transmissões-relâmpago dos dois submarinos alemães ativos na região eram extensas e acuradas e com o tempo, com algum treinamento do Comando, aprendeu a manipular a sutil e delicada máquina de código

da Marinha quase tão bem quanto Gedman.

Mas Joe não sintonizava apenas os canais de navegação militar e comercial. Ouvia, através do seu potente aparelho Marconi CSR 9A multibanda tudo o que as três torres de antenas de 25 metros pudessem puxar do céu, a todas as horas do dia: AM/FM, ondas curtas, as faixas de radioamadores. Era um tipo de pescaria etérea, jogando a sua linha e vendo o que podia fisgar e quanto tempo podia segurar: uma orquestra de tango ao vivo das margens do Prata, rígidas exegeses bíblicas em africâner, um tempo e meio entre o Red Sox e o White Sox, uma novela brasileira, dois radioamadores solitários no Nebraska e no Suriname tagarelando sobre seus cachorros. Ouvia durante horas os alarmes em código Morse de pescadores em borrascas e marinheiros mercantes perseguidos por fragatas e uma vez até pegou o final de uma transmissão de *As fantásticas aventuras do Escapista*, vindo a saber assim que Tracy Bacon não interpretava mais o papel-título. Mais do que tudo, no entanto, ele acompanhava a guerra. Dependendo da hora, da inclinação do planeta, do ângulo do sol, dos raios cósmicos, da aurora austral, e da camada de ar ionizado Heaviside, que envolve a terra e reflete as ondas eletromagnéticas, ele conseguia captar de 18 a 36 diferentes noticiários radiofônicos todo dia, do mundo inteiro, embora, naturalmente, como a maioria das pessoas, favorecesse aqueles da BBC. A invasão da Europa estava em pleno andamento e, como muitos outros, ele acompanhava seu progresso espasmódico mas seguro com a ajuda de um mapa que pregou com tachas à parede acolchoada da cabine e espetava com os alfinetes coloridos da vitória e do revés. Ouvia a H.V. Kaltenborn, Walter Winchell, Edward R. Murrow e, quase tão devotadamente, a suas sombras zombeteiras, às insinuações caricatas de Lorde Ah-Ah, Patrick Kelly da Xangai japonesa, Sr. OK, Sr. Adivinha Quem e as insinuações guturais de Midge-ao-Microfone, com quem frequentemente pensava em trepar. Costumava sentar-se, flutuando no borbulhar aquoso dos seus fones de ouvido, por 12 ou 15 horas seguidas, levantando-se do consolo somente para usar a latrina e alimentar a si e a Ostra.

Pode-se imaginar que esta capacidade de alcançar tão longe e tão amplamente — dos confins de uma tumba polar soterrada na neve, tendo como companhia um cão meio cego, 37 cadáveres humanos e animais e um homem tomado por uma ideia fixa — teria servido como um meio de salvação para Joe, ligado, no seu isolamento e na sua solidão, ao mundo inteiro. Mas, na verdade, o efeito cumulativo, dia após dia, quando, finalmente, tirava os fones do ouvido e se abaixava, duro, a cabeça zunindo, no chão da cabana ao lado de Ostra, era só o de enfatizar e zombar dele com a única ligação que não era capaz de fazer. Assim como, nos primeiros meses de Nova York, nunca

houvesse menção, nos 11 jornais que comprava todo dia, em três línguas, sobre o bem-estar e a disposição da família Kavalier de Praga, nunca havia agora nada no rádio que lhe desse qualquer indicação sobre como podiam estar passando. Não era apenas que nunca fossem pessoalmente mencionados — até no seu maior desespero não imaginaria seriamente esta possibilidade — mas nunca parecia conseguir qualquer informação sobre o destino dos judeus da Tchecoslováquia.

De tempos em tempos havia sinais e notícias de campos de fugitivos na Alemanha, massacres na Polônia, prisões, deportações e julgamentos. Mas era, do seu evidentemente remoto e limitado ponto de vista, como se os judeus do seu país, seus judeus, sua família, tivessem sido enfiados sem que ninguém visse em alguma dobra do mapa da Europa cravejado de alfinetes. E cada vez mais, à medida que o inverno avançava morosamente e a escuridão se avolumava ao redor, Joe começou a remoer seus pensamentos e a corrosão que se operara na sua fiação interna por tanto tempo devido à incapacidade de fazer alguma coisa para ajudar ou alcançar sua mãe e seu avô, o desapontamento e a raiva que vinha acalentando há tanto tempo e o fato de a Marinha tê-lo mandado para a porra do Polo Sul quando tudo o que queria era jogar bombas nos alemães e suprimentos para os resistentes tchecos, tudo isso começou a fundir-se num desespero genuíno.

Então uma “noite” lá pelo final de julho, Joe sintonizou uma transmissão de ondas curtas do *Reichsrundfunk* dirigida para a Rodésia, Uganda e o resto da África britânica. Era um programa documentário em língua inglesa detalhando jovialmente a criação e o florescimento de um lugar maravilhoso no Protetorado tcheco, uma “reserva” especialmente designada, como o narrador a denominou, para os judeus daquela parte do Reich. Chamava-se Gueto-Modelo de Theresienstadt. Joe passara pela cidade de Terezin uma vez, numa excursão com seu grupo esportivo das Macabíadas. Aparentemente, esta cidade fora transformada de uma aldeia sem graça e atrasada da Boêmia num lugar feliz, ativo e até cultivado, de roseirais, escolas vocacionais e uma orquestra sinfônica completa integrada pelo que o narrador, que soava como Emil Jannings tentando imitar Will Rogers, chamou de “internados”. Houve uma descrição de uma noitada musical típica na reserva, em meio à qual, para horror e deleite de Joe, fluiu o rico e desencarnado tenor do seu avô materno, Frank Schonfeld. Não era identificado pelo nome, mas não havia dúvida, nos leves murmúrios de uísque, sem falar na seleção, de que se tratava do *Rei dos Elfos*.

Joe tentou fazer sentido do que ouvira. O tom falso do programa, o sotaque ruim do narrador, os eufemismos óbvios, a verdade não

assumida sublinhando a tagarelice sobre rosas e violinos — que todas estas pessoas fossem arrancadas de seus lares e colocadas neste lugar, contra a sua vontade, porque eram judeus — tudo isso o inclinava a uma sensação de terror. A alegria, espontânea e irracional, que se apossara dele ao ouvir a doce voz do avozinho pela primeira vez em cinco anos, se esvaziou rapidamente debaixo da inquietação crescente que lhe foi inspirada pela ideia do velho cantar Schubert numa cidade-prisão para uma plateia de cativos. Nenhuma data fora atribuída ao programa e, à medida que a noite passava e ele ruminava sobre aquilo, Joe ficou mais e mais convencido de que a jovialidade falsa e o treinamento vocacional mascaravam alguma realidade tenebrosa, uma casa de bruxa feita de doce e pão de mel para atrair crianças e engordá-las para a mesa.

Na noite seguinte, pescando nas frequências de 15 megaciclos em busca da oportunidade extremamente rara de que pudesse haver alguma sequência do programa da noite anterior, tropeçou numa transmissão em alemão, tão forte e clara que suspeitou imediatamente de que tivesse uma origem local. Estava ensanduichada cuidadosamente num interstício muito fino de largura de faixa entre o poderoso Serviço Asiático da BBC e o também potente AFRN Sul e, se você não estivesse à procura desesperada de notícias de sua família, teria girado o botão de sintonia e passado por cima dela sem sequer saber que estava ali. A voz era de homem, suave, solene, educada, com um traço de sotaque suábio e uma nota distinta de ultraje mal suprimida. As condições eram terríveis; os instrumentos todos eram inoperantes ou inconfiáveis; os alojamentos eram intoleravelmente confinados, o moral estava baixo. Joe pegou um lápis e começou a transcrever a filípica do homem; não podia imaginar o que levaria o sujeito a fazer sua presença conhecida de modo tão aberto. Então, bruscamente, com um suspiro e um *Heil Hitler* cansado, o homem saiu do ar, deixando uma bolha de ondas radiofônicas e uma única e inevitável conclusão: havia alemães no Gelo.

Este fora um temor dos Aliados desde a expedição Ritscher de 1938-39, quando aquele cientista alemão extremamente meticoloso, luxuosamente equipado por ordem pessoal de Hermann Göring, chegara à costa da Terra da Rainha Maud num navio-catapulta e lançara dois excelentes hidroaviões Dornier Wal várias vezes no interior inexplorado do território reivindicado pela Noruega onde, usando câmaras aéreas, haviam mapeado quase mil quilômetros quadrados de território (introduzindo a arte da fotogrametria na Antártida) e então espetaram o lugar todo com cinco mil gigantescos dardos de aço, fabricados especialmente para a expedição, cada um encimado por uma elegante suástica. A terra foi assim balizada e reclamada pela Alemanha e rebatizada de Nova Suábia. Dificuldades

iniciais com os noruegueses quanto a esta pretensão foram totalmente resolvidas com a conquista daquele país em 1940.

Joe colocou suas botas e uma *parka* e saiu para contar a Shannenhause a sua descoberta. A noite estava sem vento e suave; o termômetro marcava -15°C. As estrelas enxameavam em seus estranhos arranjos e havia um vistoso halo verde de cromo ao redor da lua baixa. Um luar fino e aquoso caía em poças sobre a barreira sem parecer iluminar qualquer parte dela. Além das torres de rádio e das chaminés que se elevavam da neve como barbatanas de baleias assassinas, nada havia a ser visto em nenhuma direção. As montanhas lupinas, os salientes espinhaços de elevada pressão atmosférica que pareciam pilhas de gigantescos ossos, a vasta cidade de tendas formada pelos picos cônicos que ficavam ao leste — ele não podia ver nada disto. A base alemã podia até estar a 15 quilômetros através do gelo plano, iluminada como um parque de diversões, que ainda assim permaneceria invisível. Quando estava a meio caminho do hangar, parou. A cessação de seus passos crepitantes pareceu eliminar o último som do mundo. O silêncio era tão absoluto que os processos interiores do seu cérebro se tornaram primeiro audíveis e depois ensurdecedores. Seguramente um atirador de tocaia alemão podia colocá-lo sob a mira, mesmo na escuridão impenetrável, apenas escutando a torrente tempestuosa das veias em seus ouvidos, o mecanismo hidráulico dos pistões em suas glândulas salivares. Correu até o alçapão do hangar, triturando a neve e tropeçando. Ao se aproximar, uma brisa soprou, trazendo o fedor acre de sangue e cabelos queimados, forte o bastante para que Joe tivesse uma ânsia de vômito. Shannenhause devia ter posto fogo no dormitório.

— Fique aí fora — disse Shannenhause. — Vá embora. Saia. Vá foder teu cachorro, seu judeu escroto.

Joe estava preso no meio da escadaria, ainda não baixo o suficiente para ver o interior do hangar. Toda vez que tentava chegar ao pé da escada, Shannenhause jogava algo em suas pernas, uma manivela, uma pilha seca.

— O que está fazendo? — gritou Joe. — Que cheiro é este?

O odor de Shannenhause tinha piorado nas semanas que passaram desde seu último encontro com Joe, escapando dos limites do seu corpo, absorvendo novos cheiros compostos de feijões queimados, fios elétricos torrados, impermeabilizante de avião e, abafando quase todos os outros, foca recém-curtida.

— Toda a lona que eu tinha apodreceu — disse Shannenhause, defensivo e um pouco triste. — Deve ter molhado na viagem para cá.

— Você está cobrindo o aeroplano com pele de foca?

— Um aeroplano *é* uma foca, seu trouxa. Uma foca que nada através do ar.

— Sim, está certo — disse Joe. É um fenômeno bastante conhecido que os Napoleões nos asilos do mundo têm pouca paciência com os Austerlitzes e Marengos uns dos outros. — Só vim dizer uma coisa. O Alemão está aqui. No Gelo. Ouvi no rádio.

Houve uma pausa longa e expressiva, embora Joe não soubesse ao certo o tipo de emoção que expressava.

— Onde? — disse finalmente Shannenhause.

— Não estou certo. Falou algo sobre o meridiano 30, mas... não tenho certeza.

— É por ali, então. Onde estiveram antes.

Joe acenou com a cabeça, embora Shannenhause não pudesse vê-lo.

— Isto é o quê? Uns mil e quinhentos quilômetros?

— Pelo menos.

— Que se fodam, então? Relatou ao Comando?

— Não, Johnny, não contei. Ainda não.

— Bem, relate logo, então. Cristo, o que é que há com você?

Estava certo. Joe devia ter contatado o Comando no momento em que acabou de transcrever a transmissão interceptada. E como tinha alguma ideia da natureza e da fonte da transmissão, sua atitude ao não relatar era não só uma quebra dos procedimentos e uma transgressão de uma ordem — impedir movimentos nazistas no continente —, ordem que viera diretamente do presidente, mas também colocava ele e Shannenhause em perigo potencial. E, no entanto, assim como não denunciara Carl Ebling depois da primeira ameaça de bomba na Empire Comics, algum impulso agora o impedira de abrir o canal para Cuba e fazer o relatório a que o dever o obrigava.

— Não sei — disse Joe. — Não sei que porra há de errado comigo. Desculpe.

— Bom. Agora saia.

Joe subiu de novo as escadas e saiu para a noite azul-mercúrio. Ao caminhar para o norte, de volta para a abertura da cabana de rádio, algo tremeluziu no meio do nada, tão fracamente que pensou primeiro que fosse um fenômeno ótico parecido com o efeito do silêncio sobre seus ouvidos, alguma coisa bioelétrica acontecendo dentro de seus globos oculares. Não; lá estava ele, o horizonte, uma bainha escura, marcada por uma fita nada imaginária de ouro pálido. Era tão leve quanto o clarão de uma ideia que começava a se formar, naquele momento, na cabeça de Joe.

— A primavera — disse Joe. O ar frio amarrotou a palavra como papel de embrulho de peixe.

Quando voltou à cabana do rádio, desencavou um aparelho portátil que o radiotelegrafista de primeira classe Burnside estava

planejando reparar, plugado no ferro de soldagem, e, depois de umas poucas horas de trabalho, conseguiu consertar um aparelho que podia dedicar exclusivamente ao monitoramento das transmissões da estação alemã que, transpirou, estava sob o comando direto do gabinete de Göring e se referia a si mesma como Jotunheim. O homem que fazia as transmissões era muito cuidadoso em ocultá-las e, depois da explosão inicial que Joe captara por acaso, limitou-se a relatos mais econômicos e factuais, mas não menos angustiados, sobre o tempo e as condições atmosféricas; mas, com paciência, Joe pôde localizar e transcrever o que ele calculou como sendo 65% do tráfego entre Jotunheim e Berlim. Acumulou informação suficiente para confirmar a localização no trigésimo meridiano, na costa da Terra da Rainha Maud, e para concluir que o grosso da sua empreitada, pelo menos até agora, era de caráter puramente científico e de observação. No curso de duas semanas de meticoloso monitoramento, pôde chegar a um número de conclusões positivas e acompanhar um drama que se desdobrava.

O autor destas torturadas transmissões era um geólogo. Interessava-se por questões como formações de nuvens e mecanismo dos ventos, e podia ser também um meteorologista, mas era principalmente um geólogo. Estava sempre importunando Berlim com detalhes de seus planos para a primavera, os depósitos de xisto e de carvão que pretendia arrancar da terra. Tinha só dois companheiros em Jotunheim. Um levava o codinome de Bouvard e o outro de Pécuchet. Havia começado a temporada exatamente na mesma época que seus rivais americanos, de cuja existência tinham pleno conhecimento, embora parecessem não ter nenhuma ideia da tragédia que havia ocorrido na Estação Kelvinator. Seu número fora reduzido, também, mas só por um homem, um radiotelegrafista e operador do código Enigma que sofrerá um colapso nervoso e fora levado com o grupo militar quando este partiu para o inverno; apesar do risco de exposição sem transmissões codificadas, o ministério não vira razão para forçar soldados a passarem o inverno ali quando não haveria nem oportunidade, nem necessidade, de soldados. O grupo militar deveria voltar em 18 de setembro, ou assim que pudesse atravessar pelo gelo.

No 11º dia depois que Joe descobriu Jotunheim, por motivos que o Geólogo, diante de intensa pressão e ameaças do ministério, se recusava a caracterizar senão como “incongruentes”, “inadequados” e “de natureza íntima”, Pécuchet atirou em Bouvard e depois voltou a arma sobre si mesmo. A mensagem anunciando a morte de Bouvard três dias depois estava cheia de intimações de ruína iminente que Joe reconheceu com um calafrio. O Geólogo também sentira aquela presença ociosa num véu de poeira cintilante nas franjas do seu acampamento, esperando pelo seu momento.

Todas estas peças, durante duas semanas, foram juntadas por Joe em segredo e guardadas para si. Dizia para si mesmo, cada vez que sintonizava o que veio a chamar de Rádio Jotunheim, que só ouviria um pouco mais, acrescentaria mais um pouco de informação, e então passaria tudo o que tinha para o Comando. Certamente não era isso o que os espões faziam? Melhor juntar tudo e então correr o risco de transmitir, do que se revelar ao Geólogo e seus amigos antes de ter adquirido a visão completa. O chocante assassinato-suicídio, que trazia de novo a morte ao continente, parecia colocar um ponto nas coisas, porém, e Joe datilografou um minucioso relatório que, cômico como sempre do seu inglês, revisou várias vezes. Então se sentou diante do consolo. Enquanto nada o teria agradado mais do que alvejar na cabeça este Geólogo arrogante e lânguido, chegara a se identificar tão fortemente com o inimigo que, quando se preparava para revelar a existência do homem ao Comando, sentia uma estranha relutância, como se, ao fazê-lo, estivesse traindo a si mesmo.

Enquanto tentava decidir o que fazer com seu relatório, o desejo de vingança, de uma expiação final de culpa e responsabilidade, que fora a única motivação da existência de Joe desde a noite de 6 de dezembro de 1941, recebeu o impulso final que requeria para sentenciar o Geólogo.

A chegada da primavera trouxera outra temporada de caça às baleias e com ela uma nova campanha dos barcos submarinos. *U-1421*, em particular, vinha atormentando o tráfego na passagem Drake, dos Aliados e dos neutros, num momento em que a carência do óleo de baleia poderia representara diferença entre a vitória ou a derrota na Europa para cada lado. Joe vinha fornecendo ao Comando interceptações de transmissões radiofônicas do *U-1421* havia meses, bem como proporcionando informação direcional dos sinais do submarino. Mas as forças do Atlântico Sul D/F eram, até recentemente, incompletas e provisórias, e nada resultara dos esforços de Joe. Esta noite, porém, ao captar uma explosão de tagarelice no aparelho DAQ radiogoniômetro para sinais de alta frequência que, mesmo em seu estado criptografado, ele podia identificar como originada no *U-1421*, havia dois outros postos de escuta sintonizados enquanto fazia seu relatório. Quando Joe forneceu suas leituras no sinal do equipamento HF/DF de Kelvinator, em sua gaiola no topo da antena norte, uma triangulação foi feita no Centro de Guerra Submarina em Washington. A posição resultante, a latitude e longitude, foram fornecidas pela Marinha britânica, e a esta altura uma equipe de ataque foi despachada das ilhas Falkland. As corvetas e caça-submarinos encontraram o *U-1421*, foram atrás dele e o cobriram de bombas e cargas de profundidade até que nada restou dele além de um borrão de óleo negro rabiscado na superfície da água.

Joe exultou com o afundamento do *U-1421* e com o papel que desempenhou. Espojou-se no feito, indo até ao extremo de se permitir imaginar que poderia ter sido este o barco que mandara o *Arca de Miriam* para o fundo do Atlântico em 1941.

Trotou ao longo do túnel até o refeitório e, pela primeira vez em mais de duas semanas, encheu e acionou o derretedor de neve e tomou um banho de chuveiro. Preparou uma frigideira de presunto e ovos mexidos e estreou uma nova *parka* e um novo par de botas de couro de foca. A caminho do hangar, foi obrigado a passar pela porta do Waldorf e pela entrada da Cidade-dos-Cães. Fechou os olhos e passou correndo. Não notou que os caixotes dos cães estavam vazios.

O sol, inteiro, um disco vermelho pálido, pairava a dois centímetros do horizonte. Olhou para ele até que sentiu as faces enregeladas. Ao afundar lentamente para baixo da barreira, um adorável crepúsculo nas cores salmão e violeta começou a se desenhar. Então, como para garantir que Joe não perdesse o sentido daquilo, o sol se levantou uma segunda vez e voltou a despedir-se numa explosão desbotada mas ainda muito bonita de rosa e lavanda. Sabia que era apenas uma ilusão de ótica, provocada por distorções na forma do ar, mas aceitou-a como um augúrio e uma exortação.

— Shannenhause — gritou. Descera num tropel os degraus sem dar ao piloto qualquer aviso e o acabou apanhando num dos raros períodos de sono. — Acorde, é dia! É primavera! Vamos!

Shannenhause tropeçou para fora do avião, que brilhava soturnamente com sua couraça esticada e luzidia de peles de foca.

— O sol? — perguntou. — Tem certeza?

— Você acabou de perdê-lo, mas ele vai voltar em vinte horas.

Uma suavidade apareceu nos olhos de Shannenhause que Joe reconheceu dos seus primeiros dias no Gelo há muito tempo atrás.

— O sol — disse. E então: — O que é que você quer?

— Quero matar o Alemão.

Shannenhause cerrou os lábios. Sua barba tinha trinta centímetros agora, seu cheiro era violento, penetrante, quase senciente.

— Está bem — falou.

— Este avião é capaz de voar ou não?

Joe caminhou ao redor da cauda, para estibordo do aparelho, onde notou que as peles que cobriam a parte da frente da fuselagem eram de uma cor muito mais clara e de uma diferente textura daquelas de bombordo.

Empilhados numa pirâmide perfeita ao lado do avião, como carga aguardando para ser embarcada, estavam os crânios de 17 cachorros.

Wahoo Fleeer, seu oficial-comandante morto, estivera na base Pequena América com Richard Byrd em 1933 e novamente em 1940. Quando percorreram os seus arquivos, encontraram planos detalhados e ordens para voos transmontanos na Antártida. Em 1940 o próprio capitão Fleeer voara sobre parte do território que eles iam atravessar para matar o Geólogo, sobre as montanhas Rockefeller, sobre os baixios Edsel, até a magnífica e fragmentada vastidão da Terra da Rainha Maud. Ele fizera listas cuidadosamente datilografadas das coisas que um homem devia carregar.

- 1 picareta de neve
- 1 par de sapatos para a neve (raquetes)
- 1 rolo de papel higiênico
- 2 lenços

A grande ansiedade de tal voo era a possibilidade de uma aterrissagem forçada. Se caíssem, estariam sozinhos e sem muita esperança de resgate no centro magnético do próprio nada. Teriam de batalhar a pé o caminho de volta até a Estação Kelvinator, ou seguir adiante para Jotunheim. O capitão Fleeer tinha datilografado listas do equipamento de emergência de que precisariam em tal caso: barracas, fogareiros Primus, facas, serras, machado, corda, ganchos de alpinismo. Trenós que teriam de puxar eles mesmos. Tudo tinha de ser estudado segundo o peso que acrescentaria à carga útil.

- Agasalho de motor e maçarico 1,8 kg
- 2 sacos de dormir de pele de rena 8,2 kg
- Pistola de foguete sinalizador e oito cartuchos 2,2 kg

A precisão e ordem das instruções do capitão Fleeer teve um efeito positivo em suas mentes, como o retorno do sol e a ideia de matar um dos inimigos. Retomaram a companhia um do outro. Shannenhause deixou o hangar e Joe mudou seu colchonete e saco de dormir para o refeitório. Nada falaram sobre o seu mergulho, nos últimos três meses, em algum antigo desespero mamífero. Juntos saquearam a escrivaninha de Wahoo Fleeer. Encontraram uma pequena notícia decodificada do Comando, recebida no outono anterior, passando adiante uma informação não confirmada de que poderia ou não haver

uma instalação alemã no Gelo, com o codinome de Jotunheim. Acharam um exemplar do Livro dos Mórmons e uma carta assinalada “Na eventualidade de minha morte”, que se acharam no direito, mas sem o ânimo, de abrir.

Shannenhouse tomou um banho de chuveiro. Isto exigiu o derretimento de vinte quilos de blocos de gelo que Joe, gemendo e praguejando em três línguas, cortou e enfiou com uma pá, um a um, no derretedor no telhado do refeitório, cuja coalheira de zinco, como a campana de um gramofone, irradiava a voz fina e esganiçada do piloto cantando *Nearer My God To Thee*. Falaram pouco, mas suas conversas eram amistosas, e no decorrer da semana haviam recuperado o ar de companheirismo deliberado que fora universal entre os homens antes do desastre do Wayne. Era como se tivessem esquecido que voar sem nenhum apoio e sozinhos através de 1.500 quilômetros de um campo de neve e geleira assolados por tempestades para atirar num solitário cientista alemão fora sua própria ideia.

— Que tal enfrentar um bom turno de dez ou doze horas de, ora, digamos, *limpar a neve com pás*? — gritavam um para o outro do seu beliche de manhã, depois de terem passado os cinco dias anteriores fazendo somente isto, como se algum superior cruel os tivesse designado para o castigo da pá e fossem apenas uns sujeitos sem sorte forçados a obedecer à ordem e escavar o hangar e a garagem do trator. À noite, quando voltavam doloridos, os rostos e os dedos escalavrados pelo frio, para os túneis, enchiam o refeitório com os gritos de “Rações de uísque!” e “Bifes para os homens!”.

Assim que desencavaram o trator de neve, foi preciso um dia inteiro de lanternagem e de aquecimento das várias peças do seu teimoso motor Kaiser para que voltasse a funcionar. Perderam um dia inteiro rolando com ele trinta metros sobre neve plana da garagem até o hangar. Perderam outro dia quando o guincho do trator falhou e o Condor, que tinham conseguido rebocar até a metade do caminho na rampa de neve que haviam construído, se soltou e deslizou de volta para o Hangar, cortando a ponta de sua asa esquerda inferior. Isto exigiu outros três dias de consertos e então Shannenhouse veio até o refeitório onde Joe estava com um manual da Real Polícia Montada do Canadá aberto no capítulo intitulado “Algumas particularidades da manutenção do trenó” e se esforçava para garantir que os trenós puxados por humanos estivessem adequadamente atrelados. CERTIFIQUE-SE DE QUE OS TRENÓS ESTÃO ADEQUADAMENTE ATRELADOS era o item 14 na Lista de Conferência Pré-Voo do capitão Fleeer. Três línguas não foram suficientes para suas necessidades de xingamento.

— Estou sem cães — disse Shannenhouse. A nova ponta que ele tinha enxertado na asa do Condor precisava ser coberta e

impermeabilizada até o final do revestimento, do contrário o avião não levantaria voo.

Joe olhou para ele, pestanejando, tentando entender o que queria dizer. Era o dia 12 de setembro. Em poucos dias, talvez, se pudesse romper o gelo que derretia, um navio com soldados e aviões estaria voltando a Jotunheim e se eles não conseguissem voar até então sua missão teria de ser cancelada. Isso era parte do que Shannenhause queria dizer.

— Você não pode usar os homens — disse Joe.

— Não estava sugerindo isso — disse Shannenhause. — Embora eu estivesse mentindo, Tonto, se dissesse que o pensamento não me ocorreu.

Afagou as costeletas, olhando para Joe; ainda não tinha raspado sua barba de urso avermelhada. Seus olhos rolaram para o beliche de Joe, onde Ostra dormia.

— Tem o Mexilhão — disse.

Deram um tiro em Ostra. Shannenhause atraiu para fora o cão, vagamente desconfiado, com uma barra de bife de lombo congelada e então colocou uma bala à queima-roupa entre o olho bom e a pérola. Joe não pôde suportar o espetáculo; ficou deitado no beliche completamente vestido, com sua *parka* fechada pelo zíper até o pescoço, e chorou. Toda a grosseria anterior de Shannenhause tinha desaparecido; respeitava a dor de Joe diante do sacrifício do cão e executou sozinho o sinistro trabalho de tirar a pele, esfolar e curtir. No dia seguinte, Joe tentou se esquecer de Ostra e entregar-se a pensamentos de vingança e ao tédio estupendo da aventura. Checou várias vezes seu equipamento com as listas do capitão Fleer. Achou e retirou a picareta de gelo que havia caído na caixa de câmbio do guincho do trator. Encerrou os esquis e verificou as fixações. Arrastou os trenós para fora dos túneis, desfez os arreios e ajeitou-os de novo à maneira da Polícia Montada. Cozinhou bife e ovos para si e para Shannenhause. Tirou os bifos da frigideira salgada, colocou-os fumegando em dois grandes pratos de metal e untou a frigideira com uísque. Colocou fogo no uísque e depois apagou a chama. Shannenhause chegou cheirando a carne esfolada. Recebeu agradecido o prato de Joe, sua expressão solene.

— Deu bem justo, na conta — disse.

Joe pegou seu prato, sentou-se à mesa do capitão e, esperando absorver do instrumento um pouco da meticulosidade do capitão, datilografou a seguinte declaração:

Para aqueles que vierem em busca do tenente John Wesley Shannenhause (j.g) e do radiotelegrafista de segunda-classe Joseph Kavalier:

Peço desculpas por nossa presença estar em outra parte e provavelmente a bem da verdade morta.

Confirmamos o estabelecimento de uma base militar e científica alemã localizada na Terra da Rainha Maud, também conhecida como Neuschwabenland. Esta base é atualmente mantida por um único homem. (Confiram, por favor, as transcrições anexas, transmissões de rádio interceptadas A-RRR, 1.viii.44-2.ix.44.) Como somos dois, a situação parece clara.

Aqui Joe parou de datilografar e ficou sentado mastigando por um minuto um pedaço de bife. A situação estava longe de parecer clara. O homem que iam matar nada tinha feito para ameaçar nenhum deles. Não era um soldado. Era improvável que tivesse qualquer envolvimento, exceto o mais tangencial e metafísico, com a construção da casa da bruxa em Terezin. Nada tivera a ver com a tempestade nos Açores ou o torpedo que abrira um buraco no casco do *Arca de Míriam*. Mas estas coisas tinham, de qualquer modo, feito Joe desejar matar alguém e ele não sabia quem mais matar.

Àqueles que com toda a razão investigarem nossos motivos ou autoridade na execução desta missão,

Parou de datilografar de novo.

— Johnny — falou. — Por que você está fazendo isto?

Shannenhause ergueu os olhos de um exemplar velho de nove meses de *Só Garotas*. Limpo e barbudo, parecia um daqueles rostos que alinhavam o saguão principal do velho ginásio de Joe, os retratos dos antigos diretores, homens severos e morais, não assolados pela dúvida.

— Vim aqui para voar em aviões — disse.

que não persistam dúvidas de que pensamos apenas em servir nosso país (de adoção, no meu caso).

Por favor cuidem dos homens nos alojamentos que estão mortos e congelados.

Respeitosamente,

Joseph Kavalier, radiotelegrafista de segunda-classe.

12 de setembro de 1944.

Tirou a folha de papel da máquina de escrever, depois a enfiou de novo no rolo e deixou assim. Shannenhause veio para ler, acenou uma vez com a cabeça e então voltou ao hangar para ver o avião.

Joe deitou-se em seu beliche e fechou os olhos, mas a sensação de algo conclusivo, de colocar suas coisas em ordem, que buscara ao datilografar uma declaração final, começou a escapar-lhe. Acendeu

um cigarro e tragou fundo. Tentou clarear sua cabeça e consciência para que pudesse encarar o dia seguinte e seus deveres sem se deixar perturbar por nenhum escrúpulo ou distração. Quando acabou de fumar, rolou para o lado e tentou dormir, mas a lembrança do olho único e confiante de Ostra não abandonava sua mente.

Virou-se, agitou-se e tentou induzir o sono, como Rosa uma vez lhe ensinara, imaginando que flutuava sobre uma jangada negra numa lagoa negra quente na escuridão uma noite tropical sem lua. Nada havia dentro ou fora dele senão um suave e quente negror. Sentiu-se resvalar para o sono, como areia correndo para o gargalo de uma ampulheta. Neste estado hipnogógico crepuscular começou a imaginar — mas era mais forte do que uma mera imaginação, era como se estivesse se lembrando do fato, acreditando nele — que Ostra fora capaz de falar, que possuía uma voz doce, calma, melancólica capaz de expressar razão, paixão e cuidado, e que agora ele não conseguia afastar a voz do cachorro morto de seus ouvidos. Tínhamos tanto para dizer um ao outro, pensou. Que vergonha que só percebi isto agora. Então, no instante antes de adormecer, um latido agudo soou dentro do seu ouvido e ele se ergueu e ficou sentado na cama, o coração galopando. Percebeu que não era o amor traído de Ostra, mas de alguém mais querido e perdido para ele, que o perseguia e o impedia de fazer as pazes com a possibilidade de sua própria morte.

Rastejou até o pé do beliche, abriu seu baú e tirou o grosso maço de cartas que recebera de Rosa desde o seu alistamento no final de 1941. As cartas o seguiam, irregulares mas constantes, do treinamento básico em Newport, Rhode Island, até a estação polar de treinamento da Marinha em Thule, Groenlândia, até a baía de Guantánamo, Cuba, onde passou o outono de 1943 enquanto a missão de Kelvinator era organizada. Depois disto, como nunca havia nenhuma resposta do endereçado, não houve mais cartas. A correspondência dela tinha sido como o bombeamento de um coração numa artéria seccionada, impetuosa e incessante no início, depois mais lenta com uma espécie de relutância muscular num fluxo que se tornava um filete e finalmente cessava; o coração tinha parado.

Pegou o canivete que Thomas lhe dera de presente e que certa vez salvara a vida de Salvador Dalí e abriu a primeira das cartas.

Querido Joe,

Gostaria que pudéssemos pelo menos nos ter despedido antes de você deixar Nova York. Acho que entendo por que fugiu. Estou segura de que deve me culpar pelo que aconteceu. Se eu não o tivesse levado até Hermann Hoffman, então seu irmão não estaria naquele navio. Não sei o que teria acontecido com ele, de qualquer maneira. E nem você sabe. Mas aceito e entendo que me

responsabilize. Suponho que eu poderia ter fugido, também.

Sei que ainda me ama. É uma questão de fé para mim que você me ama e me amará sempre. E parte meu coração pensar que talvez a gente possa nunca mais se ver ou se tocar. Porém ainda mais doloroso para mim é o pensamento — a certeza que tenho — de que neste momento você deseja que nunca nos tivéssemos conhecido. Se isto é verdade, e sei que é, então desejo a mesma coisa. Porque saber que você é capaz de se sentir assim faz tudo o que tivemos parecer que não valeu para nada. Foi tudo tempo perdido. Isto é algo que jamais aceitarei, ainda que seja verdade.

Não sei o que vai acontecer a você, a mim, ao país ou ao mundo. E não espero que responda a esta carta, porque posso sentir sua porta batendo na minha cara e sei que está batendo e se fechando. Mas amo você, Joe, com ou sem seu consentimento. É por isso que pretendo escrever para você — com ou sem o seu consentimento. Se não quiser saber de mim, simplesmente jogue fora esta e todas as outras cartas que a seguirem. Pelo que sei, estas próprias palavras jazem no fundo do mar.

Preciso ir agora. Amo você.

Rosa

Ele leu todas as outras cartas depois disto, continuando na ordem cronológica. Na segunda carta ela mencionava que Sammy deixara seu emprego na Empire e fora trabalhar para Burns, Baggot & DeWinter, a agência de publicidade que cuidava da conta dos Lanifícios Oneonta. De noite, voltava para casa e trabalhava no seu romance. Então, na quinta carta, Joe ficou surpreso ao saber que, numa cerimônia civil no dia de Ano-Novo de 1942, Rosa se casara com Sammy. Depois disto, havia um vazio de três meses e Rosa escrevia para contar que ela e Sammy tinham comprado uma casa em Midwood. Então havia outra brecha de uns poucos meses e, em setembro de 1942, ela escrevia com a notícia de que dera à luz um filho de 3,230 kg e que, em homenagem ao irmão perdido de Joe, tinham dado ao bebê o nome de Thomas. Ela o chamava de Tommy. Cartas subsequentes davam notícias e detalhes das primeiras palavras, dos primeiros passos do pequeno Tommy, de suas doenças e de seus prodígios — à idade de 14 meses ele desenhara um círculo reconhecível com uma caneta. O recorte de papel do jogo de mesa do restaurante de Jack Dempsey em que desenhara estava incluído no envelope. Era trêmulo e mal fechado, mas era, como dizia Rosa na carta, redondo como uma bola de beisebol. Havia um única foto da criança, de camiseta e fralda, apoiando-se numa mesa sobre a qual estavam espalhadas algumas revistas em quadrinhos. Sua cabeça era grande, luminosa e pálida como a lua, sua expressão ao mesmo tempo espantada e hostil, como

se a câmara o assustasse.

Tivesse Joe lido as cartas de Rosa à medida que chegavam, com vácuos de semanas e meses entre elas, poderia ser enganado pela falsificação da data de nascimento do bebê Thomas, mas lidas todas ao mesmo tempo — como uma espécie de narrativa contínua — as cartas traíam inconsistência suficiente no seu relato de meses e datas para que Joe se tornasse desconfiado e sua pontada inicial de ciúme e profundo espanto com relação ao casamento apressado de Rosa com Sammy levou a um triste entendimento. As cartas eram como fragmentos de um romance antiquado — continham não só um misterioso nascimento e um casamento questionável, mas também um par de mortes. Na primavera de 1942, a velha sra. Kavalier morrera durante o sono à idade de 96 anos. E então uma carta do final do verão de 1943, pouco depois da chegada de Joe a Cuba, relatava o destino de Tracy Bacon. O ator ingressara na Força Aérea do Exército pouco após completar o segundo seriado do Escapista, *O Escapista e o Eixo da Morte*, e fora embarcado para as ilhas Salomão. No início de junho, o bombardeiro Liberator, do qual Bacon era copiloto, foi derrubado durante um ataque em Rabaul. No final desta carta, a última do pacote, havia um breve pós-escrito de Sammy. *Olá, amigo* era tudo o que dizia.

Até agora, Joe dizia a si mesmo que enterrara seu amor por Rosa no mesmo buraco profundo em que depusera a dor por seu irmão. Ela estava certa: imediatamente depois da morte de Thomas, ele a culpava, não só por tê-lo apresentado a Hermann Hoffman e ao seu maldito navio, mas também, mais vaga e crucialmente, por tê-lo levado a trair a unidade de propósito — o cultivo obstinado de uma raiva pura e inabalável — que marcara seu primeiro ano de exílio de Praga. Ele praticamente abandonara a luta, deixara seus pensamentos se afastarem fatalmente da batalha, traíra a si mesmo em troca das tentações de Nova York, de Hollywood e de Rosa Saks — e fora punido por aquilo. Embora sua necessidade — na verdade, sua capacidade — de culpar Rosa por tudo isso tivesse passado com o tempo, sua resolução renovada da ânsia de vingança, que aumentava de intensidade à medida que eram frustradas cada vez mais pelos planos inescrutáveis da Marinha dos Estados Unidos, enchia de tal maneira seu coração que acreditava que seu amor estivesse completamente extinto, como uma grande fogueira pode apagar outra menor privando-a de oxigênio e combustível. Agora, ao devolver a última carta ao pacote, estava quase morrendo de saudades da sra. Rosa Clay, da Van Pelt Street, em Midwood, Brooklyn.

Sammy certa vez lhe falara da cápsula que haviam enterrado na Feira Mundial em que itens típicos da época e do local — algumas meias de náilon, uma cópia de ... *E o vento levou*, uma caneca de

Mickey Mouse — tinham sido enterrados para ser resgatados e apreciados por todas as pessoas de alguma Nova York reluzente do futuro. Agora, ao ler estes milhares de palavras que Rosa havia escrito para ele, e sentir a voz dela, rouca e melancólica, soar em seus ouvidos, suas memórias enterradas de Rosa eram içadas como de um poço profundo dentro do seu ser. O cadeado da cápsula foi quebrado, os ferrolhos arrancados, a tampa aberta e, com um sopro espectral de lírio-do-vale e um farfalhar de mariposas, ele se lembrou — permitiu-se desfrutar uma última vez — da viscosidade e do peso de sua coxa atravessada sobre a barriga dele no meio de uma noite quente de agosto, de sua respiração no alto da cabeça dele e da pressão dos seus seios contra seu ombro enquanto aparava os cabelos dele na cozinha do seu apartamento na Quinta Avenida, do murmúrio e do brilho do quinteto A Truta tocando ao fundo enquanto o cheiro de sua vagina, rico e levemente enfumaçado como cortiça, perfumava uma hora ociosa na casa do seu pai. Relembrou a doce ilusão de esperança que seu amor por ela lhe trouxera.

Quando terminou a última carta, colocou-a de volta no envelope. Voltou à máquina de escrever de Wahoo Fleer, tirou a declaração que havia feito e colocou-a cuidadosamente sobre a mesa. Então pôs uma folha em branco no rolo e datilografou:

Para ser entregue à sra. Rosa Clay do Brooklyn, EUA.

Querida Rosa,

Não foi culpa sua; não a culpo. Por favor, desculpe-me por ter fugido e lembre-se de mim com amor como eu me lembro de você e de nossa época de ouro. Quanto à criança, que só pode ser nosso filho, eu desejo

A esta altura não sabia como continuar. Estava perplexo com o curso que a vida podia tomar com a maneira como as coisas que uma vez pareciam afetá-lo tanto — na verdade, revolver em torno dele — podiam acabar nada mais tendo a ver com ele. O nome do garotinho, e seu olhar sério e espantado na fotografia, tocaram em algum lugar dentro de Joe que estava tão quebrado e em carne viva que considerou uma espécie de perigo mortal pensar na criança por muito tempo. Como não planejava voltar vivo, de um jeito ou de outro, da viagem a Jotunheim, disse a si mesmo que o menino ficaria muito melhor sem ele. Tomou sua decisão sem mais demora, sentado à mesa do capitão morto, de que, na eventualidade improvável de seu plano falhar e ele se encontrar ainda vivo no final da guerra, jamais teria algo a ver com qualquer um deles, mas, em particular, com este sóbrio e afortunado menino americano. Tirou a carta da máquina e dobrou-a num envelope no qual datilografou as palavras “Na eventualidade

também de minha morte”. Colocou o envelope debaixo daquele em que o capitão Fleer tornava conhecidos seus desejos finais. Amarrou o pacote de cartas e de fotografias de Rosa e os enfiou, de uma só vez, no Wayne. Então pegou seu saco de dormir e foi à cabana de rádio para ver se conseguia sintonizar a Rádio Jotunheim.

Shannenhouse passou um minuto observando o céu sem nuvens, o vento leve do sudeste. Havia um meteorologista na estação, Brodie, mas mesmo quando ainda era vivo Shannenhouse desdenhava dos seus pareceres, concordando com seu velho amigo Lincoln Ellsworth de que ninguém sabia prever o tempo num lugar destes. Assim que conseguissem tirar o avião do chão, podiam ir embora. Ele se queixava de problemas nos intestinos e Joe disse depois no seu relatório ter notado que Shannenhouse parecia um pouco pálido, mas atribuiu isso à bebida. Deslocaram o trator até a rampa mais uma vez e engancharam o avião nele. Desta vez o guincho comportou-se corretamente e trouxeram o avião para fora. Enquanto Shannenhouse começava o trabalho de esquentar os motores e preparar o avião, Joe embarcava o equipamento. Fecharam todos os alçapões nos edifícios e deram uma olhada no lugar que tinha sido o seu lar durante os últimos nove meses.

— Vou ficar feliz em sair daqui — disse Shannenhouse. — Só desejava que a gente estivesse indo para um lugar diferente.

Joe foi até a ponta da asa onde estava Ostra. Em sua pressa, Shannenhouse não fizera um trabalho particularmente bom e a pele parecia mal curtida e um pouco frouxa e preguiçosa sobre a armação. Todo o aeroplano tinha uma aparência pintalgada, manchas marrom-avermelhadas de foca costuradas sobre um fundo prata-acinzentado, como se tivesse sido salpicado de sangue. Onde estavam as peles de cachorro, o avião parecia desbotado e doentio.

— É agora ou nunca, Tonto — disse Shannenhouse. Apertou o lado do corpo com uma mão.

Trinta segundos depois, estavam aos solavancos e raspões sobre um terreno pontiagudo e brilhante como açúcar-cande e de repente algo pareceu colocar a mão em concha debaixo deles e erguê-los para os céus. Shannenhouse soltou um grito de caubói, um pouco timidamente.

— Ele nunca vai saber o que foi que o atingiu — gritou acima do dueto em *basso profundo* dos grandes Cyclones gêmeos.

Joe nada falou. Nunca disse a Shannenhouse que na noite anterior, pouco antes de se recolher ao seu saco de dormir, havia rompido a fictícia barreira invisível que até então fora mantida entre a Estação Kelvinator e Jotunheim, transmitindo as seguintes seis palavras para o

Geólogo, em alemão não codificado, numa das frequências usadas regularmente por Berlim para contatá-lo:

ESTAMOS A CAMINHO PARA PEGAR VOCÊ

Jamais poderia ter deslindado — a ponto de explicá-lo para Shannenhause — o nó mágico de piedade, remorso e um desejo de atormentar e aterrorizar que o levava a fazer esta advertência. Em todo caso, seria supérfluo tentar uma vez que no terceiro dia de sua jornada, numa barraca erguida num platô a sotavento das montanhas da Eternidade, o apêndice de Shannenhause estourou.

O avião malhado, com problemas, tossindo, soltando um longo rastro negro do seu motor de bombordo, pairou no céu por um momento uns trinta metros a oeste de Jotunheim, como se o piloto duvidasse de seus olhos, como se a sucessão de montículos oblongos amontoados na neve, o negro topo da torre de rádio e a bandeira carmesim com seu olho de aranha endurecida pelo gelo fossem meramente outras numa fileira de miragens, os aeroplanos fantasmas e castelos encantados de fatamorgana que o haviam enfeitiçado no curso do seu voo vacilante e malogrado. Pagou por este momento de hesitação: seu motor remanescente afogou. O avião mergulhou, sacudiu para cima, oscilou e caiu, em silêncio e com surpreendente lentidão, como uma moeda derrubada numa jarra de água. O avião atingiu o solo e, com um sussurro, a neve explodiu. Um grande capuz de borribo cintilante, lançado pelo nariz do aparelho enquanto sulcava o chão, encapelou-se e arrastou-se na derrubada. Os sons de madeira estilhaçada e de parafusos de aço arrancados foram captados e abafados na turva espuma de neve. O silêncio aprofundou-se, rompido apenas por um suave tinido de chaleira e o rasgar de pano enquanto uma seção dilacerada do revestimento da fuselagem batia ao vento.

Poucos momentos depois, uma cabeça apareceu no alto da esteira irregular de gelo e neve que a aterrissagem forçada empilhara ao lado do aeroplano. Estava encapuzada, o rosto oculto por uma gola de pele de carcaju.

O Geólogo alemão, cujo nome era Klaus Mecklenburg, e que vinha emergindo de seus alojamentos solitários para observar os céus sobre Jotunheim em intervalos regulares de vinte minutos, ergueu a mão esquerda, os dedos da luva de pele de rena estendidos. O cumprimento tinha uma aparência um tanto incongruente uma vez que, na outra mão, apontada frouxamente mas em geral na direção da cabeça coberta de pele do piloto, segurava uma pistola regulamentar Walther calibre .45. Não dormira nada nos cinco dias desde que recebera a mensagem que identificara como tendo por origem a base americana na Terra de Marie Byrd e não havia dormido bem durante quase dois meses antes disto. Estava bêbado, cheio de anfetaminas e sofria os efeitos de um cólon espasmódico. Manteve a arma apontada para o homem que vinha na sua direção sobre o gelo, vendo se outras cabeças apareciam, cômico do tremor de sua mão, sabendo que teria

tempo de dar apenas um ou dois tiros antes que os outros o derrubassem.

O americano havia percorrido a metade dos cem metros que os separavam antes que o Geólogo começasse a se perguntar se não seria o único sobrevivente da queda. Veio cambaleando, arrastando a perna direita atrás de si, a abertura do seu capuz apontada bem para a frente, como se não esperasse ser seguido ou receber ajuda. Enfiara os braços no casaco para aquecê-los e, com o rosto invisível dentro do buraco de pele do capuz, e uma ginga maluca de espantalho, a visão das mangas drapejando dos lados do homem enervou o Geólogo. Era como se estivesse sendo caçado por uma *parka* cheio de ossos, o fantasma de alguma expedição fracassada. O Geólogo ergueu a arma, estendendo o braço, e mirou diretamente para o vapor que emergia do centro do capuz. O americano parou e sua *parka* começou a se amarrotar e a se contorcer enquanto ele lutava para botar os braços para fora. Acabava de passar as mãos através dos punhos de suas mangas quando o primeiro tiro o atingiu no ombro e o fez rodar.

Mecklenburg atirara em passarinhos e esquilos quando garoto, mas nunca dera um tiro de pistola antes e seu braço vibrou de dor, como se o frio houvesse congelado o braço e o coice da arma o estilhaçasse. Rapidamente, antes que a dor, o medo e a dúvida de suas ações pudessem paralisá-lo, descarregou o resto do pente de balas. Só depois que o esvaziou percebeu que estivera atirando com os olhos fechados. Quando os abriu de novo, o americano estava parado diretamente à sua frente. Empurrou para trás o círculo de pele e seus cabelos e sobrancelhas, umedecidos pela condensação da respiração dentro do capuz, começaram imediatamente a cobrir-se de orvalho congelado. Era surpreendentemente jovem apesar de sua barba, com um rosto aquilino elegante.

— Fico muito feliz de estar aqui — disse o americano em alemão impecável. Sorriu. O sorriso permaneceu por um instante como se fixado por arames. Havia um visível furo negro no ombro da *parka*. — O voo foi difícil.

Colocou o braço direito dentro da *parka* de novo por um momento. Quando a mão reapareceu, segurava uma pistola automática. O americano ergueu a arma para cima através do peito, como se fosse atirar para o céu e então seu braço virou. O Geólogo deu um passo para trás, retesou-se e arremeteu sobre o americano, tentando agarrar a arma. Ao fazer isto, percebeu que havia interpretado mal a situação, de certa forma, que o americano estava no ato de jogar a pistola para o lado, que sua aparência isenta de ameaça e até mesmo melancólica não era uma artimanha elaborada, mas apenas o alívio, atordoado e inseguro, de alguém que havia sobrevivido a uma provação e se sentia simplesmente, como havia sugerido, contente por estar vivo.

Mecklenburg sentiu um súbito e agudo arrependimento diante de sua própria postura, pois era um homem pacífico e erudito que sempre deplorara a violência e, além do mais, que gostava dos americanos e os admirava, tendo conhecido, no curso de sua carreira científica, um bom número deles. Homem gregário, quase morrera de solidão no último mês, e agora um menino havia caído do céu, um jovem inteligente e capaz, com quem podia discutir, em alemão, ainda por cima, Louis Armstrong e Benny Goodman, e agora Mecklenburg dera um tiro nele — esvaziara seu pente de balas — neste lugar onde a única esperança de sobrevivência, como vinha defendendo há muito tempo, era a cooperação amigável entre as nações.

Uma sineta afinada em dó sustenido soou em seus ouvidos e, com estranha sensação de alívio, sentiu os intestinos atormentados esvaziarem-se em suas calças. O americano apanhou-o em seus braços, parecendo espantado, desamparado e triste. O Geólogo abriu a boca e sentiu a bolha da sua saliva congelar sobre os lábios. Que hipócrita eu fui!, pensou.

Joe levou quase meia hora para arrastar o alemão através dos vinte metros que os separavam do alçapão de entrada de Jotunheim. Era um terrível desgaste de força e vontade, mas sabia que encontraria suprimentos médicos dentro da estação e estava decidido a salvar a vida do homem que, apenas cinco dias antes, partira para matar atravessando 1.500 quilômetros de gelo inútil. Precisava de benzoína, algodão, um hemostato, agulha e linha. Precisava de morfina, cobertores e da chama avermelhada de uma sólida estufa alemã. O choque e a fragrância de vida, vida vermelha e fumegante, que exalava do rastro do sangue do alemão na neve era uma vergonha para Joe, a vergonha de algo bonito e inestimável, como a inocência, que o Gelo o levava a trair. Ao buscar sua vingança, ele se aliara ao Gelo, à interminável topografia branca, com os dentes de serra e fissuras da morte. Nada que já havia acontecido a ele, nem o tiro que matou Ostra, ou a lastimável expiração sussurrante de John Wesley Shannenhause, ou a morte de seu pai, ou o confinamento de sua mãe e de seu avô, nem mesmo o afogamento de seu querido irmão, tinha partido o seu coração tão terrivelmente quanto a percepção, a meio caminho do gelado alçapão de zinco da estação alemã, de que arrastava um cadáver atrás de si.

Reivindicações territoriais informais da Alemanha sobre as regiões que margeavam o mar de Weddell foram iniciadas no rastro da expedição Filchner de 1911-13. Drapejando a águia dos Hohenzollerns, o *Deutschland*, sob o comando do dentista e explorador ártico Wilhelm Filchner, havia navegado mais ao sul neste mar nefando do que qualquer outro navio anteriormente, rompendo o seu caminho através da massa de gelo flutuante semipermanente até chegar a uma imensa e impenetrável paliçada de geleira eterna. O *Deutschland* então virou para oeste e navegou por mais cem milhas, sem encontrar uma ruptura ou um ponto de entrada nos penhascos escarpados do baixio que hoje leva o nome de Filchner; os exploradores invariavelmente dão seus nomes aos lugares que os atormentam ou que os matam.

Finalmente, com o término da estação a apenas algumas semanas, chegaram a um lugar, uma fissura na barreira, onde o nível do baixio caía abruptamente a não mais do que uns poucos metros acima do nível do mar. Meia dúzia de âncoras de gelo foram rapidamente fincadas na margem desta enseada, que os exploradores batizaram de baía do Kaiser Guilherme II, e caixotes foram descarregados para a construção de uma base de inverno. Escolheram um local a cerca de cinco quilômetros da margem para a construção de uma cabana à qual deram o nome um tanto pomposo de Augustaburg e prepararam-se para se acocorar na colônia alemã mais meridional até a primavera. Uma série de severos tremores no gelo, alguns durando quase um minuto, e a subsequente separação, testemunhada pela temerosa e ensurdecida tripulação do *Deutschland*, de um colossal iceberg poucos quilômetros a leste do navio, colocaram um fim brusco aos seus planos. Depois de uma semana inquieta gasta em especulações e discussões sobre se estariam sujeitos a ser levados à deriva, abandonaram o acampamento, voltaram para o navio e navegaram no rumo norte para casa. Foram quase que imediatamente bloqueados e passaram o inverno sendo mastigados pelos molares do mar de Weddell até que um tempo mais quente os degelasse e mandasse claudicantes para casa.

Foi na base abandonada por esta expedição que Joseph Kavalier, radiotelegrafista de segunda-classe, foi encontrado pelo quebra-gelos *William Dyer* da Marinha. Ele mantivera contato intermitente com o navio através de um aparelho de rádio portátil, dando leituras mais ou

menos acuradas de sua posição. O comandante Frank J. Kemp, capitão do *Dyer*, anotou em seu diário de bordo que o jovem atravessara considerável provação nas últimas três semanas, sobrevivendo a dois longos voos solo conduzidos com habilidade apenas limitada de pilotagem e tendo um homem agonizante como navegador a uma queda de avião, a um ferimento de bala no ombro, a uma caminhada de 15 quilômetros com um tornozelo fraturado, até esta cidade fantasma de Augustaburg.

Estava vivendo nesta cabana, anotou o comandante Kemp, de carne e biscoitos de latas com trinta anos de idade, sua única companhia o rádio e um pinguim morto, perfeitamente conservado. Sofria dos efeitos de escorbuto, ulcerações causadas pelo frio, anemia e um ferimento mal-curado que somente a incompatibilidade da Antártida com micróbios impedira de infeccionar, talvez fatalmente; também tinha, segundo o médico do navio que o examinou, consumido duas caixas e meia de morfina de trinta anos. Disse que saíra sozinho da estação alemã, rastejando a última parte do caminho, sem nenhuma intenção de chegar a qualquer lugar, porque não podia suportar a proximidade do corpo do homem que alvejara e matara, e topara por acaso com Augustaburg justamente quando suas últimas forças já se exauriam. Foi levado à base da baía de Guantánamo, onde permaneceu sob exame psiquiátrico e investigação por um conselho de guerra até pouco antes do Dia da Vitória na Europa.

Sua alegação de que matara o único ocupante inimigo de uma base antártica alemã a uns 15 quilômetros a leste da cabana onde o encontraram foi investigada e confirmada e, apesar de certas questões levantadas por seu comportamento e por seus métodos, o guarda-marinha Kavalier foi contemplado com a Cruz Naval por Distinção em Serviço.

Em agosto de 1977, uma imensa fatia do baixio Filchner, com 65 quilômetros de largura e quarenta de profundidade, separou-se do corpo principal e derivou para o norte como um enorme iceberg dentro do mar de Weddell, carregando consigo tanto a cabana como os remanescentes ocultos, a uns 15 quilômetros de distância, do sonho polar germânico. Este acontecimento colocou um fim brusco ao turismo em Augustaburg. A Cabana de Filchner tornara-se um ponto de parada obrigatório para os intrépidos turistas que estavam apenas começando a enfrentar as águas coalhadas de banquisas do mar de Weddell. As pessoas costumavam caminhar para fora do vento com seu guia e examinar respeitosamente as pilhas de latas vazias com seus antiquados rótulos da era eduardiana, os mapas, esquis e rifles abandonados, as estantes de béqueres e tubos de ensaio, o pinguim congelado, morto a tiro para exame mas nunca dissecado, como sentinela eterna debaixo de um retrato do Kaiser. Poderiam refletir

sobre o caráter duradouro deste monumento a um fracasso, ou sobre a dignidade e pungência que o tempo pode trazer aos detritos humanos, ou podiam simplesmente se perguntar se as ervilhas e as groselhas nas ordeiras filas de latas nas prateleiras ainda seriam comestíveis e qual seria o seu sabor. Uns poucos poderiam devanear ainda mais um momento, intrigados diante de um enigmático desenho que estava sobre a bancada, feito a lápis de cor, congelado e em péssimo estado por ter sido dobrado e desdobrado muitas vezes. Claramente o trabalho de uma criança, parecia mostrar um homem num *dinner jacket* caindo da barriga de um aeroplano. Embora o paraquedas do homem estivesse muito além do seu alcance, o homem sorria e servia uma xícara de um elaborado serviço de chá, como se desatento à sua situação difícil, ou como se dispusesse de todo o tempo do mundo antes de chegar ao solo.

PARTE VI

**A
LIGA DA CHAVE
DE OURO**

Quando Sammy entrou para acordar Tommy para a escola, encontrou o garoto já de pé, modelando seu tapa-olho no espelho do quarto de dormir. O mobiliário do quarto, um jogo da Levitz — cama, cômoda, o espelho, uma arca com gavetas — tinha um tema náutico: as costas da arca eram forradas com uma carta de navegação das Barreiras Exteriores, os puxadores de latão tinham a forma de rodas de leme, o espelho era emoldurado por amarras. O tapa-olho não destoava de modo algum do local. Tommy experimentava diferentes tipos de disfarces de piratas.

— Já de pé? — disse Sammy.

Tommy quase saltou de dentro da pele; sempre fora uma criança assustadiça. Arrancou o tapa-olho por cima da cabeça morena e cacheada e virou-se, corando intensamente. Estava de posse dos dois olhos; eram de um azul brilhante, com as pálpebras inferiores ligeiramente inchadas. Nada havia, na verdade, de errado com a sua visão. Seu cérebro era uma espécie de quebra-cabeças para Sammy, mas não havia problema com seus olhos.

— Não sei o que aconteceu — disse Tommy. — Só que de repente eu acordei.

Enfiou o tapa-olho no bolso do paletó do pijama. Os pijamas eram decorados com listras vermelhas e pequenos escudetes azuis. Sammy vestia um par de pijamas com escudetes vermelhos e listras azuis. Era uma ideia de Rosa para fomentar um sentimento de ligação entre pai e filho. Como pode atestar qualquer dupla que já vestiu pares de pijamas combinados, era surpreendentemente eficaz.

— Isto é fora do comum — disse Sammy.

— Eu sei.

— Geralmente tenho que explodir uma carga de dinamite para acordar você.

— É verdade.

— Você é como sua mãe neste aspecto. — Rosa ainda estava na cama, enterrada sob uma avalanche de travesseiros. Sofria de insônia e raramente conseguia pegar no sono antes das três ou quatro, mas assim que adormecia era quase impossível despertá-la. Era tarefa de Sammy sair de casa com Tommy nas manhãs de aula. — Na verdade, a única vez que você acorda cedo — continuou Sammy, deixando uma nota de insinuação acusatória entrar em sua voz — é para algo como o

seu aniversário. Ou quando estamos saindo para uma viagem.

— Ou se eu for tomar uma injeção — disse Tommy, ajudando. — No médico.

— Ou... — Sammy estava pendurado no batente da porta, meio dentro, meio fora do quarto, mas agora se aproximou e parou atrás de Tommy. Sentia um impulso de colocar a mão em torno do ombro do garoto e deixá-la ficar ali com o peso admonitório de um pai, mas no fim simplesmente cruzou os braços e olhou para o reflexo do rosto sério de Tommy no espelho. Era doloroso para Sammy admitir, mas não se sentia mais à vontade na companhia do menino que, nos últimos 12 anos, fora obrigado a chamar de filho e se deleitara com isso. Tommy sempre fora um garotinho tratável e obediente, com cara de lua, mas ultimamente, à medida que seus suaves cabelos castanhos se transformavam em rolos de arames morenos e seu nariz destacava-se audaciosamente com personalidade, começou a formar-se em volta das feições do seu rosto algo que prometia se tornar uma beleza inequívoca. Já era mais alto que a mãe e quase tão alto quanto Sam. Adquiriu maior massa e volume na casa, movia-se de maneiras desabituais e exalava odores não familiares. Sammy se viu recuando, cedendo terreno, saindo do caminho de Tommy. — Tem alguma coisa... *planejada* para hoje?

— Não, papai.

Foi jocoso.

— Nenhuma consulta com o “oftalmologista”?

— Ah — disse o garoto, franzindo o nariz sardento para fingir que achou engraçado. — Está bem, papai.

— Está bem o quê?

— Bem, é melhor eu me vestir. Senão vou chegar atrasado à escola.

— Porque se você fosse...

— Não vou.

— Se você fosse eu teria de acorrentá-lo à cama. Sabe disso.

— Eu só estava *brincando* com um *tapa-olho*. Jesus.

— Está certo.

— Não ia fazer nada de mau. — Sua voz colocou aspas ao redor da última palavra.

— Fico feliz em saber — disse Sammy. Não acreditava em Tommy, mas tentou esconder suas dúvidas. Não gostava de antagonizar o menino. Sammy trabalhava cinco longos dias por semana na cidade e trazia serviço para fazer em casa nos fins de semana. Não podia se dar ao luxo de desperdiçar, discutindo, as poucas breves horas que passava com Tommy. Queria que Rosa estivesse acordada para que pudesse perguntar-lhe o que fazer com o tapa-olho. Agarrou os cabelos de Tommy e, num tributo inconsciente ao maneirismo favorito de sua

mãe, sacudiu vigorosamente a cabeça do menino de um lado para o outro. — Um quarto cheio de brinquedos e você tem de brincar com um tapa-olho de dez centavos do Spiegelman's.

Sammy caminhou até o corredor, coçando o traseiro, o capitão cambaio de sua própria estranha fragata, para preparar o lanche de Tommy. Era um barquinho bem simpático, sua casa em Bloomtown. Sua aquisição viera depois de uma série de investimentos imprudentes nos anos 40, entre eles a firma de publicidade Clay Associados, a Escola Sam Clay de Redação para Revistas, e um apartamento em Miami Beach para a mãe, no qual ela morreria de aneurisma cerebral depois de 11 dias de aposentadoria descontente, e que foi então vendido — seis meses depois da compra — com uma perda considerável. O último parafuso irredutível que restara dos dias prósperos da Empire Comics fora suficiente apenas para uma entrada aqui em Bloomtown. E por muito tempo Sammy amou a casa como se espera que um homem ame o seu navio. Era o único lembrete tangível do seu breve sucesso e de longe a melhor coisa que já saíra do seu dinheiro.

Bloomtown foi lançada em 1948, com anúncios na *Life*, no *Saturday Evening Post* e em todos os grandes jornais de Nova York. Uma casa de três quartos em estilo Cape Cod, em pleno funcionamento, completa até no detalhe das garrafas de leite tilintando no refrigerador, foi erguida no andar de exposições de uma antiga revendedora de Cadillacs perto de Columbus Circle. As jovens famílias do Nordeste que lutavam para melhorar de vida — famílias brancas — foram convidadas a visitar o Pavilhão de Ideias Bloomtown, visitar o Lar Bloomtown e ficar sabendo como uma cidade inteira de sessenta mil pessoas ia ser plantada no meio dos campos de batata a oeste de Islip; uma cidade de casas modestas e acessíveis, cada uma com seu próprio quintal e garagem. Toda uma geração de jovens pais e mães criada nas escadas estreitas e nos quartos abarrotados dos bairros de ferrugem e tijolos de Nova York, Sammy Clay entre eles, compareceu para acionar os fabulosos interruptores de luz, testar os fabulosos colchões e se reclinar por um breve momento na espreguiçadeira de metal prensado no gramado de celofane, inclinando a cabeça ao céu para captar os últimos raios imaginários de sol na suburbana Long Island. Suspiraram e sentiram que um dos anseios mais profundos do seu coração poderia ser preenchido um dia. Suas famílias eram coisas caóticas, barulhentas e destemperadas, movidas pela raiva e pelas exigências da atitude sabe-tudo e, embora o mesmo valesse para a própria cidade de Nova York, era difícil não acreditar que um retalho de grama verde e uma planta racional dos cômodos fosse capaz de fazer muito para tranquilizar os irritados feixes de nervos expostos em que suas famílias tinham se

transformado. Muitos, Sammy Clay de novo estava entre eles, sacaram seus talões de cheques e reservaram um dos quinhentos lotes a ser desenvolvidos na fase inicial de construção.

Nos meses seguintes, Sammy levava sempre em sua carteira um pequeno cartão que viera com o pacote de documentos de venda e dizia simplesmente:

OS CLAY
127 LAVOISIER DRIVE
BLOOMTOWN, NOVA YORK, EUA

(Todas as ruas na sua vizinhança levavam o nome de cientistas e inventores eminentes.)

Aquela sensação de orgulho tinha se dissipado há muito. Sammy não prestava mais muita atenção à sua própria Cape Cod, um modelo Número Dois ou Penobscott, com uma janela de sacada e uma varanda do tamanho de um campo de golfe miniatura. Adotou em relação à casa a mesma atitude que assumira diante da esposa, do emprego e de sua vida amorosa. Era tudo um hábito. Os ritmos do trem de subúrbio, do ano escolar dos prazos de publicação, das férias de verão, e do constante calendário de humores de sua mulher, o haviam acostumado aos encantos e tormentos de sua vida. Apenas sua relação com Tommy, apesar da recente ligeira frieza de ironia e distanciamento, continuava imprevisível, viva. Estava cheia de remorso e prazer. Quando conseguiam ficar uma hora juntos, planejando um universo em folhas soltas ou jogando o All Star Baseball de Ethan Allen, era invariavelmente a hora mais feliz na semana de Sammy.

Quando entrou na cozinha, ficou surpreso ao encontrar Rosa sentada à mesa com uma caneca de água fervente. Na superfície da água boiava uma canoa de limão cortado.

— O que está acontecendo? — disse Sammy, despejando água na cafeteira esmaltada. — Todo mundo está de pé.

— Oh, fiquei acordada a noite toda — disse Rosa com vivacidade.

— Nem um cochilo?

— Não que me lembre. Meu cérebro estava ficando maluco.

— Conseguiu algo?

Rosa tinha uma matéria principal para fechamento na *Kiss Comics* em dois dias. Era a segunda melhor desenhista de mulheres no negócio dos quadrinhos (ele tinha de curvar a cabeça a Bob Powell), mas uma terrível proteladora. Há muito tempo ele desistira de passar-lhe sermões sobre seus hábitos de trabalho. Era o patrão dela só no nome — haviam resolvido essa questão anos antes, quando Rosa começou a trabalhar para ele, numa longa série de escaramuças. Agora formavam, mais ou menos, um pacote. Quem quer que

contratasse Sammy para editar sua linha de quadrinhos sabia que obteria também os serviços valiosos de Rose Saxon (seu nome profissional).

— Tenho algumas ideias — disse num tom reservado. Todas as ideias de Rosa pareciam más no começo; ela as adaptava de uma mistura confusa de seus sonhos, artigos sensacionalistas de jornais e coisas que pegava em revistas femininas e era terrível para explicá-las. Era sempre fascinante ver como elas emergiam sob as formas provocantes e topiárias do seu lápis e pincel.

— Alguma coisa sobre a Bomba-A?

— Como é que sabia?

— Eu estava no quarto com você enquanto falava em voz alta na noite passada — disse. — Tentando tolamente pegar no sono.

— Desculpe.

Sammy quebrou meia dúzia de ovos numa tigela, salpicou-os de leite, colocou umas pitadas de pimenta e sal. Limpou uma das cascas de ovo e jogou-a na cafeteira no fogão. Então despejou os ovos numa frigideira com manteiga espumante. Ovos mexidos eram sua única especialidade, mas era muito bom nela. Você tinha que os deixar em paz; aí estava o segredo. A maioria das pessoas ficava remexendo os ovos, mas o jeito certo era deixá-los repousar por um minuto ou dois em fogo baixo e não os perturbar mais do que meia dúzia de vezes. Às vezes, em nome da variedade, jogava alguns pedaços de salame picado frito; era como Tommy gostava deles.

— Ele estava usando o tapa-olho de novo — disse Sammy, tentando não fazer que soasse tão importante. — Eu o vi experimentando.

— Oh, Deus.

— Jurou-me que não estava planejando nada.

— Acreditou nele?

— Sim. Acho que escolhi acreditar. Onde está o salame?

— Vou colocar na minha lista. Estou indo ao mercado hoje.

— Você tem que terminar aquela história.

— Vou terminar. — Tomou um ruidoso gole de sua água de limão.

— Ele decididamente está aprontando algo.

— Você acha? — Sammy pegou a manteiga de amendoim e tirou a geleia de uva da geladeira.

— Não sei, acho que tem andado um pouco nervoso.

— Anda sempre nervoso.

— É melhor que eu o leve a pé para a escola, já que acordei. — Era muito mais fácil para Rosa governar o filho do que para Sammy. Ela não parecia se preocupar muito com a questão. Acreditava que era importante confiar nas crianças, dar-lhes as rédeas de vez em quando e deixar que decidissem as coisas sozinhas. Mas quando, como ocorria

com frequência, Tommy abusava daquela confiança, não hesitava em ser severa. E Tommy nunca parecia se ressentir de sua forte disciplina como se aborrecia com a menor censura de Sammy. — Sabe, garantir que chegue lá.

— Você não pode me levar para a escola — disse Tommy. Entrou na cozinha, sentou-se diante do prato e olhou para ele, esperando que Sammy empilhasse os ovos nele. — Mamãe, você não pode de jeito nenhum. Eu ia morrer. Absolutamente, ia morrer.

— Ele ia morrer — Sammy disse para Rosa.

— O que seria muito embaraçoso para *mim* — disse Rosa. — Parada ali ao lado de um corpo morto na frente do colégio William Floyd.

— Que tal se *eu* o levar então? Só me desvio dez minutos do meu caminho. — Sammy e Tommy geralmente se despediam no portão da frente antes de tomarem direções opostas, para a estação de trens e para o colégio secundário, respectivamente. Da segunda à sexta série tinham se despedido com um aperto de mão, mas aquele costume, um marco menor precioso no dia de Sammy durante cinco anos, aparentemente fora abandonado para sempre. Sammy não sabia ao certo quem, ou por que, tomara a decisão de abandoná-lo. — Assim você pode ficar em casa e, sabe, *desenhar a minha história*.

— Até que podia ser uma boa ideia.

Sammy pousou o fumegante pudim de manteiga e ovos no prato de Tommy.

— Desculpe — disse —, o salame acabou.

— É o que parece — disse Tommy.

— Vou colocar na minha lista — disse Rosa.

Ficaram em silêncio por um momento, Rosa na sua cadeira atrás da caneca e Sammy de pé no balcão com uma fatia de pão na mão, observando Tommy emborcar a comida. Era um comilão, esse Tom. O pequeno palito de garoto desaparecera debaixo de um manto de músculo e gordura; parecia até meio corpulento, na verdade. Depois de 37 segundos, os ovos tinham sumido. Tommy levantou os olhos do prato.

— Por que está todo mundo olhando para mim? — disse. — Eu não *fiz* nada.

Rosa e Sammy explodiram na gargalhada. Então Rosa parou de rir e focalizou seu filho, sempre levemente estrábica quando dizia o que queria.

— Tom — falou. — Você não estava pensando em ir para a cidade de novo?

Tommy sacudiu a cabeça.

— Mesmo assim — disse Sammy —, vou levar você.

— Me leve de *carro* — disse Tommy. — Se não acredita em mim.

— Por que não? — disse Sammy. Se levasse o carro até a estação, Rosa não poderia ir de carro ao mercado, ou à praia, ou à biblioteca “em busca de inspiração”. Era mais provável que ficasse em casa e desenhasse. — Eu bem que podia ir de carro até a cidade. Abriram um novo estacionamento perto do escritório, dobrando a esquina.

Rosa olhou para ele, alarmada.

— De carro até a cidade?

Mesmo deixar seu carro, um Studebaker Champion 1951, diante da estação de trem, não era proteção suficiente. Rosa costumava caminhar até a estação e buscá-lo para que pudesse rodar por Long Island fazendo coisas que não desenhar quadrinhos românticos.

— Só deixe eu ir me vestir. — Sammy passou o pedaço de pão para Rosa. — Tome aqui — disse. — Faça o lanche dele.

Discussão durante o café da manhã na Cafeteria Excelsior, na Segunda Avenida, ponto de encontro matutino favorito dos homens das revistas em quadrinhos, cerca de abril de 1954:

— É um embuste.

— Acabei de dizer isto.

— Alguém está querendo gozar com Anapol.

— Talvez seja *Anapol*.

— Eu não o culparia se quisesse se jogar do Empire State Building. Ouvi dizer que está cheio de problemas lá.

— Eu estou cheio de problemas. Todo mundo está cheio de problemas. Desafio vocês a me apontarem a casa que não está tendo problemas. E a coisa só vai piorar.

— É o que sempre diz. Ouçam só você. Ouçam este sujeito, ele me mata. É como um posto de depressão. Passo dez minutos ouvindo ele e sempre saio com um tanque cheio de depressão, dá para durar o dia inteiro.

— Vou lhe dizer quem é uma fonte de depressão, é o dr. Fredric Wertham. Já leram o livro dele? Como é que se chama? *Como seduzir um inocente*?

Houve uma risada ao ouvirem isto. Os homens nas mesas vizinhas viraram-se para olhar. A risada fora um pouco alta demais, certamente para a hora e para a condição de suas ressacas.

O dr. Fredric Wertham, psiquiatra infantil com credenciais impecáveis e um sentimento de bem-merecido ultraje, vinha há vários anos tentando persuadir os pais e legisladores dos Estados Unidos de que as mentes das crianças americanas estavam sendo profundamente danificadas pela leitura de revistas em quadrinhos. Com a recente publicação do admirável, enciclopédico e equivocado *Sedução dos inocentes*, os esforços do dr. Wertham tinham começado a dar frutos; houve apelos em favor de controles ou até da proibição pura e simples, e em várias cidades do Sul e do Meio-Oeste governos locais haviam patrocinado fogueiras públicas de revistas em quadrinhos, nas quais multidões sorridentes de crianças americanas com mentes danificadas haviam jogado festivamente suas coleções.

— Não, eu não o li. Você já leu?

— Tentei. Me dá uma dor no estômago.

— Alguém já leu?

— Estes Kefauver leu. Alguém já recebeu uma intimação?

Agora corria o rumor de que o Senado dos Estados Unidos estava vindo para a cidade. O senador Estes Kefauver, do Tennessee, e sua Subcomissão para a Delinquência Juvenil, haviam determinado que se conduzisse uma investigação formal sobre as acusações chocantes feitas por Wertham em seu livro: que a leitura das revistas em quadrinhos levava diretamente ao comportamento antissocial, ao vício das drogas, à perversão sexual e até ao estupro e ao assassinato.

— Então é isso, talvez este sujeito tenha recebido uma intimação. Este sujeito do Empire State. E é por isso que vai pular.

— Sabem quem me passou pela cabeça que podia ser? Se não for uma brincadeira, quero dizer. Diabo, ainda que seja. Na verdade, se for ele é definitivamente um embuste.

— O que é isto, um programa de adivinhações? Diga-me quem é ele.

— Joe Kavalier.

— Joe Kavalier, sim! Era exatamente em quem estava pensando.

— Joe Kavalier! Que fim levou aquele camarada?

— Ouvi dizer que está no Canadá. Alguém o viu lá.

— Mort Meskin o viu nas cataratas do Niágara.

— Ouvi dizer que foi em Quebec.

— Ouvi dizer que foi Mort *Segal*, não Meskin. Passou a lua de mel lá.

— Sempre gostei dele.

— Era um tremendo artista.

A meia dúzia de quadrinistas reunidos em volta de uma mesa nos fundos do Excelsior naquela manhã particular, com seus pãezinhos e ovos mal-passados e café fumegante em xícaras com uma faixa vermelha ao redor da borda — Stan Lee, Frank Pantaleone, Gil Kane, Bob Powell, Marty Gold e Julie Glovsky — concordava que, antes da guerra, Joe Kavalier fora um dos melhores do ramo. Concordaram também que o tratamento que ele e seu parceiro receberam nas mãos dos donos da Empire foi deplorável, embora dificilmente único. A maioria foi capaz de fornecer uma história, ou um exemplo de comportamento esquisito ou excêntrico da parte de Kavalier; mas, somando tudo, aquilo não parecia, a nenhum dos homens, prenunciar uma coisa tão radical e desesperada como um salto para a morte.

— E quanto àquele velho *parceiro* dele? — disse Lee. — Topei com ele há uns dois dias. Parecia bastante por baixo.

— Sammy Clay?

— Não o conheço muito. Sempre nos demos bem. Nunca trabalhou para nós, mas...

— Trabalhou quase que em todas as outras firmas.

— De qualquer modo, o sujeito não parecia bem. Quase nem me

deu bom-dia.

— Não é um homem feliz — disse Glovsky. — É o velho Sam. Não está muito feliz lá na Pharaoh. — Glovsky desenhava o violento *Mack Granito* para *Dedos de Bronze* da Pharaoh.

— Francamente, nunca está feliz em lugar nenhum — disse Pantaleone e todo mundo concordou. Todos conheciam a história de Sammy, mais ou menos. Voltara ao negócio das revistas em quadrinhos em 1947, coberto de fracasso em tudo o mais que tentara. Sua primeira derrota foi no jogo da publicidade, em Burns, Baggot & DeWinter. Conseguiu sair pouco antes que o convidassem a pedir demissão. Depois disso, tentou trabalhar por conta própria. Quando sua firma de propaganda chegou a uma morte silenciosa e anônima, Sammy achou emprego no mercado das revistas, vendendo mentiras bem pesquisadas para *True* e *Yankee* e um milagroso conto para *Collier's* — era sobre a visita de um garoto aleijado a uma casa de termas de Coney Island, antes da guerra, com seu pai, um homem de ferro circense — antes de se enfiar num sulco profundo e estreito nas editoras de revistas de terceira e no que restou dos antigamente poderosos *pulps*.

Nesse meio tempo, houve convites regulares de velhos amigos quadrinistas, alguns deles sentados em torno desta mesa nos fundos da Excelsior, que Sammy sempre recusou. Era um romancista épico — este foi o grande lance, depois da guerra — e embora sua carreira literária não estivesse avançando tão rapidamente quanto gostaria, pelo menos podia se assegurar de que não estava indo para trás. Jurou, para quem quer que quisesse ouvir e mesmo sobre o tûmulo então fresco de sua mãe, que nunca mais voltaria para as revistas em quadrinhos. Todo mundo que visitava os Clay era levado a ver um esboço ou outro de seu livro amorfo e perambulante. De dia, escrevia artigos sobre psitacose e prunerita para *Amante das aves* e *Gemas e minerais*. Tentou a mão em textos industriais e chegou a escrever um catálogo para uma companhia de sementes. O pagamento não era dos melhores, as horas longas, e Sammy estava à mercê de editores cuja amargura, como costumava dizer, faziam George Deasey parecer uma Deanna Durbin. Então, um dia, soube que havia vaga para um emprego de editor na Gold Star, uma editora de revistas em quadrinhos na Lafayette Street. A linha de publicações era esfarrapada e derivativa, a circulação baixa e o salário longe de maravilhoso, mas a posição, se ele a aceitasse, lhe daria pelo menos autoridade e espaço para manobrar. A escola de escritores por correspondência de Sammy só tinha três alunos matriculados, um deles morando em Guadalajara, México, quase sem falar inglês. Sammy tinha contas, dívidas e uma família. Quando o emprego na Gold Star surgiu, ele finalmente jogou a toalha sobre seus velhos sonhos de dar o pulo do gato.

— É, você está certo — disse Kane. — Ele nunca foi feliz em lugar algum.

Bob Powell inclinou-se à frente e baixou a voz.

— Sempre achei que ele parecia um pouco... vocês sabem...

— Tenho de concordar com isso — disse Gold. — Tem aquela mania de *companheiros inseparáveis*. É como uma obsessão nele. Já notaram isto? Pega um personagem, a primeira coisa que faz é dar um jeito de encontrar um amiguinho para o sujeito. Depois de voltar aos quadrinhos, esteve na Gold Star fazendo o Garanhão Fantasma. E de repente o Garanhão está grudado neste garoto, como se chama? Antílope qualquer coisa.

— Antílope Pelado.

— Pele de Antílope. O garoto do estilingue. Então vai para a Olympic e o que acontece? O Lenhador ganha seu Garoto da Floresta. O Retificador é contemplado com Pequeno Mack, o Menino da Lei.

— O Retificador, isto já soa meio...

— Então entra na Pharaoh e subitamente surgem o Argonauta e Jasão. O Lobo Solitário e Filhote. Cristo, ele deu até um parceiro para o Lobo *Solitário*!

— Sim, mas numa época ou noutra deu emprego para todos vocês, não foi? — disse Lee. Olhou para Marty Gold. — Foi muito leal com você ao longo dos anos, Gold, sabe Deus por quê.

— Ei, calem já a boca — disse Kane. — Lá vem ele chegando pela porta.

Sam Clay entrou no calor úmido exalado pela grande mesa a vapor que mantinha quentes as comidas da Excelsior e foi chamado pelo pessoal da mesa dos fundos. Acenou com a cabeça e com a mão, um pouco inseguro, como se não desejasse realmente juntar-se ao grupo naquela manhã. Mas depois de comprar seu tíquete para uma xícara de café e uma rosquinha caminhou na direção deles, a cabeça abaixada, um pouco no seu jeito buldogue.

— Bom dia, Sam — disse Glovsky.

— Vim de carro — disse. Parecia um pouco atordoado. — Levou duas horas.

— Viu o *Herald*?

Clay sacudiu a cabeça.

— Parece que um velho amigo nosso está de volta à cidade.

— Sim? E quem seria?

— Tom Mayflower — disse Kane e todo mundo riu e então Kane explicou que alguém que se intitulava “O Escapista” havia, no *Herald-Tribune* desta manhã, anunciado publicamente sua intenção de se jogar do Empire State Building às cinco horas daquela mesma tarde.

Pantaleone procurou na pilha de jornais no centro da grande mesa e encontrou um *Herald-Tribune*.

— “Inúmeros erros gramaticais e de ortografia” — leu em voz alta, saltando rapidamente pelo artigo, ao qual eram dedicadas três colunas de 2,5 cm na página dois. — “Ameaçava expor as ‘injustas roubalheiras e maus-tratos sofridos pelos melhores artistas nas mãos do sr. Sheldon Anapol’.” Hum, “O sr. Anapol, contatado, recusou-se a especular publicamente sobre a identidade do autor. ‘Poderia ser qualquer um’, disse o sr. Anapol. ‘Recebemos muitos malucos aqui,’” Bem — terminou Pantaleone, sacudindo a cabeça —, Joe Kavalier nunca me pareceu qualquer tipo de maluco. Um pouco excêntrico, talvez.

— Joe — disse Clay, surpreso. — Vocês estão achando que foi *Joe*.

— Ele está na cidade, Sam? Teve notícias dele?

— Não tenho notícias de Joe Kavalier desde a guerra — disse Clay.

— Não pode ser ele.

— É uma brincadeira — disse Lee.

— A roupa. — Clay começou a acender um cigarro. Ainda não havia se sentado, mas parou com a chama a meio caminho da ponta.

— Ele vai precisar de uma roupa.

— Quem vai?

— O sujeito. Se existe realmente um sujeito. Vai precisar de uma roupa.

— Podia fazer uma.

— Sim — disse Clay. — Me desculpem.

Virou-se, o cigarro ainda nos dedos, e caminhou de volta para as portas de vidro da Excelsior.

— Foi-se embora com o tíquete da sua refeição.

— Parecia bastante transtornado — disse Julie Glosky. — Não deviam tê-lo provocado.

Estava já de pé. Sorveu o último centímetro de café de sua xícara e partiu atrás de Sammy.

Tão rápido quanto as pernas de tubo de cachimbo de Sammy conseguiam levá-lo, seguiram para os escritórios da Pharaoh Comics, na Broadway Oeste, onde Sammy era o editor-chefe.

— Que vai fazer? — perguntou Julie. O nevoeiro que cobrira a cidade toda a manhã se dissipara. O bafo saía de suas bocas e parecia ser absorvido pelo véu cinzento da manhã.

— Que quer dizer? O que posso fazer? Algum doido quer fingir que é o Escapista, tem todo o direito.

— Você não acha que é *ele*?

— Não.

Subiram na rangente gaiola de ferro do elevador. Quando entraram nos escritórios, Sammy pareceu examiná-los com um tremor mal disfarçado: o chão de cimento todo arranhado, as paredes brancas vazias, as traves expostas do teto, escurecidas por gordura.

Esta não era a primeira sede da companhia, que ficava numa suíte de sete grandes salas no Edifício McGraw-Hill, toda em laca verde e baquelita marfim, com tudo, dos detalhes do banheiro à equipe de viçosas recepcionistas, arrematado em cromo e tudo pago com o dinheiro que Jack Ashkenazy embolsara em 1943 quando Sheldon Anapol comprou a sua parte no negócio. Ashkenazy tinha então investido milhões num empreendimento imobiliário no Canadá baseado na sua estranha crença de que, depois da guerra, Canadá e Estados Unidos se fundiriam num único país. Quando, para seu espanto, isto deixou de se concretizar, ele voltou à fonte de toda a sua ainda considerável riqueza: o herói fantasiado. Alugou os reluzentes escritórios na rua 42 Oeste, contratou alguns dos melhores escritores e desenhistas da Empire e os encarregou de transformarem em estrela um personagem de sua própria criação, o epônimo Pharaoh, um governante egípcio reencarnado, naturalmente, que ostentava um elaborado arranjo de cabeça à Tutancâmon, braceiras de metal e uma tanga feita aparentemente de cimento duro, e saía pelas ruas assim, discretamente seminu, derrotando o Mal com o poder místico do seu Cetro de Rá. Os escritores e artistas vieram com uma quantidade de heróis e heroínas ainda mais improváveis — o Homem-Terra (com seu controle sobre-humano sobre rochas e poeira), o Coruja Nevada (com seu pio supersônico) e a Rosa Rolante (com seus reluzentes patins vermelhos) — para encher as páginas dos nove títulos inaugurais da Pharaoh Comics. Infelizmente, Jack Ashkenazy apostou maciçamente no super-herói fantasiado justo quando o interesse dos leitores por aquele gênero começava a decair. A derrota daqueles verdadeiros supervilões devoradores do mundo, Hitler e Tojo, com os seus lacaios, acabara sendo tão debilitante para o mercado do herói da malha justa quanto a guerra em si fora uma fonte abundante de energia e enredos; tornou-se muito difícil para os capitães e supersoldados rebaixados, ao voltar de façanhas como dar nós em peças de artilharia Krupp e matar Zeros como mosquitos sobre o mar de Coral, mobilizarem o velho fervor pré-1941 para estourar redes de ladrões de carros, resgatar órfãos e denunciar promotores de lutas corruptos. Ao mesmo tempo, um novo vilão, o filho bastardo da relatividade e de Satã, parecia lançar o seu manto turvo e flamejante sobre até os mais poderosos heróis, que não podiam mais ter sequer a garantia de que haveria sempre um mundo a ser salvo. Os gostos dos soldados que voltavam da guerra e que tinham ficado viciados nos carregamentos regulares de revistas em quadrinhos fornecidas a eles com barras de chocolate e cigarros, engendrou matéria mais obscura, mais “voltada para o público adulto”: histórias de crimes reais em quadrinhos tiveram sua voga, seguidas por romances, contos de horror, aventuras de faroeste, ficção científica; tudo, em resumo,

menos homens mascarados. Milhões de exemplares encalhados da *Pharaoh Comics #1* e de seus oito títulos-irmãos voltaram dos distribuidores; depois de um ano, nenhum dos seis títulos remanescentes estava tendo lucro. Ashkenazy, pressentindo a catástrofe, mudou de endereço, demitiu os talentos caros e reduziu as despesas, recompondo a sua linha editorial através de um programa de corte de custos e de imitação servil, transformando-a num modesto sucesso muito parecido com a Racy Publications, a casa de revistas baratas de quarta categoria, lar de recauchutagens, plágios e imitações grosseiras com os quais começara sua carreira de editor nos anos magros da Depressão antes que dois jovens tolos jogassem o Escapista no seu colo. Mas seu orgulho nunca chegou a se recuperar do golpe e julgava-se em geral que o fracasso do Pharaoh, com o desastre canadense, o lançara ladeira abaixo para seu declínio e finalmente sua morte dois anos antes.

Sammy atravessou o espaço largo da encardida sala de trabalho até o seu escritório. A proibição de entrada no escritório de Sam Clay, exceto no caso de uma emergência familiar, era absoluta e rigorosamente respeitada. Não recebia ninguém se estivesse trabalhando e estava sempre trabalhando. Suas explosões de composição febril, durante as quais era capaz de produzir um ano inteiro de *Dedos de Bronze* ou *Estranho encontro* numa única noite, eram celebradas não só nos escritórios da Pharaoh, mas por todo o pequeno mundo colegial do negócio das revistas em quadrinhos de Nova York. Desligava seu sistema de intercomunicação, tirava o telefone do gancho, às vezes enchia as orelhas de algodão, parafina, pedaços de espuma de borracha.

Datilografara histórias para revistas em quadrinhos nos últimos sete anos: heróis fantasiados, romance, terror, aventura, crimes reais, ficção científica e histórias fantásticas, *westerns*, contos marítimos e histórias da Bíblia, uns dois números de *Clássicos ilustrados*^[12] imitações de Sax Rohmer, imitações de Walter Gibson, imitações de H. Rider Haggard, imitações de Rex Stout, histórias das duas guerras, da Guerra Civil, da Guerra do Peloponeso e das Guerras Napoleônicas; todo gênero exceto animais engraçados. Sammy traçava os limites nos animais engraçados. O sucesso no mercado destas importações do mundo dos desenhos animados, com seus olhos de pontinhos e mãos de três dedos, com suas piadas de circo e peripécias infantis, foi uma das mil pequenas coisas que partiram o coração de Sammy Clay. Era um datilógrafo furioso, até romântico, dado a crescendos, diminuendos, a densos e mordazes arpejos, capaz de noventa palavras por minuto quando sujeito a prazos ou satisfeito com o rumo que sua história estava tomando e, ao longo dos anos, seu cérebro se tornara um instrumento tão finamente sintonizado com a geração de épicos

em miniatura de oito a doze páginas, altamente convencionais, severamente formalistas, que era capaz, sem grande esforço, de escrever, falar, fumar, ouvir um jogo de bola e manter um olho no relógio ao mesmo tempo. Reduzira duas máquinas de escrever a pilhas destroçadas de escória de ferro e molas desde que voltara aos quadrinhos e quando ia para a cama à noite sua cabeça continuava engajada roboticamente no seu trabalho enquanto dormia, a ponto de seus sonhos serem frequentemente dispostos em quadros e interrompidos por publicidade surrealista e, quando acordava na manhã seguinte, descobria que havia gerado material suficiente para um número inteiro de uma de suas revistas.

Agora afastou sua última Remington para um lado. Julie Glosky viu uma pequena chave de latão sobre o centro de um retalho quadrado de mata-borrão que estava livre de cinza e poeira. Sammy pegou a chave e foi até um grande gabinete de madeira, arrastado de um finado laboratório de revelação fotográfica no andar inferior do edifício.

— Você tem uma roupa do Escapista? — perguntou Julie.

— Sim.

— Onde foi que conseguiu?

— De Tom Mayflower — disse Sammy.

Remexeu dentro do gabinete até que encontrou uma caixa azul oblonga estampada KING FAT HAND LAUNDRY em letras negras arqueadas. Na lateral, em lápis-cera, alguém havia, por algum motivo, escrito a palavra BACON. Sammy sacudiu a caixa e algo chacoalhou secamente dentro dela; pareceu intrigado. Abriu a caixa e um pequeno cartão amarelo, do tamanho de uma caixa de fósforos, voejou e caiu ao chão descrevendo uma espiral. Sammy abaixou-se, apanhou o cartão e leu a legenda impressa em sua face em tinta colorida viva. Quando ergueu os olhos, seu rosto estava atormentado, o maxilar tenso, mas Julie pôde ver um brilho inequívoco de divertimento em seus olhos. Sammy passou o cartão para Julie. Trazia um desenho de duas ornadas e antiquadas gazuas, uma de cada lado do seguinte breve texto:

Bem-vindos, fiéis Inimigos da Tirania, à
LIGA DA CHAVE DE OURO!!!
Este cartão concede a

(escreva seu nome acima)

todos os direitos e deveres
de um leal amigo da Liberdade e da Humanidade!

— É ele — disse Julie. — Não é? Esteve aqui. Levou a roupa.

— O que você acha disto? — disse Sammy. — Não vejo um cartão destes há anos.

Na hora do almoço a polícia apareceu. Estava levando a sério a carta ao *Herald* e o detetive encarregado tinha algumas perguntas a fazer a Sammy sobre Joe.

Sammy disse ao detetive, um homem chamado Lieber que não via Joe Kavalier desde a noite de 14 de dezembro de 1941, no Píer 11, quando Joe embarcou para o treinamento básico em Newport, Rhode Island, a bordo de um paquete chamado *Comet* com destino a Providence. Joe nunca respondera a nenhuma de suas cartas. Então, perto do fim da guerra, a mãe de Sammy, como parente mais próximo, recebera uma carta do escritório de James Forrestal, o ministro da Marinha. Dizia que Joe fora ferido ou adoecera no cumprimento do dever; a carta era vaga sobre a natureza do ferimento e o teatro de guerra. Dizia também que, por algum tempo, se recuperava na baía de Guantánamo, em Cuba, mas que estava recebendo alta médica e uma condecoração. Em dois dias, chegaria a Newport News a bordo do *Miskatonic*. Sammy fora à Virgínia num ônibus Greyhound recebê-lo e trazê-lo para casa. Mas, não se sabe como, Joe conseguira escapar.

— Escapar? — perguntou o detetive Lieber. Era jovem, surpreendentemente jovem, um judeu louro com mãos rechonchudas vestindo um terno cinzento que parecia caro mas não chamava atenção.

— Era um talento que ele possuía — disse Sammy.

Na ocasião, o sumiço de Joe fora uma perda de certo modo mais genuína do que aquela representada pela morte. Não estava meramente morto — um morto, num certo sentido, é sempre localizável. Não, realmente tinham conseguido *perdê-lo*. Embarcara no navio em Cuba; deste fato havia prova documental na forma de assinaturas e números de série em um registro de transporte médico. Mas quando o *Miskatonic* atracou em Newport News, Joe não estava mais a bordo. Deixara uma breve carta; embora seu conteúdo fosse confidencial, um dos investigadores assegurara a Sammy que não era uma nota de suicídio. Quando Sammy voltou da Virgínia, depois de viagem interminável e sombria pela US1, encontrou sua casa em Midwood tremulando de bandeiras. Rosa tinha preparado um bolo e uma faixa que saudava a volta de Joe à casa. Ethel comprara um vestido novo e ajeitara os cabelos, permitindo à cabeleireira que pintasse os cabelos grisalhos. Os três — Rosa, Ethel e Tommy —

estavam sentados na sala de estar, debaixo dos festões de papel crepom, chorando. Nos meses seguintes, criaram todo tipo de teorias fantásticas e violentas para explicar o que acontecera a Joe e perseguiram cada pista e rumor. Como não fora arrebatado deles, pareciam não conseguir abrir mão dele. Com o passar dos anos, porém, a intensidade da raiva de Sammy e do choque causado pelo comportamento de Joe decresceu, inevitavelmente. A lembrança do primo perdido ainda doía; mas haviam passado, afinal, quase nove anos.

— Ele foi treinado na Europa como um artista de fugas — contou ao detetive Lieber. — Foi daí que tiramos toda a ideia para o Escapista.

— Eu costumava ler — disse o detetive Lieber. Tossiu polidamente e passou o olhar pelas páginas de arte e capas emolduradas dos vários títulos da Pharaoh que ornamentavam o escritório de Sammy. Na parede atrás de Sammy pendia a imagem imensa de um único quadrinho, de uma história que Rosa fizera para o *Frontier Comics*, a única história de super-herói que já desenhara. Mostrava o Lobo Solitário e Filhote em macacões justos de pele de gamo franjada e chapéus de pele de lobo, os braços enlaçados no ombro um do outro. Os raios flamejantes de uma alvorada do Arizona se erguiam atrás deles. Lobo Solitário dizia: “BEM, PARCEIRO, PARECE QUE VAI SER UM BELO DIA!” Rosa fizera a ampliação ela mesma e mandara emoldurar para o último aniversário de Sammy. Era possível ver os pontos da litografia — do tamanho de botões de camisa — e de certa forma a escala da imagem lhe dava uma importância surreal.^[13]

— Receio não estar muito familiarizado com o que o senhor faz aqui — disse o detetive Lieber, observando o grande Lobo Solitário com um olhar de ligeira perplexidade.

— Poucas pessoas estão — disse Sammy.

— Tenho certeza de que deve ser interessante.

— Não tenha tanta certeza.

Lieber encolheu os ombros.

— OK. É isto o que não entendo. Por que ele ia *querer* “escapar”, como o senhor falou? Tinha acabado de sair da Marinha. Tinha estado em algum fim de mundo ou coisa parecida. Pelo que disseram, parece que a coisa foi muito dura. Por que não ia *querer* voltar para casa?

Sammy não respondeu de imediato. Uma resposta possível lhe ocorreria, mas, como lhe pareceu impertinente, ficou calado. Pensou então por um momento e viu que podia ser muito bem a resposta certa à pergunta do detetive Lieber.

— Ele não tinha realmente um lar para voltar — disse Sammy. — Acho que talvez fosse esta a sua impressão.

— Sua família na Europa?

— Todos mortos. Cada um deles, sua mãe, seu pai, seu avô. O navio do irmão caçula foi torpedeado. Um garotinho, um refugiado.

— Jesus.

— Não foi uma coisa boa.

— E o senhor nunca mais teve notícias de seu primo desde então? Nem mesmo...

— Nem um cartão-postal. E fiz uma porção de investigações. Detetives. Contratei detetives particulares. A Marinha fez uma investigação completa. Nada.

— O senhor pensa... o senhor pensou na possibilidade de que pudesse estar morto?

— Poderia estar. Minha mulher e eu discutimos isto durante anos. Mas de certo modo acho que... simplesmente acho que não está morto.

Lieber acenou com a cabeça e enfiou seu pequeno caderno de notas no bolso de seu elegante terno cinzento.

— Obrigado — disse. Levantou-se e apertou a mão de Sammy, que acompanhou-o até o elevador.

— Parece muito jovem para um detetive — disse Sammy. — Se não se incomoda que eu diga.

— Sim, mas tenho o coração de um homem de setenta anos — disse Lieber.

— É judeu, se não se importa que eu pergunte?

— Não me importo.

— Não sabia que estavam formando detetives judeus.

— Começaram há pouco — disse Lieber. — Sou uma espécie de protótipo.

O elevador chegou com um baque e Sammy puxou a porta da gaiola rangente para um lado.

O sogro de Sammy estava ali num terno de *tweed*. E havia *tweed* suficiente para vestir pelo menos dois escoceses caçadores de galos silvestres. Quatro ou cinco anos antes, Longman Harkoo dera uma série de palestras na New School sobre as relações íntimas entre o catolicismo e o surrealismo, intitulada “O Superego, o Ego e o Espírito Santo”. Foram desconexas, murmurantes e com um público esparsos, mas desde aquela época Siggy abandonara seus antigos cafetãs e mantos magistrais em favor de uma indumentária mais professoral. Todos os seus ternos imensos eram feitos, mediocrementemente, pelo mesmo alfaiate de Oxford que malvestia a flor coberta de lã do mundo acadêmico inglês.

— Ele receia que fique zangado com ele — disse Saks. — Nós lhe dissemos que você não ficaria.

— O senhor o viu?

— Oh, muito mais do que vi — sorriu afetadamente. — Ele está...

— O senhor viu Joe e nunca disse nada a mim ou a Rosa?

— Joe? Está querendo dizer Joe *Kavalier*? — Saks parecia pasmo. Abriu a boca e a fechou de novo. — Hmmm — disse. Algo parecia não estar se encaixando direito na sua cabeça.

— Este é o meu sogro, o sr. Harkoo — disse Sammy a Lieber. — Sr. Harkoo, este é o detetive Lieber. Não sei se viu o *Herald* hoje, mas existe...

— Quem é que está aí atrás do senhor? — disse Lieber, espiando para dentro do elevador atrás do corpanzil acinzentado de Siggy Saks. O homenzarrão deu um passo ágil para o lado, não sem um ar de feliz antecipação, como que erguendo a cortina para desvendar um ato de ilusionismo. O truque de mágica revelou um menino de 11 anos chamado Thomas Edison Clay.

— Encontrei-o nos degraus da porta. Literalmente.

— Com os diabos, Tommy — disse Sammy. — Deixei você no *prédio* do colégio, vi você entrar na sua *sala de aula*. Como foi que saiu?

Tommy não disse nada. Ficou parado simplesmente olhando para o tapa-olho em suas mãos.

— Outro artista da fuga — disse o detetive Lieber. — Deve ser um traço de família.

Um grande feito de engenharia é um objeto de perpétuo interesse para pessoas inclinadas à autodestruição. Desde que foi completado, o Empire State Building, um gigantesco fragmento do Espólio Hoosier arrancado do ameno seio calcário do Meio-Oeste e colocado de pé, no local do antigo Waldorf-Astoria, no meio do tráfego mais pesado do mundo, fora um ímã para almas deslocadas que esperavam garantir a finalidade do seu impacto ou zombar das produções ousadas da vaidade humana. Desde sua inauguração, há quase 23 anos, uma dúzia de pessoas tentara saltar dos seus parapeitos ou do seu pináculo até a rua lá embaixo; cerca da metade conseguira. Ninguém, no entanto, jamais dera uma advertência tão clara e atenciosa de suas intenções. Para a polícia e os esquadrões de bombeiros particulares do edifício, trabalhando em cooperação com seus irmãos municipais, houve amplo tempo de colocar agentes em todas as entradas que davam para a rua e pontos de ingresso, nas portas das escadarias e nas baterias de elevadores. O 25º andar, onde ainda ficavam os escritórios da Empire Comics, enxameava com policiais do prédio em seus uniformes de lã e latão com grandes ombreiras e com aqueles quepes pontudos desenhados, segundo a lenda, pelo falecido Al Smith. Alertas haviam sido expedidos aos 15 mil inquilinos do prédio, advertindo-os para que ficassem de olho num maluco com cara de águia, vestido talvez numa malha azul-escuro, ou talvez num fraque azul comido de traças com abas extravagantes. Bombeiros em macacões de lona cercavam o edifício por três lados, da rua 33, contornando a Quinta Avenida, até a 34. Perscrutavam através de precisos binóculos alemães apontados para cima, examinando os infinitos planos da rocha de Indiana em busca de uma mão ou de um pé sobressalente. Estavam preparados, na medida em que isso era possível. Se o louco saltasse de uma janela no fim da tarde que começava a escurecer, o curso de sua ação seria menos claro. Mas estavam esperançosos.

— Vamos pegá-lo antes que pule — previu o capitão Harley, ainda no comando da força policial do edifício depois de todos estes anos, seu olho ruim brilhando ferozmente e mais irascível que nunca.

A circulação diária do *Herald-Tribune* de Nova York em 1954 era de 450 mil exemplares. Destes leitores, uns duzentos haviam sido atraídos, pela carta impressa no seu jornal naquela manhã, para se juntar em magotes assombrados atrás das barreiras policiais, olhando

para o alto. Eram principalmente homens na casa dos vinte e dos trinta, de paletó e gravata, funcionários da expedição de companhias aéreas e marítimas, projetistas comerciais, vendedores atacadistas de roupas e de tecidos tentando subir no negócio dos pais. Muitos trabalhavam nas redondezas. Consultavam os relógios e faziam os comentários cáusticos dos nova-iorquinos diante da perspectiva de um suicídio — “queria que já tivesse pulado, eu tenho um encontro” — mas não tiravam os olhos das paredes do edifício. Tinham crescido com o Escapista, ou o haviam descoberto, e suas aventuras, numa trincheira na Bélgica ou num comboio nos arredores de Bougainville. Em alguns destes homens, o nome de Joe Kavalier despertava memórias longamente adormecidas de libertação arriscada, violenta e bonita.

Havia ainda os passantes, os lojistas e funcionários de escritórios a caminho de casa, atraídos pelas luzes da polícia e pelos uniformes. A notícia da diversão prometida se espalhara rapidamente entre eles. Onde o fluxo da informação era retido ou retardado por policiais calados, o pequeno mas volúvel contingente de quadrinistas estava à mão para acrescentar e embelezar detalhes da carreira desafortunada de Joe Kavalier.

— Ouvi que é tudo um embuste — disse Joe Simon que, com seu parceiro, Jack Kirby, criara o Capitão América. Os direitos do Capitão América tinham trazido, e no futuro continuariam a trazer, grandes somas para sua proprietária, a Timely Publications, que um dia seria mais conhecida como Marvel Comics. — Foi Stan quem me disse.

Às cinco e meia, quando ninguém foi encontrado se escondendo no edifício ou se esgueirando um centímetro do peitoril de alguma janela, o capitão Harley começou a chegar à mesma conclusão. Estava parado com alguns de seus homens bem defronte à entrada da rua 33, mascando a ponta de um cachimbo. Pela oitava vez, puxou do bolso um relógio de ouro e consultou o mostrador. Fechou tampa do relógio e deu um risinho de satisfação.

— É uma brincadeira — falou. — Eu sabia o tempo todo.

— Cada vez mais estou inclinado a concordar — disse o detetive Lieber.

— Talvez seu relógio tivesse parado — disse Sammy Clay quase esperançosamente. Lieber teve a impressão de que, se fosse apenas um embuste, Clay ia ficar desapontado.

— Diga-me uma coisa — Lieber falou para Clay. Como membro da família, o escritorzinho — era assim que Lieber o via — tivera permissão de ficar dentro do cordão policial. Na eventualidade de que Joe Kavalier aparecesse, seu primo estaria à mão para apelos e conselhos de última hora. Havia também o menino. Procedimentos normais teriam barrado crianças de tais acontecimentos, mas a

experiência ensinara a Lieber, que passara nove anos patrulhando as ruas, que muitas vezes o rosto de uma criança, ou até sua voz no telefone, podiam atrair uma pessoa para fora do parapeito. — Antes de hoje, quantas pessoas conheciam toda esta história sobre como o senhor e seu primo foram roubados, explorados e passados para trás?

— Eu me ofendo com isto, detetive — disse Sheldon Anapol. O grandalhão descera dos escritórios da Empire às cinco horas em ponto. Estava embrulhado num longo capote preto, um minúsculo chapéu tirolês empoleirado na cabeça como um pombo, sua pena agitada pela brisa. O dia estava ficando frio e cortante agora. A luz se reduzia. — O senhor não conhece suficientemente esta questão para passar julgamento assim. Houve contratos, direitos autorais. Para não mencionar o fato de que, enquanto trabalhavam para nós, tanto o sr. Kavalier como o sr. Clay ganharam mais dinheiro do que quase todo mundo neste negócio.

— Eu lhe *peço* desculpas — disse Lieber, sem muitas escusas. Virou-se para Sammy. — Mas percebe o meu ângulo, não?

Sammy encolheu os ombros, assentindo com a cabeça, a boca cerrada. Percebera o ângulo do detetive.

— Não era muita gente que sabia, antes de hoje. Uma dúzia de sujeitos do ramo. Muitos deles gozadores, devo admitir. Alguns advogados, provavelmente. Minha mulher.

— Pois bem, olhe só para isto.

Lieber gesticulou para a multidão que crescia, abriu caminho até a calçada oposta, as ruas bloqueadas e cheias de táxis buzinando, repórteres, fotógrafos, todo mundo olhando para cima, para o edifício em torno do qual milhões de Escapistas anônimos haviam se aglutinado durante tantos anos. A multidão ficou conhecendo os nomes dos intérpretes principais, Sam Clay, Sheldon Anapol; as pessoas gesticulavam, murmuravam e faziam carrancas para o editor de casaco funéreo. A soma de dinheiro de que a dupla Kavalier & Clay fora espoliada pela Empire Comics, embora ninguém tivesse jamais se sentado para calcular, corria agora pela multidão, e crescia a cada momento.

— Você não pode comprar esse tipo de publicidade. — A experiência de Lieber com suicidas era bem extensa. Havia um pequeno grupo deles que escolhia se matar em público e, dentro deste grupo, um subgrupo ainda menor que fornecia com antecipação o exato local e hora. Destes — e ele só podia pensar talvez em dois em todos os anos desde que recebeu seu distintivo em 1940 — nenhum costumava chegar atrasado ao seu encontro. — O sr. Anapol aqui — fez um aceno com a cabeça para o editor —, embora não tenha nenhuma culpa, naturalmente, acaba sendo o vilão.

— Assassinato de personagem — concordou Anapol. — É este o

sentido da coisa.

Novamente o capitão Harley, da polícia do edifício, fechou a tampa do relógio, desta vez com maior finalidade.

— Vou mandar meus rapazes para casa — disse. — Não creio que nenhum de vocês tenha nada com que se preocupar.

Lieber piscou para o garoto, um menino soturno de olhos arregalados que, nos últimos 45 minutos, ficara na aba do seu imenso avô com um dedo na boca e um jeito de que ia vomitar. Quando Lieber piscou, o menino ficou pálido. O detetive franziu a testa. Em seus anos intermitentes como policial de ronda na Pitkin Avenue, havia assustado crianças com uma piscada ou com um alô amistoso, mas raramente uma criança desta idade que não tivesse algum peso na consciência.

— Não entendo — disse Sammy. — Quero dizer, percebo o que está dizendo. Pensei a mesma coisa. Talvez *seja* tudo um golpe para chamar atenção e ele nunca teve qualquer intenção de pular. Mas então por que roubou a roupa do meu escritório?

— Pode provar que *ele* roubou a roupa? — disse Lieber. — Olhe, não sei. Talvez tenha ficado com medo. Talvez tenha sido atropelado por uma carreta ou um táxi. Vou verificar nos hospitais, por precaução.

Acenou com a cabeça para o capitão Harley e concordou que era hora de recolher a companhia. Virou-se então para o garoto. Não sabia exatamente o que ia dizer; a cadeia de motivos e possibilidades ainda não estava conectada em sua cabeça. Foi apenas um impulso passageiro de policial, um faro para a encrenca, que o levou a fazer a pergunta. Era um destes homens que não podia deixar de dar um aperto num garotinho com cara de esquilo.

— Ouvi dizer que andou fazendo gazeta, meu jovem, para vir à nossa bela cidade farrear — falou.

Os olhos do menino se esbugalharam. Era bonito, um pouco superalimentado mas com espessos cachos negros e grandes olhos azuis que ficaram ainda maiores. O detetive não tinha certeza se o menino temia castigo ou se o desejava. Geralmente, com pequenos moleques deste tipo, era o segundo caso.

— Não quero pegá-lo às soltas na minha cidade de novo, ouviu? Fique em Long Island, que é o seu lugar.

Piscou para o pai. Sam Clay riu.

— Obrigado, detetive. — Agarrou um punhado de cabelos do filho e sacudiu sua cabeça para a frente e para trás de um modo que pareceu bastante doloroso para Lieber. — Tornou-se um belo falsário este menino. Faz a assinatura da mãe nas suas justificativas melhor do que ela.

Lieber sentiu os elos da corrente começando a se juntar.

— Então é assim? — falou. — Diga-me, você tem alguma destas pequenas obras-primas já preparadas para amanhã?

Com três rápidos gestos mudos de cabeça o menino confessou que tinha. Lieber estendeu a mão. O menino enfiou a mão na sacola e tirou um envelope pardo. Abriu-o. Havia uma única folha de papel de boa qualidade dentro do envelope, perfeitamente datilografada e assinada. Passou o papel para Lieber. Seus movimentos eram precisos e extraordinariamente cuidadosos, quase ostensivamente cuidadosos, e Lieber lembrou que o pai do menino acreditava que seu filho vinha dando escapadas até a cidade para se encontrar com mágicos de palco na Loja Mágica de Louis Tannen. Lieber deu uma lida na nota do menino.

Caro sr. Savarese,

Por favor desculpe a ausência de Tommy no colégio ontem. Mais uma vez, como lhe falei previamente, acredito que ele necessitou de tratamento oftalmológico por um especialista na cidade.

Sinceramente,
Sra. Rosa Clay

— Receio que o seu menino tenha sido o responsável por isto tudo — disse Lieber passando a carta para o pai do garoto. — Ele escreveu a carta para o *Herald-Tribune*.

— Eu tinha um palpite — disse o avô. — Achei ter reconhecido o estilo.

— O quê? — disse Sam Clay. — O que o faz dizer isto?

— As máquinas de escrever têm personalidade — disse o menino numa voz pequena, olhando para os pés. — Como impressões digitais.

— Este é com muita frequência o caso — concordou Lieber.

Sammy examinou a nota e então lançou um olhar estranho para o menino.

— Tommy, isto é verdade?

— Sim, senhor.

— Quer dizer que ninguém vai pular?

Tommy assentiu com a cabeça.

— Você inventou toda essa história sozinho?

Assentiu com a cabeça.

— Bem — disse Lieber. — Foi uma coisa muito séria o que você fez, filho. Receio que tenha cometido um crime. — Olhou para o pai. — Lamento com relação ao seu primo — falou. — Sei que estava com a esperança de que ele tivesse voltado.

— Eu estava — disse Sammy, surpreso por se dar conta daquilo, ou pelo fato de que Lieber houvesse adivinhado. — Sabe, acho que eu realmente esperava.

— Ele está de volta! — gritou o menino e até Lieber teve um pequeno sobressalto. — Ele está aqui.

— Em Nova York? — disse o pai. O menino assentiu com a cabeça. — Joe Kavalier está em Nova York? — Outro gesto de cabeça. — Onde? Como é que você sabe? Tommy, com os diabos, onde é que está seu primo Joe?

O menino resmungou algo, sua voz quase inaudível. E então, para a surpresa deles, virou-se e caminhou para dentro do edifício. Foi até as baterias de elevadores e apertou o botão daqueles que vão até o topo.

Tudo começou — ou recomeçou — com a Caixa Maravilhosa do Demônio Final.

No último 3 de julho, seu 11º aniversário, o pai de Tommy o havia levado para ver *Robin Hood, o justiceiro* no Criterion, para almoçar no Automat e para visitar uma réplica, na biblioteca da rua 42, do apartamento de Sherlock Holmes, completa com cartas não abertas endereçadas ao detetive, um chinelo de ponta curva cheio de tabaco, a marca da pata do Cão dos Baskervilles e um Rato Gigante da Sumatra empalhado. Tudo isso foi a pedido de Tommy, em vez da costumeira festa de aniversário. O único amigo de Tommy, Eugene Begelman, mudara-se para a Flórida no final do quarto ano e Tommy não tinha nenhum desejo de encher a sala de estar dos Clay com crianças ansiosas e tristonhas rolando os olhos, forçadas pelos pais, por cortesia deles, a comparecer. Era um menino solitário, igualmente impopular entre professores e alunos. Ainda dormia com um castor de pelúcia chamado Bucky. Mas era, ao mesmo tempo, orgulhoso — até beligerante na defesa — de seu distanciamento do mundo das crianças normais, estúpidas, felizes e invejáveis de Bloomtown. O mistério do seu verdadeiro pai, que — havia decidido, decifrando as insinuações entreouvadas e as observações bruscamente abafadas de seus pais e de sua avó antes de morrer — fora um soldado morto na Europa, era ao mesmo tempo uma fonte de amor-próprio e de ânsia amarga, uma oportunidade grandiosa que perdera mas que, ainda assim, só podia ter acontecido com ele. Sempre simpatizava com jovens em romances cujos pais haviam morrido ou os abandonavam (tanto para ajudá-los a preencher seus destinos singulares como futuros Imperadores ou Reis dos Piratas, como em decorrência da crueldade excruciante geral contra as crianças do mundo). Não havia dúvida em sua mente de que tal destino o esperava, talvez nas colônias marcianas ou nas minas de plutônio do cinturão de asteroides. Tommy era um pouco rechonchudo e pequeno para sua idade. Fora o alvo de algumas crueldades costumeiras no decorrer dos anos, mas seu ar taciturno e seu desempenho espetacularmente médio na escola lhe haviam proporcionado uma certa medida de invisibilidade segura. Assim, com o tempo, conquistara o direito de se abster completamente dos usuais teatros da estratégia e angústia juvenil — os folguedos de playground, os jogos de bafo-bafo com figurinhas, as festas de Halloween, de

piscina e de aniversário. Estas lhe interessavam, mas proibia a si mesmo de se importar com elas. Se não podia ver brindarem à sua saúde no imenso salão de banquetes forrado de carvalho de um castelo, tomado pelo cheiro de javali e veado assados no espeto, com vigorosos arqueiros e aventureiros tocando seus canecos, então um dia passado em Nova York com seu pai teria de bastar.

O ponto crucial, o elemento-chave da celebração, era uma parada na Loja Mágica de Louis Tannen, na rua 42 Oeste, para comprar um presente de aniversário que Tommy havia pedido: a Caixa Maravilhosa do Demônio Final. A \$17,95, ela representava considerável generosidade da parte dos pais, mas no início eles foram excepcionalmente indulgentes com o seu interesse recente pela mágica, como se isso estivesse de acordo com algum itinerário secreto que tinham traçado para ele em suas cabeças.

Eugene Begelman começara toda essa história depois que seu pai voltou de uma viagem de negócios a Chicago com uma caixa oblonga em cores de cartas de baralho que continha, afirmava seu rótulo, “todo o necessário para ASSOMBRAR e ESTARRECER seus amigos e transformar VOCÊ na vida de toda festa”. Naturalmente, Tom pretendeu desdenhar da função da caixa, mas depois que Eugene rapidamente fez desaparecer um ovo duro e quase conseguiu tirar um camundongo artificial um tanto flácido de uma meia de mulher aparentemente normal, Tommy ficou impaciente. Tal impaciência — um aperto no peito, batidas de pés, algo como a necessidade de urinar — insuportável às vezes, parecia acometê-lo sempre que encontrava algo que não podia decifrar. Tomou emprestado o Kit Mágico Júnior Al-A-Kazzam! de Eugene e o levou para casa; num fim de semana havia dominado cada truque. Eugene disse que ele podia ficar com o estojo.

A seguir, Tommy foi à biblioteca e descobriu uma estante até então ignorada de livros sobre truques de cartas, truques de moedas, truques com sedas, lenços e cigarros. Suas mãos eram grandes para um garoto da sua idade, com dedos longos, e tinha uma capacidade de parar diante de um espelho com um quarto de dólar ou uma carteira de fósforos, repetindo incansavelmente as mesmas minúsculas flexões de seus dedos, que surpreendia até mesmo a ele. Aquilo o acalmava, praticar sumiços e escamoteações com as palmas das mãos.

Não demorou muito até descobrir a loja de Louis Tannen. Maior fornecedora de truques e acessórios no litoral leste, era, em 1953, ainda a capital não oficial do ilusionismo profissional nos Estados Unidos, uma espécie de clube de mágicos informal, onde gerações de homens de cartola de seda, passando pela cidade a caminho das casas de vaudeville e burlesco do Norte, Sul, ou Oeste, e dos clubes noturnos e teatros de variedades da nação, se encontravam para trocar

informação, filar dinheiro ou deslumbrar um ao outro com refinamentos artísticos e sutis demais para serem desperdiçados num público de admiradores de elefantes e apreciadores de damas serradas ao meio. A Caixa Maravilhosa do Demônio Final era uma das marcas registradas de Louis Tannen. Um campeão de vendas perene e capaz, ele dava sua garantia pessoal, de reduzir um público — não, certamente, de jogadores de bafo-bafo ou de beisebol de cabo de vassoura, mas, imaginava Tommy, de tipos vestidos em fraques fumando cigarros longos a bordo de transatlânticos e mulheres com gardênia nos cabelos — a uma camada de gelatina abobalhada sobre o chão. Só o seu nome era suficiente para deixar Tommy ofegante de impaciência.

Nos fundos da loja, Tommy notara em visitas anteriores, havia duas portas. Uma, pintada de verde, levava ao depósito onde as argolas de aço, gaiolas de truque e os baús de fundo falso eram guardados. A outra porta, pintada de preto, geralmente ficava fechada, mas às vezes um homem chegava da rua, cumprimentava Louis Tannen e um dos vendedores, e passava pela porta, oferecendo um vislumbre do mundo lá de dentro; ou então um homem saía, acenando para quem quer estivesse deixando para trás, enfiando cinco dólares no bolso e sacudindo a cabeça de espanto diante de qualquer milagre que houvesse acabado de testemunhar. Esta era a famosa sala dos fundos de Louis Tannen. Tommy teria dado qualquer coisa — teria aberto mão da Caixa Maravilhosa do Demônio Final, de *Robin Hood, o justiceiro*, dos aposentos de Sherlock Holmes em Baker Street e do Automat — só para poder dar uma olhada lá atrás e ver os velhos profissionais brandindo as intrigantes flores de sua arte. Enquanto o sr. Tannen em pessoa dava ao pai de Tommy uma demonstração da Caixa Maravilhosa, mostrando-lhe que estava vazia, abastecendo-a de sete lenços, então abrindo a caixa para mostrar que ainda estava vazia, entrou um homem, disse “Olá, Lou” e seguiu para os fundos. Quando a porta se abriu e fechou, Tommy viu de relance alguns mágicos, de suéteres e ternos, de pé com as costas voltadas para ele. Observavam outro mágico atuando, um sujeito alto e esguio com um nariz grande. O homem do nariz grande ergueu os olhos, sorrindo do pequeno truque que acabara de executar seus olhos azuis profundos de grandes pálpebras nada impressionados consigo mesmo. Os outros mágicos praguejaram de admiração diante do truque. Os tristes olhos azuis cruzaram com os de Tommy. Abriram-se. A porta fechou.

— Incrível — disse Sammy Clay, puxando a carteira. — Vale cada centavo.

O sr. Tannen entregou a caixa a Tommy e ele a apanhou, seus olhos ainda na porta. Tinha concentrado seus pensamentos num luminoso fecho de diamante e mirou com ele a maçaneta, desejando

que girasse. Nada aconteceu.

— Tommy? — Tommy ergueu a cabeça. Seu pai estava olhando para ele. Parecia irritado e a voz tinha um tom de falso bom humor. — Você tem ainda um pingo de desejo no seu corpo por esta coisa?

Ele concordou com a cabeça, embora o pai tivesse adivinhado a verdade. Olhou para a caixa de madeira azul laqueada pela qual ansiara até a noite passada com um fervor que o manteve acordado depois da meia-noite. Mas, sabia que os segredos da Caixa Maravilhosa do Demônio Final nunca o fariam passar pela porta da sala dos fundos de Tannen, onde homens endurecidos pelas viagens inventavam maravilhas privadas para seu próprio divertimento melancólico. Levantou o olhar da Caixa Maravilhosa para a porta negra. Permanecia fechada. O Escaravelho, sabia, teria corrido até ela.

— É ótima, papai — disse Tommy. — Eu a adoro. Obrigado.

Três dias depois, numa segunda-feira, deu uma parada na *drugstore* Spiegelman's para arrumar as revistas em quadrinhos. Era um serviço que prestava sem cobrar nada e, até onde sabia, sem o conhecimento do sr. Spiegelman. As novas revistas em quadrinhos chegavam na segunda-feira e na quinta-feira, particularmente mais para o fim do mês, as longas fileiras de estantes de arame ao longo da parede nos fundos da loja eram uma confusão de revistas desordenadas e com as pontas dobradas. Toda semana Tommy separava por ordem alfabética, colocando as DC com as DC e as Empire Comics com as Empire Comics, os Timelys com os Timelys, reunindo os membros desgarrados da Família Marvel, isolando os títulos de romance que, embora ocultasse este fato de sua mãe, ele desprezava, num canto inferior. Claro que reservava as estantes centrais para os 19 títulos da Pharaoh. Mantinha uma contagem cuidadosa destes, alegrando-se quando a Spiegelman's esgotava seu reparte de *Dedos de Bronze* em uma semana, sentindo uma misteriosa pena e vergonha por seu pai quando, durante um mês inteiro, todos os seis exemplares de *Histórias do mar*, um favorito pessoal de Tommy, jaziam encalhados nas estantes da Spiegelman's. Fazia toda esta arrumação clandestinamente, como se estivesse dando uma olhada nas revistas. Sempre que chegava outro garoto ou o sr. Spiegelman aparecia, Tommy rapidamente enfiava num canto qualquer pilha errante que estivesse segurando, do jeito que pudesse, e entregava-se a um transparente interlúdio de assobio inocente. Escondia ainda mais sua atuação secreta de bibliotecário — nascida principalmente da lealdade para com o pai, mas também por uma aversão inata à bagunça — gastando preciosos dez centavos semanais numa revista em quadrinhos. Isto apesar de seu pai trazer regularmente para casa grandes pilhas “da concorrência”, inclusive muitos títulos não encontrados na Spiegelman's.

Logicamente, se Tommy estava jogando fora seu dinheiro, deveria

ter sido num dos títulos menos lidos da Pharaoh, como *Histórias rurais* ou a mencionada revista náutica. Mas quando Tommy saía da Spiegelman's toda quinta-feira era com uma revista em quadrinhos da Empire na mão. Este era seu pequeno e obscuro ato de deslealdade para com o pai: Tommy adorava o Escapista. Adorava sua cabeleira dourada, sua obediência estrita, às vezes obsessiva, às regras do jogo limpo e o sorriso honesto que exibia o tempo todo, mesmo quando golpeado no queixo pelo Kommandant X (que fizera facilmente a transição de nazista para comuna) ou de um dos gigantescos capangas de Rosa Veneno. As origens nebulosas do Escapista, nas mentes de seu pai e do perdido primo Joe, retiniam obscuramente na sua imaginação. Lia a revista inteira no caminho da Spiegelman's para casa, andando devagar saboreando as histórias, cômico do ranger dos seus tênis sobre a calçada recém-construída, da evolução ondulante do seu corpo através da escuridão que chegava envolvendo as margens externas das páginas à medida que as folheava. Pouco antes de dobrar a esquina para Lavoisier Drive, ele jogava a revista na lata de lixo dos D'Abruzzio.

Nestas porções de caminhada até a escola e de volta para casa que não eram ocupadas por sua leitura — além de quadrinhos, devorava ficção científica, histórias do mar, H. Rider Haggard, Edgar Rice Burroughs, John Buchan e romances que tratavam da história americana ou britânica — ou por ensaios mentais detalhados dos espetáculos de mágica com os quais um dia planejava deslumbrar o mundo, Tommy se fazia passar pelo briguento Tommy Clay, escolar americano, conhecido por ninguém como o Escaravelho. O Escaravelho era o nome do seu *alter ego* fantasiado combatente do crime, que surgiu certa manhã quando Tommy estava no primeiro grau e cujas aventuras e mitologia cada vez mais complicada vinha escrevendo na sua cabeça desde então. Desenhara vários volumes grossos com as histórias do Escaravelho, embora sua habilidade artística não estivesse à altura do vivido alcance da sua imaginação e a confusão resultante de borrões de grafite e migalhas de borracha o desencorajasse. O Escaravelho era um besouro, um inseto de verdade — um besouro-escaravelho, na versão atual — que fora atingido, com um bebê humano, pelo furor de uma explosão atômica. De certa forma — Tommy era vago neste ponto — suas naturezas tinham se misturado e agora a mente e o espírito do besouro, armados com a dureza e a força proporcional de um besouro, habitavam o corpo, com 1,20m de altura, de um menino humano que se sentava na terceira fila da classe do sr. Landauer, sob um busto de Franklin D. Roosevelt. Às vezes ele podia se servir, de novo um tanto vagamente, das habilidades características — voo, ferroada, fiação de seda — de outras variedades de besouros. Era sempre como se estivesse envolto

no manto imaginário do Escaravelho que ele fazia o seu trabalho clandestino nas estantes do sr. Spiegelman, as antenas estendidas e tensas para detectar o menor tremor da aproximação do sr. Spiegelman, que Tommy geralmente colocava nesta situação na pele do nefasto Grampo de Aço, um membro efetivo da Galeria de Vilões do Escaravelho.

Naquela tarde, enquanto amaciava o canto dobrado de um exemplar de *Estranho encontro*, algo surpreendente aconteceu. Pela primeira vez desde que tinha lembrança, sentia uma pontada de verdade na sensível antena do Escaravelho. Alguém o estava observando. Olhou ao seu redor. Um homem estava de pé, meio escondido por trás de uma estante giratória cravejada de lentes de óculos de leitura de cinquenta centavos. O homem virou o rosto rapidamente e fingiu que, o tempo todo, estava olhando para um tremor de luz rosa e azul na parede dos fundos da loja. Tommy identificou-o imediatamente como o mágico de olhos tristes da sala dos fundos de Louis Tannen. Não ficou de todo surpreso ao ver o homem ali, na Spiegelman's em Bloomtown, Long Island; isto foi algo que sempre lembraria depois. Sentiu-se até — talvez isto fosse um pouco surpreendente — feliz de ver o homem. Na loja de Tannen, a aparição do mágico parecera a Tommy como de certo modo agradável. Experimentou uma afeição inexplicável pela cabeleira desordenada de cachos morenos, o corpo magro num terno branco manchado, os grandes olhos simpáticos. Agora Tommy percebia que esta sensação deslocada de ternura fora meramente o primeiro sinal de reconhecimento.

Quando o homem percebeu que Tommy estava olhando para ele, desistiu do fingimento. Por um instante ficou ali, os ombros caídos, o rosto corado. Dava a impressão de que planejava fugir; isto foi outra coisa de que Tommy se lembrou depois. O homem então sorriu.

— Olá, amigo — disse. Sua voz era suave e com um leve sotaque.

— Olá — disse Tommy.

— Sempre quis saber o que colocaram nestas jarras. — O homem apontou para a vitrine da loja onde dois vasos de vidro, dois béqueres barrocos com tampas em cúpulas no formato de cebola, continham seus perpétuos galões de fluido claro, com as tinturas respectivamente cor-de-rosa e azul. O sol do fim de tarde os atravessava, projetando o par ondulante de sombras em tom pastel na parede dos fundos.

— Já perguntei isto ao sr. Spiegelman — disse Tommy. — Um
duas vezes.

— Que foi que ele disse?

— Que é um mistério da sua profissão.

O homem acenou com a cabeça solenemente.

— Um segredo que devemos respeitar. — Enfiou a mão no bolso e

tirou um maço de cigarros Old Gold. Acendeu um com um estalido do isqueiro e inalou lentamente, seus olhos sobre Tommy, a expressão preocupada, como Tommy esperava que fosse. — Sou seu primo — o homem disse. — Josef Kavalier.

— Eu sei — disse Tommy. — Vi o seu retrato.

O homem acenou com a cabeça e tragou de novo o cigarro.

— Você está vindo à nossa casa? — perguntou Tommy.

— Hoje não.

— Mora no Canadá?

— Não — disse o homem. — Não moro no Canadá. Eu podia contar a você onde moro, mas, se fizesse isto, você teria de prometer que não revelaria meu paradeiro ou identidade a nenhuma pessoa. É ultrassecreto.

Houve um rangido arenoso de sola de couro contra o linóleo. O primo Joe ergueu o olhar e deu um sorriso frágil de adulto, os olhos movendo-se inquietamente para um lado.

— Tommy? — Era o sr. Spiegelman. Olhava curioso para o primo Joe, não de uma maneira inamistosa, mas com um interesse que Tommy reconheceu como distintamente não mercantil. — Não creio que conheça o seu amigo.

— Este... é... Joe — disse Tommy. — É meu... conhecido.

A intrusão do sr. Spiegelman no corredor das histórias em quadrinhos o abalou. A sensação onírica de calma com que reencontrara, numa farmácia de Long Island, o primo que tinha desaparecido de um navio militar na costa da Virgínia oito anos antes, tudo o abandonou. Joe Kavalier era o grande silenciador de adultos no lar dos Clay; sempre que Tommy entrava num aposento e todo mundo parava de falar, sabia que estavam discutindo sobre o primo Joe. Naturalmente, ele os importunava impiedosamente em busca de informação sobre este misterioso homem. Seu pai em geral se recusava a falar sobre os primeiros dias da parceria que tinha produzido o Escapista — “Toda essa história me deprime, amigo”, dizia — mas podia às vezes ser induzido a especular sobre o paradeiro atual de Joe, a trajetória de suas andanças, a possibilidade de que voltasse um dia. O assunto, porém, deixava o pai de Tommy nervoso. Ele pegava seus cigarros, um jornal, o botão do rádio: qualquer coisa para cortar a conversa.

Foi sua mãe quem forneceu a Tommy a maior parte do que sabia sobre Joe Kavalier. Dela ouviu a história completa do nascimento do Escapista, das vastas fortunas que os proprietários da Empire Comics tinham feito em cima do trabalho de seu pai e de seu primo. Sua mãe preocupava-se com dinheiro. A bonança perdida que o Escapista teria representado para a família se eles não tivessem sido trapaceados por Sheldon Anapol e Jack Ashkenazy a perseguia. “Eles foram roubados”,

dizia frequentemente. Em geral confinava tais afirmações a momentos em que mãe e filho estavam sozinhos, mas ocasionalmente, quando o pai de Tommy se achava por perto, ela arrancava sua triste história no ramo das histórias em quadrinhos, na qual o primo Joe tinha formado uma parte vital, para sustentar um ponto maior e mais obscuro sobre o estado de suas vidas que Tommy, agarrando-se ferozmente ao seu entendimento infantil das coisas, sempre conseguia perder. Sua mãe, parecia, estava de posse de todo tipo de fatos interessantes sobre Joe. Sabia que escola ele frequentara em Praga, quando e através de que rota viera para a América, os lugares onde tinha morado em Manhattan. Sabia quais foram as revistas em quadrinhos que ele desenhou e o que Dolores Del Rio disse para ele numa noite de primavera de 1941 (“Você dança como o meu pai”). A mãe de Tommy sabia que Joe era indiferente à música e louco por bananas.

Tommy sempre considerou a particularidade, a intensidade duradoura das lembranças que sua mãe guardava de Joe como uma coisa normal até que, numa tarde do verão anterior, na praia, entreouvira a mãe de Eugene falando com outra mulher da vizinhança. Tommy, fingindo que dormia deitado sobre a toalha, ficou bisbilhotando a conversa sussurrada. Era difícil de acompanhar, mas uma frase penetrou em seu ouvido e ficou alojada na cabeça por muitas semanas.

— Ela vem carregando a tocha por ele todos estes anos — a outra mulher dissera para Helene Begelman. Estava falando, Tommy sabia, de sua mãe. Por alguma razão, pensou imediatamente no retrato de Joe, vestido num fraque, brandindo um *straight flush*, que sua mãe tinha sobre a penteadeira no banheiro do seu quarto de dormir, numa pequena moldura de prata. Mas o significado pleno desta expressão, “carregar uma tocha”, ficou opaco para Joe durante vários meses até que um dia, ouvindo com seu pai Frank Sinatra cantar a introdução de *Guess I'll Hang My Tears Out To Dry*, seu sentido se tornou claro para ele; no mesmo instante, percebeu que soubera a vida toda que sua mãe estava apaixonada pelo primo Joe. A informação o agradou por algum motivo. Parecia coincidir com certas ideias que formara sobre como era realmente a vida adulta folheando as histórias de sua mãe em *Coração partido*, *Namorada* e *Loucuras de amor*.

Ainda assim, Tommy não sabia realmente nada do primo Joe e tinha de admitir, vendo-o através dos olhos do sr. Spiegelman, que ele parecia um pouco sombrio, fazendo hora ali no seu terno amarrotado, com barba de vários dias no queixo. Os cachos de seus cabelos saltando para cima como maravalhas de madeira. Era pálido e pestanejava como se não ficasse exposto com frequência à luz. Ia ser difícil explicá-lo para o sr. Spiegelman sem revelar que era um parente. E por que não revelaria isto? Por que não contaria a todo

mundo que sabia — em particular a seus pais — que o primo Joe tinha voltado de suas andanças? Era uma grande novidade. Se depois soubessem que a omitira do pai e da mãe, iria certamente ter problemas.

— Este é o meu... hum... — gaguejou, vendo se aguçar o olhar de desconfiança nos olhos azuis-claros do sr. Spiegelman. — Meu...

Estava para dizer “primo” e ainda pensava em prefixá-lo com a novidade melodramática “há muito tempo sumido” quando uma possibilidade narrativa muito mais interessante lhe ocorreu: estava claro que o primo Joe viera procurando especialmente por ele. Houve aquele momento em que seus olhares se cruzaram no Loja Mágica de Louis Tannen e então, nos dias seguintes, de um jeito ou de outro, Joe localizara Tommy, observara seus hábitos, até mesmo o seguira, esperando o momento oportuno. Quaisquer que fossem suas razões para ocultar seu retorno do resto da família, escolhera revelar-se para Tommy. Seria errado e tolo, pensou Tommy, não respeitar aquela escolha. Os heróis dos romances de John Buchan nunca soltavam a verdade nestas situações. Para eles, uma palavra era sempre suficiente e a discrição era a melhor parte do valor. O mesmo sentido de clichê melodramático o impediu de pensar na possibilidade de que seus pais soubessem tudo sobre a volta do primo Joe e, como era seu hábito em relação às notícias interessantes, escondessem o fato dele.

— Meu professor de mágica — completou. — Combinei encontrá-lo aqui. As casas são todas parecidas, o senhor sabe.

— É certamente verdade — disse Joe.

— Professor de mágica — disse o sr. Spiegelman. — Isto é novidade para mim.

— Um professor é necessário, sr. Spiegelman — disse Tommy. — Todos os grandes mágicos têm um. — Então Tommy fez algo que o surpreendeu. Estendeu o braço e pegou a mão de seu primo. — Bem, vamos lá. Vou lhe mostrar o caminho. É só contar as esquinas. As casas não são realmente todas iguais. Temos oito modelos diferentes.

Começaram a sair passando pelas prateleiras dos quadrinhos. Tommy lembrou que pretendia apanhar o almanaque de 1953 das *Aventuras do Escapista*, mas receava que isto pudesse ofender ou até deixar zangado o seu primo. Tommy simplesmente seguiu em frente, puxando a mão de Joe. Quando passaram pela revista, Tommy olhou para a capa das *Aventuras do Escapista* #54, na qual o Escapista, com os olhos vendados e amarrado a um grosso poste com as mãos atrás das costas, encarava um pelotão de fuzilamento de rostos sombrios. A ordem de fogo estava para ser dada por, entre todas as pessoas, Tom Mayflower, apoiado em sua muleta, um braço erguido, seu rosto demoníaco e enlouquecido. “COMO É POSSÍVEL?”, gritava o Escapista num balão com letras agonizantes e em arco. “VOU SER EXECUTADO

POR MEU PRÓPRIO ALTER EGO!!!”

Tommy sentiu-se particularmente atraído por esta provocante ilustração, embora soubesse que, no final, quando você lia a história, a situação da capa acabaria sendo apenas um sonho, um mal-entendido, um exagero, ou até uma mentira completa. Com a mão livre ficou segurando os dez centavos no bolso dos seus jeans.

O primo Joe apertou sua outra mão.

— *Aventuras do Escapista* — disse, num tom leve e gozador.

— Eu só estava olhando — disse Tommy.

— Pegue — disse Joe. Arrancou da estante os quatro títulos recentes do Escapista. — Pegue todos. Vá em frente. — Acenou para a parede, seu gesto arrebatado, os olhos brilhando. — Vou comprar para você todas as revistas que quiser.

Era difícil dizer por que, mas esta oferta extravagante assustou Tommy. Começou a arrepender-se do seu salto bucaneiro nos planos desconhecidos do seu primo até há pouco desaparecido.

— Não, obrigado — disse. — Meu pai consegue todas estas revistas de graça. Menos as da Empire.

— Claro — disse Joe. Tossiu no punho fechado em forma de bola e suas faces ficaram vermelhas. — Muito bem. Só aquela.

— Dez centavos — disse o sr. Spiegelman, batendo a campainha da caixa registradora, ainda olhando Joe cuidadosamente. Pegou os dez centavos que Joe lhe ofereceu e então estendeu a mão. — Hal Spiegelman — disse. — Senhor...

— Kornblum — disse o primo Joe.

Caminharam para fora da loja e pararam na calçada defronte à Spiegelman's. Esta calçada e as lojas que davam para ela eram as coisas mais antigas construídas em Bloomtown. Estavam lá desde que sr. Irwin Bloom ainda trabalhava na fábrica de cimento do pai no Queens e nada havia por ali além de plantações de batatas e esta minúscula aldeia de Manticock, que Bloomtown depois envolveu e suplantou. Ao contrário das calçadas ofuscantemente limpas e planas da utopia do sr. Irwin Bloom, os pisos daqui estavam rachados, acinzentados, com manchas de leopardo de anos de goma de mascar cuspidas no chão, cobertos por uma camada de ervas daninhas da ilha. Não havia nenhum estacionamento de frente para o oceano, como em Bloomtown Plaza; a Rodovia Estadual 24 passava ruidosamente bem perto. As vitrines das lojas eram estreitas, revestidas com ripas, suas cornijas uma massa confusa de fios de telefone e linhas de eletricidade cobertas por trepadeiras da Virgínia. Tommy queria dizer algo sobre isso para seu primo Joe. Gostaria de dizer-lhe como as calçadas esburacadas, os corvos brigões nas trepadeiras da Virgínia e o zumbido irritante do letreiro de néon do sr. Spiegelman lhe faziam sentir uma espécie de tristeza premonitória pela vida adulta, como se

Bloomtown, com suas piscinas, sua selva de ginásios, gramados e calçadas irretocáveis, fossem os vários e uniformes mares da infância, da qual esta fatia senescente da aldeia de Manticock se projetava como uma ilha obstinada e sombria. Sentia como se houvesse mil coisas que queria contar para o primo Joe, a história de suas vidas desde o seu desaparecimento, a dolorosa tragédia da partida de Eugene Begelman para a Flórida, a origem do misterioso Escaravelho. Tommy nunca tivera muito sucesso em se explicar para os adultos por causa da calamitosa desatenção deles, mas havia um ar de paciência nos olhos do primo Joe que o fazia pensar que seria possível contar coisas para este homem.

— Gostaria que pudesse vir a nossa casa esta noite — disse. — Vamos ter *chili* mexicano.

— Parece gostoso. Sua mãe sempre foi uma boa cozinheira.

— Venha. — Subitamente, sentiu que nunca seria capaz de guardar segredo para seus pais sobre a volta de Joe. A questão do paradeiro de Joe fora uma preocupação para eles durante toda a vida de Tommy. Seria injusto ocultar a notícia. Seria errado. E, mais ainda, teve a sensação imediata, ao ver seu primo pela primeira vez, de que o homem *pertencia* a eles. — Você precisa vir.

— Mas não posso. — Toda vez que um carro passava, Joe se virava e olhava, perscrutando o seu interior. — Desculpe. Vim aqui para ver você, mas agora preciso ir embora.

— Por quê?

— Porque eu... porque estou fora de forma. Talvez da próxima vez eu visite sua casa, mas não agora. — Olhou para o relógio. — Meu trem chega em dez minutos.

Estendeu o braço para Tommy e apertaram as mãos, mas então Tommy surpreendeu-se colocando os braços em volta do primo Joe. O cheiro de cinza no tecido áspero do seu paletó encheu o coração de Tommy.

— Para onde está indo? — perguntou Tommy.

— Não posso lhe dizer. Não seria justo. Não posso pedir que guarde meus segredos para mim. Depois que eu me for, não deve contar a seus pais que me viu, tá? Eu não ligo. Não vão conseguir me achar. Mas, para ser justo com você, não posso lhe dizer para onde estou indo.

— Não vou contar para eles — garantiu Tommy. — Juro por Deus que não vou contar.

Joe colocou as mãos ao redor dos ombros de Tommy e empurrou-o para trás um pouco para que pudessem se encarar.

— Você gosta de mágica, não?

Tommy assentiu com a cabeça. Joe colocou a mão no bolso e puxou um baralho. Eram de uma marca francesa chamada Le Petit

Fou. Tommy tinha um baralho idêntico em casa, que comprara na loja de Louis Tannen. As cartas continentais eram menores em tamanho e assim mais fáceis de manipular para mãos pequenas. Os reis e rainhas tinham um ar carrancudo em xilogravura de chicana medieval, como se estivessem para roubar você com suas espadas e lanças curvas. Joe tirou as cartas de sua vistosa caixa e passou-as para Tommy.

— O que você sabe fazer? — disse. — Sabe fazer um passe?

Tommy sacudiu a cabeça, sentindo suas faces esquentarem. De certa forma, seu primo conseguira ir diretamente ao cerne da fraqueza de Tommy como manipulador de cartas.

— Não sou muito bom em passes — disse, embaralhando morosamente as cartas. — Sempre que um truque manda fazer um passe, eu simplesmente sigo adiante.

— Passes são difíceis — disse Joe. — Bem, fáceis de fazer. Mas difíceis de fazer bem-feito.

Isso estava longe de ser novidade para Tommy, que dedicara duas semanas fúteis no começo do verão à sequência, à metade, ao leque e ao passe Charlier, entre outros, mas nunca alcançara a fineza das várias metades e quartos do baralho suficientemente rápido para impedir que a ilusão central de qualquer passe — a transposição invisível de duas ou mais porções do baralho — ficasse patente até mesmo ao olho menos observador, no caso de Tommy aquele de sua mãe, que, durante sua tentativa final antes de abandonar o passe de uma vez por todas, com revolta, havia rolado os olhos e dito: “Bem, naturalmente, se você vai dividir as metades assim.”

Joe ergueu a mão direita de Tommy, examinou as juntas dos dedos, virou-a e estudou a palma, examinando-a como um quiromante.

— Sei que preciso aprender isto — disse Tommy —, mas eu...

— É uma perda do seu tempo — disse Joe, soltando a mão. — Não se dê ao trabalho até que suas mãos estejam maiores.

— O quê?

— Deixe-me mostrar a você.

Pegou o baralho, abriu-o num leque elegante de muitas pregas e ofereceu a Tommy uma escolha. Tommy olhou instantaneamente para o três de paus e então o colocou resolutamente com a ponta do dedo de volta ao baralho. Ficou atento aos movimentos dos longos dedos de Joe, decidido a detectar o passe quando ocorresse. Joe abriu suas mãos, a palma para cima. O baralho pareceu cair em duas seções bem definidas, da esquerda para a direita, na ordem adequada e, enquanto os dedos de Joe ondulavam com um talento mágico, houve uma sugestão desconcertante de um outro salto, tão breve que deixou Tommy sem saber se o havia imaginado ou se fora logrado a ver mais do que havia ali pela artificiosa vibração de anêmona dos dedos e

polegares do seu primo. Parecia, fazendo um balanço, como se nada tivesse acontecido com as cartas além de uma simples transferência preguiçosa da mão esquerda para a direita. Então Tommy estava segurando uma carta em suas mãos. Virou-a. Era o três de paus.

— Ei — disse Tommy. — Uau!

— Você viu?

Tommy sacudiu a cabeça.

— Não viu o passe?

— Não!

Tommy não podia se impedir de sentir-se ligeiramente irritado.

— Ah — disse Joe com um leve tom de baixo injetando teatralidade em sua voz —, mas não houve nenhum passe. Este foi o Falso Passe.

— O Falso Passe.

— Fácil de fazer, mas não muito difícil de fazer bem.

— Mas eu não...

— Você estava observando meus dedos. Não observe meus dedos. Meus dedos são mentirosos. Eu lhes ensinei a contar belas mentiras.

Tommy gostou disto. Houve um forte puxão na corda que mantinha seu coração impaciente preso ao seu peito.

— Você podia...? — Tommy começou a falar e então silenciou.

— Aqui — disse Joe. Caminhou para trás de Tommy e ficou inclinado sobre ele, os braços enlaçando-o como o pai de Tommy fizera uma vez para mostrar-lhe como dar um nó gravata. Colocou o baralho na mão esquerda de Tommy, ajeitando seus dedos, e então o conduziu lentamente através dos quatro movimentos simples, uma série de viradas e meias-voltas, tudo o que se precisava para colocar o fundo do baralho no topo, com a linha divisória entre as porções, naturalmente, sendo a carta escolhida, marcada invisivelmente pela ponta da ponta do mindinho esquerdo. Ficou por trás de Tommy, vendo-o imitar os movimentos, o vapor de seu hálito soprando regularmente, e acre de tabaco, ao redor da cabeça de Tommy enquanto o garoto se esforçava para executar o efeito. Depois da sexta tentativa, embora canhestra e lenta, ele podia sentir que, no fim, ia acabar pegando o jeito. Experimentou um amolecimento na barriga, uma sensação de felicidade que era de certa forma oca, com um pequeno vazio no seu centro, de perda. Encostou a cabeça para trás, no estômago achatado do primo, e olhou com o rosto invertido. Os olhos de Joe pareciam espantados, arrependidos, perturbados; mas Tommy lera certa vez num livro de ilusões óticas que todos os rostos pareciam tristes quando vistos de ponta-cabeça.

— Obrigado — disse Tommy.

O primo Joe deu um passo para trás, afastando-se dele, e Tommy perdeu o equilíbrio e quase caiu. Aprumou-se e virou-se para encarar

o primo.

— Você precisa realmente saber executar um passe — disse o primo Joe. — Mesmo quando é apenas um passe falso.

Na segunda-feira seguinte, Tommy foi nadar na piscina do Centro de Recreação da Comunidade de Bloomtown, que acabara de reabrir depois de um pânico de poliomielite. Quando voltou para casa na sua bicicleta, encontrou uma carta à sua espera, num envelope longo comercial cujo endereço impresso do remetente era Loja Mágica de Louis Tannen. Não recebia cartas com frequência e sentiu que sua mãe o observava enquanto abria o envelope.

— Estão lhe oferecendo um emprego — adivinhou ela. Estava de pé ao lado do balcão da cozinha, o lápis pousado sobre uma lista de compras de mercado que fazia. Às vezes sua mãe levava quase uma hora e meia para compor uma lista de compras relativamente simples. Ele tinha a tendência de seu pai para a pressa, mas sua mãe nunca costumava apressar uma tarefa que desprezava. — Louis Tannen morreu e deixou a loja para você em testamento.

Tommy sacudiu a cabeça, incapaz de rir das piadas dela. Estava tão excitado que a folha de papel-almaço, com sua mixórdia datilografada de termos exóticos, tremia em suas mãos. Sabia que a carta fazia parte do plano, mas por um instante esqueceu qual era o plano. Estava atarantado de alegria.

— Então o que é?

Ousadamente, o estômago revirando, Tommy estendeu a folha de papel para ela. Ela ergueu a ponta do nariz dos óculos de leitura que usava num cordão de prata em volta do pescoço. Isto era uma novidade, que sua mãe detestava. Nunca chegava a colocar de verdade os óculos sobre o nariz, mas simplesmente os segurava diante dos olhos, como se quisesse ter a ver com eles o mínimo possível.

— Jardim das Sedas em Flor? Império dos Centavos? Pena Assombrada?

— São truques — disse Tommy, pegando o papel de volta antes que ela quisesse estudá-lo mais a fundo. — É uma lista de preços.

— Estou vendo — disse ela, de olho nele. — Pena está escrito errado. Dois Ns.

— Humm — disse Tommy.

— De quantos truques você precisa, querido? Acabamos de comprar aquela caixa demoníaca para você.

— Eu sei — disse. — É só para ficar desejando.

— Bem, deseje quanto quiser — falou, baixando os óculos de novo.

— Mas não tire o casaco. Estamos indo ao A&P.

— Posso ficar em casa, por favor? Já tenho idade bastante.

— Hoje não.

— Por favor.

Viu que ela provavelmente ia ceder — vinham experimentando ultimamente deixá-lo sozinho — e a única coisa que a fez vacilar foi que detestava fazer compras no mercado.

— Vai me deixar ir sozinha para o coração das trevas?

Ele acenou com a cabeça.

— Você vai ficar bem?

Acenou de novo, receoso de que, se dissesse mais qualquer coisa, ia acabar se entregando. Ela hesitou por mais uns momentos, então encolheu um ombro, pegou a bolsa e saiu.

Ficou sentado, segurando o papel e o envelope nas mãos, até que ouviu o ronco do motor do Studebaker e a raspagem do para-choque traseiro no piso quando ela saía de ré da garagem. Levantou-se então. Pegou a tesoura da gaveta da cozinha, foi até o armário e apanhou uma caixa de cereais Post Toasties. Viu que sua mãe, como fazia sempre, saíra sem a lista de compras. Estava escrita, notou, nas costas de um papel recortado de uma página de arte — parecia ser da revista *Beijo* — da qual ela havia desistido. Uma loura bonita escondia-se atrás de uma canoa a remo, espiando algo que a fazia chorar. Era provavelmente seu namorado médico beijando sua melhor amiga, a enfermeira, ou algo parecido.

Tommy levou a tesoura e o cereal para seu quarto. Havia um centímetro de migalhas no saco de papel encerado e ele as mastigou zelosamente. Como fizera toda manhã na última semana, estudou o texto impresso nas costas da caixa, que descrevia os méritos cientificamente formulados do cereal em tons sóbrios e que agora sabia de cor. Quando acabou, fez uma bola do saco e o jogou na cesta de papéis. Apanhou a tesoura e cuidadosamente cortou o painel traseiro da caixa. Colocou-o sobre a sua mesa. Com um lápis e uma régua, desenhou um quadrado em volta de cada instância das palavras “Post Toasties”. Pegou então a tesoura e recortou as linhas que havia traçado. Pegou o papelão, com seus 11 buracos retangulares, e colocou-o sobre a suposta lista de truques de mágica da loja de Tannen.

Foi assim que ficou sabendo que deveria pegar o trem das 10:04 na estação da LIRR em Bloomingtown no dia 3 de dezembro, usando um tapa-olho que seria fornecido, sob o pretexto de que era parte de um truque espúrio chamado Peças de Oito, numa segunda carta de Joe. Tommy devia sentar-se no último vagão, nos fundos, fazer baldeação em Jamaica, desembarcar na Estação Penn e então caminhar os dois longos quarteirões até, de todos os lugares, o Empire State Building.

Devia pegar o elevador até o 72º andar, ir até a Suíte 7203, e bater suas iniciais na porta em código Morse. Se encontrasse algum amigo da família ou outro adulto que o questionasse ou perguntasse o seu destino, devia apontar para o tapa-olho e dizer simplesmente “oftalmologista”.

Toda quinta-feira nos sete meses seguintes Tommy seguiu a rotina estabelecida por aquela primeira carta secreta de Joe. Saía de casa às 8:45 todo dia e começava a caminhar na direção da William Floyd Junior High, onde cursava a sétima série. Na esquina da Darwin Avenue, porém, virava à esquerda em vez da direita, atravessava o quintal dos Marchetti, cruzava a Rutherford Drive e então seguia cadenciado (a não ser que estivesse chovendo) através do semiconstruído lado leste de Bloomtown na direção da estrutura nova em folha de blocos de concreto e aço que substituíra a velha Estação Manticock. Passava o dia com o primo Joe em seus estranhos aposentos à altura de 270 metros acima da Quinta Avenida e saía às três horas da tarde. Então, de novo, seguindo a receita original de Joe, parava do lado de fora da Equipamentos de Escritórios Reliant na rua 33 e datilografava uma carta de justificativa para entregar ao diretor da escola, sr. Savarese, na manhã seguinte, numa folha de papel que Joe lhe fornecera com uma perfeita imitação da assinatura de Rosa Clay.

Nos primeiros meses, Tommy adorou tudo em relação às viagens a Nova York. Não havia nada melhor do que os protocolos de capa e espada, o risco da captura, e a vista impressionante das janelas do lar de Joe para atrair a mente de um menino de 11 anos que passava grande parte de cada dia posando com a identidade secreta de um inseto humanoide superpossante. Amava, acima de tudo, a viagem até a cidade. Como muitas crianças solitárias da sua idade, o problema não era a solidão em si, mas o fato de que nunca tinha liberdade para desfrutá-la. Havia sempre adultos bem-intencionados tentando alegrá-lo, melhorá-lo e dar-lhe conselhos, suborná-lo ou pressioná-lo a fazer amigos, a se abrir mais, a viver mais ao ar livre; professores cutucando e persuadindo com seus fatos e princípios, quando tudo que realmente precisava era que lhe dessem uma pilha de livros escolares e o deixassem em paz; e, pior que tudo, outras crianças, que pareciam não saber praticar seus jogos sem incluí-lo se os jogos fossem cruéis ou, se fossem inocentes, deixando-o deliberadamente de fora. A solidão de Tommy encontrara uma expressão estranhamente feliz no deslizar e no ronco dos trens da Long Island Rail Road, no bafo rançoso dos aquecedores, no cheiro quente de mingau de aveia dos cigarros, na paisagem sequencial disforme vista pela janela, nas horas dadas inteiramente a si mesmo, à sua revista em quadrinhos e a suas imaginações. Amava também a cidade em si. A caminho do primo Joe

e saindo de lá, ele se empanturrava de cachorros-quentes e tortas de cafeteria, via o preço de isqueiros e de bonés de pala dura nas vitrines das lojas, seguia os garotos empurradores com seus cabides rolantes de peles e calças. Havia marinheiros e pugilistas; havia vagabundos, tristes e ameaçadores, e senhoras em jaquetas justas com cachorrinhos em suas bolsas. Tommy sentia as calçadas vibrarem e tremerem enquanto os trens passavam rolando abaixo delas. Ouvia homens praguejando e cantando ópera. Num dia ensolarado, sua visão periférica seria alvejada por luzes cintilantes dos faróis cromados dos táxis, das fivelas nos sapatos das senhoras, dos distintivos dos policiais, das alças dos carrinhos de lanche, dos ornamentos vistosos nas capotas das iradas camionetas de mudanças. Isto era Gotham City, a Empire City, Metropolis. Seus céus e telhados estavam vivos com homens de capas e fantasias, à espera de malfeitores, sabotadores e comunistas. Tommy era o Escaravelho, em patrulha solitária na cidade de Nova York, elevando-se do submundo como uma cigarra, saltitando em suas poderosas patas traseiras ao longo da Quinta Avenida em perseguição feroz ao Dr. Ódio ou ao Trapaceiro, rastejando sem ser notado como uma formiga entre as apressadas manadas preto e cinza de humanos carregadores de pastas, cujas rudes existências mamíferas havia jurado proteger e defender, antes de finalmente se recolher à toca aérea secreta de um de seus companheiros mascarados na luta contra o crime, que ele às vezes chamava de Águia, mas que com mais frequência, na ideia de Tommy, também era conhecido pelo codinome de Homem-Secreto.

O Homem-Secreto vivia numa suíte de escritórios de duas salas com quatro janelas que davam para Bloomtown e para a Groenlândia. Tinha uma mesa, uma cadeira, uma prancheta, uma banquetta, uma poltrona, um abajur de pé, um equipamento de rádio multibanda corado com metros de antenas que pareciam trepadeiras e um pequeno gabinete especial com muitas gavetinhas rasas cheias de penas, lápis, tubos retorcidos de tinta, borrachas. Não havia telefone; nem havia nenhum fogão, geladeira ou cama adequada.

— É ilegal — disse o primo Joe a Tommy na primeira vez em que o visitou. — Não se pode morar num edifício de escritórios. É por isso que não posso dizer a ninguém que estou aqui.

Ainda então, antes de conhecer a profundidade e a extensão dos poderes super-humanos de ocultação do Homem-Secreto, Tommy não acreditou inteiramente nesta explicação. Sentiu desde o início, embora não pudesse tê-lo expressado — na sua idade, tanto o nome como a experiência da dor eram não só estranhos a ele como latentes e ainda não detectados — que havia algum problema, ou algo havia acontecido com Joe. Mas estava empolgado demais pelo estilo de vida do primo, e pela oportunidade que oferecia, para examinar o

problema com atenção. Observou quando Joe foi até uma porta no outro lado da sala e a abriu. Era um gabinete de suprimentos. Havia pilhas de papel e vidros de tinta e outros materiais. Havia também uma cama dobrável, um fogareiro elétrico, duas caixas de roupas, uma capa para roupas de lona e uma pequena pia de porcelana.

— Não tem um zelador? — perguntou Tommy na segunda viagem, tendo dado à pergunta algum pensamento. — Ou um guarda?

— O zelador vem às cinco para a meia-noite e providencio que tudo esteja em ordem antes que chegue. O guarda e eu somos velhos amigos a esta altura.

Joe respondeu a todas as perguntas de Tommy sobre particularidades de sua vida e mostrou-lhe todo o trabalho que fizera desde que deixou o negócio das revistas em quadrinhos. Mas declinou de dizer a Tommy há quanto tempo estava entocado no Empire State Building e por que ficava ali e por que mantivera sua volta em segredo. Não dizia por que nunca deixava seus aposentos a não ser para comprar aqueles suprimentos que não podiam ser entregues, geralmente usando uma barba falsa e óculos escuros, ou para fazer visitas regulares à sala dos fundos de Tannen, ou por que, numa tarde de julho, abrira uma exceção e fora até a distante Long Island. Estes eram os mistérios do Homem-Secreto. Tais indagações tinham ocorrido a Tommy, em todo caso, de maneira apenas fragmentária e inarticulada. Depois das duas primeiras visitas e por algum tempo, apenas aceitou toda a situação como natural. Joe ensinou-lhe truques de cartas, truques de moedas, artimanhas com lenços, agulhas e linha. Comeram sanduíches trazidos do café no térreo. Apertavam as mãos ao se cumprimentar e dizer adeus. E, mês após mês, Tommy guardava os segredos do Homem-Secreto, embora estivessem sempre borbulhando em seus lábios e tentando escapar.

Tommy só foi apanhado duas vezes antes do dia em que tudo foi descoberto. Da primeira vez, chamou a atenção de um inspetor da LIRR, que sofria de movimentos espasmódicos na pupila, o qual logo penetrou na superfície rasa da história inventada de Tommy. Em consequência, Tommy passou grande parte de novembro de 1953 confinado ao seu quarto de dormir. Mas na escola — considerou parte do seu castigo que continuassem a mandá-lo para a escola no mês em que ficou proibido de sair — conversou com Sharon Simchas, que tinha um olho quase cego. Mandou ao primo uma carta de explicações aos cuidados de Louis Tannen. Na primeira quinta-feira depois do fim da punição, partiu de novo para Manhattan munido desta vez com o nome e o endereço do médico de Sharon, um dos cartões de visita do médico e um diagnóstico plausível de estrabismo. O perfurador de bilhetes de olhos trêmulos nunca mais apareceu.

A segunda vez em que foi apanhado ocorreu um mês antes do salto

do Escapista. Tommy instalou-se no seu assento nos fundos do último vagão e abriu seu exemplar de *Houdini sobre mágica*, de Walter B. Gibson. O primo Joe lhe dera o livro na semana anterior; era assinado pelo autor, o criador do Sombra, com quem Joe ainda jogava cartas de tempos em tempos. Tommy tinha tirado os sapatos, colocado o tapa-olho, e meio pacote de Black Jack na boca. Ouviu um ruído de saltos altos e viu sua mãe, em seu casaco de pele de foca, entrar cambaleando no vagão, ofegante, enfiando seu melhor chapéu preto na cabeça com um braço. Estava na extremidade oposta de um vagão relativamente cheio e havia um homem alto colocado diretamente na sua linha de visão. Sentou-se sem notar o filho. Precisou de um momento para assimilar este golpe de boa sorte. Olhou para o livro no seu colo. A bolota cinza escura de goma de mascar jazia numa poça de saliva na página esquerda; caíra de sua boca. Colocou-a de volta e deitou-se sobre os dois assentos na sua fila, o rosto escondido pelo capuz da sua capa e atrás da proteção do livro. Seu sentimento de culpa era exacerbado pelo conhecimento de que Harry Houdini idolatrava a própria mãe e sem dúvida jamais a teria enganado ou se escondido dela. Em Elmont, o inspetor veio verificar o seu bilhete e Tommy apoiou-se num cotovelo. O condutor deu-lhe um olhar cético e, embora Tommy nunca o tivesse visto antes, ele tocou no tapa-olho com a ponta de um dedo e tentou ecoar a indiferença do primo Joe.

— Oftalmologista — disse.

O inspetor concordou com a cabeça e perfurou o bilhete. Tommy voltou a se deitar no banco.

Em Jamaica, esperou até que o vagão se esvaziasse por completo e então saiu correndo para a plataforma. Pegou o trem para a Estação Penn assim que as portas estavam se fechando. Não havia tempo para tentar adivinhar em que vagão sua mãe entrara. A ideia de esperar outro trem só lhe ocorreu vários minutos depois, quando — assim que largou a orelha dele — lhe foi sugerida por sua mãe.

Correu literalmente para os braços da mãe, sentindo o cheiro do seu perfume um instante antes de levar uma pancada no olho com a ponta dura da sua bolsinha de mão de tartaruga de imitação.

— Oh!

— Ui!

Cambaleou para trás. Ela o agarrou pelo capuz e o arrastou para si e então, estreitando o aperto, o levantou um centímetro do chão, como um mágico brandindo as orelhas de um coelho que está para desmaterializar. Suas pernas forçaram os pedais de uma bicicleta imaginária. As faces da mãe estavam cobertas de ruge, seus cílios cercados de tinta preta como uma das garotas de Caniff.

— O que está fazendo? Por que não está no colégio?

— Nada — disse. — Eu só estou... eu só estava...

Olhou à sua volta no vagão. Naturalmente, todos os outros passageiros estavam olhando para eles. Sua mãe o ergueu um pouco mais e colocou o rosto diante do dele. O perfume que exalava chamava-se Emboscada. Ficava numa bandeja espelhada na sua penteadeira, sob um manto de poeira. Não conseguia se lembrar quando o sentira nela pela última vez.

— Eu não posso... — começou ela, mas então não conseguiu terminar a frase porque começou a rir. — Tire este ridículo tapa-olho — disse. Abaixou-o no chão do trem e puxou o tapa-olho. Ele pestanejou. Ela colocou a venda de novo no seu olho. Mantendo sua garra sobre o capuz da Poderosa Capa, arrastou-o até o fundo do vagão e empurrou-o num assento. Estava certo de que ela ia berrar com ele agora, porém uma vez mais o surpreendeu sentando-se ao seu lado e colocando os braços em volta dele. Ela o balançou de um lado para o outro, apertando-o bastante.

— Obrigada — disse, sua voz rouca e áspera, como costumava soar depois de uma noite de *bridge* em que fumara um maço inteiro de cigarros. — Obrigada.

Ela se aninhou nos cabelos dele e sentiu que suas faces estavam úmidas. Ele se recostou para trás.

— Qual é o problema, mãe?

Ela abriu a bolsa e tirou um lenço.

— Tudo — disse. — Qual é o problema com você? Por que continua fazendo isto? Estava indo à loja de Tannen de novo?

— Não.

— Não minta, Tommy — falou. — Não faça isto ficar pior do que já está.

— OK.

— Você não pode fazer isto. Não pode simplesmente matar aula sempre que quer para ir à Loja Mágica do Tannen. Tem onze anos. Não é um arruaceiro.

— Eu sei.

O trem estremeceu e os freios guincharam. Estavam entrando na Estação Penn. Tommy ficou de pé e esperou que ela se levantasse e o arrastasse do trem, através da plataforma, de volta para Jamaica e então para casa. Mas ela não se mexeu. Ficou sentada ali, verificando seus olhos no espelho do seu compacto, sacudindo a cabeça pesarosa diante da bagunça que suas lágrimas tinham feito.

— Mãe? — falou.

Ela ergueu os olhos.

— Não vejo motivo para desperdiçar estas roupas e este chapéu só porque você prefere ver uma dama serrada ao meio a aprender frações — disse.

— Quer dizer que não estou de castigo?

— Achei que a gente podia passar o dia na cidade. Nós dois. Comer no Schrafft's. Talvez ver um filme.

— Então não vai me pôr de castigo?

Ela sacudiu a cabeça, uma vez, encerrando a questão, como se aquilo a aborrecesse. Pegou então na mão dele.

— Não vejo motivo para contar ao seu pai nada disto, não acha, Tommy?

— Não, senhora.

— Seu pai já tem muita preocupação além disso.

— Sim, senhora.

— Vamos guardar este pequeno incidente só para nós.

Concordou com a cabeça, embora houvesse um olhar ansioso nos olhos dela que o deixava constrangido. Sentiu um desejo louco de ficar de castigo de novo. Sentou-se.

— Mas se fizer isto de novo — ela acrescentou — vou pegar suas cartas e suas varinhas e toda aquela bobagem e jogar tudo no incinerador.

Ele se recostou e relaxou um pouco. Conforme prometera, almoçaram no Schrafft's, ela comeu pimentões recheados, ele um sanduíche Monte Cristo. Passaram uma hora no Macy's e então foram ver *Demônio de mulher* no Trans-Lux da rua 52. Pegaram o trem das 16:12 para casa. Tommy estava dormindo quando seu pai chegou e nada falou na manhã seguinte quando veio acordá-lo para a escola. O encontro no trem dispersou-se nas brechas da sua família. Um dia, muito tempo depois, juntou coragem para perguntar à mãe o que ela fazia naquele trem para a cidade, vestida em suas roupas mais vistosas, mas ela simplesmente cruzou um dedo sobre os lábios e continuou batalhando em uma de mais uma das listas de compras que sempre deixava para trás.

No dia em que tudo mudou, Tommy e o primo Joe estavam sentados na sala exterior dos escritórios dos Cremes Evanescents Kornblum, onde havia uma falsa mesa de recepção. Tommy estava na poltrona, uma grande espreguiçadeira coberta por um pano áspero como estopa, na cor verde pano mesa de bilhar as pernas pendendo, bebendo uma lata de *cream soda*. Joe estava deitado no chão com os braços cruzados na nuca. Nenhum deles falara nada durante o que parecera a Tommy vários minutos. Frequentemente passavam longos períodos de suas visitas sem dizer muita coisa. Tommy lia seu livro e o primo Joe trabalhava na revista em quadrinhos que estava desenhando, disse ele, desde que assumira sua residência no Empire State Building.

— Como está seu pai? — disse Joe abruptamente.

— Ótimo — falou Tommy.

— Isto é o que você sempre diz.

— Eu sei.

— Deve estar preocupado com este livro do dr. Wertham, não? *A Sedução dos inocentes?*

— Muito preocupado. Alguns senadores estão vindo de Washington.

Joe concordou com a cabeça.

— Está muito ocupado?

— Está sempre ocupado.

— Quantos títulos está publicando?

— Por que não pergunta a ele? — disse Tommy com uma rispidez involuntária.

Não houve resposta por um momento. Joe deu uma longa tragada em seu cigarro.

— Talvez eu o faça — disse. — Um dia destes.

— Acho que devia. Todo mundo realmente sente muito sua falta.

— Seu pai falou que sente minha falta?

— Bem, não falou, mas ele sente — disse Tommy. Ultimamente, começara a se preocupar com Joe. Nos meses desde sua incursão nos ermos de Long Island, havia, ele próprio admitira, deixado o edifício cada vez com menos frequência, como se as visitas de Tommy se tornassem um substituto para a experiência regular do mundo exterior. — Quem sabe podia vir no trem comigo para casa? É bacana. Tem uma cama extra no meu quarto.

— Uma cama de rodinhas.

— Sim.

— E eu podia usar sua toalha de banho dos Brooklyn Dodgers?

— Sim, claro! Quero dizer, se você quisesse.

Joe assentiu com a cabeça.

— Talvez eu vá, um dia destes — disse de novo.

— Por que fica trancado aqui?

— Por que continua me perguntando isto?

— Bem, você não... não se chateia de ficar no mesmo edifício deles? Da Empire Comics? Se trataram você tão mal e tudo mais?

— Não me chateia em nada. Gosto de ficar perto deles. De ser o Escapista. E nunca se sabe. Um dia destes eu é que poderia talvez aborrecer a *eles*.

Sentou-se ereto, ao dizer isto, rolando sobre os joelhos bruscamente.

— O que quer dizer?

Joe afastou a pergunta com um aceno do cigarro, obscurecendo-a com uma nuvem de fumaça.

— Deixa pra lá.

— Conte para mim.

— Esqueça.

— Odeio quando as pessoas fazem isso — disse Tommy.

— Sim — replicou Joe. — Eu também. — Deixou cair o cigarro no chão de cimento nu e amassou-o sob o dedão de borracha da sua sandália. — Para dizer a verdade, nunca decidi exatamente o que vou fazer. Gostaria de constrangê-los de alguma forma. Fazer aquele Shelly Anapol ficar malvisto. Talvez me fantasie de Escapista e... salte deste edifício! Só preciso encontrar um jeito de dar a impressão de que saltei e me matei. — Sorriu fracamente. — Mas, é claro, sem me matar de verdade.

— Seria capaz de fazer isso? E se não funcionasse e você acabasse esmagado, achatado como uma panqueca na rua 34?

— Isto seguramente os deixaria mal — disse Joe. Bateu no peito. — Onde foi que deixei... ah.

Foi este o momento em que tudo mudou. Joe deu um passo até a sua prancheta para pegar seu maço de Old Golds e tropeçou na mochila de Tommy. Mergulhou, tentando agarrar o ar à sua frente, mas antes que pudesse segurar qualquer coisa, sua testa, com um som perturbadoramente alto de madeira, bateu na quina da prancheta. Pronunciou uma sílaba quebrada e então se chocou com o chão, duramente. Tommy ficou sentado, esperando que ele praguejasse, ou rolasse para o lado ou explodisse em lágrimas. Joe não se mexeu. Ficou caído de rosto para baixo com seu longo nariz dobrado sobre o chão, as mãos estendidas ao lado do corpo, imóvel e silencioso. Tommy saltou para fora da cadeira e foi para o seu lado. Agarrou uma de suas mãos. Ainda estava quente. Segurou os ombros de Joe e puxou-o, balançando-o duas vezes e então rolando-o como um tronco. Havia um pequeno corte na sua testa, ao lado da cicatriz pálida em forma de lua crescente de um velho ferimento. O corte parecia fundo, embora só houvesse uma pequena quantidade de sangue. O peito de Joe subia e descia, raso mas regular, e sua respiração saía em estertores através do nariz. Estava desmaiado.

— Primo Joe — disse Tommy, dando-lhe uma sacudida. — Ei. Acorde. Por favor.

Foi até o outro quarto e abriu a torneira. Molhou uma toalha de rosto esfarrapada com água fria e levou-o até Joe. Gentilmente, umedeceu a parte não ferida da testa de Joe. Nada aconteceu. Colocou a toalha no rosto de Joe e esfregou-a vigorosamente. Joe respirava, quieto. Uma constelação de conceitos que eram vagos a Tommy, comas e transes e ataques epiléticos, começou a perturbá-lo agora. Não tinha ideia do que fazer por seu primo, como reanimá-lo ou ajudá-lo, e agora o ferimento estava sangrando mais. O que devia fazer? Seu impulso foi procurar socorro, mas tinha jurado a Joe que nunca revelaria sua presença a ninguém. Ainda assim, Joe era inquilino do prédio, ilegal ou não. Seu nome devia aparecer em algum

contrato ou documento. A gerência do edifício sabia que ele estava lá. Estariam em condições ou dispostos a ajudar?

Então, Tommy se lembrou de uma visita guiada que fizera ao prédio, quando estava na segunda série. Havia uma grande enfermaria — um hospital em miniatura, como o havia chamado o guia — num dos andares mais baixos. Havia uma enfermeira bonita e jovem, de chapéu e sapatos brancos. Ela saberia o que fazer. Tommy ficou de pé e caminhou para a porta. Então se virou e olhou para Joe caído no chão. O que eles fariam, uma vez que o tivessem reanimado e feito um curativo no seu corte? Colocariam na cadeia por dormir no escritório noite após noite? Achariam que era alguma espécie de maluco? *Seria* ele algum tipo de maluco? Iriam trancá-lo numa cela para lunáticos?

A mão de Tommy estava na maçaneta, mas não conseguia girá-la. Estava paralisado; não tinha nenhuma ideia do que fazer. E agora, pela primeira vez, sentia o dilema de Joe. Não era que não desejasse fazer contato com o mundo em geral, e os Clay em particular. Talvez fosse assim que ele sentisse as coisas naqueles estranhos dias depois da guerra, quando voltou de algum tipo de missão secreta — foi o que a mãe de Tommy lhe dissera — e descobriu que sua mãe tinha sido morta nos campos de extermínio. Joe fugira, escapara sem nenhum traço, e viera esconder-se aqui. Mas agora estava pronto para voltar para casa. O problema é que não sabia como fazê-lo. Tommy jamais saberia o esforço que custara a Joe fazer a viagem até Long Island, como era ardente seu desejo de ver o garoto, falar com ele, ouvir sua voz fina de caniço. Mas Tommy podia ver que o Homem-Secreto estava preso em sua Câmara de Segredos e que o Escaravelho ia ter de salvá-lo.

Naquele momento, Joe grunhiu, as pálpebras bateram e seus olhos se abriram. Tocou a testa com um dedo e olhou para o sangue que saía. Sentou-se apoiado num cotovelo, rolando o olhar até Tommy, que estava à porta. A expressão no rosto de Tommy devia ser fácil de ler.

— Estou bem — disse Joe, sua voz pastosa. — Volte para cá.

Tommy soltou a maçaneta.

— Está vendo? — disse Joe, levantando-se lentamente. — Isto prova que você não deve fumar. É ruim para a saúde.

— OK — disse Tommy, maravilhando-se diante da estranha decisão que havia tomado.

Quando deixou Joe naquela tarde, foi até a máquina de escrever Smith-Corona que estava acorrentada a um pódio em frente da loja da Equipamentos de Escritórios Reliant. Tirou do rolo a folha de papel que estava ali para que as pessoas pudessem experimentar a máquina. Continha sua fábula semanal regular, do tamanho de uma frase, sobre a raposa ligeira e o cão preguiçoso e exortava que era hora de todos os

homens corretos virem em socorro do seu país. Colocou a costureira folha de papel, na qual Joe tinha forjado, na parte inferior, a assinatura de sua mãe. “Prezado sr. Savarese”, datilografou, usando as pontas dos indicadores. Parou então. Tirou o papel e colocou-o de lado. Olhou para a fachada da loja, de pedra polida preta. Seu reflexo olhou de volta para ele. Caminhou para abrir a porta com maçaneta cromada e foi imediatamente interceptado por um homem magro de cabelos brancos cujas calças estavam presas pelo cinto acima do diafragma. Este homem observava Tommy frequentemente da porta da loja enquanto o menino datilografava suas justificativas e toda semana, achava Tommy, parecia que ia mandá-lo para aquele lugar. Na entrada da loja, que nunca cruzara antes, hesitou. Nos ombros rígidos do homem e na inclinação para trás da cabeça, Tommy reconheceu sua própria reação quando defrontado com um cachorro grande e estranho ou com outro animal de dentes afiados.

— O que deseja, meu garoto? — perguntou o homem.

— Quanto custa uma folha de papel?

— Não vendo papel por folha.

— Oh.

— Vá andando agora.

— Bem, quanto custa uma caixa, então?

— Uma caixa do quê?

— Papel.

— Que tipo de papel? Para quê?

— Uma carta.

— Comercial? Pessoal? É para você? Você vai escrever uma carta?

— Sim, senhor.

— Bem, que tipo de carta vai ser?

Tommy estudou a pergunta por um momento, seriamente. Não queria comprar o tipo errado de papel.

— Uma ameaça de morte — disse finalmente.

Por alguma razão, isto desarmou o sujeito. Deu a volta para trás do balcão de vendas e abaixou-se para abrir uma gaveta.

— Aqui está — disse, dando a Tommy uma folha de papel denso amarelado de consistência macia e refrescante como marzipã. — Meu melhor trapo de algodão com 180 de gramatura. — Ainda estava rindo. — Veja lá se vai matá-los para valer, certo?

— Sim, senhor — disse Tommy. Voltou à máquina de escrever, colocou a folha do elegante papel e em meia hora datilografou a mensagem que finalmente atrairia uma multidão às calçadas ao redor do Empire State Building. Este não foi necessariamente o resultado que esperava. Não sabia exatamente o que esperava quando bateu com a ponta dos dedos sua missiva para o editor do *Herald-Tribune* de Nova York. Estava apenas tentando ajudar o primo Joe a voltar para

casa. Não tinha certeza de onde tudo aquilo iria acabar ou se sua carta, embora soasse terrivelmente oficial e realista aos seus ouvidos, seria sequer levada a sério. Quando terminou, tirou cuidadosamente o papel da máquina e voltou à loja.

— Quanto custa um envelope? — perguntou.

Quando saíram no 72º andar, o menino os levou para a esquerda, passando as portas de uma companhia de importação e um fabricante de perucas, até uma porta cujo vidro opaco tinha pintadas as palavras CREMES EVANESCENTES KORNBLUM. O menino virou-se e olhou para eles, uma sobranceira levantada para ver, o capitão pensou, se entenderam a piada, embora Lieber não soubesse ao certo que tipo de piada era. O menino bateu à porta. Não houve resposta. Bateu de novo.

— Onde está ele? — disse.

— Capitão Harley.

Viraram-se. Um segundo guarda do edifício, Rensie, havia se juntado a eles. Colocou um dedo no nariz como se estivesse para dar alguma informação delicada ou embaraçosa.

— O que é? — perguntou Harley cautelosamente.

— Nosso homem está lá em cima — disse Rensie. — O saltador. No piso de observação.

— *O quê?* — Lieber olhou para o menino, mais perplexo do que julgava competente num detetive.

— Fantasiado? — indagou Harley.

Rensie assentiu com a cabeça.

— Uma bela malha azul-escura — disse. — Nariz grande. Magrelo. É ele.

— Como foi que chegou lá?

— Não sabemos, capitão. Juro por Deus, estávamos vigiando *tudo*. Tínhamos um homem em cada escada e outro nos elevadores. Não sei como chegou aqui. Simplesmente apareceu.

— Vamos — disse Lieber, seguindo já para os elevadores. — E traga seu filho — disse para Sam Clay; era preciso trazer uma braçadeira para prendê-los. O rosto do menino ficou vazio e pálido com o que parecia a Lieber espanto. De certo modo, sua brincadeira se tornara verdade.

Entraram no elevador, com suas divisas elaboradas e raios de madeira marchetada.

— Está no parapeito? — disse o capitão Harley. Rensie concordou com a cabeça.

— Esperem um minuto — disse Sammy. — Estou confuso.

Lieber permitiu, porque estava também meio confuso ele mesmo.

Achou que o mistério da carta ao *Herald-Tribune* estava resolvido: era uma brincadeira inofensiva, embora inescrutável, feita por um menino de 11 anos. Sem dúvida, pensou, ele mesmo também fora bastante inescrutável naquela idade. O garoto estava pedindo atenção; tentava dizer algo que ninguém, fora da sua família, poderia talvez entender. E então, de certo modo, revelou-se que o seu primo há muito desaparecido, que Lieber imaginara até então que estivesse morto, atropelado na curva de alguma remota estrada nos arredores de Cat Butt, Wyoming, se achava na verdade entocado numa suíte de escritório no 72º andar do Empire State. E agora parecia que o garoto não fora afinal o autor da carta; o Escapista mantivera sua sombria promessa à cidade de Nova York.

Tinham subido 14 andares — por elevador expresso especial — quando Rensie disse, numa voz fraca e relutante.

— Tem uns órfãos.

— Tem o quê?

— Órfãos — disse Clay. Passara o braço ao redor do pescoço do filho numa demonstração paterna de reprovação mascarada como solicitude. Era um abraço que dizia *Espere até chegarmos em casa*. — Por que estão aí...?

— Sim, sargento — disse Harley. — Por que estão aí?

— Bem, não me pareceu que, hã, o cavalheiro na, hã, malha azul ia aparecer — disse Rensie. — E os fedelhos vieram lá de Watertown. Dez horas num ônibus.

— Um público. De criancinhas — disse Harley. — Perfeito.

— E quanto a você? — disse Lieber para o garoto. — Está confuso também?

O garoto olhou e acenou com a cabeça lentamente.

— Você tem de estar com a cabeça esperta, Tom — disse Lieber. — Precisamos que fale com aquele seu tio.

— Primo — disse Clay. Clareou a garganta. — Em segundo grau.

— Talvez você pudesse convencer seu primo em segundo grau a respeito daqueles elásticos — disse Rensie. — Isto é novidade para mim.

— *Elásticos* — disse o capitão Harley. — E órfãos. — Esfregou metade do seu rosto destroçado. — Estou adivinhando que tem também uma freira?

— Um padre.

— OK — disse o capitão Harley. — Bem, já é alguma coisa.

Vinte e dois órfãos do Orfanato de São Vicente de Paula se amontoavam na cumeeira da cidade varrida pelo vento a trezentos metros de altura. Luz cinzenta espalhava-se pelo céu como unguento numa bandagem. Os zíperes de sólido aço dos casacos de veludo cotelê azul-escuro das crianças — doados por uma loja de departamentos de Watertown no inverno anterior, com os 22 pares de galochas — estavam bem fechados contra o frio de abril. Os dois guardiães das crianças, o padre Martin e a srta. Mary Catherine Macomb, cercavam-nas como um par de zelosos cães-pastores, tentando controlá-las com suas vozes e suas mãos. Os olhos do padre Martin lacrimejavam na brisa gelada e a pele dos braços grossos da srta. Macomb estava toda arrepiada. Não eram pessoas excitáveis, mas as coisas tinham escapado do controle e estavam gritando.

— Para trás! — dizia a srta. Macomb às crianças várias centenas de vezes.

— Pelo amor de Deus, homem — disse o padre Martin ao saltador — desça daí.

Havia algo atordoado nos rostos das crianças, pestanejando e em expectativa. O submarino lento, maçante e obscuro das vidas em que eram a carga humana viera abruptamente à tona. Seu sangue estava cheio de uma espécie de estropiado nitrogênio de admiração. Ninguém sorria ou gargalhava, embora a diversão, para as crianças, sempre parecesse uma coisa muito grave.

No topo do espesso parapeito de concreto do 86º andar, como um brilhante buraco recortado nas nuvens, balançava-se um homem sorridente com uma máscara e uma roupa dourada e índigo. A roupa agarrava-se ao seu corpo esguio, azul-escuro, com um brilho iridescente de seda. Tinha um par de calções de banho dourados e na frente de sua camisa azul havia um espesso adorno, no formato de uma gazua. Calçava um par de botas macias douradas, sem forma muito definida, com solas finas de borracha. Os calções eram salientes e tinham uma estria branca nos fundilhos, como se o seu dono houvesse encostado numa soleira de porta com tinta fresca. A malha estava ondulada e frouxa nos joelhos, a camiseta repuxada nos cotovelos e as solas de borrachas das botas frágeis rachadas e manchadas de graxa. Seu peito largo estava enlaçado por uma corda fina, cravejada de milhares de minúsculos nós, enrolada em suas axilas

e estendida até a esplanada ao ar livre a uns seis metros da ponta de aço de um raio de sol ornamental que se projetava do telhado do platô de observação. Deu um puxão na corda enodada e ela tangeu num ré bemol grave.

Estava encenando um espetáculo para eles, para as crianças e os policiais que se haviam juntado a seus pés, praguejando, persuadindo e implorando que descesse. Ele prometia uma demonstração de voo humano do tipo ainda encontrado rotineiramente, mesmo nesta época de super-heróiismo diminuído, nas páginas das revistas em quadrinhos.

— Vocês vão ver — gritou. — O homem é capaz de voar.

Demonstrou a força da corda elástica tecida com oito filamentos separados, cada um deles feito de quarenta dos extralongos, extragrossos elásticos que apanhara nos Equipamentos de Escritórios Reliant. Os policiais permaneciam desconfiados, mas não sabiam ao certo no que acreditar. A roupa azul-escura com seu símbolo da chave e seu estranho esplendor hollywoodiano afetava seu julgamento. E então havia a maneira profissional de Joe, ainda notavelmente suave e eficiente depois de tantos anos de desuso. Sua confiança na capacidade de executar o truque de saltar de uma altura máxima de cinquenta metros na direção da distante calçada e então reascender, puxado para os céus pela enorme corda elástica, para pousar sorridente aos pés dos policiais, parecia absoluta.

— As crianças não vão conseguir me ver voar — disse Joe, com um brilho de desorientação nos olhos. — Deixem que elas se aproximem do parapeito.

As crianças concordaram, correndo à frente. Horrorizada, a srta. Macomb e o padre Martin as forçaram para trás.

— Joe! — Era Sammy. Ele e vários policiais uniformizados e à paisana vieram em tropel numa confusão de braços estendidos para a esplanada varrida pelo vento. Eram liderados por um Tommy Clay com uma expressão cautelosa.

Quando Joe viu o menino, seu filho, juntar-se à multidão heterogênea reunida no platô de observação para ver uma promessa ousada e imaginária se concretizar, ele subitamente se lembrou de uma observação que seu professor Bernard Kornblum fizera certa vez.

— Só o amor — dissera o velho mágico — seria capaz de abrir um par embutido de cadeados Bramah.

Oferecera esta observação já no final da última visita regular de Joe à casa da rua Maisel, enquanto esfregava unguento de calêndula na pele de suas faces escoriadas que se descascavam. Geralmente, Kornblum dizia muito pouco na parte final de cada aula, sentado na tampa do caixão simples de pinho que comprara de um fabricante de caixões local, fumando e lendo relaxadamente um exemplar de *Di Cajt* enquanto, dentro do caixão, Joe estava enroscado, amarrado por

cordas e preso por cadeados, permitindo-se golfadas de vida com aroma de serragem através de suas narinas e fazendo esforços terríveis e minuciosos. Kornblum ficava sentado, seu único comentário um jato derrisório de flatulência ocasional, esperando pela dupla batida de dedos de dentro do caixão, indicando que Joe havia se livrado das algemas e dos cadeados, retirava as três cabeças de parafuso falsas e serradas na dobradiça esquerda da tampa e estava pronto para emergir. Às vezes, porém, se Joe estivesse particularmente demorado, ou se a tentação de um público cativo fosse grande demais, Kornblum começava a falar, em seu alemão rude, mas ágil — limitando-se sempre a conversa profissional. Fazia afetuosas reminiscências de desempenhos em que quase conseguira, por má sorte ou tolice, se matar; ou lembrava, em detalhe apostólico e tedioso, uma das três ocasiões de ouro em que tivera a sorte de ver a apresentação do seu profeta, Houdini. Só que desta vez, pouco antes de Joe tentar seu malogrado mergulho no Moldau, a conversa de Kornblum saiu da trilha da retrospectiva profissional para as margens sombreadas e frondosas do pessoal.

Estava presente, disse Kornblum — sua voz saindo abafada através dos cinco centímetros de tábua de pinho e do saco de lona grosso dentro do qual Joe estava aninhado — naquilo que só os confidentes mais próximos do Rei das Algemas e uns poucos confrades sagazes que o testemunharam sabiam ter sido a hora em que o grande mestre falhou. Aconteceu em Londres, disse Kornblum, em 1906 no Palladium, depois que Houdini aceitou o desafio público para se libertar de um par de algemas considerado inescapável. O desafio fora feito pelo *Mirror* de Londres, que descobrira um chaveiro no norte da Inglaterra que, depois de uma vida inteira de lida, havia fabricado um par de algemas com uma fechadura tão espiralada e espinhosa que ninguém, nem mesmo o seu inventor necromante, era capaz de abrir com uma gazua. Kornblum descreveu as grilhetas, dois círculos de aço grosso inflexivelmente soldados a um eixo cilíndrico. Dentro deste eixo rígido estava o sinistro mecanismo do chaveiro de Manchester — e aqui um tom de respeito e até de horror tomava a voz de Kornblum. Era uma variação da Bramah, uma fechadura notoriamente intransigente que só podia ser aberta — e mesmo assim por uma longa e arcana chave tubular, intrincadamente chanfrada numa das pontas. Aperfeiçoada pelo inglês Joseph Bramah nos idos de 1760, ela ficara trancada e inviolada por mais de meio século, até que foi finalmente aberta. A fechadura que confrontava Houdini agora, no palco do Palladium, consistia de *dois* tubos Bramah, um aninhado dentro do outro, e que só podiam ser abertos por uma bizarra chave dupla que se parecia com as metades quebradas de um telescópio, um cilindro entalhado saindo de dentro do outro.

Sob a vista de cinco mil cavalheiros e damas dando vivas, o jovem Kornblum entre eles, o Misteriarca, de fraque negro e colete, estava preso às terríveis algemas. Então, com um único gesto de cabeça, neutro e mudo para sua mulher, ele retirou-se ao seu pequeno gabinete para iniciar a tarefa impossível. A orquestra tocou *Annie Laurie*. Vinte minutos depois, aplausos vivos irromperam quando a cabeça e os ombros do mágico emergiram do gabinete; mas Houdini queria apenas dar uma olhada nas algemas, que ainda o prendiam com firmeza, sob uma melhor luz. Enfiou-se de novo no gabinete. A orquestra tocou a Abertura dos *Contos de Hoffman*. Quinze minutos depois, a música morreu entre vivas quando Houdini saiu do gabinete. Kornblum esperava, contra toda esperança, que o mestre tivesse se livrado, embora soubesse que, quando a primeira Bramah foi, depois de sessenta anos, finalmente aberta, exigiu do bem-sucedido mestre da gazuia, um americano chamado Hobbs, *dois dias inteiros* de esforço contínuo. E agora se soube que Houdini, suando, um sorriso constrangido no rosto, o colarinho estourado e pendendo numa das extremidades, havia simplesmente — e estranhamente — saído para anunciar que, embora seus joelhos doessem de ficar ajoelhado no gabinete, ainda não estava pronto para jogar a toalha. O representante do jornal, em nome do espírito esportivo, permitiu que trouxessem uma almofada e Houdini recolheu-se ao seu gabinete uma vez mais.

Quando Houdini estava trancado por quase uma hora, Kornblum começou a sentir a proximidade da derrota. O público, ainda que firmemente do lado do seu herói, só esperaria enquanto a orquestra percorresse, com um ar crescente de desespero, os sucessos e as canções populares da época. Dentro do seu gabinete, o veterano de quinhentas casas e de dez milhares de desempenhos, podia sem dúvida também sentir que a maré de esperança e boa vontade fluindo das galerias para o palco já começava a se esvaziar. Numa audaciosa demonstração de espetáculo, ele emergiu de novo, desta vez para pedir ao homem do jornal consentimento para remover as algemas o tempo suficiente para que o mágico tirasse o seu casaco. Talvez Houdini esperasse aprender alguma coisa observando como eram abertas as algemas e depois fechadas de novo; talvez tivesse calculado que seu pedido, após a devida consideração, fosse recusado. Quando os cavalheiros do jornal pesarosamente declinaram, sob pesadas vaias e assobios da plateia, Houdini realizou um feito menor que figurou, de certa forma, entre os melhores momentos de arte da sua carreira. Coleando e contorcendo-se, conseguiu tirar do bolso do colete um minúsculo canivete e então, penosamente, transferi-lo e abri-lo com os dentes. Estremeceu e retorceu-se até que conseguiu trazer seu fraque à altura da frente da cabeça, onde o canivete, ainda preso aos seus dentes, pôde cortar o casaco, em três grandes golpes de serra, em duas

partes. Um aliado arrancou as metades cortadas. Depois de assistir a esta exibição de garra e fanfarronada, o público ficou ligado a ele como se preso por cabos de aço. E, contou Kornblum, na confusão ninguém notou o olhar trocado entre o mágico e sua mulher, aquela mulher pequenina e quieta que ficara parada de pé num lado do palco enquanto os minutos se passavam e a banda tocava e o público observava as leves ondulações da cortina do gabinete.

Depois que o mágico se reinstalou, agora sem casaco, em sua caixa escura, a sra. Houdini perguntou se não poderia contar com a generosidade e benevolência de seu anfitrião daquela noite para levar ao marido um copo d'água. Passara-se uma hora, afinal, e como todo mundo podia ver a exiguidade do gabinete e a dificuldade dos esforços de Houdini tinham cobrado algum tributo. O espírito esportivo prevaleceu; um copo d'água foi trazido e a sra. Houdini o levou até o marido. Cinco minutos depois, Houdini saiu do gabinete pela última vez, brandindo as algemas sobre sua cabeça como uma taça da amizade. Estava livre. A multidão experimentou uma espécie de doloroso orgasmo coletivo — uma *Krise*, como Kornblum a chamou — de deleite e alívio. Poucos notaram, enquanto o mágico era erguido nos ombros dos juízes e dos notáveis presentes e carregado através do teatro, que seu rosto estava convulsionado de lágrimas de raiva, não de triunfo, e que seus olhos azuis estavam incandescentes de vergonha.

— Estava no copo d'água — Joe adivinhou, quando conseguiu se livrar finalmente do desafio muito mais simples do saco de lona e de um par de algemas da polida alemã. — A chave.

Kornblum, massageando as estrias de carne viva nos pulsos de Joe com sua pomada especial, assentiu com a cabeça. Então cerrou os lábios, pensando a respeito, e finalmente sacudiu a cabeça. Parou de esfregar os braços de Joe. Ergueu a cabeça e seus olhos, como só acontecia raramente, cruzaram com os de Joe.

— Foi Bess Houdini — falou. — Ela conhecia o rosto do marido. Sabia ler o fracasso em seus olhos. Era capaz de conversar com o homem do jornal. Podia implorar, com lágrimas nos olhos, e um rubor no peito, que imaginasse a ruína da carreira do marido quando colocasse no outro prato da balança nada mais do que uma boa manchete para a edição do jornal da manhã seguinte. Ela podia levar um copo d'água para o marido, com os pequenos passos e o rosto solene da esposa. Não foi a chave que o libertou — disse ele. — Foi a esposa. Não havia outra saída. Era impossível, mesmo para Houdini. — Ficou de pé. — Só o amor conseguiria abrir um par de fechaduras Bramah. — Esfregou as costas da mão no rosto esfolado à beira, sentiu Joe, de experimentar algum exemplo paralelo de libertação em sua própria vida.

— Você já... alguma vez...?

— Isto encerra a lição por hoje — disse Kornblum, fechando a tampa da caixa de unguento e cruzando de novo o olhar de Joe, não, desta vez, sem uma certa ternura. — Agora vá para casa.

Tempos depois, Joe descobriu que havia razões para duvidar da versão de Kornblum. O famoso desafio das algemas do *Mirror* de Londres acontecera, ele soube, no Hippodrome, não no Palladium, e em 1904, não em 1906. Muitos comentaristas, o camarada de Joe Walter B. Gibson entre eles, sentiam que todo o espetáculo, inclusive os apelos de luz, água, tempo, uma almofada, foram combinados previamente entre Houdini e o jornal; alguns iam ao extremo de afirmar que o próprio Houdini desenhara as algemas, que havia friamente desperdiçado seu tempo no gabinete supostamente lutando contra as algemas, à maneira de Kornblum, lendo o jornal ou acompanhando contente no assobio a música da orquestra no poço do teatro.

Ainda assim, quando viu Tommy pisar no topo de edifício mais alto da cidade, com um sorriso miúdo e horrorizado, Joe sentiu a verdade apaixonada, se não factual, por trás do ditado de Kornblum. Tinha voltado a Nova York anos antes, com a intenção de restabelecer o contato, se possível, com a única família que lhe restava no mundo. Em vez disso, ficara emparedado pelo medo e seu mordomo, o hábito, no seu gabinete de mistérios no 72º andar do Empire State Building, ouvindo a serenata de uma orquestra incansável de correntes de ar e ventos de violinos, o trombetear de buzinas de nevoeiro de melancólicos navios a vapor, da contínua vibração dos DC-3s de passagem. Como Harry Houdini, Joe não conseguira escapar da armadilha que criara para si mesmo; mas agora o amor de um menino o havia finalmente despertado e atraído finalmente, pestanejando, para a luz dos refletores.

— É um embuste! — gritou um velho policial que Joe reconheceu como Harley, o chefe da força de segurança do prédio.

— É um golpe de publicidade — disse um jovem atarracado de pé ao lado de Sammy. Um policial à paisana, pela aparência. — Não é mais do que isto.

— É um grande chute no saco — disse Harley.

Joe ficou chocado de ver como o rosto de Sammy ficara abatido; estava pálido como cera e aos 32 anos parecia finalmente ter adquirido os olhos fundos dos Kavalier. Não tinha mudado muito e no entanto parecia inteiramente diferente. Joe sentia como se estivesse olhando para um impostor. Então, o pai de Rosa emergiu no observatório. Com seus cabelos ruivos pintados e a eterna juventude das bochechas que alguns gordos possuíam, não parecia ter mudado muito, embora estivesse, por algum motivo, vestido como George

Bernard Shaw.

— Alô, sr. Saks — disse Joe.

— Alô, Joe. — Saks se apoiava, Joe notou, numa bengala de castão de prata de um jeito que sugeria que a bengala não era (ou não era meramente) uma afetação. Uma mudança, pelo menos. — Como vai?

— Ótimo, obrigado — disse Joe. — E o senhor?

— Estamos bem — disse. Era a única pessoa em todo o platô de observação, as crianças incluídas, que parecia inteiramente deliciada pela visão de Joe Kavalier, de pé na elevada ombreira do Empire State Building, numa malha justa azul. — Ainda envolvidos com escândalos e intrigas.

— Fico feliz — disse Joe. Sorriu para Sammy. — Você engordou?

— Um pouco. Pelo amor de Deus, Joe. O que você está fazendo aí em cima?

Joe voltou sua atenção para o menino que o desafiara a fazer isto, a ficar de pé na ponta da cidade na qual fora enterrado. O rosto de Tommy estava quase sem expressão, mas permanecia preso a Joe. Parecia estar tendo muita dificuldade de acreditar no que via. Joe encolheu os ombros elaboradamente.

— Não leu minha carta? — perguntou a Sammy.

Jogou os braços para trás. Até aqui tinha encarado esta façanha com a ausência de paixão seca de um maquinista, pesquisando-a, discutindo-a com os rapazes na loja de Tannen, estudando a monografia secreta de Sidney Radner sobre o abortivo mas empolgante Salto da Ponte de Paris em 1921.^[14] Agora, para sua surpresa, estava louco para voar.

— Dizia que você ia se matar — falou Sammy. — Não mencionava que ia fazer o ato do Io-Iô Humano.

Joe abaixou os braços; era uma boa argumentação. O problema, naturalmente, é que Joe não havia *escrito* a carta. Se o tivesse feito, não teria prometido, por certo, cometer suicídio em público numa fantasia roída pelas traças. Reconhecia que a ideia fora sua, naturalmente, filtrada através da imaginação tumultuadamente elaborada que — mais do que os cachos de cabelos morenos, as mãos delicadas ou o olhar ingênuo, perseguido pela ternura do coração e por um ar de perpétuo desapontamento — lembravam a Joe o seu falecido irmão. Mas ele achara necessário, ao aceitar o desafio do garoto, fazer uns ajustamentos aqui e ali.

— A possibilidade de morrer é pequena — disse Joe —, mas, é claro, está presente.

— E é a única maneira que o senhor tem de evitar a prisão, sr. Kavalier — disse o policial à paisana.

— Vou ter isso em mente — disse Joe. Jogou os braços para trás de novo.

— Joe! — aventurou-se Sammy alguns centímetros hesitantes abaixo de Joe. — Com os diabos, você sabe muito bem que *o Escapista não voa!*

— Foi o que eu disse — falou um dos órfãos com um ar de conhecimento.

Os policiais trocaram um olhar. Estavam se preparando para correr ao parapeito.

Joe deu um passo para trás no ar. A corda cantou, elevando-se a um dó agudo e brilhante. O ar ao redor pareceu vibrar, como se aquecido. Houve um tângido agudo e escutaram um breve e abafado estalido como carne crua sob o cepo de um açougueiro, um fraco gemido. A descida continuou, a corda se afinando, os nós se afastando cada vez mais, a nota de elongação alcançando as frequências caninas. Então se fez o silêncio.

— Ai! — O capitão Harley pôs a mão na nuca como se uma abelha o houvesse picado. Olhou para cima, depois para baixo e então saltou rapidamente para um lado. Todo mundo olhou para seus pés. Ali, de lado, trêmula e distendida, estava a corda elástica, terminada no laço seccionado que havia envolvido o peito de Joe Kavalier.

Todas as advertências e proibições foram esquecidas. Crianças e adultos correram para o parapeito e aqueles com sorte ou engenho suficiente para subirem até ele olharam para baixo, divisando o homem que jazia estatelado, uma letra K retorcida, na saliência do telhado do 84º andar.

O homem ergueu a cabeça.

— Estou bem — disse. Então, baixou a cabeça uma vez mais sobre a superfície cinzenta de seixos sobre a qual havia caído, e fechou os olhos.

Os padioleiros o carregaram para a garagem subterrânea do edifício, onde uma ambulância esperava desde as quatro horas daquela tarde. Sammy desceu com eles no elevador, tendo deixado Tommy com o avô e o capitão da polícia do prédio, que não permitira que o menino fosse junto. Sammy estava um pouco hesitante quanto a largar Tommy, mas parecia loucura simplesmente deixar que Joe fosse levado de novo daquele jeito, nem dez minutos depois do seu reaparecimento. Que o menino passasse alguns minutos nas mãos da polícia; talvez isso lhe fizesse bem.

Toda vez que Joe fechava os olhos, os padioleiros mandavam um tanto abruptamente que acordasse. Temiam que pudesse ter uma convulsão.

— Acorde, Joe — falou Sammy.

— Estou acordado.

— Como está se sentindo?

— Ótimo — disse Joe. Tinha mordido o lábio e havia sangue em seu rosto e no colarinho. Era o único sangue que Sammy podia ver. — E você, como está?

Sammy acenou com a cabeça.

— Leio *Estranho encontro* todo mês — disse Joe. — Tem um texto muito bom, Sam.

— Obrigado — disse Sammy. — O elogio significa muito quando vem de um lunático.

— *Histórias do mar* também é bom.

— Você acha?

— Sempre aprendo algo sobre barcos ou coisa assim.

— Faça muita pesquisa. — Sammy puxou seu lenço e passou no local ensanguentado no lábio de Joe, lembrando os dias da guerra de Joe contra os alemães de Nova York. — Está todo no meu rosto, a propósito — disse.

— O quê?

— O peso que você mencionou. Está todo no meu rosto. Ainda pratico halteres toda manhã. Sinta o meu braço.

Joe ergueu o braço, estremecendo um pouco, e deu um aperto no bíceps de Sammy.

— Grande — disse Joe.

— Você não parece muito bem, sabe. Nesta velha fantasia

maltrapilha.

Joe sorriu.

— Esperava que Anapol me visse nela. Ia ser como um pesadelo se transformando em realidade.

— Tenho a sensação de que muitos pesadelos dele estão para se tornar realidade — disse Sammy. — Quando foi que você a pegou, afinal?

— Há duas noites. Desculpe. Espero que não se importe. Sei que tem um valor... sentimental para você.

— Não significa nada de especial para mim.

Joe acenou com a cabeça, observando seu rosto, e Sammy desviou o olhar.

— Gostaria de fumar um cigarro — disse Joe.

Sammy pescou um do seu paletó e enfiou entre os lábios de Joe.

— Sinto muito — disse Joe.

— Sente?

— Com relação a Tracy, quero dizer. Sei que aconteceu há muito tempo, mas...

— Sim — disse Sammy. — Tudo aconteceu há muito tempo.

— Tudo de que me arrependo, de qualquer maneira — disse Joe.

A vista das janelas era pura massa de nuvens, uma meia cinzenta de lã enfiada no topo do edifício. Das paredes do estranho apartamento de Joe pendiam esboços da cabeça de um rabino, um homem com um rosto refinado e uma barba branca nevada. Os estudos estavam presos por tachas e retratavam este cavalheiro de aparência nobre numa variedade de estados de espírito: extasiado, dominante, receoso. Havia livros gordos sobre as mesas e cadeiras; grossos volumes de referência e tratados e levantamentos empoeirados: Joe também vinha fazendo um pouco de pesquisa. Sammy viu, empilhados ordenadamente num canto, os caixotes de madeira em que Joe guardava sempre suas revistas em quadrinhos — só que havia dez vezes mais do que nos velhos tempos. Pairava no quarto o cheiro de longa ocupação por um homem solitário: café queimado, salsicha dura, roupa suja.

— Bem-vindo à Batcaverna — disse Lieber quando Sammy entrou.

— Na verdade — disse Longman Harkoo —, é conhecida como a Câmara dos Segredos.

— É? — disse Sammy.

— Bem, humm, é assim que eu a chamo — disse Tommy, corando.
— Mas não de verdade.

Entrava-se na Câmara dos Segredos por uma pequena antessala que fora meticulosamente decorada para simular a área de recepção de um pequeno mas ativo negócio. Tinha uma mesa de aço e uma mesinha de datilografia, uma poltrona, um gabinete de pastas, um telefone, um cabide de chapéus. Na mesa havia uma placa que prometia a presença diária, atrás dela, de uma srta. Smyslenka, um vaso de flores secas e uma fotografia do bebê sorridente da srta. Smyslenka, interpretado por um Thomas E. Clay de seis meses de idade. Na parede havia uma grande pintura comercial de uma fábrica de aparência vigorosa, luminosa no fulgor rosado de uma manhã de Nova Jersey, as chaminés soltando bonitos rolos de fumaça azul. CREMES EVANESCENTES KORNBLUM, estava gravado na plaqueta afixada na parte de baixo da moldura, HO-HO-KUS, NOVA JERSEY.

Ninguém, nem mesmo Tommy, sabia com certeza há quanto tempo Joe morava no Empire State Building, mas estava claro que durante aquele tempo ele vinha trabalhando muito e lendo uma quantidade considerável de revistas em quadrinhos. No chão havia dez pilhas de cartolina, cada folha em cada pilha coberta por quadrinhos

desenhados a lápis. No começo Sammy ficou impressionado demais com o mero número de páginas — devia haver umas quatro ou cinco mil — para olhar muito detalhadamente qualquer uma delas, mas notou que pareciam não ter sido passadas à tinta. Joe vinha trabalhando com uma variedade de calibres de grafite, deixando que seus lápis criassem os truques de luz, massa e sombra geralmente executados com a tinta.

Além dos rabinos, havia estudos de tocadores de realejos, soldados com peitorais, uma bela jovem com um lenço de cabeça, em várias atitudes e atividades. Havia edifícios e carruagens, cenas de rua. Não levou muito para que Sammy reconhecesse as torres elaboradas com seus espigões e as arcadas esfareladas do que devia ser Praga, alamedas de casas estranhas acoradas na neve, uma ponte de estátuas ao luar lançando uma sombra fragmentada sobre um rio, travessas sinuosas. Os personagens, em sua maioria, pareciam ser judeus, antiquados, vestidos de preto, desenhados com toda a costumeira fluidez e minúcia de Joe. Os rostos, notou Sammy, eram mais específicos, mais argutos, mais feios, do que o léxico das caras genéricas das revistas em quadrinhos que Joe aprendera e então explorara em todos os seus antigos trabalhos. Eram rostos humanos, contraídos, famintos, os olhos antecipando horror, mas esperando por algo mais. Todos com exceção de um. Um personagem, repetido exaustivamente nos esboços nas paredes, quase não tinha rosto, os convencionais Vs e hífens da fisionomia dos quadrinhos simplificados quase numa abstração vazia.

— O Golem — disse Sammy.

— Aparentemente estava escrevendo um romance — disse Lieber.

— Estava — disse Tommy. — É sobre o Golem. O rabino Judah Ben Beelzebub rabiscou a palavra “verdade” na sua testa e ele ganhou vida. E uma vez... em Praga, parece... Joe viu o verdadeiro Golem. Seu pai o guardava num armário de sua casa.

— Parece realmente maravilhoso — disse Longman. — Estou louco para ler.

— Um romance em quadrinhos — disse Sammy. Pensou no seu já lendário romance, *Desencanto americano*, aquele ciclone que, durante anos, vinha traçando seu caminho errático sobre as planícies de sua vida imaginária, sempre à beira da grandeza ou da desintegração, colhendo personagens e enredos como casas e gado, jogando-os de lado e seguindo em frente. Assumira a forma, em várias ocasiões, de uma comédia amarga, de uma tragédia estoica hemingwayesca, de uma lição intransigente de anatomia social como algo escrito por John O'Hara, um *Huckleberry Finn* urbano de mãos nuas. Era a autobiografia de um homem incapaz de se encarar, um sistema elaborado de evasão e mentiras não redimido pela virtude artística da autotraição. Dois

anos tinham se passado desde sua última tentativa na coisa e até este exato instante ele teria jurado que suas antigas ambições de ser algo mais do que o escrevinhador mercenário de revistas em quadrinhos para uma editora de quinta categoria estavam tão mortas, como rezava o ditado, quanto o vaudeville. — Meu Deus.

— Vamos, sr. Clay — disse Lieber. — O senhor pode ir de carro comigo até o hospital.

— Por que está indo ao hospital? — perguntou Sammy, embora soubesse a resposta.

— Bem, estou com uma forte impressão de que vou ter de prendê-lo. Espero que compreenda.

— *Prendê-lo?* — disse Longman. — Por quê?

— Perturbar a paz, suponho. Ou talvez possamos pegá-lo por residência ilegal. Estou seguro de que o prédio vai querer apresentar queixa. Não sei. Vou pensar em alguma coisa no caminho.

Sammy observou o sorriso afetado do seu sogro murchar até ficar um pequeno botão e seus olhos azuis geralmente joviais se tornarem mortos e vidrados. Era uma expressão que Sammy já havia visto antes, no espaço da galeria de Longman^[15] quando ele lidava com um pintor que superestimava seu próprio trabalho ou com uma dama com algum título de nobreza e um bom pedaço de almiscareiro morto em volta de seus ombros, mais equipada de dinheiro do que de julgamento. Rosa chamava aquilo, referindo-se às origens do pai no ramo atacadista, de “seu olhar de vendedor de tapetes”.

— Bem, vamos ver — disse Longman, com deliberada indiscrição e um olhar de soslaio para Sammy. — O surrealismo tem agentes em cada nível da engrenagem do poder. Vendi uma pintura para a mãe do prefeito na semana passada.

Seu sogro é uma espécie de fanfarrão, dizia o olhar do detetive Lieber. Eu sei disto, respondia Sammy.

— *Desculpem-me.* — Havia um novo visitante nos escritórios dos Cremes Evanescientes Kornblum. Era jovem, de boa aparência, num estilo governamental amorfo, vestindo um terno azul-marinho. Tinha um longo envelope branco numa das mãos.

— Sam Clay? — perguntou. — Estou procurando o sr. Sam Clay. Disseram-me que poderia encontrá-lo...

— Aqui — Sammy adiantou-se e pegou o envelope da mão do jovem. — O que é isto?

— Isto é uma intimação do Congresso. — O jovem acenou a cabeça para Lieber, tocando a aba do chapéu com dois dedos. — Desculpem-me incomodá-los, senhores — disse.

Sammy ficou parado por um momento, batucando o envelope contra sua mão.

— É melhor ligar para mamãe — disse Tommy.

Rose Saxon, a Rainha dos Quadrinhos de Romance, estava diante da prancheta na garagem de sua casa em Bloomtown, Nova York, quando seu marido telefonou da cidade para dizer que, se ela concordasse, traria para casa o amor de sua vida, aquele que ela quase dera por morto.

A srta. Saxon estava trabalhando no texto de uma nova história, que tencionava esboçar aquela noite, depois que seu filho fosse para a cama. Seria a história principal da edição de junho de *Kiss Comics*. Planejava chamá-la de “A bomba destruiu meu casamento”. A história seria baseada num artigo que lera em *Redbook*, sobre as dificuldades humorísticas de ser casada com um físico nuclear empregado pelo governo numa instalação ultrassecreta no meio do deserto do Novo México. Não estava exatamente escrevendo, mas planejando seus quadros, um a um, na máquina de escrever. Com o passar dos anos, os roteiros de Sammy tinham se tornado menos detalhados, mais soltos; nunca se dava ao trabalho de dizer ao artista o que desenhar. Rosa não podia trabalhar daquele jeito; detestava trabalhar a partir dos scripts de Sammy. Precisava ter tudo planejado antes — roteirizado, como chamavam em Hollywood, em quadros —, tomada por tomada, por assim dizer. Seus scripts eram uma série rigorosamente numerada de tomadas, os roteiros de filmagem de épicos de dez centavos que em sua elegância esparsa de desenho, em suas perspectivas alongadas e foco profundo, se pareciam de certo modo, como Robert C. Harvey assinalou,^[16] aos filmes de Douglas Sirk. Ela trabalhava numa pesada Smith-Corona, datilografando com tão intensa lentidão que quando seu patrão e marido telefonou não ouviu inicialmente a campanha.

Rosa começara nos quadrinhos pouco depois da volta de Sammy ao ramo, no pós-guerra. Ao assumir o posto de editor na Gold Star, a primeira medida de Sammy foi se livrar dos muitos incompetentes e alcoólatras que enchiam os quadros do pessoal ali. Foi um passo ousado e necessário, mas o deixou com uma carência aguda de artistas, principalmente daqueles que preparavam a tinta.

Tommy havia começado no jardim da infância e Rosa começava a compreender o verdadeiro horror do seu destino, a completa falta de propósito em sua vida sempre que seu filho não estava por perto, quando um dia Sammy veio para casa na hora do almoço, arrasado e frenético, com uma braçada de cartolina, um vidro de tinta Higgins e

um maço de pincéis número 3 e implorou a Rosa para ajudá-lo, fazendo aquilo que pudesse. Ela ficou acordada a noite toda com as páginas — era uma tira de algum horrível super-herói da Gold Star, *O Granada Humana* ou *O Garanhão Fantasma* — e terminou a tarefa na hora em que Sammy saía para o trabalho no dia seguinte. O reinado da Rainha havia começado.

Rose Saxon emergiu lentamente, emprestando seu traço apenas de vez em quando, sem assinar e sem levar crédito, para uma história ou uma capa que espalhava na mesinha da cozinha. Rosa sempre tivera uma mão segura, um traço firme, uma boa noção de sombra. Era trabalho feito sem muita reflexão, em ritmo de crise — sempre que Sammy estava entalado ou com falta de pessoal — mas, depois de um tempo, percebeu que começara a ansiar intensamente pelos dias em que Sammy tivesse algo para ela fazer.

Então uma noite, deitados na cama, conversando no escuro, Sammy lhe disse que seu trabalho de pincel superava de longe aquele das melhores pessoas que estava em condições de contratar para a modesta Gold Star. Perguntou-lhe se ela algum dia pensara em fazer esboços a lápis; na verdade, em escrever e desenhar histórias para revistas em quadrinhos. Explicou-lhe que Simon e Kirby estavam tendo então considerável sucesso com um novo tipo de material que haviam bolado, baseado em parte em *Archie* e outras revistas adolescentes e em parte nos velhos *pulps* de romance verídico (o último dos velhos gêneros das revistinhas baratas a ser exumado para dar vida nova aos quadrinhos). Chamava-se *Young Romance*. Dirigia-se às mulheres e as histórias que contava eram centradas em mulheres. As mulheres tinham sido negligenciadas até agora como leitores de revistas em quadrinhos; parecia a Sammy que deveriam gostar de uma revista *escrita e desenhada* por uma delas. Rosa aceitou a proposta de Sammy imediatamente com um jorro de gratidão cuja força não havia diminuído até agora.

Ela sabia o que representava para Sammy voltar aos quadrinhos e assumir o posto de editor na Gold Star. Foi o único momento no curso de um casamento longo e interessante em que Sammy chegou à beira de acompanhar seu primo até o mundo dos homens que fugiam. Praguejara, gritara, dissera coisas terríveis para Rosa. Culpou-a por sua penúria e por sua condição degradada e pelo estado interminável de *Desencanto americano*. Se não tivesse mulher e filho para sustentar, *um filho que sequer era seu...* Chegara ao ponto de fazer a mala e sair de casa. Quando voltou na tarde seguinte foi como editor-chefe das Publicações Incorporadas Gold Star. Deixou o mundo acorrentá-lo no último jogo de grilhões e subiu, de uma vez por todas, ao gabinete de mistérios que era a vida de um homem comum. E assim ficou. Anos depois, Rosa encontrou numa gaveta da cômoda um bilhete, datado

daquela época terrível, de um assento de segunda classe no Broadway Limited: ainda outro trem para a Costa Oeste que Sammy acabou perdendo.

Na noite em que lhe ofereceu a oportunidade de desenhar “uma revista em quadrinhos para as garotas”, Rosa sentiu que Sammy tinha dado a ela uma Chave de Ouro, uma gazua para o seu eu, uma saída para longe do tédio da sua existência como dona de casa e mãe, primeiro em Midwood e agora aqui em Bloomtown, a autoproclamada Capital do Sonho Americano. Aquele sentimento duradouro de gratidão para com Sammy foi uma das forças que sustentaram sua vida conjunta, algo para o que ela podia se voltar e invocar, como Tom Mayflower agarrando sua chave-talismã, sempre que as coisas comesçassem a andar mal. E a verdade é que seu casamento havia melhorado depois que foi trabalhar para Sammy. Não parecia mais, traduzindo incorretamente, tão solto. Tornaram-se colegas, colaboradores, parceiros de um modo desigual mas bem definido, que tornava mais fácil deixar de olhar fundo demais para o inconfessável no coração das coisas.

O resultado mais imediato da oferta de Sammy foi *Garotas no trabalho*, “histórias chocantes, mas verídicas, das vidas febris de garotas que perseguem uma carreira”. Estreou nas páginas finais de *Quadrinhos divertidos*, na época o título de mais baixa vendagem publicado pela Gold Star. Depois de três meses de vendas em ascensão regular, Sammy colocou *Garotas no trabalho* no caderno da frente da revista e permitiu a Rosa que assinasse com o seu pseudônimo mais conhecido.^[17] Alguns meses depois, *Garotas no trabalho* foi lançado como um título autônomo e pouco depois a Gold Star, puxada por três revistas em quadrinhos de “Romance por Rose Saxon”, começou a dar lucro pela primeira vez desde os impetuosos dias iniciais da guerra. Desde então, quando Sammy deixou a Gold Star para ocupar editorias na Olympic Publications e agora na Pharaoh House, Rosa, numa incansável e (na maior parte) financeiramente bem-sucedida campanha para retratar o coração daquela criatura mítica, a Garota Americana, que ela desprezava e invejava em igual medida, encheu as páginas de *Coração partido*, *Loucuras de amor*, *Apaixonada*, *Namorada* e agora *Beijo* com toda a força e frustração de uma dúzia de anos de desamor e saudade.

Depois que Sammy desligou, Rosa ficou por um momento segurando o telefone, tentando fazer sentido do que acabara de ouvir. De certo modo — era um tanto confuso — seu filho gazeteiro conseguira encontrar o homem que era seu pai. Joe Kavalier estava sendo trazido de volta, vivo, do seu esconderijo secreto no Empire State Building (“Exatamente como Doc Savage”, de acordo com Sammy). E vinha dormir na sua casa.

Tirou roupa de cama limpa do armário embutido no corredor e levou-a para o sofá no qual, daqui a poucas horas, Joe Kavalier deitaria seu bem lembrado e inimaginável corpo. Onde o corredor se encontrava com a sala de estar, passou por uma espécie de arabesco atômico em forma de estrela com um espelho no seu núcleo e apanhou um reflexo dos seus cabelos. Virou-se, foi até o quarto de dormir que ela e Sammy dividiam, depôs sua carga fragrante de lençóis, e arrancou a variedade de trastes, equipamento de escritório e pedacinhos de ferragens que costumava usar para manter os cabelos longe do rosto quando estava em casa. Sentou-se na cama, levantou-se, foi até o armário e ficou parada ali, a visão do seu guarda-roupa enchendo-a de dúvida e de uma suave sensação de divertimento que reconheceu como, de certa forma magicamente, de Joe. Há muito tempo perdera a noção dos seus vestidos, das saias e blusas; eram frases mecânicas de raiom e de algodão que entoava todo dia. Agora pareceram-lhe aterradoramente sensatas e monótonas. Tirou seu suéter de malha e os jeans enrolados. Acendeu um cigarro e caminhou até a cozinha de calças e sutiã, a sarça dos seus cabelos soltos adejando na cabeça como uma coroa de plumas.

Na cozinha pegou uma caçarola, derreteu meia xícara de manteiga e engrossou-a com farinha até formar uma pasta. Acrescentou leite à pasta, um pouquinho de cada vez, depois sal, pimenta e cebola em pó. Tirou este seu *roux* do fogão e botou uma panela d'água a esquentar para fazer o macarrão. Foi então até a sala de estar e colocou um disco na hi-fi. Não tinha ideia de que disco era. Quando a música começou ela não ouviu e quando terminou não prestou atenção. Ficou intrigada ao ver que não havia lençóis no sofá. Os cabelos estavam no seu rosto. Quando flocos de cinza caíram na sua mistura, percebeu agora, ela os misturara como se fossem pedacinhos de salsa desidratada. Esquecera-se, no entanto, de acrescentar a própria salsa. E, por algum motivo, estava circulando pela casa de sutiã.

— Muito bem — disse a si mesma. — E daí? — O som de sua própria voz a acalmou e colocou seus pensamentos em foco. — Ele não tem a menor ideia dos subúrbios. — Esmagou o cigarro num cinzeiro que tinha a forma de uma sobranceira arqueada em surpresa. — Vá se vestir.

Voltou ao quarto de dormir e colocou um vestido azul, à altura do joelho, com uma cintura branca e um colarinho de algodão suíço pontilhado. Várias vozes contraditórias e insidiosas ergueram-se dentro dela nesta altura para dizer que o vestido a fazia parecer entroncada, com os quadris largos, matronal e que devia usar calças compridas largas. Ignorou-as. Escovou os cabelos até que se ouriçaram de sua cabeça em todas as direções como a juba de um dente-de-leão e então os escovou para trás e prendeu-os na nuca com uma fivela de

prata. Uma hesitação atordoada voltou a assaltá-la na questão da maquiagem, mas ela decidiu rapidamente ficar só no batom, duas pinceladas cor de ameixa não muito bem aplicadas, e seguiu até a sala de estar para fazer a cama. A panela na cozinha estava fervendo e ela despejou uma caixa de macarrão na água. Começou a picar numa batedeira um bloco de queijo amarelo da cor de ônibus escolar. Macarrão e queijo. Parecia, como prato, existir bem no centro de sua sensação de constrangimento diante da vida; mas era o prato favorito de Tommy e ela sentiu o impulso de recompensar o filho pelo feito que havia realizado. E de certa forma duvidava que Joe — estivera realmente enfurnado num escritório no Empire State Building desde os anos 40? — fosse sensível à mensagem sócio-econômica inerente no borbulhante bloco marrom e dourado, em sua caçarola Corning branca com a flor azul ao lado.

Depois de deslizar a caçarola para dentro do forno, voltou ao quarto para vestir um par de meias e sapatilhas azuis com fivelas brancas cobertas com o mesmo tecido acetinado da cintura do vestido.

Estariam em casa dentro de duas horas. Voltou à sua mesa e sentou-se para trabalhar. Era a única coisa sensata que podia achar para fazer. Mágoa, irritação, dúvida, ansiedade, ou qualquer outra emoção turbulenta que pudesse impedi-la de dormir, comer ou, em casos extremos, falar coerentemente ou se levantar da cama, desapareciam completamente quando se entregava ao ato de contar uma história. Embora não tivesse contado tantas quanto Sammy ao longo dos anos, trabalhando, como fazia, exclusivamente no gênero romântico, ela as contara talvez com maior intensidade. Para Rosa (que, desde o início, e única entre as poucas mulheres do ramo, não só desenhara, mas, graças à indulgência do seu marido editor, também escrevera quase todos os seus textos), contar a história da bonita Nancy Lambert — uma garota americana comum de uma pequena ilha no Maine que colocava toda sua confiança ingênua nas mãos instáveis do bonito e brilhante Lowell Burns, socialite e físico nuclear — era um trabalho que não absorvia meramente toda a sua atenção e arte, mas seus sentidos e memórias também. Seus pensamentos eram os pensamentos de Nancy. Seus próprios dedos ficavam brancos nas juntas quando Nancy tomava conhecimento de que Lowell mentira de novo para ela. E pouco a pouco, enquanto povoava e desenvolvia o mundo que construía em fileiras e colunas de blocos de folhas de cartolina de 38 x 28 cm, o passado de Nancy se transformava no seu próprio passado. As línguas de veludo dos mansos veados do Maine haviam lambido as palmas de suas mãos na infância. A fumaça das pilhas de folhas flamejantes do outono, os vaga-lumes escrevendo alfabetos contra o céu da noite de verão, os suaves jatos de vapor salgado escapando dos mariscos cozidos, os estalidos do gelo do

inverno quebrando nos troncos das árvores, todas estas sensações enchiam o coração de Rosa com uma nostalgia quase insuportável enquanto, contemplando a horrível floração vermelha da bomba que se tornara sua Outra Mulher, ela pensava na possível destruição de tudo que jamais conhecera, da bondosa srta. Pratt na velha escola da ilha até a visão do pequeno barco a remos de seu pai entre os barcos lagosteiros retornando à noite com a pesca de um dia. Em tais momentos, não inventava seus enredos ou desenhava seus personagens; lembrava-se deles. Suas páginas, embora esquecidas de todos, com exceção de alguns colecionadores, conservam uma marca da fé do criador na sua criação, a bela loucura que é bastante rara em qualquer forma de arte, mas que no negócio dos quadrinhos, com suas colaborações forçadas e sua busca incansável do mínimo denominador comum, era algo inédito.

Tudo isto serve para explicar por que Rosa, que fora tomada de pânico e confusão com o telefonema de Sammy, dedicou tão pouco pensamento a Josef Kavalier assim que se sentou para trabalhar. Sozinha no seu estúdio improvisado na garagem, ela fumou, ouviu Mahler e Fauré na WQXR e dissolveu-se nos sofrimentos e contornos curvilíneos da pobre Nancy Lambert, como o teria feito num dia que não incluísse nenhuma notícia das tumultuadas fugas de seu filho às aulas ou espectros da história mais profundamente enterrada do seu coração. Foi só quando ouviu o Studebaker raspar a traseira na entrada da garagem que ergueu os olhos do seu trabalho.

O macarrão com queijo acabou sendo um gesto supérfluo; Tommy estava dormindo quando chegaram em casa. Sammy entrou na casa carregando com dificuldades o menino nos braços.

— Ele já jantou?

— Comeu uma rosquinha.

— Isto não é jantar.

— Tomou uma Coca.

Dormia profundamente, as bochechas coradas, a respiração sibilando através dos dentes, misteriosamente perdido num suéter de malha extragrande da Liga Atlética da Polícia.

— Você quebrou as costelas — Rosa disse a Joe.

— Não — disse Joe. — Só tive um machucado feio. — Havia um grande inchaço na sua bochecha, coberto parcialmente por um quadrado de gaze preso com um esparadrapo. Seu nariz parecia luminoso nas narinas, como se tivesse sangrado recentemente.

— Fora do meu caminho — disse Sammy entre os dentes. — Não quero deixá-lo cair.

— Deixe comigo — disse Joe.

— Suas costelas...

— Deixe.

Eu quero ver isto, pensou Rosa. Na verdade, não havia nada na vida que quisesse ver mais.

— Por que não o deixa? — disse a Sammy.

Assim Sammy, prendendo o fôlego, tremendo de simpatia e franzindo a sobrancelha, colocou o menino adormecido nos braços de Joe. O rosto de Joe retesou-se de dor, mas ele a suportou e ficou segurando Tommy, olhando com alarmante ternura para o seu rosto. Rosa e Sammy, parados, observaram ardentemente Joe Kavalier olhando para o seu filho. Então, no mesmo instante, cada um pareceu notar o que o outro fazia e eles coraram e sorriram, levados nas correntes de dúvida, vergonha e contentamento que animava todas as atividades de sua família provisoriamente mobilizada.

Joe clareou a garganta ou talvez estivesse grunhindo de dor.

Olharam para ele.

— Onde fica o quarto dele? — disse Joe.

— Oh, desculpe — disse Rosa. — Deus. Você está bem?

— Estou ótimo.

— É por aqui.

Ela o conduziu pelo corredor até o quarto de Tommy. Joe deitou o garoto sobre a colcha, que era decorada com placas de tavernas coloniais e proclamações com os cantos enrolados impressas numa tipologia da Guerra da Independência, cheia de protuberâncias. Fazia muito tempo que o dever e o prazer de despir o filho coubera a Rosa. Durante muitos anos, ela ansiara para que ele assumisse a maturidade, independência e eficiência geral além dos seus anos, como se esperando ricocheteá-lo como uma pedra por sobre o traiçoeiro lago da infância e agora era tocada por um ligeiro traço do bebê que existia nele, os lábios fazendo beicinho e o lustre febril de suas pálpebras. Debruçou-se, desamarrou e tirou os seus sapatos. As meias estavam coladas aos seus pés pálidos e suados. Joe pegou os sapatos e as meias da mão dela. Rosa desabotoou as calças de veludo cotelê de Tommy e as arrastou perna abaixo, então puxou a camisa e o suéter para cima até que seus braços e sua cabeça ficaram como um fardo solto lá dentro. Deu um puxão lento e experiente e a porção superior do garoto livrou-se de estalo.

— Muito bem executado — disse Joe.

Tommy aparentemente fora entupido de sorvete e refrigerante no distrito policial para soltar a língua. Seu rosto precisava ser lavado. Rosa procurou uma toalha. Joe a seguiu até o banheiro, levando os sapatos num mão e o par de meias, enrolado numa bola, na outra.

— Tenho jantar no forno.

— Estou com muita fome.

— Não quebrou um dente ou qualquer coisa?

— Felizmente não.

Era loucura; estavam simplesmente conversando. Sua voz soava como sua voz, sonora mas com um leve timbre de fagote; ainda tinha o cômico sotaque Habsburgo, parecendo doutoral e não muito genuíno. Na sala de estar Sammy trocou de lado o disco que ela havia colocado antes; Rosa o reconheceu agora; *New Concepts of Artistry in Rhythm*, de Stan Kenton. Joe seguiu-a de volta ao quarto e Rosa limpou o doce epóxi dos lábios e dos dedos do bebê-menino Tommy. Um Charms Pop aberto semimastigado que ele enfiara no bolso tinha mapeado um continente pegajoso no côncavo macio e sem pelos da sua virilha. Rosa o limpou. Tommy resmungou e estremeceu durante suas atenções; uma vez, seus olhos se abriram, cheios de inteligência alarmada, e Rosa e Joe fizeram caretas um para o outro: eles o tinham acordado. Mas o menino fechou os olhos de novo e, com Joe o levantando e Rosa puxando, conseguiram enfiá-lo no seu pijama. Joe o levantou, gemendo de novo, enquanto Rosa puxava as cobertas da cama. Enfiaram-no debaixo dos lençóis. Com a mão, Joe afastou para trás os cabelos que caíam na testa de Tommy.

— Que garotão — falou.

— Tem quase 12 anos — disse Rosa.

— Sim, eu sei.

Ela olhou para as mãos dele, do lado do corpo. Ainda seguravam o par de sapatos.

— Está com fome? — perguntou, mantendo a voz baixa.

— Estou com muita fome.

Quando saíram do quarto, Rosa se virou para dar uma olhada em Tommy e sentiu o impulso de voltar, de se deitar na cama ao lado dele e simplesmente ficar ali por um tempo experimentando aquele anseio profundo, aquela emoção desesperada de sentir sua falta, que tomava conta dela sempre que o segurava adormecido nos braços. Fechou a porta atrás de si e de Joe.

— Vamos comer — disse.

Só quando os três estavam sentados à pequena mesa da cozinha foi que ela deu sua primeira boa olhada em Joe. Havia algo mais denso nele agora. Seu rosto parecia ter envelhecido menos que o de Sammy e, sabe Deus, que o rosto dela mesma, e sua expressão, enquanto decifrava as imagens e os cheiros estranhos da aconchegante cozinha do Penobscott deles, tinha algo do velho estonteado Joe de que ela se lembrava. Rosa tinha lido sobre o viajante einsteiniano à velocidade da luz que voltara depois de um giro que durou alguns anos de sua vida para encontrar todo mundo que conhecia ou amava retorcido ou reduzido a pó no chão. Parecia-lhe que Joe tinha voltado assim, de algum lugar distante, belo e inimaginavelmente árido.

Enquanto comiam, Sammy contou a Rosa a história do seu dia, da hora em que encontrou os rapazes na Cafeteria Excelsior até o

momento do salto de Joe no vazio.

— Você podia ter morrido — disse Rosa revoltada, dando um tapinha suave no ombro de Joe. — Com muita facilidade. *Elásticos*.

— O truque foi executado com sucesso por Theo Hardeen em 1921 na ponte Alexandre III — disse Joe. — A fita elástica foi preparada especialmente naquele caso, mas estudei a questão e conclui que a minha era ainda mais forte e mais elástica.

— Só que ela *arrebentou* — disse Sammy.

Joe encolheu os ombros.

— Eu estava errado.

Rosa riu.

— Não digo que não estivesse errado, mas estou dizendo apenas que não achei existir muita chance de que eu pudesse morrer.

— Achou que havia alguma chance de que o trancafiassem no hospício de Rikers Island? — disse Sammy. — Ele foi detido.

— Você foi detido? — disse Rosa. — Sob que acusação? “Criar um tumulto público”?

Joe fez uma careta, ao mesmo tempo embaraçado e aborrecido. Serviu-se então de outra porção da caçarola.

— Foi por ocupação ilegal do prédio — explicou Sammy.

— Não quer dizer nada — Joe ergueu os olhos do seu prato. — Já estive na cadeia antes.

Sammy virou-se para ela.

— Ele fica dizendo coisas deste tipo.

— Homem misterioso.

— Acho isso muito irritante.

— Você pagou fiança? — perguntou Rosa.

— Seu pai me ajudou.

— Meu pai? Ele *ajudou*?

— Aparentemente, a velha sra. Wagner é proprietária de dois Magrittes — disse Sammy. — A mãe do prefeito. As acusações foram retiradas.

— Dois Magrittes da *última fase* — disse Joe.

O telefone tocou.

— Eu atendo — disse Sammy. Foi até o aparelho. — Alô. Hã-hã. Que jornal? Sim. Não, ele não vai falar com vocês. Preferia morrer a falar para um jornal da cadeia Hearst. Não. Não. Não, não é verdade, de jeito algum.

Aparentemente, o desejo de Sammy de fazer valer a versão correta da história era maior do que seu desdém pelo *Journal-American* de Nova York. Levou o telefone até a sala de jantar; eles tinham instalado um fio extralongo que alcançasse a mesa de jantar que Sammy usava sempre que trabalhava em casa.

Quando Sammy começou a arengar para o repórter do *Journal-*

American, Joe colocou o garfo na mesa.

— Muito bom — disse. — Nem consigo lembrar da última vez em que comi tão bem.

— Comeu o suficiente?

— Não.

Serviu outra porção do prato para ele.

— Ele sentiu muito a sua falta — disse ela, apontando para a sala de jantar, onde Sammy contava a um repórter do *Journal-American* como ele e Joe haviam encontrado a ideia para o Escapista, numa noite fria de outubro há um milhão de anos. No dia em que um garoto saltara para dentro do quarto de dormir de Jerry Glovsky e caíra, deslumbrado, aos pés dela. — Ele contratou detetives particulares para tentar encontrá-lo.

— Um deles me encontrou — disse Joe. — Paguei a ele para ficar em silêncio. — Comeu um bocado, depois outro e então um terceiro. — Também senti falta *dele* — disse finalmente. — Mas sempre costumava imaginar que fosse feliz. Quando ficava sentado lá de noite, às vezes, pensando nele. Lia suas revistas em quadrinhos... podia sempre saber quais eram as dele... e então eu pensava: afinal, Sam está indo bem. Deve ser feliz. — Ajudou a descer a última garfada do seu terceiro prato com um gole de água tônica. — É muito desapontamento para mim descobrir que não é feliz.

— Não é? — disse Rosa, não tanto de má-fé como com o poder de resistência que uma geração posterior teria chamado de sua rejeição. — Não, não, você está certo, realmente não é feliz.

— E quanto àquele livro, o *Americano desencantado*? Pensei muitas vezes nele, também, de tempos em tempos.

Seu inglês, ela via agora, havia deteriorado durante seus anos no mato, ou seja lá onde tivesse estado.

— Bem — disse Rosa —, ele o terminou há uns dois anos. Pela *quinta* vez, na verdade, acho que foi. E nós mandamos para as editoras. Houve algumas respostas simpáticas, mas...

— Estou vendo.

— Joe — disse ela. — Que ideia *foi* esta?

— Que ideia do quê? O meu salto?

— OK, vamos começar por isto.

— Não sei. Quando vi a carta no jornal, sabe, compreendi que tinha sido escrita por Tommy. Quem mais poderia ser? E senti, bem, como fui eu que falei com ele a respeito... que eu queria... que eu simplesmente queria que fosse... *verdade* para ele.

— Mas o que você estava tentando *conseguir*? A ideia era *envergonhar* Sheldon Anapol e obrigá-lo a lhe dar mais dinheiro, ou...?

— Não — disse Joe. — Não creio que esta fosse a ideia, nunca.

Ela esperou. Ele empurrou o prato e apanhou os cigarros dela.

Acendeu dois ao mesmo tempo, passou um para ela, exatamente como costumava ser há muito, muito tempo atrás.

— Ele não sabe — disse Joe, como se oferecendo uma lógica para o seu salto do Empire State Building e, embora ela não percebesse de imediato, por algum motivo a afirmação fez seu coração disparar no peito. Estava guardando tantos segredos, tantos tipos diferentes de culpa dos homens na sua vida?

— Quem não sabe o quê? — perguntou ela. Estendeu a mão, como que casualmente para apanhar um cinzeiro do balcão da cozinha bem atrás da cabeça de Joe.

— Tommy. Ele não sabe... o que eu sei. A meu respeito. E a respeito dele. Que eu...

O cinzeiro — vermelho e dourado, estampado com as palavras EL MOROCCO em letras douradas cursivas — caiu no chão da cozinha e despedaçou-se em uma dúzia de cacos.

— Merda!

— Está tudo bem, Rosa.

— Não, não está! Derrubei meu cinzeiro do El Morocco, com os diabos! — Encontraram-se de joelhos, no meio do chão da cozinha, com os cacos do cinzeiro quebrado entre eles. — OK, está bem — disse ela enquanto Joe começava a varrer os pedacinhos com a palma da mão. — Você sabe.

— Eu sei. Sempre achei, mas eu...

— Você *sempre* achou? Desde quando?

— Desde que soube a respeito. Você me escreveu, para a Marinha, está lembrada, em 1942, acho. Havia fotos. Eu sabia.

— Você sabia desde 1942 que era... — baixou a voz num sussurro zangado — ... que tinha um filho, e nunca foi capaz...

A raiva que se avolumou subitamente nela parecia perigosamente satisfatória e a teria soltado para fora, sem se importar com as consequências para seu filho, seu marido, ou sua reputação na vizinhança, mas foi contida, no último momento possível, pelo intenso fulgor nas faces de Joe. Ficou sentado ali, a cabeça baixa, empilhando os cacos do cinzeiro num pequeno monte funerário. Rosa levantou-se, foi até o quartinho da limpeza pegar uma pá de lixo e uma escova. Juntou o cinzeiro e jogou os cacos tilintando na lixeira da cozinha.

— Você não contou a ele — disse ela finalmente.

Ele sacudiu sua cabeça abaixada. Ainda estava ajoelhado no meio do chão da cozinha.

— Nós quase nunca conversamos muito — disse.

— Por que isto não me surpreende?

— E você nunca contou a ele?

— Claro que não — disse Rosa. — Pelo que ele sabe, aquela coisa ali — baixou a voz e apontou com a cabeça de novo para a sala de

jantar — é o seu pai.

— Não é o caso.

— O quê?

— Ele me disse que Sammy o adotou. Entreouviu uma coisa ou outra. Tem um número de teorias interessantes sobre seu verdadeiro pai.

— Ele... chegou alguma vez a... você acha que ele...

— Às vezes senti que estava a ponto de me perguntar — disse Joe.

— Mas nunca perguntou.

Rosa deu a mão para ele e ele a encerrou na sua. Por um instante, a dele pareceu mais seca e mais calejada do que ela lembrava, e então pareceu exatamente a mesma. Voltaram a sentar-se diante da mesa da cozinha, diante de seus pratos de comida.

— Você ainda não contou — lembrou ela. — Por que fez isto? Qual foi o sentido de tudo?

Sammy voltou para a cozinha e desligou o telefone, sacudindo a cabeça diante da profunda escuridão jornalística que o fizera perder dez minutos tentando iluminar.

— Era o que o sujeito estava me perguntando — disse. — Qual foi o sentido de tudo isto?

Rosa e Sammy viraram-se para Joe, que observou o comprimento da cinza na ponta do seu cigarro por um momento antes de derrubá-la na palma da mão.

— Acho que o sentido foi este — disse. — Para que eu voltasse. Para acabar sentado aqui com vocês, em Long Island, nesta casa, comendo um macarrão preparado por Rosa.

Sammy ergueu as sobrancelhas e soltou um breve suspiro. Rosa sacudiu a cabeça. Parecia que era seu destino viver entre homens cujas soluções eram invariavelmente mais complicadas ou extremas do que os problemas que elas deviam resolver.

— Não podia ter simplesmente *telefonado*? — perguntou Rosa. — Estou segura de que o teríamos convidado.

Joe sacudiu a cabeça e a cor voltou as suas faces.

— Eu não podia. Desejei, tantas vezes. Eu telefonava e desligava. Escrevia cartas mas não as enviava. E quanto mais esperava, mais difícil era imaginar. Eu simplesmente não sabia como fazer, entendem? Não sabia o que iam pensar de mim. Como se sentiriam a meu respeito.

— Cristo, Joe, você é um idiota escroto — disse Sammy. — Nós amamos você.

Joe colocou a mão no ombro de Sammy e fez uma expressão facial como que dizendo, sim, tinha agido como um idiota. E estavam conversados, então, pensou Rosa. Doze anos de nada, uma breve declaração, um encolher de ombros de desculpas e aqueles dois

recomeçariam tudo do zero. Rosa lançou um jato de fumaça através das narinas e sacudiu a cabeça. Joe e Sammy viraram-se para ela. Pareciam estar à espera de que viesse com um plano de ação para eles, um belo e enxuto roteiro de Rose Saxon que todos eles poderiam seguir, no qual teriam todos exatamente as falas que desejavam.

— Bem? — disse ela. — Que vamos fazer agora?

O silêncio que se seguiu foi longo o suficiente para que três ou quatro dos proverbiais idiotas mencionados por Ethel Klayman entrassem neste mundo miserável. Rosa podia ver mil possíveis respostas se encaixando dentro da cabeça do marido e teve curiosidade de saber qual delas ele iria finalmente oferecer, mas foi Joe quem finalmente falou.

— Tem alguma sobremesa? — disse.

Com um lápis Ticonderoga bem apontado enfiado atrás da orelha e um novo bloco de advogado de folhas amarelas apertado contra o peito, Sammy foi para a cama com ela. Vestia um pijama de algodão encorpado — este era branco com uma fina lista verde-limão e uma padronagem de cabeças de veado douradas — que exalava um suave aroma do ferro de passar dela. Normalmente introduzia no envelope de sua cama uma transcrição olfativa do seu dia na cidade, um rico registro de Vitalis, Pall Mall, mostarda alemã, a impressão amarga das costas de couro da sua cadeira de escritório, a chamuscada membrana de um centímetro no fundo da cafeteira da firma, mas esta noite havia tomado um banho de chuveiro e suas faces e seu pescoço tinham um cheiro pungente de menta de Lifebuoy. Transferiu seu volume relativamente leve do chão do quarto para a superfície do colchão com a costumeira récita de grunhidos e suspiros. Houve época em que Rosa teria perguntado se existia alguma causa genérica ou específica para estas espantosas exibições, mas nunca existiu — seu grunhido era ou alguma reação musical involuntária aos efeitos da gravitação, como a “cantoria” de certas pedras cobertas de umidade sobre as quais lera no *Acredite se quiser*, produzida pelos primeiros raios do sol da manhã; ou então era simplesmente a inevitável libertação noturna, depois de 15 horas passadas ignorando-as e reprimindo-as, de todas as frustrações do dia. Esperou pelo elaborado processo em que ele efetuava um remanejamento completo do muco em seus pulmões e em sua garganta. Sentiu que instalava suas pernas e amaciava as cobertas sobre elas. Finalmente, ela rolou para o lado e ergueu-se apoiada num braço.

— Bem? — disse.

Considerando tudo o que acontecera naquele dia, havia uma quantidade de diferentes respostas possíveis para a pergunta dela. Sammy poderia ter dito “Aparentemente, nosso filho não é, afinal, um delinquentezinho enforcador de aulas corrompido pelas revistas em quadrinhos saído direto dos capítulos mais lúgubres de *Sedução dos inocentes*.” Ou, pela milésima vez, com a mistura usual de admiração e hostilidade: “Seu pai é uma figura.” Ou — ela receava e ao mesmo tempo ansiava por ouvir: “Bem, você o conseguiu de volta.”

Mas ele simplesmente fungou uma última vez e disse:

— Gostei.

Rosa sentou-se um pouco mais na cama.

— Realmente?

Ele concordou com a cabeça, dobrando as mãos por trás da nuca.

— É muito perturbadora — continuou e ela percebeu que soubera o tempo todo que esta era a resposta que iria receber, ou melhor, que esta seria a linha que ele provavelmente seguiria em resposta ao convite aberto dela de enchê-la de nostalgia e pavor. Estava, como sempre, ansiosa por sua opinião sobre seu trabalho, e agradecida também de que quisesse levar as coisas entre eles, por mais algum tempo, segundo o velho calendário, por mais cheio que fosse de lacunas e erros de cálculo. — É como se a Bomba fosse realmente a Outra Mulher.

— A Bomba é sexy.

— Isto é muito perturbador — disse Sammy. — Na verdade, perturbador é que você pudesse imaginar semelhante coisa.

— Olha só quem está falando.

— Você deu à Bomba um *corpo*. Um corpo de mulher.

— Saiu direto do *Livro do mundo* de Tommy. Não inventei nada.

Sammy acendeu um cigarro e olhou para a cabeça do fósforo até que queimou quase até a pele do seu dedo. Sacudiu e apagou.

— Ele está maluco? — disse.

— Tommy ou Joe?

— Vem levando uma *vida secreta* nos últimos dez anos. Quero dizer, *realmente*. Disfarces. Nomes falsos. Contou-me que uma dúzia de pessoas sabia onde estava. Ninguém sabia onde morava.

— Quem sabia?

— Um punhado daqueles mágicos. Foi onde Tommy o viu pela primeira vez. Na sala dos fundos da loja de Tannen.

— A Loja Mágica de Louis Tannen — disse ela. Isto explicava a intensidade do apego de Tommy, que sempre a irritara, àquele gabinete de truques baratos e mistificação que, quando ela o visitara, a havia deixado deprimida. *Ele parece bastante obcecado pelo lugar*, seu pai observara certa vez. Ela rastejava agora de volta à trama de mentiras que Tommy urdira nos últimos dez meses. As listas de preços cuidadosamente datilografadas, tudo falso. Talvez até o próprio interesse pela mágica fosse forjado. E os simulacros perfeitos de sua assinatura, naquelas espantosas notas de justificativa que Tommy havia criado: claro que foi Joe quem as fez. A própria assinatura de Tommy era desordenada e desajeitada; sua mão ainda era decididamente vacilante. Por que não lhe ocorrera antes que o menino nunca teria produzido tal falsificação sozinho? — Estavam fazendo uma gigantesca prestidigitação às nossas custas. O tapa-olho era, como é que Joe o costumava chamar?

— Uma desorientação.

— Uma mentira para acobertar uma mentira.

— Perguntei a Joe sobre Orson Welles — disse Sammy. — Ele sabia.

Ela apontou para o maço de cigarros e Sammy lhe passou um. Estava sentada na cama agora, as pernas cruzadas, de frente para ele. Seu estômago doía; eram os nervos. Os nervos e o impacto de anos e anos de fantasias acumuladas ruindo de repente, tombando como uma fileira de apartamentos pintados. Ela imaginara Joe não só atropelado por caminhões que passavam numa estrada solitária, mas afogado em remotas enseadas no Alasca, fuzilado por homens da Ku Klux Klan, etiquetado numa gaveta num necrotério do Meio-Oeste, assassinado numa rebelião de presidiários ou envolvido em qualquer número de apuros suicidas, do enforcamento à defenestração. Não conseguia evitar aquilo. Possuía uma imaginação catastrófica; um ar de perdição iminente obscurece até grande parte do seu trabalho mais ensolarado. Havia intuído a presença da violência na história do desaparecimento de Joe (embora erroneamente imaginasse que se achava no final e não no começo da história). Ouvia-se cada vez mais falar de suicídios — de pessoas que sofriam da “culpa do sobrevivente”, como chamavam — entre os parentes mais afortunados daqueles que haviam morrido nos campos de concentração. Sempre que Rosa lia ou ouvia falar de um caso destes, não podia se impedir de imaginar Joe executando a mesma ação, pelos mesmos meios; geralmente eram pílulas ou a horrível ironia do gás. E cada relato de jornal sobre o infortúnio de alguém na hinterlândia — o homem cuja história lera no dia anterior tombado de uma falésia na orla de San Francisco — ela reescrevia com Joe no papel principal. Agressões de ursos, ataques de abelhas, o mergulho de um ônibus escolar cheio de crianças (ele estava na direção) — a lembrança de Joe aparecia em tudo. Nenhuma tragédia era barroca demais ou aparentemente inaplicável para que ela encaixasse Joe no esquema. E assim tinha vivido diariamente, durante vários anos, com o sofrimento de saber — *saber* —, fantasias à parte, que Joe realmente nunca voltaria para casa. Mas não parecia se dar conta, agora, da ideia aparentemente singela de que Joe Kavalier vida secreta e tudo mais, estava dormindo no seu sofá, na sua sala de estar, debaixo de uma velha colcha tricotada por Ethel Klayman.

— Não — disse ela. — Não acho que esteja maluco. Você sabe? Nem sei ao certo se existe uma reação saudável ao que ele... ao que aconteceu com sua família. A sua reação, e a minha... você se levanta, vai para o trabalho, joga beisebol no quintal com o garoto na tarde de domingo. Qual é a sanidade disto? Continuar plantando bulbos e desenhando revistas em quadrinhos e fazendo a mesma velha merda de sempre como se nada tivesse acontecido?

— Boa argumentação — disse Sammy, parecendo profundamente

interessado na questão. Puxou suas pernas até encostarem no peito e colocou o bloco de papel no meio. O lápis começou a rabiscar. Estava encerrada a conversação. Em princípio, evitavam indagações como “Até que ponto somos saudáveis?” e “Nossas vidas têm algum sentido?”. A necessidade de fugir desse tipo de coisa era aguda e evidente para ambos.

— O que é isto? — perguntou ela.

— *Planeta estranho*. — Não ergueu o lápis do bloco. — Sujeito pousa num planeta. Explorando a galáxia. Mapeando as franjas exteriores.

Enquanto falava, não olhava para ela, ou interrompia o progresso, ao longo da folha pautada, das pequeninas letras de fôrma em negrito que produzia, regulares e límpidas, como se tivesse uma caligrafia de máquina de escrever. Ele gostava de conversar seus enredos com ela, penteando em tranças regulares o que crescia em tufos desordenados na sua imaginação.

— Encontra uma vasta cidade dourada. Como nada que já viu. E ele viu de tudo. As cidades-colmeia de Deneba. As cidades folhas-de-nenúfar de Lyra. As pessoas aqui têm três metros de altura, são belos humanoides dourados. Vamos dizer que possuem grandes asas. Dão as boas-vindas ao astronauta Jones. Mostram a cidade para ele. Mas existe algo em suas mentes. Estão preocupados. Têm medo. Existe um edifício, um palácio imenso que ele não pode visitar. Uma noite nosso sujeito acorda em sua grande e confortável cama e a cidade inteira está sacudindo. Ouve este terrível bramido, urrando como uma imensa besta monstruosa. Gritos. Estranhos lampejos elétricos. Tudo está vindo do palácio. — Arrancou a página que havia enchido, dobrou-a e colocou de lado. Continuou: — No dia seguinte todo mundo se comporta como se nada tivesse acontecido. Dizem que ele deve ter sonhado. Naturalmente nosso sujeito tem de descobrir. É um explorador. É o seu trabalho. Por isso ele se infiltra neste imenso e deserto palácio e dá uma olhada. Na torre mais alta, a mais de um quilômetro acima do planeta, ele topa com um gigante. Seis metros de altura, asas imensas, dourado como os outros, mas com cabelos desarvorados e uma grande barba. Acorrentado. Gigantescas correntes atômicas.

Rosa esperou, enquanto ele esperava que ela perguntasse.

— E? — disse ela afinal.

— Estamos no céu, este planeta — disse Sam.

— Não estou segura de que...

— É Deus.

— OK.

— Deus é um louco. Perdeu a cabeça, digamos, há um bilhão de anos. Pouco antes de, você sabe. Criar o universo.

Foi a vez de Rosa dizer:

— Gosto disto. E Ele, faz o quê? Estou adivinhando que come o astronauta?

— Come.

— Descasca ele como uma banana.

— Quer desenhar esta história?

Ela estendeu o braço e colocou a mão no rosto dele. Estava quente e ainda úmido do chuveiro, sua barba nascente áspera nas pontas dos dedos. Ela se indagou quando foi a última vez em que lhe tocou o rosto.

— Sam, vamos. Pare por um minuto — disse ela.

— Preciso continuar isto.

Ela pegou no lápis e impediu seu progresso mecânico. Por um momento lutou com ela; houve um pequeno estalido de lascas e o lápis começou a se dobrar. Finalmente, quebrou-se em dois, rachando no sentido do comprimento. Ela entregou-lhe a sua metade, o fino tubo cinzento de grafite brilhando como o mercúrio que sobe num termômetro.

— Sammy, como foi que você o livrou?

— Já contei a você.

— Meu pai telefonou para a mãe do prefeito — disse Rosa. — Que consegui manipular o sistema da justiça criminal da cidade de Nova York. O que ela fez em nome do seu profundo amor a René Magritte.

— Aparentemente.

— Palhaçada.

Ele encolheu os ombros, mas ela sabia que estava mentindo. Vinha mentindo para ela regularmente, e com a aprovação dela, durante anos. Era uma única mentira, contínua, o tipo de mentira mais profundo possível num casamento: aquela que nunca precisa ser contada, porque nunca será questionada. De vez em quando, porém, pequenos montículos, como este, irrompiam e se atravessavam no seu caminho, lembranças do continente virgem de mentiras, o espaço em branco nos seus mapas.

— Como foi que você o livrou? — disse Rosa. Ela nunca antes persistira tanto tentando arrancar a verdade dele. Às vezes se sentia como Ingrid Bergman em *Casablanca*, casada com um homem que tinha contatos na clandestinidade. As mentiras eram para a proteção dela, bem como para a dele.

— Conversei com o policial que fez a detenção — disse Sammy, olhando firme para ela. — O detetive Lieber.

— Conversou com ele.

— Parecia um sujeito de boa índole.

— Que sorte.

— Nós vamos almoçar juntos.

Sammy vinha almoçando, esporadicamente, com uma dúzia de homens durante os últimos anos. Raramente tinham sobrenomes na sua conversa; eram apenas Bob, Jim ou Pete ou Dick. Um deles surgia nas franjas da consciência de Rosa por seis meses ou um ano, uma vaga mistura de indicações de investimentos na Bolsa, opiniões e piadas da moda num terno cinzento e então desaparecia tão rápido quanto havia surgido. Rosa presumia sempre que estas amizades de Sammy — as únicas relações que mereciam esse nome, desde o alistamento de Joe — não iam além de uma mesa de almoço no Le Marmiton ou no Laurent. Era uma de suas presunções fundamentais.

— Bem, então talvez papai possa ajudá-lo a se safar deste comitê do Senado, também — disse Rosa. — Aposto que Estes Kefauver é um tremendo fã de Max Ernst.

— Talvez pudéssemos procurar Max Ernst — disse Sammy. — Vou precisar de toda ajuda possível.

— Estão convocando *todo mundo*? — disse Rosa.

Sammy sacudiu a cabeça. Tentava não parecer preocupado, mas ela sabia que estava.

— Dei alguns telefonemas — disse ele. — Parece que Gaines e eu somos os únicos profissionais de quadrinhos que convocaram, pelo que todo mundo sabe.

Bill Gaines era o editor e pontífice-chefe da E.C., a Entertainment Comics. Era um sujeito desleixado e brilhante, excitável e volúvel como Sammy — quando o assunto era trabalho — e, também como Sammy, nutria ambições. Suas revistas em quadrinhos tinham pretensões literárias e se esforçavam para encontrar leitores que apreciassem sua ironia, seu humor, sua qualidade bizarra e devota de moralidade liberal. Eram também chocantemente horripilantes. Cadáveres, desmembramentos e esfaqueamentos vividos abundavam. Pessoas horrorosas faziam coisas terríveis com seus entes queridos e amigos. Rosa nunca apreciara muito Gaines ou suas revistas, embora adorasse Bernard Krigstein, um dos colaboradores regulares da E.C., refinado e elegante tanto impresso como em pessoa, e um audacioso manipulador dos quadrinhos.

— Algumas das suas histórias são muito violentas, Sammy — disse ela. — Estão muito próximas do limite.

— Não devem ser as punhaladas ou as vivissecções — disse Sammy. E então, lambendo os lábios. — Pelo menos não apenas isto.

Ela esperou.

— Existe, bem, existe quase todo um capítulo sobre mim em *Sedução dos inocentes*.

— Existe?

— Parte de um capítulo. Várias páginas.

— E você nunca me contou isto?

— Você disse que não ia ler aquela porcaria. Imaginei que não quisesse saber.

— Perguntei se o dr. Wertham o mencionava. Você disse... — tentou se lembrar exatamente do que ele dissera. — Você disse que procurou e que não figurava no índice.

— Bem, não sob meu nome — disse Sammy. — Foi o que eu quis dizer.

— Estou vendo — disse Rosa. — Mas acontece que tem todo um capítulo, inteiro, sobre você.

— Não é sobre mim, *pessoalmente*. Não chega sequer a me identificar pelo nome. Só fala das histórias que escrevi. O Lenhador. O Retificador. Mas não só de coisas minhas. Tem muito sobre Batman. E Robin. Tem algo sobre a Mulher-Maravilha. Como ela tende um pouco... um pouco para o lado lésbica.

— Hã-hã. Estou vendo. — Todo mundo sabia. Era aquilo que tornava tão irônico o segredo particular deles, sua mentira; continuava sem menção, sem desafio, e no entanto não conseguia enganar. Havia mexericos na vizinhança; Rosa nunca ouvira nada, mas podia sentir às vezes, cheirar, pairando no ar de uma sala de estar em que ela e Sam acabavam de entrar. — O Senado dos Estados Unidos sabe que você escreveu todas estas histórias?

— Duvido seriamente — disse Sammy. — Foi tudo sob pseudônimo.

— Bem, então...

— Vai dar tudo certo.

Pegou seu bloco de novo, rolou para o lado e remexeu na mesinha de cabeceira em busca de outro lápis. Mas, quando voltou para baixo das cobertas, ficou simplesmente sentado, batucando com a ponta da borracha no bloco.

— Acha que ele vai ficar por algum tempo? — perguntou.

— Não. Hã. Talvez. Não sei. Nós *queremos* que ele fique? — disse ela.

— Você ainda o ama? — Tentava pegá-la com a guarda aberta, num estilo de advogado. Mas ela não ia se aventurar tão longe, não agora, nem atçar tão fundo as brasas do seu amor por Joe.

— E você? — perguntou ela e então, antes que ele pudesse levar a questão a sério, continuou: — Ainda me ama?

— Você sabe que sim — disse ele imediatamente. Na verdade, ela sabia que sim. — Nem precisa perguntar.

— E você não me precisa dizer — falou ela. Beijou-o. Foi um beijo curto de irmã. Então ela apagou sua luz e virou o rosto para a parede. O rangido do lápis continuou. Ela fechou os olhos, mas não conseguia relaxar. Levou pouco tempo para que percebesse que acabara esquecendo a única coisa que queria discutir com Sammy: Tommy.

— Ele sabe que você o adotou — disse ela. — Segundo Joe. — O lápis parou. Rosa manteve o rosto voltado para a parede. — Sabe que outro homem é o pai dele. Só não sabe quem.

— Joe nunca contou a ele, então.

— E contaria?

— Não — disse Sammy. — Acho que não o faria.

— Temos de contar-lhe a verdade, Sam — disse Rosa. — Chegou a hora. Já é tempo.

— Estou trabalhando agora — disse Sammy. — Não vou falar mais nisto.

Ela sabia, de longa experiência, que era para valer. Esta conversa havia oficialmente chegado ao fim. E ela nada dissera daquilo que queria lhe dizer! Colocou a mão sobre seu ombro quente e deixou-a ali um pouco. De novo, houve um minúsculo toque de frieza ao toque da pele dele.

— E quanto a você? — disse ela, pouco antes de cair no sono. — Vai ficar por algum tempo?

Mas, se houve resposta, ela a perdeu.

Aos 35 anos, com rugas incipientes nos cantos dos olhos e uma voz que os cigarros tornaram seca, Rosa Clay era, na verdade, mais bonita que a garota de que Joe se lembrava. Havia desistido de sua batalha fútil e teimosa contra a ampla constituição do seu físico. A expansão geral de sua pele rosada suavizara a projeção dramática do seu nariz, o comprimento equino de sua mandíbula, o fulgor dos ossos da face. Suas coxas tinham uma grandiosidade e seus quadris eram amplos e, naqueles primeiros dias, um grande estímulo para seu amor renascente era a visão dos seus seios pálidos e sardentos, na beira das taças do sutiã com uma tantalizante mas fictícia ameaça de transbordar, que lhe era oferecida por um dos seus vestidos caseiros, ou por um encontro casual no meio da noite no corredor diante da porta do banheiro. Pensara em Rosa vezes incontáveis ao longo dos anos da sua fuga, mas de certa forma, cortejando-a ou abraçando-a na sua lembrança, esquecera-se de meditar sobre as sardas de que era tão prodigiosamente provida e agora ficava espantado com a sua quantidade. Emergiam e apagavam-se na sua pele com a inescrutável cadência das estrelas no céu noturno. Convidavam o toque dos dedos tão dolorosamente como a penugem do veludo ou a luz difusa de um pedaço de seda molhada.

Sentado na mesa do café da manhã, deitado no sofá, observava Rosa conduzindo os afazeres domésticos, carregando um pano de pó ou um saco de lona com pregadores de roupa, sua saia lutando para conter o balanço decidido de seus quadris e de suas nádegas, e sentia-se como se dentro dele uma corda de violino fosse retesada para atingir o seu tom. Porque, como acabou acontecendo, ainda estava apaixonado por Rosa. Seu amor por ela havia sobrevivido à era glacial intacto, como as bestas de épocas desaparecidas que estavam sempre descongelando nas páginas das revistas em quadrinhos e partindo para tumultuar as ruas de Metropolis, de Gotham City e de Empire City. Este amor, derretendo, exalava um rico odor de mastodonte do passado. Ficou surpreso ao reencontrar estes sentimentos — não tanto por terem sobrevivido, como por seu inegável vigor e força. Um homem apaixonado aos vinte anos sente-se mais vivo do que jamais se sentirá — e encontrando-se uma vez mais de posse deste tesouro enterrado, Joe via mais claramente do que nunca que durante os últimos 12 anos ele fora, mais ou menos, um homem morto. Seu ovo

frito e sua costeleta de porco diários, sua coleção de barbas e bigodes falsos, os apressados banhos de esponja na pia do quartinho, estes traços inquestionados de sua existência recente agora pareciam os comportamentos de uma sombra, as impressões deixadas por um romance estranho lido sob a influência de uma febre alta.

A volta dos seus sentimentos por Rosa — de sua própria juventude — depois de um desaparecimento tão grande deveria ter sido um motivo de deleite, mas Joe se sentia terrivelmente culpado. Não queria ser aquele esteio das histórias de Rosa, de olhos namoradores, vestindo um plastron, dirigindo uma Fiat, o destruidor de lares. Nos últimos poucos dias ele havia, era verdade, perdido todas as suas ilusões com relação ao casamento de Rosa e de Sammy (que, como costumamos fazer com oportunidades perdidas, ele vinha, ao longo dos anos, idealizando). O sólido laço suburbano que havia, à distância, meio arrependido e meio contente, conjurado para si mesmo à noite, se mostrava, de perto, ainda mais do que ordinariamente complicado e problemático. Mas, qualquer que fosse o estado de coisas entre eles, Sammy e Rosa estavam casados e estavam assim havia uma porção de anos. Eram inequivocamente um casal. Falavam igual, empregando uma gíria doméstica incompreensível, falando um mais alto que o outro, completando as frases um do outro, se golpeando amigavelmente. Às vezes, os dois procuravam Joe ao mesmo tempo, contando versões paralelas complementares da mesma história e Joe ficava perdido no tédio marital um tanto intrincado da sua conversação. Sammy fazia chá para Rosa e levava para ela no seu estúdio. Ela passava sua camisa com soturna precisão toda noite antes de ir para a cama. E tinham aperfeiçoado um sistema notável de produção de revistas em quadrinhos como casal (embora fosse raro colaborarem diretamente numa história como Clay & Clay). Sammy sugeria histórias do estoque inexaurível de ideias baratas e confiáveis com que Deus o equipara ao nascer e então Rosa conversava com ele sobre o enredo, fornecendo uma corrente constante de refinamentos que nenhum dos dois percebia que vinham dela. E Sammy examinava as páginas das histórias de Rosa, quadro por quadro, criticando seu desenho quando ficava elaborado demais, persuadindo-a a manter um traço definido e simples, estilizado, impaciente com o detalhe, que era o forte dela. Rosa e Sam não ficavam muito tempo juntos, exceto na cama, um lugar que permanecia uma fonte de grande mistério e interesse para Joe — mas quando ficavam pareciam muito *envolvidos* um com o outro.

Por isso era impensável que ele devesse se interpor e reivindicar aquilo que seu amor reaceso exigia dele; mas não podia pensar em outra coisa e assim ficava pela casa num estado constante de constrangimento inflamado. No hospital em Cuba, havia concebido

um grato ardor por uma das enfermeiras, uma bonita *ex-socialite* de Houston conhecida como Alexis do Texas, e passara um mês cruciante no calor árido da baía de Guantánamo tentando impedir-se de ter uma ereção toda vez que ela vinha banhá-lo com uma esponja. Era assim com Rosa agora. Passava todo o seu tempo subjugando seus pensamentos, abafando seus sentimentos. Havia uma dor na articulação da sua mandíbula.

Além do mais, sentia que ela o evitava, frustrando antecipadamente os avanços que ele não conseguia fazer, o que o levava a sentir-se ainda mais um patife. Depois de sua conversa inicial na cozinha, Joe e Rosa pareceram achar difícil começar uma segunda. Por um tempo, ficou tão preocupado com suas tentativas desajeitadas de falar coisas banais que deixava de notar a própria reticência dela sempre que estavam sozinhos. Quando o notou afinal, atribuiu o silêncio dela à animosidade. Durante dias, ficou debaixo do chuveiro frio da zanga imaginada dela, que sentia merecer inteiramente. Não só por tê-la deixado grávida e abandonada, para que pudesse partir na busca fracassada de uma vingança impossível; mas por nunca ter voltado, telefonado, ou escrito, nunca sequer pensado nela — assim imaginava que ela imaginasse — naqueles anos todos em que esteve fora. O gás em expansão do silêncio entre eles só excitava mais sua vergonha e seu desejo. Na ausência de relações verbais, tornou-se hipersensível para com outros sinais dela — a confusão de seus cosméticos, cremes e loções no banheiro, a barba-de-velho de sua roupa de baixo pendendo do cano da cortina do chuveiro, o tilintar irritável de sua colher contra a xícara de chá que vinha da garagem, mensagens da cozinha escritas em orégano, bacon e cebolas cozidas na gordura.

Finalmente, quando não podia mais aguentar, decidiu que tinha de dizer *algo*, mas a única coisa em que pôde pensar foi *Por favor me desculpe*. Faria uma desculpa formal, tão longa e abjeta quanto fosse necessário, e se jogaria à mercê dela. Ruminou, planejou e ensaiou suas palavras, e quando ia passando por acaso por ela no estreito corredor Joe simplesmente desabafou.

— Olhe — falou —, me desculpe.

— O que foi que você fez?

— Me desculpe por tudo, quero dizer.

— Oh. Aquilo — disse ela. — Está bem.

— Sei que você deve estar zangada.

Ela cruzou os braços sobre o peito e olhou para ele, sobrancelhas largas e macias, lábios comprimidos num beijo de dúvida. Não conseguia ler a expressão nos olhos dela — mudavam constantemente. Finalmente, ela olhou para seus braços sardentos, róseos e corados.

— Não tenho nenhum direito de estar.

— Feri seus sentimentos. Abandonei você. Deixei Sammy fazer a minha tarefa.

— Não guardei mágoa de você por causa disto — falou. — De jeito nenhum. E nem ele, penso eu, não realmente. Ambos entendemos por que você partiu. Entendemos na época.

— Obrigado — disse Joe. — Talvez você possa me explicar um dia.

— Foi quando você não voltou para casa, Joe. Foi quando saltou do navio, ou sabe lá o que fez.

— Lamento por aquilo também.

— Foi algo muito difícil de entender, para mim.

Pegou na mão dela, espantado com sua própria ousadia. Ela deixou que a segurasse por nove segundos e então a recolheu. Os olhos dela cruzaram os dele com um pequeno ar de reprovação.

— Eu não sabia como voltar para você — disse. — Estava tentando há anos, acredite.

Ficou surpreso subitamente de encontrar sua boca sobre a dele. Colocou sua mão no seu pesado seio. Caíram de lado contra a parede forrada de madeira, desalojando uma fotografia de Ethel Klayman do seu prego. Joe começou a cavoucar dentro do zíper dos jeans dela. Os dentes de metal morderam seu pulso. Estava certo de que ela ia arriar seus jeans e ele ia montar em cima dela bem ali no corredor antes que Tommy voltasse da escola. Estava errado o tempo todo; não fora raiva que se colocara entre eles, mas a vidraça de uma inexprimível ânsia como a sua. E então de repente estavam de novo de pé no meio do corredor e as várias sirenas e as torres antiaéreas acionadas de modo tumultuado ao seu redor pareceram silenciar abruptamente. Ela colocou no lugar as várias coisas que ele deixara em desordem, fechou o zíper de suas calças, alisou seus cabelos. A cor dos seus lábios estava espalhada por todo o seu rosto.

— Hum — disse ela. E então: — Talvez ainda não.

— Entendo — disse ele. — Por favor, me avise quando.

Pretendeu soar paciente e cooperativo, mas de certo modo pareceu abjeto. Rosa começou a rir. Colocou os braços em volta dele e ele esfregou o batom borrado nas bochechas dela até que desapareceu.

— Como foi que você fez, afinal? — perguntou. As pontas de seus dentes estavam manchadas de chá. — Deixar o barco no meio do oceano, quero dizer.

— Nunca estive naquele barco — disse Joe. — Peguei um avião na noite anterior.

— Havia ordens. Não sei, atestados médicos. Sammy mostrou-me as fotocópias.

Esboçou um misterioso sorriso Cavalieri.

— Sempre fiel ao código — disse ela.

— Foi tudo feito com muita esperteza.

— Estou segura de que sim, meu caro. Você sempre foi um menino esperto.

Apertou os lábios contra o repartido dos cabelos dela. Tinha um cheiro intrigante de cabeça de fósforo, do Lapsang que ela preferia.

— O que vamos fazer? — disse ele.

Ela não respondeu de início. Desfez o abraço e afastou-se dele, a cabeça inclinada para um lado, arqueando uma sobrancelha; um olhar sarcástico do qual ele se lembrava muito bem dos velhos tempos juntos.

— Tenho uma ideia — disse ela. — Por que não tenta estudar onde é que vamos colocar todas aquelas suas malditas revistas em quadrinhos?

- Noventa e cinco, noventa e seis, noventa e sete. Noventa e sete.
- Cento e dois.
- Eu contei noventa e sete.
- Errou na conta.
- Vamos precisar de um caminhão.
- É o que estava lhe dizendo.
- Um caminhão e depois a porra de um armazém.
- Sempre quis ter um armazém — disse Joe. — Sempre foi o meu sonho.

Embora Joe preferisse permanecer vago em relação à questão de exatamente quantas revistas em quadrinhos, empilhadas em caixotes de pinho de sua própria manufatura — coleções completas de *Action* e *Detective*, *Falcão Negro* e *Capitão América*, de *O crime não compensa* e *A justiça pega o culpado*, de *Clássicos ilustrados* e *Histórias ilustradas da Bíblia*, de *Whiz* e *Wow* e *Zip* e *Zoot* e *Smash* e *Crash* e *Pep* e *Punch*, de *Amazing* e *Thrilling* e *Terrific* e *Popular* —, ele na verdade possuía, nada havia de vago na carta que recebera dos advogados representantes da Corporação Associada Imobiliária e de Seguros, os proprietários do Empire State Building. Os Cremes Evanescentes Kornblum tinham sido despejados por violação dos termos do contrato de locação, o que significava que os 97 ou 102 caixotes de madeira, cheios de revistas em quadrinhos, que Joe tinha juntado — ao lado de seus outros pertences — deviam ser transportados ou jogados fora.

— Então que joguem fora — disse Sammy. — Qual é o problema?

Joe suspirou. Embora o mundo inteiro — incluindo Sammy Clay, que passara a maior parte da sua vida adulta produzindo e vendendo quadrinhos — as encarasse como lixo, Joe amava suas revistas em quadrinhos: por sua separação de cores inferior, por seu papel pobremente guilhotinado, por seus anúncios de espingardas de ar comprimido, cursos de dança e cremes de acne, pelo cheiro de porão que se agarrava aos exemplares mais velhos, aqueles que estiveram guardados durante as viagens de Joe. Mais do que tudo, ele os amava pelas imagens e pelas histórias que continham, pelas inspirações e elucubrações de quinhentos garotos que envelheceram sonhando intensamente durante 15 anos, transfigurando suas inseguranças e ilusões, seus desejos e suas dúvidas, suas educações públicas e suas perversões sexuais, em alguma coisa à qual somente a mais obtusa das

sociedades poderia negar o status de arte. Revistas em quadrinhos tinham sustentado sua sanidade no tempo em que passou na ala psiquiátrica em Gitmo. Durante todo o outono e inverno após sua volta para o continente, que Joe passou tremendo numa cabana alugada na praia de Chincoteague, na Virgínia, com o vento assobiando através das frestas nas ripas, meio envenenado pelo cheiro de cabelo queimado de um velho aquecedor elétrico, foram só dez mil cigarros Old Gold e uma pilha das *Aventuras do Capitão Marvel* (compreendendo o incrível combate épico de 24 meses entre o Capitão e uma minhoca conquistadora do mundo, o Sr. Mente) que permitiram a Joe se livrar, de uma vez por todas, da necessidade de morfina com a qual voltara do Gelo.

Tendo perdido a mãe, o pai, o irmão, o avô, os amigos e inimigos da juventude, seu querido professor Bernard Kornblum, sua cidade, sua história — seu lar —, a costumeira acusação levantada contra as revistas em quadrinhos, de que elas ofereciam *meramente uma fuga fácil da realidade*, parecia a Joe na verdade um poderoso argumento a seu favor, linha escapado, em sua vida, de cordas, correntes, caixões, sacos e caixotes, de algemas e grilhões, de países e regimes, dos braços de uma mulher que o amava, de desastres de avião, da dependência de um derivado do ópio e de um inteiro continente gelado que tentava provocar a sua morte. A fuga da realidade tinha sido, sentia — especialmente depois da guerra — um desafio importante. Ele se lembraria para o resto da vida de uma meia hora pacífica passada na leitura de um exemplar de *Betinha e Verônica* que encontrou na sala de estar de um posto de gasolina: deitado com ela debaixo de uma conífera americana, numa floresta flechada pelos raios de sol nos arredores de Medford, Oregon, totalmente absorto naquele mundo de cores primárias e piadas fáceis, traços pesados de tinta, farsa shakespeariana e o profundo, quase oriental, mistério de duas garotas-deusas com dentes grandes e cinturas de vespa, loura e morena, entrelaçadas para sempre na inimizade de sua amizade. A dor da sua perda — embora nunca falasse dela nestes termos — estava sempre com ele naqueles dias, uma bola alojada no seu peito, pouco atrás do esterno. Naquela meia hora passada à sombra malhada das coníferas, lendo *Betinha e Verônica*, a bola de gelo se derreteria sem que ele sequer se desse conta. *Aquela* era a mágica — não a mágica aparente dos artistas dos baralhos de cartola de seda, ou a ousada e bruta trucagem do artista das fugas, mas a genuína mágica da arte. Era uma marca de como o mundo estava fodido e quebrado — a realidade — que engolira seu lar e sua família, que um feito de escape daqueles, de modo algum fácil de executar, devesse permanecer tão universalmente desprezado.

— Sei que você acha que tudo isto é porcaria — disse. — Mas logo

você, de todas as pessoas, não deveria pensar assim.

— É, está bem — disse Sammy. — OK.

— O que está olhando?

Sammy tinha entrado no escritório da srta. Smyslenka e estava abrindo uma das pastas empilhadas. Às nove horas daquela manhã, a caminho dos escritórios da Pharaoh, ele deixara Joe aqui, para começar o laborioso processo de se mudar. Eram quase oito horas da noite e Joe vinha arrastando caixotes, empacotando e reempacotando, sem descanso, o dia inteiro. Seus ombros doíam, as pontas de seus dedos estavam esfoladas e sentia-se mal-humorado. Fora desorientador voltar para cá e encontrar tudo como havia deixado — e então ter de começar a dismantelar. E agora era alvejado por aquele olhar de Sammy justamente quando entrava e encontrava Joe ainda no trabalho, terminando a tarefa. Sammy pareceu agradavelmente surpreso — não que a tarefa estivesse terminada, pensou Joe, mas por achar que Joe ainda estava ali. Todos pensaram — os três — que ele ia deixá-los de novo.

— Estou só dando uma olhada nestas suas páginas — disse Sammy. — É um material maravilhoso, tenho de lhe dizer. Estou realmente louco para ler tudo.

— Não acho que vá gostar. Provavelmente ninguém vai gostar. É muito sombrio.

— Parece sombrio.

— Muito sombrio para uma revista em quadrinhos, acho.

— Este é o início? Deus, veja só aquela página. — Sammy, o casaco pendurado num braço, sentou-se no chão ao lado da ampla pilha de pastas pretas que tinham comprado naquela manhã nas Tintas Pérola, para que Joe pudesse embalar seus cinco anos de trabalho. Sua voz ficou cavernosa, com teias de aranha. — *O Golem!* — Sacudiu a cabeça, estudando a primeira página de apresentação — havia 47 páginas de abertura ao todo — no início da revista em quadrinhos de 2.256 páginas que Joe produzira durante sua temporada nos Cremes Evanescientes Kornblum; começara a trabalhar no 48º e último capítulo quando Tommy o entregou às autoridades.

Joe chegou a Nova York no outono de 1949 com uma intenção dupla: começar a trabalhar numa longa história sobre o Golem, que o vinha assolando, quadrinho por quadrinho e capítulo por capítulo, em seus sonhos, em lanchonetes, em longas viagens de ônibus através do Sul e do Noroeste, desde que saíra de Chincoteague três anos antes; e gradualmente, com cuidado, talvez até furtivamente no início, ver Rosa de novo. Restabelecera algumas ligações sem compromisso com a cidade — alugando um escritório no Empire State Building, retomando suas visitas à sala dos fundos da loja de Louis Tannen, abrindo uma conta nas Tintas Pérola — e então se sentou para colocar

em prática seu duplo plano. Mas, enquanto tivera um início auspicioso e rápido no trabalho que iria, esperava, transformar as opiniões e a compreensão das pessoas com relação a uma forma de arte que em 1949 apenas ele via como um meio de expressão tão potente como uma canção de Cole Porter nas mãos de um Lester Young, ou um melodrama barato sobre um homem rico e infeliz nas mãos de um Orson Welles, foi muito mais difícil retornar, ainda que um pouco de cada vez, à órbita de Rosa Saks Clay. *O Golem* estava indo bem; absorvia todo o seu tempo e toda a sua atenção. E à medida que mergulhava cada vez mais fundo nos seus possantes motivos de Praga e de seus judeus, de mágica e assassinato, perseguição e libertação, culpa que não podia ser expiada e inocência que nunca tinha nenhuma esperança — ao sonhar, noite após noite na sua prancheta, a longa e alucinada história de uma criança caprichosa e incomum, Josef Golem, que se sacrificava para salvar e redimir o pequeno mundo iluminado por lampiões cuja segurança lhe fora confiada, Joe veio sentir que o trabalho — contar a sua história — estava ajudando a curá-lo. Toda a dor e espanto obscuro que jamais conseguira exprimir, antes ou depois, para um psiquiatra da Marinha, nem para um companheiro de andanças em algum hotel barato perto de Orlando, Flórida, nem para seu filho, nem para qualquer um daqueles que ainda permaneciam para amá-lo quando finalmente voltou ao mundo, tudo isso era canalizado para os ângulos contrafeitos e as composições rigorosas, os hachurados e as vastas faixas de sombras, os quadrinhos distendidos, fraturados e finamente misturados de sua monstruosa revista em quadrinhos.

A certa altura, começara a dizer a si mesmo que seu plano não era meramente duplo, mas em duas etapas — que quando terminasse *O Golem* estaria pronto para ver Rosa de novo. Ele a deixara — escapara dela — em sofrimento, raiva e com um espasmo de culpa irracional. Seria melhor, disse a si mesmo — não seria? — que voltasse para ela purgado de tudo isto. Mas enquanto pudesse existir no início algum mérito nesta racionalização, em 1953, quando Tommy Clay topou com ele na loja de mágica, a capacidade de Joe de se curar já se exaurira há muito tempo. Precisava de Rosa — do seu amor, do seu corpo, mas acima de tudo do seu perdão — para completar o trabalho que seus lápis tinham começado. O único problema era que, a esta altura, como dissera a Rosa, já era tarde demais. Esperara demais. Os cem quilômetros de Long Island que o separavam de Rosa pareciam mais intransponíveis do que a mandíbula recortada de 1.500 quilômetros entre a Estação Kelvinator e Jotunheim, do que os três quarteirões de Londres que separavam Wakefield de sua amada esposa.

— Existe algum script? — perguntou Sammy, virando outra página. — Como é que é isto, é como um filme mudo?

Não havia balões em nenhum dos quadrinhos, exceto naqueles que apareciam como parte da própria arte em si — placas em prédios e estradas, rótulos de garrafas, endereços em cartas de amor que faziam parte do enredo — e as palavras O GOLEM! que reapareciam na página de abertura no começo de cada capítulo, cada vez numa diferente roupagem, as seis letras e o ponto de exclamação transformados ora numa fileira de casas, ora numa escadaria, em sete marionetes, em sete manchas de sangue aracnídeas, as longas sombras de sete mulheres assombradas e devastadoras. Joe tencionara eventualmente colar balões e enchê-los de texto, mas nunca fora capaz de desfigurar os quadrinhos desta maneira.

— Existe um roteiro. Em alemão.

— Isto vai ser um grande sucesso.

— Não vai ser nada. Não foi feito para vender.

Algo paradoxal ocorrera nos cinco anos em que trabalhara em *O Golem*: quanto mais de si mesmo, do seu coração e de suas tristezas colocava na história — e demonstrava mais convincentemente a força da revista em quadrinhos como um veículo de expressão pessoal — menos disposição sentia de mostrá-la para outras pessoas, de expor o que se tornara o registro secreto de seu luto, de sua culpa e punição. Ficava nervoso só de ver Sammy folheando as páginas.

— Vamos lá, Sam, hein? Acho que é melhor a gente ir andando.

Mas Sammy não escutava. Folheava lentamente as páginas do primeiro capítulo, decifrando a ação a partir do fluxo de imagens sem palavras através da página. Joe sentia um estranho calor na barriga, atrás do diafragma, ao ver Sammy lendo o seu livro secreto.

— Eu... eu acho que podia tentar contar-lhe... começou.

— Tudo bem, estou pegando. — Sammy enfiou a mão no bolso do sobretudo, sem olhar e tirou uma carteira. Puxou algumas notas de um e uma de cinco. — Vou lhe dizer o que vai fazer — falou. — Acho que vou ficar por aqui algum tempo. — Ergueu o olhar. — Não quer ir comer algo?

— Você vai ler isto agora?

— Claro.

— Tudo?

— Por que não? Jogo fora 15 anos da minha vida escalando uma pilha de cinco quilômetros de lixo, acho que posso investir algumas horas num metro de gênio.

Joe esfregou o lado do nariz, sentindo o calor do elogio de Sammy espalhar-se por suas pernas e encher sua garganta.

— OK — disse finalmente. — Então você pode ler. Mas não pode esperar até chegarmos em casa?

— Não quero esperar.

— Estou sendo despejado.

— Que se fodam.

Joe acenou com a cabeça e pegou o dinheiro de Sammy. Havia muito, muito tempo que não deixava seu primo lhe dar ordens desta maneira. Descobriu que, como no passado, até que gostava disto.

— E Joe — disse Sammy, sem erguer o olhar da pilha de páginas. Joe esperou. — Rosa e eu estivemos conversando. E ela, hã, nós achamos que está bem, se você quiser, isto é, achamos que Tommy devia saber que você é o pai dele.

— Estou vendo. É, suponho que vocês... vou falar com ele.

— Podíamos nós todos falar. Talvez pudéssemos nos sentar com ele. Você. A mãe dele. Eu.

— Sammy — disse Joe. — Não sei se é a coisa certa para dizer, ou a maneira certa de dizer. Mas... obrigado.

— Pelo quê?

— Sei o que você fez. Sei que isto lhe custou alguma coisa. Não mereço ter um amigo como você.

— Bem, gostaria de dizer que fiz isto por você, Joe, porque sou tão bom amigo. Mas a verdade é que, naquele momento, eu estava tão assustado quanto Rosa. Casei-me com ela porque não queria, bem, não queria ser um veado. O que, na verdade, acho que sou. Talvez você nunca soubesse.

— Talvez um pouquinho, talvez eu soubesse.

— É tão simples.

Joe sacudiu a cabeça.

— Esta podia ser, ou é, a explicação por que se casou com ela — disse. — Mas isto não explica por que você ficou. Você é o pai de Tommy, Sammy. Tanto ou realmente, acredito, muito mais do que eu sou.

— Eu fiz a coisa fácil — disse Sammy. — Tente, você vai ver.

Voltou a atenção para a folha de cartolina em suas mãos, parte da longa sequência no final do primeiro capítulo que oferecia uma breve história dos golems ao longo da História.

— Então — falou. — Eles fazem um bode.

— Uh, sim — disse Joe. — O rabino Hanina e o rabino Oshaya.

— Um golem bode.

— Feito de terra.

— E então... — os dedos de Sammy traçaram o curso do episódio para baixo e através da página. — Depois que se deram todo esse trabalho. Parece que é uma coisa um tanto perigosa, fazer um golem.

— É.

— Depois de tudo aquilo, eles simplesmente... eles simplesmente o comem?

Joe encolheu os ombros.

— Estavam com fome — disse.

Sammy falou que sabia como eles se sentiam e embora sua observação não fosse para ser tomada tão literalmente, Joe teve uma súbita visão de Sammy e Rosa, ajoelhados ao lado de um cadinho fervente tentando fundir algo que os sustentasse a partir dos materiais que tinham à mão.

Joe desceu até o saguão e sentou-se no balcão da farmácia do Empire State, na sua banquetta de costume, embora pela primeira vez sem os usuais óculos escuros e costeletas falsas ou gorro de malha puxado até abaixo das sobrancelhas perto das órbitas dos olhos. Pediu um prato de ovos fritos e uma costeleta de porco, como sempre fazia. Sentou-se para trás e estalou as juntas dos dedos. Viu o balconista lançar-lhe um olhar. Joe ficou de pé e, numa pequena demonstração teatral, mudou-se para duas banquetas adiante, de modo que ficou sentado bem ao lado da janela que dava para a rua 33, onde qualquer um podia vê-lo.

— Prefiro um *cheeseburger* em vez do que pedi — falou.

Enquanto ouvia o chiado da folha de carne rosa-pálida sobre a chapa, Joe olhou pela janela e ruminou sobre as coisas que Sammy havia acabado de revelar. Nunca pensara muito sobre os sentimentos que tinham, durante o inverno de 1941, unido seu primo e Tracy Bacon. Na pequena medida em que chegara a pensar no assunto, Joe presumira que o flerte juvenil de Sammy com o homossexualismo tivesse sido apenas aquilo, uma brincadeira esquisita nascida de alguma combinação de exuberância e solidão que morreu bruscamente, com Bacon em algum lugar nas ilhas Salomão. A rapidez com que Sammy se precipitara, depois do alistamento de Joe, ao casamento com Rosa — como se estivesse o tempo todo à espera, atormentado por uma impaciência sexual ao mesmo tempo mal reprimida e perfeitamente convencional, de que Joe saísse do caminho — parecera a Joe marcar decisivamente o fim da breve experiência de rebelião boêmia de Sammy. Sammy e Rosa tiveram um filho, mudaram-se para o subúrbio, entregaram-se ao trabalho. Durante anos tinham vivido, intensamente, na imaginação de Joe, como marido e mulher amantíssimos, os braços de Sammy ao redor dos ombros de Rosa, o braço dela enlaçando sua cintura, emoldurados por uma treliça em arco de rosas americanas, grandes e vermelhas. Foi só agora, observando o tráfego engarrafado na rua 33, fumando enquanto comia um *cheeseburger* e tomava um copo de ginger ale, que captou toda a verdade. Não só Sammy nunca amara Rosa; não era capaz de amá-la, exceto com o afeto companheiro meio falsificado que sempre sentira por ela, uma estrutura modesta, nunca destinada a habitação prolongada, há muito soterrada pelas pesadas sarças da gratidão e sufocada pela hera da frustração e da culpa. Foi só agora que Joe compreendeu o sacrifício que Sammy fizera, não só pelo bem

de Joe, de Rosa ou de Tommy, mas pelo seu próprio bem: não meramente um gesto galante, mas um ato deliberado e consciente de emparedamento. Joe ficou estarrecido.

Pensou nos caixotes de quadrinhos que havia acumulado, lá em cima, nos dois quartinhos onde, durante cinco anos, havia se agachado no fundo falso da vida do qual Tommy o libertara e então, por sua vez, nos milhares e milhares de pequeninos caixilhos, empilhados ordenadamente nas pilhas de cartolina ou empilhados em fileiras através das páginas maltrapilhas das revistas em quadrinhos que ele e Sammy haviam enchido nos últimos 12 anos: caixas transbordantes da matéria bruta, dos pedaços de porcaria a partir dos quais tinham, cada um à sua maneira, tentado fabricar seus vários golems. Na literatura e no folclore, o significado e o fascínio dos golems — daquele do rabino Loew ao de Victor Frankenstein — residia em sua ausência de alma, em sua incansável força inumana, em sua associação metafórica com a arrogante ambição humana e na facilidade assustadora com que escapavam ao controle de seus criadores horrorizados e admiradores. Mas parecia a Joe que nada disto — o orgulho faustiano menos que tudo — estivesse entre as verdadeiras razões que impeliam os homens, tempo após tempo, a correr o risco de fabricar golems. Modelar um golem, para ele, era um gesto de esperança, oferecido contra a esperança, num tempo de desespero. Era a expressão de um anseio de que umas poucas palavras mágicas e uma mão habilidosa pudessem produzir algo — uma coisa pobre, burra e poderosa — isenta das censuras esmagadoras, dos males, das crueldades e dos inevitáveis fracassos da Criação maior. Era a manifestação de um desejo vão, quando se ia ao fundo da questão, de escapar. Livrar-se, como o Escapista, da corrente emaranhada da realidade e da camisa de força das leis físicas. Harry Houdini tinha viajado pelos Palladiums e Hippodromes do mundo levando o fardo de um carregamento inteiro de caixões e caixotes, repletos de correntes, acessórios metálicos, cenários móveis vivamente pintados e bobagens, animado apenas por este mesmo desejo, nunca concretizado: escapar de verdade, ainda que por um instante; enfiar a cabeça para fora das fronteiras deste mundo, com suas rigorosas leis físicas, até o misterioso mundo espiritual que existia além. Os artigos de jornais que Joe lera a respeito da iminente investigação do Senado sobre as revistas em quadrinhos sempre citava o “escapismo” entre a ladainha de consequências daninhas da sua leitura e se demorava no efeito pernicioso, sobre as mentes jovens, de satisfazer o desejo de fuga. Como se pudesse existir um serviço mais nobre ou necessário na vida.

— Quer mais alguma coisa? — perguntou o balconista enquanto Joe limpava a boca e jogava o guardanapo no prato.

— Sim, um sanduíche de ovo frito — disse Joe. — Com maionese

extra.

Uma hora depois de ter saído, levando um saco de papel-pardo que continha o sanduíche de ovo frito e um maço de Pall Mall, porque sabia que Sammy a esta altura estaria sem cigarros, Joe voltava pela última vez à suíte 7203. Sammy tinha tirado o paletó e os sapatos. Sua gravata jazia enrolada ao seu redor no chão.

— Temos que fazer... — disse.

— Temos que fazer o quê?

— Vou lhe dizer num minuto. Acho que já quase terminei. Será que terminei?

Joe debruçou-se para ver até onde Sammy chegara. O Golem parecia ter alcançado a tortuosa e improvisada escadaria, cheia de lascas de madeira e pregos salientes — era quase, deliberadamente, como algo saído de Segar ou de Fontaine Fox — que o levaria aos próprios portais desmantelados do Céu.

— Você está quase no fim.

— Vai mais rápido quando não tem palavras.

Sammy pegou o saco de papel de Joe, abriu e olhou dentro. Tirou o sanduíche embrulhado em papel laminado e depois o maço de cigarros.

— Eu o venero aos seus pés — disse, batendo o maço com um dedo. Rasgou a embalagem e puxou um cigarro com os lábios.

Joe foi até uma pilha de caixas e sentou-se. Sammy acendeu o cigarro e folheou — um pouco negligentemente, na opinião de Joe — a última dúzia de páginas. Colocou o cigarro sobre o sanduíche ainda embrulhado e enfiou as páginas na última pasta. Botou o cigarro de novo na boca, desembalhou o sanduíche e mordeu um quarto dele, mastigando enquanto fumava.

— Então?

— Então — disse Sammy. — Você tem uma porção de coisas terrivelmente judias aqui.

— Sei disso.

— Qual é o problema com você? Teve uma recaída?

— Eu como uma costeleta de porco todo dia.

Joe estendeu a mão até uma caixa próxima e pegou um livro sem capa com páginas amarrotadas e uma lombada rachada.

— *Mito e lenda da Israel Antiga* — leu Sammy. — Por Angelo S. Rappoport. — Folheou as páginas, olhando Joe com um ceticismo respeitoso, como se pensasse que tinha encontrado o segredo da salvação de Joe, do qual era obrigado agora a duvidar. — Você está nisso agora?

Joe encolheu os ombros.

— Está cheio de mentiras — disse calmamente. — Eu acho.

— Lembro de quando você chegou aqui. O primeiro dia em que

fomos ao escritório de Anapol. Está lembrado?

Joe disse que naturalmente se lembrava daquele dia.

— Eu lhe dei uma revista do Super-Homem e disse que criasse um super-herói para nós e você desenhou o Golem. E achei que você era um idiota.

— E eu era.

— E você era. Mas isso foi em 1939. Em 1954, não acho que o Golem faça mais de você um idiota. Deixe-me perguntar-lhe uma coisa. — Olhou em volta procurando um guardanapo, então pegou a gravata e limpou seus lábios reluzentes. — Já viu o que Bill Gaines está fazendo na Entertainment Comics?

— Sim, claro.

— Não estão fazendo coisa para criança lá. Têm os melhores artistas. Têm Crandall. Sei que sempre gostou dele.

— Crandall é um dos melhores, sem dúvida.

— E a coisa que estão fazendo está sendo lida pelos adultos. Adultos. É obscuro. É também maldoso. Eu acho, dê só uma olhada à sua volta, que estamos vivendo numa época maldosa. Já viu o Monte?

— Adoro o Monte.

— O Monte, quero dizer, vamos ver, isto é lá personagem de revista em quadrinhos? Ele é basicamente, uma pilha de lama e de ervas daninhas e, não sei, sedimentos. Com aquele biquinho minúsculo. Quebra as coisas. Mas é considerado um *herói*.

— Entendo o que você está dizendo.

— Isto é o que estou dizendo. Estamos em 1954. Você tem uma pilha de sujeira andando por aí e a garotada acha admirável. Imagine o que não vão achar do Golem.

— Você quer publicar isto.

— Talvez não bem do jeito que está aqui.

— Ah.

— É terrivelmente judaico.

— Verdade.

— Quem sabia que você conhecia toda essa história? Cabala, é o que se chama? Todos aqueles anjos e... e, é isto o que são, anjos?

— A maioria.

— É o que estou pensando. Tem algo em tudo isto. Não apenas o personagem do Golem. Seus anjos... eles têm nomes?

— Tem Metatron. Uriel. Miguel. Rafael. Samael. Este é o mau.

— Com as presas?

Joe concordou com a cabeça.

— Gosto desse. Sabe, seus anjos se parecem ligeiramente com super-heróis.

— Bem, é uma revista em quadrinhos.

— É o que eu estava pensando.

— Super-heróis judeus?

— Bem, são todos judeus, super-heróis. O Super-Homem, você não acha que ele é judeu? Vindo da velha terra, mudando seu nome daquele jeito. Clark Kent, só um judeu escolheria um nome como este para si.

Joe apontou para a pilha de pastas inchadas no chão entre eles.

— Mas metade dos personagens ali são rabinos, Sammy.

— Tudo bem, a gente dá uma aliviada.

— Quer que nós dois trabalhemos juntos de novo?

— Bem... na verdade... não sei, estou só falando direto da minha cabeça. É que isto é tão *bom*. Me dá vontade de... *fazer* alguma coisa de novo. Algo de que possa simplesmente me orgulhar um pouco.

— Você *pode* se orgulhar, Sammy. Fez um belo trabalho. Venho lhe dizendo isso o tempo todo.

— Que quer dizer o tempo todo? Você sumiu desde Pearl Harbor.

— Na minha mente.

— Não admira que eu não tenha recebido a mensagem.

Então, surpreendendo a ambos, houve uma batida vacilante na porta. Alguém estava batendo na moldura da porta aberta para o corredor.

— Tem alguém aí? — disse uma voz de oboé, hesitante e estranhamente familiar para Joe. — Alô?

— Santo Incrível Rádio Miniatura — disse Sammy. — Olha só quem está aí.

— Soube que poderia encontrar os rapazes aqui — disse Sheldon Anapol. Entrou no quarto e apertou a mão de Sammy, então cambaleou e ficou diante de Joe. Tinha perdido todos os cabelos, embora nada da corpulência, e sua mandíbula, mais poderosamente queixada do que nunca, fechava-se numa carranca desafiadora. Mas seus olhos, parecia a Joe, estavam brilhando, cheios de ternura e arrependimento, como se estivessem vendo não Joe, mas os 12 anos que haviam se passado desde seu último encontro. — Sr. Kavalier.

— Sr. Anapol.

Apertaram-se as mãos e então Joe se sentiu envolvido pelo abraço forte e amargo do homenzarrão.

— Seu filho da mãe maluco — disse, depois que soltou Joe.

— Sim — disse Joe.

— Você parece bem, como é que vai?

— Não estou mal.

— O que é que foi toda aquela *narrishkeit* do outro dia, hein? Me deixou muito mal. Eu devia estar furioso com você. — Virou-se para Sammy. — Eu devia estar furioso com ele, não acha?

Sammy clareou a garganta.

— Sem comentários — disse.

— Como vai o senhor? — perguntou Joe. — Como vão os negócios?

— Uma pergunta oportuna, como sempre, da boca de vocês dois. Que posso lhes contar? O negócio não vai bem. Na verdade, vai muito, muito mal. Como se a televisão não fosse problema suficiente. Agora temos hordas de lunáticos batistas no Alabama, ou em algum lugar destes, fazendo grandes pilhas de revistas em quadrinhos e tocando fogo nelas porque são uma ofensa a Jesus ou à bandeira dos Estados Unidos. Botando fogo nelas! Podem acreditar nisto? Para que lutamos na guerra, se quando ela acaba eles vão queimar livros nas ruas do Alabama? E então tem este dr. Fredric Enfie-no-Rabo Wertham, com aquele livro dele. Agora temos a comissão do Senado vindo para a cidade... ouviram sobre isto?

— Ouvi.

— Eles me premiaram — disse Sammy.

— Recebeu uma intimação? — Anapol projetou os lábios. — Eu não recebi nenhuma.

— Uma falha deles — sugeriu Joe.

— Por que iam querer intimá-lo? Não passa de um editor daquela casa de quinta categoria, me perdoe por lhe dizer...

— Não sei — admitiu Sammy.

— Quem sabe, talvez tenham alguma coisa contra você. — Tirou o lenço do bolso e enxugou a testa. — Jesus, que loucura. Nunca devia ter deixado vocês dois me tirarem do comércio das novidades. Ninguém jamais fez uma pilha de almofadas que peidam e as queimou, posso lhes dizer isto. — Seguiu até a poltrona solitária. — Permitem que eu me sente? — Sentou-se e soltou um longo suspiro. Pareceu começar um tanto artificialmente, como espetáculo, mas no final transmitiu uma surpreendente carga de infelicidade. — Deixem-me lhes contar outra coisa — falou. — Receio que não tenha vindo até aqui só porque desejava dar um alô a Kavalier. Pensei que devia... pensei que vocês quisessem saber.

— Saber o quê? — disse Sammy.

— Estão lembrados daquele processo? — disse Anapol.

No dia seguinte — 21 de abril de 1954 — o Tribunal de Apelações do estado de Nova York finalmente chegaria a uma decisão no caso de *National Periodical Publications, Inc. versus Empire Comics, Inc.* O processo havia, àquela altura, cumprido sua trajetória dentro e fora dos tribunais, com acordos propostos e rejeitados, tecendo uma trama de reversões e manobras legais complicadas e tediosas demais para figurarem nestas páginas. O caso da National, no negócio dos quadrinhos, era considerado inconsistente no geral. Embora tanto o Super-Homem como o Escapista tivessem em comum roupas de malha coladas à pele, uma força imensa e o estranho impulso de ocultar suas

verdadeiras naturezas sob o disfarce de seres muito mais fracos e falíveis, as mesmas qualidades eram partilhadas por uma legião de outros personagens surgidos nas revistas em quadrinhos desde 1938; ou eram partilhadas, de qualquer modo, até que aqueles personagens se viram extintos na grande queima de super-heróis que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Embora fosse verdade que a National também perseguiu nos tribunais o Capitão Marvel de Fawcett e o Wonder Man de Victor Fox, uma quantidade de outros homens fortes que realizavam seus feitos, inclusive o de voar, vestindo algum tipo de roupa de malha justa — Amazing Man, Master Man, Besouro Azul, Condor Negro, Príncipe Submarino — tinha sido deixada em paz para conduzir seus negócios, sem nenhuma perda aparente de renda para a National. Muitos argumentavam, de fato, que as maiores usurpações à hegemonia do Super-Homem foram praticadas por seus sucessores e imitadores na própria National — o Homem-Hora, a Mulher-Maravilha, o Senhor Destino, Starman, o Lanterna Verde — muitos dos quais não passavam de distorções ou reflexos pálidos do original. O que era mais, como Sammy sempre defendera, o personagem do Super-Homem em si representava a amálgama de “um punhado de ideias que aqueles sujeitos roubaram de outros”, em particular de Philip Wylie, cujo Hugo Dann era o herói super-humano a prova de bala do seu romance *Gladiador*; de Edgar Rice Burroughs, cujo herói órfão, o jovem lorde Greystoke, crescia para se tornar Tarzan, nobre protetor de um mundo de seres inferiores; e da tira de quadrinhos publicada em jornal por Lee Falk, *O Fantasma*, cujo herói do mesmo nome foi o pioneiro da moda das coloridas malhas justas entre os implacáveis inimigos do crime. Em muitas de suas particularidades, o Mestre da Evasão — um artista humano, vulnerável, dependente da sua equipe de assistentes — possuía pouca semelhança com o Filho de Krypton. Ao longo dos anos, um número de juízes, entre eles o grande Learned Hand, havia tentado, muitas vezes sem nenhum ar de troça, deslindar estas distinções finas e cruciais. Havia chegado até a uma definição do termo “super-homem”.^[18] No final, em sua sabedoria, o corpo de jurados do Tribunal de Apelações, derrubando a determinação do Supremo Tribunal do estado, se colocaria contra a opinião corrente nos meios quadrinistas e ficaria do lado dos queixosos, selando a ruína do Escapista.

Da mesma forma que as notícias do Tratado de Gand para o general Lambert em Biloxi, no entanto, quando o resultado da decisão do tribunal saiu, já havia sido superado pelos acontecimentos.

— Hoje — disse Anapol — eu matei o Escapista.

— O quê?

— Eu o matei. Ou vamos dizer que ele se aposentou. Telefonei para Louis Nizer e disse a ele, OK, Nizer, você venceu. A partir de

hoje, o Escapista oficialmente se aposentou. Desisto. Estou chegando a um acordo. Estou assinando a sua sentença de morte.

— Por quê? — disse Joe.

— Venho perdendo dinheiro nos títulos do Escapista há alguns anos. Ainda havia algum valor nos direitos de propriedade, sabem, dos vários acordos de uso de imagem, por isso tive de continuar a publicação, só para manter a marca registrada viável. Mas os números de circulação caíram vertiginosamente por um bom tempo. Os super-heróis estão mortos, rapazes. Esqueçam-se deles. Nenhum dos nossos grandes sucessos — *Transgressor*, *Mandíbulas do horror*, *Corações e flores*, *Meninas de soquete* — nenhum deles é revista de super-heróis.

Joe já soubera daquilo através de Sammy. A era do super-herói fantasiado havia passado. O Anjo, Arrow, o Cometa e o Barbatana, O Homem-Neve, Sandman e Hydroman, Captain Corageous, Captain Flag, Captain Freedom, Captain Mignight, Captain Venture e Major Victory, o Flama e o Flash e o Raio, o Monitor, o Guardião, o Escudo e o Defensor, o Lanterna Verde, a Abelha Vermelha, o Vingador Escarlata, Black Hat e White Streak, o Homem-Gato e a Gata, o Homem-Bala e a Mulher-Bala, o Homem-Águia e a Mulher-Águia, Star-Spangled Kid Stripesy, o Dr. Meia-Noite, Mr. Terrific, o Mr. Machine Gun, Mr. Scarlet e Miss Victory, Doll Man, o Átomo e Minimidget, todos tinham caído debaixo das lâminas do debulhador de gostos mutantes, de um público leitor envelhecido, do advento da televisão, de um mercado saturado e do inimigo imbatível que arrasara Hiroshima e Nagasaki. Dos grandes super-heróis dos anos 40, só os esteios da National — Super-Homem, Batman, Mulher-Maravilha e uns poucos de suas coortes — seguiam em frente com alguma regularidade ou força comercial e até mesmo eles foram forçados a sofrer a indignidade de ver suas vendagens dos anos de guerra cortadas pela metade, ou mais, de se tornar história secundária em títulos que antes lideravam, ou de sofrer nas mãos de escritores cada vez mais desesperados, várias transformações, novidades e truques destinados a chamar a atenção, de 15 diferentes tonalidades e sabores de criptonita a Bat-cães, Bat-macacos e um pestinha com orelha de elfo e poderes mágicos conhecido como Bat-ácara.

— Ele morreu — falou Sammy pensativo. — Não posso acreditar.

— Acredite — disse Anapol. — Toda esta indústria está morta depois destas audiências do Senado. Vocês ouviram em primeira mão, rapazes. — Levantou-se. — É por isso que estou caindo fora.

— Caindo fora? Quer dizer que está vendendo a Empire?

Anapol assentiu com a cabeça.

— Depois de falar com Louis Nizer, liguei para meu advogado e mandei que começasse a preparar os papéis imediatamente. Quero pegar um trouxa antes que o telhado caia para dentro da casa. —

Olhou ao redor para as pilhas de caixas. — Veja só esse lugar — falou.
— Você sempre foi um desleixado, Kavalier.

— É verdade — disse Joe.

Anapol começou a andar para a saída e então se virou.

— Estão lembrados daquele dia? — perguntou. — Vocês chegaram com aquela pintura do Golem e me disseram que iam fazer um milhão de dólares para mim?

— E fizemos — disse Sammy. — Muito mais que um milhão.

Anapol concordou com a cabeça.

— Boa noite, rapazes — disse. — Boa sorte.

Quando saiu, Sammy disse:

— Eu gostaria de ter um milhão de dólares. — Falou com ternura, observando algo adorável e invisível à sua frente.

— Por quê? — perguntou Joe.

— Eu compraria a Empire.

— Você compraria? Mas pensei que odiasse revistas em quadrinhos. Sente vergonha delas. Se tivesse um milhão de dólares poderia fazer qualquer outra coisa que quisesse.

— Sim — disse Sammy. — Você está certo. Que estou falando? Foi só que você me deixou todo agitado com esta sua história do Golem. Sempre teve um jeito de confundir minhas prioridades, como agora.

— Eu? Tive mesmo?

— Sempre fez com que parecesse certo *acreditar* em toda esta baboseira.

— Eu achava que era certo — disse Joe. — Não acho talvez que nenhum de nós devesse ter parado.

— Você ficou frustrado — disse Sammy. — Queria botar as mãos em alguns alemães de verdade.

Joe não disse nada por tanto tempo que podia sentir o seu silêncio começando a falar com Sammy.

— Humm — disse finalmente.

— Você matou alemães?

— Um — disse Joe. — Foi um acidente.

— Você... isto o fez sentir...

— Me fez sentir o pior homem do mundo.

— Humm — disse Sammy. Tinha voltado ao capítulo final de *O Golem* e ficou olhando para um quadrinho em que o badalo da guarita do zelador dos portais do Céu era um sorridente crânio humano.

— Engraçado o fim do Escapista — disse Joe, sentindo que queria receber um abraço de Sammy, mas impedido ao mesmo tempo pelo pensamento de que era algo que nunca fizera antes. — Quero dizer, não engraçado, mas...

— E não foi, mesmo.

— Está triste?

— Um pouco. — Sammy ergueu os olhos da última página de *O Golem* e cerrou os lábios. Parecia estar lançando uma luz sobre algum canto escuro de seus sentimentos, para ver se havia alguma coisa ali. — Não tanto quanto eu teria pensado. Foi muito, você sabe. Muito tempo. — Encolheu os ombros. — E quanto a você?

— Como você. — Deu um passo na direção de Sammy. — Foi muito tempo.

Colocou um braço, desajeitadamente, sobre os ombros de Sammy e Sammy inclinou a cabeça e os dois balançaram de um lado para o outro, lembrando em voz alta aquela manhã de 1939 quando tinham levado o Escapista e seus companheiros de aventuras aos escritórios de Sheldon Anapol no Edifício Kramler, Sammy assobiando *Frenesi*, Joe cheio de empolgação e raiva diante do soco imaginário que acabara de desferir no maxilar de Adolf Hitler.

— Aquele foi um bom dia — disse Joe.

— Um dos melhores — disse Sammy.

— Quanto dinheiro você tem?

— Não um milhão, com certeza.

Sammy deslindou-se do abraço de Joe. Seus olhos se cerraram e ele pareceu de repente astuto e anapolino.

— Por quê? Quanto dinheiro você tem, Joe?

— Não chega bem a um milhão — disse Joe.

— Não chega bem... você quer dizer que você... oh. Aquele dinheiro.

Toda semana durante dois anos, a partir de 1939, Joe havia enfurnado dinheiro no fundo que destinava para o sustento de sua família quando ela chegasse à América. Calculara que a saúde deles devia estar debilitada e que seria difícil conseguirem um emprego. Mais do que tudo, queria comprar uma casa para eles, uma casa afastada com um gramado na frente em algum lugar do Bronx ou de Nova Jersey. Queria que nunca mais tivessem de dividir um teto com ninguém. No final de 1941, ele colocava mais de mil dólares de cada vez. Desde então — com exceção dos dez mil dólares que gastara para mandar 15 crianças para sempre entre os sedimentos da Dorsal Mesoatlântica — mal havia tocado nele; na verdade, a conta inchara, mesmo na sua ausência, com royalties do programa de rádio do Escapista, que foi ao ar até 1944, e com os dois polpudos pagamentos que recebera como sua porção do acordo com a Parnaso para o seriado de cinema.

— Sim — disse. — Ainda tenho o dinheiro.

— Simplesmente.

— Está sentado lá — disse Joe. — Na União de Crédito das Artes Cênicas do East Side. Desde... bem, desde que o *Arca de Míriam* afundou. Em 6 de dezembro de 1941.

- Há doze anos e quatro meses.
- Sentado lá.
- É muito tempo, também — disse Sammy.

Joe concordou com isto.

— Acho que realmente não há motivo para deixá-lo lá — disse. O pensamento de trabalhar de novo com Sammy era muito atraente. Acabara de passar cinco anos desenhando uma revista em quadrinhos; o dia inteiro, todo dia, interrompendo de vez em quando, o suficiente para ler uma ou duas revistas em quadrinhos. Considerava-se, a esta altura, o maior artista de quadrinhos na história do mundo. Era capaz de retardar um episódio crucial na vida de um personagem por dez páginas, fatiando seus quadrinhos cada vez mais finos até que eles parassem o tempo completamente e no entanto se desdobrassem com o embalo irreversível da própria vida. Ou podia espalhar um único instante numa página dupla num quadro único gigantesco cheio de dançarinos, equipamento de laboratório, cavalos, árvores e sombras, soldados, convivas embriagados num casamento. Quando o estado de espírito exigia, podia fazer quadrinhos que estavam mais da metade na sombra; preto puro; e ainda manter tudo visível e claro, a ação inequívoca, a expressão dos personagens definida. Com seu ouvido não inglês, fizera um estudo, e compreendera, como ocorreu sempre com os grandes artistas dos quadrinhos, o poder dos efeitos sonoros escritos — de palavras inventadas como *snik* e *plish* e *doit* — adequadamente letradas, para emprestar vividez a um canivete, a uma poça d'água, a uma moeda de meia coroa no fundo de uma caneca de lata de um pedinte cego. E, no entanto, havia esgotado os temas que pudesse desenhar. Seu *Golem* estava terminado, ou quase, e pela primeira vez em anos se viu — como em todo nível de sua vida e de suas emoções — perguntando o que iria fazer a seguir.

— Você acha que eu poderia — começou. — Acha que eu seria capaz.

Mais do que tudo, queria poder fazer algo por Sammy. Ficava chocado de ver como Sam ficara derrotado, como ficara infeliz. Que feito não seria, ir buscar na manga obscura do seu passado um trunfo que alterasse completamente a condição de Sammy; algo que o salvasse, que o libertasse, que o devolvesse à vida. Com um rabisco da caneta, poderia conceder a Sammy, segundo os antigos mistérios da Liga, uma chave de ouro, passando adiante a dádiva de libertação que recebera e que tinha, até agora, ficado sem paga.

— Eu sei que devia — continuou Joe. Sua voz engrossou enquanto falava e suas faces queimavam. Estava chorando, não tinha ideia do motivo. — Oh, devia me livrar de tudo.

— Não, Joe. — Agora era a vez de Sammy de colocar o braço ao redor de Joe. — Entendo que você não queira tocar naquele dinheiro.

Quero dizer, acho que entendo. Percebo que ele... bem, que representa algo para você que não quer esquecer nunca.

— Esqueço todo dia — disse Joe. Tentou sorrir. — Você sabe? Os dias passam e não me lembro de esquecer.

— Fique com o seu dinheiro — disse Sammy gentilmente. — Não preciso ser dono da Empire Comics. É a última coisa de que preciso.

— Eu... eu não poderia. Sammy, gostaria de poder, mas não posso.

— Entendo, Joe — disse Sammy. — Simplesmente guarde seu dinheiro.

Um dia depois que o Escapista, o Mestre da Evasão, que nenhuma corrente podia prender e nenhuma parede aprisionar, foi posto fora de existência pelo Tribunal de Apelações do Estado de Nova York, uma camioneta branca de mudanças, de dimensões modestas, estacionou diante do 127 de Lavoisier Drive. Nas suas laterais, em letras cursivas azuis como num rótulo de cerveja, estavam os dizeres BACHELOR BUTTON DRAYAGE INC. NEW YORK em arco sobre um ramalhete de pequenas flores azuis. Já eram quase cinco horas de uma melancólica tarde de abril e embora ainda houvesse suficiente luz do dia, os faróis da camioneta estavam ligados, como se para uma procissão funerária. Tinham caído chuvas esparsas o dia todo e, com a chegada do crepúsculo, o céu pesado parecia estar pousando, como um cobertor, sobre Bloomtown, em dobras e pregas cinzentas entre as casas. Os troncos esguios dos jovens bordos, sicômoros e carvalhos nos jardins dos vizinhos pareciam brancos, quase fosforescentes, contra o estofado mais escuro da tarde.

O motorista desligou o motor, apagou os faróis e desceu da cabine. Abriu o pesado ferrolho na traseira da camioneta, deslizou a tranca para um lado e abriu as portas com um rangido metálico das dobradiças. Era um homem incrivelmente minúsculo para o seu ofício, entroncado e com as pernas cambaias, num macacão azul vivo. Quando Rosa o viu através das janelas da frente da casa, observou que encarava a sua carga com o que parecia uma expressão intrigada. Ela imaginava, baseada na descrição de Sammy, que as 102 caixas de revistas em quadrinhos e o resto da tralha que Joe acumulara devia causar uma forte impressão até num veterano de mudanças. Mas talvez o sujeito estivesse só tentando decidir como diabos ia colocar todas aquelas caixas na casa sozinho.

— O que é que ele está fazendo? — disse Tommy. Estava de pé atrás da mãe na janela da sala de estar. Tinha acabado de comer três tigelas de pudim de arroz e exalava um cheiro leitoso de bebê.

— Provavelmente se perguntando como é que vamos enfiar toda aquela porcaria nesta caixa de sapato — disse Rosa. — Não posso acreditar que Joe conseguiu não estar aqui para isto.

— A senhora disse “porcaria”.

— Desculpe.

— Posso dizer “porcaria”?

— Não. — Rosa vestia um avental salpicado de molho e segurava uma colher de pau ensanguentada com o mesmo molho. — Não posso acreditar que tudo caiba dentro daquele caminhãozinho.

— Mãe, quando é que Joe vai voltar?

— Estou certa de que vai estar aqui a qualquer minuto. — Esta era provavelmente a quarta vez que dissera isso desde que Tommy voltara da escola. — Estou fazendo *chili* com carne e pudim de arroz. Ele não vai querer perder isto.

— Gosta mesmo dos seus pratos.

— Sempre gostou.

— Ele disse que se nunca mais olhar para uma costeleta de porco na vida, não vai sentir falta.

— Eu jamais cozinharía uma costeleta de porco.

— Bacon é carne de porco e nós comemos bacon.

— Bacon não é carne de porco na verdade. Existem palavras no Talmude com relação a isto.

Foram para os degraus da frente da casa.

— Kavalier? — gritou o homem, tentando rimar o nome com seu afim francês.

— Como em Maurice — disse Rosa.

— Tenho uma entrega.

— Isto é dizer pouco, não?

O homem não respondeu. Subiu para dentro do seu caminhão e desapareceu por um tempo. Primeiro uma rampa de madeira emergiu da traseira, como uma língua, apontando para a Buick do vizinho e então pousando no chão. Depois disto, houve batidas e clamores, como se o homem estivesse rolando um barril de cerveja. E então ele emergiu, lutando para descer um carro de mão pela rampa, sob o peso de uma grande caixa oblonga de madeira.

— O que é isto? — perguntou Rosa.

— Nunca vi isto na casa do Joe — disse Tommy. — Uau, deve ser parte do seu equipamento! Parece um... oh, céus — *é um caixote de escape!* Oh, meu Deus! Acha que ele vai me ensinar como fazer isto?

“Nem sei se ele vai voltar”, pensou ela.

— Não sei o que ele vai fazer, querido — disse.

Quando Joe e Sammy voltaram da cidade na noite anterior com as notícias da morte do Escapista, ambos pareciam pensativos e falaram pouco antes que cada um fosse para a cama. Sammy parecia hesitante, até arrependido, cercando Joe, fazendo uns ovos mexidos para ele, perguntando se estavam muito empapados, ou se estavam muito secos, oferecendo-se para fritar umas batatas. Joe estava monossilábico, quase lacônico, Rosa teria dito; foi deitar-se no sofá sem ter trocado mais do que poucas dúzias de palavras com Rosa ou Sam. Viu que algo havia se passado entre os dois, mas como nenhum deles disse nada a

respeito, presumiu que estivessem simplesmente preocupados com o fim do seu filho intelectual; talvez tivessem trocado recriminações em relação a oportunidades perdidas.

A notícia certamente chegou como um choque para Rosa. Embora não fosse uma leitora regular desde os dias de Kavalier & Clay — Sammy não permitia revistas da Empire em sua casa — ela ainda folheava *Radio* e *As Aventuras do Escapista* de tempos em tempos, matando uma meia hora numa banca de revistas da Grand Central ou enquanto esperava que uma receita fosse aviada na Spiegelman's. O personagem tinha caído há muito na inconsequência cultural, mas os títulos em que estrelava continuavam, pelo que ela sabia, vendendo. Presumiu, mais ou menos inconscientemente, que a cara heroica do Escapista estaria sempre presente, em lancheiras, toalhas de praia, caixas de cereais, fivelas de cintos, no mostrador de despertadores e até na Rede de Televisão Mutual,^[19] escarnecendo dela com a riqueza e o inimaginável contentamento que, embora com restrições, ela soubesse que cabia a Sammy se tivesse sabido colher os frutos do único momento irrefutável de inspiração com que foi contemplado em sua acidentada carreira. Rosa ficara acordada até tarde, tentando trabalhar, preocupada com os dois, e dormira até mais tarde do que o comum. Quando acordou, Joe e o Studebaker já haviam saído. Todas as suas roupas estavam na sua valise e não havia nenhuma nota. Sammy parecia sentir que estes eram bons sinais.

— Ele deixaria uma nota — disse, quando ela ligou para ele no escritório. — Se fosse embora, quero dizer.

— Não houve nenhuma nota da última vez — disse Rosa.

— Realmente não acho que roubaria nosso carro.

Agora todas as suas coisas estavam aqui e Joe não estava. Era como se tivesse feito um truque de substituição para cima deles, o velho prestidigitador.

— Acho que vamos ter de enfiar tudo na garagem — disse ela.

O pequeno e entroncado homem da mudança carregou o caixão pela calçada até a porta da frente, bufando e fazendo caretas e quase tendo chiliques. Quando chegou perto de Rosa e Tommy, girou o carro de mão para a frente sobre o seu suporte. A caixa cambaleou e pareceu que ia saltar antes de pousar com um tremor, sobre a sua extremidade.

— Pesa uma tonelada — disse ele, flexionando os dedos como se estivessem machucados. — Que é que tem aqui, tijolos?

— São provavelmente correntes de ferro — explicou Tommy com um tom de autoridade. — E cadeados e outras tralhas.

O homem acenou com a cabeça.

— Uma caixa de correntes de ferro — falou. — Parece. Prazer em conhecê-la. — Esfregou a mão direita na frente do seu macacão e

ofereceu-a a Rosa. — Al Button.

— O senhor é de fato solteiro? — perguntou Rosa.

— O nome da firma — disse Al Button com um ar de genuíno arrependimento — está um pouco desatualizado. — Colocou a mão no bolso de trás e puxou um monte de notas e carbonos e então pegou uma caneta de outro bolso da frente e tirou a tampa. — Vou precisar da sua assinatura nisto.

— Não preciso checar tudo à medida que o senhor for trazendo? — disse Rosa. — Foi assim que funcionou quando nos mudamos do Brooklyn para cá.

— A senhora pode ir em frente e checar isto, se quiser — disse, apontando com a cabeça para a caixa enquanto entregava o maço de notas a Rosa. — É tudo o que tenho para a senhora hoje.

Rosa verificou a nota e descobriu que só detalhava um único artigo, descrito sucintamente como *Caixa de madeira*. Estudou as outras folhas, mas eram apenas cópias carbono da primeira.

— Onde está o resto?

— É a única coisa de que tenho conhecimento — disse Button. — Talvez a senhora saiba mais do que eu.

— Devia ter mais de uma centena de caixas vindo da cidade. Do Empire State Building. Joe... o sr. Kavalier... organizou a mudança na tarde de ontem.

— Isto não veio do Empire State Building, minha senhora. Eu peguei o caixão na Estação Penn esta manhã.

— Na Estação Penn? Espere um minuto. — Ela começou a folhear os papéis e os carbonos de novo. — Quem mandou isto?

Embora o nome do remetente não estivesse muito claro, começava com um K. O endereço, no entanto, era uma caixa postal em Halifax, Nova Escócia. Rosa se perguntou se Joe chegara tão longe durante seu período de andanças, logo depois da guerra, e se tinha deixado esta caixa ou o que quer que contivesse para trás.

— Nova Escócia — falou. — Quem é que Joe conhece na Nova Escócia?

— E como sabiam que ele estava aqui? — perguntou Tommy.

Era uma pergunta muito boa. Só a polícia e umas poucas pessoas na Pharaoh sabiam que Joe estava hospedado com os Clay.

Rosa assinou pelo caixão e então Al Button o empurrou e engabelou até a sala de estar, onde Rosa e Tommy o ajudaram a descê-lo do carrinho e a colocá-lo sobre um ligeiro rebordo, parede a parede.

— Uma caixa cheia de correntes — Button repetiu, sua mão áspera e seca contra a de Rosa. — Jesus, Maria, José.

Depois que saiu, fechando seu caminhão e iniciando seu percurso funéreo de volta à cidade, Rosa e Tommy ficaram na sala de estar

estudando o caixão de madeira. Era meio metro mais comprido do que Rosa e duas vezes mais largo. Era feito de pinho maciço, enodado e sem verniz exceto pela raspagem abrasiva de suas viagens, amarelo escuro e manchado como o dente de um animal. Podia-se dizer, de certa forma, que tinha vindo de longe, sofrido manuseio grosseiro e exposição aos elementos, tivera coisas ignóbeis derramadas sobre ele. Fora usado como mesa, talvez, como cama, como barricada. Havia arranhões e as quinas e bordas estavam desbastadas e cheias de lascas. Se isso não bastasse para sugerir uma longa viagem, havia a incrível profusão de etiquetas: selos de alfândega e decalques de linhas marítimas, certificados de quarentena, tíquetes de bagagem e atestados de peso. Em alguns lugares, estavam colados uns sobre os outros, em camadas profundas, pedaços de nomes de locais e caligrafia tudo misturado. Lembrava a Rosa uma colagem cubista, um Kurt Schwitters. Claramente, Halifax não era o ponto de origem da caixa. Rosa e Tommy tentaram traçar a sua história, arrancando as camadas de selos e cola, timidamente no começo, depois mais descuidadamente à medida que eram conduzidos de volta, de Halifax para Helsinque, para Murmansk, para Memel, para Leningrado, para Memel uma vez mais, para Vilna, na Lituânia, e finalmente, raspando agora com a ponta de uma faca de cozinha um carbúnculo particularmente recalcitrante de papel adesivo perto do centro do que parecia ser a tampa do caixão, para

— Praga — falou Rosa. — Quem diria?

— Ele está em casa — falou Tommy e Rosa não entendeu o que ele queria dizer até o momento em que ouviu o som do Studebaker na entrada da casa.

Joe deixou a casa muito cedo naquela manhã.

Durante horas depois de ter dado boa-noite a Rosa e a Sammy, e muito tempo depois que eles foram para a cama, Joe ficou acordado deitado no sofá da sala de estar, atormentado por seus pensamentos e pelo ocasional e breve engasgo do tanque da toalete junto ao corredor. Tinha organizado retiradas mensais para pagar o aluguel do escritório dos Cremes Evanescents Kornblum e não se permitira pensar na soma total do dinheiro que possuía em depósito há muito tempo. A variedade dos esquemas grandiosos e domésticos que tencionara financiar com ele era extravagante — em certa oportunidade esbanjara prodigamente na sua imaginação — e depois da guerra o dinheiro sempre lhe parecera como uma dívida impagável que tinha. Fora à bancarrota com seus planos: uma casa para sua família em Riverdale ou Westchester, um apartamento para seu velho professor Bernard Kornblum num belo edifício no Upper West Side. Cuidou, em suas fantasias, para que sua mãe obtivesse os serviços de uma cozinheira, um casaco de peles, o lazer para escrever e receber pacientes tão pouco quanto escolhesse. Seu estúdio na grande casa em estilo Tudor tinha uma janela de sacada e vigas de madeira aparente, que ela pintou de branco porque detestava quartos sombrios. Era iluminado e arejado, com tapetes navajos e cactos em vasos. Para seu avô, havia todo um guarda-roupa de ternos, um cachorro, um toca-discos Panamuse igual ao de Sammy. Seu avô frequentava o Conservatório com três amigos idosos e entoava canções de Weber ao acompanhamento de suas flautas. Para Thomas havia aulas de equitação, de esgrima, viagens ao Grand Canyon, uma bicicleta, uma coleção de enciclopédias e — aquele item mais cobiçado à venda nas páginas das revistas de quadrinhos — uma espingarda de ar comprimido, para que Thomas pudesse atirar em corvos ou em marmotas ou (mais provável, levando em conta seus sentimentos ternos), em latas de conservas quando saíssem, nos fins de semana, para a casa de campo no condado de Putnam que Joe ia comprar.

Estes seus desígnios o embaraçavam quase tanto quanto o entristeciam. Mas a verdade era que, deitado ali fumando, de cuecas, Joe estava atormentado, ainda mais do que pela ruína de seus sonhos insensatos, pelo conhecimento de que mesmo agora, no fundo da misteriosa manufatura de tolices que era sinônimo de certo modo do

seu coração, estavam trabalhando para produzir toda uma nova linha de quimera. Ela não podia se impedir de ter ideias — desenhos de roupas e telas de fundo, nomes de personagens, linhas narrativas — para uma série de revistas em quadrinhos baseadas na *aggadah* e no folclore judaico; era como se estivessem ali o tempo todo, esperando um empurrãozinho de Sammy para jorrarem numa desordem emocionante. A ideia de gastar os 974.000 dólares que estavam regularmente se acumulando na União de Crédito das Artes Cênicas do East Side para lançar a renovada Kavalier & Clay o agitava tanto que seu estômago doía. Não, agitação não era a palavra honesta para aquilo. O que ele sentia era *excitação*.

Sammy estava certo com relação aos heróis de malha justa em 1939; Joe tinha um sentimento de que ele estava certo em 1954. William Gaines e sua Entertainment Comics tinham se apropriado de todos, menos um, dos gêneros rotineiros de quadrinhos — romance, *western*, histórias de guerra, crime, sobrenatural etc. — e os investido com emoções mais obscuras, enredos menos infantis, um trabalho de lápis cheio de estilo e tintas que transmitiam estados de espírito mais complexos. O único gênero que haviam ignorado, ou evitado (exceto para ridicularizá-lo nas páginas de *Mad*) era aquele do super-herói fantasiado. Que tal se — não tinha certeza de que fosse o que Sammy tinha em mente, mas afinal, era o seu dinheiro — se a mesma transformação fosse tentada com o super-herói? Se tentassem fazer histórias sobre heróis fantasiados que fossem mais complicados, menos infantis e falíveis como anjos?

Acabou ficando sem cigarros e desistiu de dormir naquela noite. Colocou as roupas de novo, pegou uma banana do algarado no balcão da cozinha e saiu para a rua.

Ainda não eram cinco horas da manhã e as ruas de Bloomtown estavam desertas, as casas escuras, furtivas, quase invisíveis. Uma brisa salgada regular soprava do mar a 12 quilômetros. Depois, ela traria espasmos de chuva e a escuridão que o sr. Al Button tentaria aliviar acendendo os fracos faróis da sua camioneta, mas agora não havia nuvens e o céu, naquela cidade de casas de andar térreo, de árvores novas atrofiadas e gramados nus, podia parecer, de dia, tão insuportavelmente alto e imenso como o céu sobre alguma crestada planície do Nebraska, se oferecia a Bloomtown como uma bênção, enchendo o vazio com veludo azul e estrelas. Um cão latiu a dois quarteirões e o som provocou arrepios nos braços de Joe. Estivera no oceano Atlântico e na sua orla muitas vezes desde o afundamento do *Arca de Míriam*; a cadeia de associações ligando Thomas, na cabeça de Joe, ao corpo de água que o engolira há muito tempo se havia desgastado. Mas de tempos em tempos, especialmente se, como agora, o seu irmão já estivesse em seus pensamentos, o cheiro do mar podia

desfraldar a memória de Thomas como uma bandeira. Seu ronco, o fungado meio animal da sua respiração vindos da outra cama. Sua aversão a aranhas, lagostas e tudo o que rastejasse como uma mão decepada. Um retrato mental muito evocado dele aos sete ou oito anos, num roupão de banho xadrez e chinelas de dormir, sentado ao lado do grande rádio Philips dos Kavalier, joelhos no peito, olhos bem fechados, balançando para a frente e para trás, com toda a sua força, enquanto ouvia uma ópera italiana ou outra coisa.

Aquele roupão, com suas lapelas chuleadas em fio preto pesado; aquele rádio, suas formas góticas e o dial, como um atlas do éter, impresso com os nomes das capitais do mundo; aqueles mocassins de couro com suas contas na pala — tudo isso eram coisas que ele jamais veria de novo. O pensamento era banal e, no entanto, de certa forma, como costumava acontecer de vez em quando, o pegava de surpresa e o desapontava profundamente. Era absurdo, mas debaixo da sua experiência do mundo, em alguma profunda camada pré-cambriana, estava a expectativa de que algum dia — mas quando? — ele voltaria aos capítulos iniciais da sua vida. Estava tudo ali — em algum lugar — à sua espera. Retornaria aos cenários da sua infância, à mesa do café da manhã no apartamento perto do Graben, ao esplendor oriental do vestiário da Militär-und Civilschwimmschule; não como um turista às suas ruínas, mas de verdade; não por meio de algum encantamento, mas simplesmente, de uma maneira banal. Esta convicção não era algo racional ou sequer acreditado a sério, mas de alguma maneira estava ali, como algum erro inicial e fundamental na sua compreensão da geografia — de que, por exemplo, Quebec ficava a oeste de Ontário — que nenhuma quantidade de correção ou experiência posterior seria capaz de apagar. Percebeu agora que este tipo de convicção inútil mas irremovível estava no cerne da sua incapacidade de abrir mão do dinheiro que havia acumulado todos estes últimos anos na União de Crédito das Artes Cênicas do East Side. Em alguma parte do seu coração, ou onde quer que tais erros fossem acolhidos e alimentados, ele acreditava que alguém — sua mãe, seu avô, Bernard Kornblum — poderia ainda, apesar de tudo, aparecer um dia. Tais coisas aconteciam o tempo todo; aqueles dados como fuzilados no gueto de Lodz ou levados pelo tifo no campo de Zehlendorf DP apareciam como donos de armazéns em São Paulo ou batendo à porta da frente de um irmão em Detroit pedindo uma ajuda, mais velhos, mais fracos — alterados além do reconhecimento ou candidamente sem mudanças — mas vivos.

Ele voltou para a casa, deu um laço na gravata, colocou um paletó e pegou as chaves do carro do seu gancho na cozinha. Não estava seguro do que ia fazer, não no momento, mas o cheiro do mar ficou nas suas narinas e tinha uma vaga ideia de pegar o carro e dirigir até

Fire Island por uma hora, voltando antes sequer que qualquer um soubesse que tinha saído.

A ideia de dirigir o *excitava*, também. A partir do momento em que o viu, o carro de Sammy e Rosa havia despertado seu interesse. A Marinha ensinara a Joe a dirigir e ele se entregara ao aprendizado com sua costumeira segurança. Seus momentos mais felizes durante a guerra foram as três breves viagens que fizera atrás do volante de um jipe na baía de Guantánamo. Aquilo foi há 12 anos; esperava que não tivesse esquecido.

Achou o caminho para a Rota 24 sem qualquer problema, mas de certa forma perdeu a entrada para East Islip e, antes que se desse conta, estava a caminho da cidade. O carro cheirava ao batom de Rosa, ao creme de cabelo de Sammy e ao resíduo de sal e lã do inverno. Quase não havia ninguém na estrada por um longo tempo e quando encontrava outros viajantes sentia uma suave sensação de agradável afinidade enquanto seguiam as luzes de seus faróis na escuridão do oeste. No rádio, Rosemary Clooney cantava *Hey There* e então ele deu um giro no botão da sintonia e lá estava ela de novo, cantando *This Ole House*. Rolou o vidro da janela para baixo e às vezes ouvia um som de grama e percevejos noturnos e às vezes o mugido de um trem. Joe afrouxou as mãos ao volante e perdeu-se nos naipes de cordas das canções de sucesso e no ronco dos oito cilindros do Champion. Depois de algum tempo percebeu que um bom pedaço de tempo se passara sem que tivesse pensado absolutamente em nada, menos ainda no que ia fazer exatamente quando chegasse a Nova York.

Aproximando-se da ponte Williamsburg — sem ter realmente muita certeza de como conseguira chegar até ali — experimentou um momento extraordinário de leveza, de graça. Havia muito mais tráfego agora, mas suas trocas de marcha eram suaves e o carrinho robusto era ágil nas mudanças de faixa. Lançou-se na direção do East River. Podia sentir a ponte cantarolando debaixo das rodas e ao seu redor experimentava toda aquela engenharia, as forças e tensões e os rebites que conspiravam para mantê-lo no ar. Ao sul, vislumbrou a ponte de Manhattan, com seu ar parisiense, refinado, elegante, suas saias erguidas para revelar pernas de aço adelgaçadas e, mais adiante, a ponte de Brooklyn, como uma grande faixa de músculo encordado. Na outra direção estava a ponte Queensboro, como duas grandes tsarinas de ferro juntando as mãos para dançar. E, diante dele, avolumava-se a cidade que o havia acolhido e engolido e feito para ele uma pequena fortuna, cinzenta e marrom, engrinaldada com festões e boás de uma nevoenta matéria cinza, uma mistura de neblina do porto e orvalho primaveril com seus próprios vapores e exalações. A esperança fora sua inimiga, uma fraqueza que devia a todo custo

dominar, por tanto tempo agora que se passou um momento antes que se dispusesse a admitir que ele a recolhera de novo ao seu coração.

Em Union Square West, parou diante do Edifício de Crédito dos Trabalhadores, sede da União de Crédito das Artes Cênicas do East Side. Claro que não havia onde estacionar. O tráfego empilhou-se na traseira do Studebaker enquanto Joe rodava em busca de um espaço e cada vez que diminuía a marcha a zangada fanfarra de buzinas recomeçava. Um ônibus veio trovejando por trás dele e os rostos de seus passageiros o fuzilaram com o olhar das janelas, ou zombaram da sua inépcia com uma indiferença neutra. Na sua terceira volta do quarteirão, Joe diminuiu a marcha mais uma vez na frente do edifício. O meio-fio aqui estava pintado de um vermelho vivo. Joe ficou parado, tentando decidir o que fazer. Dentro da magnífica montanha encardida do Edifício de Crédito dos Trabalhadores, no sombrio travessão iluminado dos escritórios do banco das Artes Cênicas, sua conta jazia adormecida debaixo de anos de juro e poeira. Tudo o que tinha de fazer era ir até lá e dizer que queria fazer uma retirada.

Houve uma batida na janela do seu lado do carro. Joe pulou, pisando no acelerador. O carro saltou uns poucos centímetros antes que ele enfiasse o pé no freio e o fizesse parar com um rude arroto dos pneus.

— Uaaa! — gritou o guarda, que viera perguntar quanto tempo ele pretendia retardar o trânsito na Quinta Avenida daquele jeito. Ele pulou para longe do carro, saltitando numa perna só, agarrando o reluzente sapato esquerdo com ambas as mãos.

Joe abaixou o vidro da janela.

— Acabou de passar por cima do meu pé! — disse o policial.

— Desculpe-me — disse Joe.

O policial botou o sapato sobre a calçada, cautelosamente, e então colocou seu considerável peso de novo sobre ele, pouco a pouco.

— Acho que está tudo bem. Você atropelou a parte oca na ponta do sapato. Sorte a sua.

— Peguei este carro emprestado de meu primo — disse Joe. — Talvez não o conheça tanto quanto devia.

— Sim, está bem, mas você não pode parar aqui, amigo. Está aqui há dez minutos. Tem de seguir em frente.

— É impossível — disse Joe. Não podia ter passado mais do que um minuto, dois no máximo. — Dez minutos!

O guarda bateu no pulso.

— Marquei no meu relógio assim que você parou aqui.

— Desculpe, seu guarda — disse Joe. — Não sei o que fazer agora.

— Fez um gesto com o polegar para o Edifício de Crédito dos Trabalhadores. — Meu dinheiro está lá — disse.

— Não me interessa se a sua nádega esquerda está lá — disse o

policial. — Vai ter que ir andando, moço.

Joe começou a discutir, mas se deu conta de que, a partir do momento em que o policial bateu na sua janela, começou a sentir-se imensamente aliviado. A questão fora decidida para ele. Não podia estacionar aqui; não conseguiria pegar o dinheiro hoje. Talvez não fosse tão boa ideia, afinal. Engrenou o carro.

— OK — disse. — Vou andando.

Quando tentava encontrar o caminho de volta para Long Island, conseguiu com grande eficácia se perder no Queens. Estava quase perto dos antigos terrenos da Feira Mundial antes de perceber seu erro e fazer o retorno. Depois de um tempo, se viu dirigindo ao longo de uma vasta extensão verde de cemitérios, que reconheceu como Cypress Hills. Túmulos e monumentos pontilhavam as colinas como carneiros num Claude Lorrain. Estivera aqui uma vez, anos antes, pouco depois de sua volta à cidade. Fora numa noite de Halloween e um grupo de rapazes da sala dos fundos de Tannen o tinha persuadido a ir com eles em sua visita anual ao túmulo de Harry Houdini, que estava enterrado aqui num cemitério judaico chamado Machpelah. Levaram sanduíches e frascos de bebida e uma garrafa térmica de café e passaram a noite mexericando sobre a surpreendentemente agitada vida sexual da sra. Houdini depois da morte do marido e esperando que o Misteriarca aparecesse, como Houdini prometera que, caso tal feito se tornasse viável, o faria. Ao romper da aurora do Dia de Todos os Santos, caçaram e vaiaram e fingiram desapontamento porque Houdini não apareceu, mas no caso de Joe, pelo menos — e suspeitava que fosse assim com os outros, também — a mostra de desapontamento servira apenas para mascarar o desapontamento verdadeiro que sentira. Joe não acreditava de jeito algum na vida depois da morte, mas genuinamente desejava acreditar. Um velho carola na biblioteca pública de Halifax certa vez tentara consolar Joe dizendo a ele, com um ar de grande segurança, que foi Hitler, e não os Aliados, quem libertou os judeus. Nunca desde a morte do seu pai — nem desde o dia em que ouviu pela primeira vez uma reportagem no rádio sobre o gueto-modelo de Terezin — chegara Joe tão perto de uma consolação. Tudo o que precisaria fazer, para encontrar consolo, segundo as palavras do cristão, era acreditar.

Conseguiu encontrar Machpelah de novo sem muita dificuldade — estava marcado por um edifício funerário imenso, um tanto sombrio, de desenho ligeiramente levantino que lembrava a Joe a casa do pai de Rosa — e atravessou os portões e estacionou o carro. O túmulo de Houdini era o maior e o mais esplêndido no cemitério, completamente em contraste com a modéstia geral, até austeridade, das outras lousas e lápides. Era uma estrutura curiosa, como uma espécie de sacada espaçosa projetada da lateral de um palácio, uma letra C de

balaustrada de mármore com pilares como serifas em cada extremidade, cercando um banco baixo e comprido. Os pilares tinham inscrições em inglês e hebraico. No centro, acima da lacônica inscrição HOUDINI, um busto do falecido mágico olhava ameaçadoramente, como se tivesse acabado de realizar um feito. Uma curiosa estátua de uma mulher que chorava, envolta num manto, fora colocada ao lado do banco, esparramada sobre ele numa espécie de eterno desfalecimento de dor; Joe a considerou bastante inoportuna e perturbadora. Havia ramalhetes e coroas espalhados em vários estados de decomposição e muitas das superfícies estavam coalhadas de pequeninas pedras, deixadas pela família, supunha Joe, ou por admiradores judeus. Os pais e irmãos de Houdini estavam todos enterrados aqui: todo mundo menos sua mulher Bess, que tivera sua admissão recusada porque era católica não convertida. Joe leu os prolixos tributos à mãe e ao pai rabino que Houdini havia, muito obviamente, composto ele mesmo. Joe se perguntava o que colocaria nas lápides dos pais se tivesse a oportunidade. Nomes e datas apenas pareciam extravagância suficiente.

Começou a apanhar as pedras que as pessoas tinham deixado e as arranjou sobre a balaustrada, como se fosse, da sacada, em linhas, círculos e estrelas de davi. Notou que alguém havia colocado uma pequena nota numa fissura do monumento, entre duas pedras, e então viu outras mensagens salpicadas aqui e ali, sempre que havia uma fenda ou uma rachadura. Tirou-as, desenrolou as pequenas tiras e leu o que as pessoas haviam escrito. Pareciam todas mensagens deixadas por vários devotos do espiritismo e estudantes do além que ofereciam perdão póstumo ao grande desmascarador por ter-se oposto à Verdade que ele agora, sem dúvida, tinha descoberto. Depois de um tempo, Joe sentou-se no banco, a uma boa distância da estátua da mulher que se debulhava em prantos. Respirou fundo, sacudiu a cabeça e estendeu alguns dedos interiores, tentativamente, para ver se tocavam em algum resto de Harry Houdini ou de Thomas Kavalier ou de qualquer pessoa. Não; poderia ser arruinado repetidas vezes pela esperança, mas nunca seria capaz de acreditar.

Fez um travesseiro com seu paletó e deitou-se no banco de mármore frio. Podia ouvir o ribombar das ondas do tráfego na Interborough Parkway, o suspiro intermitente dos freios a vácuo de um ônibus na Jamaica Avenue. Os sons pareciam corresponder exatamente ao céu pálido que ele via no alto, intermitentemente manchado de azul. Fechou os olhos por um momento, só para ouvir o céu por um instante. A certa altura, tomou consciência de passos na grama ao seu lado. Sentou-se e olhou para o brilhante campo verde — o sol brilhava agora, de certo modo — e as colinas com seus rebanhos de carneiros brancos, e viu, vindo na sua direção, com o seu fraque,

seu velho professor Bernard Kornblum. As faces de Kornblum estavam esfoladas e seus olhos brilhantes e críticos. Sua barba estava presa com uma rede.

— *Lieber Meister* — disse Josef, estendendo as mãos para ele. Seguraram um ao outro através do abismo que os separava como as torres iguais a dançarinas ciganas da ponte Queensboro. — O que devo fazer?

Kornblum inflou suas bochechas que descascavam e sacudiu a cabeça, rolando os olhos um pouco como se fosse uma das perguntas mais estúpidas que já lhe haviam feito.

— Pelo amor de Deus — disse. — Vá para casa.

Quando Joe entrou pela porta da frente no 127 de Lavoisier Drive, quase foi derrubado. Rosa pendurou-se com um braço no seu pescoço e com o outro deu-lhe um soco no braço, bem forte. Sua mandíbula estava cerrada e podia ver que ela se recusava a chorar. Tommy esbarrou nele algumas vezes, como um cachorro, e então se afastou desajeitado, encostando-se no gabinete da hi-fi e derrubando um vaso de estanho com cravos secos. Depois disto, ambos começaram a falar ao mesmo tempo. Onde estava? Por que não telefonou? O que tem na caixa? Gostaria de um pouco de pudim de arroz?

— Fui dar uma volta de carro — disse Joe. — Céus. — Viu que haviam pensado que os deixara, tinha roubado o carro da família. Sentia-se envergonhado de ser merecedor em suas cabeças, desta suspeita. — Fui de carro até a cidade. Que caixa? O que...

Joe reconheceu imediatamente, com a facilidade e nenhuma surpresa de alguém num sonho. Vinha viajando dentro dela, nos seus sonhos, desde o outono de 1939. Seu companheiro de viagem, seu outro irmão, havia sobrevivido à guerra.

— O que tem aqui? — disse Tommy. — É um truque?

Joe aproximou-se do caixão. Estendeu a mão até ele e deu-lhe um pequeno empurrão. Mexeu-se uns dois centímetros e pousou de novo.

— É uma coisa muito pesada — disse Rosa. — Seja lá o que for.

Foi assim que Joe percebeu que havia algo errado. Lembrava-se muito bem de como o caixão com o Golem dentro parecera leve quando Kornblum e ele o carregaram para fora da Nicholasgasse 26, como um caixão cheio de pássaros, como um punhado de ossos. O pensamento terrível de que houvesse de novo um corpo ali aninhado com o Golem passou-lhe pela cabeça. Inclinou o rosto um pouco mais para perto da caixa. A certa altura, notou que o painel de observação com dobradiças que Kornblum fizera para enganar a Gestapo e os guardas da fronteira fora fechado com cadeado.

— Por que está cheirando? — disse Rosa.

— É comida? — falou Tommy.

Joe não queria dizer o que era. Podia ver que estavam quase

loucos de curiosidade, agora que tinham visto sua reação à caixa, e que muito naturalmente esperavam que ele não só lhes contasse o que havia na caixa como que lhes mostrasse, imediatamente. Relutava em fazer isto. A caixa era a mesma, disto não tinha dúvida, mas quanto ao seu conteúdo misteriosamente pesado, podia ser qualquer coisa. Podia ser qualquer coisa muito, muito ruim.

— Tommy falou ao sujeito da mudança que eram suas correntes — disse Rosa.

Joe tentou pensar na mais simples substância ou item que a caixa pudesse plausivelmente conter. Pensou em dizer que era uma pilha de velhos exames escolares. Então sentiu que não havia nada de muito interessante em correntes.

— Está certo — disse. — Você deve ser clarividente.

— São realmente suas correntes?

— Só um monte de ferro.

— Uau! Podemos abrir agora? — perguntou Tommy. — Quero ver realmente.

Joe e Rosa foram até a garagem procurar a caixa de ferramentas de Sammy. Tommy começou a segui-los, mas Rosa disse:

— Fique aqui.

Encontraram logo a caixa de ferramentas, mas ela não queria deixá-lo voltar à casa.

— O que tem na caixa? — perguntou.

— Você não acredita que sejam correntes? — Sabia que não era um bom mentiroso.

— Por que você iria *cheirar* correntes?

— Não sei o que tem na caixa — disse Joe. — Não é o que tinha antes.

— E o que tinha antes?

— Era o Golem de Praga.

Sempre fora difícil pegar Rosa sem uma resposta. Ela simplesmente se pôs de lado, olhando para ele, e o deixou passar. Mas ele não voltou à casa, não imediatamente.

— Deixe-me perguntar-lhe uma coisa — disse Joe. — Se você tivesse um milhão de dólares, daria a Sammy para que ele pudesse comprar a Empire Comics?

— Sem o Escapista?

— Acho que tem de ser assim.

Ela elaborou uma resposta por um minuto, durante o qual podia se ver gastando o dinheiro em uma dúzia diferente de maneiras. Finalmente, sacudiu a cabeça.

— Não sei — disse como se lhe doesse admitir aquilo. — O Escapista era como as joias da coroa.

— Era o que eu estava pensando.

— Por que estava pensando nisto?

Não respondeu. Carregou a caixa de ferramentas para a sala de estar e, com a ajuda de Rosa e Tommy, conseguiu baixar a caixa até o chão. Ergueu o cadeado, avaliou seu peso, tocou nele duas vezes com o dedo indicador. As gazuas que Kornblum lhe tinha dado — até agora a única relíquia daquela época que possuía — estavam na sua valise. Era um cadeado barato e com pouco esforço conseguiria sem dúvida abri-lo. Deixou o cadeado cair de novo sobre o ferrolho e pegou um pé de cabra da caixa de ferramentas. Ao fazê-lo, ocorreu-lhe pela primeira vez se perguntar como o Golem conseguira encontrá-lo. Seu reaparecimento na sala de estar de uma casa em Long Island pareceria estranhamente inevitável de início, como se soubesse o tempo todo que o seguira nos últimos 15 anos e agora finalmente o havia apanhado. Joe estudou algumas das etiquetas coladas no caixão e viu que tinha atravessado o oceano só algumas semanas antes. Como soubera onde o encontrar? Estava à espera do quê? Quem podia estar acompanhando os seus movimentos?

Deu a volta até o lado oposto do cadeado e enfiou os dentes do pé de cabra na junção da tampa, pouco abaixo de uma cabeça de prego. O prego chiou, houve um estalo como o de uma junta estourando e então toda a tampa do caixão se abriu como se empurrada por dentro. Imediatamente o ar se encheu de um cheiro estonteante de lama e de espuma de rio, com um odor forte do verão que ele lembrava com ternura e saudade.

— Lama — disse Tommy, olhando ansioso para a mãe.

— Joe — disse Rosa. — Isto não é... não são *cinzas*.

Todo o caixão estava cheio, a uma profundidade de vinte centímetros, com uma poeira fina, cinza-pombo e opalescente, que Joe reconheceu imediatamente de suas excursões ao leito limoso do Moldau. Um limo que limpou mil vezes de seus sapatos e escovou dos fundilhos das calças. As especulações daqueles que achavam que o Golem, removido das margens do rio que lhe tinha dado vida, poderia degradar-se, acabaram corretas.

Rosa chegou e ajoelhou-se ao lado de Joe. Colocou seu braço ao redor de seu pescoço.

— Joe? — disse ela.

Ela o puxou mais para si, ele deixou-se cair sobre ela. Simplesmente se largou e ela o amparou.

— Joe — disse, depois de um tempo. — Está pensando em comprar a Empire Comics? Você tem um milhão de dólares?

Joe acenou com a cabeça que sim.

— E um caixão de lama — respondeu.

— Lama da Tchecoslováquia? — disse Tommy. — Posso pegar nela?

Joe concordou com um gesto de cabeça. Tommy tocou na poeira com uma ponta de dedo, como se fosse uma banheira cheia de água fria, e então enfiou a mão inteira até o pulso.

— É macia — disse. — É gostoso.

Começou a remexer a mão na sujeira, como se procurando algo. Claramente, não estava ainda a fim de desistir de sua caixa de surpresas.

— Não vai achar nada aí — disse Joe. — Desculpe, Tom.

Era estranho, pensou Joe, que a caixa pesasse muito mais, agora, do que quando o Golem ainda estava intacto. Indagou-se se outros detritos, detritos adicionais, foram acrescentados à carga original, mas isso parecia improvável. Então se lembrou de que Kornblum, aquela noite, tinha citado alguma sabedoria paradoxal sobre os golems, algo em hebraico no sentido de que era a alma inatural do Golem que lhe dera peso; liberado da alma, o Golem de terra era tão leve como o ar.

— Epa — disse Tommy. — Ei. — Sua testa se franziu; descobrira algo. Talvez as roupas do gigante tivessem se depositado no fundo da caixa.

Puxou um pequeno retângulo de papel manchado, com algumas palavras impressas num lado. Parecia familiar a Joe.

— Emil Kavalier — Tommy leu. — Endikron... endikrono...

— Meu pai — disse Joe. Pegou o velho cartão de visita de seu pai da mão de Tommy. Lembrou sua tipologia aracnídea e o desaparecido número de telefone. O cartão devia ter sido colocado, muito tempo antes, no bolso do paletó do imenso terno de Alois Hora. Enfiou a mão e pegou um punhado do lodo cor de pérola, sopesando-o, deixando cair por entre seus dedos, imaginando em que momento a alma do Golem havia reingressado no seu corpo ou se possivelmente haveria mais de uma alma perdida no meio de toda aquela poeira, fazendo com que ficasse tão pesada.

A subcomissão para investigar a Delinquência Juvenil da Comissão Judiciária do Senado instalou-se na cidade de Nova York nos dias 21 e 22 de abril de 1954, para analisar o papel desempenhado pelos negócios das revistas em quadrinhos na formação de crianças delinquentes. O depoimento oferecido pelas testemunhas no primeiro dia é muito mais conhecido. Entre os especialistas, editores e criminologistas convocados no dia 21, três se destacam — na medida em que as audiências chegam a ser lembradas — na memória do público. O primeiro foi o dr. Fredric Wertham, o considerável e bem-intencionado psiquiatra e autor de *Sedução dos inocentes*, que foi, moral e popularmente, a força motivadora por trás de toda a controvérsia sobre os efeitos perniciosos das revistas em quadrinhos. O doutor testemunhou longamente, às vezes com certa incoerência, mas digno o tempo todo e vivo, inflamado pelo seu ultraje. Imediatamente depois de Wertham veio William Gaines, filho do reconhecido inventor da revista em quadrinhos, Max Gaines, e editor da Entertainment Comics, cuja linha gráfica de revistas em quadrinhos de horror defendeu eloquentemente, mas com uma insinceridade fatal. Finalmente, naquele dia, a subcomissão ouviu uma sociedade de quadrinistas de jornais, representada por Walt Kelly, de *Pogo*, e pelo velho ídolo de Sammy, o grande Milton Caniff, que, com humor, sarcasmo e espirituoso desdém, entregou completamente seus colegas de pincel, oferecendo-os de bandeja para os senadores Hendrickson, Hennings e Kefauver para serem pública e merecidamente esmagados, caso os senadores se dignassem a isto.

Os acontecimentos do segundo dia de depoimentos, para o qual Sam Clay fora convocado, são menos conhecidos. Sammy teve o azar de depor depois de duas testemunhas extremamente relutantes. A primeira era um homem chamado Alex Segal, editor de uma linha de livros “educacionais” baratos que ele anunciava nas páginas traseiras das revistas em quadrinhos, que primeiro negou e depois admitiu que sua companhia vendera uma vez — *por um mero acidente* — para conhecidos pornógrafos, listas com os nomes e endereços de crianças que haviam respondido aos anúncios da sua companhia. A segunda testemunha relutante era um dos pornógrafos em questão, um perdedor estrábico quase comicamente evasivo e suando em profusão chamado Samuel Roth, que apelou para a Quinta Emenda

constitucional contra a autoincriminação e depois implorou que o liberassem, uma vez que estava indiciado por comércio de material obsceno pelo estado de Nova York. Quando Sammy se apresentou, portanto, a mentalidade da subcomissão estava exageradamente preocupada com questões de vício e imoralidade.

A porção-chave da transcrição dos procedimentos é reproduzida a seguir:

SENADOR HENDRICKSON: Sr. Clay, o senhor está familiarizado com os personagens de histórias em quadrinhos conhecidos como Batman e Robin?

SR. CLAY: Naturalmente, senador. São personagens muito conhecidos e de sucesso.

HENDRICKSON: Seria possível o senhor tentar caracterizar a relação entre eles para nós?

CLAY: Caracterizar? Desculpe-me... eu não...

HENDRICKSON: Eles vivem juntos, não é verdade? Numa grande mansão. Sozinhos.

CLAY: Creio que têm um mordomo.

HENDRICKSON: Mas eles não são, no meu entender pai e filho, não é verdade? Ou irmãos, ou tio e sobrinho, ou têm qualquer parentesco deste tipo.

SENADOR HENNINGS: Talvez sejam apenas bons amigos.

CLAY: Há muito tempo que não leio esta tira, senadores, mas ao que me lembre Dick Grayson, isto é, Robin, é descrito como sendo o pupilo de Bruce Wayne, isto é, Batman.

HENDRICKSON: Seu pupilo, sim. Existe um número de tais relações, no mundo dos quadrinhos de super-heróis, não existe? Como Dick e Bruce.

CLAY: Não sei exatamente, senhor. Eu...

HENDRICKSON: Deixe-me ver, não me lembro exatamente qual era a prova, sr. Clendennen, o senhor... obrigado.

O diretor executivo Clendennen exhibe a Prova 15.

HENDRICKSON: Batman e Robin. Arqueiro Verde e Ricardito. Tocha Humana e Centelha. Monitor e Liberty Kid. Capitão América e Bucky. Está familiarizado com algum destes?

CLAY: Hã, sim, senhor. Monitor e Liberty Kid foi minha criação por algum tempo, senhor.

HENDRICKSON: É mesmo? Você os inventou?

CLAY: Sim, senhor. Mas a tira foi extinta há uns oito ou nove anos, acredito.

HENDRICKSON: E o senhor criou outras duplas deste tipo ao longo dos anos, não criou?

CLAY: Duplas? Eu não...

HENDRICKSON: O... deixe-me ver... o Retificador e Pequeno Mack, o Menino da Lei. O Lenhador e o Garoto da Floresta. O Argonauta e Jasão. O Lobo Solitário e Filhote.

CLAY: Bem, estes personagens... o Retificador, o Lenhador, o Argonauta... eles já estavam, já tinham sido criados por outros. Simplesmente assumi os personagens, o senhor sabe, quando fui trabalhar com os respectivos editores.

HENDRICKSON: E o senhor imediatamente os dotou, não foi, de pupilos?

CLAY: Bem, é um procedimento padrão quando se tem uma tira que não está... que perdeu um pouco da sua força. Surge a necessidade de animar um pouco as coisas. O objetivo é atrair leitores. Crianças gostam de histórias sobre crianças.

HENDRICKSON: Não é verdade que o senhor tem uma reputação no campo das revistas em quadrinhos por ser particularmente chegado à camaradagem juvenil?

CLAY: Não tenho conhecimento... ninguém nunca...

HENDRICKSON: Sr. Clay, o senhor está familiarizado com a teoria do dr. Fredric Wertham, que testemunhou a respeito ontem, e à qual, devo dizer, me sinto inclinado a dar uma certa dose de crédito, tendo folheado algumas páginas das revistas em quadrinhos do Batman em questão na noite passada, que a relação entre Batman e seu pupilo é na verdade uma alegoria escassamente velada de inversão pedófila?

CLAY: [ininteligível]

HENDRICKSON: Desculpe, senhor, vai ter de...

CLAY: Não, senador, devo ter perdido aquela parte do depoimento...

HENDRICKSON: E o senhor não leu o livro, imagino.

CLAY: Ainda não, senador.

HENDRICKSON: Então o senhor nunca se deu conta, pessoalmente, portanto, de que ao equipar estes jovens sujeitos musculosos e robustos em malhas justas e mandá-los voando juntos pelos céus, o senhor estava de algum modo expressando, ou tentando disseminar suas próprias... propensões psicológicas.

CLAY: Receio que eu não... estas não são propensões com as quais eu esteja familiarizado, senador. Com o devido respeito, se posso afirmar, eu me ressinto...

SENADOR KEFAUVER: Pelo amor de Deus, senhores, vamos prosseguir.

Em toda a sua vida até esta tarde, Sammy só se embriagara uma vez, naquela casa grande num trecho varrido pelo vento da costa de Jersey, na noite antes do ataque a Pearl Harbor, quando ele caiu primeiro entre homens bonitos e, depois, maldosos. Então, como agora, foi algo que fez, mais do que tudo, porque parecia que esperavam aquilo de sua parte. Depois que o escrivão o liberou do seu juramento, ele se virou, sentindo como se os conteúdos de sua cabeça tivessem explodido igual ao licor de um ovo de Páscoa através de um furo de alfinete secreto, para encarar aquela sala cheia de americanos perplexos e aparvalhados. Mas antes que tivesse uma chance de ver se eles — tanto estranhos como amigos — desviariam a vista ou o olhariam de cima, deixariam cair o queixo de horror ou surpresa, ou acenariam com a cabeça, com afetação presbiteriana ou complacência urbana, porque haviam suspeitado o tempo todo que ele nutria aquele desejo obscuro de corromper a juventude, de passar o tempo na sua mansão senhorial com um jovem camarada, ambos vestindo paletós de smoking que combinavam; antes, em outras palavras, que tivesse uma oportunidade de começar a criar uma noção de quem e do que ele iria ser a partir de agora — Joe e Rosa o embrulharam numa combinação sequestradora de seus casacos e maços de jornais e o retiraram às pressas da Sala de Tribunal 11. Arrastaram-no através dos câmaras de televisão e dos fotógrafos de jornais, escada abaixo, cruzando a Foley Square até um restaurante de costeletas e até o bar, onde o ajeitaram com o cuidado de floristas diante de um copo de *bourbon* e gelo, tudo como se em obediência a algum antigo corpo estabelecido de protocolos, conhecido de qualquer pessoa civilizada, para ser seguido no caso em que um membro da família fosse publicamente identificado como um homossexual vitalício na televisão, por membros do Senado dos Estados Unidos.

— Vou querer o mesmo — pediu Joe ao barman.

— Sirva três — disse Rosa.

O barman estava olhando para Sammy, a sobranceira arqueada. Era um irlandês, mais ou menos da idade de Sammy, entroncado e careca. Olhou por sobre o ombro para a televisão na estante acima do bar; embora mostrasse apenas um anúncio da cerveja Ballantine, o aparelho parecia estar sintonizado no canal 11, WPIX, a estação que transmitira as audiências. O barman olhou para Sammy, com um

maldoso brilho irlandês no olhar.

Rosa pôs as mãos em concha de cada lado da boca.

— Alô! — disse. — Três *bourbons on the rocks*.

— Já ouvi — disse o barman, pegando três copos debaixo do balcão.

— E desligue esta TV, por favor.

— Por que não? — disse o barman com outro sorriso para Sammy.

— O show acabou.

Rosa puxou um maço de cigarros da bolsa, rasgou e tirou um.

— Os canalhas — disse ela. — Os canalhas. Os canalhas de merda.

Disse aquilo mais algumas vezes. Nem Joe nem Sammy pareciam ter mais nada a acrescentar. O barman trouxe seus drinques e eles os enxugaram rapidamente e pediram outra rodada.

— Sammy — disse Joe. — Sinto muito.

— Sim — disse Sammy. — OK. Está tudo certo. Estou bem.

— Como você está? — perguntou Rosa.

— Não sei, acho que estou bem.

Embora estivesse inclinado a atribuir aquela percepção ao álcool, Sammy notou que parecia não haver nenhuma emoção, pelo menos que pudesse nomear ou identificar, além do seu choque diante da súbita exposição e de sua descrença diante da maneira como tinha acontecido. Choque e descrença: um par de painéis pintados num cenário de cinema, além do qual havia um espaço vasto e desconhecido de arenito e lagartos no céu.

Joe colocou um braço ao redor dos ombros de Sammy. Do outro lado de Sammy, Rosa escorava-se contra ele e colocava sua cabeça na mão de Joe e suspirava. Ficaram sentados daquele jeito por um momento, apoiando-se um no outro.

— Não posso deixar de notar que não estou sentindo muita perplexidade da parte de vocês — disse Sammy, finalmente.

Rosa e Joe aprumaram-se na banquetta, olharam para Sammy, e então um para o outro nas costas dele. Ficaram corados.

— Batman e Robin? — disse Rosa, surpreendida.

— É uma mentira sórdida — disse Sammy.

Beberam mais uma rodada e então alguém, Sammy não sabia ao certo quem, disse que era melhor voltarem para Bloomtown, pois as caixas de Joe iam ser entregues hoje e Tommy chegaria da escola em menos de duas horas. Seguiu-se um movimento geral de casacos e cachecóis, uma palhaçada com notas de dólar e o gelo caindo de um dos drinques e então a certa altura Rosa e Joe notaram que estavam saindo do restaurante especializado em costeletas e que Sammy não estava com eles.

— Vocês dois estão bêbados demais para dirigir — disse Sammy, quando voltaram para apanhá-lo. — Peguem o trem na Estação Penn.

Eu levo o carro para casa depois.

Agora aconteceu, a primeira vez em que olharam para Sammy com algo próximo da dúvida, da desconfiança e da pena que ele temia ver nos seus rostos.

— Me deixem sozinho um pouco — disse ele. — Não vou fazer merda nenhuma, como jogar o carro no East River. Ou qualquer coisa do gênero.

Não se mexeram.

— Juro para vocês, está certo?

Rosa olhou para Joe de novo e Sammy se perguntou se não estavam simplesmente preocupados de que pudesse fazer alguma coisa para se machucar; talvez estivessem preocupados com que, assim que o deixassem, ele fosse para Times Square e tentaria pegar um marinheiro. E então Sammy se deu conta de que, afinal, podia fazer aquilo.

Rosa voltou até ele e desfraldou um abraço imenso que quase derrubou Sammy da banquetta. Falou no ouvido dele, seu hálito quente com um cheiro de cortiça queimada de *bourbon*.

— Vamos ficar bem — disse ela. — Todos nós.

— Eu sei — disse Sammy. — Vamos lá, gente. Eu vou só ficar sentado aqui. Vou esperar até ficar sóbrio.

Sammy acalentou sua bebida na hora seguinte, o queixo na palma das mãos, cotovelos no bar. O gosto marrom escuro e sardônico do *bourbon*, que no começo achara impalatável, agora não lhe parecia diferente daquele da língua na sua boca, dos pensamentos na sua cabeça, do coração batendo imperturbavelmente no seu peito.

Não tinha certeza do que o levou de repente a pensar em Bacon. Talvez fosse a lembrança reacesa daquela noite alcoólica em Pawtaw em 1941. Ou talvez fosse apenas a única dobra rosada que marcava a nuca ampla do barman. Durante anos, Sammy se arrependera de quase tudo do seu caso com Bacon, exceto, até agora, o seu sigilo. A necessidade de agir secreta e ocultamente era algo que sempre aceitara como uma condição necessária do amor e das sombras do amor, cada uma mais pálida e mais furtiva que a anterior. No verão de 1941, tinham muito a perder, com a vergonha e a ruína de serem expostos. Sammy não podia saber que um dia viria a encarar todas as coisas que o amor de um pelo outro pareciam colocar em tamanho risco — sua carreira no ramo dos quadrinhos, suas relações com a família, seu lugar no mundo — como os muros de uma prisão, um recinto sem ar e sem luz, do qual não havia esperança de escapar. Sammy há muito tempo deixara de valorizar a segurança que uma vez tanto relutara em arriscar. Agora, fora desmascarado, com Bruce e Dick, com Steve e Bucky, e Oliver Queen (tão óbvio!) e Ricardito e aquela segurança se fora para sempre. E agora nada havia a lamentar

senão sua própria covardia. Lembrou-se de como se despedira de Tracy na Estação Penn na manhã de Pearl Harbor, no compartimento de primeira classe do Broadway Limited, seu espetáculo de muda despedida comum de homens, o aperto de mão, o tapinha no ombro, cautelosamente desenhando e modulando seu comportamento embora não houvesse ninguém observando, tão agudamente sintonizados no perigo daquilo que poderiam perder que não foram capazes de perceber o que possuíam.

— Ei, chorona — falou o barman num tom de ameaça não muito fingida. — Não é permitido chorar neste bar.

— Desculpe — disse Sammy. Enxugou os olhos na ponta da gravata e fungou.

— Vi você na TV esta tarde — disse o barman. — E eu não sabia?

— Sabia?

O barman sorriu.

— Sabe, sempre achei estranho Batman e Robin.

— Achou?

— Sim. Obrigado por esclarecer a história.

— Você — disse uma voz atrás de Sammy. Sentiu a mão no ombro e virou-se para se ver encarando o rosto de George Debevoise Deasey. O bigode ruivo havia esmaecido e desbotado como a cor da parte interna de um pedaço de casca de maçã e os olhos por trás das lentes espessas estavam remelentos e ramificados com veias cor-de-rosa. Mas Sammy podia ver que eram animados pelo velho lampejo de malícia e indignação.

Sammy girou na sua banquetta e quase caiu e se abaixou até o chão. Não estava tão sóbrio quanto devia.

— George! O que é que você... onde estava? Você viu?

Deasey pareceu não ouvir Sammy. Seu olhar estava voltado para o barman.

— Sabe por que é que eles têm que foder um ao outro? — perguntou Deasey ao homem. Adquirira um ligeiro tremor de cabeça, pareceu a Sammy, o que lhe dava um ar ainda mais briguento.

— Como assim? — perguntou o barman.

— Eu disse: sabe por que Batman e Robin têm de foder um ao outro? — puxou a carteira e tirou uma nota de dez dólares, indiferente, preparando o arremate.

O barman sacudiu a cabeça, meio sorrindo, esperando algo bom.

— E então, por quê? — perguntou.

— Porque não podem ir se foder sozinhos. — Deasey jogou a nota no balcão. — Assim como você pode. Agora por que não faz alguma coisa útil e me traz um uísque de centeio e água e outro do que ele está tomando?

— Escute — falou o barman —, eu não tenho de ficar ouvindo esse

tipo de conversa.

— Então não ouça — disse Deasey, abruptamente, perdendo o interesse na discussão. Trepou na banquetta ao lado da de Sammy e deu um tapinha no assento que Sammy acabara de deixar. O barman relaxou por alguns segundos no frio do súbito vácuo de conversação que Deasey lhe deixara e então se mexeu e pegou dois copos limpos da prateleira do bar.

— Sente-se, sr. Clay — disse Deasey.

Sammy sentou-se, um pouco reverente diante de George Deasey, como sempre.

— Sim, eu estive lá, respondendo à sua pergunta — disse Deasey.

— Passava alguns dias na cidade. Vi que você estava em cartaz.

George Deasey deixara o negócio dos quadrinhos durante a guerra, para nunca mais voltar. Um velho companheiro de universidade o recrutara para algum tipo de trabalho de serviço secreto e Deasey mudara-se para Washington, permanecendo lá depois que a guerra acabou, fazendo coisas com homens como Bill Donovan e os irmãos Dulles que, nas poucas vezes em que Sammy topara com ele, nem se recusara nem concordara em discutir. Ainda se vestia excentricamente, com um dos ternos Woodrow Wilson que eram sua marca registrada, de flanela cinza com um colarinho de pastor e uma gravata-borboleta. Por alguns minutos, enquanto esperavam que o barman trouxesse seus drinques — e ele fez questão de se demorar — e então enquanto bebiam, Deasey não disse nada. Finalmente:

— É um navio que está afundando — disse. — Você devia agradecer que simplesmente o jogaram ao mar.

— Só que eu não sei nadar — disse Sammy.

— Ah, bem — disse Deasey levianamente. Terminou seu drink e fez sinal ao barman para trazer outro. — Diga, é verdade que meu velho amigo o sr. Kavalier voltou? A história fantástica que ouvi poderia ser verdadeira?

— Bem, ele não ia realmente pular — disse Sammy. — Se é isso que você ouviu. E ele não escreveu a carta. Foi tudo... meu filho... é uma longa história. Mas ele está morando em minha casa agora. Na verdade, acho que ele e minha mulher...

Deasey ergueu a mão.

— Por favor — falou. — Já ouvi muitos detalhes repugnantes sobre sua vida privada hoje, sr. Clay.

Sammy acenou com a cabeça; não ia discutir aquilo.

— Foi realmente um negócio, não foi? — disse.

— Oh, você se saiu bem, suponho. Mas achei o pornógrafo *extremamente* comovente. — Deasey virou-se para Sammy e lambeu os lábios, como se pensando se devia ou não abandonar o tom de zombaria. — Como é que você está se aguentando?

Sammy tentou de novo decidir como estava se sentindo.

— Quando ficar sóbrio — disse —, provavelmente vou querer me matar.

— Status quo para mim — disse Deasey. O barman deslizou outro copo de uísque de centeio à frente dele.

— Não sei — disse Sammy. — Acho que devia me sentir realmente muito mal. Envergonhado, ou sei lá o quê. Sabe que eu devia estar me sentindo do jeito que aquele babaca ali — e apontou para o barman — queria me fazer sentir. O que, imagino, é mais ou menos como venho me sentindo nos últimos dez anos da minha vida.

— Mas você não.

— Não, eu não. Eu me sinto — não sei qual seria a palavra apropriada. *Aliviado*, acho.

— Estou no ramo dos segredos há muito tempo, Clay — disse Deasey. — Ouça o que eu lhe digo, um segredo é uma espécie de corrente muito pesada. Não simpatizo muito com estas suas propensões. Na verdade, acho que são bem revoltantes, em particular quando imagino você pessoalmente se entregando a elas.

— Muito obrigado.

— Mas não ficaria surpreso se no final aquele senador C. Estes Kefauver e seus colegas lhe entregassem a sua chave de ouro.

— Meu Deus — disse Sammy. — Acho que você poderia estar certo.

— Claro que estou certo.

Sammy não podia sequer imaginar como seria viver um dia que não fosse alimentado ou deformado por uma mentira.

— Sr. Deasey, já estive em Los Angeles?

— Uma vez. Senti que eu podia ser extremamente feliz lá.

— Por que não volta?

— Estou velho demais para ser feliz, sr. Clay. Ao contrário do senhor.

— Sim — disse Sammy. — Los Angeles.

— E o que o senhor faria lá, eu me pergunto?

— Não sei. Talvez tentasse trabalhar na televisão.

— A televisão, sim — disse Deasey com um ar de desagrado. — Sim, você seria muito bom nisto.

Havia 102 caixas, afinal; foi o que disse o homem da companhia de mudança. Ele e seu parceiro tinham acabado de empilhar a última delas na garagem, ao redor e sobre o caixão que continha o resíduo perolado do Golem. Joe foi até a entrada da casa para assinar tudo; ele parecia um pouco engraçado a Tommy, com os cabelos revoltos ao vento e o rosto avermelhado. As fraldas da camisa estavam para fora das calças e saltava de pé em pé em suas meias. A mãe de Tommy observava da porta da frente. Havia tirado todas as suas roupas da cidade e voltara ao roupão. Joe assinou e rubricou todos os recibos onde era preciso e os homens da mudança partiram de volta para a cidade. Então Joe e Tommy foram até a garagem e ficaram olhando as caixas. Depois de algum tempo, Joe sentou-se e acendeu um cigarro.

— Como foi a escola?

— Vimos papai na TV — Tommy disse a Joe. — O sr. Landauer trouxe a sua TV para a sala de aula.

— Hã-hã — disse Joe, observando Tommy com uma estranha expressão no rosto.

— Ele estava... bem, estava suando muito — disse Tommy.

— Oh, não estava.

— Os garotos disseram que parecia suado.

— Que mais eles disseram?

— Foi tudo o que disseram. Posso ler suas revistas em quadrinhos?

— Claro — disse Joe. — São suas.

— Quer dizer que posso *ficar* com elas?

— Você é o único que quer as revistas.

Vendo os caixotes empilhados como tijolos na garagem, o garoto teve uma ideia; iria construir para si mesmo um Ninho do Escaravelho.^[20] Quando Joe voltou para a casa, Tommy começou a arrastar e a empurrar as pilhas aqui e ali e, depois de uma hora, conseguira transferir o espaço das beiras para o centro, fazendo um abrigo oco para si no coração da pilha, uma cabana de pinho cheia de lascas e de nós, aberta no topo para deixar entrar a luz do teto da garagem, aberta por uma pequena passagem cuja boca ele disfarçou com uma pilha facilmente removível de três caixotes. Feito isto, ele se pôs de mãos e joelhos no chão e rastejou sobre a barriga através do Tubo de Acesso Secreto até a Célula Profunda do Ninho do Escaravelho. Ficou sentado ali, mordendo um lápis, lendo revistas em

quadrinhos e pagando tributo inconsciente, no seu iglu solitário, aos túneis de gelo em que seu pai certa vez sofrera.

Sentado ali, mordendo a banda de metal do seu lápis, provocando um gosto eletromagnético de dor amarga na obturação de um molar, o Escaravelho reparou que um dos caixotes que formavam a parede do seu Ninho era de certa forma diferente dos demais: escurecido pelo tempo, cheio de lascas, com um ar mais esguio do que os outros caixotes na horda de Joe. Rolou de joelhos e aproximou-se dele. Reconheceu-o. Ele o tinha visto mil vezes antes da chegada das coisas de Joe; jogado debaixo de uma lona nos fundos da garagem, com um bando de outras velharias — um fabuloso mas tristemente defunto toca-discos automático Capehart, uma inexplicável caixa cheia de pentes de homens. O caixote tinha uma tampa frouxa de tábuas de persiana, grosseiramente presa com alças de arame grosso e um fecho do mesmo arame retorcido, amarrado com uma porção de barbante verde. Palavras em francês e o nome da França estavam estampados, ou talvez queimados, nas suas laterais; adivinhou que devia ter sido uma caixa de vinho.

Para qualquer menino, particularmente um cuja crônica era contida no som de uma sala cheia de adultos que caíam no silêncio de repente, os conteúdos da caixa de vinho, ossificada pela poeira e pelo tempo numa espécie de unidade sólida de olvido, teria parecido um tesouro. Com a precisão de um arqueólogo, cioso de que teria de colocar tudo de volta assim como encontrara, ele separou as camadas, uma a uma, inventariando os sobreviventes casuais da sua pré-história.

1) Um exemplar do primeiro número de *Radio Comics*, enfiado dentro de uma pasta escolar de celofane de um verde translúcido. Suas páginas tinham amarelado e, pegando a revista na mão, parecia volumosa e inchada. Era a própria fonte, o coração latente do odor de cobertor velho que exalava da caixa.

2) Outra pasta de celofane verde, cheia de recortes de jornal, notas de divulgação e anúncios publicitários sobre o avô de Tommy, o famoso homem forte do vaudeville chamado de Molécula Maravilha. Recortados de jornais de todas as partes dos Estados Unidos, a tipografia esquisita, o estilo de escrita enrolado e difícil de acompanhar, cheio de gíria obscura e de alusões a canções e celebridades esquecidas. Algumas fotografias de um homenzinho vestindo apenas calções, cujo corpo musculoso tinha um ar denso, almofadado, como o de Buster Crabbe.

3) Um desenho, dobrado e caindo aos pedaços, do Golem, mais entroncado, com um ar mais rural do que aquele do épico de Joe, usando botas ferradas, caminhando por uma rua iluminada pela

lua. Os traços, embora reconhecesse como sendo de Joe, eram mais em forma de esboço, mais inseguros, como os do próprio Tommy.

4) Um envelope contendo o canhoto de uma entrada de cinema e uma fotografia granulada e amarelecida, cortada de um jornal, da glamourosa atriz mexicana Dolores Del Rio.

5) Uma caixa de papel de correspondência não usado com o timbre de Kavalier & Clay, de pouco antes da guerra, o cabeçalho um encantador retrato de grupo de todos os personagens, superpovoados ou não — Tommy reconheceu com certeza só o Escapista, o Monitor e a Mariposa Luna — que a dupla Kavalier & Clay criara naqueles dias.

6) Um envelope em papel-pardo contendo uma grande foto preto e branco de um bonito homem com cabelos que brilhavam como uma lâmina de cromo moldado. A boca era uma linha fina e rígida, mas os olhos guardavam uma reserva de deleite, como se estivesse para romper num sorriso. Seu maxilar era quadrado, o queixo fendido. No canto inferior direito da foto uma inscrição, assinada *Tracy Bacon*, escrita numa caligrafia grande e redonda: *Para o homem que me criou num sonho, com afeto.*

7) Um par de pesadas meias de lã com dedos laranjas, num envelope de papelão impresso com duas bandas brilhantes alaranjadas. Entre as bandas, uma pintura de um fogo feliz numa lareira rural e a palavra KO-ZEE-TOS em grandes letras alaranjadas.

E então, dobrada, retorcida e perdida no fundo da caixa, uma tira de quatro fotos, tirada numa cabine operada por moedas, de sua mãe e de Joe — rindo, surpreendidos pelo flash; todos cheios de línguas e olhos esbugalhados; com suas faces e têmporas coladas; e então se beijando, um beijo heroico de pálpebras pesadas como duas pessoas num cartaz de cinema. Nas fotos, pareciam absurdamente magros e jovens, e tão estereotipicamente apaixonados que era óbvio até para Tommy, um menino de 11 anos que nunca antes em sua vida olhara para duas pessoas e tivera o pensamento consciente: *Estas duas pessoas estão apaixonadas.* Como por mágica, ouviu suas vozes, sua risada, e então a maçaneta girando e o ranger das dobradiças da porta. Rapidamente, começou a recolocar as coisas que tinha tirado da caixa.

Podia ouvir seus lábios se encontrando e se separando com um som pegajoso; o ranger de seus dentes ou dos botões de suas roupas.

— Tenho de trabalhar — disse sua mãe finalmente. — “O amor fez de mim um peão.”

— Ah — disse ele. — Autobiografia.

— Cale a boca.

— Que tal se eu fizer o jantar? — falou. — Para que você possa

continuar trabalhando?

— Ei, isto seria ótimo. Inaudito. Talvez deva tomar cuidado, eu podia me acostumar.

— Acostume-se.

Estas duas pessoas estão apaixonadas.

— Já falou com Tommy? — disse ela.

— Mais ou menos.

— *Mais ou menos?*

— Ainda não encontrei o momento certo.

— Joe. Você tem de contar a ele.

A pasta cheia de memórias da carreira do Molécula Maravilha escapou da mão de Tommy. Fotografias e recortes voaram para toda parte e quando tentava juntá-los, bateu no caixote e sua tampa caiu com um estalido de lascas.

— O que foi isto?

— Tommy? Oh, meu Deus. Tommy, você está aqui?

Ficou sentado no fundo escuro do seu santuário, agarrando a tira de fotografias contra o peito.

— Não — falou, sabendo que foi, sem dúvida, a coisa mais patética que já dissera na sua vida.

— Deixe-me ajudar — ouviu Joe dizer. Houve um arrastar de caixotes, alguns grunhidos e a cabeça de Joe surgiu na Célula Profunda. Tinha conseguido entrar pela passagem serpenteando de barriga. Apoiou-se nos cotovelos com os braços colados ao peito. De perto, seu rosto estava manchado e seus cabelos cheios de capim-das-hortas e bocas-de-leão.

— Ei — disse ele. — Olá.

— Olá.

— Que está fazendo?

— Nada.

— Então — disse Joe. — Acho que você ouviu algumas coisas aqui fora.

— Sim.

— Posso entrar? — Era sua mãe.

— Não acho que tenha espaço, Rosa.

— Claro que tem.

Joe olhou para Tommy.

— O que é que você acha?

Tommy encolheu os ombros e acenou com a cabeça. Joe arrastou-se todo para o fundo encolheu-se e dobrou-se num dos cantos da Célula, seus quadris apertados contra os de Tommy. A cabeça da mãe de Tommy apareceu, seus cabelos apressada e imperfeitamente atados com um lenço, os lábios aparecendo através do seu batom. Tommy e Joe estenderam cada um uma mão e a puxaram para dentro e ela

sentou-se e suspirou, feliz, e disse “Bem”, como se todos estivessem instalados juntos sobre um cobertor na sombra ao lado de um regato ensolarado.

— Eu ia justamente contar uma história a Tommy — disse Joe.

— Hã-hã — disse Rosa. — Vá em frente.

— Não é uma coisa que eu... estou mais acostumado a fazer com... usando imagens, sabe? — Engoliu, estalou as juntas dos dedos e respirou fundo. Deu um sorriso leve e pequeno e tirou uma caneta do bolso da camisa. — Talvez eu devesse desenhar, ah-ah.

— Já vi as fotos — disse Tommy.

Sua mãe inclinou para olhar com Joe as duas pessoas que eles tinham sido.

— Oh, meu Deus — disse ela. — Eu me lembro disto. Foi naquela noite que levamos sua tia ao cinema. No saguão do Loew’s Pitkin.

Juntaram-se um pouco mais e então Tommy repousou a cabeça no colo da mãe. Ela acariciou seus cabelos e ele escutou enquanto Joe falava por algum tempo, sem convencer muito, sobre as coisas que você fazia quando era jovem e os erros que cometia e o irmão morto em cuja homenagem deram o nome a Tommy, aquele garoto desafortunado e inimaginável, e como tudo fora diferente então, porque havia uma guerra em andamento, diante do que Tommy observou que também tinha havido uma guerra, até recentemente, na Coreia, e Joe replicou que era verdade e foi então que ele e Rosa repararam que o menino não estava mais ouvindo nada do que lhe contavam. Estava apenas ali, no Ninho do Escaravelho, segurando a mão do pai, enquanto sua mãe afastava as franjas da sua testa.

— Acho que estamos bem — disse Joe finalmente.

— OK — disse Rosa. — Tommy? Você está OK? Entendeu tudo isto?

— Acho que sim — disse o menino. — Só que.

— Só que o quê?

— Só que... e o *papai*?

Sua mãe suspirou e disse a ele que iam resolver a situação.

Sammy entrou pela casa. Passava da meia-noite, estava sóbrio como uma lápide e em seus bolsos havia bilhetes de trem para o Broadway Limited e o City of Los Angeles. Avistou uma luz na sala de estar e viu que Joe tinha adormecido na poltrona com um de seus velhos e empoeirados livros sobre a Cabala ou o que quer que fosse — o volume IV das *Lendas dos judeus* de Ginzberg — emborcado como uma tenda sobre o seu colo. Uma garrafa pela metade de Piels estava numa bandeja de ráfia na mesinha ao seu lado. Quando Sammy entrou, Joe despertou um pouco e mexeu-se na cadeira, erguendo a mão para proteger os olhos do brilho da lâmpada. Exalava um cheiro rançoso e sonolento de cerveja e cinza.

— Ei.

— Ei — disse Sammy. Foi até Joe e colocou uma mão no seu ombro. Massageou os músculos ali; eram enodoados e rijos. — Está todo mundo bem? Tommy está bem?

— Mmm — Joe acenou com a cabeça e voltou a fechar os olhos. Sammy apagou a luz. Foi até o sofá, pegou uma colcha pêssogo e mostarda — uma das poucas coisas que sua mãe jamais tricotara e o único vestígio dela em sua vida — levou-a até a poltrona e colocou-a sobre Joe, com o cuidado de cobrir os dedos alaranjados nas meias de Joe.

Em seguida, Sammy caminhou pelo corredor e entrou no quarto de dormir de Tommy. Na réstia da luz do corredor, podia ver que Tommy tinha se deslocado, no seu sono, para o canto da cama e estava com o rosto esmagado contra a parede. Chutara todas as roupas de cama; vestia um pijama azul pálido com debruns brancos nas lapelas e nos punhos (Sammy, naturalmente, tinha um par igual). Tommy dormia muito profundamente e, mesmo depois que Sammy afastou sua cabeça da parede, o garoto continuou fungando e se mexendo, sua respiração tão rápida que soava quase como o arquejo de um cachorro. Sammy começou a puxar as cobertas sobre ele. Então parou e ficou ali olhando Tommy, amando-o e sentindo o usual espasmo de vergonha ao perceber que só quando observava o menino dormir é que se sentia mais um pai, ou na verdade, mais feliz de ser um pai.

Fora um pai indiferente, melhor do que o seu, talvez, mas isto era dizer muito pouco. Quando Tommy ainda era um peixinho desconhecido dentro de Rosa, Sammy decidira que nunca o deixaria se

sentir abandonado, nunca o abandonaria e, até agora, até esta noite, conseguira manter a promessa, embora houvesse ocasiões — a noite em que resolveu aceitar o emprego na Quadrinhos Gold Star, por exemplo — em que a coisa fora difícil. Mas a verdade era que, apesar de todas as suas intenções nobres, sem contar as horas em que o menino dormia, Sammy tinha perdido toda a sua infância. Como muitos meninos, Sammy supunha, Tommy enfrentara a maior parte do seu crescimento quando o homem que chamava seu pai não estava por perto, nos espaços entre suas horas comuns pouco frequentes. Sammy se perguntara se a indiferença que atribuíra ao seu próprio pai não seria, afinal, o traço peculiar de um homem, mas uma característica universal dos pais. Talvez os “pupilos juvenis” que rotineiramente destinava aos seus heróis — uma propensão que, a partir daquele dia, entraria para o folclore dos quadrinhos e o perseguiria pelo resto da vida — representassem a expressão não de uma falha em sua natureza, mas um anseio mais profundo e mais universal.

O dr. Fredric Wertham era um idiota; era óbvio que Batman não tencionava, consciente ou inconscientemente, desempenhar o papel de corruptor de Robin: ele devia preencher a função de seu *pai* e, por extensão, dos pais ausentes, indiferentes, omissos, dos meninos leitores de histórias em quadrinhos nos Estados Unidos. Sammy desejava ter tido a presença de espírito para dizer à subcomissão que o acréscimo de um companheiro juvenil à tira de um herói fantasiado garantia um aumento em sua circulação de 22%.

Mas que importância tinha aquilo? Era melhor não ter de enfrentar mais nenhuma luta; estava tudo acabado. Não tinha outra escolha senão se libertar.

No entanto, não parecia conseguir sair do quarto de Tommy. Ficou parado ali ao lado da cama por uns cinco minutos, passando em revista a história do sono neste quarto, dos dias em que o bebê jazia de bruços no centro de um berço de metal esmaltado, as pernas enfiadas debaixo do corpo, seu bumbum inchado pelas fraldas apontando para o ar. Lembrava-se de um período que Rosa denominara de “os chilikques noturnos”, quando Tommy tinha dois ou três anos, de como o menino acordava, noite após noite, gritando como se estivesse sendo escorchado e cego de horror diante do que quer que estivesse vendo em seus sonhos. Tinham tentado uma luz noturna, uma garrafa, uma canção, mas acabou que a única coisa que o acalmava era ter Sammy na cama com ele. Sammy afagava os cabelos do menino até seu punho doer, ouvindo o tumulto da sua respiração, até que ambos despencavam no sono. Aquele foi o ponto alto de sua carreira como pai; acontecera, também, no meio da noite, quando o garoto estava dormindo.

Tirou os sapatos e deitou na cama. Rolou para o lado, repousou

sobre as costas e dobrou as mãos debaixo da cabeça para fazer um travesseiro. Talvez pudesse simplesmente ficar ali por um tempo, antes de ir procurar sua mala na garagem. Reconheceu que havia algum perigo de adormecer — fora um dia longo e estava morrendo de cansaço — o que estragaria seu plano de sair esta noite, antes que houvesse qualquer discussão sobre sua partida. E não estava suficientemente convencido da justeza de sua decisão para dar a Rosa ou Joe ou a qualquer outro a chance de tentar dissuadi-lo. Mas se sentia muito bem, deitado ao lado de Tommy ouvindo-o dormir de novo, depois de tanto tempo.

— Oi, papai — disse Tommy, grogue, parecendo confuso.

— Oi — Sammy saltou. — Olá, filho.

— Você pegou o macaco?

— Que macaco é este, filho? — disse Sammy.

Tommy fez um círculo com a mão, impaciente de ter de explicar tudo de novo.

— O macaco com a coisa. Com a espátula.

— Não — disse Sammy. — Lamento. Ele ainda está à solta.

Tommy acenou com a cabeça.

— Vi você na TV — disse, parecendo mais desperto agora.

— Sim?

— Você estava bem.

— Obrigado.

— Mas parecia um pouco suado.

— Eu estava suando como um porco, Tom.

— Papai?

— Sim, Tom?

— Está me espremendo.

— Desculpe — disse Sammy. Afastou-se alguns centímetros de Tommy. Ficaram deitados ali; Tommy virou-se com um pequeno grunhido de aborrecimento ou exasperação.

— Papai, você é muito grande para esta cama.

— OK — disse Sammy, erguendo-se. — Boa noite, Tom.

— Boa noite.

Sammy seguiu pelo corredor até seu quarto. Rosa gostava de dormir num quarto muito escuro, com as persianas fechadas e as cortinas puxadas e não foi sem alguns tropeços e apalpadelas que Sammy encontrou o caminho até o vestiário. Fechou a porta atrás de si e puxou o cordão da luz. Rapidamente pegou uma valise branca de couro arranhada e a encheu com o que havia nos cabides e nas gavetas do armário embutido. Escolheu roupas para o clima quente: camisas de popelina e ternos tropicais, um colete, roupas de baixo, calções, meias e ligas, gravatas, um calção de banho, um cinto marrom e outro preto, enfiando tudo na valise, com uma pressa

indiscriminada e descuidada. Quando terminou, apagou a luz com um puxão e pisou no quarto, atordoado pelas geometrias inquietantes do tapete persa que enchiam os seus olhos. Achou de novo o caminho até o corredor, congratulando-se por não ter acordado Rosa e esgueirou-se até a cozinha. Ia só fazer um sanduíche, pensou. Sua cabeça já estava engajada na composição do bilhete que ia deixar.

Quando chegou a alguns metros da cozinha, porém, sentiu o cheiro de fumaça.

— Você me surpreendeu de novo — disse ele.

Rosa estava sentada de roupão, com sua água quente de limão, seu cinzeiro e as ruínas de um bolo inteiro à sua frente. A luminescência noturna de Bloomtown, composta de luzes da rua, lâmpadas de varandas, faróis de carros que passavam, o lustre da rodovia estadual e o brilho difuso das nuvens baixas da grande cidade a cem quilômetros de distância, entrava pelas cortinas pontilhadas e banhava a chaleira, o relógio e a torneira gotejante da pia da cozinha.

— Está com uma mala — disse Rosa.

Sammy olhou para a valise como se para confirmar a afirmação dela.

— É verdade — disse, soando um pouco surpreso até para seus próprios ouvidos.

— Está indo embora.

Ele não respondeu.

— Acho que isto faz sentido — disse ela.

— Não faz? — disse ele. — Quero dizer, pense nisto.

— Se é o que quer fazer. Joe ia tentar convencê-lo a ficar. Tem um plano ou outro. E, naturalmente, tem Tommy.

— Tommy.

— Você vai partir o coração dele.

— Isto aí é bolo? — disse Sammy.

— Por algum motivo fiz um bolo de beterraba, com glacê de suspiro.

— Está bêbada?

— Tomei uma garrafa de cerveja.

— Você gosta de cozinhar quando está bêbada.

— Por que será? — Ela deslizou para o outro lado da mesa os restos revirados do bolo de beterraba com glacê de suspiro. — Por algum motivo — disse — também me senti compelida a comê-lo quase todo.

Sammy foi até a gaveta da cozinha e pegou um garfo. Não tinha a menor fome quando se sentou, mas comeu um bocado do bolo e antes que pudesse parar tinha terminado o que restava. O glacê de suspiro estalou e derreteu na sua boca. Rosa levantou-se e serviu-lhe um copo de leite e então ficou por trás dele enquanto bebia, acariciando os

cabelos da sua nuca.

— Você não falou — disse Sammy.

— Não falei o quê?

— O que você quer que eu faça.

Recostou-se para trás, encostando a cabeça na barriga dela. Sentiu-se cansado de repente. Planejava sair imediatamente, tornar sua partida mais fácil, mas agora se perguntava se não devia esperar até o amanhecer.

— Sabe que quero que fique — disse ela. — Espero que saiba isto. Por Deus, Sammy, gostaria mais do que tudo.

— Para provar algo, é o que você está dizendo.

— Sim.

— Para provar que ninguém pode nos ensinar como devemos viver, e tudo mais, e que cuidem de sua própria vida. Simplesmente assim.

Parou de afagar seus cabelos. Ele sentiu que ela ouvira um certo ar de sarcasmo no seu tom, embora não estivesse se sentindo nada sarcástico e, na verdade, a admirava pelo que era e pelo que sempre estivera disposta a fazer por ele.

— Acontece — disse ele — que tem outra coisa que preciso provar.

Ouviram uma tosse, viraram-se e viram Joe de pé à porta, os cabelos desgrehados, a boca aberta, tentando piscar para longe algo que não desejava ver.

— Ele está... você não está *partindo*?

— Por alguns tempos — disse Sammy. — Pelo menos.

— Para onde está indo?

— Estava pensando em Los Angeles.

— Sammy — disse Joe, dando um passo algo ameaçador na direção de Sammy. — Com os diabos, você *não pode*.

Sammy afastou-se um pouco para trás e ergueu os braços, como se para conter seu velho amigo.

— Vamos com calma, Joe. Aprecio o sentimento, mas eu...

— Não é um sentimento, seu idiota. Depois que deixei você esta manhã fui lá e fiz uma oferta pela Empire Comics. Para comprar. E Shelly Anapol aceitou.

— O quê? Uma oferta? Joe, você está *maluco*?

— Você disse que tinha algumas *ideias*. Que se sentia motivado de novo.

— Sim, eu tinha, mas... quero dizer. Jesus, como podia ir em frente e fazer isto sem me consultar?

— É o meu dinheiro — disse Joe. — Você não tem nada a ver com isto.

— Hã — disse Sammy e então de novo: — Hã. Bem. — Estirou-se e bocejou. — Talvez eu pudesse escrever as histórias lá e mandá-las pelo

correio para você. Não sei. Vamos ver. Estou muito cansado para isto agora, OK?

— Bem, não vai partir esta noite, Sam, não seja maluco. É muito tarde. Não tem nenhum trem para você pegar.

— Fique até de manhã, pelo menos — apoiou Rosa.

— Acho que vou dormir no sofá — disse Sammy.

Rosa e Joe olharam um para o outro, assustados, alarmados.

— Sammy, Joe e eu não estamos... não é por isto que... nós não estamos...

— Eu sei — disse Sammy. — O sofá está muito bem. Não precisa nem trocar os lençóis.

Rosa falou que, mesmo que Sammy estivesse preparado para embarcar numa vida de vagabundo, não havia, com os diabos, motivo nenhum para que começasse esta sua nova carreira na casa dela. Foi até o armário de roupa branca e pegou lençóis novos e uma fronha. Pôs de lado a pilha da roupa de cama usada de Joe e colocou as novas, enfiando e amaciando e puxando a coberta para expor o reverso do lençol floral numa dobra diagonal bem dobrada. Sammy ficou ao redor dela, comentando como aquilo parecia convidativo depois do dia que tivera. Quando ela o deixou sentar-se, ele se jogou no sofá, tirou os sapatos e então se deitou com o suspiro feliz de um homem dolorido se enfiando num belo banho quente.

— Isto está me parecendo muito estranho — disse Rosa. Estava segurando a fronha cheia dos velhos lençóis de Joe numa mão, como um saco, e enxugando as lágrimas em seus olhos com a outra.

— Foi estranho o tempo inteiro — disse Sammy.

Ela concordou com um gesto de cabeça. Então passou para Joe o saco de roupa de cama suja e seguiu para o corredor. Joe ficou parado ao lado do sofá por um tempo, olhando para Sammy com uma expressão perplexa, como se tentando refazer um de cada vez, os passos do esperto feito de substituição que Sammy acabara de executar.

Quando a casa acordou na manhã seguinte, bem cedo, as roupas de cama tinham sido retiradas do sofá e estavam dobradas sobre a mesa de centro com o travesseiro equilibrado no topo, e Sammy com sua mala já tinham partido há muito tempo. Em vez de um bilhete ou outro gesto de despedida, ele deixou apenas, no centro da mesa da cozinha, o pequeno cartão que lhe fora dado em 1948, quando adquiriu o terreno em que a casa repousava agora. Estava enrugado e com os cantos dobrados e desbotado pelas manchas de longos anos passados na carteira de Sammy. Quando Rosa e Joe o apanharam, viram que Sammy pegara uma caneta e riscara o nome da família nunca-além-de-teórica que estava impresso acima do endereço e, no seu lugar, havia escrito, emoldurado num retângulo negro, envolto

pelo laço firme de um floreio, as palavras KAVALLIER & CLAY.

NOTA DO AUTOR

Sou grato a Will Eisner, Stan Lee e em particular ao saudoso Gil Kane por partilharem suas reminiscências da Época de Ouro e também a Dick Ayers, Sheldon Moldoff, Martin “Green Lantern” Nodell e a Marv Wolfman e Lauren Shuler Donner por me proporcionarem apresentações a alguns destes brilhantes criadores. Agradeço também a Richard Bensam e a Peter Wallace por suas opiniões de especialistas. Roger Angell, Kenneth Turan, Cy Voris, Rosemary Graham, Louis B. Jones, Lee Skirboll e o heroico Douglas Stumpf todos me beneficiaram com sua generosidade e inteligência lendo provas ou porções deste livro ao longo do caminho. Sou agradecido também a Eugene Feingold, Ricki Waldman, Kenneth Turan e Robert Chabon pelas memórias de suas infâncias em Nova York; a Russell Petrocelli, coordenador do Trânsito de Nova Jersey; e aos antigos e atuais membros da Kirby Mailing List.

Gostaria de agradecer à MacDowell Colony por proporcionar as dádivas mágicas de espaço, tempo e quietude, e ao Fundo Lila Wallace-Reader’s Digest por seu apoio.

A pesquisa para este romance foi realizada basicamente na Biblioteca Memorial Doheny na Universidade do Sul da Califórnia, na Biblioteca da Universidade da Califórnia / Los Angeles, na Biblioteca Bancroft da Universidade da Califórnia / Berkeley, na Biblioteca McHenry na Universidade da Califórnia / Santa Cruz e na Sociedade Histórica de Nova York.

Tentei respeitar a história e a geografia sempre que servissem aos meus propósitos como romancista, mas quando isto não aconteceu, alegremente ou com pesar, as ignorei.

Apoiei-me também no trabalho anterior de muitos escritores, mas acima de tudo naquele dos autores coletivos do *New York City Guide* de 1939 do WPA (Works Progress Administration) (John Cheever e Richard Wright entre eles), e no trabalho de E.J. Kahn, Jr., Brendan Gill, E.B. White, A.J. Liebling, Joseph Mitchell, St. Clair McKelway e todos os grandes retratistas urbanos, muitos deles anônimos, que nunca me falharam quando saí a pesquisar sobre sua cidade perdida em empoeirados volumes encadernados de números antigos de *The New Yorker*. Outros livros proveitosos e indispensáveis foram: *Letters from Prague: 1939-1941*, compilado por Raya Czerter Schapiro e Helga Czerter Weinberg, *The Nightmare of Reason*, de Ernst Pawel, e *Elder of the Jews*, de Ruth Bondy; *The World Almanac and Book of Facts*

for 1941, editado por E. Eastman Irvine, *No Ordinary Time*, de Doris Kearns Goodwin, *The Glory and the Dream*, de William Manchester, *The Lost World of the Fair*, de David Gelernter, e *Delivered from Evil*, de Robert Leckie; *The Secrets of Houdini*, por J.C. Cannell, *Blackstone's Modern Card Tricks*, por Harry Blackstone; *Professional Magic Made Easy*, de Bruce Elliot, *Houdini on Magic*, por Harry Houdini, *Houdini: The Man Who Walked Through Walls*, de William Lindsay Gresham, e *Houdini!!!*, de Kenneth Silverman; *Little America* e *Discovery*, ambos de Richard E. Byrd, *A History of Antarctic Science*, de G.E. Fogg, *The White Continent*, de Thomas R. Henry, *Quest for a Continent*, de Walter Sullivan, e *Antarctic Night*, de Jack Bursey; *New York Panorama*, do Federal Writers Project do Works Progress Administration (WPA), *The Empire State Building*, de John Tauranac, *The Gay Metropolis, 1940-1996*, de Charles Kaiser e *The Encyclopedia of New York City*, editada por Kenneth T. Jackson; *The Great Comic Book Heroes*, de Jules Feiffer, *All in Color for a Dime*, de Dick Lupoff e Don Thompson, *The Great Comic Book Artists* e *Great History of Comic Books*, ambos de Ron Goulart, *Superhero Comics of the Golden Age: The Illustrated History*, de Mike Benton, *The Art of the Comic Book*, de Robert C. Harvey, e *The Comic Book Makers*, de Joe Simon com Jim Simon; *On the Kabbalah and its Symbolism*, de Gershom Scholem, e *Gates to the Old City*, de Raphael Patai; *The Big Broadcast*, de Frank Buxton e Bill Owen, *Don't Touch That Dial*, de J. Fred MacDonald e *The Book of Practical Radio*, de John Scott-Taggart; bem como os seguintes sites na Internet: *Lev Gleason's Comic House*, de Michael Norwitz, *Houdini Tribute*, de Bob King (<http://www.houdintribute.com>) e *Levittown: Documents of an Ideal American Suburb*.

Procurei ficar à altura dos elevados níveis da notável Mary Evans por quase 15 anos e só à medida que eles forem alcançados posso ficar satisfeito com esta obra. Kate Medina abençoou esta viagem quando eu nada mais tinha além de um mapa fictício para me guiar e amarrou-me ao leme quando os mares ficaram tormentosos. Sou agradecido a David Colden por ter dado um tremendo susto em Sheldon Anapol. Sou grato a Scott Rudin, por sua paciência e fé, a Tanya McKinnon, Benjamin Dreyer, E. Beth Thomas, Meaghan Rady, Frankie Jones, Alexa Cassanos e Paula Shuster. E, eternamente, a Ayelet Waldman, por inspirar, nutrir e resguardar, de mil maneiras, cada palavra deste romance, até o seu ponto final.

Finalmente, quero reconhecer a profunda dívida que tenho, neste livro e em tudo o mais que já escrevi, para com a obra do saudoso Jack Kirby, o Rei dos Quadrinhos.

NOTAS

[1] A memória ainda fresca de Harry Houdini no pensamento dos americanos 13 anos depois de sua morte — do seu mito, de suas habilidades misteriosas, do seu físico, seus feitos, sua dedicada caça e denúncia dos fraudadores e dos impostores — é uma fonte negligenciada da ideia do super-herói em geral; um argumento a seu favor, por assim dizer.

[2] Em 1998, a filial de Nova York da Sotheby's ofereceu uma cópia rara de *Quadrinhos dos Maravilhosos Rádios Miniaturas #1* em muito boa condição. O lance mínimo foi fixado em dez mil dólares. Os grampos estavam brilhantes, os cantos da revista perfeitos, suas páginas brancas como teclas de piano. A capa tinha uma longa dobra transversal, mas depois de mais de meio século — três gerações removidas agora daquele ano nervoso naquela cidade brutal e, no entanto, ainda inocente — a exultação e a raiva encarnadas no muro decisivo de Kavalier ainda impressionavam. Foi vendido, depois de acirrada disputa, por \$ 42.200.

[3] “Combatendo o Fascismo de Ceroulas”, número de 17 de agosto de 1940.

[4] Frege, um socialista, esquiador alpino e, como Love, erudito em Rhodes (tinham se conhecido no Trinity College), foi destituído do seu título de campeão nacional alemão de esqui e sentenciado a Dachau por “ato de depravação” na estação ferroviária de Munique.

[5] Esta lendária biblioteca de automortificação foi perdida e considerada amplamente apócrifa, até 1993, quando um de seus volumes, *Advogado Original #23*, apareceu numa loja da IKEA em Elizabeth, Nova Jersey, onde servia, mudo, como uma peça de decoração de aspecto digno numa unidade de parede “Hjörp” na sala de mostruário. Está assinado pelo autor e leva a inscrição, provavelmente espúria, mas fascinante, *Para meu chapá Dick Nixon*.

[6] Duas semanas depois que a matéria de Kahn apareceu em *The New Yorker*, dando algumas particularidades da situação de Josef Kavalier e de sua família, Kahn repassou a Joe um cheque de doze dólares, outro de dez, e uma carta de uma sra. F. Bernhard da rua 96 Leste oferecendo-se para lhe preparar uma refeição caseira de schnitzel e knödeln. É provável que Joe nunca tenha aceitado a oferta. Mas os registros indicam, porém, que os cheques foram depositados.

[7] Dava provavelmente na mesma. O homem era Max Ernst, não meramente um artista cuja obra Joe admirava, mas um antifascista engajado, inimigo público dos nazistas, e companheiro de exílio.

[8] *Radio, Só Garotas e Liberdade*.

[9] Os Libertadores, cujas vendas, durante os anos da guerra, rivalizaram com as do próprio Escapista, eram quatro garotos adolescentes, Kid Einstein, Dedos de Aço (conhecido afetuosamente como “Dedos”) O’Toole, Tommy Gunn e Resmungão, uma gangue de Hooligans-de-Beco-sem-Saída que se arrependera e abandonara as brigas de rua e os chapéus-coco cor-de-rosa em troca da luta contra a Ameaça do Eixo e de roupas combinadas de malha de baixo tricolor.

[10] Trinta anos depois, quando este trabalho foi finalmente reimpresso, Os

estranhos mundos da Mariposa Luna (Nostalgia Press, 1970; segunda edição, Pura Imaginação, 1996) rapidamente se tornou um best-seller em *head-shops*.

[11] Perdida.

[12] *Gargantua e Pantagruel* e possivelmente *Vathek*.

[13] Sammy gostava de contar a história de um jovem artista faminto chamado Roy Lichtenstein que um dia entrara no seu escritório na Pharaoh em busca de emprego. Não há provas, porém, de que a história seja verdadeira.

[14] *O Salto da Ponte de Paris de 1921: Uma Memória de Hardeen*, Nova York; edição particular, 1935. Atualmente na coleção do professor Kenneth Silverman.

[15] Les Organes du Facteur mudou-se para a rua 57 depois da guerra, a três portas do Carnegie Hall, uma jornada inexorável mais para uma na cidade e para a irrelevância cultural nos últimos momentos em que o surrealismo foi superado pelas tribos invasoras da Action Painting, dos Beats e da Pop Art.

[16] No seu excelente *The Art of the Comis Book: an Aesthetic History*.

[17] Entre uma dúzia que se acredita usou ao longo dos anos.

[18] “Uma pessoa de imprecendente proeza física dedicada a atos de intrepidez no interesse público.”

[19] *O Escapista*, estrelando um jovem Peter Graves no papel-título, 1951-53.

[20] Nesta altura da História das revistas em quadrinhos, era uma marca que pertencia somente aos heróis mais bem-sucedidos possuírem um covil secreto. O Super-Homem tinha a sua Fortaleza da Solidão, o Batman sua Batcaverna, os Falcões sua Ilha dos Falcões varrida pelos ventos e o Escapista seus elegantes aposentos debaixo das pranchas do palco do Empire Palace. Estes redutos seriam retratados, de tempos em tempos, em quadrinhos que mostravam detalhados diagramas e plantas do covil secreto, com sua Tela de Televisão em 3-D, seu Heliporto Retrátil, o Salão dos Troféus e a Galeria dos Malfeitores minuciosamente identificados por setas. Só uma destas plantas com corte transversal foi publicada do Buraco da Fechadura, um desenho especial na página dupla central das *Aventuras do Escapista* #46.

Digitalização & Revisão:

ĐØØM SCANS